

MARION ZIMMER BRADLEY'S SWORD OF AVALON

Diana L. Paxson

*Author of Marion Zimmer Bradley's
Ravens of Avalon*



"Gripping...Fans of the series will be pleased with this volume."
— *Publishers Weekly* (Starred Review)

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Na Idade do Bronze, muito antes dos acontecimentos ocorridos em As Brumas de Avalon, o jovem Mykantor, destinado a ser rei, é raptado e vendido como escravo. Comprado por um príncipe ferreiro, aprenderá com ele os fundamentos da liderança, mas a sua ausência precipitará Avalon nas mais cruas lutas de poder.

Sem a oposição do legítimo herdeiro ao trono, o malévolo feiticeiro Galid está determinado a governar, mas Anderle, a Senhora de Avalon, vai desafiando os seus intentos.

A ausência de Mykantor abrirá ainda outras feridas, sobretudo no coração de Tirilan, filha de Anderle, que, julgando-o perdido para sempre, aceitará o poder - e o celibato - do sacerdócio.

Criado em segredo, após o assassinio dos seus pais às mãos de perversos traidores, Mykantor regressará a Avalon para provar o seu valor enquanto filho de reis e sacerdotisas, e será chamado a liderar os opositores a Galid brandindo a famosa Excalibur, acabada de forjar para legitimar o seu poder.

A Espada de Avalon é a obra que faltava no universo mítico de Marion Zimmer Bradley, explorando as origens desta lendária e mítica saga que continua a encantar milhões de leitores em todo o mundo.

MARION ZIMMER BRADLEY.

A Espada de Avalon.

Tradução de Maria Correia.

DIFEL.

Título original: Sword of Avalon.

Publicado por acordo com Baror Intemational Inc.,
Armonk, New York, USA.

Todos os direitos de publicação desta obra em Portugal
reservados por: DIFEL.

Sede Social Campo de Santa Clara, 160, C/D 1100-475
Lisboa

Telef: 21 885 50 30

Fax: 21 887 50 50

E-mail: info.geral@medialivros.pt

www.medialivros.pt

Capa: Cítrica Design

Paginação: Henrique Pereira

Revisão: Cláudia Duarte

Impressão e acabamento: Peres-Soctip, Indústrias
Gráficas, S.A.

Depósito Legal nº 312701/10

ISBN 978-972-29-0976-1 / Junho de 2010

Proibida a reprodução total ou parcial sem a prévia
autorização do Editor.

PRÓLOGO

Fala a Fada Morgana:

Dizem que os velhos dormem pouco, como se não tivessem necessidade de descanso devido à proximidade da morte. Quer seja a idade ou o peso das recordações a deixar-me tão inquieta, o meu sono é interrompido a meio da noite, e levanto-me cedo. Esta manhã, sem acordar as minhas aias, saí da cama para passear junto ao lago, àquela hora de bruma entre a noite e a madrugada, quando os pássaros cantam a promessa de que a luz voltará a brilhar mais um dia. Ao tremeluzir dos primeiros raios de sol através das nuvens, um reflexo de luz perpassou pelas águas e, por instantes, vislumbrei o brilho flamejante da Espada. O tempo convergiu à minha volta e mais uma vez me encontrei na Barca Sagrada de Avalon, e Artur jazia, moribundo, nos meus braços. Lancelote lançou a Excalibur ao lago e via Espada ser recebida pelas mãos da Senhora do Lago. Sem conseguir respirar, esperei ver a sua mão reaparecer de entre as águas, devolvendo a Espada das profundezas, a fim de escolher um novo Rei para salvar a Britânia. A essa visão se seguiu uma outra, mas o que vi desta vez foi fogo - o metal sendo primeiramente forjado no fogo dos céus, aclamado como instrumento de poder pelo povo que habitava nesta região calcária, muito antes de qualquer Druida ou Adepto, vindo das ilhas submersas, ter chegado a estas costas. Vi as chamas da forja, nas quais um mestre ferreiro, fugindo do infortúnio do seu povo, o transformara numa espada digna das mãos de um rei. Oculta e renovada, quebrada e reforjada, na época de maior sofrimento da Britânia, regressara trazendo consigo a vitória. Esforcei-me por manter a visão e esta tornou-se mais clara e mostrou-me a superfície do Lago a agitar-se e a serenar de novo. Depois, não

consegui conter as lágrimas e a imagem nublou-se. O povo escuro das colinas, que fora guardião da Espada, desaparecera. A água, e não o fogo, ocultou a lâmina que Artur brandira outrora, e não existia rei algum da antiga linhagem para a voltar a empunhar. O reflexo que eu vira no Lago não passara de um peixe a saltar, nada mais. Contudo, ao recomeçar o passeio, apercebi-me de que as lágrimas que chorava não eram de desespero. Quando a Excalibur se afundou no Lago, sabia que seria o fim de uma era, que perdera todos os que amara. No entanto, por trás do seu escudo de nevoeiro, Avalon perdura. O aço forjado nas estrelas era apenas mero metal, até a habilidade de um ferreiro e a paixão de uma sacerdotisa a terem imbuído de alma. O que fizeram nesses tempos, quando o mundo que conheciam parecia condenado para sempre, poderá ser feito de novo, se a Senhora da Forja pegar no seu martelo uma vez mais. A Espada desapareceu, mas a esperança não morre.

UM

Fogo.

O odor acre a colmo ardendo entra-lhe pela garganta e o fumo fá-la tossir; então, sente o pânico invadi-la ao ver a luz avermelhada cintilando pelo chão.

Agarra na criança que geme. A cortina de pele curtida que fazia de porta foi arrancada. Lá fora, vislumbra figuras que se movem agitadamente e o brilho das lâminas das espadas. Uma mulher lança um grito estridente que corta o ar, lancinante, através do fragor do entrechocar das armas de bronze e dos gritos de batalha.

Apercebe-se de que foi ela própria que gritou e, no seu íntimo, sabe que o grito se ouvirá por entre o bafo quente das chamas. O bebé tosse e esperneia, agita os membros robustos, tem um espírito forte que luta por sobreviver.

Uma das vigas do telhado desaba à entrada da porta, solta um queixume, destroçada por uma angústia maior do que as dores que sente no corpo.

Tenta ver através das labaredas, procurando um ponto por onde fugir, vê rostos inimigos lançando-lhe olhares lascivos. Retrocede e cai no chão, o fumo impede-a de respirar enquanto um grito lhe fere a alma e lhe corta os sentidos - "Assim morre o Filho de Mil e Um Reis!" A sua atenção vira-se de seguida para o exterior - e vê os telhados de colmo do recinto real desabar à medida que o incêndio se espalha; os chifres de touro pregados por cima do portão grande caem por terra com estrépito. Os corpos dos guerreiros, subitamente despertados durante o sono, jazem nus e

disseminados pelo solo ensanguentado, enquanto o inimigo amontoa o saque, os caldeirões de bronze, os tecidos finos, as taças e os ornamentos em ouro. O tempo corre então veloz e os troncos carbonizados das árvores do Azan-Ylir transformam-se em montículos empapados pelas chuvas, em breve cobertos de vegetação. Porém, as chamas espalham-se novamente e o Ai-Giru, o Ai-lif, o Ai-Utu, e depois o Ai-Akhsi, o Ai-Ushen e até mesmo o Ai-Siwanet, lá longe, no Norte, são completamente devorados pelas labaredas, sucessivamente incendiados. Os homens das tribos da Ilha dos Poderosos atiram-se à garganta uns dos outros, como cães esfaimados, durante gerações; e quando os navios com as velas pintadas se aproximam das falésias brancas da ilha, já não existe ninguém para enfrentar os guerreiros de cabelo ruivo que saltam para a areia, com as vestes às riscas e axadrezadas rodopiando em redor dos joelhos. Irrompem alvoroçados pelos campos, em tropel, incendiando tudo o que as guerras anteriores haviam deixado de pé, e os sons, os ofícios, a sabedoria das Sete Tribos desaparecem como se nunca tivessem existido. - Deusa, o que nos salvará? - é o grito que lhe sai do espírito.

Como resposta, ouve um chamamento: - Das estrelas virá a Espada de um Rei! - Senhora, estás doente? O que tens? Estremecendo, Anderle entreabriu os olhos. Kiri estava debruçada sobre ela, o rosto envelhecido crispado pela preocupação. O fumo pairava no ar, mas estava carregado do odor intenso de carvão a arder, não de colmo...

Não de carne queimada. Recuperou o fôlego, fixando o olhar no tecto escurecido pela fuligem da forja da Ilha das Donzelas, depois nas árvores e na luz do Sol sobre o cume verde do Tor. O Verão chegara por fim às

terras pantanosas. Por essa altura, as nuvens haviam-se afastado e toda uma miríade de criaturas vivas fervilhava à luz de Manoah. Uma maré exultante de verdura engasgava os cursos de água, pairando sobre as águas dos lagos, e os insectos zuniam no ar húmido. - Senta-te, minha senhora - ralhou Kiri, amparando-a até ao banco, que se achava perto do lado aberto da cabana, por onde soprava a aragem vinda do mar. - Desmaiou, talvez por causa do calor do dia e da forja.

Kiri olhou acusadoramente para onde o ferreiro se encontrava.

- Não me culpes - retorquiu o homem franzindo o sobrolho. - Ela sabe muito bem que não se deve aproximar do fogo. O ferreiro sacerdote vestia apenas uma tanga sob o pesado avental de pele curtida. Anderle desejou poder fazer o mesmo, mas as vestes azuis de grã-sacerdotisa eram um símbolo do seu estatuto, e a velha Kiri, que a servia desde pequena, não a teria deixado sair do Tor sem o véu de linho fino. - Haveis gritado - disse a pequena Ellet, abanando-a -, pensei que vos tivésseis queimado. - Estou bem... estava a ver imagens... nas chamas.

- Foi uma visão, senhora? - Ellet arregalou os olhos muito azuis.

O cabelo, bonito e castanho, escapava em caracóis rebeldes da trança que usava, esvoaçando em redor do seu rosto como penas de um passarinho. - Deusa, espero que não! - exclamou Anderle. - Azan-Ylir ardeu completamente, foram todos mortos, até o filho de Imana. Puxou para trás uma madeixa de cabelo basto e escuro e suspirou. Ela e Imana descendiam ambas de uma antiga linhagem de muitos sacerdotes e sacerdotisas que governaram Avalon, porém, divergiam na compleição

- a prima herdara a altura e os traços ruivos da família, enquanto Anderle ostentava a constituição esbelta e escura do povo da aldeia do Lago, ou, talvez, COMO rezava a lenda, os traços do povo daquele outro mundo que era apenas uma pulsação de si próprio. Kiri torceu a boca. As tribos e os clãs da Ilha dos Poderosos haviam-se sempre invadido e afastado entre si, mas, no último ano, a situação agravara-se. As sacerdotisas mais velhas falavam de uma era em que o tempo fora mais quente, todavia, agora, as chuvas vinham com mais frequência a cada ano que passava e as cheias duravam mais tempo, transformando cada pedaço de terra mais elevado do Vale numa ilha, como se Banur tivesse decidido fixar permanentemente o seu rosto destruidor sobre o mundo. Os homens murmuravam entre si, dizendo que, um dia, o Verão desapareceria para sempre. Além disso, o Touro de Azan, que liderara os homens da tribo, envelhecera, os filhos tinham sido mortos na batalha em que o sobrinho, filho da irmã, que deveria ter sido seu herdeiro, morrera também. Casara com Imana, três anos antes. Mikantor era o seu único filho. - Não ouvimos dizer mais nada - disse Eran, franzindo o sobrolho.

- Os campos eram só restolho - pronunciou Anderle, lentamente -, isso aconteceu já o Verão ia no fim, na estação de Nar-Inabi, quando se acaba de apanhar o ferro. - Fez um calor de estalar! - proclamou Kiri.

Anderle suspirou. Estava rodeada por pessoas que a conheciam desde criança, e já naquela altura era designada como herdeira pela palavra da avó e a vontade das estrelas. Vestira pela primeira vez os adornos de grã-sacerdotisa quando os seios ainda mal lhe despontavam. Só esperava que a tratassem como um ícone e não como adulta, uma mulher com espírito próprio.

Porém, agora tinha dezoito anos e esperava um filho. Colocou uma mão sobre o ventre, já grande. Talvez em breve, quando a vissem com um bebé ao peito, compreendessem por fim que já era uma mulher.

- Bebei esta água agora, minha querida, e deixai de lado os medos.

Lidar com coisas destas não vos faz bem nem a vosso filho. Talvez, pensou Anderle, sorvendo pela taça de bronze. Ou talvez a visão se tratasse de um aviso. Tão aterrorizante fora aquela visão, tão tremendo o grito que a assustara. A perda de qualquer criança era sempre uma tragédia; a morte do filho da sua prima poderia ser uma tristeza imensa na família.

Contudo, a voz lamentara Mikantor como algo de grande importância ainda, como herdeiro da linhagem real que chegara à Ilha dos Poderosos vindo das terras inundadas do outro lado do mar. Ela não podia evitar os assaltos das tribos, mesmo quando ameaçavam os que lhe eram queridos, mas a salvaguarda daquela herança era certamente parte dos seus deveres como Senhora de Avalon. - Descansai agora, minha pequenina e, depois, enviaremos uma liteira para vos transportar de regresso ao Tor. Anderle anuiu e baixou o véu, grata agora pela protecção que este lhe conferia. Preferia que Kiri pensasse que ela estava cansada do que desatasse a fazer-lhe perguntas sobre a razão de manter ainda o cenho franzido. Anderle estremeceu ao aclarar-se a paisagem na sua visão. Atravessavam a abertura no muro em pedra que serpenteava ao longo da ladeira. As terras de Azan brilhavam com o ouro rutilante dos campos ceifados. À sua direita, alinhavam-se junto ao caminho os montículos das sepulturas. À esquerda, erguiam-se as sólidas lajes do

grande círculo de pedra. O caminho descia, atravessando o leito estreito que o Aman cavara através da planície, com a fortaleza do clã atrás. Tudo o que era cultivado na planície amadurecia mais depressa do que nas zonas pantanosas em redor de Avalon. Durrin surgiu a seu lado, com o sobrolho franzido de preocupação.

- Não é nada, a criança deu-me um pontapé - disse ela, rapidamente.

- Não devias ter vindo para tão longe - retorquiu ele, repreendendo-a. Quando os sacerdotes e as sacerdotisas se deitavam juntos na altura do Grande Ritual, em princípio não se deveriam recordar da sua identidade como mortais que carregavam o poder dos deuses, mas toda a gente sabia que fora Durrin que gerara o bebé que ela trazia agora no ventre, e ele tendia a comportar-se como se fosse quer marido quer o pai da criança que Anderle daria à luz. - Vais levar-me aos solavancos numa liteira durante todas estas milhas? Ou aos tombos num dos carros de guerra do rei Uldan? Caminhar será mais fácil, garanto-te. Anderle conteve o ímpeto de lhe dar uma bofetada. Ele ter-lhe-ia perdoado - toda a gente sabe que as grávidas têm mudanças de humor. Porém, era a Senhora de Avalon e não se podia entregar a tais fraquezas. - Na tua condição, preferiria que tivesses ficado no Tor - retorquiu ele, corando -, nunca deverias ter empreendido esta viagem. Não era o único a pensar assim, reflectiu Anderle, suspirando. Quando anunciara a sua intenção de visitar a prima em Azan, toda a gente, desde a velha Kiri ao servo de mais baixa condição, havia levantado objecções. Kiri estava demasiado velha para viajar até tão longe, mas enviara Ellet, que lhe era profundamente dedicada, embora algo ingénua, no seu lugar. Anderle preparou-se para

suportar a sua solicitude. Conhecia Imana, assim como o velho rei. Não teriam dado ouvidos a uma mera mensageira. Ouvi-la-iam a ela? - Bem, lá chegaremos em breve. - Durrin dominou a irritação que sentia e lançou-lhe aquele olhar que sempre fizera palpar o coração de Anderle. Os deuses haviam-no abençoado com uma beleza invulgar. Tinha esperança que o filho saísse ao pai. Amortecido pela distância, ouviram o som de uma trompa. Tinham sido avistados da aldeia, e em breve os súbditos da sua prima recebê-la-iam com bebidas frescas e um lugar confortável onde descansar. Apesar das palavras orgulhosas que dirigira a Durrin, a dor nas costas era agora constante. O caminho levava à fortaleza real, um espaço cercado de água e por uma paliçada em redor da margem. Surgiram vários homens, correndo através dos caminhos talhados através dos campos que conduziam até às portas mais pequenas do muro. Os telhados de colmo de várias casas redondas despontavam do outro lado da muralha e a barra colocada por cima do portão principal estava coroada com um par de chifres de auroque e um disco solar em bronze dourado. O gado de pelagem basta e avermelhada que pastava nos campos ergueu a cabeça à passagem do séquito de Avalon, num movimento de curiosidade momentânea. À medida que se aproximavam, os guerreiros da família real formaram duas alas. Eram homens robustos, vestidos com kilts de lã cingidos por cintos largos em pele, segurando escudos redondos de couro pintado e lanças de cerimónia bem afiadas. Vindo do interior da muralha, ouvia-se o rufar de um tambor. Anderle ergueu a mão, saudando todos à sua passagem.

- Achi! Achi! - saudavam-na num murmúrio. Enquanto os guerreiros erguiam as lanças para a saudar, o sol poente batia nas armaduras douradas arrancando lampejos ao bronze polido. Tinham vindo de muito longe para explicar por que motivo os vizinhos do rei Uldan

o invejavam. Anderle conteve um estremecimento de apreensão ao passar sob a sombra dos chifres. - Como podes ver, estamos bem protegidos. - O rei pousou a taça dourada por onde bebia cerveja de cevada. Era um homem corpulento e ainda robusto, embora as forças lhe comesçassem a faltar e o cabelo estivesse a ficar grisalho. Fez um gesto largo na direcção do círculo de pilares vigorosos que suportavam o telhado da sala dos banquetes, pintados e entalhados com chevrons e espirais que brilhavam e se desvaneciam ao tremeluzir das chamas crepitantes da lareira. Por mais sólidas que fossem, as paredes, caiadas no exterior e decoradas com finas tapeçarias no interior, não passavam de vime engessado. O inimigo que rompesse a paliçada facilmente entraria lá dentro. - Os lobos podem uivar em redor dos meus portões, mas nenhum me deitará abaixo - prosseguiu -, quer tenham duas pernas ou quatro. Anderle suspirou. Na última estação, ambas as espécies se haviam tornado mais audazes. Uma matilha de lobos deambulava pelas colinas espalhadas pela planície, mas tinham sido os assaltos dos Ai-Ushen, cujas terras ficavam para lá do estuário, para norte, que tinham dizimado as manadas do clã Amanhead. O carneiro, cozinhado com ervas e cevada para o banquete, jazia sobre a barriga. As coisas não estavam a correr bem. - Isso é o que os olhos do corpo vêem - disse Anderle, paciente -, mas eu fui treinada para ver com o espírito, e a visão que tive mostrou-me estes telhados em chamas. - As labaredas na lareira avivaram-lhe a recordação. Imana torceu o nariz.

- Essa conversa sobre visões talvez impressione o povo, prima, mas eu também cresci em Avalon. As nossas mestras não nos ensinaram que o tempo é sempre o mais difícil de captar numa profecia? Tocou ao de leve no braço de Anderle.

- Recordo-me bem de como andava inquieta quando estava grávida de Mikantor. Tu própria disseste que fazia calor. Isso não será talvez uma fantasia, fruto dos teus próprios medos? Anderle conteve a primeira resposta que ia dar. Imana podia ser casada com o rei mais importante da Ilha dos Poderosos, mas teria sempre de prestar deferência à irmã de Uldan, Zamara, que era a rainha. A sacerdotisa desconfiava que a prima se ressentiria sempre de ter sido Anderle e não ela a escolhida para reinar em Avalon. - Com certeza que os meus medos me teriam mostrado perigo para o bebé que se encontra no meu ventre - e pousou a mão de forma protectora sobre a curva firme da barriga onde o bebé se agitava. - A criança que estou tentar salvar é a tua! - Anderle - disse o rei -, estamos-te muito gratos pelo teu cuidado.

Mas a responsabilidade e o direito de proteger o meu filho pertencem-me, a mim, e não à Senhora de Avalon! Esvaziou a taça e estendeu-a para que a rapariga que carregava o balde de cerveja em redor da sala voltasse a enchê-la. Anderle entregou a sua taça. Já bebera o suficiente e não era necessário acrescentar uma indisposição motivada pela ingestão de cerveja aos outros incómodos da gravidez. Tentou ajeitar-se melhor no banco almofadado em que estava sentada, mas pressentia que só voltaria a sentir-se confortável quando o bebé nascesse. - E quem pensas que nos atacaria? - perguntou Imana. - Os Ai-Ushen & o-nos algumas preocupações na fronteira a norte, mas o seu chefe de guerra é Eltan, um rapazola sem prestígio, que certamente não conseguiria levar a cabo uma campanha séria, e os Ai-Utu, a noroeste, sempre foram uma tribo amiga. - Nem todos os vossos inimigos se encontram fora das vossas fronteiras - proferiu Anderle, num tom neutro. - Os chefes tribais dos clãs estarão todos satisfeitos com o vosso governo? O rosto

de Uldan tornou-se sombrio.

- Sacerdotisa, estás a ir longe de mais! Crês tu que não conheço os meus homens, os guerreiros com quem derramei sangue, que me protegeram sempre que enfrentámos o inimigo? Fez um gesto largo, apontando os bancos colocados em círculo em redor da lareira. Anderle reconheceu os chefes dos clãs, de Amanhead e Oakhill, Caro Ava, Belsaira, e todos os outros, e interrogou-se sobre o que se passaria.

sabia que Galid de Oakhill, por exemplo, havia recentemente perdido a família devido a uma das doenças que assolavam periodicamente aquelas terras e que as cheias haviam inundado completamente os campos de Amanhead. Acreditariam ainda os chefes de clã na sorte do velho touro? Eles vêem-te a envelhecer e a tua irmã sem um filho... Anderle baixou os olhos. Sentiu a tensão protectora de Durrin a seu lado e pousou uma mão no braço do jovem. Não há ninguém mais surdo do que aquele que se recusa ouvir. - Mostraram-se sempre contentes em me seguir, já lá vão mais de vinte invernos - prosseguiu Uldan - e a planície é o coração das nossas terras.

Como poderia ser governada a partir de Amanhead, ou de Carn Ava ou Oakhill? - Nós somos os guardiões do grande círculo de pedra - disse Imana, orgulhosamente - e das sepulturas ancestrais. Este é o centro sagrado de Azan. - Será que alguém ainda dá importância a isso? - perguntou Anderle, em tom glacial. - Tu e eu descendemos do Povo da Sabedoria, que ergueu o Círculo de Pedra, e crescemos com as histórias sobre o seu poder, mas o que significa isso para as mães dos clãs do Ai-Zir? Quem se importa com as sepulturas, quando o nosso povo enterra as cinzas dos seus mortos em potes, no solo? Se ainda fazem caso, talvez Carn Ava vos

confronte. O seu eixo de pedra é tão sagrado quanto o nosso círculo. Todavia, creio que podes estar tranquila em relação a eles. Espero apenas que conheças tão bem os outros quatro clãs quanto pensas conhecer. - Calma - pediu Durrin, tentando amenizar o tom reprovador da conversa. Sorriu para Imana e a outra mulher voltou a sentar-se, suspirando. Durrin possuía aquele efeito sobre a maior parte das mulheres, reflectiu Anderle, tentando conter o azedume. Quando haviam estado juntos no ritual, ela transportara em si o poder da Deusa, tal como ele encarnara o poder do Deus, e agora trazia no ventre o filho de Durrin. Mas teria ele sequer olhado para ela se não fosse a Senhora de Avalon? - Com certeza que conheces melhor o teu próprio povo... - proferiu ele, e a tensão desvaneceu-se no ar. Talvez, pensou Anderle sombriamente, deva falar com Zamara. O facto de ela não se ter apresentado no banquete de boas-vindas não augurava nada de bom. A rainha era mais velha do que o irmão e não poderia gerar mais filhos. Para continuar a linhagem real, Uldan teria de se manter no poder até Mikantor ter idade suficiente para liderar os guerreiros em nome da filha de Zamara. Manter-se a par das mudanças, tensões e alianças no seio da tribo era o dever da rainha. A não ser que o desgosto pelo filho a tivesse dominado completamente, Zamara deveria estar a par dos perigos que pudessem surgir. - Basta desta conversa - proferiu Imana, rompendo o silêncio -, recuso deixar-me amedrontar por tais fantasias, quando é evidente que a planície foi abençoada pelos deuses. Amanhã terás de ir passear comigo, para veres como as bezerras cresceram este ano! Como se concordasse, a criança no ventre de Anderle esperneou com firmeza. Imana reparou no estremeção de Anderle e riu. - Trazes aí mais um guerreiro para andar à luta com o meu Mikantor? Anderle abanou a cabeça. As sacerdotisas haviam-lhe garantido que a criança era uma menina, uma

filha que herdaria a liderança de Avalon; contudo, de que serviria isso, se as tribos se destruíssem entre si? Devemos lutar por dar aos nossos filhos um mundo melhor, pensou Anderle, triste, enquanto a prima prosseguia num chorrilho interminável de considerações. - Passaste demasiado tempo nas tuas preces, Senhora de Avalon. Não há dúvida de que o bebé apreciará algum movimento, se te decidires a dar um passeio comigo. Fez um gesto na direcção da rapariga que transportava a cerveja para continuar o seu caminho e Anderle fez o mesmo, mas tanto Durrin como Uldan estenderam as taças para que as voltasse a encher. Talvez aquilo fosse bom. Se bebessem juntos, o encanto de Durrin poderia alcançar o que a autoridade de Anderle não lograra. - Vamos então, prima? Deixemos os homens afogar as mágoas, se assim o querem, mas de manhã haverão de se arrepender - proferiu Imana. - De facto, se pretendes arrastar-me pela planície amanhã, será melhor repousar um pouco. Anderle conseguiu esboçar um sorriso. O leito era demasiado macio. Na casa da Senhora de Avalon, até a grã-sacerdotisa dormia num colchão de palha, no chão. Em Kazan, o leito reservado aos convidados de honra era completamente diferente. Um colchão de penas de ganso, colocado por cima de palha, era suportado por um entrançado em corda enrolado numa armação. De cada vez que Anderle ou Ellet se viravam, rangia e balançava. Anderle pensara que adormeceria imediatamente. As sacerdotisas mais jovens haviam caído no sono mal se tinham deitado, mas Anderle continuava acordada, escutando o ressonar e os ruídos das pessoas nos outros compartimentos. As divisões em vime, ou feitas de tecidos de lã, colocadas entre os postes e a parede de pouco serviam para abafar os sons. Mesmo as discípulas que pertenciam ao grupo de aprendizagem para sacerdotisas não lhe tinham dado pouco mais do que algumas horas de sono. Não conseguia dormir

profundamente e, passado um bocado, suspirou e acabou por se levantar sem fazer barulho. Ellet mexeu-se, murmurando uma pergunta qualquer. - Dorme, criança - sussurrou-lhe -, vou apenas aliviar-me. Não precisas de te levantar também. De facto, com o bebé a fazer pressão sobre a sua bexiga, havia muito que não conseguia dormir uma noite inteira, mas quer fosse por desconforto ou ansiedade, Anderle não era capaz de continuar deitada e quieta. Afastou as cortinas que separavam o compartimento onde dormia e passou cuidadosamente por cima de Durrin, que ressonava, deitado num colchão de palha do lado de fora. O brilho ténue do carvão que ainda ardia fornecia-lhe a luz suficiente para passar por entre os guerreiros que dormiam estendidos junto à lareira e facilmente transpôs a tapeçaria que ocultava a porta principal. Era aquela hora quieta antes do amanhecer, húmida e fria. Um nevoeiro rasteiro serpenteava rente às construções. Anderle respirou fundo, saindo pela porta de vime e tossiu ao sentir o fumo acre invadir-lhe os pulmões.

O choque arrepiou-lhe os braços. Não se tratava de nevoeiro! Era fumo, iluminado pelo primeiro brilho pálido de um incêndio. O telhado de uma das habitações circulares estava em chamas. Por instantes, o desespero paralisou-a. Era o cenário da visão que tivera. Porém, na visão, ela não estivera lá. Conteve um grito, enquanto recuava aos tropeções para o pátio. De que serviria um aviso, se não era capaz de o usar para mudar o que aconteceria em seguida? Entrou rapidamente na habitação e inclinou-se para abanar o ombro do primeiro guerreiro adormecido. - Levanta-te, homem! Há inimigos cá dentro da paliçada. Mas sem fazer barulho, assim poderão apanhá-los de surpresa, antes de saberem que foram avisados. Anderle sentiu mais do que viu a onda de movimento causada pelos

homens a levantar-se, à medida que a palavra era passada. Os guerreiros punham-se imediatamente de pé, tropeçando, estendendo as mãos para pegarem nas espadas penduradas nas cavilhas dos postes e nos escudos encostados às paredes. Anderle agarrou-se a uma das vigas verticais. Se permanecesse lá dentro, arriscar-se-ia a ficar presa numa construção em chamas, mas seria mais seguro ir lá para fora? Nenhum dos homens das tribos molestaria a Senhora de Avalon, se a reconhecesse, mas mesmo que envergasse as vestes azuis que a distinguiam em vez de uma muda de roupa e um xaile, eles provavelmente não a reconheceriam na escuridão. Tentou convencer-se de que estaria mais segura no interior da habitação. O estrépito das armas e o praguejar dos homens ouvia-se em toda a parte. De súbito, escutou a voz de Uldan, baixa mas firme, e sentiu o coração aos saltos serenar. A falta de imaginação que o fizera ignorar o seu aviso resguardava-o agora do pânico. Passaram figuras por ela, aos empurrões, aglomerando-se em frente do portão. Depois, uma ordem seca mandou-os seguir em frente, lutando. Alguém gritou, por entre o choque das armas de bronze. - Ai-Zir! Temam os chifres do Touro! - soou um berro.

E em resposta ouviu-se: - Cuidado com as Presas! Ai-Ushen! - Foi como o uivo de um lobo Deveria ter previsto aquilo. A tribo a norte encontrava-se sob pressão constante por parte dos habitantes das montanhas, que, por sua vez, ainda sofriam piores vicissitudes. Não havia dúvida de que as bezerras de que Imana se vangloriara já iam a caminho dos campos do Ai-Ushen. A terra produtiva era um tesouro a guardar, mas, tendo ouro e bronze, era possível comprar comida àqueles que ainda conseguiam fazer crescer cereal naquelas terras. Alguém reavivou o fogo na lareira e Anderle deu com o olhar estarrecido de

Ellet. Durrin esforçava-se por sair dali, piscando os olhos perante a confusão em seu redor. - Vão buscar as vossas capas! Imana! Estás aí? Porém, a mulher do rei já abria caminho até ela. Com o cabelo ruivo esvoaçando, desgrenhado, agarrou-se ao braço de Anderle. Lá fora, a gritaria aumentava e o cheiro a fumo era cada vez mais forte. - Ajudem-me a ir buscar Mikantor! Durante um instante, a sacerdotisa olhou em volta. Depois, recordou-se de que a criança dormia com a ama numa das outras habitações circulares.

Anderle sentiu-se apavorada com o barulho que se ouvia lá fora. Tinha tanto o espírito como o corpo enfraquecidos pelos mimos de Kiri. Não valia a pena protestar, ela não se encontrava em condições de ajudar - os homens de Uldan estavam a lutar e Durrin e Ellet olhavam para ela pedindo orientação. Grávida ou não, deveria usar fosse qual fosse o poder que possuía. E se a Senhora de Avalon não conseguir desencantar alguns feitiços para protecção agora, pensou, nesse momento, a nossa linhagem não é digna de continuar. - Iremos juntos. Estejam calmos e lembrem-se do que aprenderam! - proferiu em voz alta. - Respirem fundo, embaciem o ar à vossa volta.

se começarem a fugir em pânico, eles matam-nos sem piedade! Teve esperança de que Zamara fosse suficientemente sensata para permanecer lá dentro. A habitação da rainha ficava situada no centro do terreno amuralhado, assinalada pelo estandarte espetado num poste. Mesmo os lobos do Ai-Ushen não ousariam matar uma rainha. Temos de ser como sombras... Invocou a si o poder da terra e envolveu-os nele, alargando a percepção da sua consciência interior para sentir a corrente das energias no exterior. Não havia ninguém por perto. Apertou o braço de Imana e fê-la sair pela porta. Lá fora, jazia o

corpo de um dos guardas da habitação real, em frente da casa, e havia mais formas amontoadas no solo em redor, mas perto do portão principal o brandir das armas de bronze soltava faíscas de cólera, enquanto figuras se movimentavam apressadamente à luz trémula. Uma mulher gritava, enquanto um guerreiro a tentava deitar ao chão, rasgando-lhe a roupa. Anderle sentiu o estômago contorcer-se ao ouvir o gemido incessante de uma criança. - Qual é a casa? - indagou, num sussurro, enquanto se dirigiam para diante. Imana apontou para uma construção mais pequena por detrás da casa da rainha. Atrás deles, surgiu outro foco de luz, quando alguém pegou fogo com uma tocha ao telhado da sala de banquetes de Uldan. Entravam e saíam homens a correr do edifício transportando bens e ferramentas nas tapeçarias de lã que haviam isolado as paredes. Se Imana não lhe tivesse pedido ajuda, teria ficado lá dentro. Tê-la-iam salvo as hostes de guerreiros ou a magia contra homens tresloucados pela ganância e empolgados na batalha? Aproximaram-se com dificuldade da habitação onde Mikantor dormia com as outras crianças. Anderle recuou, fazendo um gesto de aviso ao ver uma figura magra encaminhar-se disparada na sua direcção, mas reconheceu-a como sendo uma das aias que a haviam servido no átrio. - Senhora, estais a salvo! - E agarrou-se ao braço de Imana.

- Cala-te, tonta! - sussurrou Anderle. Porém, era demasiado tarde.

O movimento da rapariga captara a atenção de um dos guerreiros como o rastejar de um rato alertaria uma coruja. Quando o homem saltou na sua direcção, Anderle ficou tensa e depois reconheceu a figura corpulenta do chefe de Oakhill, que estivera presente no banquete. - Galid! - gritou Imana. - Protege-nos! Tenho de ir buscar o meu filho! O homem abanou a cabeça, sorrindo

com um ar malévolo.

- Que morra a cria de Uldan, tal como morreram os meus filhos! Uldan perdeu a bênção dos deuses! Por instantes, Imana fitou-o fixamente.

- Foste tu? Foste tu o traidor que deixou os lobos entrar? Nos olhos de Galid surgiu um brilho malicioso, enquanto a olhava de alto a baixo, a luz do fogo cintilando nas faixas que lhe apertavam as muitas tranças do cabelo.

- Pois é, e tu és uma cabra a balir, lamurienta, mas bem jeitosa. Se te portares bem, poupo-te a vida para me aqueceres a cama à noite. A fúria fê-la corar. Anderle conseguia distingui-lo claramente devido à luz que provinha do incêndio na Casa das Crianças. Quando Galid a tentou agarrar, Imana passou por baixo do braço dele e escapou pela porta. Quando o homem se virou para trás, Anderle recorreu a todas as suas forças, sentindo a ira e o terror a correr-lhe pelas veias. - Atreve-te a opor ao poder de Avalon! Galid esbugalhou os olhos. Que estaria ele a ver? Era a primeira vez que Anderle se revestia do encanto mágico da Mãe Negra com todo o fervor.

Não sabia sequer se o conseguiria fazer, especialmente agora. Era necessário soltar o poder, recorrendo àquela parte do seu espírito que ainda mantinha a firmeza, a necessidade canalizada pelas discípulas de Avalon. Nunca precisara verdadeiramente de usar aquele poder antes. - Afasta-te - proferiu, num tom imperioso. - Não somos teus inimigos. O coração de Anderle sobressaltou-se ao ver que a expressão de triunfo cruel no rosto de Galid dava lugar ao medo. Virou-se para seguir Imana. - Anderle, é tarde de mais! Durrin agarrou-lhe o braço. Anderle sentiu o

calor abrasar-lhe o rosto e apercebeu-se de que não só o telhado da habitação ardia por completo como também as paredes se encontravam em chamas. Elevou o espírito e ouviu os gemidos de uma criança. Assim morre o Filho de Mil e Um Reis! - Não! - Anderle recusou-se a aceitar as palavras que haviam reverberado na sua memória. Alguém puxou para o lado a cortina em combustão que tapava a entrada.

Através do fumo rodopiante, Anderle distinguiu Imana com o filho agarrado ao peito. - Salva-o! Anderle libertou-se de Durrin, que a agarrava, e atirou-se para uma explosão de calor, como a forja de um demónio, cambaleando, louca de desespero, enquanto Imana lhe estendia o filho nos braços, acabando por tropeçar para trás, completamente envolta em chamas. No momento seguinte, o sorriso triunfante que ostentava contorceu-se num esgar. Anderle fugiu, fechando os olhos, enquanto a visão de esplendor se transformava no horror de um corpo queimado e de cabelos a arder. O grito que soltou rompeu o transe de Galid. Vendo a criança nos seus braços, o guerreiro sorriu maldosamente e empunhou a espada. - Anderle! - gritou Durrin, passando por ela num impulso, para agarrar no braço de Galid. - Corre! Ellet empurrou-a para a frente, afastando-a dos guerreiros que combatiam. Anderle viu Durrin envolvido na confusão, viu o olhar angustiado do rapaz procurando o dela. Galid voltou-se também. Durrin gritou o nome dele e o sacerdote atirou-se contra a espada de Galid. Corre... Anderle ouviu a súplica mais com o coração do que com os ouvidos. Chorando, permitiu que Ellet a arrastasse dali para fora.

DOIS

- Senhora minha, não podemos parar aqui! - Ellet olhava para os vultos sombrios dos túmulos erguidos. - Este é um lugar de fantasmas! - Agarrou com força Mikantor, que começara a chorar. Apesar das palavras dela, a noviça hesitava em parar no lugar onde Anderle estacara. Ellet levava o bebê ao colo durante a maior parte do caminho, atravessando a vau o Aman e durante a subida e sentiu que até a sua energia juvenil estava a chegar ao fim. - Os antepassados não nos farão mal. Mas, se nos abandonarmos à exaustão agora, em breve nos juntaremos a eles. Anderle controlou o fôlego. Eu também trago comigo uma criança, pensou, sombriamente, embora pese menos do que o rapaz de Imana...

Olhou para trás, para o caminho que haviam percorrido. A paisagem que via agora era o reverso da que haviam contemplado à chegada. O odor acre do fumo substituíra o cheiro a ferro. Os animais que pastavam nos prados haviam sido roubados, as habitações circulares que tinham parecido tão acolhedoras por detrás da muralha, não passavam agora de cones em chamas nas quais leves figuras negras saltitavam. Graças aos deuses que deixara de ouvir os gritos atrozes. Porém, ao longo do caminho, que iam deixando para trás, não se via vivalma. Estariam os lobos do Ai-Ushen simplesmente demasiado ocupados com o saque para correrem atrás dos fugitivos? As imagens daqueles derradeiros momentos na fortaleza do clã provocaram um aperto no coração de Anderle. Vira Galid deitar Durrin por terra com um só golpe. Ele morreu para nos salvar. Quando estivermos a salvo, chorarei a sua morte. Aquela litania deu-lhe forças para prosseguir o seu caminho. Galid viria no seu encalço. O sacrifício de Durrin dera-lhes tempo, mas não estavam a salvo ainda, e cabia a Anderle usar bem o avanço que tinham.

Quando a perseguição começasse, pensariam que os fugitivos haviam seguido pela estrada para Avalon. Seria apenas uma questão de tempo. Ouviu-se um cão uivar, e Ellet recomeçou a tremer, recordando-se certamente das histórias sobre o demónio Guyaota, que assombrava lugares isolados e que se dizia adquirir a forma de um cão. - Tens razão, acho melhor sairmos da estrada.

- Mas para onde poderemos ir? Ellet contemplou a calma paisagem envolvente, com a erva ondulante, de onde sobressaíam as sepulturas construídas por homens cujos nomes se haviam perdido na memória dos tempos, mas cujo poder ainda habitava aquele lugar. - Deixa-me levar o Mikantor.

A sacerdotisa retirou o menino do colo de Ellet. O bebé mal tinha feito três meses, mas era bastante grande para a idade. Passados instantes, a respiração de Ellet serenou. Anderle lançou um olhar ao grande círculo, com os enormes blocos de pedra erguidos entre a sombra e a luz das estrelas. Conseguia sentir a energia do lugar nos seus nervos, como um murmúrio ténue. Em Avalon, dizia-se que fora construído por um sacerdote que viera do outro lado do mar, antepassado dela e do menino que levava nos braços. Ensinar a discípulas a despertarem em si os seus poderes, e se o fizesse poderia ser perigoso tanto para ela como para o bebé que trazia no ventre. A situação em que se encontravam não era assim tão desesperada. Por agora. Porém, Mikantor descendia dos homens que haviam erguido as sepulturas, assim como daqueles que haviam construído Avalon. Talvez estivessem ansiosos por o ajudar. - Ó Antigos! - invocou, baixinho. - Avós, Avós ancestrais de Azan, ouvi-me! Contemplai o vosso herdeiro! Pegou no menino, que esperneava, e ergueu-o

alto, virando-se lentamente para mostrar o menino aos espíritos do lugar. O bebé deixou de espernear e fitou o ar. Os olhos de Ellet aumentaram de tamanho no seu rosto pálido ao sentir também a alteração na atmosfera. Algo as escutava. Anderle respirou fundo e prosseguiu: - A fortaleza do clã caiu e os inimigos perseguem-no. Apenas vós o podeis ajudar agora! Vinde guardar o caminho! Confundi aqueles que nos perseguem! - Agarrava com firmeza os membros fortes da criança. - Pelo sangue do vosso sangue e pela carne da vossa carne, eu vos imploro! Afastai-os de nós e guiai-nos a salvo até casa! Anderle assustou-se e agarrou com mais força a criança ao sentir um vento súbito sussurrar em seu redor. Quando conseguiu ver novamente, a erva estava quieta. Porém, a sua Visão desperta mostrava-lhe um brilho irradiante por cima da sepultura. A mesma luz tremeluzia por sobre as outras campas espalhadas pela planície. Irradiava das pedras poderosas do círculo de pedra. - Consegues ver? - perguntou, virando-se para Ellet, o medo dando lugar ao deslumbramento. Tocou na fronte de Ellet e a rapariga arquejou.

A planície havia muito que albergava algumas das melhores terras de cultivo. Eram muitos os seus mortos, e poderosos, e ainda ali estavam... um reino dos mortos, ali em volta delas, e a paz em que jaziam começou a dar lugar a uma ira latente, que arrepiou os braços de Anderle. - Anda - murmurou, encaminhando-se para um trilho que saía da estrada principal. Consequia agora ver que existiam muitos carreiros parecidos que levavam por entre as delimitações rectangulares de antigos campos.

Não eram visíveis à primeira vista, mas a terra não os esquecerá. Estavam ali presentes todas as épocas, a terra guardara a memória de cada acção dos homens para

aqueles que tivessem olhos para ver. - Mas como saberemos que caminho tomar? - Ellet agarrou-se ao braço de Anderle. - Vê como o trilho nos orienta. De um túmulo a outro, os antepassados guiar-nos-ão. Mikantor adormecera, aconchegado e sereno nos seus braços. Sorriu levemente e entregou o menino à rapariga. Prosseguiram caminho enquanto as estrelas nocturnas davam lugar às da madrugada, movendo-se com facilidade através de antigos carreiros, excepto quando voltavam a encontrar mais muros de pedra construídos ao longo do caminho. À hora cinzenta entre a noite e o amanhecer, Mikantor voltou a acordar, chorando, num queixume intenso. Anderle olhou à sua volta, suspirando. A luz ténue que as guiara através dos campos esmorecia agora com o alvorecer. Para norte, um último brilho coroava uma enorme construção tumular, cujos lados inclinados estavam obscurecidos por ervas daninhas e árvores. O menino desatou numa lamúria desolada. - Ele está com fome - disse Ellet.

- Pararemos no próximo ribeiro - replicou a sacerdotisa. - Podemos deitar-lhe água na boca humedecendo uma pontinha do meu véu. De facto, quando o fizeram, o bebé sugou avidamente a água, mas passados instantes chorava de novo copiosamente. Anderle sentia esgotar-se a energia que a levara até ali também. Tropeçando pela segunda vez, e conseguindo evitar uma queda ao impulsionar o corpo para trás, percebeu que teriam de encontrar não apenas comida mas também um refúgio; e bem depressa. Porém, para onde se deveriam dirigir? Anderle forçou-se a respirar fundo, afastando a dor que sentia ao exalar.

Continuava cansada, mas, pelo menos por um momento, conseguiu recuperar o equilíbrio e recordar-se de que a sua natureza era constituída por algo mais do que um corpo cambaleante de carne e osso. O céu enchia-se de

resplendor. Velhos discípulos endireitavam-lhe as costas e ergueram-lhe os braços em saudação ao dia que despontava. Ó bela para lá do horizonte do ocidente Ergue a Tua luz para o dia, ó Estrela do Ocidente, Estrela da Manhã, desperta, ergue-te! Ni-Terat, acrescentou numa prece silenciosa à deusa, tu que das trevas dás à luz o mundo, tem compaixão deste pequenino, esconde-nos dos nossos inimigos! Durante um momento, a barca de Manóah incendiou o horizonte. Encandeada, fechou os olhos, e com a imagem ainda impressa no interior das pálpebras, virou-se e deu um passo adiante. No instante que medeia entre levantar o pé e voltar a pisar o chão, ouviu como que um vagido que não provinha da criança. - O que é isto? - Ouviu a voz de Ellet atrás de si.

- A resposta da Senhora... - Anderle esforçou-se para que a voz não lhe estremecesse. - Vem.

Juntas, prosseguiram em frente, empurrando para o lado o emaranhado de espinheiros, rosa-de-cão e silvas que haviam crescido em redor do antigo túmulo. Ellet gritou, assustada, ao dar por alguma coisa a mover-se atrás de um arbusto de sabugueiro, uma figura que primeiramente lhe pareceu negra e depois branca - estariam ali duas criaturas? Anderle levantou cuidadosamente um dos ramos do silvado e deparou com o olhar malicioso de uma cabra presa pelos chifres nos ramos e conteve o riso. Cabrinhas, criaturas tontas, andavam sempre metidas em sarilhos, mas não era habitual encontrar uma cabra em tais apertos. - Não tenhas medo de nós, cabrinha - disse, docemente, enquanto o animal tentava libertar-se dos ramos balindo de novo. - Perdeste o teu menino? - perguntou, vendo o úbere do animal cheio de leite a baloiçar-se enquanto se movia. - Aqui está um menino que perdeu a mãe, talvez nos possamos ajudar uma à outra... Havia

uma pequena clareira entre os freixos que cresciam até ao cimo do túmulo. Durante um longo momento, os olhos amarelos e esgazeados do animal fitaram os de Anderle, medindo a situação. Depois, pendeu a cabecita, descansando nos ramos, em vez de lutar para se desprender deles, enquanto se notava que a tensão do medo a abandonava. A cabrinha era preta à frente e o dorso era branco, com manchas pretas. Não admirava que fosse difícil distinguir o animal por entre a vegetação. - Então... vá lá... - Anderle aproximou-se até conseguir acariciar o flanco cansado do animal. Pêlos hirsutos e duros escondiam uma lanugem mais fina e macia.

As ramadas do sabugueiro estavam engalanadas com tufos do tosão da cabra, devido às tentativas que fizera para se libertar destas e todos os galhos próximos haviam sido tasquinhadados. - Sê mansinha, vá lá, e tomaremos conta de ti.

Ellet - pronunciou em voz baixa -, traz o bebé e põe-no por baixo as tetas dela. Cantarolando baixinho, acariciou o flanco da cabrinha e com a outra mão procurou as tetas do animal, que se moveu um pouco mas não tentou fugir nem dar nenhuma patada. - Fica quietinha que já te alivio um pouco - sussurrou a sacerdotisa, abençoando a tradição que ensinava as sacerdotisas a lidar com os assuntos práticos que mantinham a comunidade. Apertou uma das tetas do animal para que a criança pudesse beber o leite. Um pequeno fio de leite escorreu para os lábios do menino e pelo queixo; Mikantor ficou espantado, mas depois abriu a boquinha. O segundo esguicho entrou-lhe na boca antes de decidir se iria chorar ou não. O bebé tossiu, engoliu e voltou a abrir a boquinha. Quando o leite da cabrinha começou a escassear, Mikantor fechou os olhos, caindo num sono tranquilo pela primeira vez

desde que haviam empreendido a fuga. Anderle voltou a sentar-se, suspirando, e estendeu os braços para o bebé. - Posso tomar conta dele agora. Quero que uses o teu cinto para amarrares a cabrinha e para a levares a beber água naquele riacho. Deve estar cheia de sede. - E quanto a vós? - Eu já bebi quando o atravessámos. Tu e eu podemos prosseguir caminho sem beber mais água até ao cair da noite, e a Cabrinha Ama também pode, depois de ter saciado a sede. Mantém-te atenta a tudo. Podes deixá-la pastar um bocadinho, mas terás de voltar aqui antes do meio do dia. - E se os lobos do Ai-Ushen me descobrirem? - perguntou a jovem, destrinchando os ramos onde haviam ficado presos os chifres da cabra. - E que te encontrem! Não passas de uma rapariga de uma quinta das redondezas que se perdeu à procura desta cabrinha desgarrada e que passou a noite nos campos. Andarão à procura de uma mulher com um bebé e garanto-te que neste momento ninguém te tomaria por uma sacerdotisa de Avalon! Com o cabelo castanho e os olhos azuis, o xaile cheio de picos das ervas e a bainha da camisa de dormir rasgada e cheia de nódoas de lama, Ellet era o perfeito exemplo de uma filha daquelas terras, suja e despenteada. - Faz-te de estúpida, não percas o autodomínio e acho que te deixarão em paz. - Fingirei que estou com o Mestre Belkacem. Quando ele nos examina, perguntando-nos a linhagem das grã-sacerdotisas - disse a rapariga, com ironia. - As listas de nomes deixam-me sempre baralhada. Anderle encostou-se ao tronco de um freixo enquanto a rapariga e a cabrinha se punham ao caminho, com um andar ligeiro, pela colina do túmulo abaixo. A sensação de segurança não passava de ilusão, mas, pelo menos, podia sentar-se sossegada durante algum tempo. Não se apercebera de quão exausta a correria da fuga através dos campos a deixara. Naquele momento, não conseguia sequer pensar em mover-se, mesmo que todas as hostes

guerreiras do Ai-Ushen aparecessem por ali. Permaneceram no monte tumular durante todo o dia, dormindo um sono inquieto, enquanto a cabrinha, a que chamaram Ama, continuava a morder as ervas que cresciam em redor dos freixos. Provou ser generosa a prover leite suficiente para alimentar Mikantor e as duas sacerdotisas. Juntando ao leite as bagas que colheram e algum agrião que Ellet trouxera das margens do ribeiro, sentiram forças para prosseguir, levando a cabrinha, mal a noite caiu. A segunda noite de viagem decorreu sem incidentes e encontraram outro túmulo, onde se abrigaram quando amanheceu. Não viram perseguidores e, na terceira manhã, Anderle começou a acreditar que haviam despistado os inimigos. A sua deambulação havia-as levado para norte do caminho deveriam ter seguido, mas, se aquele percurso as fizera perder tempo, em contrapartida, tinham conseguido escapar a salvo dos seus perseguidores.

A velha Kiri teria uma apoplexia se me visse agora, pensou Anderle, caminhando com as saias arregaçadas pouco abaixo do ventre bamboleante o cabelo embaraçado e enrolado à volta de um espinho. Até esta viagem tinha provado a sua resistência, não se apercebera de que a tinha tão desenvolvida. Contudo, via as faces macilentas de Ellet e sabia que as dela devem ter o mesmo aspecto. Uma alimentação à base de bagas e leite de cabra - era suficiente para tal desgaste de energia.

- Se bem me recordo, o acampamento de onde Chrifa veio situa-se mesmo atrás daquela colina.

- Não era aquela rapariga alta que vos contou tão boas histórias? Ela estava prestes a acabar a sua aprendizagem quando eu cheguei, e depois partiu, para ir servir em Carn Ava. - Sim, é ela, e acho que o povo

dela estará com certeza disposto a ajudar uma sacerdotisa que perdeu a sua escolta.

- Só uma sacerdotisa? - Ellet olhou para ela com receio.

Anderle fez um gesto de assentimento.

- Creio que estamos a salvo, mas não é necessário correr riscos, como se fôssemos umas tontas. Eu ficarei naquele bosque junto à velha lápide com Mikantor e Ama, enquanto tu vais lá pedir um pouco de pão e queijo em nome de Avalon.

- E se me tentarem reter por lá? - Dificilmente se te oporão, se disseres que tens de ir à floresta fazer uma oferenda. A construção tumular em pedra era suficientemente antiga para ter perdido a terra que cobria uma das extremidades. As pedras despojadas que circundavam o primeiro túmulo pareciam róseas à luz da manhã. Uma abertura escura no seu interior sugeria uma outra câmara no interior. Após uma saudação aos corpos dos que ali jaziam, Anderle atou a corda que prendia a cabrinha ao tronco de uma avelaneira, enrolando-a à volta, e pegou em Mikantor com um braço. Graças aos deuses que ainda não gatinhava. Durante algum tempo, bastou-lhe gozar do apoio sólido do tronco e das pedras. Algures acima dela, uma ave canora saudava o dia com um piar em tom descendente, que acabava num "u-it", seguindo-se um trinado. Olhou para cima, através da abóbada de folhas de faia, até conseguir distinguir a plumagem verde-clara do passarinho. Ali havia paz, pensou, sonolenta. Tanto a agitação subtil da vida em Avalon como a violência do ataque a Azan pareciam longínquos. Quaisquer que fossem as paixões que haviam governado a vida dos que ali jaziam, há muito que se tinham desvanecido.

Tentou manter-se acordada aguardando o regresso de Ellet, mas o ar morno envolveu-a num doce abraço. Passado um bocado, não foram os passos leves da rapariga que a despertaram, mas o pisar pesado de pés calçados de sandálias. Talvez o seu sono não fosse tão profundo quanto acreditara, pois, sem sequer precisar de pensar, Anderle deu por si a empurrar Mikantor para o interior do túmulo e esforçou-se por conseguir fazer passar o seu ventre de grávida também por entre as pedras. - Vi qualquer coisa a mexer-se ali - proferiu uma voz de homem amortecida pela terra e pelas pedras. Anderle enroscou-se no chão sujo. O coração martelava-lhe no peito - de certeza que ressoaria como um tambor naquela câmara de pedra. - Junto ao túmulo? - perguntou um segundo homem. - Este lugar pertence aos mortos e eles não andam de dia! Teria ela puxado para dentro todas as suas vestes? Fez um esforço para conseguir ver por cima da curva da anca. - Então, porque hesitas, hã, Izri? - A pergunta foi feita com um sotaque do norte. - O chefe disse para procurarmos em todas as quintas, em todos os esconderijos possíveis. Não sei se os fantasmas te podem magoar, mas Ramdane de certeza que o fará! - Nestas terras há demasiados túmulos - respondeu a segunda voz. - Os mortos ajudam a sua feiticeira, senão já teríamos encontrado o seu rasto. Uma pequena porção de terra caiu quando alguém subiu ao cimo do túmulo. Anderle lutou contra uma visão em que o peso do homem afectava o equilíbrio que suportava as pedras, as grandes massas de terra resvalavam.

Esmagando-a a si e à criança. Pelo menos, pensou sombriamente, teriam um enterro digno da sua condição. - Pelas presas do Caçador, é uma cabra! - exclamou a primeira voz.

- Então, agradeço-lhe - respondeu o homem das terras do norte -, será bem melhor do que cevada cozida. Anderle ficou tensa, apertando inconscientemente a criança contra si.

Mas o protesto de Mikantor foi abafado pelo balido de Ama. - Deixa lá o animal! Pode muito bem ser uma oferenda! Ó Antigos, escondei-nos, e dar-vos-ei uma oferenda verdadeira! Suplicou a sacerdotisa. Incutiu medo no coração destes homens para que fujam! De súbito, sentiu que não se encontrava sozinha. Os guerreiros também o sentiram. - Se queres que te murchem os testículos e que as colheitas te morram, então avança, mas eu vou-me já embora daqui! O som de folhas esmagadas e de ramos a partir-se revelaram-lhe quando o primeiro homem e, a seguir, o segundo se foram embora. - Muito bem, mas acho que somos uns cobardes, doidos varridos - aplicou o homem com pronúncia do Norte -, ainda assim, se tivéssemos alguma coragem acho que não teríamos tomado Azan. - E as palavras foram-se perdendo à medida que os dois homens se afastavam, embrenhando-se no bosque. Anderle deixou-se ficar escondida por muito tempo ainda, tremendo, mas o coração acabou por serenar e a tensão desapareceu-lhe do corpo.

A razão dizia-lhe que os guerreiros estavam demasiado assustados para voltar, e por agora aquilo bastava-lhe para se convencer a sair daquele útero da terra. Nunca lhe ocorrera sentir inveja dos antepassados. Porém, ali, os ancestrais encontravam-se abrigados eternamente pelas pedras, libertos de todas as paixões e de todos os perigos. Ou, pelo menos, de uma parte deles, pensou então. Uma outra parte vivia no corpo e no sangue dos seus descendentes e ainda uma outra movia-se de vida para vida, através dos séculos, procurando desbravar o seu destino. Essa outra

sobreviveria até a estas pedras. De tempos a tempos, uma memória de outras eras viria à superfície nas meditações de alguém que pertencesse ao povo de Avalon. Até a pequena Ellet sonhara usar um chifre como picareta para escavar o solo do Tor, de modo a criar o caminho em espiral em seu redor; os sacerdotes mais velhos pensavam que, provavelmente, ela fora um dos acólitos que viera para Avalon, oriundos dos Reinos do Mar, que agora jaziam sob as ondas. Porém, as visões de Anderle versavam sobre o Afundamento, sobre a última explosão cataclísmica em que a montanha tremera e a sua cidade morrera devorada pelas chamas. Se foi realmente ali que aconteceu, então eu não sobrevivi, apercebeu-se ela, subitamente. Talvez tenha sido por isso que o facto de ter previsto a destruição de Azan me assustou tanto... Mikantor agitou-se no seu colo e ela ajeitou-se para o acomodar melhor. E quem eras tu nessa época, meu pequenino? Serás tu a criança salva para herdar uma nova terra? Mas naquele momento bastava-lhe tê-lo salvo do incêndio. Fora dito que Micail, que erigira o grande círculo de pedra, descendia de uma linhagem de reis, embora tivesse vivido como sacerdote e não como governante. Pareceu a Anderle, então, que a escuridão se transformara numa tapeçaria na qual se movimentavam figuras ténues, lutando, dançando e transportando grandes pedras de um lado para o outro. Esforçando-se ainda por compreender, adormeceu tão profundamente como qualquer um dos antepassados. Quando Anderle voltou a acordar, a faixa de luz coada através da abertura para o túmulo era agora ligeiramente mais brilhante do que a penumbra lá dentro. Por um momento, não conseguiu perceber onde estava e muito menos o que a despertara do sono. Então ouviu o balido que Ara fazia quando não lhe tinham dado água ou alimento suficiente. Fosse quem fosse que a trouxera até ali, era alguém de quem a cabrinha esperava que tomasse conta dela. A

sacerdotisa sorriu na escuridão e reuniu forças para enviar um chamamento mental. - Senhora minha! - Ouviu a voz de Ellet lá fora. - Onde estais? Tornaste-vos invisível? - A voz fraquejou-lhe. Corriam histórias de que alguns adeptos de Avalon haviam aprendido a tornar-se invisíveis. - Já não há perigo. Os homens maus foram-se embora. Mikantor titubeou, protestando, quando Anderle o empurrou pela abertura, e Ellet sufocou um grito. Quando Anderle conseguiu passar a cabeça e os ombros pelo buraco, viu a rapariga a olhá-la fixamente, com os dedos cruzados em sinal de precaução. - Não sou um fantasma - a sacerdotisa conteve uma gargalhada -.

Mas estou profundamente grata aos espíritos que me deram abrigo. Quando os Ai-Ushen vieram, pensaram que aAra era uma oferenda. Se trouxeste alguma comida, devemos deixar um pouco aqui no túmulo. Ellet recuperou do susto e estendeu-lhe um saco bem cheio.

- Deveis estar com fome, e a pobre Ara precisa de ser mungida novamente e depressa. Retirou do saco uma malga de madeira e um alforge em pele contendo água e deixou a cabra beber, depois sentou-se do lado do flanco às manchas negras do animal e deitou Mikantor no colo. Anderle espreguiçou-se cuidadosamente. A ocidente, a última luz brilhava ainda e a lua nova já ia alta. Sentiu que Ellet dissera a verdade, pois uma paz palpável caíra sobre a terra. Vasculhou no saco de pele e retirou dois bolos de cevada, que colocou à entrada do túmulo. - E o que te aconteceu? - perguntou quando começou a comer. - Os lobos também foram à quinta? - Foram sim, e devemos a Chaoud e à sua gente a bênção de Avalon! Os miseráveis fizeram-nos alinhar no pátio da quinta, enquanto enfiavam as lanças por todo o lado, nos telhados e nos poços onde guardamos alimentos. Chaoud disse-lhes que eu era sua irmã e que

nunca mais ficara boa da cabeça desde que tivera as febres, e eu tapei os olhos com o meu cabelo, e tartamudeava, e babava-me até eles desistirem de quaisquer ideias que pudessem ter sobre o que fazer comigo. Ellet sorriu.

- Levaram toda a comida que encontraram - prosseguiu a rapariga - mas, nos tempos que correm, as pessoas aprenderam a esconder as suas provisões. Ficou ainda muito com que se alimentarem e sobrou alguma coisa para nós também. De certeza que dentro de um dia ou dois estaremos no Tor... - E olhou para Anderle esperançosa. A sacerdotisa fez um gesto de assentimento. E que farei eu se os Ai-Ushen vierem no nosso encalço?, interrogou-se. O Povo do Lago não tinha guerreiros. Usamos a nossa magia para curar e fazer crescer, não para destruir.

se ao menos pudesse erguer as brumas do pântano à nossa volta e ocular-nos do mundo! Talvez na altura em que chegassem ao Tor os deuses a Tivessem aconselhado sobre o que fazer. Porém, primeiramente teriam de lá chegar.

TRÊS

Anderle e Ellet chegaram à aldeia do Povo do Lago quatro dias após a queda de Azan. No céu, matizado de tons róseos, o Sol erguia-se sobre as colinas a oriente, mas o nevoeiro ainda envolvia as plataformas de madeira, sobre as quais os aldeãos haviam construído as habitações, de modo que, vistas de um ponto mais elevado do terreno, as casas pareciam flutuar sobre as águas. Alguns cães começaram a ladrar em resposta ao balido de Ara e, pouco depois, várias pessoas apareceram à beira dos terraços de madeira. Badger surgiu rapidamente de entre a multidão que se ia juntando, ainda esfregando os olhos, sonolento, seguido pela mãe, a Mulher-Salgueiro. Era ainda jovem para ser chefe da aldeia, mas fora nomeado devido às madeixas brancas que lhe haviam aparecido sobre as têmporas a seguir à morte do pai. - Sagrada Senhora, eis-vos! - Estugou o passo ao longo da passagem sobre o lago; inclinando-se para fazer o gesto de reverência sobre a fronte e no coração. - Soubemos do incêndio e depois não ouvimos dizer mais nada. Receámos... Anderle conteve um trejeito. Bem podia imaginar como as notícias da queda de Azan teriam sido recebidas em Avalon. - O que ouviram dizer? - Dizem que o rei e a família real morreram todos. - O olhar dele deteve-se no bebé. - Imana e o filho bebé morreram no incêndio. - A minha prima correu até à Casa das Crianças para o tentar salvar - respondeu Anderle com toda a sinceridade - e o telhado caiu antes de ela ter conseguido fugir. - Estremeceu ao lembrar-se do ocorrido. - Ouvimos dizer que Durrin morreu na batalha - Badger lançou-lhe um olhar rápido. - Dizem que os Antepassados vos levaram para viver com eles nos túmulos. A sacerdotisa assentiu, meditando sobre o modo como as pessoas podiam por vezes pressentir a verdade, mesmo quando não a compreendiam. Ellet soltou

um risinho estridente.

- Que viagem a nossa! Mas a Deusa protegeu-nos enviando-nos Ara - fez uma festa na cabeça da cabrinha, entre os chifres -, para que o menino pudesse ter leite. Os aldeãos arregalaram os olhos de espanto ao aperceberem-se de que Anderle trazia nos braços uma criança. - É um órfão que salvámos na nossa fuga - explicou ela em tom peremptório. Tagarelando, a mãe de Badger deu um passo para a frente do filho.

- Não é apenas o bebé que precisa de alimento, venham ambas comigo.

Há papas de aveia ao lume. Ergueu uma ponta da manta que envolvia o bebé e Mikantor abriu os olhos escuros, oferecendo-lhe um olhar perscrutador que a fez rir. A Mulher-Salgueiro fora ama de Anderle quando esta era bebé. A própria avó de Anderle era oriunda da mesma família, e não existia ninguém em quem ela confiasse mais para cuidar de Mikantor. Pensava ainda nisso quando se sentou com gratidão num almofadão em pele, junto ao fogo que ardia sobre uma pedra, no centro da sala comprida. As cortinas ondulavam ligeiramente sobre o reboco de argila das paredes manchadas de fumo.

O odor a peixe no fumeiro e a fumo de madeira queimada encontravam-se entre as suas mais antigas memórias. Avalon era a sua vida, mas ali sentia-se em casa. - O filho de Imana? - perguntou a mulher mais velha quando Anderle afastou as mantas que envolviam o menino e ao ver os olhos escuros e o cabelo ruivo do bebé. - Tem um ar robusto. - Graças a Caratra - respondeu Ellet. - Ou teria morrido antes de termos encontrado a cabrinha. - E isso também foi um milagre - proferiu Anderle. - Foi tudo isso que vi na minha visão, mãe,

excepto que, desta vez, eu estava lá. Este menino tem um destino a cumprir. Mas até ter idade suficiente para o reclamar, o mundo deve pensar que morreu. - Até o povo de Avalon? - Os olhos escuros da velha brilharam.

- Especialmente eles - retorquiu Anderle tristemente.
- Os Ai-Ushen, e os traidores que os ajudaram, virão à procura de Mikantor quando souberem que regressei, e os que juraram servir a Verdade têm dificuldade em mentir. - Então, teremos de o esconder. Conheces a Redfem, a mulher de Osprey? Deu à luz recentemente um bebé e tem muito leite. Aceitará ficar com o menino, se lho pedir. A Mulher-Salgueiro estendeu a mão para acariciar o cabelo claro da criança. - Para já, vamos rapar-lhe a cabecinha. Depois usaremos um corante de noz. Ele tem já o tamanho de uma criança com cinco luas. Quem quer que o veja, pensará que é mais velho e que nos pertence. Anderle deixou-se afundar no almofadão, permitindo-se agora reconhecer que a ansiedade que vivera fora um fardo bem mais duro do que a criança.

sorveu com gratidão os goles de chá de milefólio que a velha deitara numa tigela talhada em madeira de carvalho. - Ellet, vai procurar Redfem e diz-lhe para vir aqui.

Quando a rapariga saiu, a Mulher-Salgueiro virou-se para Anderle.

- Agora diz-me lá, como estás tu? Por instantes, Anderle apenas conseguiu fitá-la fixamente.

- Não sei - disse, lentamente. - Pensei apenas no próximo perigo que corríamos, no medo. Durrin morreu para me salvar. Queria chorá-lo, mas nada sinto, nem

sequer gratidão por estar viva. - Isso virá com o tempo - afirmou a Mulher-Salgueiro. - Agora, precisas de descansar. Anderle fez um gesto de assentimento. A dor nas costas voltara, e moveu-se, inquieta, no almofadão, tentando aliviar a tensão que sentia no corpo. Ouviu risos lá fora e virou-se para ver Ellet entrar, afastando a cortina que cobria a entrada da habitação, seguida de uma mulher de rosto rubicundo que devia ser Redfem. Via-se claramente que tinha o sangue das tribos a correr-lhe nas veias. Mikantor passaria bem por filho dela. Mas o que lhe inspirava confiança imediata era o seu sorriso franco. Anderle abriu os braços e a Mulher-Salgueiro entregou-lhe o menino.

Aconchegou a criança ao peito e os olhos brilharam-lhe quando o menino se encostou a ela com a boquinha ansiosa procurando o mamilo, emitindo sons famintos. Começou a choramingar ao ver que nada encontrava ali. - Depois destes últimos dias sentirei a falta dele como se fosse meu filho. Mas o menino tem de ser amamentado. Olhou para Redfem.

- A Mulher-Salgueiro diz que tens leite e amor suficientes para cuidares de outro filho. Todas as crianças são sagradas para quem cuida delas, mas os deuses disseram-me que a vida deste menino é importante para todos os povos destas terras. Compreendes isto? Percebes que é por causa disso que ele tem inimigos? Faremos tudo o que pudermos para te proteger a ti e a ele, mas poderás correr perigo. Estarás disposta a correr esse risco e a tomar conta dele? - Dê-me o menino - respondeu Redfem com simplicidade, abrindo a capa de pele de cerva que trazia por cima da saia. Por baixo da capa tinha os seios cheios de leite e nus. Ao pegar no menino ao colo, o leite começou a brotar. Com perícia, ajustou

um dos mamilos róseos à boquinha sequiosa e suspirou. Depois voltou a fitar Anderle. - Falais verdade, Senhora Sagrada. Todas as crianças são uma dádiva dos deuses. Isto te digo eu: ao dar o meu leite a mamar a este menino, ele transforma-se na minha própria carne. Protegê-lo-ei como se fosse meu filho. Tudo faria por um bebé, fosse filho de quem fosse. - Sim... - suspirou Anderle. - A Deusa fala em mim. Ela velará por e eu virei vê-lo sempre que puder. Fico-te grata! Virou-se no almofadão, sentindo qualquer coisa húmida debaixo de si, olhou para baixo para ver se teria entornado o chá. Porém, a água morna jorrara por entre as suas coxas.

Olhou para a Mulher-Salgueiro, confusa, e tentou erguer-se.

- Perdoa-me, acho que me molhei e estraguei o teu colchão.

A Mulher-Salgueiro e Redfem trocaram um olhar e a rapariga riu-se.

- Vou levar este pequenino comigo agora e dar-lhe mais de mamar.

Acho que muito em breve tereis um filho para tfazer ao vosso colo também. Durante um longo momento, Anderle apenas conseguiu fitá-la. Depois, sentiu os músculos do ventre contraírem-se e percebeu que o trabalho de parto começara. Durrin prometera que quando a criança nascesse lhe cantaria uma canção para afastar as dores que sentiria. Pensou se o conseguiria ouvir lá do Outro Mundo. - O bebé vai nascer? - Ellet soltou um brado. - E agora, Senhora, quereis que mande chamar Kiri a Avalon? Incapaz de falar até que a contracção passasse, Anderle abanou a cabeça.

- A Mulher-Salgueiro ajudou a fazer ao mundo dezenas de bebês e, com a bênção de Caratra, confio nela para me ajudar a dar à luz o meu. Não mandes dizer nada a Avalon. Devem apenas saber que cheguei cá com um bebê e partirei tal como vim, com uma criança nos braços. E isso podem todas vós jurar que é perfeitamente verdade. Tirilan... o nome soltou-se dos lábios de Anderle como o soar de um guizo. O sinal dela era o de Fazedora de Paz. Belkacem lera nas estrelas para ela e Merivel adivinhara-lhe o futuro no lago sagrado. Há-de ser cantora e será muito amada...

Anderle guardara as palavras como um tesouro. É tal como o pai, pensou, enquanto se debruçava sobre o berço para aconchegar o cobertor em redor da menina adormecida. Tal como o pai, a menina tinha um lindo cabelo encaracolado, e Anderle pensou que não era apenas o amor apaixonado de mãe que via nos traços da sua filha adormecida o esboço daquele sorriso de perder a cabeça que era tão característico de Durrin. Desde o nascimento de Tirilan que pensava frequentemente em Durrin, e os momentos dolorosos alternavam com recordações amargas e doces, num sentimento misto de alegria angustiada. Quando as chuvas de Inverno inundaram os pântanos, a vida continuava no Tor quase igual ao que sempre fora. A névoa que pairava sobre os juncos parecia separá-los do resto do mundo, como rezava o velho ditado que dizia que o Povo da Sabedoria sabia como fazê-lo. Contudo, de vez em quando, vinha alguém da Aldeia do Lago que contava os rumores que havia sobre Azan. Lá para o Norte, o tempo estava ainda pior. Mesmo nesta estação, quando os homens se agrupavam perto das casas devido ao frio, os rumores ainda varriam aquelas terras. Dizia-se que, no incêndio, o filho de Uldan se transformara em minério numa fornalha e que fora

levado para viver com os deuses; contava-se que os antepassados o haviam levado para os túmulos; afirmava-se também que se encontrava escondido em dezenas de lugares diferentes, por toda aquela terra, de onde um dia regressaria para destruir os seus inimigos, quando se tornasse adulto. As histórias sobre a viagem de Anderle eram igualmente fantásticas.

Dizia-se agora que ela passara aqueles quatro dias perdida no Outro Mundo e que lá dera à luz uma filha, ou então que vivera dentro de um túmulo, o que era praticamente a mesma coisa, no que respeitava às crenças do povo. Bem podem eles pensar que és filha do Reino Escondido, pensou Anderle, inclinando-se mais uma vez sobre o berço. Era um berço muito antigo, entalhado como símbolo de Manóah, o sol alado, que os Sábios haviam trazido das Terras Submersas. A menina adormecida franziu um pouco o beicinho, depois virou-se e voltou a sossegar. Não és uma filha das colinas vazias, pensou a mãe, mas sim filha dos deuses... Ergueu o olhar ao sentir Ellet empurrar a porta. - Senhora! - Ao ver a expressão arreliada de Anderle, a rapariga aprumou-se e respirou fundo. - Senhora, chegou um rapaz da Aldeia do Lago. Diz que Galid de Amanhead está cá, acompanhado por dezenas de guerreiros. Exige uma embarcação para atravessarem até ao Tor. - Eles andaram a revistar as casas? Ellet abanou a cabeça.

- Estão apenas interessados em Avalon. Badger disse ao rapaz para os aguentar um bocadinho, mas começarão a matar, se ele se demorar demasiado. - Manda-o voltar - proferiu Anderle rapidamente - e diz a Badger que os deixe vir. Anderle preferiu aguardar o traidor sob a imagem do sol alado no frontispício do Templo da Luz, com as sacerdotisas mais velhas atrás dela, vestidas de branco imaculado, as fronte adornadas com os

diademas correspondentes ao seu grau. As vestes haviam sido tecidas em linho cru, branqueadas até à alvura de uma nuvem num dia soalheiro e debruadas a ouro nas bainhas. Quando os visitantes se aproximaram, Anderle apercebeu-se de que Galid era seguido por homens do seu próprio clã. Belkacem deu um passo em frente para lhes barrar o caminho. Vestidos com atavios dourados e agrupados em fila, de modo a parecerem uma serpente, era belo vê-los, mas a beleza não condizia com as lanças que traziam. - Quem vem até nós armado para perturbar a paz de Avalon? - A voz do velho homem ainda era poderosa. - Deixai no chão as vossas armas, homens que procurais sangue, ou parti, pois não encontrareis aqui respostas. O sorriso de Galid alargou-se, mas os homens do seu séquito olhavam de um lado para o outro pouco desconfortavelmente. - Achas que tais truques me assustam? - perguntou Galid, mas apercebeu-se de que os seus guerreiros se começavam a afastar. - Aliás, somos mais do que suficientes para enfrentar mulheres e um velho - acrescentou com rapidez. - Baixaremos as nossas armas, se isso vos assusta. - Ficarão a salvo aqui - proferiu Belkacem amavelmente, indicando um banco colocado na ladeira. - Nomearei um guarda de confiança. - Esboçou novamente um gesto, e Linora, que, com sete anos de idade, era a mais jovem das noviças no aprendizado, deu alguns passos com um ar grave e sentou-se na erva ali perto. Os guerreiros pareceram ligeiramente escandalizados ao tirarem os cintos com as lanças e ao colocarem-nos no chão ao lado dela. Anderle mordeu o lábio para conter o riso. - Se tiverdes vindo em paz, sois bem-vindos! A irmã mais velha de Linora ofereceu-lhes uma taça dourada repleta de cerveja. - Bebei sem medo - disse a sacerdotisa docemente, embora visse que o olhar de Galid brilhava num trejeito cínico, e não com ansiedade. Porém, não lhe importava o que ia no pensamento do traidor, desde que ela conseguisse

intimidar os seus sequazes. Galid devolveu a taça, com uma expressão tão cuidadosamente grave no seu rosto cheio de cicatrizes como a da criança. Ao fitá-lo, Anderle viu aquele semblante sobreposto pela imagem coberta de fuligem do homem que rira, desvairado, enquanto Imana morria queimada, e que depois matara Durrin. Fechou os olhos durante um instante, sabendo que teria de lidar com o homem que ali estava agora. Galid tinha uma compleição robusta e pesada, musculada, e os olhos claros e ávidos demonstravam uma confiança cautelosa. O bigode caído num trejeito cruel não mudara. Vestira-se como um rei para este encontro, embora a rainha do Ai-Zir se tivesse recusado a reconhecê-lo como tal. Até que ponto aquilo lhe roera a alma? Trazia um kilt de lã fina e rubra e o manto que vestia por cima da túnica sem mangas era feito do mesmo tecido. Usava pesadas braceletes de ouro à volta dos antebraços e a capa e o cinto apertavam com fivelas também de ouro. Contudo, se ele mudara, também algo nela se alterara, pensou Anderle.

Já não estava grávida nem desajeitada com o peso do ventre, mantinha-se direita nas suas vestes de cerimónia, o rosto de um puro oval semi-oculto por entre as pregas dos véus e o toucado que a fazia mais alta, ornado com a lua tripla de Avalon. Galid fitou-a como se quisesse retirar o véu à mulher que se encontrava por detrás daquele pesado pregueado. Imagina o que quiseses, pensou a sacerdotisa sentindo um misto de divertimento e amargura, não sou uma mulher agora, mas sim a Voz da Deusa e Ela fá-lo-á ouvir... - Vem. - Com o passo gracioso e leve que aprendera a dar quando tinha ainda a idade de Linora, Anderle indicou o caminho para o átrio. - Sentimo-nos honrados pela forma como nos recibes - proferiu Galid quando se sentaram junto à lareira. - Mas não precisavas de te incomodar.

A nossa missão é simples. Agora que a paz reina nestas terras, viemos por causa do filho de Uldan. Anderle fitou-o nos olhos sem pestanejar, feliz por os véus lhe ocultarem a pulsação apressada que sentia na garganta. - E o que farias com o rapaz, se ele estivesse aqui? - A rainha Zamara pediu que encontrássemos o sobrinho - respondeu um dos guerreiros -, para que possamos criá-lo como herdeiro do Ai-Zir. Ele talvez até acredite no que está a dizer, pensou Anderle, enquanto o observava. Porém, não deixara de reparar no lampejo cínico no olhar de Galid. - Ai de mim, mas nós habitamos apenas em Avalon, não no Outro Mundo! - retorquiu ela com veemência. - Não brinques comigo! - retrucou Galid num tom agastado. - Imana entregou-te o bebé e eu vi-te fugir com ele. Sabe-se que trazias contigo uma criança quando chegaste ao Tor. - Ambas as coisas são verdadeiras, mas, ai de mim, uma não garante a outra - proferiu Belkacem com tristeza. - O filho de Imana nunca chegou a Avalon. A criança de que ouviste falar é filha da Senhora. Se não estivessem na presença de uma situação tão delicada, Anderle teria rido perante o misto de confusão, incerteza, frustração e dúvida que transpareceu nos olhos de Galid. - Com certeza compreenderás que eu não percebi que vocês nos procuravam com o intuito de tomar conta do rapaz - disse Anderle num tom agreste -, mas o caminho era difícil, e não tínhamos leite para lhe dar.

A minha filha só acabou por nascer quando estávamos prestes a chegar aqui, senão tê-lo-ia alimentado com o meu próprio leite. Lamento... - acrescentou, baixando os olhos. - Não acredito em ti - retorquiu Galid rispidamente.

Anderle ergueu o olhar e encarou-o.

- Ai não? Ellet, vai buscar a Tirilan e tr  -la aqui.

Permaneceram sentados, e um silêncio pesado instalou-se até Ellet regressar com a beb  , agora desperta e balbuciando docemente dos braços da rapariga. Com três meses de idade, o cabelito que lhe emoldurava o rosto parecia um halo dourado. Anderle não tivera contacto com muitos beb  s, mas não era apenas o seu olhar de mãe que via a beleza das pequeninas feições, apesar da expressão de d  vida com que a pequenita olhava para todos aqueles homens estranhos. - Eis a minha filha, a herdeira de Avalon - proferiu Anderle calmamente. - Querem que a dispa para que possam confirmar que é realmente uma menina? Um dos homens corou e os outros sentiram-se algo embaraçados. Era óbvio para todos que aquela criança não podia ser o filho robusto e de cabelo ruivo de Uldan. - Não será necessário - respondeu Galid asperamente. Durante alguns instantes olhou demoradamente para Anderle, com um misto estranho de luxúria e respeito. Tirilan enrubesceu, ansiosa, e Ellet colocou-a nos braços da mãe. A beb   começou a procurar avidamente o seio desta, encostando a cabecinha de encontro ao tecido pesado das vestes; depois começou a chorar. Subitamente, Anderle apercebeu-se de que as vestes cerimoniais não tinham qualquer abertura por onde a pudesse amamentar e que, de um momento para o outro, os seios começariam a verter leite em resposta aos gritos da beb  . - Podem procurar por toda a ilha - propôs Belkacem, muito sério -, mas juro-vos pela Luz que esta é a única criança, menino ou menina, que encontrarão entre nós. - Procurem, se quiserem - incentivou-os Anderle, encostando a menina ao ombro. - Mas para esta criança, pelo menos, tenho leite, e    melhor que lhe d   já de mamar antes que ela nos ensurde  a com os seus gritos. - Se o juras, então acredito que seja verdade, mas

mesmo a verdade pode por vezes mentir. - Galid ergueu a mão como um lutador que saúda o inimigo. - Não me esquecerei, Senhora... O olhar de Galid encontrou o de Anderle e ela ouviu as palavras que ele não proferiu: E estarei atento a ti. Quando o frio do Inverno deu relutantemente lugar a uma Primavera igualmente chuvosa, os habitantes da aldeia constataram que um número invulgar de estranhos deambulava pelas terras. Galid mantinha a sua palavra, pensava Anderle, e refreava o desejo que tinha no coração de ir à Aldeia do Lago visitar Mikantor, a quem Redfem, segundo os costumes da Aldeia, chamara Pica-Pau. Por conseguinte, foi só pela altura em que o menino celebrava o seu primeiro aniversário e os sacerdotes de Avalon haviam terminado as cerimónias do solstício de Verão que Anderle atravessou o lago para presidir ao festival das aldeias, aquando do solstício de Verão. Anderle sentou-se no estrado onde fora construída a casa do chefe da aldeia, ajudando a Mulher-Salgueiro a entrançar coroas de flores para o baile dessa noite, entrelaçando raminhos com flores e rebentos verdes que as crianças haviam trazido das terras pantanosas. Tirilan dormia num berço a seu lado. - Se não confiasse nas nossas observações dos céus, pensaria que estávamos a celebrar a Passagem para a Primavera.

Entrelaçou algumas primulas por entre o agrião amarelo já entrançado nos ramos de junquinhos e soltou um suspiro.

- Assim é - respondeu a velhinha. - Ainda há muitos trilhos nos pântanos completamente submersos.

- Este ano, as ilhas do País do Verão são mesmo ilhas. - Por detrás da plataforma de madeira, o Sol brilhava sobre as águas do Lago e sobre os canais que serpenteavam por entre os juncos. - Os prados junto à

margem estão ainda cheios de água. Não há muitos lugares onde as ovelhas e cabras possam pastar, ou onde colher sementes. No próximo Inverno, acho que viveremos de peixe seco, aves aquáticas e bagas.

- E deves ficar grata por os teres - respondeu Anderle sombriamente. - Dizem-me que, lá no alto das colinas, tem estado demasiado frio para cultivar seja o que for e que as terras mais abaixo se encontram tão encharcadas que o gado está a ficar com os cascos apodrecidos e as sementes morrem porque os campos continuam inundados.

Virou-se ao ouvir um riso vindo de cima. Uma das raparigas mais velhas estava a tomar conta dos miúdos que brincavam no chão, por entre os pilares madeira, que ficou descoberto quando as águas recuaram. Mikantor encontrava-se entre eles; já andava, era alto e bastante robusto.

- O rapaz tem um ar saudável e cresceu bastante. Se alguém perguntar, podemos dizer que é um ano mais velho do que o seu irmão-de-leite, Grebe.

- Redfem tem bom leite - retorquiu a Mulher-Salgueiro. Ambas se riram ao vê-lo cair subitamente na lama, erguendo as sobrancelhas numa expressão cómica de surpresa. Num instante se pôs de pé novamente. O sol imprimia brilhos acobreados no cabelo pintado do menino.

- Ela ama o Pica-Pau como se fosse seu filho.

- Bem sei, mas não o poderemos manter aqui para sempre. As crianças, em pequeninas, têm todas mais ou menos a mesma aparência, mas, à medida que for crescendo, nem a pintura do cabelo levará as pessoas a

acreditar que ele pertence aqui. Já correm lendas de que o filho de Uldan renasceu das cinzas.

- Levar daqui o Pica-Pau muito pequenino seria duro tanto para ele como para Redfem - disse a velha, lentamente.

- Esperarei o mais que puder - Anderle suspirou. - Talvez seja mais seguro levá-lo de uma aldeia para outra.

- Talvez, mas isso pertence ao futuro - replicou a Mulher-Salgueiro. - Temos de o manter a salvo agora, ou não terá sequer futuro. Conheces ainda aquela magia poderosa, portanto protege a Aldeia do Lago e ele permanecerá seguro por cá. Anderle ficou a olhá-la, enquanto esta fazia uma nova coroa de flores, entrelaçando, com as mãos trementes, raminhos de salgueirinha roxa e junquinhos. - Não só a aldeia... Quando fizermos o circuito das sete ilhas sagradas... - proferiu lentamente - ... então poderei tecer o feitiço. A aliança entre o povo que outrora habitara os pântanos e os sacerdotes e sacerdotisas de cabelo da cor do sol, que haviam vindo do outro lado do mar, perdurava havia mil anos. Cada raça possuía os seus Mistérios e as duas forças em tensão, combinadas, haviam gerado uma tradição que atraía os poderes da terra e das estrelas. Daí provinha uma espécie de senda em espiral que unia a realidade interior e exterior do Tor em si, e o conhecimento dos caminhos que as energias da terra seguiam ao fluírem pelos campos. O monte do Tor estava ligado a várias das colinas mais pequenas que se erguiam dos pântanos. Um mapa destas ilhas tinha a mesma forma que também viam nas estrelas. Os sacerdotes conheciam-na como o Carro de Luz ou a Carroça de Caratra, mas o povo dos pântanos via nessa constelação a parte de cima de um

urso. Ao venerarem esse poder protector, surgira a tradição de seguir em cortejo, percorrendo o caminho de ilha em ilha, pela altura do dia do Solstício de Verão. À meia-noite, as embarcações compridas e baixas estavam preparadas para partir. Quando os barcos saíram dos pântanos e entraram no leito do rio, Anderle apercebeu-se que o movimento das barcas sobre as águas era diferente, mas, para além disso, seguiam tão suavemente que parecia que flutuavam entre os mundos. Quando o barulho das vozes a despertou, o céu clareava, e perante eles erguia-se o monte coberto de árvores da Colina dos Vigilantes. Os pássaros chilreavam, saudando a alvorada de um novo dia.

Aos primeiros raios doirados surgindo por entre as colinas a oriente, os barqueiros atiraram as tochas à água. Acima deles, Anderle entoou a canção: Tão belo, tão belo, sobre o horizonte, O Senhor do Dia chega, envolto em luz! Despertai, filhos da Terra, ao vê-lo erguer-se, A Luz inunda-nos a alma, tal como enche as terras Desperta, ó meu povo, para a luz e para a vida! Anderle curvou-se, de mãos erguidas ao Sol, em Sinal de saudação.

saúdo-te, Manoah, Senhor da Luz, evocou ela o deus pelo seu nome ancestral, Toca o caminho que hoje percorremos com o teu poder e protege-nos daqueles que desejam o nosso mal. Ergueu lentamente os braços, abraçando a luz derramada pelo Sol sobre as ladeiras, que transmitia às águas um brilho cintilante, como se as tochas as tivessem incendiado.

Conteve a respiração, ao sentir a mesma chama acender-se nela; mais tarde soube que os outros a haviam visto envolta em luz. Voltou-se para norte.

- Ó luz que abençoas esta terra, invoco os espíritos

destes montes para que nos guardem de todos os inimigos! Quando voltou a descer o caminho, Anderle sentia o poder que invocara rodopiando atrás de si como um fio de luz.

Nos barcos, os homens da aldeia que viviam no sopé da colina aguardavam para os levar na viagem de regresso. Esta primeira etapa era a mais Larga, seguindo o curso serpenteante do rio. Em ambas as margens, a erva alia ondulava nos terrenos pantanosos por entre os arbustos de urze, bétulas e amieiros. As libelinhas sobrevoavam as águas e, aqui e ali, via-se um peixe a saltar saudando o dia. Quando chegaram à ilha situada mais abaixo, onde outrora um grande guerreiro lutara contra um espírito das trevas, o Sol já ia a meio caminho.

Deixaram aí uma oferenda e fizeram uma curta travessia até à colina dos poderes selvagens. Este lugar também era hostil à ocupação humana, apesar de os caçadores ali irem ocasionalmente para fazer vigília e pedir o favor dos deuses protectores da caça. Alguns, dizia-se, haviam saído dali abençoados por esses deuses, mas outros haviam fugido, enlouquecidos por súbitos medos, correndo até caírem exaustos ou morrerem afundados nos pântanos. Anderle sentiu o espírito daquele monte sob a forma de uma energia caótica, mas não completamente inimiga. Sentiu o calor do sol e a energia do lugar despertarem. Se vierem inimigos, enche-os do teu terror, foi a prece que Anderle proferiu, Que encontrem a morte perdidos de medo! Pareceu-lhe que algo na ilha sorria em resposta à sua súplica. Dirigiram-se em seguida para sul, através das terras baixas. As garças caminhavam, esbeltas, por entre os lírios amarelos, que se erguiam orgulhosamente, e as flores azuis do morrião-de-água, que pareciam captar pedacinhos da cor do céu. A meio do dia chegaram à Ilha dos Pássaros. A aldeia de Badger ficava mesmo

atrás; fora construída sobre os pântanos, para deixar o solo firme livre para os campos de cultivo e pastagem. A única estrutura existente na pequena colina era um santuário. Bandos de aves aquáticas esvoaçavam no ar em volta dela, pipilando. Quando espalhou os grãos de cereal que constituíam a oferenda do seu povo, poisaram no solo, piando de satisfação. Anderle olhou para trás, para o caminho que tinham percorrido, reforçando e guardando em si o fio de poder desencadeado. Permaneceu de pé, de mãos erguidas aos céus. Saúdo-te, claridade do meio do dia, Ó Sol, no teu esplendor, senhor que governas os céus, As folhas e a lâmina das espadas, as aves e os animais, Vidas criadas pelo amor do Senhor da Luz, Abençoado seja o fogo sagrado do Sol... Quando regressou para junto das embarcações, a Mulher-Salgueiro esperava-a com alimentos e bebidas. Redfem viera também, com Mikantor escarranchado na anca, e olhava à sua volta com o mesmo olhar ávido e curioso com que os patinhos seguiam as mães em fila, por entre os juncos.

Anderle abraçou-a e deu um beijo na fronte do menino. - Regozija-te na luz, Filho de Mil e Um Reis! Vês a teia brilhante que está além? Estou a fiá-la para te proteger. Apesar de saber que as palavras que proferira nada significavam para uma criança tão pequenina, pareceu-lhe que o olhar do menino vislumbrara a radiância invisível através dos juncos serpenteantes na margem. Deixando para trás a aldeia e a colina, os barcos viraram para oeste, rumo à ilha onde crescera o carvalho sagrado. Quando a idade ou os ventos do Inverno deitavam abaixo uma velha árvore, uma noz fora salva, cuidadosamente plantada e protegida até poder suportar sozinha as tempestades.

Aqui, a sacerdotisa verteu cerveja no solo e atou uma fita de fino linho em redor do tronco, como era

costume, mas, ao fazê-lo, cingiu também o fio de luz à árvore. O Sol voltava-se para oriente quando curvaram em direcção à Ilha das Donzelas. Eran desceu a ladeira para vir ao encontro dela, vestido com uma túnica limpa desta vez, pois nesse dia a forja estava fria, e o único fogo que ardia era o do astro-rei no céu. Ao vê-la, os olhos brilharam-lhe. - Senhora, caminhei na Luz... - E fez uma vénia.

Anderle sorriu, pois ele era a primeira pessoa, à excepção da criança, que percebera que ela estava a urdir algo que ultrapassava o ritual habitual. - Mestre Ferreiro, peço a tua bênção para o meu trabalho e a bênção da Senhora da Forja.

Ele fez nova vénia e ladeou-a para a escoltar até à ferraria. A imagem da Deusa que se encontrava no nicho da parede fora feita num molde de chumbo, oriundo das colinas a norte do Vale, com uma base cilíndrica, sugerindo a saia e os seios em relevo. Os anos haviam praticamente apagado quaisquer feições que tivessem sido esculpidas sob o toucado, mas a estátua era a de uma sacerdotisa com os braços erguidos. Esta era uma divindade que o Povo da Sabedoria não trouxera consigo, mas que era reconhecida como o espírito ascendente no coração humano e na terra. Eran tinha enfeitado o nicho com flores primaveris. Anderle parou por um instante, sentindo o fio de sol a aquecer-lhe as costas, e, com um gesto largo, ofereceu-o à divindade ali representada.

- Achi - murmurou -, eis mais fogo para que o guardes. Reforça esta barreira e protege estas terras. Protege a criança que é a nossa esperança e, quando ele crescer, forja a arma que lhe trará a vitória! Aguardou um pouco e escutou um rumorejar em volta, que parecia o vento a passar através das árvores ou o fogo

a sibilar no carvão. Porém, o fogo apagara-se, a quietude pairava no ar e o som provinha de uma voz que lhe sussurrava ao ouvido.

- No cadinho será temperado, trabalhado no molde e forjado até ser uma arma que me caiba na mão.

Anderle apercebeu-se de que devia ter vacilado um momento, pois, ao abrir os olhos, viu Eran a ampará-la pelo braço e a oferecer-lhe água.

Só faltava chegar ao Tor. Anderle sentia que a tensão se adensava cada vez mais na atmosfera, à medida que ia subindo e circundando as pedras que o coroavam, pois o Sol já começava a pôr-se ao longe, sobre o mar.

Todavia, o poder que existia na colina parecia mais forte do que nunca, como se estivesse ávido de que a promessa se cumprisse. Tropeçou na direcção das embarcações que a aguardavam para prosseguirem a viagem de regresso à Aldeia do Lago. Quando estavam prestes a chegar à margem, os céus pareciam incendiados com os últimos raios de sol de Verão. Fora um dia longo, e Anderle sentia o fio de luz quente e intenso atrás de si. O barco passou a aldeia e atracou junto a uma elevação de terreno, por detrás das habitações. Com a aproximação da noite, as aves procuravam refúgio entre os juncos, e o ambiente em torno da colina ia sossegando. A oriente, o Sol espalhava ainda os seus raios pelas nuvens, sobre o mar longínquo. Fitou aquele último fulgor de glória ao entoar o hino à noite. Tão belo, tão belo, sobre o horizonte, Desce o Senhor da Luz, procurando sossego, Dormi, ó filhos da terra, enquanto os campos repousam, Trazei luz às criaturas, às vidas terrenas, Dormi, filhos da terra, curai-vos dos males, até ao seu regresso! Quando a última réstia dourada desapareceu

no horizonte, Anderle agarrou no fio de luz e prendeu-o à energia pulsante que descia da Colina dos Vigilantes, de onde começara a brotar, num elo de poder que unia em segurança as Sete Ilhas do Vale de Avalon.

QUATRO

- Pica-Pau, a Senhora de Avalon está aqui! Ao ouvir as palavras do irmão, Pica-Pau abriu os olhos e levantou-se, afastando a manta de pele de coelho. A Senhora Que Brilha... sempre a chamara assim, no seu íntimo, apesar de ela ser tão baixa e ter os olhos e os cabelos tão escuros como muitas das pessoas da aldeia. Vivía na ilha mágica a sul da Aldeia do Lago. Talvez fosse por isso que parecia andar sempre envolta em luz. Pica-Pau apertou o kilt, colocou a manta de pele de coelho sobre os ombros, porque o ar da Primavera, de manhã cedo, era ainda muito frio e seguiu o irmão até à lareira.

- Chegaram na noite passada - dizia Grebe enquanto tragava as papas de aveia quentes que Redfem insistia em lhes colocar à frente. - Ouvi as vozes.

A Senhora Que Brilha visitava-os uma ou duas vezes por ano. Conseguiam sempre arranjar maneira de ela o ver. Claro que ela visitava todas as crianças da aldeia, e por vezes trazia doces que acompanhavam a sua bênção, mas Pica-Pau tivera sempre a sensação de que ela o observava com especial atenção. Isso causava-lhe algum desconforto, era como se ele fosse diferente das outras crianças. Porém, isso ele já sabia. Havia qualquer coisa estranha no que dizia respeito ao seu cabelo. A mãe mantinha-o sempre bastante curto e todos os meses o tratava com um remédio que o deixava seco e sem brilho.

- Vai mais devagar - resfolegou Grebe, quando Pica-Pau pegou no alforge e se pôs ao caminho, em direcção à habitação do chefe da aldeia.

Ainda não estão acordados. Ficaram a falar até tarde

ontem à noite.

- Como sabes? - murmurou o garoto.

- Acordei quando o pai chegou a casa e ouvi-o dizer, claro. Como é costume, tu dormias a sono solto.

- Esperaremos então. Jogarei contigo aos paus - acrescentou em tom conciliador, acocorando-se na beira da plataforma em madeira. Pegou no alforge que o pai lhe fizera com a pele de um rato-do-mato e retirou lá de dentro um punhado de pauzinhos finos. Era um jogo de que o irmão mais pequeno, que era muito habilidoso apesar de ser pouco robusto, gostava muito - Porque te preocupas tanto com o assunto? - perguntou-Grebe a Pica-Pau enquanto este nivelava as pontas e atirava os paus ao ar. - Ela é bonita - respondeu, enquanto Grebe jogava, retirando os pauzinhos com ajuda de um deles e guardando-os na mão. - É como uma pessoa que vi num sonho. - Não mencionou que por vezes os seus sonhos eram autênticos pesadelos, com chamuscas que o aterrorizavam e de onde a senhora brilhante o salvava. - E ela dá-me presentes. - Oh, não - disse o rapazinho mais novo, praguejando quando a mão lhe tremeu, fazendo os pauzinhos rolar em todas as direcções. - É a tua vez - concedeu, mas Pica-Pau não o escutava. A porta da casa do chefe da aldeia abriu-se, e ali estava ela, a falar com alguém que se encontrava na sua retaguarda. Desta vez, porém, as coisas foram diferentes. Atrás dela estava uma rapariga, uma criaturinha de cabelo claro envolta no mesmo halo brilhante. A Senhora voltou-se, viu Pica-Pau e sorriu. - És tu, Pica-Pau? Como crescestes! - A Senhora de Avalon falava com naturalidade o dialecto da Aldeia do Lago. Quando Grebe juntou todos os pauzinhos, Pica-Pau atrapalhou-se com os pés, reconhecendo a resposta habitual dos adultos quando não sabiam o que dizer. No

seu caso, era normalmente verdade. Era tão alto como o filho mais velho de Redfem, que tinha agora doze anos e já ia caçar com os homens. - Esta é a minha filha, Tirilan - disse, então, a Senhora de Avalon. - Queres ser amável com ela e mostrar-lhe a aldeia? Mas não a deixes cair ao Lago, pois a Tiri não sabe nadar. Pica-Pau e Grebe trocaram um olhar. A menina era baixa, mas deveria ter pelo menos seis anos. Com essa idade, qualquer criança da Aldeia do Lago sabia nadar como um peixe. - Nós tomaremos conta dela - disse Grebe, com vivacidade, e recebeu outro sorriso. - Vamos lá, então - murmurou Pica-Pau, seguindo à frente pelo caminho que levava a casa da mãe, embora não fizesse ideia do que iriam fazer.

- Porque te chamam Pica-Pau? - Perguntou Tiri, falando à moda das tribos.

Pelo menos não era tímida.

- Porque estou sempre a meter-me em tudo, acho eu - retorquiu o rapaz, lamentando não ter prestado mais atenção às lições da Mulher-Salgueiro sobre o linguajar das tribos.

- Pensei que fosse por teres o cabelo espetado como as penas de um passarinho.

Não havia maldade no seu tom de voz, mas o rapaz sentiu-se corar de raiva.

- E tu és pálida e magrinha, como se tivesses estado debaixo de um tronco. Acho que te irei chamar Verme! - Vais-me devorar, é? - retorquiu a menina. - Experimenta só! Ele piscou os olhos. Ela parecia ter ficado mais brilhante.

- Uma larva luminosa, talvez, que afasta quem a quer comer porque sabe mal.

Ela franziu o sobrolho, tentando perceber se aquilo seria um insulto ou um cumprimento.

Quando chegaram à porta de casa de Redfem, outras crianças se lhes reuniram: Beaver, que com nove anos era quase tão alto como Pica-Pau e gostava de o desafiar, Alder, uma menina de pernas compridas que usava uma trança negra e comprida e que olhava para Tiri como se esta tivesse vindo de outro mundo, e Goosey e Gander, os irmãos gémeos. - O teu nome significa alguma coisa? - perguntou Alder quando se apresentaram todos. - Os nossos nomes têm significados na antiga língua dos Sábios - respondeu a menina de Avalon sorrindo pela primeira vez. - O meu significa "doce cantora". O meu pai era um bardo. Pica-Pau piscou os olhos e olhou para longe. Brilha mesmo, pensou, tal como a mãe. Deve ser bom saber de onde vêm os nossos talentos e as feições que temos. Amava os pais com todo o coração, mas não conseguia reconhecer os seus traços nos deles. - Podemos ensiná-la a andar de baloiço no ramo do salgueiro? - perguntou Beaver. - Se o ramo se partir, ela cai à água e ela não sabe nadar; de qualquer maneira, a água ainda está muito fria - respondeu Alder. - Podíamos ir andar de barco - propôs Goosey timidamente. Virou-se para a menina. - Já viste os pântanos alguma vez? Ficam muito bonitos na Primavera. - Mas ela não sabe nadar - objectou Grebe.

- Ela teve de entrar num barco para vir até cá, não teve? - rosnou Pica-Pau, embora acreditasse que a Senhora de Avalon conseguia voar, se lho tivessem dito. - Podes segurar nela, se tiveres medo que caia à água.

- Gostaria de ir ver os pântanos - afirmou Tiri, peremptória. - Vocês remam ou impulsionam os barcos com uma vara? Pica-Pau olhou-a com mais respeito. Pelo menos, sabia alguma coisa sobre barcos. - Não somos suficientemente altos para usarmos bem a vara - admitiu. - Mas sou rápido a remar. Ganhei aos rapazes na regata do Solstício de Verão no ano passado. Beaver, a quem ele vencera na regata, franziu o cenho.

- Não precisamos de navegar depressa, Pica-pau, mas em segurança - repreendeu Alder. - Vamos lá! O povo da Aldeia do Lago estava demasiado habituado à algazarra que o bando de crianças fazia, deambulando por ali, para reparar na cabecita de cabelo dourado que se encontrava no meio delas, quando desceram atabalhoadamente pelas escadas de madeira e se juntaram nas embarcações compridas e baixas, cavadas em troncos pelos aldeões. Pica-Pau ajudou Tiri a entrar no barco atrás dele, e Grebe e Alder seguiam-na, enquanto Beaver e os gémeos entravam numa outra embarcação. - Havia passagens em madeira através dos pântanos - disse Alder ao afastarem-se dos barrote da margem -, mas estão submersas há muito tempo. Com os barcos é mais fácil, vai-se a qualquer lado! Tiri agarrou-se à amurada, enquanto deslizavam por entre os rebentos verdes dos canaviais e dos juncos que cresciam por entre o emaranhado amarelo, de onde haviam cortado o colmo para fazer os telhados na colheita do ano que passara, mas retirou-se para o interior da embarcação quando entraram nas águas do lago, um pouco mais à frente. Chamavam-lhe lago, mas tinha pouca profundidade. Era uma manta de água que cobria o chão a oeste da Ilha dos Pássaros e do Tor. As águas tremeluziam com um brilho opalino sob o céu claro. - Onde nos levas? - perguntou Tiri.

- Se tivermos sorte, a ver animais - respondeu o rapaz. - Os pássaros estão a norte. - Apontou para um bando de aves aquáticas que sobrevoava as águas. Mais adiante, emergiu uma mancha branca por entre o canavial. - Olha, é um cisne! Com remadas firmes e cuidadosas chegaram à extremidade norte da Ilha dos Pássaros, enveredando por uma zona em que o lago se transformava num riacho de águas mansas, oriundo de norte, onde o pântano e a turfeira sustentavam um emaranhado de árvores.

- Vamos ver ursos? - Queres vê-los? - Olhou para a menina, surpreendido. Tinha um aspecto frágil e pálido, mas começava a desconfiar que era mais valente do que todos eles. Habitualmente, tinha de se esforçar muito para convencer os outros a segui-lo, quando tinha um plano verdadeiramente interessante.

- Temos uma lenda que diz que existia um urso, ou se calhar o espírito de um urso, que vivia numa gruta em Avalon.

- Nunca ouvi dizer que houvesse ursos nos pântanos - proferiu Alder -, acho que são demasiado húmidos para eles, especialmente nesta altura. Em terrenos mais altos, vêem-se, por vezes, veados...

- Oh - proferiu Tiri desdenhosamente. - Bem, mas é bonito isto aqui...

Espicaçado, Pica-Pau franziu o sobrolho.

- Queres aventura? - perguntou lentamente. - Então vamos à Ilha dos Deuses Selvagens.

- É proibido! - exclamou Grebe. - Não podemos lá ir! - Podes regressar no outro barco com Beaver, se estás

com medo - disse Pica-Pau por cima do ombro, enfiando a vara bem fundo nas águas e impulsionando a embarcação para a frente. Um pato arrabio, grasnando, surgiu de entre o canavial, e Tiri deu uma gargalhada.

- Fica demasiado longe - disse Alder.

- Não fica mais longe do que daqui até ao Tor - respondeu, apesar de supor que levaria mais tempo a desbravar o caminho pelo pântano do que a atravessar o lago. Fizera a viagem apenas duas vezes, desde que tinha idade suficiente para acompanhar o desfile do Solstício de Verão, e as inundações do Inverno transformavam completamente os canais, mas todas as crianças do lago possuíam um bom sentido de orientação. Pica-Pau conseguia sentir o elo invisível entre as ilhas sagradas. Se o seguisse, atingiria a sua meta.

- O que encontraremos nessa ilha proibida? - Tiri parecia divertida.

- Criaturas selvagens - respondeu Alder asperamente.

- Espíritos - acrescentou Grebe. - Por vezes enlouquecem as pessoas.

- A minha mãe comanda os espíritos - proferiu Tiri, com desdém. - Não me assustam com essas histórias.

Pica-Pau tinha a certeza de que aquilo era verdade, mas a mãe da menina não se encontrava ali. Distraído, sentiu o barco guinar abruptamente ao roçar num cepo escondido. A embarcação era sólida, mas podia virar-se com facilidade. Quando chegaram a um ponto mais alto do terreno, de onde emergia a colina, era quase meio-dia, e o pequeno-almoço de papas de aveia parecia ter

sido tomado há muito. Contudo, os pântanos ofereciam comida àqueles que a soubessem procurar. Teriam de manter os olhos bem abertos quando atingissem a ilha. O leito do ribeiro estreitava agora, curvando em redor do sopé do que parecia ser um monte, embora fosse difícil distinguir a forma que se ocultava por detrás das árvores altas. Se bem se lembrava, um pouco mais adiante o ribeiro juntava-se a um outro riacho e seguia em frente na direcção da Colina dos Vigilantes. Era aquilo, então. Pica-Pau equilibrou-se cautelosamente, saltando para cima de uma raiz que aparecia à superfície. Grebe arremessou-lhe a corda à proa do barco e quando todos saíram da embarcação, puxaram-na até à margem lamacenta. - Agora seguimos a pé - sorriu ao ver a expressão de Tirilan quando deparou com o amontoado pantanoso de lama, espuma e folhas mortas. É melhor tirares os sapatos - sugeriu-lhe. Tanto ele como as outras crianças já estavam descalços. Abrandou o passo para lhe dar a mão e para a ajudar até chegarem a terra firme. - Fico feliz por ver que a Aldeia sobreviveu ao Inverno - comentou Anderle. Estava um dia bonito e, após semanas de céu enevoadado e chuva constante, sentiam-se gratos por se poderem sentar nos bancos ao ar livre, a apanhar sol, sobre a plataforma em madeira em que fora construída a casa do chefe da aldeia. Badger sorriu.

- Aqui sabemos todos como se Vive com as águas. A casa do Otter ficou bastante molhada, mas este Verão construiremos um estrado mais alto sobre as águas. - Já andamos à procura de terras para plantar e colher - acrescentou a sua mãe. - Não temos muita semente para o pão este ano, mas mais água é sempre bom para a pesca e para as aves. Não passaremos fome. Anderle anuiu. - Enviarei alguns dos nossos jovens para vos ajudar. Far-lhes-á bem ir aprender o quanto custa arranjar alimento. A maior parte da nossa alimentação

costumava vir de Azan. Ainda recebemos alguns alimentos, trazidos por camponeses que nos estão gratos por os termos ajudado no passado, mas claro que, da parte do rei, nada nos chega.

- Ouvi dizer que Galid de Amanhead governa agora no Azan-Ylir. - Badger, sentado à beira do estrado, inclinou-se para cuspir na água.

- Ele diz que é o protector da rainha. Mas Zamara continua presa em Cam Ava e disseram-me que, actualmente, a guarda real é toda constituída pelos lobos do Ai-Ushen. - Anderle estremeceu, recordando o que vivera.

- Creio que o rei Eltan está satisfeito por ter para onde os mandar, pois assim não arranjam problemas em casa. O tio tentou matá-lo no Inverno passado, mas Galid deve-lhe qualquer coisa, o que faz dele um aliado digno de confiança.

- Digno de confiança? - Anderle riu com amargura. - Traiu o seu próprio rei. Por que razão haveria Eltan de pensar que este não agirá da mesma maneira com ele?

- Talvez os guerreiros-lobos lá estejam para o vigiar - observou o marido de Redfem, a quem chamavam Stalker.

- Penso que há alguns chefes de tribo que não dormem de consciência tranquila nos dias que correm. - Badger pegou na taça de barro por onde bebia o chá. - Se são bons homens, sofrem por não poder salvar o seu povo, ou usam toda a riqueza que têm para ajudar e ficam enfraquecidos. Se são maus homens, receiam o povo que governam.

- O medo e a fome desculpam muito ódio - proferiu

Stalker. - Há muitas velhas contas a ajustar agora.

- Assim, toda a gente acaba por recear tudo e todos - observou a Mulher-Salgueiro -, e quando algum inimigo os ataca, não se conseguem unir para os combater.

Anderle estremeceu novamente, apesar de o sol quente da Primavera lhe bater nos ombros. Podiam consultar as estrelas para saber se teriam ou não uma boa colheita, mas, se os astros previam algum desastre, não conseguiam arranjar alimento apenas a partir das ervas. Contra as forças que estavam a transformar o seu mundo, a magia de Avalon pouco poder tinha. Se as preces de um sacerdote pouco efeito mais produziam sobre as cheias do que a maldição de um chefe de tribo, por que motivo haveriam os clãs de partilhar o pouco que possuíam com Avalon? O que não conseguimos curar temos de aprender a suportar - o lema de Kiri veio-lhe à memória. Seguramente, o futuro reservava-lhes mais do que esta lenta desintegração de toda a ordem existente, senão por que razão teria ela tido as visões que a haviam levado a Azan para salvar Mikantor? Quando o Filho de Mil e Um Reis crescer, restaurará o nosso mundo, disse a si própria, em tom severo. A nossa missão é preservar tudo o que pudermos até lá.

Afastou os pensamentos e olhou para os que a rodeavam.

- Certamente que já passou da hora para a refeição do meio do dia. Vamos chamar as crianças para comerem connosco? Esta manhã só vi de relance o Pica-Pau. Gostaria de observar melhor como cresceu.

- Crescer? - proferiu o pai adoptivo de Mikantor. -

Cresce tão depressa como os canaviais no pantanal.
Cada dia que passa está mais alto.

- Vai chamá-los - pediu a Mulher-Salgueiro,
colocando a mão sobre o ombro do filho para se apoiar.
- Vou mexer um pouco mais o cozido.

A velhinha trouxera para o exterior malgas de
madeira cheias de um ensopado de raízes e grãos e
alguma carne seca, antes de Stalker regressar. Quando
subiu as escadas e chegou ao estrado ficou com um ar
carrancudo.

- Ainda bem que começaram a comer. As crianças não
estão aqui. Disseram-me que os meus rapazes e a tua
filha, assim como Beaver, Alder e os gémeos, com quem
costumam brincar, saíram da aldeia e os barcos deles
desapareceram.

Anderle olhou para ele e depois para Badger.

- Saíram com os barcos? E não é perigoso? - As
crianças da aldeia aprendem a andar de barco mal
começam a andar - replicou o chefe da aldeia. - Mas é
estranho que não tenham ainda regressado para comer.

- Será que se perderam nos pântanos? - Subitamente,
a paisagem verdejante e as águas brilhantes adquiriram
um aspecto estranho e deixaram de ser belas. Anderle
crescera nos pantanais, mas, quando tinha de os
atravessar, seguia sempre pelos caminhos de madeira
construídos sobre as águas baixas.

- Acho que não - pronunciou Badger lentamente. -
Vêm-se sempre bem as colinas a norte e a sul, e hoje
o Sol indica o oriente. Eles sabem o caminho até casa.
Contudo, talvez tenham ficado presos em algum lugar...

- Não há nada no pântano que os possa magoar - disse a Mulher-Salgueiro rapidamente -, mas talvez seja melhor os homens irem ver o que se passa. Nós esperamos...

- E pensem numa maneira de os fazer arrepender-se de nos terem pregado um susto destes - acrescentou Anderle. Tirilan era uma criança de boa índole, mas tinha um espírito muito independente. Não era a primeira vez que fugia a quem a vigiava.

Quando Badger e Stalker voltaram, o Sol ia já a meio caminho entre o meio do dia e o horizonte. Havia procurado por toda a área em redor da Aldeia do Lago, mas as embarcações não deixam rasto nas águas e não havia sinal das crianças.

- Devem ter ido para mais longe, mas em que direcção? - perguntava-se Stalker, frustrado.

- Quando virem que começa a escurecer, voltarão para casa - alvitrou a Mulher-Salgueiro.

- Se conseguirem... - Anderle levantou-se, fitando os campos. Que direcção teriam tomado? Uma sacerdotisa de Avalon talvez não soubesse orientar-se por entre os canaviais, mas conseguia dominar as correntes de poder. Cerrou os olhos, alargando os sentidos até aos limites que aprendera a reforçar no passado Verão, sentindo o fluxo e refluxo de energia na área protegida e, em particular, o sinal da sua filha.

Virou-se para os homens.

- Vamos procurá-los e eu acompanho-vos agora. Há qualquer coisa naquela direcção - apontou para norte -

que me chama. Quando nos aproximarmos, terei a certeza do que é.

A margem do ribeiro encontrava-se repleta de salgueiros, de cujos ramos baixos pendiam ainda folhas de árvores, amontoadas ali, deixadas pelas últimas cheias do Inverno. Pica-Pau escutou um grasnar surdo e virou-se para ajudar Tiri a tirar do cabelo fragmentos de ninho de alvéola. Beaver e Grebe seguiam atrás. Após uma discussão acesa, Alder concordara em ficar junto aos barcos com os gémeos.

- Pensei que tinhas dito que por vezes vinham aqui pessoas - queixou-se Tiri.

- No Solstício de Verão - retorquiu o rapaz em tom de repreensão. - Mas com o Inverno, a linha da costa está sempre a mudar. No entanto, pode ser ali, vês? Junto às bétulas? O trilho sobe pela encosta do monte.

Um conjunto de troncos esbranquiçados tremeluzia para lá do aglomerado de amieiros negros. Quando saíram da espessa vegetação por onde haviam seguido, viram uma linha serpenteante de erva muito verde e rente ao chão que levava até ao cimo. A princípio, Pica-Pau teve dúvidas sobre se seria efectivamente um trilho, mas, depois, notou que os ramos haviam sido cuidadosamente orientados para que não impedissem o caminho. Sentiu um arrepio no pescoço. Os seres humanos eram meros convidados naquele lugar e nem sempre muito bem-vindos. Porém, não se encontrava ainda suficientemente assustado para voltar para trás.

- Tenham cuidado - disse em voz alta - Não partam os ramos e... falem baixinho.

Grebe olhou-o com curiosidade. O irmão fora sempre

bastante astuto, usando a inteligência para colmatar a sua estatura, e devia saber que, apesar de Pica-Pau se movimentar tão cautelosamente quanto qualquer rapazinho treinado para caçar animais pequenos, por vezes era pouco cuidadoso.

À medida que o trilho se tornava mais inclinado, os outros olhavam para ele com mais frequência. Eles também sentiam o mesmo, pensou o rapaz pouco à vontade, experimentavam igualmente aquela sensação de estar a ser observados por Alguma Coisa que, se bem que não fosse inimiga, era com certeza pouco afeiçoada à humanidade.

- Quem me dera que tivéssemos trazido uma oferenda
- sussurrou Grebe.

- Tenho um bocado de pão - murmurou Tirilan.

Devia ter pensado nisso, Pica-pau mordeu o lábio. Era o mínimo em que deveria ter pensado. Quando regressassem a casa, se regressassem, teria de se esconder de Redfem. Porém, pressentia que, se mostrasse medo agora, atrairia o género de atenção que queria precisamente evitar que recaísse sobre eles. Terminar a subida íngreme cuidadosamente era o melhor que tinham a fazer agora. E depois, dariam meia-volta e regressariam a casa, aceitando o castigo que os pais lhes reservassem.

Um pipilar suave vindo de cima fê-los estacar e redobrar a atenção.

- É um perna-vermelha! - exclamou Grebe, embora o piar não se assemelhasse exactamente ao da ave de patas vermelhas que tão bem conhecia dos pântanos. Subitamente, ficou tudo muito escuro por entre as

árvores. O trilho afigurava-se cada vez mais íngreme e Pica-Pau começava a sentir dores nas pernas. Olhou para trás para ver como estavam os outros. Grebe e Beaver caminhavam com dificuldade, mas Tirilan parecia dançar ao longo do caminho. Não havia dúvidas de que estava habituada a fazer subidas, pensou, com ressentimento, lembrando-se da altura do Tor.

Deu um salto ao ouvir o pássaro - devia ser um pássaro -, que voltou a soltar aquele piado. O som parecera vir de muito perto do seu cotovelo.

Olhou desvairado em volta, mas nada viu, a não ser folhas agitando-se. Não se apercebeu que o vento começara a soprar com mais força. Apenas escutava um murmúrio vago que parecia vir de todas as direcções. E o movimento do arvoredado não tinha uma orientação definida. Sentiu a cabeça andar à roda.

Alguém lhe deu um pequeno apertão no cotovelo e voltou-se. Tirilan surgira junto dele tão silenciosa quanto uma corça perplexa.

- O que é isto? - Há alguma coisa a observar-nos - sussurrou-lhe a menina ao ouvido.

Ele concordou, sentindo-se estranhamente reconfortado por ela experimentar o mesmo. Aquela sensação pairava em redor deles, mas parecia-lhe que se acentuaria se permanecessem ali.

- Não há ursos no Vale - murmurava Beaver -, não há ursos.

Pois não, pensava Pica-Pau, mas poderia haver coisas piores. Lamentou não ter prestado mais atenção aos contos dos caçadores.

- Chiu! - ordenou Tiri. - Há espíritos aqui. Quase consigo entender o que dizem.

Para isso não é preciso saber magia, pensou Pica-Pau, estremecendo.

Estão a dizer-nos que não pertencemos aqui. Porém, os ramos agitavam-se cada vez mais e ele mal conseguia entrever o caminho.

- Então diz-lhes que não lhes queremos fazer mal.

- Vêm aí! - exclamou Beaver de repente e preparou-se para começar a correr.

Pica-Pau agarrou-o ferozmente pela túnica.

- Cala-te e dá-me a mão! - A necessidade de tomar conta dos outros dava-lhe firmeza e recomeçou a subir. Só Tiri parecia não ter medo. Pica-Pau colocou Beaver entre Tiri e Grebe e deu a outra mão à menina.

À medida que iam subindo, tomava consciência, algo surpreendido, de quão natural aquilo lhe parecia. Por um instante, recordou-se de a apertar nos braços, enquanto o mundo desabava em volta deles, mas, nessa recordação, eram já adultos, por isso, talvez se tratasse de apenas um sonho que tivera. Enquanto prosseguiam, ouvia-a pronunciar palavras murmuradas numa outra língua, que pensava ser a antiga língua que os sacerdotes usavam no Tor. Pica-Pau tentou imitar os sons que ela proferia e apercebeu-se de que se moviam com mais facilidade, o que também era estranho, visto que nunca os escutara antes.

O tumulto em redor deles aumentava. O arvoredor

agitava-se ferozmente, e parecia que paus e pedras surgiam intencionalmente no seu caminho a cada passo que davam. Pára com isso!, pensou. Tinha de ser capaz de parar aquilo. Antigamente sabia como, noutra era, mas isso era ridículo, disse para si próprio.

Tirilan pronunciou outra palavra. Pica-Pau começou a repetir as sílabas sentindo-as transformarem-se na sua boca. Por um instante, uma Palavra pairou no ar. No momento seguinte, soou em eco o ribombar de um trovão e o mundo escureceu e iluminou-se de novo, e, subitamente, tudo voltou a aquietar-se.

As crianças olharam umas para as outras, demasiado surpreendidas para conseguirem falar, embora Tirilan fitasse Pica-Pau com uma expressão estranha e observadora.

- Ali está o caminho - proferiu Pica-Pau, por fim.
- Venham! A luz filtrada pelas folhas tenras salpicava o terreno diante deles com manchas de luz e sombra. Embora o bosque parecesse ainda misterioso, a tensão que os ameaçara desvanecera-se. Uma borboleta dourada pairou sobre o trilho. Grebe tocou no ombro do amigo, apontando em frente, e Pica-Pau vislumbrou a figura graciosa de um veado. Sabendo agora para onde olhar, viu vários veados, movendo-se tal como crianças, em direcção ao cimo do monte.

O ar em volta estava repleto de uma aura dourada. Fixando o olhar, depararam-se com uma clareira atapetada de erva tenra, e o céu apareceu, azul, por entre as copas das árvores. O grupo de veados pastava ali, com a pelagem arruivada de Verão brilhando através do pêlo hirsuto que lhes restava do Inverno. Contou quatro cervas, duas delas acompanhadas por duas crias. Um pouco afastado, um animal maior pastava

também.

Pica-Pau deu um passo em frente e o outro veado ergueu a cabeça. O rapaz fitou primeiramente os chifres aveludados, ainda meio desenvolvidos, e depois surgiu o dorso maciço do animal, por inteiro. As cervas levantaram a cabeça, surpreendidas, e desapareceram por entre o arvoredor, seguidas pelas crias. Contudo, o veado macho virou-se para o grupo de crianças e, durante um momento, Pica-Pau ficou completamente fascinado pelo olhar escuro e desapaixonado do animal.

Conheço-te... dizia aquele olhar. Mas és demasiado jovem e fraco para me preocupares. Encontrar-nos-emos novamente quando fores mais velho...

Resfolegando, o veado virou a cabeça coroada de hastes e foi pastar num lugar afastado, com ar desdenhoso. Os chifres mesclaram-se com os ramos das árvores, em instantes, assim como a figura de pêlo castanho-avermelhado, e Pica-Pau interrogou-se se, de facto, a criatura teria realmente ali estado junto deles.

NO LOCAL ONDE HAVIAM ESTADO, OS RAIOS DE SOL TREMELUZIAM, DESVANECENDO-SE POR ENTRE AS ÁRVORES, POIS O SOL JÁ SE ESTAVA A PÔR A ORIENTE. TIRILAN DESLIZOU RAPIDAMENTE, PASSANDO PELO BRAÇO ESTENDIDO DE PICA-PAU, E CORREU PELA ERVA, ERGUENDO O PEQUENO ROSTO PARA A LUZ.

- OS ESPÍRITOS ESTÃO AQUI - DISSE-LHES. - NÃO OS CONSEGUIM OUVIR? OH, VENHAM, JUNTEM-SE À DANÇA! - O QUE QUER ELA DIZER? - MURMUROU GREBE. - COM QUEM ESTÁ ELA A DANÇAR? TIRILAN ESTAVA REALMENTE A DANÇAR, O CABELO LOIRO ESVOAÇANDO, E A SAIA DA TÚNICA AGITAVA-SE

COMO AS ASAS DE UM CISNE ENQUANTO A MENINA SALTITAVA E RODOPIAVA. ABRIU OS BRAÇOS, RINDO, E, POR UM INSTANTE, PICA-PAU JULGOU DISCERNIR AS FIGURAS RADIANTES QUE DANÇAVAM COM ELA. CONTUDO, DEIXOU-SE FICAR ONDE ESTAVA. ELE TINHA A SUA PRÓPRIA VISÃO, E TIRILAN A DELA. NÃO SOUBE NUNCA QUANTO TEMPO PERMANECEU OBSERVANDO AQUELE ESTRANHO BAILADO, ENQUANTO O SOL SE PUNHA SOBRE O MAR LONGÍNQUO. MAS CHEGOU O MOMENTO EM QUE OS RAIOS DE SOL SE DESVANECERAM E TIRILAN FICOU SOZINHA NO MEIO DA CLAREIRA, O BRILHO DO OLHAR A DESAPARECER TAL COMO A LUZ SE IA ESCONDENDO NOS CÉUS DO ANOITECER.

PICA-PAU DIRIGIU-SE A ELA.

- ESTÁ TUDO BEM - PROFERIU O RAPAZ COM DOÇURA - MAS TEMOS DE NOS IR EMBORA. OS PODERES DO DIA ABENÇOAM-NOS, MAS NÃO SEI O QUE SE PASSARÁ COM OS PODERES DA NOITE.

AO PEGAR NA MÃO DELA, OUVIU A VOZ DA SENHORA DE AVALON, CHAMANDO POR ELES.

ANDERLE SENTOU-SE À PROA DA BARCA COM A FILHA NOS BRAÇOS. ADIANTE, O PICO IMPONENTE DO TOR ERGUIA-SE COMO SE FOSSE O CENTRO DO MUNDO. SERIA ÓPTIMO CHEGAR A CASA. PORÉM, QUANTO MAIS ANDERLE PENSAVA NAQUILO, MAIS PERTURBADA FICAVA COM A HISTÓRIA QUE AS CRIANÇAS LHE TINHAM CONTADO SOBRE O QUE ACONTECERA NA ILHA DOS DEUSES SELVAGENS.

- VOLTAREMOS EM BREVE À ALDEIA DO LAGO? - PERGUNTOU TIRILAN OLHANDO PARA A MÃE.

- GOSTARIAS DE LÁ VOLTAR DEPRESSA? TIRI ABANOU A CABEÇA NUM GESTO DE ASSENTIMENTO.

- O PICA-PAU É MUITO DIVERTIDO.

ANDERLE CONTEVE O IMPULSO DE LHE PERGUNTAR SE ACHAVA QUE ERA UM DIVERTIMENTO ANDAR A TREPAR MONTES, NO MEIO DA FLORESTA, DURANTE TODO O DIA, DEIXANDO A MÃE MEIO LOUCA DE PREOCUPAÇÃO. RALHARA BASTANTE COM ELES NA noite anterior, ao mesmo tempo que abraçava a filha e a apertava até a menina gritar, protestando, só para ter a certeza de que Tirilan estava sã e salva. Stalker, que ficara claramente horrorizado com o perigo em que os seus filhos haviam colocado a filha da Senhora de Avalon, arrastara os dois rapazes para serem castigados e depois mandara-os para a cama sem comer.

- Ainda estás zangada? - Perguntou Tiri, que conseguia ler os pensamentos da mãe. - Ele ficou muito arrependido. Acho que ele quis mostrar-me que era muito corajoso.

Anderle ficou a matutar no assunto. O miúdo mais novo gritara enquanto o castigavam, mas Pica-Pau não proferira palavra.

- Fiquei muito contente quando nos vieste buscar - acrescentou a menina em tom conciliador. - Como soubeste onde nos devias procurar? A menina nascera sacerdotisa, pensou Anderle, e era bastante precoce. Talvez já tivesse idade suficiente para compreender.

- Sabes que todos os anos renovo a vigia em redor das sete ilhas sagradas. Consegui sentir uma alteração na energia que liga as ilhas, por isso pensei que deveria procurar naquele lugar. Quanto mais nos aproximávamos, mais eu sentia que algo de errado se passava. Era por isso que estava tão contrariada contigo na noite passada. Tive medo.

- Compreendo - disse Tirilan com sensatez. - Eu também tive medo. Havia qualquer coisa lá que não gostou de nós. Entoei todas as preces de que me consegui lembrar.

- Rezaste, meu amor? - Anderle sorriu. - Fico feliz por te teres lembrado das preces. Que prece diziam vocês quando se ouviu aquele trovão? A sensação que tinha mudou nessa altura.

Aquilo acontecera quando estavam prestes a sair das águas do lago e a entrar no riacho. No céu claro, surgiu de súbito um trovão, e, imediatamente a seguir, foi tomada por um sentimento avassalador de que tudo iria ficar bem.

- Ah, isso não fui eu - retorquiu a menina. - Pica-Pau acompanhou-me nas preces e, quando cheguei à parte que pede protecção para os ventos e tempestades, ele pronunciou uma palavra diferente, e ficámos a salvo, bem vi.

- Que palavra foi essa? - perguntou Anderle num murmúrio. - Que disse ele? - Ele disse... - Tirilan abanou a cabeça. - Ouvi-o proferir a palavra, mas não a consigo dizer. Não é minha... - Anderle estremeceu, pois, subitamente, viu no olhar da menina o vislumbre de uma alma muito mais antiga.

- Era a palavra do Trovão - proferiu Tirilan.

Não devo deixar que ela se aperceba de que estou surpreendida, pensou Anderle, paralisada. Pica-Pau é uma criança da Aldeia do Lago, mas Mikantor é o Filho de Mil e Um Reis. Será assim tão estranho que ele se consiga... lembrar? - Que pensa o Pica-Pau que terá

acontecido? Oh, ele não tem consciência do que fez. - Sorriu. - Mas seja o que for, penso que já o fizéramos antes. Ele não é como os outros rapazes da Aldeia do Lago. Acho que o deverias tfazer para Avalon...

- Quem me dera que o pudéssemos tfazer. - A voz de Anderle tremeu.

Se o poder já estava a emergir nele, precisaria de treino. Havia algum tempo que ela não pressentia o cheiro dos espiões de Galid por ali. Talvez o tivesse finalmente convencido de que haviam perdido o menino. Se conseguisse encontrar outras crianças com o dom, poderia esconder Pica-Pau entre eles.

- Gostaria muito de o tfazer para junto de nós. - Abraçou a filha. - Veremos.

CINCO

Ao aproximar-se a primeira lua cheia depois da Viragem do Outono, a Senhora de Avalon empreendeu viagem até ao grande círculo de pedra para prestar homenagem aos antepassados. Os caminhos, já encharcados com a chegada do Inverno, estavam repletos de velhos fetos que cobriam as ladeiras, murchos e castanhos. Dizia-se que aquela festividade marcara outrora o fim da estação das colheitas, mas o que havia para colher já desaparecera havia uma lua. Na tradição de Avalon, Nar-Inabi entregara o seu governo da Terra a Banur, o Destruidor. As almas que eles tinham guiado até à nova morada fariam uma viagem com chuva de regresso a casa.

As sepulturas da grande passagem haviam sido abandonadas há muitas gerações, mas, de sete em sete anos, os espíritos dos mortos ainda desciam o rio em peregrinação ao Grande Círculo e, daí, para o Outro Mundo. Em cada quinta, em todas as aldeias, a anciã mais idosa presidiria às cerimónias em honra dos mortos da família, orientando, como uma parteira, a sua transição para o Outro Mundo, enquanto ia assistindo ao nascimento de cada nova criança da sua linhagem. Nesse ano, como na maior parte dos anos de que Anderle se recordava, demasiadas famílias haviam sofrido a perda de um parente a quem deveriam agora prestar homenagem de despedida. Porém, a congregação de mulheres de Ti-Saharin, as sete sacerdotisas que orientavam a vida espiritual das tribos, tinha uma outra missão a cumprir. Para isso, haviam convocado a Senhora de Avalon, que servia todas as tribos, embora sem elo particular a nenhuma, para as ajudar.

Passaram pelas encruzilhadas e pelas sepulturas de que Anderle se lembrava muitíssimo bem, por causa da

sua fuga de Azan-Ylir, e desembocaram subitamente no vale profundo, que o Aman, com o leito transformado agora num pequeno rio, em vez do riacho gentil que costumava ser, cortava através da planície. À esquerda do grupo, os ramos dos carvalhos, despídos pelas tempestades, erguiam-se como garras para o céu enevoadado. Havia outros viajantes que atravessavam o rio, transportando os madeiros carbonizados que outrora haviam guardado a casa do grande rei. Ao aproximarem-se, Anderle reconheceu os capotes para a chuva que a tribo do Ai-Giru usava, feitos com vime fortemente entrelaçado.

- Esperemos aqui - disse Anderle aos homens que a acompanhavam. - Se tiverem problemas na travessia, ficarão contentes com a nossa ajuda.

Contudo, a área pantanosa do Ai-Gim era ainda mais extensa do que a de Avalon, e o séquito da Senhora de Avalon conseguiu vencer a corrente com um mínimo de esforço. Quando os recém-chegados começaram a subir para a margem, Anderle colocou-se ao lado do carro coberto onde seguia a sacerdotisa.

- Linne, espero que estejas bem. Nem te pergunto se fizeram boa viagem - disse Anderle, enquanto uma mão fina levantava a cortina de pele da portinhola do carro, deixando entrever um rosto pálido.

- Deixa-me pensar... por boa viagem entendes dois cavalos aleijados, a doença que afecta com tosse três dos meus homens, de tal maneira que tivemos de os deixar a meio caminho? Anderle assentiu. Era o início da época de escuridão, da estação regida pelos poderes inferiores.

- E como passou a tua gente este ano? - Os meus

territórios são como os teus, a maior parte são pântanos, por isso sabemos lidar bem com a água. Contudo, se tivéssemos realmente patas de rã, como a nossa tribo é denominada, em vez de pés, poderíamos sobreviver melhor. Mas agora temos de combater os invasores da Terra Grande - prosseguiu Linne. - Acho que por lá as coisas também andam a correr mal.

Não sei por que razão hão-de pensar que por aqui as coisas correm melhor - proferiu amargamente. - Mas interroguei o único assaltante que apanhámos com vida. Contou-me que as terras dele são tão baixas que, quando o vento sopra de oeste, o mar invade facilmente os campos. A grande Cidade dos Círculos perde terras para o mar todos os anos. Por isso, os homens que não têm família para cuidar pegam nos barcos e partem em busca de melhor vida noutros lugares.

- Não nos deveríamos surpreender com isso - suspirou Anderle. - Aqui passa-se o mesmo. Quando uma tribo é forçada a sair das suas terras e ataca os vizinhos, é como uma avalanche: começa a rolar uma pedrinha e, antes que dês por isso, já toda a montanha se encontra em movimento. Mais adiante, o terreno subia ligeiramente. Viam agora o amontoado de tendas feitas de lã crua ou de pele oleada e casebres com telhados rudimentares que haviam sido construídos ao longo do Caminho do Cortejo. O conjunto de agrupamentos não se comparava em nada às vastas multidões que, em tempos idos, se reuniam ali para o festival, mas continuava a ser impressionante, de qualquer forma. Mais ao longe, ficavam os currais, onde o gado de pelagem avermelhada aguardava a matança para o banquete, ou para ser trocado por algo útil à tribo.

Um dos homens de Anderle levou uma corneta à boca e

tocou três longos acordes. As pessoas começaram a sair das tendas, colocando mantos sobre a cabeça para se protegerem da chuva miudinha que recomeçara a cair. Anderle estremeceu de frio, permitindo-se admitir, por fim, que lhe saberia bem uma tigela de sopa quente e o calor de uma fogueira.

- Na Viragem do Outono, olhei para o lago da Mãe, mas apenas consegui ver a água em redemoinho, em que tudo se dissolvia, tudo era varrido...

Kaisa-Zan, do Ai-Utu, ergueu o olhar, e a luz do fogo deixou entrever um brilho nas lágrimas que derramava. Era a mais nova das sacerdotisas, uma rapariga robusta e com uma basta cabeleira castanho arruivada.

- Não é preciso possuir a visão para interpretar isso - observou Leka, oriunda do Ai-Akhsi, o povo do Carneiro. - Tens medo das cheias, portanto é isso que vês.

Ela retirou outro bocado do cozido - um ensopado feito com carne de carneiro e de vaca e acompanhado por grãos e raízes -, seguindo o exemplo das outras mulheres, que também estavam a comer. As chamas tremeluzentes lançavam sombras que pareciam dançar juntamente com as imagens dos tecidos de lã, que aqueciam as paredes da casa redonda. Era a única habitação permanente no acampamento, uma estrutura sólida com telhado grande e pesado que descia quase até ao solo. Sobre a lareira, situada no centro, estava um caldeirão de bronze, onde cozia o ensopado, e, em cima de pedras planas colocadas em redor do fogo, coziavam os bolos de aveia.

- Bem te podes rir - disse Kaisa-Zan amargamente. -

Vives em Dales. Mas gostarias de ver as tuas colinas transformarem-se em ilhas? Se isso acontecer, as ovelhas são a única coisa que conseguirás criar.

- Paz - aconselhou Linne. - Estamos aqui reunidas em conselho, em nome do nosso povo, e de nada nos serve zangarmo-nos umas com as outras. - Olhou em redor do círculo com uma expressão apaziguadora, enquanto a luz do fogo brilhava no seu cabelo louro. Nuya, a irmã mais nova de Uldan e de Zamara, grã-sacerdotisa do Ai-Zir, sentava-se o mais longe possível de Saarin, do Ai-Ushen. Não haviam dirigido palavra uma à outra desde que chegaram.

- Ouviram dizer alguma coisa sobre Olavi? - perguntou.

- Dizem que os caminhos a norte já se encontram todos cobertos de neve - respondeu Saarin. - Eu quase não conseguia vir - acrescentou, lançando um olhar a Nuya. - Vocês não me acolheram muito bem. Mas é necessário. Também tem morrido muita gente da minha tribo.

- Todas nós temos muito que fazer este ano - afirmou Leka -, mas não podem culpar as restantes por estarem ressentidas pela forma como o vosso rei tenta resolver os problemas. Já é suficientemente mau Eltan ter ficado na posse de terras que pertencem a outra tribo. Aqueles que não mata fá-los escravos e a pobre gente ainda fica grata por ficar com os restos das suas próprias colheitas. - E essa criatura, Galid, ainda é pior - acrescentou Kaisa-Zan. - Os seus homens desbravam por toda a parte como cães selvagens, atacando as quintas e destruindo tudo o que não podem levar com eles. Pensará ele que, se destruir Azan, Zamara o reconhecerá como rei? - É como um cão selvagem que ataca o redil das ovelhas - proferiu Leka. - Desgarra-as e chacina-as pelo pfazer da

destruição.

- Como faz qualquer bicho que perde a sua verdadeira natureza - observou Shizure - , seja cão ou homem.

Era verdade, pensou Anderle, lembrando-se dos campos em pousio e das quintas abandonadas que vira durante a viagem de Avalon até ali.

Ao longo dos anos, ouvira uma série de histórias que se repetiam, contadas pelos que andavam fugidos de terra em terra. De facto, não precisavam que o tempo piorasse para destruir o que tinham, havia homens que causavam males maiores.

- Acho que a loucura que afecta Galid é uma coisa mais profunda, é como um vazio que nenhum alimento poderá preencher - disse ela.

- O lobo, ao menos, mata para sobreviver - proferiu Saarin.

Nuya enrolou-se no xaile como que para se proteger do contágio das outras. Contudo, a manhã viria em que todas empreenderiam a caminhada até ao círculo de pedra, unindo os poderes que possuíam em homenagem aos que haviam morrido. Anderle olhou em volta do compartimento, em busca das qualidades que todas partilhavam e que as levava a reunirem-se ali.

Ela e Kaisa eram as mais novas; as outras sacerdotisas tinham idades compreendidas entre elas e Linne, pois, no decurso normal das coisas, uma noviça serviria a sua antecessora durante muitos anos ainda, antes da sua morte ou do seu afastamento, o que lhe conferiria depois o papel de mais velha. Porém, não eram tempos normais os que viviam. Leka teria trinta e

poucos anos, tinha uma compleição robusta, o cabelo castanho, encaracolado, e era senhora de uma maneira de falar muito directa, que, por vezes, era considerada desagradável. Dizia-se que os do Ai-Akhsi andavam em guerra com os seus vizinhos a sul, e apercebera-se de alguns olhares irritados de Shizuret, a sacerdotisa do Ai-Ilif, que tinha quase a mesma idade que Linne, e que tivera marido e seis filhos antes de uma praga que assolara a região os ter matado a todos, assim como a mulher que deveria ter sucedido à sacerdotisa da tribo, antes dela. Talvez a semelhança existente entre todas fosse aquele ar de auto-suficiência, como se, ao terem vislumbrado o Outro Mundo, não pudessem ser derrotadas por tragédia alguma desta terra.

- Vejo muitas calamidades, mesmo que a Ilha dos Poderosos se consiga manter acima das águas do mar - afirmou Shizuret sombriamente. - Avizinham-se tempos negros, minhas irmãs, e devemos preparar-nos para os enfrentar.

- Isso será difícil, quando os nossos líderes empenham toda a energia que têm em lutar entre si, em vez de enfrentarem os males que nos assolam - opinou Linne. - Recordo-me de uns cachorrinhos que alguém tentou afogar um dia. O alforge onde os tinham metido abriu-se e eles lutavam por permanecer à tona de água. Mas, de cada vez que um conseguia vir à superfície, surgia outro que, ao tentar trepar pelo irmão acima para se salvar, o voltava a afundar.

- Que azar danado - comentou Leka.

- O que aconteceu aos cachorrinhos? - perguntou Kaisa-Zan. - Consegui tirá-los da água e arranjei-lhes donos... - O sorriso de Linne desvaneceu-se. -

Mas não posso fazer o mesmo com os nossos chefes. -
Demorou o olhar em Nuya e Saarín, depois desviou-o.

- A nossa magia serve para fazer crescer e para curar - sussurrou Kaisa-Zan.

- E os chefes duvidam da nossa capacidade de a usar
- concordou Nuya, lançando um olhar malévolos a Saarín.
- O único poder que os homens entendem agora é o da ponta da lança.

Anderle cerrou os olhos, invocando a imagem que lhe surgira mais do que uma vez em sonhos. Vira Mikantor, já adulto, avançando por um campo de BATALHA E EMPUNHANDO UMA ESPADA, UMA ESPADA QUE BRILHAVA COMO FOGO BRANCO. OUSAREI CONTAR-LHES? PRECISAM MUITO DE TER ESPERANÇA, MAS FALTAM AINDA TANTOS ANOS ATÉ ACONTECER AQUILO QUE VISLUMBREI. CONTEVE AS PALAVRAS, SUSPIRANDO. ENQUANTO GALID FOSSE VIVO, TODOS DEVERIAM PENSAR QUE O FILHO DE ULDAN MORRERA.

- E NO ENTANTO, SOMOS A CONGREGAÇÃO SAGRADA DAS SACERDOTISAS - SUBLINHO LINNE, E O VESTIDO AZUL PREGUEADO QUE USAVA CONFERIU AO SEU CORPO MACILENTO UMA SÚBITA MAJESTADE. - E SE TUDO O QUE PODEMOS FAZER É TIRAR O CACHORRINHO DA ÁGUA, POIS ENTÃO FÁ-LO-EMOS.

OU DO FOGO, PENSOU ANDERLE, RECORDANDO MIKANTOR, TAL COMO O VIRA AO PASSAR PELA ALDEIA DO LAGO A CAMINHO DO CONCLAVE. DEVIA ESTAR NA ALTURA DE REDFEM LHE VOLTAR A TINGIR O CABELO, POIS JÁ DESPONTAVAM MADEIXAS RUIVAS POR ENTRE O CASTANHO DA TINTA, COMO SE FOSSE FOGO SURGINDO DAS CINZAS.

NO ANO ANTERIOR, ELE NADA MAIS FIZERA QUE ESCANDALIZASSE AS PESSOAS DO QUE A VISITA QUE EMPREENDERA À ILHA DOS DEUSES SELVAGENS COM TIRILAN,

MAS O RAPAZ PARECIA TER DUAS VEZES MAIS INICIATIVA E ENERGIA DO QUE TODOS OS SEUS COMPANHEIROS DE BRINCADEIRAS. TEREI DE FAZER QUALQUER COISA EM RELAÇÃO AO RAPAZ.

- TEMOS DE TRABALHAR COM AS CRIANÇAS - PRONUNCIOU EM VOZ ALTA, PRESENTINDO O ENCADEAMENTO DOS PENSAMENTOS, EMBORA NÃO ESTIVESSE CONSCIENTE DO RACIOCÍNIO QUE LHES ESTAVA ASSOCIADO. - ESTA CRISE AINDA DURARÁ MUITO TEMPO. É NOSSO DEVER ENSINAR AS CRIANÇAS A CONFIAREM UMAS NAS OUTRAS, MESMO AS MENINAS QUE ESTAIS A TREINAR, E ISSO NÃO É POSSÍVEL SE AS MANTIVERMOS EM CASA.

- QUE ESTÁS A SUGERIR? - PERGUNTOU SAARIN COM BRUSQUIDÃO.

- ENVIEM-NAS POR ALGUMAS ESTAÇÕES PARA AVALON, TANTO RAPAZES COMO RAPARIGAS. ENSINÁ-LOS-EMOS A CURAR, ASSIM COMO A HISTÓRIA DOS NOSSOS POVOS E FÁ-LOS-EMOS TRABALHAR EM CONJUNTO NOS RITUAIS. QUANDO TIVEREM FEITO A APRENDIZAGEM, TENDO RIDO E BRINCADO JUNTOS, SERÁ MAIS DIFÍCIL PENSAREM QUE AS TRIBOS DAS COLINAS SÃO AQUELES MALVADOS QUE HABITAM DO OUTRO LADO DO MONTE.

- COMO ESTAMOS A FAZER AQUI - PROFERIU LINNE SECAMENTE.

ANDERLE ENCOLHEU OS OMBROS.

- ENVIEM-ME AS CRIANÇAS QUE PENSAM TEREM DONS. AQUELAS QUE SEJAM MAIS ENÉRGICAS E CURIOSAS. AQUELAS CUJOS PAIS ACHAM QUE ESTÃO SEMPRE METIDAS EM SARILHOS, MAS CUJO CORAÇÃO TEM BOM FUNDO. DE CADA TRIBO, ESCOLHAM DUAS OU TRÊS CRIANÇAS, COM IDADES ENTRE OS SETE E OS CATORZE ANOS.

- Com um ou dois pacotes de provisões que, em princípio, serão para as manter? - resmungou Shizuret.
- Ou já pensaste em como as irás alimentar? Nessas idades, as crianças estão sempre com fome e os teus pântanos não são propriamente o celeiro destas ilhas.

- Nem Azan é, nos tempos que correm - contrapôs Nuya com tristeza.

- Os homens da Aldeia do Lago ensinar-las-ão a caçar - disse Anderle, sorrindo -, mas não recusaremos os alimentos que puderem poupar.

- Falando em comida, acho que os bolos de aveia estão quase prontos - referiu Shizuret -, e desperdiçar boa comida é pecado.

Em relação a isso, pensou Anderle, todas tinham a mesma opinião.

A luz das tochas dava mais relevo às margens barrentas por onde seguia o cortejo, deixando, na sua retaguarda, a planície ondulante e o rio envoltos numa escuridão ainda mais profunda. Anderle segurou nas pontas da capa com uma das mãos, pois levantara-se vento com o pôr do Sol, e a lã negra agarrava-se-lhe às pernas com a ventania. Pelo menos, o vento forte afastava as nuvens.

Clareava o dia quando Shizuret saiu da tenda para se juntar às outras sacerdotisas, que formavam cortejo atrás da Senhora de Avalon, e o seu séquito seguiu-a. A luz tremeluzente, a imagem do javali costurada na parte de trás da sua capa parecia preparar-se para a investida. Momentos depois, Saarín e os seus guerreiros-lobos seguiram-nas e tomaram lugar no

cortejo, a sacerdotisa no meio, os carregadores de tochas ladeando-a. À luz das chamas, as imagens do Lobo, da Rã, do Carneiro e do Touro pareciam dançar, visto todas as sacerdotisas estarem paramentadas com as suas vestes tribais.

Eram os últimos. Anderle caminhava seguida pelo seu séquito e ostentava a coroa de três luas bordada nos ombros. Olhou de relance por cima do ombro e viu a verdadeira Lua já acima do horizonte, ocultando-se e surgindo timidamente por entre as nuvens que ainda restavam no céu, depois do vendaval. Ao iniciarem a caminhada, cessaram todas as conversas. Os únicos sons que se ouviam eram o crepitar das tochas e o murmúrio silencioso do rio.

- Irmãs, a Lua está a nascer. A estação de Achimaiek chegou. Será a Hora do Chamamento? - Gritou Anderle.

- A Hora do Chamamento chegou - foi a resposta.

- Então, procuremos o Portão entre os Mundos... - Elas deram o sinal e os dois moços que levavam os rombos começaram a vibrar as cordas. Ao avançarem, o zumbido fantasmagórico que emitiam aumentava e diminuía, provocando-lhe arrepios no pescoço, que não se deviam ao frio.

O caminho seguia à direita e depois subia pela falda da colina, antes de virar para oeste na direcção do grande círculo. Quando o caminho rompeu a direita pela planície, Anderle viu as sepulturas perfiladas à sua esquerda e mandou o cortejo parar para saudarem os antepassados que ali jaziam.

Na sua frente, o caminho, largo, seguia a direito

durante algum tempo e a Lua, escapando por fim ao círculo apertado de nuvens, revelou toda a planície sob o luar frio, empalidecendo a luz das tochas. Aqui e além, a linha suave e plana do horizonte era cortada pelas sepulturas cobertas de árvores de antigos reis.

Quando o ritmo da marcha diminuiu, Kaisa-Zan, que possuía uma voz clara, começou a cantar os versos que davam as boas-vindas a Achimaiek, a quem as tribos veneravam como Avó e que era a Senhora do Inverno.

Alto é o olhar da Lua do Outono, A chuva cai em bâtegas, na colina; o Inverno é gelado, Magoa a carne e fustiga os ossos, Os dias encurtam O vento selvagem geme E traz com ele a Bruxa.

Anderle viu um ponto luminoso surgir a norte, onde em Carn Ava haviam acendido uma enorme fogueira no cimo da colina da Senhora. Nessa noite, acender-se-iam fogueiras de colina em colina, do norte mais distante ao mais longínquo sul, convocando os vivos para se reunirem atrás da porta dos seus lares e invocando os mortos para a sua casa distante. Ao ver aquilo, o coração de Anderle bateu mais depressa. Os mortos, cujos espíritos se haviam apegado aos ossos e às cinzas, despertavam, ao escutarem a canção: Ela chama-vos para casa, basta de errarem pela terra, Ela acende a luz no cimo do monte, Da colina à planície, ouvem-se saudações e chamamentos, Passado é o bom ou o mau, Passado é o elogio ou a vergonha, O teu verdadeiro nome.

A sacerdotisa tomou subitamente consciência do círculo de pedra que se erguia perante eles, apesar de, àquela distância, o local se resumir a um matagal sem folhas que mal se via ao luar. Apesar da claridade que fazia, havia sombras por toda a parte, sombras

mais pressentidas do que vistas.

Os fantasmas do povo antigo que jazia nas sepulturas da planície davam as boas-vindas aos mortos mais recentes que Anderle conseguia sentir a reunir-se em seu redor.

Sombras, segui por essa estrada clara, Até ao fim. A última curva levar-vos-á ao lugar Onde encontrarão paz, O vosso eu, em descanso, irá Lá para oriente.

As notas finais esmoreceram e os bombos recomeçaram a tanger, lânguidos, mas desta vez o murmúrio era acompanhado pelas vozes das sacerdotisas entoando cânticos, primeiro em voz alta, depois mais baixo, numa harmonia fantasmagórica. A tensão aumentava, os espíritos nos túmulos estavam à escuta. Quando o caminho virou mais uma vez para a esquerda, Anderle viu as pedras emparelhadas que assinalavam a entrada do estrado em madeira sobre o canal. As sombras das sacerdotisas agigantavam-se à sua frente, à medida que os portadores das tochas ficavam para trás fazendo uma única fila. Anderle parou novamente ao chegarem ao marco erguido, que assinalava o nascer do Sol do Solstício de Verão, e destapou o frasco com cerveja, que trazia ao cinto, para verter sobre a pedra, em oferta aos deuses. Depois, todos deram uma volta em redor do marco, em reverência, prosseguindo mais tarde em frente.

Ao atravessarem o fosso entre a margem e o canal, passando pelas três pedras que demarcavam os limites do lugar, as sombras mudaram novamente, porque os homens que carregavam as tochas se dispuseram lado a lado, formando um círculo de fogo em torno da zona exterior do círculo de pedra. Ao moverem-se, a luz e a sombra começaram a tecer um padrão entrelaçado através

das pedras que constituíam o anel dos druidas. As sacerdotisas abrandaram o passo de forma a entrarem no interior quando os homens tivessem completado o círculo no exterior. Apesar de entrarem primeiramente no círculo de pedra apenas sete mulheres vivas, logo um grupo muito maior se lhes juntou.

O luar era agora mais nítido, penetrando os espaços entre as pedras erguidas e o círculo mais pequeno de pilares em pedra azulada, de modo que as sacerdotisas, que se iam colocando no semi-círculo dos grandes trilitos, pareciam estar no centro de uma grande roda. Mas só a luz entrava no círculo. Se havia algum som lá fora, elas não o conseguiam ouvir, e Anderle sabia que os homens, no exterior, ouviriam apenas o murmúrio desmaiado vindo lá de dentro.

Fechou os olhos e respirou fundo, focalizando a consciência para penetrar na corrente de poder que se agitava à superfície do solo. Essa energia fluía por toda a grande ilha, desde a costa sul, através do círculo de pedra, até Carn Ava e, daí, para norte, percorrendo o caminho até às terras do Ai-Siwanet. Uma corrente menor unia o círculo ao Tor. Permaneceu numa espécie de encruzilhada, invisível ao olho humano, e, ao fazer o poder de volta até à sua coluna vertebral, activou um terceiro canal, que unia O Que Está em Cima e O Que Está em Baixo.

- Irmãs, somos unas? - perguntou.

Somos unas! - Foi a resposta.

Nessa noite, permaneceram entre a vida e a morte. Os habitantes daquela ilha tinham escolhido bem o sítio e os outros antepassados de Anderle, fugindo da queda dos Reinos do Mar, haviam agido bem em reconhecer a

sabedoria antiga, até mesmo aqueles, ou assim rezava a lenda, que haviam desejado apropriar-se do poder deste lugar para os seus próprios fins. Anderle olhou para o lado sul do círculo de pedra, onde as pedras dos druidas, que formavam os segmentos do anel e que haviam caído há séculos, jaziam espalhadas pela erva murcha. Em Avalon, ensinava-se aos adeptos mais velhos a história de como aquelas pedras haviam sido retorcidas e atiradas numa batalha de magia entre os druidas do círculo de pedra e o Tor. Dizia-se que, depois do conflito, os sobreviventes da contenda haviam deixado as pedras onde tinham caído como sinal de aviso permanente para aqueles que viessem a fazer mau uso do seu poder.

Agora, pensavam as sacerdotisas, já não possuíam o poder para erigir novamente os monólitos e substituir os lintéis partidos, mesmo que o quisessem fazer. O segredo de modelar o som para fazer tal magia perdera-se ao longo das gerações, desde que as pedras haviam sido erigidas. Porém, sabiam ainda como utilizar as qualidades únicas do círculo de pedra. Quando alguém se encontrava no interior do círculo, o som possuía uma qualidade particular, uma vibração rara que não era propriamente um eco. As vozes ouviam-se de forma especialmente clara.

- Chamai aqueles que devem fazer a passagem! - gritou Anderle.

Leka de Dates foi a primeira a dirigir-se para o centro e a erguer as mãos.

- Chamo Ulthake, filho de Izora. Perdeste a vida quando desabaram as rochas do redil sob a força das água das cheias, ao tentares salvar as últimas ovelhas.

- Abençoada seja a vida que tiveste e abençoada seja a tua passagem - respondeu o coro das sacerdotisas em unísono.

Anderle sentiu a vibração das vozes das mulheres passar através dela, respirou fundo novamente e, ao expirar, abriu a mente ao espírito que fora invocado. Na escuridão das pálpebras cerradas, vislumbrava as silhuetas brilhantes das pedras e a figura enevoada do homem que olhava em redor interrogativamente. Que via ele? Ulthake, ouve-me - Anderle lançou um chamamento interior. A tua carne está reduzida a cinzas, o teu corpo espiritual está liberto. Agora, vem o corte final. Queres deixar uma parte aqui para tomar conta da tua família e manter a tua memória? Anderle aguardou, enquanto sentia uma forte anuência. Sem dúvida que um eco daquele homem assombraria as pedras espalhadas daquele redil. Ela tinha esperança que um dia os seus descendentes o pudessem reconstruir. Está bem. Mas agora chamo a tua alma superior, o Eu que sobrevive a todas as mudanças. Face àquelas palavras, a imagem do homem tornou-se mais brilhante, metamorfoseando-se, a estrutura óssea alterou-se, as cicatrizes e os traços de preocupação desapareceram. Uma sucessão de rostos tremeluzia naquele semblante, combinando-se por fim numa imagem que estava para além da raça, da idade e do género e que, contudo, era única entre todas as almas. Este é o rosto que tinhas antes de nasceres. Parte para Oriente, Filho da Luz, para meditares no que aprendeste nesta vida e para que descanses até ser tempo de tomares novamente um corpo humano. Anderle sentiu o fluir do poder intensificar-se na direcção do Tor. Virou-se para lá, erguendo os seus braços espirituais e libertando aquele espírito brilhante rumo ao Oriente, que ficava para além dos círculos do

mundo.

Os Ti-Saharin haviam-na convocado para cumprir aquela tarefa, a sabedoria trazida da perdida Atlântida, com o intuito de aliviar a confusão natural inerente à passagem para o Outro Mundo e de apressar o espírito a sair dos círculos terrestres. Ali, tinham realizado um ritual de leito de morte para um indivíduo, realizado por um druida, mas as Irmãs Sagradas da Ilha dos Poderosos já reuniam os seus mortos quando as colheitas terminavam e as convocavam ao círculo de pedra. Algum antigo druida, ou, talvez, uma sacerdotisa de Avalon, fora inspirado para orientar a passagem dos mortos de todas as tribos de uma só vez. As tribos chamavam a deusa Achimaiek, a cuja guarda tinham entregue os seus mortos, mas era Ni-Terat, a Mãe Negra, que carregava as sementes no túmulo do seu útero durante o frio do Inverno, até ser novamente altura de renascermos, a quem Anderle invocava.

QUANDO SE SENTIU MAIS DESCONTRAÍDA, APÓS AQUELE PRIMEIRO ESFORÇO, OUVIU KAISA INVOCAR O PRÓXIMO ESPÍRITO.

- HILMI, FILHO DE KOUCELLA. CRIASTE TRÊS FILHOS PARA TUA DESCENDÊNCIA E MORRESTE DA DOENÇA DA TOSSE NO TEU QUADRAGÉSIMO QUINTO ANO DE VIDA.

- ABENÇOADA SEJA A VIDA QUE TIVESTE E ABENÇOADA SEJA A TUA PASSAGEM - RESPONDERAM AS OUTRAS VOZES, E ANDERLE RESPIROU NOVAMENTE FUNDO E PREPAROU-SE PARA RECEBER O HOMEM DO AI-UTU. O PRIMEIRO ESPÍRITO ERA SEMPRE O MAIS DIFÍCIL, MAS, A CADA CHAMAMENTO QUE SE SEGUIA, TORNAVA-SE MAIS NATURAL HABITAR AQUELE ESPAÇO ENTRE OS MUNDOS. UM APÓS OUTRO, AS SACERDOTISAS INVOCARAM OS ESPÍRITOS DOS QUE HAVIAM MORRIDO NOS ÚLTIMOS SETE

ANOS.

ANDERLE RECONHECEU A VOZ DE SAHHARIN, ROUCA DE DOR.

- KRIFA, FILHA DE BOUJEMA, MORRESTE QUANDO ESTAVAS GRÁVIDA DO TEU SEGUNDO FILHO.

AQUELA MULHER FORA MUITO BELA E ANDERLE APERCEBEU-SE DE UM MOMENTO DE TRISTEZA, LOGO SUPRIMIDO, POR UMA VIDA CEIFADA TÃO CEDO.

SHIZURET ERGUEU AS MÃOS.

- AMRUKHE, FILHO DE ABRANA, FOSTE MORTO POR GUERREIROS DE DALES AO DEFENDERES A TUA QUINTA.

APESAR DE SE ENCONTRAR NUM ESTADO APARTADO DAS COISAS TERRENAS, ANDERLE CONSEGUIU SENTIR UM ARREPIO FRIO NA ENERGIA DO CÍRCULO. CONTUDO, SABIA QUE ESTE NÃO SERIA O ÚNICO MORTO POR VIOLÊNCIA QUE SERIA CHAMADO. ERAM SEMPRE OS MAIS DIFÍCEIS DE ENVIAR PARA O OUTRO MUNDO. OS QUE MORRIAM DE VELHICE OU POR DOENÇA FICAVAM GERALMENTE CONTENTES POR SE VER LIVRES DA DOR. PORÉM, OS QUE TINHAM LUTADO TRAZIAM SENTIMENTOS DE VINGANÇA. AS PARTES ESPIRITUAIS QUE DEIXAVAM PARA TRÁS CONTINUAVAM ÁVIDAS DE GUERRA. MAS A PRINCIPAL EMOÇÃO DE AMRUKHE ERA UMA INFINITA TRISTEZA, QUASE TÃO DIFÍCIL DE SUPORTAR QUANTO O DESEJO DE GUERRA. REUNINDO FORÇAS PARA ABARCAR O SEU ESPÍRITO, ANDERLE TEVE A RECOMPENSA DE CONSEGUIR VER QUE A ESCURIDÃO QUE ENVOLVIA A ALMA DO HOMEM ACABOU POR DAR LUGAR A UMA ALEGRIA LUMINOSA. SUSPIROU, DEIXANDO-O LIBERTAR-SE, E À MEDIDA QUE A LUA IA PASSANDO AO SEU ZÉNITE, A LITANIA FOI PROSSEGUINDO.

LINNE INVOCOU: - MASSINE, FILHA DE IZORAN, MORRESTE COM SETENTA E SETE ANOS, DEIXANDO COMO DESCENDÊNCIA

SEIS NETOS E QUINZE BISNETOS.

O ESPÍRITO DE MASSINE ESTAVA MADURO E SERENO E JÁ IA QUASE A MEIO DA TRANSMUTAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO. ENQUANTO MASSINE SE PREPARAVA PARA A PASSAGEM, ANDERLE ENVOLVEU-A NO ABRAÇO DA SUA LUZ.

- ABENÇOADA SEJA A VIDA QUE TIVESTE E ABENÇOADA SEJA A TUA PASSAGEM.

- Kalinna, filha de Auris, morreste depois de teres sido violada por homens do Ai-Ushen.

Era a voz de Nuya, desta vez, que tremia de fúria. Anderle queria dizer-lhe que permanecesse calma - a sua dor manteria o espírito da pessoa preso à terra -, mas tinha a voz e o espírito mergulhados na realidade interior. Apenas sentia o fluir do poder que ligava O Que Está em Cima a O Que Está em Baixo, os membros presos, suspensa entre as direcções, entre os mundos. Apercebia-se vagamente da voz de Linne, tranquilizadora e reconfortante, e, a pouco e pouco, a imagem da mulher que fora violada tornou-se mais clara e seguiu em frente.

As energias que a rodeavam começaram a mudar. Conseguia sentir a Lua já baixa, a oriente, e o ar adquiria a humidade gélida da madrugada. Algures, um pássaro chilreou, feliz, depois fez-se silêncio. Porém, o elemento mais palpável era o vazio da esfera espiritual onde há pouco tantos espíritos se haviam agregado, em tropel. Apressa-te!, gritou o espírito de Anderle. Em breve será dia! Fez-se uma pausa. Depois Sahharin falou: - Barkhet, filho de Eilin, morreste de frio e de fome enquanto a tua mãe te chorava, tinhas apenas cinco anos...

Anderle dirigiu-se ao pequeno espírito, que se sentia demasiado intrigado com o local estranho onde se encontrava. Vem, pequenino, para onde te sentirás quente e serás bem alimentado, onde estarás sequinho. Não tiveste tempo para aprender muito desta vez.

Vem, agora, é hora. Como se fosse o seu próprio filho, pegou no menino e fê-lo rodopiar, libertando-o como se solta uma avezinha cativa em direcção aos céus.

- Abençoada seja a vida que tiveste e abençoada seja a tua passagem - cantou a sacerdotisa, e, nesse momento, a luz do além mesclou-se com a luz deste mundo, enquanto o Sol, acabado de nascer, despontava a oriente.

À medida que a escuridão dava lugar ao dia, Anderle viu a sombra do manto de uma figura poderosa, a própria Bruxa, surgir em toda a sua beleza aterrorizante, reunindo os espíritos por ali espalhados e guiando-os para fora daquele mundo. Por instantes, a Mulher olhou para Anderle, de olhos húmidos de amor e tristeza.

Não chores por aqueles que partiram. Poderás lamentar que eu os tenha tomado à minha guarda, sabendo que, a seu tempo, renascerão? Contudo, Anderle não conseguia esquecer as palavras que as sacerdotisas haviam utilizado para chorar os seus mortos. Fosse qual fosse a razão por que tinham vindo a este mundo, a sua missão ficara incompleta.

Perdoa a minha tristeza. Vejo apenas o tempo que me foi dado. Tu vês a eternidade, replicou, recordando-se de Imana e de Durrin. Salvava Mikansor. era verdade, mas quem poderia dizer se ele viveria até se tornar

adulto? Quando a luz plena do dia inundou o círculo de pedra, as outras forças que ali se tinham reunido começaram a regressar à terra. Com elas, desvaneceu-se a energia que sustivera Anderle. A imagem da Deusa partiu, num fulgor resplandecente. Houve um momento em que a realidade interior e a realidade exterior entraram num redemoinho louco e, de seguida, Anderle afundou-se num estado irreal, como se não tivesse ossos a sustentá-la. Sentiu a erva húmida sob si, enquanto os braços de Linne a apoiavam, e não deu por mais nada.

Pica-Pau agitou-se, desconfortável, no banco de madeira, pensando se não seria melhor enrolar o manto como se fosse uma almofada, para que se tornasse mais fácil assistir à lição sentado sobre o seu traseiro magro. Ficara muito entusiasmado quando soubera que ele e o irmão mais novo se iriam juntar a mais uma dezena de crianças em Avalon para realizarem os seus estudos, mas, hoje, o dia lindo e o Sol a brilhar faziam-no sentir saudades da liberdade de que gozava nos pântanos. Não era o único a sentir-se preso por ter de ficar sentado numa sala de pedra, num dia quente de Verão.

- Peço desculpa, se vos aborreço - pediu Larel, quando Rouikhed conteve um bocejo. Era um rapaz alto, de nariz grande, oriundo de Dales, e o grande rival de Pica-Pau na liderança dos jogos infantis.

- Perdão, mestre, não dormi bem a noite passada - justificou-se o rapaz.

- Ninguém dorme bem! - queixou-se Vole, outro rapazito da Aldeia do Lago. - Ele acorda-nos aos gritos! - Tiveste um pesadelo? - perguntou Larel, franzindo o sobrolho. - É verdade que as crianças têm muitas vezes

sonhos maus, mas, por vezes, esses sonhos têm um fundo de verdade.

- Acho que sim - o rapaz inclinou a cabeça -, sonhei outra vez com a inundação que destruiu a quinta da minha família. Cada vez que sonho com isso, estou a tentar arranjar uma nova maneira de os salvar, mas nunca dá resultado, e, ao acordar, é como se os tivesse perdido a todos novamente.

- Compreendo - disse Larel com doçura. - Sei que de pouco vale dizer-te que não podias ter feito mais nada por eles, a não ser morreres também. Mas acredito que te salvaste por uma razão, e, quando encontrares a tua missão na vida, essas recordações desvanecer-se-ão.

- Eu sei, mas - o rapaz olhou para cima subitamente - este sonho foi diferente. Eu estava na colina, a observar, e vi as águas espalharem-se até cobrirem tudo completamente. Não era apenas a minha casa; o mundo inteiro estava a desaparecer.

As crianças soltaram um murmúrio e Pica-Pau interrogou-se sobre quantas delas teriam tido aquele sonho.

- Que poderemos fazer? - perguntou Rouikhed num tom lamentoso. - Será que todas as coisas que conhecemos e amamos irão desaparecer? Por instantes, Pica-Pau descortinou uma expressão de pânico no rosto de Larel - teria também ele receio da destruição, ou era apenas a perspectiva de ter de lidar com uma sala cheia de crianças histéricas? Depois, o jovem druida retomou o autocontrolo.

- Pensam que somos os primeiros a enfrentar uma calamidade? - indagou com um ar severo. Apontou para uma imagem, cujas cores haviam esmaecido com os anos,

que adornava a parede de gesso. - Já alguma vez olharam com atenção para esta imagem? Observem-na agora! O que vêem? Dezenas de pares de olhos viraram-se com obediência para a parede.

- Sempre pensei que era uma montanha - alvitrou Tiri, por fim. - Com uma espécie de nuvem no cimo.

- E mais nuvens à volta - acrescentou Vole.

- Acho que se parecem com nuvens - suspirou Larel.
- A imagem era mais clara quando ouvi contar a história, mas a humidade estragou-a. Ouçam bem, foi assim que me explicaram esta imagem. Aquela montanha - levantou-se e delineou a forma - chamava-se Montanha da Estrela e erguia-se no centro de Ahtarrath, uma ilha num distante mar do sul. O que vêem por cima não é uma nuvem, mas cinzas e fogo, e o que está à volta são as águas revoltas do mar.

- Não se parece muito com isso - contrariou Tiri com um ar ausente.

- Que queres dizer? - Na voz do sacerdote despontava a curiosidade.

Tiri olhou para cima, subitamente confusa, piscou os olhos, corou e voltou a corar.

- Não sei! - exclamou. - Parece-me errado, é isso.

- Como pode uma montanha ter fogo? - perguntou Pica-Pau rapidamente. - A floresta ardeu? - Pelo que a história conta, ardeu tudo. Mas naquelas terras, o fogo habita no interior da terra e a montanha explodiu a partir de dentro. Quem conseguiu chegar aos barcos, fugiu e procurou abrigo noutras terras.

- Como esta terra! - Tirilan sorriu novamente. - A minha mãe contou-me essa história quando eu era pequenina.

- Precisamente. Haviam perdido tudo e tiveram de recomeçar a vida numa nova terra. Mas sobreviveram e trouxeram a sabedoria que possuíam para Avalon, misturando o seu sangue e a sua magia com os das Sete Tribos.

- Mas nunca conseguiremos igualar os seus milagres - afirmou Ganath com nostalgia. - Nem sequer conseguimos restaurar a glória do nosso próprio povo. Antigamente, dizia-se que os reis do Ai-Zir organizavam exércitos com homens que conseguiam mover as grandes pedras e todos bebiam por taças de ouro trabalhadas.

- No entanto - proferiu Larel com firmeza -, são nossos antepassados.

Se fizermos tudo o que pudermos para preservar a verdade que nos foi confiada, não acredito que os deuses permitam que as nossas tradições se percam completamente. - Larel concluiu a frase num tom timbrado e Rouikhed esboçou um sorriso.

- Mas ele não diz se sobreviveremos todos - sussurrou Grebe.

- Eu sei - murmurou Pica-Pau, mas estava determinado a sobreviver, acontecesse o que acontecesse, e a fazer os possíveis para que Tiri, Grebe e todos de quem gostava sobrevivessem também.

- Acham que viver se resume a uma vida? - desafiou-os o sacerdote a responder.

- Que importância tem quantas vidas poderemos ter tido, se não nos lembramos de quem fomos e do que fizemos antes? - queixou-se Analina, que viera das terras do Ai-Utu, e que se achava muito avançada por ter ajudado o pai a fazer comércio com mercadores, vindos de Tartesso, para comprar estanho em Belerion.

- A minha mãe diz que uma sacerdotisa bem treinada consegue ajudar a alma a recordar-se de quem verdadeiramente é quando inicia a viagem para o Outro Mundo - adiantou Tiri. - Foi isso que ela foi fazer ao círculo de pedra, no Outono passado.

Ganath, que, tal como Tiri, era filho de uma sacerdotisa, concordou.

- A minha mãe disse-me que, quando vivemos, só nos recordamos das outras vidas quando realmente precisamos de saber qualquer coisa que aprendemos numa vida anterior.

- Ganath era normalmente um rapazinho alegre, possuía uma voz clara e bonita e pensava vir um dia a ser cantor. - Por vezes, penso que me lembro - proferiu Vole lentamente. - Para vocês é diferente, viveram aqui toda a vida e ouviram muita coisa, por isso, é natural que falem sobre esse assunto. Mas algumas coisas aprendi aqui, é como se me lembrasse de algo que já sabia antes.

Pica-Pau fez uma careta, recordando-se de como fizera eco das palavras de Tiri na Língua Antiga, na Ilha do Deus Selvagem. Teria ele sido um sacerdote de Avalon e aprendido aquelas palavras outrora? Além disso, surgira depois a Palavra que banira os poderes maléficos.

Anderle e os outros tinham-lhe feito um número infinito de perguntas, mas ele nem sequer se conseguira recordar de como a palavra soara quanto mais do que significava.

Embora não o tivesse admitido aos outros rapazes, se tivesse tido uma outra vida, tinha a certeza absoluta de que aí conhecera Tirilan. Apesar de se ter esquecido da Palavra que desencadeara o trovão, tinha ainda presente o calor suave da mão dela na sua.

SEIS

Pica-Pau fintou o sacerdote com o seu bastão e sentiu a vibração do choque ao longo de todo o braço quando Larel o bloqueou. O bastão era uma arma de sacerdote, mas o rapaz aprendera a respeitar as feridas que poderia infligir, quando manejado por mão hábeis. Agachou-se, resvalando um pouco no chão ainda escorregadio das últimas chuvas, e recuperou o equilíbrio numa reviravolta ágil sob o olhar vigilante do jovem sacerdote.

As ovelhas, ao pastarem, mantinham a erva rente ao chão no campo que se situava abaixo do complexo de edificações a que ele se habituara a chamar casa. Os aprendizes mais jovens faziam ali exercício, todos os dias, antes da refeição do meio-dia.

Nos três anos em que vivera no Tor, o rapaz aprendera muitas coisas.

Este exercício era um dos seus favoritos, embora tivesse preferido ter em vez do bastão uma lança ou uma espada nas mãos. A Senhora de Avalon dissera que aqueles que aperfeiçoassem o dom espiritual que possuíam não precisavam de armas físicas, mas a sua magia não bastara para salvar o pai de Tirilan.

Pressentiu o bastão do sacerdote rodopiando na sua direcção e deu um salto atrás para o desviar, transferindo a energia do impacto para a sua própria reviravolta, enquanto manejava a arma para cima e para baixo, com o intuito de se colocar ao lado de Larel. No último instante, tentou aparar o golpe, mas o choque com Larel causou-lhe dor, embora não tão intensa quanto a do jovem sacerdote, que recuou, sufocando um grito.

- Deusa! Acho que me partiste uma costela! - O sacerdote fez um trejeito de dor ao cair sobre si, para um dos lados.

- Desculpa, Larel. - Pica-Pau fingiu-se envergonhado, quando, no fundo, o coração lhe palpitava triunfante. Fora o melhor golpe que aparara.

- Não esperava atingir-te. Pelo menos, não com tanta força.

- Acho que me devo orgulhar dos meus ensinamentos, já que não o posso fazer das minhas capacidades - disse Larel, pesaroso. - Ai - gemeu novamente ao baixar-se para apanhar o bastão. - É melhor pedir a Kiri para me tratar e ligar isto. Mesmo que não ajude a curar depressa, servirá para me lembrar que devo ter cautela ao mover-me.

O nevoeiro pairava ainda sobre o Lago, lançando um véu fantasmagórico através das árvores, mas, à medida que o Sol se erguia no horizonte, parecia que uma chama ardente espreitava por entre as nuvens. Pica-Pau ruborizou ao dar por um raio de sol brilhando subitamente no cabelo lindo de Tiri. Há quanto tempo estaria ela a observá-lo? - Queres que o castigue por ti? - perguntou ela, quando Larel passou, coxeando.

- Como se tu pudesses! - resmungou Pica-Pau, e os outros rapazes riram-se.

Tirilan avançou para o fitar nos olhos. No ano que passara crescera tanto que estava quase tão alta como ele, graciosa como um cisne, e forte.

- O que vais fazer? Lançar-me um feitiço? -
Claro que não - proferiu ela, de olhos bem abertos -,
isso seria desperdiçar os meus poderes. Mas sei onde
dormes - o riso estragou a sua tentativa de emprestar
à voz um tom agourento. - Cobras? Aranhas? O que há-de
ser? Pelo olhar de Pica-Pau perpassou um clarão.
Eram os rapazes que, em princípio, deveriam fazer
aquele género de coisas às raparigas, para que estas
desatassem aos gritinhos. Porém, Tirilan não temia
nenhum ser vivo.

- Quando ficas assim pareces exactamente um faisão
com as penas todas eriçadas - disse a menina num tom
zombeteiro.

Pica-Pau sentiu o rosto a arder de fúria, mas não
conseguiu pensar em nenhuma resposta. Voltou-lhe as
costas e desafiou Rouikhed para outra peleja com os
arcos. Ouviu Tiri continuar a rir com as outras
raparigas, enquanto se afastavam.

A outra vez em que Pica-Pau viu Tiri estava esta a
arrancar ervas daninhas no jardim, que se situava numa
área do salão de jantar, onde Ellet tentava cultivar
algumas das ervas que usavam para curar. Quando se
apercebeu de que era ela, hesitou, mas Tiri já
avançava na sua direcção de mão estendida. Chovera
nessa manhã e tinha uma mancha de lama no nariz.

- Por favor, não te vás embora. Peço desculpa por
ter gozado contigo esta manhã, mas estavas mesmo com
um ar engraçado, ali especado, e eu sentia-me furiosa
por teres magoado Larel.

- GOSTAS DELE? - PICA-PAU PERGUNTOU-SE POR QUE RAZÃO
AQUELE PENSAMENTO O PERTURBARIA. OLHOU FIXAMENTE PARA
O CANTEIRO DE FLORES DE CAMOMILA, EVITANDO O OLHAR DA

RAPARIGA. NO OUTRO CANTEIRO HAVIAM PLANTADO SUNWORT E, POR TRÁS DESTES, MACIÇOS DE MILEFÓLIO. AS ABELHAS ZUMBIAM ALEGREMENTE ESVOAÇANDO DE FLOR EM FLOR.

- CLARO QUE GOSTO - COMEÇOU POR DIZER, DEPOIS RIU-SE.
- MAS NÃO TENHO NENHUMA PAIXÃO POR ELE, SE É A ISSO QUE TE REFERES! ERA A ISSO, MAS ELE NÃO O IRIA ADMITIR.

- CLARO QUE NÃO - DECLAROU ELE, IMITANDO CUIDADOSAMENTE O DIALECTO :DO TOR. - ÉS DEMASIADO NOVINHA PARA PENSARES NESSAS COISAS! - TENHO A MESMA IDADE QUE TU! - RETORQUIU TIRI.

- NÃO, NÃO TENS. EU TENHO TREZE ANOS E TU ÉS MAIS NOVA QUE EU - REPLICOU, PEREMPTÓRIO, EMBORA NÃO PUDESSE NEGAR QUE, NOS ÚLTIMOS MESES, SE TINHAM OPERADO MUDANÇAS NELA. NOTAVAM-SE DOIS PEQUENOS ALTOS NO PEITO, SOB O VESTIDO DE LÃ CRUA.

- A SÉRIO? - PERGUNTOU ELA DOCEMENTE. - OUVI A MINHA MÃE DIZER QUE QUANDO EU NASCI TU TINHAS TRÊS MESES E QUE O TEU CABELO ERA RUIVO! NUM REFLEXO AUTOMÁTICO, ELE PASSOU A MÃO PELO CABELO CORTADO RENTE.

DESDE QUE VIERA PARA AVALON TINHAM DEIXADO DE LHE COLOCAR REMÉDIOS NO CABELO TODOS OS MESES. QUANDO O DEIXARA CRESCER, APARECEU-LHE UMA BASTA CABELEIRA ENCARACOLADA E CASTANHO-ARRUIVADA.

- NÃO HÁ NADA DE ERRADO NO MEU CABELO. - UMA ABELHA ZUMBIU JUNTO DELE E PICA-PAU AFASTOU-A COM A MÃO.

- EU SEI - TIRI PARECIA PERTURBADA -, NÃO FAZ MAL, FOI UMA COISA QUE OUVI A MINHA MÃE DIZER À VELHA KIRI, UM DIA.

PICA-PAU PESTANEJOU, DEPOIS AGARROU-LHE A MÃO AO VÊ-LA AFASTAR-SE.

- TIRILAN! NÃO PODES DIZER UMA COISA DESSAS E DEPOIS NÃO CONTINUARES A CONVERSA! QUE MAIS TE CONTOU ELA? TIRI OLHOU PARA ELE E DEPOIS PARA A MÃO QUE O RAPAZ POUSARA NO SEU BRAÇO, ATÉ QUE ELE, CORANDO, A LARGOU.

ELA FRANZIU O CENHO, PENSATIVA.

- NÃO PERCEBI. ELA DISSE QUE TINHAM DE TE TINGIR O CABELO PORQUE TINHAS UM ASPECTO COMPLETAMENTE DIFERENTE DOS OUTROS BEBÉS. OS TEUS INIMIGOS TER-TE-
IAM ENCONTRADO SE NÃO TE TIVESSEM DISFARÇADO.

ENTÃO O REMÉDIO QUE REDFEM USARA ERA UMA TINTA?
DURANTE ALGUNS MOMENTOS, PICA-PAU SÓ CONSEGUIU FITÁ-LA.

- DEVES TER COMPREENDIDO MAL - PROFERIU, POR FIM. - O MEU PAI NEM SEQUER É CHEFE DA ALDEIA. COMO PODERIA EU TER INIMIGOS? - Talvez tenhas - disse ela, com uma voz suave. - Não faz sentido nenhum, pois não? Embora... tu não te pareças muito com o Grebe...

- Há muitas pessoas que não são parecidas com a família que têm. Tu não és nada parecida com a tua mãe.

- Sim, mas... oh, não lrigues. Não te devia ter dito nada. A Kiri está sempre a dizer que as pessoas que escutam atrás das portas acabam por nunca ouvir nada de bom sobre si mesmas ou sobre qualquer outra pessoa, acho eu.

Os olhos dele cintilaram subitamente e ele percebeu que Tiri estava à beira das lágrimas.

- Está bem - proferiu ele, bruscamente. - Não faz mal.

Porém, ambos sabiam que mentia.

Anderle fazia questão de passar algum tempo com a filha todos os dias. Talvez por ter perdido a mãe muito cedo idealizara aquela relação, mas estava determinada a não deixar a filha inteiramente ao cuidado daqueles que a pudessem tratar com demasiada reverência, por causa do seu parentesco, ou, pela mesma razão, ter ressentimento dela. Assim, excepto quando havia algum ritual à noite, à hora em que os sacerdotes e as sacerdotisas tomavam a sua refeição comunal, sentava-se ao pé de Tirilan na pequena sala que reclamara para si, ao lado do salão de refeições.

Estavam agora sentadas junto a uma pequena lareira, com as mãos atarefadas num trabalho de agulhas. Tirilan herdara os dedos habilidosos da mãe e, quando não tinha vestes cerimoniais para bordar, havia sempre alguém que precisava de um remendo na roupa. Esta noite, Tiri dava um jeito em três rasgões num tecido de lã cinzenta e informe. Anderle sorria levemente, enquanto apreciava a figura da menina contra a luz das chamas, que lhe faziam brilhar o cabelo. Era ainda uma criança, mas crescia depressa, e, de quando em vez, podia adivinhar-se a jovem mulher, alta e de traços finos, em que esta converteria.

- Em que estás a trabalhar? - perguntou, apontando com a agulha em osso, com a qual fazia uma bainha num tecido de linho.

- Na túnica de Pica-Pau. - Tiri estendeu o trabalho para que a mãe visse. Já fora remendada em vários

sítios e ainda precisava de mais arranjos. - Quem me dera que ele não estragasse tanto a roupa. Se me entregasse antes de estar tão estragada, talvez durasse muito mais tempo.

- Não precisas de remendar as túnicas dos rapazes - objectou Anderle.

- Eu sei, só o faço para o Pica-Pau. Acho que também me devo habituar a isso, espero casar com ele um dia.

- Ele tem andado a aborrecer-te? - inquiriu Anderle, subitamente alarmada. Entre todos os problemas que previra ao preparar o rapaz para assumir o seu lugar no mundo, este escapara-lhe completamente. E para dizer verdade, o moço estava naquela idade estranha, era só altura, movimentos desconjuntados, e não parecia nada atraente.

- Eu achá-lo-ia demasiado jovem, mas...

- O Pica-Pau? Claro que não... olha para mim como se eu não valesse nada. - Olhou para a túnica do rapaz com um sorriso misterioso. - Quando chegar a altura, ter-lhe-ei de dizer! Anderle abanou a cabeça.

- Isso não será necessário. Poderás tê-lo como amante nos rituais, mas as sacerdotisas não casam.

- E se eu não me tornar sacerdotisa? - disse a menina em tom de desafio.

- Que disparate! - exclamou a mãe. - Nasceste sacerdotisa, está-te no sangue. Se não tivesses o dom, as coisas seriam diferentes, mas tenho sentido que a tua energia tem vindo a aumentar durante os rituais.

Não podes negar que sentes o poder. O potencial está lá. O teu treino formal começará em breve.

- O Pica-Pau também possui esse potencial. Farás dele sacerdote também? Anderle parou subitamente, fitando a filha.

- O Pica-Pau terá de seguir outro caminho. - O tempo estava a passar tão depressa! Em breve, supunha, teria de encontrar um modo de lhe falar sobre o seu destino.

- E eu? - Tirilan ficara muito quieta.

- Tu serás a Senhora de Avalon, a seguir a mim.

- Assim, dessa maneira? - perguntou a menina. - O conselho de druidas escolher-me-á apenas porque tu assim o desejaste? Poderás ser a Senhora de Avalon, mas não és a rainha do mundo! Não te vejo a ter muito sucesso no que respeita a parar as chuvas ou a impedir que as tribos guerreiem entre si. Acho que o mundo tem outros planos e eu também! - Não fazes ideia do que estás a dizer! - exclamou Anderle, picada por uma fúria invulgar, pois uma grande parte do que a menina dissera era verdade. - És uma criança que sonha brincar às casinhas. Já viste como vivem essas mulheres que com tanto orgulho se intitulam esposas? A minha prima Imana era casada com o rei do Ai-Zir e até ela... - Anderle parou abruptamente, apercebendo-se de que quase lhe ia revelando toda a história. Um dia, Tirilan teria de saber, mas não agora, quando tinha a cabeça cheia de fantasias tontas em relação ao rapaz. - Não importa. - Com esforço, voltou a conferir à voz um tom calmo. - Por ora és uma criança e ele também. O tempo das escolhas ainda vem longe.

A comunidade que vivia em Avalon empenhara-se muito em oferecer uma boa formação às crianças que lhes haviam sido confiadas. Além da genealogia de cada uma delas, ensinaram-lhes a história e os grandes feitos realizados por cada uma das tribos a que pertenciam. Aprenderam a ter orgulho nas façanhas perpetradas por aqueles que haviam erguido as sepulturas e os círculos de pedra e a sentir e a lidar com o poder que esses monumentos canalizavam através da terra. Aprenderam os nomes e as histórias dos deuses e dos espíritos venerados em cada uma das regiões, a calcular a viragem das estações através do movimento do Sol e das estrelas, assim como os rituais que compunham cada festividade. Mas o tempo andava muito mudado, e os rituais já não pareciam coincidir tão acertadamente com as datas como no passado. Os estudantes aprendiam a ciência tradicional das ervas, adivinhação e meditação e, a não ser que esse trabalho mental os enfraquecesse, aprendiam também a combater com os bastões, a remar e a nadar.

Após a perturbadora conversa com a filha, Anderle manteve-se durante algum tempo mais atenta do que nunca aos estudantes. Porém, sonhasse o que sonhasse Tirilan, parecia não existir mais do que uma relação de amizade entre Pica-Pau e a menina, e a sacerdotisa começou a pensar que tudo aquilo não passara, ao fim e ao cabo, de um entusiasmo de criança. Contudo, estava cada vez mais preocupada com o rapaz. Ele, sempre desejoso de participar nas aulas, respondia agora por monossílabos, e isto caso se dignasse a responder. Costumava ser o líder em todos os jogos, mas actualmente participava nos mesmos sem entusiasmo. Perdia-se em passeios demasiado longos e frequentemente calava-se com um ar taciturno.

- É da idade - dizia Belkacem. - Os rapazes têm

destas fases, mas isto passará. - Porém, Larel, que se recordava com mais clareza do seu tempo de adolescente, não tinha tanta certeza assim.

- Há qualquer coisa que o preocupa - disse-lhe ele, um dia, quase no final do Verão. - Até os amigos repararam. Mas não consigo que me conte nada.

Seja da idade ou algo mais profundo, ele está a crescer, pensou Anderle enquanto o observava sentado entre o círculo de crianças que escutava Belkacem a dar uma lição de história sobre Avalon. Se ele deve defrontar Galid e governar o Ai-Zir, há coisas que precisa de saber. Apesar do mau-humor com que andava, Pica-Pau crescera durante o Verão. Estava novamente mais alto do que Tirilan. O cabelo perdera o tom claro que tinha em bebé, mas, quando se sentava, de cabeça inclinada, pensativo, com os braços apertados em redor dos joelhos, o sol arrancava-lhe fulgores aos caracóis fogueiros de um ruivo acastanhado.

- Todos sabem que a nossa comunidade surgiu da fusão de dois povos - dizia Belkacem -, as tribos ancestrais destas terras e os homens e mulheres que aqui chegaram, oriundos das terras perdidas do outro lado do mar. Conta-se que um deles era não só sacerdote mas também príncipe de uma ilha chamada Ahtarrath e herdeiro de uma linhagem de cem reis. Micaíl era o líder desse grupo, cujos cânticos ergueram neste lugar as pedras do Grande Círculo, e foi o marido da primeira senhora de Avalon.

Se existisse um homem dessa estatura entre nós, talvez reconsiderasse a minha posição face ao casamento, pensou Anderle, com ironia. Durrin fora um cantor maravilhoso e um homem encantador, mas ela pensara muitas vezes se o seu amor por ele teria de

facto durado, quando ela tivesse assumido o seu poder. A verdade é que preciso de um homem cuja força se iguale à minha. Porém, como líder da sua comunidade, devia ser a senhora suprema e, apesar de uma Senhora poder deitar-se com um rei tribal durante um ritual, esse papel era geralmente desempenhado pela grã-sacerdotisa da tribo que esse rei governava. Tomar como parceiro permanente um homem de uma das tribos perturbaria o equilíbrio do poder. Haveria sempre uma Morgana para servir como Senhora de Avalon, mas uma alma digna do título de Merlin aparecia raramente entre eles.

E assim, concluiu, com um suspiro, parece que estou destinada a deitar-me num leito vazio. No fundo, na maioria das vezes não se arrependia. Nenhum homem fizera o seu coração bater mais depressa desde que Durrin morrera. Era apenas em dias como aquele, quando o sol irrompia por entre as nuvens e cada folha e ervinha pareciam estremecer na terra, pujantes de vida, que se lembrava de que era mulher e de que continuava jovem e sozinha.

Belkacem parecia estar quase a concluir a lição. Anderle saiu de debaixo da sombra da bétula onde estivera a observar o grupo e começou a descer a colina.

- Senhora! - chamou o velho sacerdote, enquanto as crianças reunidas para o escutar faziam o sinal de reverência e se afastavam para o lado.

- Onde estavas quando eu lhe fazia perguntas? Estão a ir muito bem, muito bem mesmo. Tão bem que julgo que podemos atribuir a alguns deles um papel na cerimónia das Colheitas.

- Sim, sim, devemos fazê-lo - respondeu Anderle, observando Pica-Pau, que dissera qualquer coisa a Grebe, franzindo o sobrolho, e que depois começara a subir um dos socalcos do Tor. Distraiu-se um pouco e, de repente, já o rapaz desaparecera por entre o emaranhado de carvalhos e silvas que rodeavam o sopé da colina.

Anderle estacou uns instantes numa zona a oeste das pedras que coroavam o monte do Tor e retomou o fôlego. Mantivera propositadamente um passo moderado, pois ir ao encontro do rapaz despenteada pelo vento e a suar seria pouco dignificante. Contudo, Pica-Pau já ia praticamente a meio do monte. Caminhava de cabeça baixa, parando de vez em quando para observar alguma pedra, ou desviando-se de uma flor. Por vezes, arredava caminho e seguia pelo trilho que os primeiros sacerdotes haviam escavado pela encosta do monte, mas depois recuperava forças e prosseguia novamente em frente.

Sorriu ligeiramente ao olhar para a ladeira de erva verdejante. Descera tudo aquilo, desde o cume, um dia, quando era criança. Kiri dera-lhe várias palmadas no rabo até sentir tanta dor quanto a que lhe provocara os tombos que dera na descida, mas valera a pena. Recordava-se ainda do entusiasmo vertiginoso que sentira quando perdera o sentido de orientação, mergulhando num redemoinho de sensações, como se estivesse prestes a revolutear em carne e osso para o interior do Outro Mundo. Fora isso que desejara. Dizia-se que, a partir do Tor, se podia passar à dimensão do outro reino que existia acima deste mundo terreno, como se fosse um véu, pairando, invisível, sobre os homens.

Agora, claro, sabia como alterar a sua consciência

entre as dimensões, como fizera no círculo de pedra ao executar a sua função de parteira das almas. Deveria ser bom caminhar com o seu próprio corpo nesse reino, onde não havia Sol nem Lua, mas uma espécie de crepúsculo luminoso e perpétuo, e ir ao encontro da rainha sem idade que aí reinava.

A sua sombra alongava-se à medida que o sol se afundava no amontoado de nuvens que habitualmente se formava sobre o mar. A luz do astro-rei brilhava sobre o cabelo arruivado de Pica-Pau, enquanto prosseguia o caminho ladeando a colina.

- Havemos de nos encontrar - disse ela, baixinho. Ele contemplava a paisagem em seu redor e esboçou uma reverência, que foi diminuindo de intensidade à medida que ajustava a visão e se apercebia de que Anderle caminhava na sua direcção.

- Sei quem esperavas, mas não é ela. Eu sou a Senhora de Avalon e estás ao meu cuidado. Pica-Pau, todos nós já constatámos que andas preocupado. O que se passa, meu filho? Estamos completamente sós. Aqui podes falar à vontade comigo.

- Chamais-me Pica-Pau - desabafou o rapaz. - Quem me deu esse nome? E quando? Quem sou eu? Ele sabe!, pensou Anderle, com o espírito rodopiando, tentando imaginar como. Ter-lhe-ia alguém contado a profecia que dizia que o filho de Uldan voltaria para salvar o seu povo? - Alguém te disse que tens outro nome? - perguntou ela, procurando ganhar tempo para que o seu coração parasse de bater tão apressadamente e, como um eco, ouviu: Sei o nome que tiveste antes de teres nascido! A frase dos Mistérios. Afinal, não seria o objectivo da nossa vida a manifestação dessa identidade primordial? - Não era preciso alguém dizer-

me - respondeu ele rapidamente, mas no seu rosto ruborizado demonstrou a Anderle que houvera alguma coisa que o fizera enveredar por esse caminho. - Não sei se terei outro nome, mas basta-me olhar para o espelho do lago para ver que não sou filho da Aldeia. Deveríeis ter-me chamado "Cuco" - acrescentou amargamente. - Onde haveis encontrado o pintainho que depusestes no ninho de Redfem? Anderle suspirou. Pelo menos poderia deixar de pensar numa maneira de contar ao rapaz o que sabia sobre os seus antepassados. Devia pedir-lhe que se sentasse, mas não estava certa se ele não cairia ao dobrar-se.

- Creio que te deveríamos ter contado antes, mas, tens de compreender, és ainda uma criança. Pensámos que não entenderias.

Pois tentai explicar-me, dizia o olhar interrogador que a fitava e, por um instante, uma alma muito mais velha surgiu no fulgor do olhar profundo do rapaz.

- Tens outro nome - proferiu a sacerdotisa. - Chamas-te Mikantor.

Ele pestanejou, tentando perceber o que ela dizia.

- Esse nome não pertence às Tribos - disse ele por fim.

- A tua mãe era minha prima e chamava-se Imana. Como eu, provinha da linhagem sagrada de Avalon, que remonta ao Povo da Sabedoria, que cá chegou vindo do outro lado do mar.

- Nesse caso, por que razão tivestes de fingir que eu era uma criança do Lago? - indagou. - Porquê? - Parou um pouco, fitando-a. - A Senhora Imana era

casada com o rei do Ai-Zir - proferiu o rapaz, lentamente. - Ouvi essa história. O rei morreu quando Galid abriu os portões aos do Ai-Ushen, e a rainha morreu queimada com o filho de ambos.

- Assim se conta a história - concordou Anderle -, mas eu consegui fazer-te de lá. Galid sabe que sobreviveste, mas não o que te aconteceu depois.

- Então foi por causa dele que os meus pais morreram...

O que teria o rapaz ouvido dizer, pensava ela.

- É verdade, por isso temos de te manter escondido, enquanto pudermos. - Mas não será por muito tempo, pensou ela, vendo já insinuarem-se por entre as feições suaves da infância os traços fortes que viria a ter quando homem. Embora tivessem sido refinadas ao misturarem-se com o sangue de Avalon, ele acabaria por vir a parecer-se com o velho Uldan.

- Também não importa que o saibas só agora. Há coisas que precisas aprender se o vieres a derrotar. A tua prima Cimara não tem irmãos. Como primo dela, tens pleno direito a ser o líder do Ai-Zir.

- E se não for isso que eu quero fazer? - inquiriu o rapaz num tom revoltado. - Parece-me que vós já haveis decidido livremente sobre o meu próprio destino.

- És o filho de Mil e Um Reis! - gritou ela, irritada. - Azan é apenas o começo. Em tempos vindouros será necessário um Defensor para liderar todas as tribos. Os deuses atormentaram-me com visões até eu decidir ir ao Ai-Ylir para te salvar. Foram os

deuses que te concederam um destino de herói. Tudo o que tenho feito desde esse momento tem sido garantir que te mantinhas vivo até teres idade suficiente para o cumprires! Viu que o rapaz retrocedia, e respirou fundo, esforçando-se por se acalmar. Ele não podia imaginar o que ela sofrera durante aquela viagem. Devia ser duro para ele assimilar os factos - era ainda demasiado cedo para esperar que lhe ficasse grato.

- Estás espantado com tudo isto - disse ela - e tens razão. Vou deixar-te só para pensares sobre tudo isto. Estás dispensado das aulas para o resto do dia.

Pica-Pau abriu os olhos e viu um crepúsculo enevoadado. Estava encostado contra algo duro. A uma dúzia de passos deparou com uma pedra erguida, com cerca de metade do seu tamanho, que parecia emitir um brilho a partir do interior. Havia mais pedras em redor. Era o círculo de pedra que existia no cimo do Tor.

Recordava-se de ter subido a colina e de ter falado com a Senhora Anderle; depois, ela fora-se embora e ele sentara-se, porque as pernas já não conseguiam mantê-lo de pé. Surgiram-lhe imagens desse encontro, obscuras e confusas, como as de um sonho. Uma vez mais escutou as palavras da Senhora de Avalon chamando-lhe Filho de Mil e Um Reis. Certamente que aquela recordação provinha de um sonho. Talvez ainda continuasse a sonhar. O cume do Tor era sempre algo estranho, mas o que via não se parecia em nada com o mundo que conhecia.

Pôs-se em pé. O Vale de Avalon erguia-se perante ele, uma variegada e maravilhosa tapeçaria de pântanos, prados e bosques que, tal como as pedras a" redor,

pareciam possuir uma luz interior. Conseguia ver claramente as Sete ilhas Sagradas, apesar de, àquela distância, parecerem apenas colinas verdes radiantes numa paisagem cuja proporção de terra e água era muito maior do que aquela de que se recordava.

Quanto tempo dormira? Não via o Sol, mas talvez se tivesse posto há pouco, pois o céu vibrava com aquela radiância suave que guardava a memória da luz. Porém, ao virar-se, sentiu um arrepio, pois a luz, tanto a oriente como a ocidente, era a mesma. Ouvira histórias sobre gente que vagueara, perdida pela Terra Escondida, e que, quando voltara, constataria que todos os que haviam amado há muito tinham morrido, e eles próprios não eram mais do que uma memória distante.

Nunca deveria ter adormecido no interior do círculo. Deveria... - voltou-se novamente e soltou um suspiro, pois a Senhora Que Brilha encontrava-se ali. Conteve o riso ao aperceber-se de há muito tempo pensava nela com aquele nome. Depois, a Senhora sorriu-lhe, e ele compreendeu que, apesar de ela ser de baixa estatura, de ter o cabelo escuro e ser linda, em nada se assemelhava à Senhora de Avalon.

- Sê bem-vindo ao meu país, filho da antiga linhagem.
- A voz dela parecia o murmúrio da água e a canção de um pássaro.

Sem que o tivesse pretendido, viu que ela caíra a seus pés. Via, agora, que em vez do azul das sacerdotisas ela usava vestes de pele de cerva e o cabelo, ondulado, estava coroadado com flores de Verão.

- Dás-me o teu nome? - Uma vez mais, ela sorriu.

Ele pestanejou, consciente de que, tal como ingerir a

comida do Outro Mundo, dar aquela informação poderia significar mais do que aparentemente parecia. Contudo, nesse momento não se importava. - A Senhora de Avalon chama-me Mikantor.

- E tu, que nome te dás? - Não sei.

- Então chamar-te-ei Osinarmen, pois esse era o teu verdadeiro nome quando te conheci, há muito, muito tempo.

Pica-Pau apercebeu-se de que ficara boquiaberto e calou-se. Se não conseguia dizer nada de sensato, então mais valia ficar calado e não fazer figura de tolo.

- Eras mais velho, nessa época, e sofrias porque pensavas que o teu único filho morreria e que a tua linhagem acabaria. - Ela abanou a cabeça. - Vocês, crianças da Terra, têm medos tão estranhos. Na minha esfera nunca morremos e podemos voltar novamente à vossa dimensão. Não te recordas? - Eu não sou Osinarmen - tartamudeou ele.

- O sangue dele corre nas tuas veias e carrega em ti a sua alma.

É a Palavra que trouxe o Trovão... pensou ele estremecendo interiormente.

- Anderle não quer que eu seja sacerdote - replicou ele, embora uma outra parte da sua mente lhe estivesse a dizer que toda aquela conversa pertencia a um sonho febril.

- Quer que eu seja um rei guerreiro.

- E tu que queres fazer? - Nesta vida? -
perguntou, em tom de desafio. Aquilo estava a tornar-se mais fácil, desde que não pensasse que a situação era real. Até se conseguia permitir responder a esta questão. - Quero manter o meu povo a salvo... -
proferiu, recordando-se das histórias que ouvira. - E creio ser meu dever defrontar Galid, pelo que ele fez aos meus... pais.

- Parece-me uma ambição apropriada para um rei guerreiro.

Pelo tom de voz dela, ele não conseguiu perceber se aprovava ou não a sua decisão.

- E terei escolha? - Existe sempre possibilidade de escolha - proferiu ela, gentilmente. - Agir de acordo com a tua natureza impele-te ou faz-te recusar o desafio. Podes ficar aqui comigo ou voltar a descer a colina, para abraçares o teu destino. Aviso-te, o caminho que encontrarás à tua frente poderá levar-te a lugares que não podes sequer imaginar, mas, se fores verdadeiro contigo próprio, alcançarás o teu objectivo.

Agora, ela falava num tom que se assemelhava ao da Senhora de Avalon. E ao compreender isso, despertou nele uma saudade enorme do calor simples de uma lareira e da visão de rostos familiares. Se ela lhe tivesse oferecido comida, talvez tivesse sido tentado a aceitar, mesmo conhecendo os perigos, mas manteve-se silenciosa, observando-o com o mesmo sorriso meigo.

Encolheu os ombros. Comparada com todas as outras revelações, saber que, afinal, era um ano mais novo do que pensava era algo de somenos importância. Por mais difícil que tivesse sido aceitar que era filho do rei

Uldan do Ai-Zir, era ainda muito mais estranho pensar em si como o príncipe Micail, o qual entoara a canção que erguera as pedras do grande círculo de pedra.

- Voltarei - respondeu por fim -, não acredito nem em metade do que me haveis dito, mas não abandonarei as pessoas que amo.

- Então, tens a minha bênção - proferiu ela, num tom suave, aproximando-se dele. Mal teve de se inclinar para o beijar na fronte. - E despeço-me de ti.

Depois, desapareceu, assim como a estranha luminosidade que os envolvera. Pica-Pau, que era Mikantor, ficou só no cimo do Tor. Anoitecia, mas o beijo da mulher ainda lhe ardia na fronte.

SETE

- Olha! Uma águia-marinha! Pica-Pau voltou-se ao sentir Tiri tocar-lhe no braço. Por entre os salgueiros em botão que bordejavam a margem, viu as aves a voar em círculos, com as penas brilhando à luz do Sol. Pousavam aqui e ali sobre os ramos retorcidos, mais para se manterem escondidas de quaisquer olhares vindos do Tor do que das aves de rapina, cuja atenção estava presa às águas resplandecentes sob o sol primaveril. Atentas ao lago com um olhar arguto, fixaram-se num leve ondular das águas, para logo a seguir abrirem as asas, transformando o longo voo planado num voo picado, até embaterem na água, mergulhando, numa agitação de salpicos. Após algumas batidas poderosas de asas, as aves de rapina voltavam a levantar voo, agarrando um peixe-espinho com as garras e, depois, sobrevoavam os pântanos, velozes, até à Ilha do Carvalho.

- Vamos perder o nosso pequeno-almoço senão voltarmos depressa - murmurou o rapaz. O seu estômago começava a lembrar-lhe que já passara muito tempo desde o jantar da noite anterior.

- Não compreendo por que razão a tua mãe não nos deixa passar mais tempo juntos. Trabalhámos arduamente em todas aquelas lições extra a que ela nos obrigou, no Verão passado, e vamos bem nos estudos.

- Continuo a achar que lhe deverias contar que tiveste um encontro com a Rainha do Reino Escondido - disse Tirilan. Ao voltar-se, a brisa agitou os ramos, deixando penetrar um raio de sol, que brincou no cabelo âmbar da menina. Após o encontro que tivera com a Senhora do Outro Mundo, o conceito de Pica-Pau sobre o que era "brilhante" havia sido ampliado

consideravelmente, mas vislumbrava um pouco dessa luz em Anderle, quando esta usava as vestes cerimoniais para conduzir um ritual, e, por vezes, sentia essa aura também em Tirilan.

- Ela manda em todas as outras partes da minha vida - proferiu o rapaz num tom revoltado, enfiando com força um ramo partido no chão lamacento. - Disse aos sacerdotes que tivera uma visão em que eu deveria ter uma formação especial. Ouvi-os congratularem-se com os meus progressos. Se lhe contar o que me disse a rainha, tentará transformar-me num sacerdote ou obrigar-me a aprender a genealogia dos Reis do Mar, assim como a do Ai-Zir. Não lhe digas nada... - Jurei solenemente guardar o teu segredo, Mikantor - disse ela num som reprovador. - Não me chames isso. - É o teu nome. - Um nome perigoso até ter idade suficiente para o poder defender - replicou o rapaz. - Eu sei, mas se nunca pensas nisso, nunca o irás interiorizar. O outro nome a que ela se referiu... bem, isso foi numa outra vida, eras um outro homem. Tens de encontrar o teu caminho. A minha mãe está determinada a fazer de mim uma sacerdotisa, mas acho que a tua missão é mais importante, e eu ajudar-te-ei em tudo o que puder. Ele deixou cair o ramo que tinha na mão e enfrentou o olhar firme e perscrutador dela. Nada do que a Senhora Anderle lhe pudesse ter dito, ou até mesmo o que a Rainha do Reino Escondido lhe contara, tivera tanto impacto sobre ele como aquela simples declaração. - Se acreditas em mim... dessa maneira, juro que farei o meu melhor para vir a ser... rei. - Tomando subitamente consciência do que acabara de dizer, desviou rapidamente o olhar. - Mas nada poderei fazer se morrer de fome - acrescentou com vivacidade. - Vamos lá, antes que as papas de aveia desapareçam de vez! Anderle respirou fundo enquanto Badger enfiava na água o varapau, impulsionando a estreita canoa através

das águas do lago. Era um daqueles dias, que, nos últimos anos, surgiam mesmo que fosse Verão, em que as brumas da manhã se agarravam aos juncos até ter passado o meio-dia, como que colocando um véu entre a linha que separava água e ar do chão firme, fazendo-os sentir numa espécie de viagem visionária ao Outro mundo. Esquecera-se de que gostava do ritmo majestoso do percurso. Atrás dela, a velha Kiri, que não apreciava navegar, agarrava-se com ambas as mãos aos dois lados da embarcação. Seria agradável passar uma tarde inteira a deslizar suavemente nas águas mansas, mas só tinha esta oportunidade quando o dever a obrigava a viajar a qualquer lado, ocasião em que estava normalmente preocupada com o que teria de fazer ao chegar lá.

O rosto de Badger mostrava-lhe que, desta vez, não seria diferente. Viera ao Tor nessa manhã com a notícia de que a Mulher-Salgueiro se encontrava doente com uma maleita que desconheciam completamente. Kiri argumentara que ela era a curandeira com mais experiência da comunidade e que não havia necessidade de a Senhora de Avalon abandonar os seus deveres na Ilha. Contudo, Anderle, recordando as muitas vezes em que a Mulher-Salgueiro a ajudara, sabia que deveria ir, especialmente se a doença que a afectava ultrapassasse as capacidades de Kiri.

- Há quanto tempo está a tua mãe doente? - Há quase três dias - respondeu Badger. - Aquando da lua nova. chegou um homem vindo da costa com tecidos para comerciar que disse que as pessoas começaram a adoecer por lá desde que chegaram mercadores do Mar do Meio. Ele estava bem, quando chegou, mas tinha um pouco de febre ao partir. A Mulher-Salgueiro disse-lhe para ficar até melhorar. Provavelmente já terá morrido nos pântanos. Alguns dias depois, a minha mãe começou a

sentir-se cansada, com febre, e não conseguia engolir a comida.

- Mais alguém adoeceu? - perguntou Kiri.

- O Beaver, o filho de Sallow. Andava sempre à volta do estranho, a fazer perguntas sobre isto e aquilo. Vomita muito e agora o pescoço inchou-lhe tanto que parece um boi.

Tratava-se de uma doença contagiosa, então, pensou Anderle sentindo um aperto no coração, e não de um daqueles males sem nome que atacam os velhos. As plataformas em madeira que suportavam as casas erguiam-se acima do nevoeiro que cobria o lago. Em breve saberiam o que se passava. A canoa seguia balançando com força e ela chegou-se para o lado, enquanto Badger a impulsionava para navegar mais rapidamente.

A expressão que Badger fizera ao aproximar-se do leito da Mulher-Salgueiro fez com que a sacerdotisa pensasse que esta deveria ter piorado durante o tempo em que ele se ausentara para a ir buscar. No quarto silencioso, ouvia-se a sua respiração alta e ofegante.

- De vez em quando perde a consciência - explicou a mulher de Badger. - Diz que lhe custa muito mover-se.

O chefe da aldeia concordou.

- Mãe, está aqui a Senhora de Avalon. Não a queres cumprimentar? A mãe de Badger fora sempre uma mulher activa e saía de casa em todas as estações, estivesse o tempo que estivesse, com a pele curtida como UMA CASTANHA DEVIDO À EXPOSIÇÃO AO SOL E AO VENTO. AGORA, INVADIA-A UMA PALIDEZ DE MORTE. ANDERLE

AJOELHOU-SE AO LADO DA CAMA E AGARROU NA MÃO MAGRA DA MULHER, FICANDO AINDA MAIS PREOCUPADA AO SENTIR-LHE O PULSO A BATER DESCOMPASSADAMENTE COMO O CORAÇÃOZINHO DE UMA AVE ASSUSTADA.

- QUE A BÊNÇÃO DA DEUSA ESTEJA CONTIGO, MINHA QUERIDA
- PROFERIU ANDERLE COM DOÇURA.

A MULHER-SALGUEIRO BATEU AS PÁLPEBRAS E ABRIU OS OLHOS, ESBOÇANDO UM ESGAR QUE PRETENDIA SER UM SORRISO.

- A SENHORA DA NOITE... IRÁ LEVAR-ME... EM BREVE... -
- ERGUEU-SE COM UM ENORME ESFORÇO PARA RESPIRAR. - TOMA
- CONTA... DO RAPAZ...

- KIRI, ELA ESTÁ CHEIA DE DORES... PODES FAZER ALGUMA
- COISA? A SACERDOTISA MAIS VELHA AGARROU ANDERLE PELOS
- OMBROS E PUXOU-A PARA O LADO.

- DEIXA-ME TRATAR DELA AGORA. VAI LÁ PARA FORA E
- PURIFICA-TE. ESTÃO AQUI ESPÍRITOS MALÉFICOS.

- JÁ TINHAS VISTO ISTO ANTES? - ANDERLE LEVANTOU-SE DO
- CHÃO, CONTENDO AS LÁGRIMAS.

- JÁ TINHA, SIM. - UMA EXPRESSÃO SOMBRIA PERPASSOU
- PELO ROSTO DE KIRI.

FORA SEMPRE UMA MULHER CORPULENTA. AGORA, INTERPONDO-SE ENTRE A GRÃ-SACERDOTISA E A MORIBUNDA, PARECIA ADQUIRIR A SOLIDEZ DURADOURA DE UM DOS GRANDES MONÓLITOS. - A GARGANTA INCHA E VAI ENDURECENDO ATÉ PARECER PELE CURTIDA E O DOENTE NÃO CONSEGUIR RESPIRAR. A NÃO SER QUE TENHA MUITA RESISTÊNCIA, NÃO CONSEGUIRÁ SOBREVIVER... E NÃO SERÁ A ÚNICA.

PICA-PAU ENCONTRAVA-SE COM OS OUTROS ESTUDANTES NO SALÃO DO SOL, TENTANDO IGNORAR A APREENSÃO QUE LHE TOLHIA O ESTÔMAGO. A PRAGA QUE ASSOLAVA A ALDEIA DO LAGO PARECIA UM PESADELO ASSUSTADOR, UM TERROR SEM ROSTO E SEM VOZ QUE NÃO PODIA SER VENCIDO NEM COM MAGIA NEM PELA FORÇA. A MULHER-SALGUEIRO MORRERA DAQUELE MAL, ASSIM COMO O SEU VELHO COMPANHEIRO DE BRINCADEIRAS, BEAVER, E, DEPOIS, REDFEM, QUE PICA-PAU ESTIMARA COMO SE FOSSE SUA MÃE ATÉ HÁ UM ANO. A FORÇA LENDÁRIA DA VELHA KIRI TAMBÉM FRACASSARA. ADOECERA E ACABARA POR MORRER, E VOLE, A SUA APRENDIZA DE CURANDEIRA, SUCUMBIRA IGUALMENTE.

TENTAVA CONSOLAR-SE COM O FACTO DE TIRILAN CONTINUAR SAUDÁVEL, E ACREDITAVA QUE A SENHORA DE AVALON TAMBÉM DEVERIA ESTAR BEM, VISTO QUE LHES PEDIRA PARA SE ENCONTRAREM COM ELA ALI, O QUE NÃO PODERIA TER FEITO SE TIVESSE ADOECIDO. PORÉM, O SOL DA MANHÃ, COADO PELAS ABERTURAS EXISTENTES ENTRE A PARTE DE BAIXO DO TELHADO E A ABÓBADA SUPERIOR, POR ONDE SAÍA O FUMO DA lareira central, pouco poder tinha para dissipar os receios que lhe gelavam a alma.

Teria morrido mais alguém? Desde que Vole adoecera, os estudantes tinham sido mantidos isolados do resto da comunidade. À espera, para ver se mais alguém ficaria doente, pensou o rapaz lugubrememente. Todas as manhãs, era-lhes deixada comida à porta do dormitório. Talvez o perigo tivesse passado e ela nos venha atribuir tarefas para desempenharmos nalgum grande cerimonial de despedida àqueles que já partiram deste mundo.

Contudo, sabia muito bem que não era daquela forma que tais notícias eram dadas. Além disso, o rosto de Anderle, ao aparecer à porta, estava macilento e sombrio. Pica-Pau apercebeu-se, chocado, das primeiras

cãs no seu cabelo escuro.

- Fico feliz por vos encontrar a todos de boa saúde
- proferiu, enquanto se sentava na cadeira entalhada.
Quando Pica-Pau e os outros lhe fizeram a vénia de
obediência formal, estavam cientes de que o sentimento
não era de mera formalidade vazia.

- Esta doença parece atacar primeiramente os mais
novos e os mais velhos. Belkacem morreu e Damarr
contraiu-a. - Sem lhes dar oportunidade de responder à
perda de um professor que, se não era amado, parecia
eterno como as colinas distantes, prosseguiu. -
Contudo, só perdemos uma das crianças, e queremos que
assim continue. Avalon deixou de ser um refúgio
seguro. Continuar a expor-vos a tal perigo seria trair
a confiança dos que para cá vos enviaram. Vou mandar-
vos todos de volta para as vossas tribos.

- A pé? - perguntou Rouikhed.

- Sozinhos? - perguntou Analina.

- E se a praga também atingiu Belarion? - Até
agora a doença parece estar confinada à costa sul. -
Anderle respondeu primeiramente à última pergunta. -
Saí daqui através das estradas espirituais e falei com
Ti-Saharin. Vocês seguirão pelo antigo trilho que
atravessa os pântanos para este, até chegarem ao monte
da cascata do Ventoso. Alguns de vós, pelo menos,
sabem como seguir a corrente de poder que passa por
esse caminho, mesmo que se percam. As tribos enviarão
homens para irem ao vosso encontro e para vos levarem
a salvo para casa.

Pica-Pau estendeu a mão para agarrar no ombro de
Grebe, quando os outros começaram a fazer perguntas. A

Aldeia do Lago era o único lar que conheciam.

- Tirilan, tu irás com Nuya para Carn Ava - disse a grã-sacerdotisa. - !rica-Pau e Grebe, vocês serão lavados para oeste, para viverem com os pasmares nos montes mais altos. Pica-Pau largou o ombro do irmão adoptivo e deu um passo na direcção de Tirilan. Por que razão não os enviava para longe juntos? Porém, bastou olhar para a expressão da Senhora de Avalon para compreender que não valeria a pena protestar. Pensou que nunca vira ninguém com um ar tão desesperadamente cansado. Provavelmente, ela nem sequer pensara em o separar da filha, procurava apenas encontrar um ninho para os pintainhos que ali reunira. Voltarei a ver-te algum dia? - Lançou a Tiri um olhar inquiridor.

Não te esquecerei - replicou o olhar dela. O Verão passou e seguiu-se-lhe o Outono, e a praga continuava a trilhar o seu caminho de morte. Foi enviado um mensageiro para levar Grebe de volta à Aldeia do Lago, mas a Pica-Pau foi dado um novo nome e mandaram-no passar o Inverno com Leka, nos Dales, em vez de regressar a Avalon. Ao aproximar-se a Primavera, viu um bando de cisnes voando para ocidente, sentiu saudades de os ver a partir dos pântanos mais uma vez, descendo em tão grande número que a alvura dos seus corpos cobria completamente os lagos. Porém, quando o sacerdote Larel veio ao território do Ai-Akhsi foi para o escoltar e para permanecer algum tempo na casa de Analina, numa aldeia costeira de Belerion.

- Não entendo - disse o rapaz enquanto se encaminhavam para sul -, a Senhora mencionou tantas vezes o treino que deveria ter, mas a praga acabou e continuo a ser levado como gado de um lugar para outro, ou como uma cabra de um só chifre que ninguém quer no seu curral.

Tirilan já regressou a Avalon? Terá ela mudado? Conteve a custo a pergunta. Terei eu mudado? Percebeu que crescera quando as mangas da túnica haviam ficado demasiado curtas e apertadas nos ombros, e ele, que sempre fora gracioso, dera por si a tropeçar nos seus próprios pés, que, subitamente tinham ficado demasiado grandes, e as pernas também estavam demasiado compridas. Acreditava que isso seria normal, agora que fizera quinze anos. Ao ver reflectido o seu rosto no lago de uma clareira, viu uns olhos castanhos muito sérios e um nariz aquilino por entre uma basta cabeleira de um ruivo escuro. Atravessavam um longo vale entre duas fileiras de colinas. Numa falda de um monte a sul, alguém esculpira uma figura estilizada de cavalo na rocha calcária. Todos os anos, o povo do Vale limpava toda a erva invasora.

Esta actividade fazia parte de uma grande festividade. À medida que passavam pela sombra daquelas terras, a figura do cavalo surgia e desaparecia por entre as árvores. Larel riu-se.

- A Senhora disse-me que farias essa pergunta. A Tiri voltou para casa já o Inverno ia a meio, e todos nós desejámos que lá pudesses ter estado também. Dir-te-ei que existem duas razões para te manteres longe de casa.

Primeiramente, um líder precisa de compreender as necessidades do seu povo. Vivendo em diferentes regiões, aprenderás coisas que te não poderiam ser ensinadas em Avalon. Pica-Pau suspirou. Era verdade que a charneca rochosa e batida pelo vento do norte do Ai-Utu era um mundo completamente diferente do dos pântanos fechados que protegiam o Tor. Durante as primeiras luas, sentira-se cheio de saudades de casa, mas viera o tempo em que aprendeu a amar os ventos que

sopravam agrestes a céu aberto e o modo como a turfa verdejante se agarrava à terra nua. - E a segunda razão? - perguntou, então.

- Parece que o teu segredo não foi tão bem guardado como esperávamos. Um dos outros estudantes, sem dúvida inocentemente, deve ter dito qualquer coisa sobre o excelente desempenho do rapaz de cabelo ruivo nos jogos, o que pôs os teus inimigos em estado de alerta. Galid, especialmente, receia que, se viveres até à idade adulta, o venhas um dia a perseguir. E, se viver, fá-lo-ei... Tem boas razões para ter medo... - Estás agora a levar-me para outra região porque eles souberam que eu estava em Dales? - perguntou em voz alta. - Foi isso que ouvimos dizer - respondeu o sacerdote.

- Que história irás contar para explicar a minha presença neste local desta vez? Na charneca ventosa, fora um primo órfão que precisava de abrigo.

Na altura em que se mudara para Dales, aprendera a pastorear ovelhas.

Porém, pensava que não deveria haver muitas ovelhas perto do mar. - O pai de Analina precisa de outro trabalhador. O porto onde aportam os mercadores de estanho tem muito movimento, onde vai parar gente de toda a ilha. O teu sotaque do norte não parecerá demasiado estranho por lá.

Serás conhecido por Kanto. Pica-Pau suspirou. Seria o terceiro nome que lhe davam, e nenhum deles era o seu. Até que o deixassem assentar de vez em algum lugar, nunca saberia como Mikantor seria. - Os números é que me causarão problemas, e não o meu sotaque - proferiu ele quando o silêncio se ia tornando pesado. - Se

queres contar ovelhas, sou o teu homem, mas nada sei de mais complicado que isso. - Esta noite, quando acamparmos, praticaremos um pouco. - O sacerdote sorriu. - Trouxe ardósias comigo com esse propósito. És rápido a contar, tanto quanto me lembro. Vais ver que conseguirás fazer cálculos com vários números num piscar de olhos. Pica-Pau resmungou. Ficara muito feliz por deixar para trás as ovelhas, mas, subitamente, teve saudades delas. A família de Analina vivia numa aldeia junto à curva de uma baía virada a sul. Pica-Pau olhou através da porta da cabana do armazém e contemplou os telhados de colmo das casas e o mar, azul nesse dia, ligeiramente encrespado, com ondinhas brancas levantadas pela brisa suave que corria, e a ilha pontiaguda que guardava a baía. Depois do silêncio ventoso das charnecas de Dales, partilhar novamente a vida numa comunidade fora um choque.

O agrupamento das casas recorda-lhe a Aldeia do Lago. Ali, em Belerion, ouvia-se uma algazarra contínua por toda a parte, fosse de pessoas a discutir as coisas do quotidiano ou a rir. Embora a princípio se sobressaltasse com qualquer som, considerava as pessoas, por mais barulhentas que fossem, muito mais interessantes do que as ovelhas. A brisa do mar acelerava-lhe o sangue nas veias. Imaginava que, por entre o cheiro a maresia, conseguia discernir odores mais exóticos vindos de terras longínquas, cujos nomes começava apenas a conhecer. Ou talvez esses odores viessem de toda a panóplia de coisas que existia na loja de Mestre Anaterve, pensou, enquanto pegava num pedaço de giz e na ardósia e voltava para junto da pilha de velos de lã que estava a contar.

Havia troncos de uma madeira chamada cedro colocados junto às vigas e sacos de ervas aromáticas que pendiam

das paredes, trazidos pelos navios de grandes velas, que toda a gente dizia que voltariam mal a estação das tempestades passasse. Até agora, nunca lhe ocorrera pensar na proveniência dos mercadores que traziam carroças puxadas por bois, repletas de mercadoria, para os grandes festivais e nos locais onde estes arranjariam esses produtos. Mestre Anaterve era um comerciante que costumava ficar com tudo o que julgasse que conseguiria vender, especialmente os lingotes de estanho, que ele negociava com os mineiros que extraíam o mineral dos "fios de estanho" existentes na charneca e o fundiam em fornalhas rudimentares.

No mundo da Grande Ilha, o bronze era mais valioso do que o ouro, e, visto que os deuses, na sua infinita sabedoria, haviam decidido colocar as fontes de cobre e de estanho em regiões tão vastamente divergentes do mundo. O fabrico do bronze exigia um comércio activo. Contudo, o valor dos lingotes, relativamente a centenas de outras mercadorias, implicava uma mudança constante de cálculo. Quanto valia um velo de lã, ou um brinco de ouro, ou um lingote de estanho, quando a unidade básica de valor era uma vaca? Tornara-se claro para Pica-Pau, poucos dias depois de ali estar, a razão por que o mercador exigia um ajudante que soubesse contar uma pilha de lingotes mais do que uma vez e chegasse ao mesmo resultado de cada vez que o fazia. Após meio ano passado com o mercador, Pica-Pau julgava compreender a razão por que a Senhora de Avalon o enviara para aquele local. Um pastor preocupa-se em tomar conta da sua família. Um rei tem a responsabilidade de toda a tribo. E a chave para conseguir obter todas as coisas que a família não conseguia fazer sozinha era o comércio. Para adquirir essas coisas, e para defender o seu povo, um rei precisava de bronze para poder armar os seus súbditos.

Se a Terra Grande necessitava do estanho de Belerion, a Ilha dos Poderosos precisava igualmente do cobre com que este tem de ser combinado, porque as minas de onde o Ai-Ushen extraíra a sua riqueza estavam a esgotar-se. Captou um olhar indulgente de Mestre Anaterve, ocupado a examinar o último carregamento de estanho que chegara das colinas. O mercador era um bom homem, conduzia um negócio difícil mas fazia-o honestamente e acreditava que os homens agiriam sempre racionalmente se se lhes apresentasse onde residiam os seus melhores interesses. Porém, os dois anos que vivera com as tribos haviam mostrado a Pica-Pau uma outra faceta da humanidade. Quando os tempos se tornavam demasiado difíceis, pensava ele, infelizmente os homens transformavam-se em lobos devoradores. Isso não significava exactamente ganância, mas o desespero daqueles que agarrariam qualquer coisa que pudessem porque não sabiam do que poderiam vir a precisar. Tal como eu não posso prever o meu futuro, pensou sentindo voltar o desânimo que o impedira de criar laços em qualquer um dos lugares onde permanecera. A Senhora de Avalon parece possuir uma magia que lhe diz quando eu me sinto demasiado bem num sítio. No dia em que admitir, mesmo que seja só para mim próprio, do quanto gosto de estar aqui, devo esperar ver de imediato Larel a surgir ao fim da rua. Porém, tinha esperança que o deixassem ali ficar o tempo suficiente para ver chegar novamente os navios mercantis ao porto. - Está bom tempo - disse o mercador, indo ao seu encontro no exterior com uma mão colocada sobre a testa para proteger os olhos do sol. - Os navios de Tartesso devem estar a chegar ao porto, com aquelas velas brancas que parecem asas de cisne. Teria ele notado entusiasmo no tom de voz do homem, interrogou-se Pica-Pau, quando Anaterve pegou na lista em que ele estivera a trabalhar, ou haveria algo mais pairando no ar? Os navios costumavam chegar na ,altura em que os

cisnes voavam para este, atravessando os céus limpos de nuvens, e ele ouvira-os passar durante todo o dia. Franziu o nariz ao sentir o cheiro de fumo misturado com o cheiro a maresia. - Estará alguém a fazer uma queimada? - E logo a seguir disse: - Olha, há fumo na ilha. Deve ser um incêndio... Saiu dali quando Anaterve se voltou com um sorriso a iluminar-lhe o rosto, assemelhando-se a uma nova alvorada. - Uma fogueira de farol! - exclamou o mercador. - Mal o tempo fica limpo, colocamos ali um vigia. É um navio, rapaz! - Deu um soco amigável nos ombros de Pica-Pau, alegremente. - São as aves de Tartesso que chegam por fim! Corre e diz à minha mulher para começar a cozinhar.

A notícia correrá como a luz, verás, e toda a gente mais os tios e os primos virão a correr para ver o que trazem este ano! Porém, dificilmente se precisaria de um mensageiro, pensou Pica-Pau, ao partir em correria colina abaixo até à casa. Não fora o único a ver a coluna de fumo e o bulício de excitação que percorria toda a cidade. Mestre Anaterve não se enganara. No momento em que os dois navios ancoravam no sotavento da ilha, o prado que se situava fora da cidade enchia-se de tendas que esmagavam as flores. Além destas, haviam improvisado currais rudimentares que albergariam as ovelhas e outro gado para alimentar toda aquela gente. Os estrangeiros vinham comprar cereal e animais e substituir o que tinham nos seus armazéns. A loja de Anaterve funcionava como um centro de distribuição para muitas das suas trocas e Pica-Pau andava atarefado contando os lucros que acumulavam e o que despendiam. A principal razão para os homens de Tartesso empreenderem tão longa viagem marítima era a existência dos lingotes de estanho armazenados nas cabanas dos mercadores, mas os produtos de luxo, como as pérolas do rio, os adornos de azeviche e as peles

de lobo e de urso não ocupavam muito espaço nos navios; além disso, alguns prisioneiros e criminosos, vendidos como escravos, serviriam como mais braços de labor para a longa viagem de regresso. Foi só no dia anterior aos homens de Tartesso terem anunciado a sua partida que as coisas ficaram suficientemente calmas, o que permitiu a Pica-Pau usufruir de uma tarde livre a deambular pelo porto. Por entre toldos de lã, os mercadores haviam disposto bancadas onde expunham ornamentos de ouro e bronze. Um dos colares captou a atenção do rapaz. Era feito com contas de ouro intercaladas com outras de um azul brilhante, que lhe disseram ser barro, e que ele achou que serviria a Tirilan. Com o que Anaterve lhe devia, talvez pudesse comprar uma conta, pensou, rindo-se, e prosseguiu o seu passeio. Numa outra bancada, deparou com adagas de bronze do Mar do Meio, cujos cabos de marfim eram trabalhados com fios de ouro. Armas dignas de um rei, se algum dos reis daquelas terras ainda dispusesse de riqueza para as comprar. Todos eles, sabia, haviam gasto tudo o que tinham para manter o povo alimentado. Havia tecidos de lã e linho, com desenhos e padrões que ninguém ali conhecia, e louça de barro polida por dentro e por fora até ficar suave e resplandecente. Daqui não somos, pareciam dizer todos aqueles objectos brilhantes.

Vimos de um outro mundo, onde o Sol brilha, quente, sobre o mar azul. Esse sol bronzeou a pele dos homens de cabelos escuros que os vendiam, homens rijos, vestidos com saíotes de linho branco e capas às listras, que tagarelavam numa língua rápida e estranha e usavam ouro nas orelhas. Argantonio era o nome, ou talvez o título do seu rei. Anderle queria que ele aprendesse coisas do mundo. E se partisse com aqueles homens, a fim de ver as terras para onde voavam os gansos quando partiam para sul, no Outono? Porém mesmo

que o pensamento lhe ocorresse, sabia que nunca iria tão longe, não enquanto acordasse com o rosto inundado de lágrimas depois de sonhar com o vale de Avalon. O dia declinava, e um elemento mais agitado chegava agora à aldeia; eram os boieiros, que tinham trazido os animais que estavam agora quase consumidos ou vendidos. Transportavam os lucros do mercado nas bolsas e tinham um grande apetite por cerveja e por aquela bebida estranha da cor do sangue a que se chama vinho, feita de um fruto qualquer nas terras do sul. Pica-Pau provara-a na casa de Mestre Anaterve e não a apreciara muito.

Alguns dos homens já estavam embriagados, praguejando entre si ou cantando e ofereciam um trago das suas taças de madeira aos que iam passando. Pica-Pau parou um momento para observar os navios no mar, com as proas altas talhadas e douradas ao sol poente. Os negócios tinham corrido bem e a mãe de Analina cozinhava um prato especial para celebrar. Porém, era altura de ir para casa. Ao voltar-se, levou um encontrão de um indivíduo pesado que o atirou contra uma parede.

- Porque me empurrou? - Desculpe - começou por dizer o rapaz, afastando-se do hálito a cerveja quando o homem avançou para ele. Não foi por mal. - Bebe comigo - convidou então o homem atarracado, vestido com uma túnica manchada e o rosto quase completamente tapado por uma barba castanha. Não parecia ser dali, mas estava demasiado embriagado para que Pica-Pau lhe pudesse identificar o sotaque.

- Obrigado, mas estou atrasado para o jantar e...

- Não queres lutar? Tens de ser meu amigo - prosseguiu o homem como se não tivesse ouvido nada. - Vá lá, anda

beber comigo! - Pica-Pau sentiu a mão pesada do homem apertar-lhe o ombro. Se fizesse um alvoroço por causa daquilo pareceria um menino. Pensou teria tempo ainda para tomar um gole de cerveja e era claro que o homem não desistiria até ele aceitar. Abanando a cabeça, deixou que o homem o empurrasse desde a esquina da rua até à loja das bebidas.

Contudo, ao fim da rua não havia nenhuma loja de bebidas, apenas três homens armados de varapaus, e, subitamente, o que o agarrara já não parecia estar embriagado. Pica-Pau começou a lutar contra eles, tentando lembrar-se dos movimentos de combate que aprendera no Tor. Com um golpe de perna e alguma sorte, deitou um deles ao chão, depois girou sobre si próprio conseguiu libertar-se de quem lhe agarrava o ombro, atirando-se para o vazio. Viu o outro homem a agitar o varapau na sua direcção, em seguida sentiu uma explosão de dor na cabeça que o cegou completamente e por fim perdeu os sentidos. Retomou a consciência sentindo-se nauseado e uma dor pungente, como se um ferreiro estivesse a bater bronze sobre a sua cabeça. A terra parecia andar às voltas e via duas luas no céu. Será que me embriaguei? Não conseguia lembrar-se, tinha apenas um vago eco do que acontecera. Respirou fundo, com cautela, e a dor abrandou um pouco, mas em seu redor as coisas ainda rodopiavam e o ar fresco tinha um cheiro forte a maresia.

Era o mar. Ouvia o marulhar das ondas e sentia a cobertura em couro do barco por baixo dele, do género daquela que os pescadores usavam para pescar na baía. Tentou erguer-se para olhar em volta, e foi então que se apercebeu de que tinha as mãos e os pés amarrados.

- Ei, Izri, o vitelo resolveu juntar-se nós novamente.
- Ouviu alguém soltar uma gargalhada rouca. Pica-Pau

girou sobre si e viu o homem que o abordara, com o mesmo ar vergonhoso, mas já não embriagado, se é que alguma vez o estivera. - Quem são vocês? - perguntou o rapaz. - Por que razão me trouxeram para aqui? - Quem somos não te interessa. Somos o que somos e aqueles são homens de Galid - disse um dos outros homens. Um terceiro, que remava respondeu com um grunhido de concordância. O choque da revelação despertou rapidamente o espírito entorpecido de Pica-Pau. Tentou soltar-se das amarras, mas quem quer que o tivesse feito era especialista em dar nós. - O que me vão fazer? - A voz ainda lhe saía num guincho e, portanto, tentou falar baixo. - Galid quer ver-te.

- Assim pode terminar a tarefa que iniciou há quinze anos - proferiu o que se chamava Izri, e todos riram.
- A rainha Zamara não deixou herdeiro, és o último dessa linhagem.

Quando morreres, ela não terá outra opção a não ser fazer de Galid rei. Pica-Pau engoliu em seco. Contornavam a baía rumo a este. À direita o vulto da ilha tornava-se negro contra a luz das estrelas. Adiante, um raio de luz assinalava os navios de Tartesso ancorados, preparando-se para partir em viagem no dia seguinte. - Espero que ele vos recompense bem - retorquiu num tom glacial. - Claro que a Senhora de Avalon vos pagaria melhor - acrescentou. - Há muito ouro no Tor, dos tempos antigos... - Claro que a maior parte desse ouro fora empregue em vestes cerimoniais e equipamentos, mas, embora se tivesse interrogado algumas vezes se Anderle gostaria realmente dele, tinha infelizmente a certeza de que ela não hesitaria em usar todo o espólio de Avalon para o resgatar. - E quando ela descobrir quem me entregou a Galid, perseguir-vos-á até à morte - acrescentou ainda, rompendo o silêncio pesado. -

Quando ela começa a cantar aos espíritos, creio que nem toda a sorte dele servirá para vos proteger. Estaria ele a imaginar que o homem que remava abrandara o ritmo? - Prometo-vos que valho muito mais vivo. - Aguardou, suspenso [entre a esperança e o terror. Isso é verdade, ele é um rapaz vivaço - disse Izri pensativo. - É uma pena desperdiçá-lo, especialmente sendo Galid um sovina na recompensa. Que estás para aí a dizer? Ele corta-nos a cabeça se deixarmos ir o moço! - Vende-o! - replicou o primeiro homem. - Além estão os marinheiros de Tartesso, prontos a levantar âncora e zarpar. Entregamos-lhes o rapaz e eles pagam-no-lo em ouro. Assim, ele desaparece da ilha e o problema de Galid fica resolvido.

- Ele corta-nos a garganta - repetiu o outro homem.

- Não, se lhe contarmos que o rapaz se atirou ao mar tentando fugir e que se afogou. - Hum, bom, vamos ver o que eles dizem.

Pica-Pau sentiu o barco afundar ligeiramente quando o remo da esquerda deu uma guinada profunda e a embarcação começou a virar. Em breve - demasiado em breve? -, o barco batia de encontro ao grande navio. Espera, pensou o rapaz. De súbito, aquilo não parecia lá muito boa ideia, ao fim ao cabo. Talvez tivesse encontrado um modo de fugir entre Belerion e o Azan-Ylir, mas, a não ser que quisesse ir a nado até casa, do mar não havia possibilidade alguma de escapar. Contudo, o homem que lhe batera já subia pela escada de corda em direcção ao navio. Depois, os outros arrastaram-no para o lado do barco, puxando-o para o navio e atiraram-no como peixe acabado de pescar aos pés do capitão. - Então é assim - ouviu a voz do estrangeiro - é um rapaz crescidote. Feio, como todos

vós, mas parece forte. Dou-vos por ele, hum, três boas adagas e um pote de vinho. Uma transacção tão simples? Seria o seu destino decidido tão depressa? Sentiu a cabeça pulsar de dor quando o puseram em pé. Naquele momento, só as mãos do seu raptor o mantinham em pé. - Obrigado pela minha vida...

- Pensas que foi por piedade? - Foi a resposta dada igualmente em voz baixa. - Talvez ainda venhas a desejar ter morrido. Mas faz da tua vida o que puderes... Depois, foram-se embora. Alguém cortou a corda que lhe amarrava os pés e empurrou-o pelo convés até a uma ponta do navio. Pelo cheiro, julgou ser o local onde mantinham os desgraçados que já tinham comprado. - Como é que te chamam, rapaz? - perguntou o homem, um dos marinheiros, supôs. Durante um momento apenas conseguiu fitá-lo. Nos últimos dois anos tivera tantos nomes... - Pica-Pau - proferiu por fim. Teria de esperar muito tempo ainda antes de poder reclamar o nome de Mikantor. À luz das tochas, as águas do lago sagrado pareciam vermelhas como a patine deixada nas rochas pelo tempo. Anderle sentou-se na cadeira entalhada, com uma bacia de prata cheia dessa água pousada numa mesa diante de si. O cabelo longo caía-lhe de ambos os lados do rosto, bloqueando a distracção e ajudando-a assim a focar a visão. Sobre a cabeça, tinha o ornamentos de grã-sacerdotisa que lhe caíam, oscilando, sobre a fronte. A roupagem e a cerimónia, ao estilo tradicional, pretendiam impressionar os sacerdotes e sacerdotisas que formavam o círculo em seu redor, a fim de poderem captar a energia para a direccionar no seu caminho. Mas, esta noite, Anderle sabia que precisaria tanto daqueles símbolos quanto eles.

Sentia-se velha e vazia, despojada de poder. Pica-Pau, não, Mikantor, desaparecera. Teria isso importância?

Teria alguma coisa importância agora? Enfurecera-se ao ouvir a notícia de que o rapaz desaparecera de Belerion. Quando Larel lá chegou, Galid proclamava que o último herdeiro da linhagem real do Ai-Zir se afogara e, onde antes reinara como ladrão, exigia agora o título de rei. Anderle não conseguia dizer se o ritual para o qual se haviam reunido seria a solução sensata para a necessidade de discutirem um novo curso das coisas ou a negação desesperada de que aquilo por que sofrera e sacrificara tinha, por fim, fracassado. Contudo, fossem quais fossem as suas razões, tinha de o tentar agora. Acenou rapidamente e os outros começaram a entoar cânticos, num tom menor e ondulante, e cujas palavras já eram antigas quando os sacerdotes das terras submersas tinham chegado àquelas costas. Afunda-te, afunda-te, liberta o espírito, profundamente Para além da porta do sonho e do sono Toma agora o caminho ao lado da árvore sagrada Contempla as águas sagradas e sê livre... A sacerdotisa respirou fundo, primeiro uma vez, depois outra, deixando o ar soltar-se lenta e calculadamente, inspirando e expirando outra vez, aliviada por ver o hábito de uma vida ultrapassar a loucura de uma única lua.

Deu graças aos deuses pelas antigas disciplinas que estudara. Sentia já o batimento do coração mais lento, e a consciência a aproximar-se do estado de transe que lhe era familiar. Conseguia lembrar-se do que acontecera, recordar-se até da angústia que sentira, mas agora observava-os com uma curiosidade destacada de tudo isso. Passivamente, aguardou pela palavra Larel.

- Senhora, procuramos saber qual o destino do rapaz Mikantor. Abre os olhos e contempla a água. Diz-nos o que vês.

Por um momento, Anderle só conseguiu ver o brilho das tochas reflectido na água. Depois, sentiu-se a cair num mar de chamas. Sufocou um grito, pensando que estava de volta a Azan-Ylir, mas, desta vez, também ela fora apanhada pelas chamas. Contudo, não conseguia sair dali, e via agora que o lugar onde se encontrava era muito maior, como se uma aldeia inteira tivesse sido construída em pedras, como as do círculo de pedra. Não era uma aldeia, mas uma fortificação edificada com muralhas portentosas. Porém, não tinham sido capazes de impedir o ataque do inimigo que lá fora os cercava, e agora tudo ardia também. Onde está Mikantor?, gritava ela, e o que pensara ser pedras dissolvia-se agora como carvão incandescente numa forja. Por entre aquele brilho pulsante via-se uma espada de luz. Atrás, avolumou-se uma sombra e ela viu o vulto corpulento do ferreiro, enquanto erguia a arma com as tenazes e a colocava sobre a bigorna de granito. As fagulhas saltavam por todo o lado, enquanto ele voltava a bater e malhava o metal. Antes de o metal poder ser moldado, tem de ser aquecido, ouviu a resposta, forjado e afiado antes de poder servir um rei. Pelo fogo será destruído o antigo mundo e do fogo nascerá um novo. O ferreiro ergueu então a espada e fogo branco corria ao longo da lâmina. Estendeu a arma a um herói coroadado de chamas. Então, fez-se apenas Luz. Anderle sentiu-se a ser varrida dali. Quando conseguiu focar novamente a visão, encontrava-se recostada na cadeira com o rosto marejado de lágrimas.

Parte II

O MOLDE

OITO

Velanto encontrava-se na forja a trabalhar numa adaga de lâmina estreita e triangular quando o novo escravo o foi chamar à presença do rei. Os músculos dos braços tremiam-lhe enquanto murmurava uma prece à Senhora da Forja e virava o cadinho para deixar o bronze derretido verter suavemente para dentro do molde, mas a mão mantinha-se firme. A ferraria situava-se na Cidadela Baixa, que fora acrescentada à muralha norte do palácio de Tirinto, quando o haviam reconstruído depois do grande terramoto, no tempo do seu trisavô. A oficina era constituída por três paredes e as portas estavam sempre abertas para que as chamas fossem ventiladas pelo vento. Quando não havia vento, o calor no seu interior era sufocante, - Velanto estava habituado ao suor que lhe escorria pelo peito largo e ao cair sobre as chamas soltava pequenas fagulhas com um ruído seco.

- Senhor, o rei, vosso pai, deseja falar contigo.

O ferreiro lançou-lhe um olhar rápido, algo irónico e desconfiado, por entre as sobancelhas espessas, mas Pica-Pau era novo, um adolescente magricela com um nariz protuberante e o cabelo um pouco mais escuro que o bronze antigo, trazido através do Mar do Meio de alguma terra do Norte infundavelmente distante. Sem dúvida que lhe tinham dito que Velanto era filho do Rei de Tirinto, mas não que a sua mãe fora tecedeira, pouco mais que escrava, e que chamara a atenção do rei Fórcis quando servia no salão.

- Um momento. - Virou-se para o molde, observando com atenção enquanto a chama tremeluzia sobre o bronze e se apagava. - Senhor, ele quer ver-te agora. - A voz do escravo tremeu e Velanto apercebeu-se de que, apesar da altura, não passava de um rapazito, ainda a aprender a língua do seu novo lar.

- Tem calma, se me atrasar, a culpa é minha. - Cuidadosamente, o ferreiro colocou de lado o cadinho e depois ergueu a pedra do molde e colocou-a na beira mais larga da pedra do borralho. Olhou a direito para o nicho que guardava a imagem de Atena Potinija, a Senhora dos Ofícios, muito direita nas vestes que deixavam um ombro a descoberto e com o chapéu pontiagudo. A imagem de Hipácio, de ombros largos e olhar pensativo dominava a outra parede. Velanto acenou com um respeito tão arraigado nele que já se tornara instintivo. - Ele diz para vires depressa - replicou Pica-Pau, corando até à raiz dos cabelos cor de bronze. - Chegou um mensageiro. E por que razão isso me interessaria? Velanto espreguiçou-se, esticando os braços até os ossos das costas estalarem. Uma corrente de ar vinda da porta aberta trouxe o odor a pão a cozer no forno misturando-se com o do fumo. Embora a claridade do dia lhe dissesse que deveria estar calor, o ar parecia fresco depois do calor da forja. O rapaz estava com uma expressão realmente ansiosa e Velanto não tinha coração para o fazer sofrer mais com seu atraso. A adaga não arrefeceria mais depressa pelo facto de estar a olhar para ela. Entregando o trabalho à deusa, dirigiu-se a um canto da cabana e verteu a água de um grande vaso grego em terracota, que repousava sobre o chão de terra batida, deixando-a cair sobre a cabeça e o tronco, e em seguida usou um trapo de linho cru para limpar o suor e a fuligem do corpo. Depois verteu outro jorro de água sobre o cabelo escuro e encaracolado que escapava

da correia em pele com que o prendia quando trabalhava na forja.

O saiote de linho estava pendurado numa cavilha. Enrolou-o à volta da tanga com que trabalhava e apertou o cinto grosso em redor da cintura magra. Uma década de trabalho na forja conferira-lhe uma compleição robusta. Velanto nunca ganhara nenhum prémio nas corridas a pé, mas no Festival dos Jogos era um vencedor regular em luta livre e no lançamento do disco. Com visível alívio, Pica-Pau virou-se para o guiar ao longo do caminho.

- Já viste esse mensageiro? - Velanto estugou o passo para acompanhar a passada rápida das pernas compridas do rapaz. - Vem de Micenas, do Soberano de todos os Reis.

Bem, aquilo não era invulgar ocorrer. Os reis de Tirinto governavam a partir de uma pequena colina que se erguia na planície fértil, um pouco acima do porto. Era um lugar propício ao comércio e a incursões de outros povos, ambos uma constante na sua história. Embora Tirinto fosse mais antiga, Micenas agigantava-se no horizonte das montanhas a norte, erguida numa fortaleza nunca tomada por nenhum inimigo. Porém, Tisameno, que a governava agora, era ainda novo em idade e no poder, e estava desejoso de se mostrar digno dos seus heróicos antepassados. Tinha de facto a mesma idade que Velanto. Pensaria o rei Fórcis que a juventude falaria melhor à juventude? Seria por isso que o pai o mandara chamar? Atravessaram o espaço ao ar livre no interior da área mais baixa da cidadela e subiram através de uma passagem até ao grande portão que guardava a entrada oriental da cidadela. Pararam na sombra sob o telhado alto da passagem. Os dois conjuntos de portas, ao fundo, entalhadas de bronze,

estavam abertas, e algo no seu íntimo, até ali tenso, começou a descontraí-las. Fosse quais fossem as notícias que o mensageiro trazia, não havia perigo iminente, senão o palácio já estaria a estrepitar com o barulho de homens armados e a grande porta teria sido trancada. Continuaram a subir, contornando o edifício através do pátio e do corredor, até passarem as colunas pintadas do vestíbulo, e depois saíram novamente para o ar livre, no átrio exterior.

A cidadela alta de Tirinto coroava a pequena colina. Velanto parou um momento para aspirar a suave brisa que corria, vinda da baía azul e cintilante lá em baixo. Para lá das muralhas, espraiavam-se os telhados do casario e, depois, surgia a planície fértil, dividida em lotes de terra arada, olivais e campos verdejantes de videiras. Tanto para oriente como a ocidente, o círculo das montanhas descia até ao mar, abrigando tudo. Era uma terra boa e rica que muitos povos haviam cobiçado. No cume de um cabo, um posto de vigia guardava o farol, que estava sempre pronto a avisar se houvesse algum ataque vindo do mar, como outrora aguardara o sinal do fim da guerra de Tróia.

Ao pensar nisso, Velanto sentiu de novo um arrepio de desconforto. Sem guerreiros, de que serviria o aviso? A força de Aqueia já era conhecida antes de o Soberano de todos os reis ter levado a fina-flor dos seus guerreiros para Tróia. Esse conflito não deixara espólio algum, mas grandes lendas constituíam o seu legado mais duradouro. Muitos guerreiros haviam sobrevivido à vitória, mas não ao regresso. Certamente que a casa de Atreu ficara reduzida. Em Micenas, o neto de Agamémnon governava ainda, mas Velanto interrogava-se se até mesmo os deuses poderiam purificar a família da mancha sangrenta daquela rixa

familiar que envolvera esposa contra marido e mãe assassinada pelo filho. Certamente que o sangue deles ainda poluía o chão daquelas terras.

- Senhor, tens de vir. - O toque de Pica-Pau no seu cotovelo chamou-o novamente à realidade. Apercebeu-se de que estivera a fitar inconscientemente a cintilação do mar para lá das muralhas.

A luz e a sombra alternavam-se enquanto ele percorria o caminho por entre as colunas da entrada mais pequena e através do átrio central, rumo ao mégaron, parando para venerar os deuses junto ao altar sacrificial quando por este passou. Pestanejou ao passar pela sombra do pórtico e demorou alguns instantes a adaptar-se à luz. Por fim, conseguiu ver as rosetas azuis no friso que corria ao longo das paredes pelo extremo este das três entradas que levavam ao mégaron. Um dos quatro pilares pintados de vermelho que suportavam o imenso telhado impediu-o de ver logo o rei, embora vislumbrasse o mensageiro em pé, situado entre o trono e o grande círculo da lareira. Um olhar de relance permitiu-lhe ver que o assento da rainha se encontrava vazio. Estava certamente nos seus aposentos, atrás da parede. Teria a tensão acalmado devido à evidência de que não se tratava de facto de uma emergência, ou sentiria apenas um simples alívio por não ter de enfrentar o seu olhar claro e fulminante? Talvez a enganasse - todos sabiam que Naxomene tinha vista fraca e talvez nem sequer o visse. Era assim, afinal de contas, que uma mulher da realeza deveria ver o filho bastardo do marido. Contudo, a Senhora de Tirinto era, além de rainha, sacerdotisa de E-ra.

A mulher do Reunidor de Nuvens tinha uma longa história de hostilidade para com os frutos dos amores

do marido. O seu ódio perseguira Héracles e afastara os seus filhos daquela terra. Foi assim que uma princesa da Casa de Perseu criara, por casamento, a linhagem de Pélope e os senhores da cidade.

Porém, E-ra continuava a ser a Senhora do Palácio. Somente na forja a mulher de olhos claros de Velanto tinha influência. Potinija, não me abandones, implorou silenciosamente. Dá-me a sagacidade necessária e força para enfrentar seja qual for o teste que me aguarda hoje aqui. Compondo um ar solene, atravessou o limiar em pedra e entrou no salão. O rei Fórcis, alto e macilento agora pela idade, ergueu os olhos, saudando-o com o sorriso habitualmente cativante, como se estivesse a interrogar-se como gerara um filho tão espadaúdo e robusto. Quando era pequeno.

Velanto pensava que talvez o rei tivesse razão em se questionar sobre a sua origem. Sentira sempre empatia pelo perseguido Héracles. O rei Fórcis descendia de um irmão bastardo de Atreu, mas Héracles era herdeiro dos Persêiades, e os seus descendentes eram reis de Tirinto de pleno direito. Nos seus momentos mais exaltados, Velanto sonhara que o amante da mãe fora o próprio Héracles, regressado ao reino que tanto amara e perdera. Um dia haveria de se apresentar perante todos, proclamando que era filho desse grande herói, que regressara para reclamar o que era seu. Porém, outras vezes, quando os meios-irmãos o atormentavam, Velanto deixava-se tomar pela triste certeza de que deveria ter sido algum escravo ou hóspede do palácio o seu progenitor, e não o rei.

Atravessou os ladrilhos desenhados e moveu-se pelo lado direito da clareira, para se colocar perante o trono. O mensageiro devia ser de alguma importância, visto Fórcis ter colocado a coroa de rei e a capa

franjada que deixava a nu um dos ombros ossudos e empunhar a espada.

- Chamaste-me senhor, e aqui estou. Que desejas?
- O rei Soberano recebeu notícias estranhas. Prepara-se uma guerra a oeste de Tirinto, no norte. Há quem diga que não passam de alguns bandos armados, de uma chusma de bárbaros que se ocupa a fazer incursões, mas há quem diga que o Filho de Héracles chegou, por fim, para reclamar as suas terras.

Velanto pestanejou ao ouvir aquele nome, mas nem no pior dos seus pesadelos tinha alguma vez incluído uma horda de bárbaros.

- Talvez não passem de boatos - prosseguiu o rei -, mas devemos tomar precauções. Irás como meu porta-voz até ao Rei Soberano. Conheces as nossas forças. Fala com ele sobre como poderemos defender esta terra.

As nossas forças... e as nossas fraquezas, pensou Velanto. Fora ele quem supervisionara os trabalhadores que tinham restaurado as muralhas e era a ele que recorriam os guerreiros para consertar uma peça de arnês ou forjar uma nova lança.

- Sozinho? - inquiriu.

- Se Aiaison regressar de Argos antes de voltares, enviá-lo-ei ao teu encontro. Ele precisará de falar com os comandantes de Tisameno. Mas, para o essencial, sim, tu estás dentro do assunto.

Velanto fez uma vénia, não só em demonstração de gratidão por aquele reconhecimento por parte do rei, como também para encobrir o pfaizer inesperado que sentira ao recebê-lo. Os tentáculos do polvo pintado

nos ladrilhos a seus pés pareceram agitar-se quando olhou para eles através dos olhos marejados de lágrimas. Por mais accidental que tivesse sido o seu nascimento, era-lhe reconhecido valor. Apenas agora se apercebia de que nunca tivera plena certeza disso.

- Estou ao teu serviço, mas, se tivermos de partir agora, tenho de terminar primeiro uma coisa que está na forja.

- Não, não. O inimigo, se existir, não se encontra aos nossos portões. Acaba o teu trabalho e reúne a tua comitiva. Entreterei o nosso convidado, como merece e o deus exige. Uma comitiva? Velanto ergueu uma sobrancelha. Aparentemente, o rei desejava marcar a sua posição com muita clareza. - O meu criado está doente - replicou. - Posso levar o rapaz? - Apontou para Pica-Pau. - Porque não? Comprei-o para o oferecer à rainha, porque pensei que por ser novidade, a divertiria, mas ela não lhe dá atenção. Se gostas dele, é teu. Velanto lançou um olhar rápido à sua nova posse e surpreendeu um olhar de alívio nos olhos escuros do escravo. Teriam as mulheres sido assim tão pouco gentis para com ele? - Então, vem - disse ao rapaz. - Se me vais servir, podes começar já a aprender qualquer coisa comigo na forja. Ao passarem pelo propileu, Velanto captou o brilho cintilante de uma veste feminina junto à porta que dava acesso aos aposentos das mulheres e virou-se. Foi uma reacção puramente instintiva, pois tinha o espírito ocupado em conjecturas várias, mas o movimento fê-lo voltar a si e sorriu feliz, ao ver Tanit à sua espera. Envergando um simples vestido cintado e uma bandolete em bronze, marchetada com flores, que ele lhe fizera para prender o cabelo escuro, achou-a mais bonita do que qualquer mulher da corte vestida com corpete e saia drapeada debruada a ouro. - Bom dia, pequenina - o rosto

desanuviou-se num sorriso -, esperava que pudéssemos estar juntos esta noite, mas o rei... - Não te preocupes com isso - interrompeu-o ela -, a rainha deseja falar contigo. Por instantes, o alvoroço que sentiu na carne e o arrepio causado pelo nome da rainha deixou-o sem palavras. Tanit esboçou um sorriso e o canto da boca onde ele a beijava quando a tinha nos braços contraiu-se, mas manteve a dignidade que cumpria a uma serva da rainha. - Ela não te irá comer, sabes... Disso nunca Velanto estivera completamente seguro. Contudo, já não era uma criança, mas sim um homem feito. Recompondo-se, seguiu a rapariga até ao mégaron real. A sala era semelhante à do rei, mas mais pequena, e a lareira era rectangular, em vez de redonda. Tal como o do marido, o trono da rainha Naxomene situava-se na área oeste do aposento. Sobre o vestido, usava as vestes de grã-sacerdotisa e colocara na cabeça o toucado dourado com os pendentes em forma de lírio, que lhe caíam sobre a testa.

Tornava-se claro que, fosse o que fosse que pretendia dele, não se tratava de nada pessoal. Se seria ou não preocupante, Velanto não sabia. Fez a vénia devida a uma sacerdotisa e aguardou, tentando discernir algum significado nas feições de estátua da rainha, tão suaves como as máscaras de ouro que cobriam o rosto dos mortos.

- Que disse o mensageiro de Tisameno? Durante um momento, Velanto pensou responder que, se o rei não achara por bem contar-lhe, não lhe caberia a ele dizer-lhe. Mas era do conhecimento geral que a rainha constituía o elo mais forte do casal e, se não o soubesse já, sabê-lo-ia certamente em breve. Deveria existir outra razão para estar a interrogar Velanto naquela altura. Ergueu o olhar, perturbado pelos ornamentos que oscilavam sobre a fronte da mulher e

que não lhe permitiam ver os olhos.

- Consta que tem havido algumas incursões nos nossos territórios, mas tais vermes sempre rondaram as nossas fronteiras. Não há razão para pensar...

- A deusa anda inquieta - interrompeu-o a rainha. - Os Filhos de Héracles andam a causar problemas nos nossos territórios.

- Ela ainda o odeia? - Quase instantaneamente, Velanto arrependeu-se da pergunta.

A rainha estremeceu ligeiramente e os lírios de ouro oscilaram sobre a testa; Velanto sentiu um arrepio sem saber porquê.

Quando voltou a falar, o tom de voz mudara.

- Héracles é agora um deus, mas os filhos que deixou são homens. Este é um inimigo nosso muito antigo, mas a guerra será nova, um género de conflito que nunca conheceste.

Tanit deu um pequeno passo em frente, depois estacou, mordendo o lábio. Velanto compreendeu o que se passava. Ele já vira Naxomene incorporando a deusa antes, nos festivais, mas nunca houvera razão para ele estar perto da mãe. Sentiu um formigueiro na pele, como por vezes lhe acontecia quando fazia muito vento, apesar de o ar estar quente e quieto.

- Sim, Senhora - respondeu Velanto, dirigindo-se tanto à deusa como à rainha. - Que queres que faça?
- Uma guerra nova precisa de armas novas.

Sentiu um arrepio sem saber porquê.

Quando voltou a falar, o tom de voz mudara.

- Héracles é agora um deus, mas os filhos que deixou são homens. r Este é um inimigo nosso muito antigo, mas a guerra será nova, um género de conflito que nunca conhecestes. Tanit deu um pequeno passo em frente, depois estacou, mordendo o Velanto compreendeu o que se passava. Ele já vira Naxomene incorporando a deusa antes, nos festivais, mas nunca houvera razão para ele estar perto da mãe. Sentiu um formigueiro na pele, como por vezes lhe acontecia quando fazia muito vento, apesar de o ar estar quente e quieto. - Sim, Senhora - respondeu Velanto, dirigindo-se tanto à deusa como à rainha. - Que queres que faça? - Uma guerra nova precisa de armas novas. Novas armas? Como poderia ele fabricar novas armas quando desconhecia o perigo? - Farei o que puder - murmurou.

- Farás, e assegurar-me-ei disso. É essa a minha função. - Havia algo aterrorizante no sorriso dela. - Ser-te-á dado o conhecimento para isso.

Hipácio é meu filho. Ele mostrar-te-á o que deves fazer. - Recostou-se novamente no trono. - Vai, vai, rápido! - murmurou Tanit, enquanto Velanto a fitava estático. Nunca ficara tão contente por obedecer a uma ordem dada por uma mulher. - Sim, aquela, põe-na no baú e dobra-a cuidadosamente, agora! Pica-Pau olhou para Estaros, o criado que se encontrava no topo da hierarquia, de cabelo grisalho, que presidia à preparação da bagagem, e pegou na veste. O homem estava desde manhã a resmungar com Pica-Pau, como se este pudesse de algum modo saber de que é que o príncipe Velanto precisaria para a viagem e também o local onde o poderia encontrar. Passara apenas um dia desde que fora transferido para o serviço do príncipe.

Começava a interrogar-se se o primeiro alívio que sentira não fora um engano.

Bater-lhe-ia Velanto se amarrotasse alguma das suas vestes? Parecia suficientemente forte para o fazer ele próprio, ao contrário do segundo amo que tivera, ou seria o terceiro, que gostava de ficar a olhar enquanto o seu guarda-costas musculado chicoteava os escravos. Agitou as pregas do linho, como se soubesse por instinto como deveriam cair, a direito pelos ombros, de modo que o tecido formasse um quadrado e caísse em pregas, e, assim, também o desenho das costas cairia a direito. Claro que aquilo lhe era familiar. Ajudara muitas vezes Larel a vestir tais vestes nos rituais. Afastou essa recordação, depois dobrou a veste e ficou quieto, olhando para o emblema nela bordado. Era a cabeça de touro com os chifres curvos e um disco solar sobre a fronte. Por que razão ficaria surpreendido? Aquela gente dava valor ao gado - vira os chifres estilizados colocados à porta dos santuários. Encontrar aquela imagem nas vestes de um príncipe não significava nada. Porém, por instantes, o que viu foi o emblema com a cabeça de touro do Ai-Zir. Agradeceu aos deuses que os momentos em que a recordação o avassalava fossem tão raros. Tudo ali - desde as árvores às flores, a própria forma das colinas e o cheiro do ar - era tão diferente da sua terra natal que poderia andar dias seguidos sem ser invadido pelas recordações. Então, qualquer dor ou vista ocasional, como o fogo da oficina de ferreiro de Velanto, enchia-o de memórias e, durante alguns instantes, sentia-se perdido no mundo.

- Tu! Ó simplório, estás a olhar para onde? - A voz do criado pareceu-lhe vir de muito longe. Quando o homem lhe deu a bofetada, mal sentiu o golpe. - Achas que...

- Estaros! A voz profunda que dominou as palavras seguintes do criado trouxe o rapaz a si, corando num misto de embaraço e apreensão. A figura de Velanto enchia a entrada da porta, as sobrelanceiras unindo-se de tão franzidas. A fronte e as têmporas pareciam ter sido talhadas em bronze fundido e destacavam-se por entre a barba escura aparada curta. Estaros estremeceu e Pica-Pau cruzou os braços para fazer uma vénia. Nessa manhã, Velanto usava a longa túnica branca própria do seu estatuto real, mas quando Pica-Pau via o príncipe meio despido e suado, debruçado na forja, ficava espantado com a força daqueles músculos.

- Como poderia o rapaz saber o que fazer, se, antes, nunca viu os meus pertences? Só partimos daqui a dois dias. Dá-lhe tempo. - Pica-Pau corou de novo, escutando por entre o timbre rude da voz um calor humano que achou estranhamente reconfortante. Levou o punho à fronte, em saudação, para depois, com mãos ágeis, acabar de dobrar a roupa.

Afinal, o novo criado de Velanto passou mais tempo a organizar os pertences do amo do que como aprendiz de ferreiro. Para isso, como o rapaz timidamente lhe referiu, haveria tempo, ao passo que o rei os queria a caminho de Micenas agora. Velanto deu por si a achar graça à insistência do moço. Os seus outros criados, mais dados a resmungos do que a sorrisos, optaram por tratar o recém-chegado como aliado, em vez de como um rival, o que também surpreendeu o ferreiro. Habitado a ter dúvidas sobre o seu próprio estatuto em Tirinto, teria ele sido um amo tão pouco atencioso? Velanto cogitava ainda nesta questão quando saíram da estrada principal que cortava a planície e começaram a subir até à cidadela do Rei Soberano.

Quando subiam a última ladeira, contornando a última curva da encosta, foi trazido a si pelo assobio de surpresa de Pica-Pau. O rapaz contemplava a fortaleza que se erguia à sua frente, a qual parecia ter crescido a partir do cume do monte que se agigantava perante eles, uma elevação que, na maioria das terras, seria designada por montanha. Aqui, era apenas um promontório rochoso, diminuto, que espreitava por entre os picos altos e escarpados que se erguiam por trás. As muralhas maciças de pedra cor de mel envolviam-no, socalco após socalco, coroadas pela muralha real, cujas ameias, avermelhadas brilhavam ao sol da tarde. - Impressionantes, não são? - Tirinto é poderosa - proferiu o rapaz, num suspiro - , mas Micenaé ainda mais imponente. Foram gigantes que moveram estas pedras? - É o que dizem. - Velanto sorriu. - Foi construído pelos Ciclopes para o rei Perseu, quando Tirinto já não lhe bastava. Claro que isso aconteceu antes de Odisseu arrancar o olho de Polifemo, quando regressava de Tróia. Apesar de ser filho do Reunidor de Nuvens, não acredito que os Ciclopes pudessem ser tão prestáveis agora. Não existem obras em pedra' tão portentosas como esta na tua terra? - Para os vivos não - respondeu Pica-Pau, de cenho carregado. - Eu... recordo-me de uma coisa que se assemelhava a uma grande mesa de pedra, e as cheias lavaram a sepultura que esta abrigava. Há grandes pedras no círculo de pedra, onde as sacerdotisas presidem aos rituais, pedras colocadas naquele lugar através dos cânticos de mestres magos que vieram para a minha terra depois de atravessarem o mar. Mas isso aconteceu há muitas vidas humanas, já. O meu povo vive em casas de telhados de colmo rodeadas por muralhas, as quais são fáceis de incendiar. Estacou, a emoção deixara-lhe o rosto estático, como se um escultor modelasse uma imagem em barro. Velanto

não o pressionou. Apesar de toda as dúvidas que sentia em relação ao estatuto que tinha, o ferreiro nunca tivera receios sobre a sua segurança física. Até agora. A poeira erguia-se da planície num redemoinho de nuvens, através das quais as formas dos carros de guerra em manobras apareciam e desapareciam como se fossem imagens de um sonho. As muralhas de Micenas, quatro vezes maiores do que um homem alto, encimavam uma ladeira que se erguia da planície em declive. Daí podia ver-se toda a paisagem em redor até aos montes que abrigavam Argos, que tinham sido sem dúvida a razão pela qual Perseu a escolhera para fundar a sua cidadela. A área onde os carros de guerra treinavam ficava próxima do local onde se encontravam, um pouco além da estrada por onde circulava o comércio que atravessava as montanhas de Corinto até Tirinto, vindo do mar. Do lugar, onde se encontrava, perto do rei, Velanto semicerrou os olhos para ver as movimentações. Tinha na memória as imagens das braçadeiras e juntas.] fivelas e freios e de toda a parafernália que havia passado pela sua forja." Quando os guerreiros se jactavam, embriagados, no salão, sempre o divertira reflectir que não havia coragem humana que pudesse salvar um homem de ser atirado ao chão quando perdia uma das rodas de um carro.

- Olha para eles! - O rei Tisameno debruçou-se sobre a muralha. - Choveu tanto este Inverno que os pastos ainda estão verdes e os cavalos gordos e pujantes. Conseguem correr vários anéis em redor de qualquer inimigo! - Endireitou-se, rindo. Era um homem alto e jovem, de cabelo preto encaracolado e rebelde.

- Como consegues ver isso? - Velanto amenizou o comentário com um sorriso. - Eu só vejo nuvens de poeira. - As pessoas por vezes interrogavam-se como conseguiria ele aguentar o calor e o fumo da forja,

mas a poeira de um campo de batalha era mais espessa. E ele podia desnudar-se para fazer o seu trabalho na oficina, ao passo que os guerreiros que conduziam os carros de guerra sufocavam, enfiados em armaduras de pele cosidas a chapas de bronze.

- Sim, mas há vultos naquela poeirada - observou o Mestre dos Carros de Combate - que o olhar experiente pode ver...

Isso põe-me no meu lugar, pensou o ferreiro sarcasticamente. Na noite interior, haviam ficado até tarde em conciliábulo, e o guerreiro interrogara-se sobre o que Velanto faria ali, e, acima de tudo, por que motivo lhe daria o rei atenção. A conversa terminara com uma garantia vaga de que Micenas não seria tomada. Tisameno prometeu arranjar homens e provisões suficientes para suportar um cerco, mas foi bastante claro em não os excluir, pois precisava deles. A cada homem seu ofício, pensou, então, Velanto. Sei ver quando posso levar o bronze ao fogo só por olhar para a cor do carvão, mas vocês apenas saberiam quando o não deveriam pôr na mão.

- Se mandarem carros de combate, os teus homens serão certamente superiores. Mas não o farão. É o que tenho estado a tentar dizer-te -murmurou entre dentes o homem de Corinto, como se não se importasse de que alguém o estivesse a ouvir. Chamava-se Thersander. De facto, o rei parecia não lhe ter prestado atenção até agora.

- Diz-me a mim - disse Velanto dando o braço ao homem. - Como nenhum de nós parece ser preciso aqui, vamos conversar para um lugar mais fresco.

Lá foram caminhando ao longo da muralha, quase tão

vasta em praças quanto o era em altura. Talvez os carros de combate falhassem, mas, quando Tisameno afirmara que Micenas não seria tomada, Velanto acreditara nele. Nenhuma força humana conseguiria deslocar aqueles blocos de pedra colossais. Após passarem pelo círculo de campas, de onde os espíritos de mortos poderosos continuavam a proteger os seus descendentes, deram com uma escadaria que levava ao celeiro. Os guardas que se encontravam junto ao Portão das Leas saudaram Velanto quando este passou, e Thersander ergueu uma sobrancelha. - Aceita as minhas desculpas, príncipe, mas percebi que eras ferreiro de bronze e servias na corte de Tirinto. - E não posso ser as duas coisas? - Velanto optou por não entrar em pormenores sobre o seu parentesco. - Na minha terra, o ofício do bronze é um dos mistérios reais e é exigido aos reis que saibam alguma coisa sobre o mesmo. É tradição que pelo menos um filho de rei, em cada geração se torne mestre ferreiro, e foi a mim que Atena Potinija chamou. - E és um mestre no teu ofício? - perguntou o homem ao subirem a estrada, tomando em seguida o caminho da esquerda, que ia dar às oficinas e a alguns dos edifícios do outro lado do palácio, onde, habitualmente, ficavam alojados os convidados cujo estatuto não exigia que lhes oferecessem camas nos aposentos perto do mégaron. - Assim me chamam - respondeu Velanto em tom seco. Considerava, que era de um orgulho desmesurado afirmar ser mestre no seu ofício, quando, tinha ainda tanto para aprender. - E qual é o teu ofício, homem de Corinto para além de seres portador de notícias que ninguém quer ouvir? Aquele comentário fez o mensageiro rir. - O meu pai é comerciante de vinhos e manda-me muitas vezes a terras estrangeiras. Não tenho muito jeito com a lança, mas já vi muita coisa.' Os meus reis pensaram que eu talvez conseguisse explicar o que está a acontecer em palavras que o rei Tisameno pudesse entender. Eles não

estão à espera que nos ajudes, mas, mesmo que caíssemos às mãos desses bárbaros, o nosso povo não ficaria completamente sem liderança se o herdeiro de Agamémnon sobreviver. Ao escutar isto, Velanto fitou-o fixamente. Os Daneus não tinham conseguido chegar a acordo sobre o preço do azeite, e muito menos no que dizia respeito a obedecerem a um Soberano, desde que Agamémnon liderara as hostes até Tróia. - Eles são mesmo bárbaros? - perguntou, curioso, enquanto prosseguiam caminho à sombra da colunata que rodeava o pátio. - Ouvi dizer que se chamam a si próprios Heráclidas, os Filhos de Héracles, e que falam um dialecto próximo da nossa língua. Thersander encolheu os ombros. - Quem sabe? - Sentou-se num dos bancos, suspirando. - Pelo que dizem, Héracles foi um touro que gerou uma prole tão numerosa "manto a de Diwas. Só o seu filho legítimo, que nascera do seu casamento com Dejanira, se refugiou em Atenas. Héracles poderá ser agora um deus, mas fez muitos inimigos enquanto homem.

Velanto agitou-se, ouvindo o eco das palavras da rainha Naxomene.

- Suponho que seguiram atrás dele. Tirinto não foi a única Cidade em que a sua prole não foi bem-vinda. Por isso, continuaram caminho para norte, alguns deles, pelo menos, para terras onde os homens respeitam tão pouco a lei quanto eles próprios - prosseguiu Thersander. - Mesmo que sejam tão portentosos quanto Héracles, não podem ter gerado as hordas de que falas. - Velanto sentou-se no outro lado do banco e fez sinal a um criado que passava para lhe pedir vinho. - Diz-lhes isso a eles! Não vêes? Esse homem, Aletes, que ataca Corinto, é neto de Thestalos, filho de Héracles. Outras cidades foram atacadas por grupos de mercenários, que vêm de uma ilha a oeste daqui, ou por homens do norte, para lá de Olímpia. Não importa quem

eles são realmente... convenceram-se de que são algo mais do que bárbaros ávidos de nos saquearem, mas esses flibusteiros têm uma história! São os Filhos de Héracles e estão de regresso! - Como os nossos avós, quando foram para Tróia - proferiu Velanto lentamente. - Juraram que iam vingar a honra de Menelau e recuperar Helena! Thersander concordou.

- Sim, mas saquearam e incendiaram a cidade na mesma.

Mas eram Daneus, pensou Velanto. Se os nossos guerreiros conseguiram tomar Tróia, tão longe de casa, quão mais fortes poderemos ser ao defendermos a nossa própria terra! - Eles não incendiaram Corinto! - proferiu em voz alta.

- Ainda não. Eu parti mesmo antes de montarem cerco à cidadela.

A cidade abaixo não podia ser defendida, e a maior parte das pessoas fugiu.

Mas a Acrópole possui uma boa fonte de água potável e muito cereal armazenado. O rei Doridas pensa que Aletes cederá à doença e ao aborrecimento, desistindo antes de nós cedermos à fome. O rei Hiantidas está menos esperançoso, mas ele foi sempre menos arrojado do que o irmão. - Suspirou. - O que o vosso rei parece não compreender é que, quando eles marcharam sobre a cidade, nós enviámos os nossos carros de combate para os destruir, -mas mesmo assim eles derrotaram-nos. - Vieram a marchar... estão, portanto, a pé. - Velanto franziu o cenho. - Todos os exércitos têm alguns soldados de infantaria para causarem escaramuças em territórios difíceis e limparem o terreno depois da passagem dos carros de combate, mas como terão conseguido aproximar-se o suficiente dos carros para

lhes causarem dano? - Aprenderam uma nova técnica de combate - explicou Thersander com ar solene. - Mesmo que sobrevivamos, nunca mais voltaremos a fazer guerra da mesma forma. - Que queres dizer com isso? Nenhum guerreiro a pé poderá alguma vez combater contra um carro de combate! - Separadamente, é isso. Os batedores que saem nos nossos carros funcionam como retaguarda de apoio, liquidando os inimigos atingidos ou ajudando os nossos feridos a sair do local em segurança. Apanhados em campo aberto, podem ser destruídos. Porém, os homens de Aletes combatem em unidades. Os seus escudos redondos são suficientemente grandes para rechaçar as setas, e basta um dos seus pesados dardos para abater um cavalo. Então, investem e atacam quem apanham pela frente com um golpe de espada. - Não compreendo, os seus irmãos levavam espadas compridas quando combatiam nos carros, mas serviam apenas para empurrar, sendo raramente usadas para pelejar. Um corpo disciplinado de carros de combate dizima inimigo com as setas e só ocasionalmente o soldado de infantaria chega suficientemente perto a ponto de exigir o uso da lança. Thersander levantou-se com ar de quem tinha tomado uma decisão. - Mostrar-te-ei como fazem. Creio que tu serás capaz de compreender. - O homem de Corinto começou a andar e desapareceu atrás da colunata. Quando voltou, trazia consigo um embrulho comprido. - É isto que eles usam. - Colocou o objecto sobre o banco e desembulhou a pele que o envolvia, revelando uma espada. Contudo, tratava-se de uma espada completamente diferente das que Velanto conhecia. Comprida como um florete, a lâmina crescia suavemente da extremidade do punho antes de curvar novamente, e os dois gumes estavam de tal forma afiados, que roçava a perversidade. O ferreiro estendeu a mão para lhe tocar, tentado e passou um dedo pela superfície suave. O punho da arma era em

osso, trabalhado com um fio de ouro entrelaçado. - É um bom trabalho... - proferiu lentamente.

Thersander concordou. - Consegues fazer uma assim? Velanto agarrou no punho da espada e levantou-se, aferindo o peso da arma e a forma como se equilibrava na sua mão. Num florete tê-la-ia achado pesada, mas a lâmina manejava-se com facilidade, como a cabeça da serpente se move em busca da presa. Está ávida de sangue humano, pensou, mas isso era certamente uma característica positiva numa lâmina.

- Se tiver esta como modelo, acho que sim... com tempo.

Thersander respondeu com uma explosão abrupta de riso.

- Eu posso dar-te a espada, mas só os deuses te poderão conceder tempo.

NOVE

Durante algum tempo, parecia que os deuses tinham escutado as preces de Velanto. Os dias claros e luminosos do Verão do sul iam dando lugar ao Outono. Das oliveiras, maduras, extraía-se o azeite e nos lagares prensava-se vinho tinto novo. O trigo para o Inverno fora semeado e em breve as chuvas mais abundantes nesse ano do que nunca, fariam brotar os primeiros rebentos nos campos e as colinas erguiam-se ao longe verdejantes de vida. Apesar dos boatos que corriam sobre a guerra, os homens tinham esperança de ter um bom ano. À medida que o cereal crescia nos campos, a pilha de armas aumentava na forja de Velanto. Copiando o exemplar que tinha, o ferreiro talhara uma lâmina em madeira para servir de primeiro molde. Porém, algo imperfeita, pois embora a lâmina se parecesse com o modelo, a arma tinha pouco equilíbrio. Velanto demorou várias semanas, em sucessivas tentativas e erros, a criar uma arma que se adaptasse bem e que fosse facilmente manejável. Por essa altura tornara-se óbvio que seria preciso muito tempo para produzir espadas suficientes para todos os guerreiros de Tirinto, e o fornecimento de bronze era escasso. Chegou a notícia de que Corinto caíra, mas o inimigo parecia ter assentado arraiais durante algum tempo para desfrutar da conquista. Com Micenas no caminho entre outra investida, poucos em Tirinto perdiam o sono perante o perigo iminente. De todos os irmãos de Velanto, só Aiaison ia prestando atenção aos avisos que este fazia. Por vezes, Velanto pensava que o irmão, líder de guerra, lhe estava apenas a fazer a vontade, mas Aiaison ficou com a primeira espada forjada que mais se aproximava do exemplar que Velanto possuía e começou a treinar os seus guerreiros em formação de fileira cerrada, armados da nova espada e do novo escudo redondo. Assim, o tempo foi passando,

enquanto as tempestades fustigavam a cidadela e os dias se sucediam lúgubres, sombrios. No Verão, a terra enchia-se de luz, mas quando as nuvens de Inverno se cerravam sobre os homens, estes sentiam-se apartados do mundo. As intempéries tinham menos importância na oficina do ferreiro, mas nem o calor da forja conseguia animá-lo ao partir o barro da sua última tentativa e constatar que vários pedaços de carvão haviam ficado presos ao molde.

Fitou com ódio o trabalho em bronze e agarrou na lâmina defeituosa para a partir com fúria sobre o joelho. Nos últimos meses, Pica-Pau, que limpava agora o pó à entrada da porta, aprendera imenso sobre a arte de trabalhar o metal, incluindo saber quando era altura de desaparecer da vista do seu mestre. Contudo, desta vez, a fúria que o rapaz esperava não se manifestou. Estava demasiado escuro, fazia demasiado frio e a tarefa era demasiado difícil. O metal retiniu quando Velanto atirou as peças para o monte de sucata, que se situava a um canto da oficina, e se sentou num banco, com a cabeça entre as mãos.

Senhora, porque não consigo eu dominar este ofício? Não laboro por riqueza ou glória, mas para servir o meu povo! Se queres que obtenha êxito, porque não me ensinas o que devo saber? Uma rajada de vento frio investiu por entre as vigas robustas da porta, acordando subitamente para a vida o carvão da forja e perseguindo sombras pelas formas familiares do ferreiro. Os lábios pintados da imagem de barro pareceram abrir-se num sorriso enigmático. O olhar de Velanto vagueou da lareira para o fole, passou sem ver através do granito liso da bigorna e pela pequena vassoura com que costumavam varrer as partículas arrancadas pelos vários martelos de pedra e de bronze. As tenazes para o fogo, as pedras de amolar, os

gravadores de bronze, o pesado recipiente em barro, cheio de água, cada coisa no seu lugar, pareciam-lhe agora inúteis.

Passados alguns momentos, Pica-Pau pegou no jarro que mantivera a aquecer junto à lareira, verteu um pouco num cálice e levou-o a Velanto. O ferreiro fitou a superfície escura, agitando o recipiente raso, mas viu apenas a sua própria imagem distorcida. Suspirou, erguendo-o pelas asas arqueadas, e deixou que o vinho lhe escorregasse pela garganta. O calor intensificara o sabor de tal forma que não sabia se o vinho levava água. O cheiro e o sabor foram por momentos avassaladores. Bebeu grandes goles do líquido. Tanto lhe fazia se ficasse tão embriagado quanto um bárbaro do norte. Hoje não trabalharia mais.

- Pensaste que te iria bater por a espada ter falhado?
- perguntou Velanto, passado um bocado. - A culpa não é tua... - Alguns amos bater-me-iam - replicou Pica-Pau. O rapaz dominava cada vez melhor a língua aqueia.
- O primeiro homem que me comprou tratava pior os escravos do que os cães, e um cão que ladrasse sem ele querer dava-lhe um pontapé que o arremessava de uma ponta à outra da sala.

Quando morreu e os seus herdeiros venderam os escravos, fiquei contente. - Quantos donos já tiveste?
- Velanto endireitou-se, de rosto carrancudo, um pouco surpreendido por não se ter lembrado de perguntar isso anteriormente. - Não tenho a certeza... - respondeu o rapaz, passado um pouco. - Há ocasiões em que me não quero lembrar. Mas agora não - acrescenta, rapidamente. - Este é o melhor lugar onde já estive. - O melhor? Com um amo tão rude que metade das vezes se esquece de te alimentar, numa cidade que a qualquer momento pode ser atacada por um misterioso inimigo?

Pica-Pau abanou a cabeça.

- Como quando comes, senhor, e trabalhas muito mais do que eu.

Velanto notou que o rapaz não mencionara o inimigo. Bem, melhor seria não pensar nele também. Talvez fosse por isso que exigia tanto de si próprio.

Trabalhar mais do que o suficiente deixava-o demasiado cansado para se preocupar. Ou até para sonhar. Naqueles dias, temia os sonhos, pois demasiadas vezes o que sonhara se tornara realidade. Compreendia perfeitamente que fosse doloroso para o escravo falar do passado e Velanto coibiu-se de lhe fazer mais perguntas, mas, nessa noite dormiu mal, e, quando ouviu um soluço vindo da esteira aos pés da sua cama, onde Pica-Pau dormia, acabou por despertar completamente. Durante um momento permaneceu quieto, não querendo embaraçar o rapaz deixando-o perceber que o ouvira soluçar, mas, quando os soluços se transformaram em choro, saltou de imediato da cama. Com um suspiro, Velanto debruçou-se sobre o rapaz adormecido. Disse a si próprio que metade do palácio despertaria se aquilo se tornasse um pesadelo e, além do mais, ele próprio não conseguiria dormir se aquilo continuasse - razão mais aceitável do que admitir que, por algum motivo, se sentira tocado pela dor de Pica-Pau. Agarrou no ombro do rapaz e sacudiu-o gentilmente. - Pica-Pau, acorda, rapaz. Estás aqui, em segurança. Acorda e olha para mim! A pressão da mão diminuiu e o rapaz ergueu-se com um grito.

- Fogo! - A palavra saiu meio abafada pela mão de Velanto. - Está a arder... não consigo respirar! - O rapaz estremeceu, parecendo acalmar-se, enquanto Velanto o soltava, e soltou um suspiro que o deixou a

arfar. Porém, os braços musculados treinados no trabalho na forja apertaram com força os membros compridos do rapaz até o tremor ter passado. - Está tudo bem - murmurou. - Estás a salvo comigo. - Sabendo, mesmo enquanto falava, que mentia. A vida era tão imprevisível. Mil e um desastres os poderiam atingir, Mesmo que os Filhos de Héracles nunca ali chegassem. Era assim, pensou, com todos os homens, em qualquer parte do mundo. Contudo, naquela altura naquele lugar, no momento em que sentiu os músculos tensos do rapaz contraírem-se gradualmente sob as suas mãos, podia proteger este - não sabia bem como o definir, pois havia algum tempo que deixara de pensar em Pica-Pau como escravo - este ser humano que tinha nos seus braços. Pica-Pau já não era uma criança. Então, por que motivo sentira este súbito instinto de o proteger? Pressentia que as Moiras haviam de algum modo entretecido os seus destinos. Fosse qual fosse a razão, o escravo de cabelo ruivo entrara no pequeno círculo daqueles por quem Velanto se permitia interessar. No promontório situado acima do porto, as chamas alaranjadas erguiam-se contra o céu fresco do entardecer. Clitemenestra mandara colocar aí um farol, nos anos em que a fina-flor dos Daneus, chefiados pelo marido, Agamémnon, o Grande Rei, derramavam o seu sangue em Tróia. Por ordem da rainha, os homens erigiram faróis que assinalariam, de pico rochoso para pico rochoso, que os navios troianos de cascos negros haviam finalmente zarpado para regressar a casa. Os Aqueus haviam louvado a sua devoção, mal sabendo que o ódio alimentava aqueles fogos. Nos anos que se seguiram ao regresso sangrento dos heróis, os faróis mais distantes tinham sido abandonados, mas quando a presença dos piratas começou a ser mais frequente no mar Egeu, os postos de vigia haviam sido reconstruídos ao longo da costa. Nos dias que corriam, os homens que os vigiavam olhavam o mar não com esperança mas com

medo no coração. Agora, as fogueiras ardiam mais uma vez nos faróis. Velanto encontrava-se sobre a parte exterior da muralha, do lado oeste do rochedo de Tirinto, apreciando esteticamente o contraste vívido do fogo contra o azul cada vez mais profundo dos céus. O fumo revelava e escondia alternadamente as estrelas. Lá em baixo, a planície pululava de gente activa, carregando fardos de mercadoria ou puxando carroças, que rangiam carregadas com os seus pertences em direcção à cidadela. Velanto tentou dizer a si próprio que talvez aquelas provisões não fossem necessárias. O farol assinalara apenas que avistara os vasos de guerra. Era possível que alguns piratas estivessem simplesmente parados em alto-mar, aguardando algum comerciante gordo que largasse do porto. Num dia ou dois, o alarme poderia ser suspenso, e o pior dos seus trabalhos seria enfrentar a confusão de voltar a colocar tudo novamente no seu lugar. Porém, o nó frio que Velanto sentia no estômago dizia-lhe uma coisa diferente. As colinas verdejantes e o tempo ameno anunciavam que a estação em que os homens partem para o mar chegara. O rei tivera esperança de ir para sul de Corinto, de modo a causar estragos primeiro em Micenas. Contudo, pairara sempre a hipótese de Aletes mandar um dos seus primos destruir Tirinto e esmagar Micenas entre Tirinto e Corinto, uma vez que as tivesse tomado a ambas. - Meu senhor Velanto - chamou Pica-Pau das escadas. - Meu amo precisam de ti no portão. Um dos carros partiu uma roda. Já pedi para levarem lá para baixo as vossas ferramentas. Velanto concordou. Portanto, o assalto começara. As donzelas de Tirinto dançavam perante o rei, formando uma linha sinuosa que ora se afastava ora estreitava em redor da grande lareira central. No mégaron, haviam levantado as mesas do banquete, e os comandantes dos esquadrões de carros de combate encontravam-se reclinados nos assentos observando as dançarinas. Concentradas, as raparigas

curvaram-se para a frente, para voltarem a arquear as costas, virando-se umas para as outras e depois afastando-se, os corpos flexíveis obedecendo à doce melodia da flauta e ao rufar do tambor. Nesse momento, não interessava que as tendas listradas e remendadas da horda inimiga comesçassem a espalhar-se em redor da baía. Existia apenas o próximo passo, a próxima inclinação e volta a disciplina da dança. Talvez, pensou Velanto, fosse a mesma coisa para os homens no campo de batalha, quando a existência se resumia à confusão de rostos irados, para os quais importava apenas o ritmo do ataque e da defesa, treinados em cada músculo e tendão. Por vezes, era assim que via as coisas na sua oficina, ao endireitar-se, subitamente consciente da dor que tinha no braço, quando erguia uma espada acabada de forjar, e via que a luz do Sol declinava na janela virada a oriente, incidindo sobre o chão de terra batida. O carvão pulsava na lareira como se guardasse o tempo para a dança, tornando mais escuro o vermelho dos pilares pintados e fazendo com que sombras das raparigas dançassem a sua própria dança no chão ladrilhado.

O rei contemplava tudo o que o rodeava com o rosto contraído de atenção, mas o seu olhar mergulhara em preocupações íntimas. Desde a chegada do inimigo, os acontecimentos sucediam-se como a ordem premeditada de uma dança. Não havia nada a fazer em relação aos ataques surpresa ou à estratégia - a cidade não podia fugir. No dia seguinte, os esquadrões de carros de combate de Tirinto avançariam para a batalha e Velanto iria descobrir se Thersander de Corinto lhe dissera a verdade sobre as novas espadas e o poder que possuíam. De certo modo, pensou sombriamente, os escravos que sobrevivessem à destruição da cidadela tinham o menor dos males a temer, embora, pelo que Pica-Pau lhe contara, duvidasse que os seus novos amos lhes

oferecessem tão civilizado cativo como ali tinham. Desejava que o rapaz encontrasse melhor sorte. Quanto a ele, não esperava sobreviver.

Ergueu o olhar e viu que a dança estava prestes a terminar, visto que as raparigas iam desfazendo o círculo, à medida que se dirigiam para a porta.

Tanit era a última da fila. O olhar dela cruzou-se com o de Velanto e o seu próprio espírito surgiu subitamente em resposta. Que iria ele dizer sobre o espectáculo delas se sentia tal melancolia em si? As muralhas de Tirinto eram portentosas, o povo intrépido e os seus guerreiros fortes. Nem os deuses possuíam poder de negar o destino, mas até o povo de Tirinto ter feito tudo o que os homens podem para defender a cidadela, desistir seria um acto de cobardia.

Os céus, de um azul claro primaveril, resplandeciam, repletos de bandos de andorinhas, que se tinham reunido para colher todos os insectos perturbados por aqueles inúmeros pés e cascos de cavalos. Não há calamidade que não beneficie alguém, disse Velanto a si próprio com algum regozijo.

Apertava o elmo do irmão, verificando a força das presas de javali e a pele endurecida, as correias da capa de lã por baixo, interrogando-se se aguentariam as novas espadas. De qualquer forma, pouco consolo lhe trazia perceber que, independentemente de quem fosse governar Tirinto, as andorinhas continuariam a percorrer os céus.

- Senhor, está na altura.

A voz do condutor do carro de combate do irmão fê-lo voltar à terra, onde os exércitos do rei Fórcis se

formavam em três fileiras, espalhando-se pela vasta planície. Os cavalos resfolegavam, batendo com os cascos no chão, e abanavam as cabeças, agitando as plumas que os adornavam, quando os cavaleiros lhes apertavam os freios. Os guerreiros colocavam as lanças nos descansos, apertando a presilha dos pequenos escudos, soltavam as setas nas aljavas penduradas nos carros de combate e começavam a distender as cordas dos arcos, aliviando a tensão que sentiam através do riso. Velanto entregou-lhe o elmo. Que belo era o irmão, com a luz do Sol a brilhar sobre a superfície curva do resguardo do pescoço e das ombreiras de bronze da armadura e a faiscar sobre o metal trabalhado no corpete em pele e na armadura das pernas. Tinha o cabelo negro apanhado num nó no alto da cabeça, como os guerreiros. Melandro, o condutor do carro de Aiaison partilhava o seu esplendor, com a armadura menos elaborada mas igualmente bem polida. Até quando virava a cabeça parecia fazer eco com o príncipe - eram amantes desde a juventude. Servia de algum consolo saber que no campo de batalha os dois lutariam com uma só alma. Quando o príncipe mais velho colocou o elmo, os dentes brancos brilharam por entre a barba, ao sorrir. - Que os deuses te acompanhem! - proferiu Velanto em tom brusco.

Dos cinco filhos do rei Fórcis, Aiaison, o mais velho, fora sempre o mais amável para com ele em criança. Velanto verificou uma última vez a armadura das pernas e os protectores dos braços. Fora ele que os fizera, e abençoara-os cada vez que o seu malho batera o bronze. - Os deuses e a tua boa lâmina. - Aiaison bateu com a mão no punho da espada que levava. - Só lamento que não tenhamos mais armas como esta. Velanto abanou a cabeça.

- Não possuíamos metal que chegasse para fazer muitas

e parece-me correcto que as tenhamos dado à infantaria, são soldados habituados a lutar com espada. A minha esperança é que mates todos os inimigos com as tuas setas, antes de eles terem tempo de testar a força dessa armadura brilhante que levas! Afinal, agora não era altura de lamentar o facto de a maior parte dos orgulhosos guerreiros dos carros de combate que enfrentariam a massa dos soldados de infantaria, espalhada pela planície, terem recusado trocar as espadas afuniladas dos seus pais, em que confiavam, pelas novas armas.

Por que razão haveriam de confiar em Velanto, um homem que trabalhava com um martelo e não com a espada e que possuía apenas a palavra do filho de um mercador, que encontrara por acaso, sobre as maravilhas que aquelas novas espadas poderiam fazer em combate? - Espero que tenhas guardado uma dessas novas espadas para ti. - Com a sua habitual intuição, Aiaison respondeu às palavras que o irmão não proferira.

- A última espada que forjei está ainda no molde, mas tu não fracassarás! - replicou Velanto, com entusiasmo no coração. - Os nossos avós arruinaram Tróia. De certeza que o sangue deles não engana.

- Agora cabe-nos defender a nossa cidadela - replicou Aiaison em tom grave. - E eles são os Helenos, os bárbaros, que anseiam conquistá-la. - Por instantes, a sombra de Héracles pairou entre eles.

Velanto respirou fundo: inspirando o cheiro a cavalo, metal e pó e o odor a almíscar característico dos homens na batalha. O flanco de um cavalo e o músculo duro no braço de um guerreiro brilhavam com a mesma beleza, movendo-se com a graça de algo cuja forma coincidia na perfeição com a função que desempenhava,

à semelhança de uma das novas espadas. A curva delineada por um arqueiro ao flectir o arco e ao soltá-lo assemelhava-se aos movimentos das dançarinas que observara na noite anterior e, de repente, percebeu que todos faziam parte de um conjunto uno. Então, o cântico guerreiro do inimigo elevou-se acima do ruído dos cascos ferrados e do burburinho das conversas em seu redor. Batiam o ritmo nos seus escudos redondos com os punhos das espadas.

Aiason ergueu um dos braços guarnecidos de armadura em saudação de despedida, mas o seu olhar estava atento, fixo já na direcção do inimigo.

O batedor que seguiria com eles saltou para o carro com o escudo a proteger-lhe as costas, agarrando-se à borda do mesmo com uma das mãos.

Velanto saudou-o também, sabendo que o irmão não o veria. No coração, já haviam partido dali.

Que Atena te proteja, irmão, suplicou, e que Arei te dê força no braço! Ouviu-se então a chamada áspera da trombeta do comandante e a terra tremeu sob o peso dos carros a avançarem. Velanto pôs-se cautelosamente a caminho da cidadela, passando por entre eles. Já tivera o seu papel na batalha. Aguardar, com os escravos e as mulheres, era tudo o que podia fazer agora.

A maior parte dos habitantes da cidadela reunira-se junto à muralha.

Porém, o rei não. Sendo o coração do reino, Fórcis permaneceria no trono, perto da grande lareira do mégaron, com a rainha, aguardando o destino da sua cidade e dos seus filhos. Velanto pensou se teria

dormido no seu leito na noite anterior. Compreendia. Ao cimo da escadaria do bastião, situado a oriente, sentira um impulso momentâneo para prosseguir até à oficina do ferreiro. Guardava esse refúgio para os tempos em que se perdesse toda esperança. Se os irmãos lutavam na batalha, ele aguentaria ser mera testemunha. Seguiu aos empurrões por entre a multidão reunida no bastião à entrada da cidadela e usou o seu estatuto para conseguir entrar na torre de onde tinham saído os homens da guarda pessoal do rei. Daí, via a curva larga da baía e os vultos negros dos navios junto à costa, o emaranhado das tendas armadas e a horda inimiga agrupada de forma irregular pela planície, talvez de acordo com os clãs. Os esquadrões de carros de combate mantinham o espaçamento necessário entre si, os da esquerda e da direita avançando a passo, gradualmente, a fim de cercarem o inimigo. Nesta altura do ano, as terras a oeste de Tirinto encontravam-se divididas entre campos de pastagem e terrenos recentemente cultivados, que a pouco e pouco, se deixavam de distinguir, à medida que os exércitos avançavam. Embora o solo não estivesse ainda tão seco quanto iria ficar mais tarde, começava a levantar-se poeira. Ao cair da noite, o sangue encharcava a terra. Velanto sentiu a tensão aumentar ao ver os carros de combate aproximarem-se do alcance das flechas dos arqueiros. Apesar de toda a sua valentia e habilidade, os esquadrões de carros de combate de Tirinto tinham pouca experiência de guerra. Houvera um breve conflito com Argos, quando o pai de Velanto era jovem, mas até terem começado a treinar para esta invasão, o único combate que o exército actual vivenciara havia sido os jogos de terra anuais, quando os campos, no Verão, se encontravam em pousio.

A primeira saraivada de setas jorrou como uma nuvem de fumo através do fosso que se foi estreitando entre os

dois exércitos, mas o inimigo já tivera contacto com este género de ataque anteriormente. No meio de cada grupo de guerreiros, os escudos redondos começaram a girar, sobrepondo-se, para cobrir os que estavam mais abaixo. Algumas flechas passaram, mas os intervalos momentâneos foram cobertos quando os escudos se voltaram a unir. Vindo de baixo, enfraquecido pela distância, ouviu o toque das trombetas quando os condutores dos carros de guerra puxaram as rédeas dos cavalos incentivando-os a correr em frente. Havia a certeza de que nenhum homem a pé conseguiria suportar o embate da avalanche de animais que carregava agora sobre eles. Um breve estremecimento nas fileiras inimigas - estavam a quebrar -, não, os grupos partiam em retirada, assustados, em toda a linha deixando os primeiros carros irromperem, para depois cerrarem fileiras em redor dos mesmos. Soou novo toque de trombeta e, arremetendo, o segundo esquadrão de carros abriu fileiras com a serena unidade de um bando de aves. Contudo, a primeira fileira caíra na armadilha, encurralada, como touros cercados por uma matilha de lobos enraivecidos.

- Que Diwaz esteja com eles! - murmurou Velanto, sabendo que Aiaison seguia à frente do primeiro grupo de carros.

Agora os grupos inimigos que não participavam directamente na batalha rodeavam-nos e avançavam, rompendo novamente fileiras quando os carros de combate voltaram à carga. Estas manobras tinham-nos colocado numa posição mais vulnerável à chuva de setas atiradas e a segunda fileira de carros de combate aprendeu com o que acontecera à primeira, cercada, mas alguns, inconscientes do perigo ou incapazes de dominar os cavalos, continuaram a avançar e foram igualmente apanhados no cerco.

O cenário que se estendia perante ele desintegrava-se numa massa caótica de cavalos precipitando-se na fuga e homens lutando, mas Velanto imaginara as possibilidades demasiadas vezes para não ter uma imagem vívida do que estaria a acontecer lá em baixo na planície. O arqueiro que seguia nos carros estava suficientemente seguro, contanto se mantivesse em movimento, mas, uma vez que o carro fosse impedido de avançar, tinha de tentar abrir caminho por entre os atacantes com ajuda da lança. Thersander dissera que, em combate, a lâmina cortante em forma de folha da nova espada derrotaria o antigo estilo de combate das velhas espadas.

- Atena, protege-os com o teu escudo - murmurou Velanto, repetida e fervorosamente, sem se aperceber que cravava na mão fechada as unhas; só teve consciência disso mais tarde.

Cerca de trezentos e cinquenta carros tinham-se movimentado para a frente naquela primeira investida através da planície. Agora Velanto via menos de metade ainda em movimentações. Alguns tinham-se posto em fuga. Ocorreu ao príncipe ferreiro que seria melhor prepararem-se para fechar os portões da cidadela, no caso de o inimigo pretender subir as muralhas para celebrar a vitória e, assim, atacar a cidade.

Contudo, não estavam ainda derrotados - os carros de combate que restavam prosseguiram na contenda, alvejando os soldados da infantaria inimiga à distância... até já não terem mais setas.

Quantos dos homens de Tirinto conseguiriam regressar a casa nessa noite? Velanto sentiu o coração apertado com a certeza de que Aiason não sobreviveria ao

ataque. Quantos dos seus irmãos sobreviveriam? No mais fundo de si próprio, ousou interrogar-se. Seria possível que ele fosse o único filho do rei Fórcis a chegar a casa ao fim daquele dia? Houvera uma época em que esse pensamento lhe fora caro. Agora, fazia-o estremecer de pânico.

Um outro carro de combate afastou-se do campo de batalha e dirigiu-se para casa. Estavam em fuga, e apesar de os cavalos, por muito cansados que estivessem, conseguirem ser mais rápidos do que os homens carregados com o peso das armaduras e dos escudos, o inimigo seguiria no seu encalço. - Xanto! - Agarrou o capitão da guarda por um braço. - Leva contigo alguns homens e retira aquela gente da muralha. Diz aos outros para virem ter comigo. Temos de estar prontos para fechar os portões mal o último dos nossos homens entre cá dentro! Tap... tap... tap ... com intenso cuidado, Velanto colocou a lâmina da espada sobre o bronze da bigorna, endurecendo e moldando a extremidade curva. Esta última espada acabara de ser retirada do molde, a melhor que forjara até então. O punho estava pronto, sobre a mesa de trabalho, preparado para ser cravado na lâmina. Era natural que o seu engenho se aguçasse com a prática. Dentro de uma década ou duas de trabalho, talvez conseguisse tornar-se um verdadeiro mestre. Era pena, pensou, que talvez não viesse a ter esses anos de vida pela frente. A noite caíra sobre Tirinto, mas ninguém conseguiu dormir na cidadela Todos compreendiam claramente que, pela manhã, o assalto final aconteceria. No início, quando os Heráclidas rodearam a fortaleza, esperava-se um cerco, uma hipótese que os habitantes, com os celeiros cheios de trigo para o Inverno, conseguiam encarar com esperança de sobreviverem. A doença num campo de batalha, tornava muitas vezes qualquer cerco tão mortal para o inimigo

como para os defensores da cidade; e, quanto mais tempo aguentassem, mais tempo haveria para os homens de Micenas virem em seu auxílio.

Porém, Cresfonte e Temeno, os irmãos líderes do exército inimigo, queriam obter o cereal armazenado e não tinham intenções de permanecer sentados à espera, enquanto os habitantes da cidade o consumiam. As muralhas que a protegiam eram portentosas, mas homens determinados com o auxílio de escadas conseguiriam transpô-las. As muralhas de Tirinto eram sólidas mas o seu rei já não possuía homens suficientes para guardar cada centímetro da fortificação. Se os filhos de Aristômaco investissem todas as suas forças contra a cidadela, conquistá-la-iam certamente. Pelo menos o príncipe Aiaison recebera as devidas honras, mesmo que para os restantes soldados tivesse de servir apenas a pira dos mortos. Velanto interrogou-se como é que a rainha tinha tido coragem de juntar as mulheres e de as levar ao campo de batalha ou se estaria tão exausta pelo desgosto que nem sequer se importava com o que fazia. Ainda o assombravam as imagens da sombria procissão à luz de tochas. As mulheres de Tirinto, vestidas de negro e com o cabelo solto e cheio de cinzas, haviam ido à procura dos filhos quando a escuridão da noite pusera fim à batalha, e os Heráclidas, receando ver as Gentis transformarem-se em Fúrias, não se tinham atrevido a barrar-lhes o caminho.

Encontraram os corpos de Aiaison e Melandro, como todos esperavam, juntos, entrelaçados na morte, como tantas vezes o haviam feito no amor.

Melandro deveria ter morrido primeiro, atingido por uma lança nas costas, pois, para além dessa grande ferida, mal se vislumbravam outras marcas de combate.

Aiaison permanecera junto dele, defendendo-o até o atingirem também. A rainha identificou-o pelos fragmentos da túnica bordada que vestia sob a armadura. Se já não conseguia reconhecer o filho do seu próprio ventre, conhecia ainda o trabalho das suas mãos.

Quando por instantes Velanto deixou de martelar na bigorna, ouviu o som de tambores e risos embriagados. Mais próximo, o gemido de pfaizer de uma mulher fê-lo perceber como outros passavam o tempo. Aquilo era melhor do que o choro calado que ouvira ao chegar da zona baixa da cidadela. Em tais momentos, pensou, as pessoas mostravam com o que é que realmente se importavam. Podia ter tentado encontrar-se com Tanit, mas a rainha e as mulheres estavam em vigília. Era talvez inevitável que ele procurasse refúgio no seu ofício. Se aquela espada era a última peça que faria na vida, estava determinado a deixar algo memorável.

Jurara a si próprio que aquela arma saborearia em abundância o sangue do inimigo antes de lhe cair das mãos.

Afastou os blocos que prendiam a bigorna e retirou a espada, pegando ao mesmo tempo na pedra de amolar. Isto, pelo menos, podia fazê-lo sentado. Com golpes regulares, preparou a pedra com o comprimento da lâmina.

Logo em seguida apercebeu-se de que Pica-Pau, junto ao bronze, entoava uma cantilena. Era uma estranha e vaga melodia em tom menor, diferente de qualquer cantiga que tivesse ouvido na sua terra.

- Que estás tu a cantar? Alarmado, o rapaz ergueu o olhar.

- Uma velha canção da minha terra - tartamudeou. - Nem sei bem porque me ocorreu agora.

- Como é a letra? Pica-Pau abanou a cabeça, frustrado.

- É difícil traduzir o que diz para a tua língua, não consigo pô-la em poesia... Velanto aguardou pacientemente que o rapaz traduzisse a letra enquanto polia o bronze até brilhar. Lá de fora, pelo corredor, veio um riso embriagado. O som das vozes esmoreceu à medida que os homens se afastavam.. - Estes são os gansos selvagens - proferiu por fim Pica-Pau - que voam no Outono... vêm em grandes bandos, chorando, chorando... encher: o lago. O céu ecoa com o seu grasnar. Então, um dia, sabem que é altura primeiro alguns, depois todos, levantam voo, cada vez mais alto, mais alto. o lago fica escuro, solitário. Só algumas penas flutuam na água. Todos partiram... 1 - Pelos deuses, o teu povo deve ter canções mais alegres! - Brincou Velanto num tom amigável. Porém, pensava que nunca ouvira Pica-Pau dizer tanto sobre a sua terra. O rapaz abanou a cabeça.

- Não sei porque me ocorreu agora... - repetiu.

Mas para Velanto era óbvio. Sentiu uma dor profunda ao ter uma visão súbita da sua cidade transformada num amontoado de pedras derrubadas, onde as corujas faziam ninhos e as ovelhas procuravam abrigo dos vendavais. Quando a Primavera, que agora aquecia a sua terra, alcançasse o norte, os gansos selvagens regressariam. Mesmo agora se ouviam lá no alto, voando rumo ao lar distante de Verão. E que marcas deixaria o povo de Tirinto naquela terra que assegurassem aos homens vindouros que eles ali haviam vivido um dia? Suspirando, pegou no martelo de ferreiro mais uma vez

e começou a cravar o punho da nova espada na lâmina.

DEZ

Velanto voltou-se quando Pica-Pau começou a subir as escadas até ao posto de vigia, que se situava acima do pátio exterior, com um jarro de água de cerâmica em cada mão. Quando o rapaz chegou ao patamar, o vento mudou e ele inclinou-se, tossindo. A cidade lá em baixo, vista das muralhas, estava em chamas desde a manhã, e o fumo acre e cinzento erguia-se numa coluna que mudava constantemente de rumo, manchando os céus. Velanto pousou o arco, ergueu o pano que lhe tapava o nariz e a boca e pegou num dos jarros. A água fresca escorregou-lhe pela garganta como uma bênção.

Os habitantes de Tilinto interrogavam-se se a água dos poços seria suficiente até terminar o cerco. Mas agora isso já não constituía preocupação.

O assalto tivera início de manhã cedo e tornara-se óbvio tanto para os amigos como para os inimigos que Tirinto já não tinha guerreiros suficientes para proteger as suas muralhas. Os Heráclidas haviam começado, por tentativas, a arrombar os portões principais e a investir pela passagem que ia dar ao bastião oeste, embora ambos estivessem bem fortificados. Agora, começavam a enviar grupos de assalto para pontos escolhidos noutras zonas.

Era apenas uma questão de tempo.

- Achas que eles pensam incendiar a cidade? - perguntou Pica-Pau, tapando o nariz com a mão. Velanto viu um novo grupo de homens subindo a rampa a correr, entregou o jarro a Pica-Pau e agarrou no arco. Não possuía a precisão do irmão, mas o trabalho na forja dera-lhe um alcance que não esperariam, e como o grupo seguia tão unido, qualquer seta que disparasse

atingiria pelo menos alguém.

- Duvido - replicou Velanto, enquanto o grupo inimigo recuava e erguia os escudos para se proteger. - Foi abandonada desde que chegaram, por isso tiveram tempo para apanhar tudo o que foi deixado para trás, e a fumarada dificulta o assalto às muralhas. É uma das vantagens de sermos os defensores - acrescentou com um humor amargo. - Despendemos menos energia.

- Meu senhor - um dos escravos de Aiaison surgiu no cimo das escadas -, lá em cima junto ao portão têm falta de flechas.

Velanto virou-se, tentando ver o que se passava nas outras muralhas.

- Vai até ao outro bastião e vê se têm flechas que possam dispensar.

Aquela muralha dará mais trabalho a subir a esta escumalha, seja o que for que façamos. - Parecia ainda estranho aos homens virem pedir-lhe ordens, mas ele não era só o filho do rei, era também o único homem em idade de combater que não fora ferido.

- Espera - acrescentou, quando o homem se preparava para executar a ordem. - Se eles conseguirem entrar, quero que vocês os dois procurem refúgio no santuário da rainha. Isso talvez os impeça de vos matar quando vos virem, e, se perceberem que são escravos, poupar-vos-ão a vida. - A deusa que o guardara, desde que pegara pela primeira vez num malho de ferreiro, parecia estar muito distante agora, mas talvez a imagem dela ainda tivesse poder.

- Eu amava o príncipe Aiaison - retorquiu o homem em

tom reprovador - e ainda sou um homem. Não me podes impedir de fazer o que puder para o vingar.

Velanto fechou os olhos, lutando contra a dor daquela recordação.

As pedras do grande pátio estavam ainda negras da pira onde Aiaison e os seus irmãos haviam sido queimados. Que os antepassados o recebam com doçura, pensou, sombrio. Que nos recebam a todos.

- E eu fico consigo! - Pica-Pau olhou-o sem pudor, quando o outro homem partiu.

Velanto fitou-o furioso. Como se poderia esperar que comandasse guerreiros quando não conseguia que um único escravo lhe obedecesse? Porém, um morto não era já nem homem livre nem escravo e todos eles não passavam de mortos que ainda caminhavam. A raiva deu lugar a uma vaga de tristeza. Antes de tudo aquilo ter começado, deveria ter libertado o rapaz e tê-lo mandado seguir os gansos selvagens para a sua terra longínqua.

Surgiu então outro contingente que se ia aglomerando junto à entrada na muralha e que ia subindo pelo passadiço em direcção ao portão, protegidos com os escudos sobrepostos como escamas de uma serpente gigantesca. Proferiu uma maldição ao aperceber-se que transportavam um aríete.

O portão principal de Tirinto era tão portentoso quanto o de Micenas, mas o ponto fraco de qualquer portão era a madeira com que fora construído.

Aqueles troncos eram oriundos dos carvalhos que cresciam nas montanhas, porém a madeira não possuía a durabilidade e a resistência da pedra. Um desabamento

esmagador vindo de baixo sobressaltou-o, deixando-o em alerta e perplexo, e Pica-Pau saltou para o baluarte da muralha.

- O portão! Desfez-se em pedaços! Estão a usar machados, agora! Velanto fez um gesto de assentimento.

- A qualquer momento irrompem por aí adentro.

Surpreendeu-se ao escutar a sua voz calma. Ouvia-se um clamor abafado à medida que os atacantes iam irrompendo pelo corredor coberto que se seguia ao portão. Os defensores da cidade haviam aberto buracos nesse telhado e daí apontavam os arcos e atiravam setas, mas sobre o telhado não tinham protecção e os atacantes também possuíam arqueiros.

A vida que conhecera desmoronava-se. Era estranho ter tão poucas emoções, agora que a altura chegara. Começava a compreender a razão por que os seus irmãos sentiam tanto a ânsia da batalha. Tudo se tornara de repente tão simples. Colocou outra flecha no arco e disparou-a em direcção aos homens que ainda se aglomeravam na rampa. Continuará a disparar até já não ter mais setas. Depois, pegaria na espada cuja forma aprendera com os inimigos e lutaria, não até já não existirem inimigos, mas até o abaterem. Ouviu mais ruídos de desabamentos, o que lhe permitiu deduzir que o inimigo irrompera pelas portas duplas ao fundo do corredor coberto.

- Pica-Pau - aclarou a garganta embargada. - Fizeste mais do que o suficiente. Está na altura de procurares refúgio onde puderes.

O rapaz abanou a cabeça.

- Já te disse, meu amo. Ficarei contigo.

Inesperadamente, Velanto forçou um sorriso.

- Ganhaste músculo nesses teus braços magros ajudando-me na forja, mas mesmo o teu braço forte de nada servirá, mal eles cheguem aqui. São muitos, rapaz. Vai para a forja. O teu rosto e a tua cor de pele revelar-lhes-ão que tu não és daqui. Diz-lhes que sabes trabalhar o metal e eles poupar-te-ão a vida.

Num movimento instintivo tocou no martelo que colocara à cintura naquela manhã ao despedir-se da sua oficina. Não era a arma de um guerreiro, mas se, quando eles se aproximassem o suficiente dele para a poder usar, não deixaria ninguém com vida - Senhor, eu não quero ter outro amo. Conheço-os, ou os que são como eles. Prefiro morrer contigo.

Seriam lágrimas o que brilhava nos olhos do rapaz? Deveria ser do fumo, disse a si próprio. Os seus olhos também lhe ardiam.

- Terei eu de te ordenar? Ou de te atar as mãos e de te levar para baixo? - Velanto olhou-o furioso. - Fá-lo-ei, se não me obedeceres! Serviste-me bem, mas esta luta não é tua. Não somos o teu povo. Vai-te! - Por um instante julgou que o rapaz iria continuar a discutir, mas Pica-Pau engoliu em seco, inclinou-se subitamente para fazer uma vénia e beijar a mão do amo e desatou a correr pelas escadas abaixo.

Velanto soltou um suspiro profundo. Tudo o que proferira era verdade.

Disse a si próprio que, pelo menos, salvara uma das pessoas de quem gostava, mas o seu posto pareceu-lhe

de repente muito solitário. Pouco importava, pensou sombriamente, ao escutar o fragor da carnificina a aumentar lá em baixo. Em breve teria bastante companhia. O estrépito do combate retumbava por toda a parte vindo dos níveis inferiores da cidadela, mas uma grande quietude envolvia-a agora. - Deusa, tive pouco tempo para falar contigo e nada para te oferecer - murmurou - e agora já não tenho tempo. Agradeço-te todo o tempo que me deste. Adeus... - Fechou os olhos, vendo em espírito a imagem de Pica-Pau que tinha agora certamente encontrado refúgio. Nesse momento, sentiu em si um tumulto estranho e ouviu uma voz no silêncio da sua alma. Não percas a esperança... temos ainda trabalho para ti... Antes de poder sequer pensar no que teria ouvido, ou se na realidade ouvira alguma coisa, surgiu o primeiro ataque no pátio abaixo. Colocou uma nova seta no arco, sentindo os músculos estalar ao distender a corda até à orelha. Ouvia o baque forte dos machados a bater mais uma vez quando o inimigo alcançou a barricada que haviam erguido para impedir a passagem ao Grande Propileu. Contudo, a monumental entrada, com as suas colunas pintadas e as imagens de cenas processionais, fora construída com o propósito de impressionar pela sua beleza, não pela força que representava. Não aguentaria muito tempo a investida inimiga. Cada vez mais homens avançavam e ele continuava a atirar setas à multidão invasora, esquivando-se às lanças. Então saltou do parapeito da muralha e caiu no chão. Um grito vindo do lado sul da cidadela fê-lo voltar-se para ver o que se passava. Velanto sabia que o ataque ao bastião oriental fazia parte de um estratagema - era a defesa mais forte da cidade. Porém, pensara que a área sul da acrópole era demasiado escarpada para que tentassem atacá-la por aí. A zona mais acima tinha pouca importância, pois, mesmo que tivessem suspeitado da sua vulnerabilidade, não havia homens para a defender. Agora, via que os

inimigos invadiam as passagens e os corredores por entre os edifícios. - Terei eu de te ordenar? Ou de te atar as mãos e de te levar para baixo? - Velanto olhou-o furioso. - Fá-lo-ei, se não me obedeceres! Serviste-me bem, mas esta luta não é tua. Não somos o teu povo. Vai-te! - Por um instante julgou que o rapaz iria continuar a discutir, mas Pica-Pau engoliu em seco, inclinou-se subitamente para fazer uma vénia e beijar a mão do amo e desatou a correr pelas escadas abaixo.

Velanto soltou um suspiro profundo. Tudo o que proferira era verdade.

Disse a si próprio que, pelo menos, salvara uma das pessoas de quem gostava, mas o seu posto pareceu-lhe de repente muito solitário. Pouco importava, pensou sombriamente, ao escutar o fragor da carnificina a aumentar lá em baixo. Em breve teria bastante companhia.

O estrépito do combate retumbava por toda a parte vindo dos níveis inferiores da cidadela, mas uma grande quietude envolvia-a agora.

- Deusa, tive pouco tempo para falar contigo e nada para te oferecer - murmurou - e agora já não tenho tempo. Agradeço-te todo o tempo que me deste. Adeus... - Fechou os olhos, vendo em espírito a imagem de Pica-Pau que tinha agora certamente encontrado refúgio. Nesse momento, sentiu em si um tumulto estranho e ouviu uma voz no silêncio da sua alma.

Não percas a esperança... temos ainda trabalho para ti...

Antes de poder sequer pensar no que teria ouvido, ou

se na realidade ouvira alguma coisa, surgiu o primeiro ataque no pátio abaixo. Colocou uma nova seta no arco, sentindo os músculos estalar ao distender a corda até à orelha. Ouvia o baque forte dos machados a bater mais uma vez quando o inimigo alcançou a barricada que haviam erguido para impedir a passagem ao Grande Propileu. Contudo, a monumental entrada, com as suas colunas pintadas e as imagens de cenas processionais, fora construída com o propósito de impressionar pela sua beleza, não pela força que representava.

Não aguentaria muito tempo a investida inimiga. Cada vez mais homens avançavam e ele continuava a atirar setas à multidão invasora, esquivando-se às lanças. Então saltou do parapeito da muralha e caiu no chão.

Um grito vindo do lado sul da cidadela fê-lo voltar-se para ver o que se passava. Velanto sabia que o ataque ao bastião oriental fazia parte de um estratagema - era a defesa mais forte da cidade. Porém, pensara que a área sul da acrópole era demasiado escarpada para que tentassem atacá-la por aí.

A zona mais acima tinha pouca importância, pois, mesmo que tivessem suspeitado da sua vulnerabilidade, não havia homens para a defender. Agora, via que os inimigos invadiam as passagens e os corredores por entre os edifícios.

Tentou recordar-se de quem tinham posto a defender o propileu.

- Antaros! Cuidado, atrás de ti! - gritou ao ver a horda irromper pela área aberta à entrada do pátio.

Colocou uma flecha no arco e disparou. Viu um homem próximo do líder do grupo abrir os braços e cair no

vazio, com as penas negras enfiadas no peito, a que se seguiu um outro que se estatelou no chão. As setas que tinha consigo haviam acabado. Praguejando, atirou o arco inútil para o chão e agarrou na espada, saltando da plataforma para o telhado, e daí para outro telhado, correndo através da Sala dos Arquivos e suplicando aos deuses que a escada por onde antes as mulheres costumavam subir para ver nascer a Lua ainda lá estivesse. Ao chegar ao solo, viu os homens que defendiam a cidade a recuar da porta interior do propileu para o pátio exterior, correndo de lá para cá tentando enfrentar a nova ameaça que crescia atrás deles. Não era preciso pensar muito para compreender o que o inimigo pretendia fazer - todas as cidadelas eram construídas de acordo com um mesmo plano. Bastava subir para se chegar ao pátio central e ao mégaron, que se localizava nas suas traseiras. Aí, encontrariam o rei.

Velanto empunhou a espada quando os primeiros inimigos o alcançaram em tropel, tropeçando nos pés quando um dos homens veio de encontro a ele. Quando uma ponta da lança se enfiou nas costas de um dos homens, boquiaberto, ergueu a espada enquanto o homem tombava morto no chão e o seu assassino tentava arrancar-lhe a lança do corpo.

A espada cravara-se na clavícula do homem e quase a perdeu quando outros invasores em seu redor começaram a cair, mas arrancou-a ofegando e empunhou-a contra o próximo rosto contorcido que se escondia atrás de um elmo de bronze, consciente ao mesmo tempo de que a sensação turva que tinha agora se assemelhava à que experimentara quando atingira a carcaça de uma cabra, na qual havia experimentado a lâmina. Porque não, disse para si próprio quando o homem recuou com o golpe. Tanto o homem como a cabra eram carne, ossos,

músculo e sangue vermelho que jorrava como uma fonte quando a espada os atravessava. Deu uma reviravolta e voltou a atacar, compreendendo por fim o significado da dança de iniciação dos Coribantes, que era ensinada aos rapazes quando estavam prestes a tornar-se homens.

- Retirem, já, para a entrada! Aguentá-los-emos lá! - gritou, ofegante, esquivando-se a uma lança e correndo por entre os pilares da casa mais pequena dos guardas, em frente, com os outros homens correndo atrás dele.

A luz do Sol, alaranjada, batia no pátio central, no lado oposto onde se encontravam. Correu para lá. Com um olhar rápido, viu os guerreiros que compunham a guarda do rei em formação no lado mais distante, à frente da entrada do mégaron. - Preparem-se - gritou. Virou-se, a um som mais sentido do que ouvido, e girou para o lado, ao ver um dardo que lhe despedaçou o antebraço. Estava um homem no telhado do propileu mais pequeno. No momento seguinte surgiu outro à sua frente e depois mais. O escadote! Deveria tê-lo trazido. Mas não importava agora. Lançou-se para trás para a sombra do propileu. - Andaros! Estão atrás de nós! Todos já, para o mégaron! Surgiram mais homens em tropel vindos das sombras do propileu mais pequeno', enquanto cada vez mais inimigos alcançavam o telhado. Eram eles que podiam atirar projecteis agora. Mas estavam demasiado ansiosos para se conterem. Trouxeram o escadote do outro lado e começaram a descer. Desencadeou-se uma correria caótica entre os defensores em retirada e os inimigos que os perseguiram em massa. Ofegantes, tentaram alinhar-se à frente da guarda da rainha. Aos urros os Heráclidas carregaram sobre eles. Os primeiros homens agarraram nas lanças que lhes atiraram, arrancando-as das mãos dos inimigos. Depois aconteceu o mesmo com as espadas. Habitado a usar ambas as mãos quando trabalhava na forja, Velanto ia

desferindo golpes com a lâmina na mão direita e girando o martelo na esquerda. À curta distância com que se defrontavam, ambas as armas eram eficazes. A espada cravava-se profundamente na pele, mas o martelo partia ossos. A confusão era tal que ninguém saía ileso, mas Velanto nunca sentiu as lâminas que o atingiam. Nada o parava, nem decisões por tomar, nenhum cuidado, mesmo com a sua própria vida apenas a necessidade de atacar e continuar a combater até já não poder mais. Pestanejou ao ser forçado a encaminhar-se para a sombra do pórtico., só então compreendendo que tinha vindo a recuar ao longo do pátio. Quatro dos homens da guarda real ficaram com ele, os únicos que restavam para guardar as portas que davam acesso ao interior. Um dos arremessos perdido, do martelo partiu a roseta de alabastro da parede e os pedaços azuis voaram na direcção dos olhos do seu oponente e o homem recuou. Velanto afastou-se um pouco para trás através da porta do meio, lançou um olhar rápido para a sua retaguarda e viu o rei sentado no trono com a rainha em pé, a seu lado; tentou voltar atrás quando os inimigos se precipitaram para a entrada aos tropeções, espada e martelo deslizando pelo chão. Pensou que seria o último momento da sua vida, mas uma ordem breve, estancou a confusão que invadira a sala. Velanto começou a erguer-se do chão e parou quando viu a ponta de uma lança disparada na direcção da sua garganta, o instinto de cobardia lutando com o desejo de se atirar contra a ponta da lâmina e mostrar ao pai que podia morrer como um príncipe de Tilinto. À distância, ouvia o fragor da batalha e, vindo de mais próximo, um grito de mulher, mas, no mégaron, tudo permanecia calmo.

Com o coração batendo descompassadamente, Velanto afastou o olhar da ponta da lança e olhou em seu redor. Cerca de uma dezena de guerreiros opunha-se

entre ele e o trono, homens enormes de saiotes vermelhos e o peito cheio de cicatrizes, armados de espadas e lanças. Por entre as pernas dos guerreiros viu o rei e a rainha.

Não valia a pena tentar demonstrar a sua coragem ao pai, pensou, meio entorpecido, vendo o velho rei curvado no trono, como se tivesse adormecido. O rei já estava morto, teria talvez morrido logo que se soubera que os portões haviam sido arrombados. Teria ingerido veneno ou o seu coração, piedosamente, deixara de bater? A rainha permanecia junto dele como uma estátua, com a mesma expressão vagamente desaprovadora de sempre nos lábios e nas sobrancelhas. Por instantes, os seus olhos encontraram os dela e vislumbrou no olhar da mãe algo que podia ser talvez pena, embora lhe fosse difícil acreditar nisso. Houve mais agitação à entrada da porta e um novo grupo de guerreiros, mais bem armado e sem feridas, como os homens da guarda real tinham estado até havia pouco tempo, entrou. Atrás deles, veio um homem velho com um manto vermelho, com o cabelo grisalho apertado num nó como os guerreiros, as cicatrizes no rosto vincadas mais profundamente pelas rugas da paixão e do poder.

- Rainha Naxomene, sou Cresfonte, filho de Aristómaco, e o meu irmão e eu reclamamos esta cidadela.

A rainha fez um gesto de assentimento.

- Bem vejo que assim é - proferiu num tom áspero -, não vos darei as boas-vindas.

Ele encolheu os ombros.

- O teu marido escapou-nos, mas és tu que representas a soberania.

- E pensas reclamar essa soberania levando-me para a tua cama? - Riu-se. - Já passou muito tempo desde que a Senhora do Amor partilhou comigo os seus dons. Os meus filhos morreram todos e as minhas filhas casaram noutras terras.

- Então deves servir como ama aos filhos que eu tiver com outras mulheres.

- Que gentil da tua parte! Terei de oferecer-te um presente em troca? Tomaste Tirinto, mas, nos tempos que correm, as mulheres da minha linhagem recebem o dom da profecia e, apesar de não teres perguntado nada, serei o teu oráculo. A linhagem de Pélope findou e com ela a Idade dos Heróis. De agora em diante, a Planície de Argos será governada pelos Filhos de Héracles, mas serão as nossas histórias que os teus filhos contarão.

E, apesar de teres tomado esta cidadela, ela não te pertencerá por muito tempo.

Foi a vez de Cresfonte soltar uma gargalhada, mas Velanto captou-lhe uma nota de apreensão no riso.

- Crês que Tisameno virá de Micenas para te vingar? Assim que acabarmos a nossa luta por aqui, a sua cidadela será a próxima a cair.

- Talvez conquistes os homens, mas poderás enfrentar os deuses? - perguntou a rainha - Somos os herdeiros de Héracles - proferiu orgulhosamente - e viemos reclamar o que nos pertence. Não apoiariam os deuses o nosso direito? - Héracles foi banido desta cidade por vontade de E-ra e a deusa continua a opor-se aos do seu sangue - replicou a rainha. - Poseidon Enesidaone

preferirá antes fazer tombar estas muralhas do que as deixar nas tuas mãos. - Alguns dos guerreiros fizeram um sinal para se protegerem do mal e a rainha sorriu. - O que digo não é uma maldição, mas uma profecia.

- Eis o que dou à tua profecia! - Cresfonte fez-lhe um gesto rude e os seus guerreiros riram-se. - Já não és rainha, és minha escrava, e hás-de moer o grão para o pão que eu comer. Amarrem-na... Velanto apercebeu-se de que todos os guerreiros fitavam o lidere a rainha. Soergueu-se apoiando-se num cotovelo. O punho da espada em forma de folha jazia mesmo atrás da sua mão. Se o conseguisse alcançar, o que faria? Interpor-se entre Naxomene e os homens que se encontravam à sua frente para atrasar alguns instantes a morte do orgulho da rainha? Posso morrer como um ferreiro, retorquiu no seu íntimo um conhecimento mais profundo das coisas, com a minha última obra forjada na mão... Quando o primeiro guerreiro tentou agarrar o braço da rainha, Velanto pegou na espada, mas, antes de qualquer um deles alcançar o objectivo. uma outra lâmina brilhou na sala. Uma reviravolta no pulso da rainha revelou a adaga que esta mantivera escondida sob o braço e Naxomene espetou-a fundo no coração. Um jorro de sangue inundou de vermelho as suas finas vestes e ela curvou-se sobre a adaga, dobrando os joelhos, e caiu de lado no chão de ladrilhos.

- É o meu sangue que te amaldiçoa - proferiu, arquejante; depois, estremeceu uma última vez e imobilizou-se no chão.

Velanto pôs-se de pé, empunhando a espada na direcção do primeiro guerreiro que se encontrava perto de si. Do outro lado viu Cresfonte e arremessou contra ele. Mas o inimigo já recuperara. Ligeiros como cães de caça, viraram-se contra ele. Afastou a perna esquerda

quando uma lança lhe bateu na armadura da perna. Espadas que poderiam tê-lo cortado em pedaços retiniram sobre a sua cabeça. Ao cair no chão, uma sandália pesada deu-lhe um pontapé no braço e a espada ressaltou nos ladrilhos.

Pelo menos, pensou num último tremeluzir de triunfo, o rapaz viverá...

Viu as lâminas brandirem sobre si e virou-se para as receber.

Os sons no andar de cima haviam mudado. Pica-Pau ergueu a cabeça, à escuta. Os berros a plenos pulmões e o clangor das armas deram lugar a passos apressados e a vozes. À exceção de alguns gritos, quando uma mulher era agarrada, quase poderia tratar-se do burburinho da multidão num dia de festa. Contudo, o clamor provinha todo da área superior da fortaleza.

Aqui, nada bulia a não ser as partículas de poeira que rodopiavam nos raios de sol que entravam pela janela alta. Porém, Pica-Pau sabia que a segurança da oficina do ferreiro era uma ilusão. Quando o palácio fosse tomado completamente e fechado, o inimigo começaria a procurar pelo resto da cidadela, e encontrá-lo-iam, e, mais uma vez, seria escravo. Tentou convencer-se de que nada mudara, de que já fora escravo desde... - o seu espírito afastou a recordação de um rosto com barba, rindo sarcástico e do odor acre do fumo mesclado com o nevoeiro que enevoava uma costa rochosa.

Para Velanto, fora um companheiro.

Contudo, abandonara-o.

Velanto rejeitou-me! Respondeu àquela acusação do seu íntimo. Pica-Pau pensara ter encontrado um lar em Tirinto. Ser-lhe dito que não tinha direito de morrer em sua defesa doía. Fora por isso que obedecera a Velanto? Ou tivera medo? Colocou os braços à volta dos joelhos e começou a balançar-se para trás e para a frente. O medo era um velho companheiro. Parecia-lhe ter passado muito tempo desde a última vez que se permitira pensar na infância, mas existira sempre uma corrente interior de ansiedade, mesmo nos dias em que se considerara livre.

Durante três anos estivera à mercê dos seus senhores e amos. Aprendera todos os gestos de submissão e todos os meios pelos quais um escravo podia apaziguar a ira do amo ou evitar uma bofetada. Durante três anos só necessitara de sobreviver.

Fora isso que Velanto lhe dissera para fazer. Esboçou um leve esgar ao ocorrer-lhe que continuava ainda a obedecer a um amo. Na oficina do ferreiro, tudo, desde as ferramentas pousadas nas prateleiras ao velho avental de pele pendurado numa cavilha na parede, estava repleto da figura do ferreiro.

Velanto ainda ali se encontrava, resmungando, ensinando, e, muito raramente, soltando aquela gargalhada plena que parecia começar nos dedos do pé e que depois lhe percorria todo o corpo. Afinal, Pica-Pau não o deixara no posto de vigia.

Não... estremeceu. Morreu. Quando me mandou embora foi porque queria morrer. Procurou com o olhar a figura em barro da deusa, que lhe fazia sempre lembrar a imagem de madeira, colocada acima da forja, da Ilha das Donzelas, na sua terra. Porque não o salvaste? Ele amava-te! Sentiu uma leve agitação no ar, como se um

pássaro tivesse entrado pela janela, embora não visse nada a passar. No seu íntimo, soava repetida uma frase: o deus dá o poder, mas nós somos as ferramentas... não se recordava, não conseguia, de quem lhe dissera aquilo. Talvez tivesse sido a própria deusa, Atena Potinija, que na sua terra tinha outro nome.

Velanto esperara morrer, mas Pica-Pau sabia por experiência própria que aqueles que em princípio deviam morrer sobreviviam. E se o ferreiro não tivesse encontrado a morte na batalha? O que lhe fariam? Quase inconscientemente, o rapaz saiu da posição fetal em que se encontrava, sentindo um formigueiro nas pernas ao forçar os músculos entorpecidos a suportar-lhe o peso.

Matá-lo-ão sem honra... pensou sombriamente, escravizá-lo-ão a qualquer trabalho desprezível que o fará morder o pó. Pica-Pau conhecia muito bem o género de trabalhos que sufocavam o espírito e matavam todos os sentidos. Porém, tal tratamento só incitaria Velanto à revolta, que o conduziria a uma morte ainda mais desprezível. De pé agora, acobardar-se e ser arrastado para novo cativeiro estava fora de questão. Contemplou a deusa mais uma vez.

- Queres que faça qualquer coisa, não queres? -
inquiriu em voz alta.

Carrancudo, pegou no avental de pele. Teve de lhe dar duas voltas em redor da cintura para o conseguir vestir, mas assim identificá-lo-iam como um artesão suficientemente experimentado. E levaria qualquer coisa para demonstrar o talento de Velanto - não uma arma - o seu olhar recaiu sobre um brinco em forma de lírio, que Tanit trouxera ao ferreiro para este lho

arranjar.

Tentou não pensar em qual seria o destino de Tanit naquele momento.

Ouvira histórias sobre mulheres em cativeiro nas casas em que servira como escravo. Primeiro, eram violadas, depois, se fossem bonitas, serviam como prostitutas aos guerreiros, até serem vendidas. Saber que isso acontecera a uma rapariga que se amara deveria ser um tormento tão grande como a derrota. Pica-Pau compreendeu por que Velanto preferira morrer.

Contudo, talvez o ferreiro não tivesse morrido.

Estremeceu ao som de vozes lá fora, na rua. Aí vinham eles. Num passo rápido dirigiu-se à entrada das traseiras, onde se situavam os barracões e onde guardavam o carvão, e, daí, foi dar a uma viela estreita. Após um ano a fazer várias viagens para Velanto, conhecia bem todos os atalhos e caminhos esconsos, e a escada, se ainda lá estivesse, levá-lo-ia à área superior da cidadela.

- Levem-no lá para fora e matem-no! Há demasiado sangue neste chão...

A voz parecia vir de uma grande distância. A espada cuja ponta estava a enterrar-se no peito de Velanto girou, e este esforçou-se por não gemer de dor. A corda feriu-lhe o pulso esquerdo ao amarrarem-no e soltou um grito rouco de agonia quando lhe prenderam o pulso direito. Porém, bastava-lhe aguentar apenas um pouco mais e tudo chegaria ao fim.

- Amarrem-no, mas não o matem! - Ouviu-se uma voz desconhecida por entre os gemidos dos moribundos e as

zombarias dos captores. Velanto virou com esforço a cabeça e abriu os olhos de espanto ao ver Pica-Pau, de avental esvoaçando em volta das pernas, de pé junto à lareira. - Ele é um mestre ferreiro, é valioso. Vêem? É o martelo dele, aí no chão. Serve-vos melhor vivo.

- E quem serás tu para vires aqui dar ordens? Velanto sentiu alívio ao notar que, no tom de voz de Cresfonte, havia um tom de divertimento disfarçado de fúria devido aos modos desobedientes do rapaz - Sou eu que o ajudo, sou seu aprendiz. Também tenho algum jeito já.

Mas vejam. - O ouro brilhou na mão de Pica-Pau. - Foi ele quem fez este brinco. É lindo, não é? - As nossas mulheres já estão carregadas com o ouro que ganhámos - disse um dos guerreiros. - Temos tudo o que é vosso já e teremos o que é de Micenas mal esta caia às nossas mãos. Não precisamos de nenhum ferreiro para fazer mais jóias.

- Pois precisam ainda de espadas - respondeu ele rapidamente. - Ele viu as espadas que vocês usaram no ano passado e aprendeu a fazê-las.

Aquela. - Pica-Pau apontou para a espada em forma de folha que fora parar junto da curva da grande lareira. - Foi ele quem a fez, olhem para ela.

Poupem-lhe a vida e ele fará mais.

Algo divertido, Velanto reparou como à vista da espada a expressão no rosto dos homens mudou. Pica-Pau fizera uma boa tentativa de o salvar.

Mas se pensavam que ele iria trabalhar para eles estavam redondamente enganados, e acabaria por morrer,

de uma maneira ainda pior. O corte profundo que a ponta da espada lhe provocara sangrava ainda e sentia a perna a começar a ficar fria. Se esperassem mais tempo, já nada mais importaria, pois a perda de sangue poria fim à sua vida.

Alguém pegou na espada e entregou-a a Cresfonte.

- Há um ano? - O líder do exército inimigo estendeu a espada, empunhou-a e girou-a em círculo, e baixou-a novamente. Havia alguns cortes no bordo e precisaria de ser afiada até se tornar novamente uma arma eficaz.

Mas Velanto sentiu-se longinquamente agradado por a ter forjado tão bem.

E matado tantos... sorriu ligeiramente e fechou os olhos.

- Muito bem. - As palavras chegaram-lhe de muito longe. - Ligue-lhe a perna e levem-no daqui. Falaste por ele, rapaz, e tomarás conta dele.

Se viver, veremos o que consegue fazer.

Velanto soltou um grito rouco enquanto lhe punham uma ligadura na perna, apertando-a ao ponto de sentir uma agonia atroz. Porém, os dedos que retiraram a corda que lhe amarrava o pulso foram precisos e seguros.

- Já te trarei água - murmurou Pica-Pau. A voz vinha até ele num fio que o mantinha consciente por entre as ondas de dor e o alívio que sentia quando as mãos de longos dedos frescos lhe acariciavam o cabelo despenteado e o afastavam da testa.

- Não morras, Velanto, tu permitiste-me recuperar a

minha alma. Não me deixes só...

ONZE

Ao calor da tarde, as cigarras cantavam no alto da colina sobre a estrada, como liras que tivessem perdido o tom. Pica-Pau puxou o tecido de lã castanha que trazia consigo, uma das poucas coisas que lhe restavam, e limpou a poeira do rosto. À noite, servia-lhe de cobertor, durante o dia, usava-o para proteger a pele sensível do sol. Marchavam havia seis dias, tendo partido de Tirinto rumo a norte, pela estrada aplainada e coberta de gravilha que ia dar a Micenas, virando um pouco antes de chegarem à acrópole e seguindo para Nemeia. O rapaz esperara que talvez nesse momento o pudessem resgatar, mas os seus captores fizeram a viagem de noite e o rei Tisameno permanecera entrincheirado nas suas portentosas muralhas, com esperança de que os Heráclidas as considerassem inexpugnáveis. Agora, eis que o vale do planalto de Nemeia surgia perante eles. O caminho que se erguia à frente descrevia uma curva e descia ao longo de um declive na montanha. Para lá dos montes, via o verde dos terrenos cultivados e o brilho do mar azul.

Corinto, onde, agora, Aletes é rei, pensou sombriamente, tentando não pensar muito no que aconteceria quando lá chegassem. Primeiro -lançou um olhar ansioso ao carro para onde Velanto fora atirado sem cerimónia, para cima de uma pilha de sacos de cereal - teriam de chegar vivos à cidade.

Compreendia as razões de Cresfonte, quando soube quem Velanto era, em não o querer manter em Tirinto, onde poderia sublevar a população e conduzi-la a uma revolta. Contudo, não deveriam ter mudado o príncipe tão cedo de lugar. Pica-Pau protestara, mas os escravos, como ele tão bem sabia, não tinham escolha.

Assim, Cresfonte e Temeno haviam decidido que caberia aos deuses escolher entre preservar a vida do último filho do rei Fórcis ou aliviar os Heráclidas de um problema. O oficial que fora incumbido daquela tarefa seguia numa liteira, afastado da poeira, à frente da coluna, protegido por uma cortina oleada e esticada entre aros. Cerca de uma dezena de guerreiros marchava atrás desta, embora o rapaz não conseguisse imaginar que perigos poderiam espreitar aquele homem, para que necessitasse de protecção. Toda a gente que o guardava tinha um ar amedrontador. Se Pica-Pau conseguisse arranjar um ramito que lhe permitisse esticar o tecido de lã sobre os olhos, teria alguma sombra e não sofreria tanto com o calor. Sou um escravo, disse para si, situação que não posso mudar, portanto terei de aguentar. Enquanto servira Velanto, quase se esquecera da sua condição, durante algum tempo. Pensou ter ouvido um berro proveniente do interior da carroça e aproximou-se para ver o que se passava. Velanto estava deitado, enrolado nos sacos, com a cabeça apoiada num deles, e aparentemente adormecido. Contudo, o rapaz sabia que o príncipe fingia dormir mesmo quando as dores o atormentavam, como se, fechando os olhos, conseguisse afugentar a nova realidade que vivia. Comigo não resultou, pensou o moço, e os deuses bem sabem que eu tentei. Na viagem que fizera de Belerion para Tartesso sentira-se tão enjoado no mar que já não lhe interessava quem era ou onde estava. Quando chegara a Tartesso, conseguia contar as costelas uma a uma de tão magro que estava. Ficou surpreendido por o não terem simplesmente atirado ao mar. Inclinou-se para o interior da carroça. Velanto emagrecera ainda mais ao longo da última semana. Por entre a barba negra distinguiam-se bem os ossos do rosto. Apesar de magro e macilento, a compleição robusta do ferreiro era ainda visível, mas o ímpeto que o capacitara de poder usar essa força faltava-lhe agora, interrompera-

se, de tanto contrair os membros para vencer a dor. Quando a carroça deu um salto abrupto no caminho, Velanto escorregou para o lado e o rosto contraiu-se-lhe de dor. Pica-Pau acabou por ouvir um gemido que o homem mais velho não conseguira conter. - Meu Senhor! Sei que não estás a dormir! Estes solavancos acordariam um morto! - murmurou o rapaz. - Queres água? Talvez consiga arranjar alguma coisa para te tapar do sol. - Não um morto - respondeu. Pica-Pau não percebeu se era uma confirmação ou uma queixa. - Água... seria bom... Pica-Pau pensou se lhe teriam dado o alforge com água para testar a sua devoção ou o seu autocontrolo. Porém, após ter passado três anos naquelas terras áridas, podia bem passar sem beber se assim tivesse de ser. Tirou a rolha e deu água a beber a Velanto, apoiando-lhe a cabeça com a outra mão.

Quando começaram a descer a estrada, viu algumas quintas dispersas pela paisagem. Homens e mulheres andavam numa grande azáfama nos vinhedos, desbravando ervas daninhas e podando os ramos para concentrar o crescimento das uvas verdes que começavam a despontar. Os camponeses olharam para o alto quando os soldados apareceram no seu horizonte, voltando depois ao labor, satisfeitos por ser o inimigo que já conheciam e que não lhes iria arrasar os campos de onde retiravam o pão de cada dia.

- Creio que o pior já passou para eles... - proferiu Pica-Pau em voz alta. - Os camponeses são assim, mesmo quando o mundo à sua volta se desmorona. Lembro-me... - hesitou, a voz tremeu-lhe, mas, vendo o interesse substituir a dor nos olhos de Velanto, fez um esforço para prosseguir. - Na minha terra, depois das cheias, ou dos ataques dos lobos humanos, eles voltavam sempre para os campos.

- A terra tem de ser servida - respondeu Velanto, e o seu olhar tornou-se distante. - Repito muitas vezes a mim próprio que não importa quem governa o mundo. Os reinos dos homens erguem-se e caem, mas os camponeses continuam a sua vida. Desde que o que semearam cresça, a vida continuará sempre. O sangue dos que morreram fertiliza os campos.

Mas o Sol não brilha, a colheita não cresce, pensou Pica-Pau, recordando alguns dos maus anos vividos na sua ilha. O homem e os animais são como aves de rapina uns para os outros. Desta vez ocorreu-lhe pensar se as calamidades que assolavam a Ilha dos Poderosos teriam perturbado outras terras do Norte. Teriam tais males oposto povo contra povo até a pressão em cadeia ter colocado os Filhos de Héracles em movimento? Se o mundo inteiro estava doente, não devia sentir inveja daqueles camponeses.

Também eles estavam condenados. Apenas ainda não o sabiam.

- Passa-se alguma coisa? Ao ouvir a voz de Velanto, Pica-Pau apercebeu-se de que permanecera calado demasiado tempo. Contudo, as suas reflexões seriam fraco remédio para um homem doente. Abanou a cabeça com um sorriso largo.

- Pensava nos camponeses. Esta região é tão diferente da minha terra...

Noutras circunstâncias talvez tivesse apreciado esta oportunidade para ver o interior da região da Aqueia. As viagens que fizera antes haviam sido maioritariamente por mar. No princípio do Verão, a erva já amadurecera e os campos pareciam ouro. À excepção de alguns arbustos espalhados pelas faldas

das colinas e de um ou outro bosquezinho de árvores altas nas ravinas, a terra tinha um aspecto quase nu. Os troncos altos e verde-escuro dos ciprestes sagrados, surgindo aqui e ali, pareciam pilares de um templo erguido a um deus selvagem. - Dizem que em tempos havia mais árvores por aqui - murmurou Velanto. - Cortámo-las para construir casas e arranjar lenha e carvão para fundir cobre. Havia leões também, mas nunca mais se viu nenhum desde aquele que Héracles matou. - Se pudesse, chamaria um leão para levar as suas crias para casa novamente - proferiu Pica-Pau, e foi recompensado com um pequeno sorriso. A colina que desciam deu lugar a um vale. No sopé, alguns carvalhos e arbustos de folhas pontiagudas e aveludadas e flores cor-de-rosa circundavam uma bacia em pedra, que recolhia um fio de água de uma fonte, na encosta da colina. Uma ordem vinda da retaguarda fez a coluna de homens encaminhar-se para as árvores. Quando pararam, Pica-Pau ajudou o amo a sentar-se e providenciou dois paus sobre os quais esticou a pele que trazia para o proteger do sol. Fazia calor. Ao encher o saco de pele com água apanhou um ramo das flores cor-de-rosa. Tinham cinco pétalas, em forma quadrada, e um perfume suave e adocicado. - Esta região é tão árida, fico sempre surpreendido quando encontro flores. - Deu-as a Velanto. - Estas são bonitas. Como se chamam? - São flores de loureiro, é amargo. Muito venenoso. - O sorriso triste de Velanto deu lugar a uma gargalhada áspera, ao ver Pica-Pau atirar fora as flores. - Mas só se as comeres. Um homem ficaria apenas doente, mas basta um pouco para matar uma criança. Pica-Pau sentiu-se aliviado, mas não voltou a pegar no ramo. - Não precisas de ter medo que me envenene - acrescentou Velanto com amargura. - Não pretendo arranjar uma dor de barriga, para somar às dores que já tenho. Embora não saiba porque te dás ao trabalho de me manter vivo, ou, se no fundo, terás o direito de o fazer. Pica-Pau

olhou-o de soslaio, tentando perceber se aquilo se tratava de uma atitude de petulância de convalescente ou de uma fúria justificada. Pensou subitamente se se teria preocupado tanto com Velanto nos dias que se seguiram à queda de Tirinto para evitar colocar-se essa questão. - As minhas razões são egoístas, claro - disse, sem rodeios. - Tomando conta de ti dá-me um objectivo para viver... de novo. Quando cresci, disseram-me que estava destinado a grandes feitos. Mas creio agora que quem disse isso lutava contra o seu próprio desespero. Se os deuses tinham plano para mim, deveriam ter-me protegido mais! Se não posso ajudar-me a mim próprio, pelo menos sirvo para te apoiar! Parou de repente, com a respiração ofegante. Havia muito que não se permitia sentir tal dor. Lançou um olhar rápido a Velanto, que estava pensativo.

- Então acho que deveria tentar merecer a tua devoção, embora me pareça indevido, visto ser também escravo.

- Talvez seja por isso - replicou Pica-Pau rapidamente. - Sirvo-te porque foi isso que escolhi. E o que escolho agora é ver como está a tua perna - acrescentou, e Velanto, interpretando correctamente a sua expressão, esticou a perna com um suspiro e um esgar de dor.

Os Heráclidas haviam-nos feito despertar cedo, sem dar tempo a Pica-Pau de mudar a ligadura da ferida. A ponta da lança fizera um golpe profundo e, embora tivesse sangrado profusamente, quem saberia se não teria pus no interior? A pele em volta tinha um tom avermelhado inquietante, estava quente e doía ao toque. Velanto contorceu-se de dor quando Pica-Pau lhe lavou a perna e lhe aplicou um novo emplastro com um remédio em pó.

Independentemente do bem que aquilo faria, pensou o rapaz sombriamente, a ferida precisava de ser aberta para que o remédio penetrasse na carne.

Velanto necessitava de um curandeiro, e não de um bárbaro que apenas podia tentar aplicar o pouco de que se lembrava sobre a maneira como Kiri lhe tratava das mazelas em Avalon.

Via que Velanto tremia de dor, embora este se mantivesse silencioso.

Acabou de enrolar o novo emplastro em volta da perna e foi lavar o pano velho na fonte. Quando voltou, o príncipe fechara os olhos. Pica-Pau olhou-o de perto e viu que deixara de suar. Aquilo não era bom sinal.

Velanto contorcia-se em vagas de calor. Via o bordo do cadinho à sua volta; ele era o minério em bruto, o metal liquido essencial enquanto a esteira vinha à superfície. Gemeu ao sentir um puxão doloroso arrepanhar-lhe a pele, como que a perfurar-lhe a carne. Desejou que o ferreiro soubesse o que estava a fazer. Se deixasse o lume aquecer demasiado, até o cobre queimaria.

Talvez fosse essa a melhor solução - a pira consumiria a sua dor.

- Velanto, abre a boca! Bebe isto! - A ordem veio de um outro mundo, mas o corpo pareceu responder-lhe, sentiu algo frio e amargo na boca e subitamente o calor deu lugar a arrepios de frio. Sentiu na pele sensível o toque de um cobertor de lã, gritou de dor; depois, estava de volta ao cadinho e o ciclo recomeçava.

Sempre que aquilo acontecia, as dores redobravam de intensidade, afastando-se de qualquer realidade humana. O cadinho transformou-se no corpo de uma mulher em chamas, esguia e flexível, de olhar ardente. Entregou-se-lhe de bom grado, mais completamente do que alguma vez se dera a uma amante mortal, vertendo a sua essência no abraço Dela. Agora és fogo... proferiu a deusa. Ao tudo dares, tudo te tornaste. Mas nada pode fazer... surgiu uma voz trovejante. Se ele te irá servir terá de ser moldado e afiado, trabalhado e reforjado na bigorna com o malho. Então entre gar-to-ei! Não quero... a centelha que constituía a essência de Velanto protestou. mas a mão da deusa agarrava-o agora com mais força e sentiu-se transformado nos seus braços. Ardendo ainda, levantaram-no e colocaram-no sobre uma bigorna. O seu corpo revolucionou ao primeiro golpe, girando e revolteando enquanto cada partícula do seu corpo era realinhada. Solto um grito ao ser mergulhado na água. Sentiu a sua nova forma física solidificar, contendo a sua alma, e abriu os olhos, deparando com o olhar assustado de Pica-Pau. Voltou a fechá-los, lutando por captar na mente a visão, chorando de dor por aquela perda e, a pouco e pouco, tomou consciência de que jazia num charco de suor. - Levanta-o agora - proferiu uma voz profunda. - Antes que te constipes. Com tantas mãos a manobrar-lhe o corpo, não conseguia nem resistir nem ajudar. Era como se não tivesse ossos. Colocaram-no em cima de algo mole e taparam-no com um tecido macio. - Velanto, consegues ouvir-me? - Escutou a voz de Pica-Pau, ao longe. Depois: - Conseguimos salvá-lo? A febre não lhe deu cabo da razão? - Dá-lhe tempo, rapaz - replicou a voz profunda. - Ele esteve às portas do Hades. Levará algum tempo a regressar. Velanto respirou fundo, algo surpreendido por sentir o corpo responder à sua vontade, e abriu os olhos mais uma vez. Pica-Pau ajoelhou-se junto dele. Ao tremeluzir da luz da

lâmpada, viu que atrás do rapaz se encontrava um homem mais velho envergando as vestes brancas dos sacerdotes de Apolo Péon. O sacerdote debruçou-se sobre ele e encontrou o seu olhar, parecendo ter visto qualquer coisa que o satisfizesse. - Creio que irá dormir agora. Se o deus for piedoso, depois de ter descansado será capaz de falar contigo. Toma conta dele e chama-me quando acordar.

Como se lhe tivessem dado uma ordem, Velanto sentiu-se cair num negrume nem quente nem frio mas extremamente reconfortante.

Anderle despertou de um sonho de chamas. Não era raro sonhar com fogo, mas pela primeira vez não fora um pesadelo sobre o incêndio do Azan-Ylir. De facto, experimentava uma sensação invulgar de bem-estar, como se tivesse realizado um exercício agradável. Demorou alguns instantes a adaptar-se à luz da madrugada, tentando recordar-se do que sonhara.

Pelo menos, mantivera-a quente durante a noite. Viu que não só afastara todos os cobertores como também despira a camisa de dormir.

O que andara ela a fazer? Houvera um incêndio, ela fora o fogo, e aparecera um homem que abraçara e outro com quem discutira - não, fora um deus, com um malho de ferreiro na mão. Depois, não sabia como, ambos se transformaram num homem forte e robusto de cabelo preto e barba.

Ao pensar nele, sentiu um arrepio de excitação que a fez corar novamente.

Porém, adivinhava agora no ar o frio da madrugada. Voltou a puxar os cobertores sobre si e voltou-se.

Anderle nunca vira aquele homem na vida, mas tinha a certeza de que o voltaria a encontrar. Estaria tão desesperada por sentir um homem tocar-lhe que andava a inventar amantes em sonhos? Ocorreu-lhe a ideia de que não iria procurar outros sacerdotes para descobrir a explicação do sonho, mas talvez tivesse alguma iluminação no fogo da forja da Ilha das Donzelas.

Senhora, se este sonho contiver uma mensagem, mostra-me o que quer dizer!, implorou, e ao voltar a cair no sono pareceu-lhe ouvir o riso da deusa.

No santuário de Péon, o Curandeiro, ouvia-se sempre o som de água a correr. As cascatas de Lema jorravam com força da rocha, como as nove cabeças da Hidra, que dera nome ao lugar, alimentadas pela neve derretida das montanhas por trás da cidade. Pica-Pau gostava de se sentar ali de manhã, quando a luz do sol brincava por entre os pinheiros. O cheiro do pinhal e o som da água recordavam-lhe a sua terra. Sentado no banco junto do lago para banhos, conseguia esquecer que a cidade era agora praticamente uma ruína carbonizada e deserta. Contudo, os Heráclidas haviam poupado os santuários, ou talvez tivesse sido o deus a tomar conta do que era seu. De qualquer modo, estava grato ao oficial de Cresfonte que, receando perder um escravo precioso, o deixara levar Velanto até ao santuário.

Ao ouvir passos, voltou-se e viu um dos sacerdotes mais jovens. A saudação do jovem sacerdote não foi de deferência nem de superioridade. Pica-Pau pensou que qualquer pessoa ali, fosse conquistador ou conquistado, escravo ou homem livre, era apenas suplicante. - O teu senhor acordou e está a chamar por ti.

Pica-Pau olhou-o atentamente. Teria ouvido um tom de alívio na voz do homem? - Está com mau humor? - perguntou em voz alta. - A convalescença é um período muito difícil, especialmente para um homem forte e activo. Pica-Pau interpretou a sua resposta como um "sim". Não ficou surpreendido. Quando o banho gelado baixou a febre de Velanto, esperara uma recuperação rápida, mas passara quase uma semana e, apesar de a ferida não estar gangrenada, o buraco na barriga da perna continuava aberto e não sarava. - Ele já não deseja morrer - prosseguiu o sacerdote -, mas não quer viver. Discutimos o caso. Acreditamos que se sentirá mais bem-disposto se sair da cama. Talvez seja bom sentar-se ao sol. Mas, para se curar, tem de ter vontade de o pedir ao deus. Pica-Pau também conseguia traduzir aquilo. Os sacerdotes já tinha= tentado levantar o paciente e pô-lo em movimento, e agora esperavam que o rapaz escravo conseguisse aquilo em que eles haviam falhado. Velanto encontrava-se deitado de lado, com a perna doente apoiada almofadas e de rosto virado para a parede. Ali perto, numa mesinha, jaz- uma tigela de papas de aveia em que não tocara. - Está uma manhã linda, senhor - disse Pica-Pau com vivacidade - um dia demasiado bonito para ficarmos dentro de casa. Tudo aqui é muito tranquilo. Deixa-me ajudar-te a vestir uma túnica e vamos ver como funciona esta muleta que te fizeram para andares por aí. Viu o ombro do homem encolher-se e percebeu que estava acordado; então, prosseguiu. - Talvez tenhas afastado os sacerdotes com o susto que lhes pregas.. mas eu não me irei embora nem deixarei de falar até te sentares e me responderes. Vi um falcão a sobrevoar em círculo as árvores. Apanhei um rato.

Péon não gosta de ratos? Creio que... A cama rangeu quando Velanto se ergueu um pouco. - Mas tu calas-te? Não se consegue dormir com a tua tagarelice idiota. -

Não deves dormir agora. É de manhã. Toma as muletas e levanta-te. Quererás com certeza aliviar-te e então... Pica-Pau desviou-se quando Velanto agarrou na muleta mais próxima I e deu-lhe a outra para se apoiar, como aprendera em Avalon. O ferreiro arquejou ao movimentar a perna e equilibrou-se. A madeira rangia contra a madeira e o rapaz riu-se.

- Vem cá, meu porco bárbaro! Devia ter-te batido antes! Anda cá levar o que mereces! - Primeiro, terás de te levantar! - zombou o rapaz. Saltitou para a frente e para trás, sentindo o coração bater mais depressa ao evitar os golpes de Velanto. Por mais enfraquecido que o ferreiro estivesse, a fúria era capaz de emprestar uma força de herói a qualquer um. O rapaz tinha a certeza que, lá no fundo, o príncipe não lhe faria mal, mas aquele rosto carrancudo e o olhar flamejante conferiam-lhe um ar meio louco.

- Ingrato! Monte de esterco idiota! Vender-te-ei aos Heráclidas como prostituto. Se eles te quiserem, feio como és! Está zangado... pensou Pica-Pau. Um homem zangado diz seja o que for.

Mas, surpreendentemente, aquilo magoara-o.

- Mimei-te! Vê lá se gostas...

- Apanha-me! - gritou o rapaz, atirando a outra muleta ao amo e largou a correr porta fora.

Tornei-me fraco como um cachorrinho, pensou Velanto, coxeando enquanto se apoiava nas muletas, com a túnica a bater-lhe nas pernas. Não admira que o rapaz se ria de mim.

Lembrou-se de que lhe tinha gritado. Teria de lhe

pedir desculpa. Apoiou o seu peso nas muletas e balançou a perna sã para a frente, recuando quando o movimento lançou a outra. Doía-lhe violentamente, mas era quase sempre assim.

Saltitando apoiado nas muletas, lá conseguiu chegar ao herbário. Pica-Pau estava sentado num banco, a comer figos secos. Olhou para as muletas e teve um gesto de hesitação. Velanto fechou os olhos lutando contra uma dor que nada tinha a ver com a perna. O que lhe disse eu? Sentia um estranho vazio no espírito, como a bonança que vinha a seguir à tempestade.

Senta-te antes que caias! - exclamou Pica-Pau quando o silêncio se prolongou demasiado entre eles.

Velanto assentiu, fez um esforço para se deslocar até ao outro banco e sentou-se. Respirou fundo. O ar estava saturado com o perfume a loureiro e a salva, tomilho e estragão e outras plantas cujos óleos voláteis eram libertados pelo calor do sol. Era um alívio esticar a perna, mas o suor escorria-lhe pela fronte e o coração batia como um tambor.

- Disseram-me que eu... digo coisas... quando me enfureço - preferiu com um ar grave. - Seja o que for que te tenha dito, espero que me perdoes. - Ameaçaste vender-me... - Não te posso vender! Sou um escravo também... - Lembrei-me disso - retorquiu Pica-Pau. - Mas não te quis deprimir Por instantes, Velanto apenas conseguiu fitá-lo. Então, surpreendendo-se tanto a si próprio quanto ao rapaz, começou a rir-se. Aquele primeiro rasgo de riso limpou-lhe a garganta. Já não se lembrava há quanto tempo não permitia que o doloroso paradoxo da vida se apoderasse dele. Talvez até se tivesse esquecido de como isso se fazia. Então, a próxima convulsão tomou-o um ataque súbito de riso,

repetido várias vezes. Pica-Pau deu-lhe uma palmada nas costas, colocando-lhe uma vasilha de barro com água nas mãos. Bebeu, engasgou-se um pouco, voltou a beber e depois sentiu-se abençoadamente calmo. - Desculpa ter tentado bater-te...

Pica-Pau encolheu os ombros. - Agora não conseguirias agarrar nem sequer um cordeiro amarrado. mas compreendo a razão por que os sacerdotes não te quiseram incomodar. Põe-te bom e talvez venha a ter medo de ti novamente! Velanto abanou a cabeça em sinal de negação. Teria perdido para sempre a confiança do rapaz? Mas Pica-Pau agarrou-lhe o ombro com uma mão. Inclinou-se perante aquela força, confundido por uma dor para a qual não tinha palavras, e forçou-se a focar a atenção no que Pica-Pau dizia. - Não podes continuar assim, sabes? Os sacerdotes precisam do leite onde dormes para outros doentes, e o rei Aletes já mandou perguntar mais do que uma vez se o mestre ferreiro que o irmão lhe deu decidiu viver ou morrer. Os sacerdotes fizeram tudo o que podiam. Querem que durmas no templo e pedem a ajuda do deus. Aos últimos raios de luz da tarde, a procissão dos doentes e feridos subia o caminho junto ao mar, onde tinham ido purificar-se. Velanto fizera a descida na carroça, mas jurara que faria a viagem de regresso a pé. A força de vontade levava-o a usar a perna, a carne viva ainda ardendo da água do mar que lhe tinham atirado sobre a ferida; por isso, voltara para a carroça. Pelo menos agora conseguia sentar-se direito, agarrando-se a ambos os lados do carro, e assim amortecia os solavancos com os braços, que o uso constante das muletas ia fortalecendo. Contudo, tinha ainda um longo caminho a percorrer até voltar a adquirir a compleição robusta que tivera.

Agora não era o momento indicado de se interrogar com

que fim estaria a tentar curar-se.

Pica-Pau caminhava ao lado da carroça. Ostentava o seu habitual meio sorriso no rosto queimado pelo sol, como se estivesse secretamente divertido com alguma coisa. Durante um ano não dera muita importância ao rapaz, pois estava demasiado entretido com as suas preocupações para tentar perceber o que Pica-Pau fora antes de a fortuna o ter traído. Tinha para isso uma desculpa - andara ocupado com o destino de um reino, mas naquele momento já não era senhor de si próprio, quanto mais do rapaz. Agora que não se atrevia a interrogar-se sobre o seu próprio futuro, tudo o que lhe restava era Pica-Pau. Pelo menos, quando o rapaz olhava para ele, já não tinha aquela apreensão dolorosa no olhar.

Velanto mudou de posição no banco, a pele ardia-lhe devido à comichão causada pelo sal do mar. Tinha areia na roupa. Tudo cheirava à bênção salgada de Poseidon - o guerreiro dório, que perdera uma perna, e o curtidor coríntio, que ficara demasiado ferido na luta para poder fugir e cujo talento era demasiado precioso para se perder. Diziam que O-Que-Faz-Estremecer-a-Terra era dono e senhor de todas as terras costeiras, ao passo que os cumes nus batidos pelo sol pertenciam a Hélio. Corinto venerara os outros deuses, entre os dois que havia na cidade, os quais juntara no sopé da acrópole, num ponto elevado do terreno, por sobre a planície do litoral. A maior parte dos edifícios haviam ardido, e os guerreiros dórios acampavam agora em tendas armadas nos terrenos, onde tinham vencido os carros de combate de Corinto, enquanto o rei Aletes mantinha os antigos governantes prisioneiros na cidadela.

A estrada descrevia uma curva na zona oriental da cidade. Velanto contemplava os pinheiros escuros que

enquadravam o santuário e o brilho dos edifícios dourados pelo pôr do Sol, na sua retaguarda. Quando a carroça parou defronte do santuário, já se sentia suficientemente recuperado para se juntar à fila dos suplicantes, que, um a um, se encaminhavam para o altar, a fim de oferecerem um bolo de mel às chamas dedicadas ao deus. O santuário era composto por paredes com quatro pilares, que suportavam a abóbada que protegia a imagem do deus, e não tinha telhado. A estátua fora coberta a folha de ouro para simular o cabelo e os ornamentos, mas o corpo do deus fora talhado em madeira de carvalho, que escurecera com a passagem dos anos. Dos pilares pendiam imagens de partes do corpo ali colocadas por doentes gratos por o deus os ter curado. Cura-me, deus, e farei uma perna de bronze para servir de testemunho, pensou Velanto. Contemplou os traços impassíveis do deus, mas não vislumbrou nenhuma promessa. Era altura de se lavar novamente nas águas. Velanto sentiu-se grato por poder lavar o sal da perna, mas a água do mar pelo menos estava morna. Ainda a tremer devido ao contacto com a água fria, deixou que lhe envolvessem o corpo na veste branca e seguiu o jovem sacerdote até ao santuário. Quando se encontravam todos estendidos nos colchões onde iriam pernoitar, já anoitecera completamente. Resignado a uma noite insone, Velanto ouvia o ressonar e assobiar dos companheiros adormecidos, mas não contara com os efeitos do esforço que fizera e com o ar do mar. Estava ainda a tentar descobrir qual dos suspiros dos sofredores seria o último, quando se deu por si subitamente num sítio completamente diferente. Então percebeu que estava na esfera do deus. Viu imediatamente que era uma terra feita de luz, luz essa que enchia cada rocha de significado e que brilhava com uma radiância infinita, que tinha origem no firmamento azul. Não se encontrava só. A luz adquirira a forma de um homem vestido de branco, brilhando a

partir do interior, como o bronze no molde. - Velanto, filho de Fórcis, que queres de Mim? Estremeceu, pois, apesar de ter feito a oferenda, não acreditara que alguém a recebesse. Fora à cerimónia para agradar a Pica-Pau e aos sacerdotes.

Porém, a Presença diante dele era mais real do que qualquer outra coisa que tivesse vivido antes. Não se tratava de uma divindade com quem se pudesse fazer acordos. Quando fizera a oferenda, submetera-se ao julgamento de Péon. - A cura - era a resposta óbvia, mas Velanto sabia que não estava a ser honesto. - A destruição dos inimigos do meu povo... - proferiu a seguir. - Quando as gentes desta terra forem levadas das suas casas, os filhos dos Filhos de Héracles serão levados desta cidade por sua vez - retorquiu o deus. - Mas esse dia ocorrerá daqui a mil anos do teu futuro. Por isso pergunto-te novamente: o que queres de Mim? Àquela luz, pensou Velanto, tudo era visível, até o seu próprio coração. Não podia voltar à sua antiga vida - perdera tudo o que amara. Até a liberdade tinha agora pouco significado. - Um propósito... - disse em voz alta. - Cura o meu corpo de modo a poder servir a minha vontade e concede-me um feito por que valha a pena lutar antes de morrer. - Aquilo continha um halo de verdade. Ouviu o eco da sua voz reverberar por distâncias inimagináveis e percebeu que as próprias Moiras eram testemunhas das suas palavras.

Velanto sentiu os olhos habituarem-se à luz. No rosto de Péon vislumbrou um sorriso enigmático e uns olhos que brilhavam com uma calma implacável e que pareciam ver através da sua alma.

- A tua Senhora escolheu bem - afirmou o deus. - Um propósito já tens, já te está destinado. Sem saberes, colocaste os pés no rumo certo. Encontrar-me-ás uma

vez mais no sítio para onde vais agora, embora o dia se transforme em escuridão e o calor em frio. Lá, onde os lobos humanos uivam, os meus lobos persegui-los-ão e o meu arco de prata destruirá os teus inimigos.

- E que deverei fazer em troca? O sorriso sereno resplandeceu.

- Aquilo que mais desejas. Deverás forjar uma espada das estrelas digna das mãos de um rei...

- Onde? E como? - gritou Velanto, mas a figura brilhante limitou-se a baixar-se e a tocar-lhe na perna. A dor foi lancinante, de tal forma que nem sequer foi capaz de gritar. Quando conseguiu voltar a pensar, viu que o cenário se transformava, a luz dourada rodopiava desaparecendo num nevoeiro de prata, no qual a figura do deus se desvaneceu.

Quando Velanto recuperou a consciência, um galo cantava e a luz fria e cinzenta da madrugada enchia o quarto onde dormiam. Permaneceu deitado sem se mover, saboreando uma sensação de bem-estar e alívio no corpo que já não experimentava desde criança. A luz tornou-se mais forte e os sacerdotes vestidos de branco entraram no quarto, aproximando-se de cada paciente.

- Não preciso de te perguntar como conseguiste - proferiu o sacerdote mais velho debruçando-se sobre Velanto. - A glória dos deuses brilha ainda nos teus olhos! - Levantou o cobertor de lã branca e com um toque delicado retirou a ligadura da perna. - Vejam - chamou os outros -, Péon tocou-lhe de facto.

Ao ouvir isto, Velanto ergueu-se, apoiando-se nos cotovelos para ver. Havia ainda uma depressão na barriga da perna, onde a carne tinha gangrenado, mas a

ferida estava agora coberta por uma pele nova de tom róseo.

Pica-Pau indicou aos homens um local, no chão de pedra, onde deveriam pousar o pesado caixote e mandou-os afastar, para poder observar Velanto com atenção. O ferreiro encontrava-se junto à lareira vazia na oficina que o rei Aletes pusera à sua disposição, esperando, com o mesmo sorriso sereno que exibia desde a noite em que visitara o santuário de Péon. Resumia-se a uma pequena cabana construída ao lado do mégaron. Era um espaço exíguo, situado no topo da acrópole. Mas teria de servir.

- As tuas ferramentas estão todas aqui - o rapaz apontou para o caixote -, tudo o que tinhas na tua oficina de Tirinto. Cresfonte enviou-as junto connosco. Disse que um ferreiro sem as suas ferramentas não teria qualquer préstimo... - A sua voz vacilou um pouco.

Que teria Velanto sonhado? Devia ter contado aos sacerdotes, pois estes pareciam ter ficado agradados. O rei devia ter sido informado de que a ferida do prisioneiro sarara, pois, dois dias mais tarde, uns homens tinham vindo buscar os dois escravos, para os levar para a cidadela. Porém, a Pica-Pau nada fora dito.

Franziu o cenho, ressentido. Porque não falas comigo? Por que razão olhas em volta com esse sorriso exaltado? Queria o antigo Velanto de volta, com mau-humor e tudo.

- Foi boa ideia - disse o ferreiro. - Devíamos abrir o caixote. Os meus músculos estão perros. - Riu suavemente. - Terei de recuperar as minhas forças

antes de voltar a trabalhar.

Aquilo soou como uma ordem e Pica-Pau curvou-se para lutar contra as fechaduras e pregos que selavam a caixa. A luz quente do Sol bateu nos objectos de metal que estavam no interior do caixote.

- Eis um pequeno martelo, para começares a trabalhar. - Estendeu-lhe a ferramenta.

Ao pegar no objecto, a atitude de Velanto mudou, as linhas do rosto tornaram-se mais firmes, o martelo converteu-se numa extensão da sua própria mão. Pica-Pau suspirou de alívio. Este homem parecia-se mais com o Velanto que conhecera.

- Uma boa escolha - pronunciou o ferreiro suavemente. - Foi o meu primeiro mestre que mo deu, quando eu era tão novo que esta era a ferramenta mais pesada em que conseguia pegar. Este martelo é indicado para trabalhos delicados, mas não para fazer armas. Agora serve muito bem. Antes de fazer a arma para o rei, prometi uma oferta votiva para o deus.

DOZE

Quando o Inverno chegou a Corinto, as montanhas cobriram-se de neve.

Os homens que estavam a reconstruir a cidade apreciavam indubitavelmente a vista, mas Velanto e Pica-Pau aprenderam rapidamente a odiar os ventos gélidos que assolavam a cidadela. Mesmo no fim do Inverno, quando as ovelhas começavam a parir lá em baixo, na planície, ainda envergavam tecidos de lã. As muralhas da fortaleza não eram impressionantes, mas também não precisavam de ser, porque as ladeiras eram muito íngremes por ali abaixo. O mégaron também era pequeno, quando comparado com os de Tirinto e Micenas, mas albergava bancos suficientes para as refeições comunais. Quando o calor da família de Aletes se juntava ao da lareira central, a sala ficava tão quente que quase era possível despir uma ou duas peças de roupa.

Pica-Pau serviu-se de mais uma costeleta e começou a roer o osso. Logo a seguir ao início do jantar, despira não só a pele de carneiro roída pela traça que usava aos ombros como a roupa informe de lã que usava por baixo.

Descobrira que o frio seco da montanha o afectava menos do que o ar húmido e frio das charnecas da sua terra. Era Velanto, que vivera quase toda a sua vida no clima ameno da Argólida, que aquecia as mãos debaixo dos sovacos, enquanto proferia lamúrias e pragas. A calma apoderara-se do ferreiro desde o sono que dormira no templo e levava-o a forjar uma imagem em bronze da sua perna curada. Desde aí, o trabalho que faziam era uma sucessão de arranjos com pouco interesse em utensílios, jóias e armas, ou seja, nada

que representasse um grande desafio.

Os anteriores senhores da cidade não tinham levado consigo o gado, por isso, apesar de todo o desconforto, havia bastante carne, mesmo para os escravos. Velanto voltara a encher a gamela e Pica-Pau também se servira mais uma vez. Estava agora mais alto do que o amo, mais esguio do que a maioria dos homens de Aletes, apesar de alguns dos homens que compunham a guarda real serem oriundos de terras do Norte, de cabelos louros e muito altos.

O próprio rei Aletes era um homem bastante baixo; usava sempre o testo real alto e dizia-se que até dormia com ele. A rainha, irmã de Dóridas, estava sentada numa cadeira a seu lado. Separara-se da anterior mulher, oriunda do Norte, e casara com a princesa coríntia, para legitimar a sua governação.

Pica-Pau tinha pena da rapariga, que ainda era mais nova do que ele, mas pelo menos, ela não tinha de ver o pai e o tio a serem exibidos naquele jantar informal. Aletes tivera uma filha do primeiro casamento, Leta, uma adolescente pálida de cabelo castanho, que herdara o grande nariz do pai, e que se encontrava sentada ao lado da sua jovem madrasta. Pica-Pau interrogava-se como se dariam elas. Pelo que ouvira, uma grande parte da vida de Aletes fora passada em campos de guerra. Talvez a rapariga se sentisse tão bem por viver numa casa que não se preocupasse com quem a governava.

Atirou um osso a um dos cães que Aletes permitia no salão e limpou cuidadosamente o bigode. Era ainda um pouco ralo e a barba não passava de uma penugem, mas despontavam num tom ruivo muito mais claro que o do cabelo. O modo elaborado como os nobres faziam a barba

e o bigode não se adequava a ele, mas como um ferreiro podia fazer a sua própria tesoura, ele e Velanto tratavam da aparência um do outro.

Ao passar a Velanto o jarro do vinho, os músicos que tangiam as liras deixaram de tocar e o mégaron ficou silencioso. Aletes levantara-se, oscilando ligeiramente. Não adicionara água ao vinho que bebera.

- Têm frio? - O rei riu-se. Pica-Pau estremeceu instintivamente. Havia um pouco de neve no chão nessa manhã e a noite traria com certeza mais.

O banco onde estavam sentados era o último ao fundo da sala, perto da porta.

Uma corrente de ar gelado eriçou-lhe a pele.

- Vós, homens do Sul, nada sabeis do frio! Em Tessália, a neve cobria os campos, mas nem isso se comparava com o tempo do norte. Na minha juventude viajei muito. - Entornou o vinho da taça dourada ao fazer um gesto largo. Pica-Pau bebeu um gole da malga e voltou a sentar-se, pensando qual das histórias iriam ouvir novamente. - Atravessei as grandes montanhas que sustentam o céu, tão altas que têm neve durante todo o ano, à procura das minas de cobre que sabia existirem por detrás delas. Depois, fui ainda mais longe, até uma terra de árvores portentosas. O rei de Tuathadhoni, em Bhagodheunon, convidou-me a passar o Inverno com ele. Aquilo é que era neve! Camadas e camadas até aos telhados! Durou até ao final da Primavera...

- Acabámos por ficar amigos. Ofereceu-me presentes quando, por fim, a neve desapareceu e o tempo ficou mais quente e me pude pôr a caminho novamente. Quando

chegou a altura de os Filhos de Héracles regressarem, ofereceu-me bons homens para lutar. - Apontou para os bancos onde a sua guarda pessoal se entretinha demoradamente a beber vinho. - Agora chegou a hora de lhe retribuir a generosidade. Chegou um mensageiro novo com acordos propostos pelo rei.

- A minha filha Leta atravessará as grandes montanhas para casar com o filho do rei Maglocunos, e levará o dote de noivado do tesouro de Corinto, ouro e bronze, um carro e cavalos de Tessália, e um Mestre Ferreiro do Mar do Meio! Pica-Pau apercebeu-se de que Velanto ficara subitamente estático e lançou-lhe um olhar interrogador - aquilo era claramente uma surpresa para ele também.

- O comércio do Norte virá até Corinto - anunciou o rei -, e comercializaremos com as terras ricas, a sul, que os nossos aliados governam agora. Virão navios para o istmo, de oriente a ocidente. Encontrar-nos-emos na encruzilhada do mundo e faremos Corinto mais rica do que alguma vez sonhámos! Os guerreiros puseram-se em pé, lançando um grito poderoso, de taças erguidas, e depois, ainda conversando, começaram a sair do mégaron. A pequena rainha e a princesa levantaram-se também. Pica-Pau pensou se Leta teria sido informada da honra que lhe estava reservada antes de este anúncio ter sido feito. O rosto mostrava-se impassível, mas era óbvio que aprendera a ocultar o que pensava desde pequenina. Ele nutria simpatia por ela.

Velanto levantou-se e pegou no cobertor às riscas que lhe servia de capa durante o dia.

- Vai andando e acende o lume no braseiro. Eu vou falar com o rei.

- Tem cuidado. - Carrancudo, Pica-Pau ficou a observar o ferreiro a coxear ao longo do chão ladrilhado e a fazer a vénia perante o trono. Depois enrolou-se no manto e atravessou o pórtico, dirigindo-se ao pátio que ficava nas traseiras. Ao virar junto da escadaria para o pequeno quarto que partilhava com Velanto, viu uma mulher com uma lanterna na mão, ou antes, eram duas mulheres, passando pelo portão mais abaixo.

Aonde iriam àquela hora e com aquele tempo? Seguiu-as em silêncio.

A luz tremeluzente seguia na direcção do santuário da Senhora das Pombas.

Visitara-o um dia, para fazer uma oferenda de agradecimento, depois de uma das criadas o ter iniciado nos mistérios da Senhora, numa manhã soalheira de Verão. Agora correria um ar gelado lá em baixo, sem mais abrigo do que o perímetro da muralha e os escassos ciprestes que se erguiam na ladeira da colina. Teriam sorte se o vinho que levavam se mantivesse líquido até fazerem a libação.

A estátua era muito antiga, esculpida em pedra, e estava desgastada pelo tempo. Os seus contornos mal esboçavam os seios e o sulco entre a curva das coxas. Porém, todos os anos lhe ofertavam uma espada e um escudo novos. Ali, no cimo da acrópole, até a Senhora que presidia ao amor possuía armas, mas talvez isso fosse bom sinal. No casamento a que Leta estava destinada, devia precisar de ter armas consigo.

- Senhor, suplico-te o favor de trocar algumas palavras contigo - pediu Velanto em voz baixa, interrogando-se sobre a razão de Aletes estar tão

apreensivo. Talvez se sinta culpado de dispor do meu futuro assim de tão leve ânimo, pensou com amarga satisfação. Apesar de andar vestido de andrajos, ele lembra-se de que não nasci escravo.

- Achas que te deveria ter consultado sobre a viagem até ao país dos bárbaros? - atirou o rei. Afastou-se para uma das extremidades da sala para que Velanto, que se encontrava de pé e de costas para a lareira, se tivesse de voltar. O rei supôs que por estar envolto no manto enorme e com o rosto na sombra teria um aspecto mais ameaçador.

- És rei. Fazes o que queres - retorquiu o ferreiro. - Mas gostaria de perguntar - acrescentou cuidadosamente - se estarás descontente com o meu trabalho...

- Descontente? - O rei olhou-o sinceramente surpreendido. Um dos guardas começou a dirigir-se a eles, mas Aletes afastou-o com um gesto. - Não, de modo algum. O teu talento desperdiça-se aqui. O que agora precisamos, qualquer homem que saiba bater numa lâmina pode fazer.

- Crês que apreciarão mais o meu trabalho nos territórios selvagens do norte? - perguntou Velanto em tom de dúvida.

- Não são tão selvagens como possas pensar. - Aletes esboçou um sorriso, acariciando com uma mão a barba grisalha. - Há grandes senhores por lá, verás. Têm-se em grande consideração. Antes de procurarem fazer comércio connosco, têm de ser impressionados pelas nossas capacidades.

O ferreiro lutava por manter uma expressão branda, mas o coração batia-lhe mais aceleradamente por algo que

não era medo.

- Não se deixarão impressionar pelos talentos de um escravo - afirmou, categórico.

O rei corou e franziu o cenho.

- Irás para onde te mandar, nem que tenha de te acorrentar. - O rei voltou ao trono. Fez um gesto e Velanto ajoelhou-se perante ele, ouvindo as articulações dos joelhos estalarem com o movimento.

- Podes aprisionar o meu corpo - concordou o ferreiro -, mas não a minha arte. Podes matar-me, mas eu trabalho para a Senhora da Forja, não para ti.

Aletes pestanejou, tentando assimilar a ideia de que não possuía a vontade do escravo.

- O que queres? - Liberta-me e ao rapaz que é meu aprendiz.

- Tens apreço por ele? - Um brilho astuto perpassou pelo olhar do rei. - Talvez o mantenha aqui como refém em troca da tua colaboração.

Pensa que o medo me acorrentará, pensou Velanto, e compreendeu com uma dor surpreendente que era quase verdade. Mas vejamos, Corinto não podia ter sido conquistada por um homem estúpido. O ferreiro podia jogar com a sua vida, mas ousaria arriscar a do rapaz? A vida, ou aquilo que fazia a vida valer a pena? O que escolheria Pica-Pau? - Preciso dele - disse, com calma, esperando que a voz não traísse o quanto aquilo era verdade. - Envia-nos juntos, vestidos como homens de valor, e farei maravilhas.

- Ele é o teu eromenos? - perguntou o rei com curiosidade. Velanto ficou grato por o rei não ter usado uma palavra mais rude. Se Aletes pensava que compreendia a relação deles, tinha chegado mais longe do que Velanto.

Mas não lhe importava o que o rei pensasse, desde que concordasse.

Velanto conseguiu esboçar um gesto de indiferença.

- Separa-nos e poderás também mandar-nos pastar cabras nos montes.

- Não fugirás para Tirinto? Velanto sentiu o rosto gelar.

- Tirinto, a minha cidade, morreu. Micenas caiu. Já nada existe lá para mim, nada existe em todas as terras do Mar do Meio.

Aletes voltou a sentar-se, acariciando a zona superior da boca, sem pêlos.

- Não cheguei onde estou por me recusar a correr riscos - disse, por fim. - Suponho que teremos de te arranjar roupa apropriada. - O rei suspirou.

Pica-Pau ergueu-se sobressaltado ao ouvir a porta bater.

- Estás embriagado? - perguntou ao ver Velanto tropeçar na cama. - Estás ferido? Que te disse ele? As tiras de couro rangeram quando o ferreiro se sentou na beira da cama e começou a desenrolar o tecido de lã que lhe protegia as pernas.

- Vamos fazer uma viagem. - Velanto soltou uma gargalhada fora do vulgar. Pica-Pau torceu o nariz ao sentir o cheiro a vinho. - De capa e espada. Vamos para o fim do mundo, mas seremos livres. - Com um impulso, atirou as pernas para cima da cama e deitou-se de lado.

- Velanto! - exclamou Pica-Pau, mas a única resposta que recebeu foi o ressonar do amigo. Já vira homens beber para afogar as mágoas, mas por que razão entorpeceriam os sentidos quando se sentiam alegres? Se tivesse vinho no quarto, ele próprio teria bebido um gole para afogar a frustração que sentia naquele momento. A dor de cabeça que Velanto sentiria de manhã não o poria mais bem-disposto, mas, pelo menos, estaria sóbrio.

Teria de lhe contar a história toda então.

Pica-Pau tapou-se com as mantas e encostou-se ao corpo do outro homem, para formar um casulo de calor contra o frio gélido que se fazia sentir. O espírito rodopiava, mergulhado em cogitações. Norte, pensou, com um curioso sobressalto do coração. Em Tirinto, o horizonte a norte estava cercado por montanhas. Fora fácil fingir que o mundo acabava aí. Contudo a cidadela de Corinto estava virada a norte, e agora iriam viajar para o coração da Grande Terra.

Porém, isso ficava ainda muito longe de casa...

Pica-Pau ouvira falar das montanhas imponentes nas terras do Ai-Ushen mas, à excepção da mais alta, dizia-se que a neve derretia nos cumes quando chegava o Verão. As montanhas que os viajantes de Corinto atravessavam agora eram sem dúvida os pilares do céu. Nível após nível, subiam, e a neve e a rocha adquiriam

um aspecto assustador, erguendo-se sobre bosques escuros e pequenos prados.

Começava a ter dificuldade em respirar, ao sentir o ar gélido queimar-lhe os pulmões. Os montanhesees que haviam contratado para os guiar na travessia riam ao verem os homens das terras baixas ofegantes, aflitos, e diziam que tinham sido mimados com um ar demasiado rico. Talvez tivessem razão, pensou Pica-Pau, à medida que subiam; parou para recuperar o fôlego. Era certo que nunca respirara um ar tão puro. Um dos picos, que se assemelhava ao diadema de um deus, parecia tão próximo que quase se lhe poderia tocar, embora soubesse que ficava a milhas de distância. Só as águias viajavam livremente ali.

Esta é a terra de Diwaz Pitar... disse a si próprio, ou, pelo menos, não pertencia a Poseidon. Estavam em Ístria, aguardando que as passagens da montanha ficassem livres, quando sentiram o tremor de terra. Ele ainda se encontrava a recuperar da viagem a norte, ao longo da costa, e por instantes pensou que estavam novamente em alto-mar. Tinham decorrido muitos dias quando um navio em mau estado trouxera notícias do terramoto que acabara de destruir o que restava das cidadelas de Tirinto e Micenas. A rainha Naxomene profetizara a verdade. Corinto não se aguentara muito melhor.

Mesmo antes de terem saído da cidade, o rei Aletes planeava construir um grande palácio sobre as ruínas da cidade lá em baixo. Os Dórios não precisavam da cidadela. Eram o inimigo contra o qual a cidade fora construída, com o intuito de se defender.

Ouviu os pedregulhos a desmoronarem-se atrás de si, enquanto a fila dos carregadores continuava a subir e

voltou a prosseguir. Tinham abandonado as carroças havia vários dias. Nenhum veículo com rodas conseguiria avançar por aqueles caminhos. A princesa era a única que seguia numa liteira coberta, carregada pelos escravos mais robustos que o pai encontrara, mas, quando o caminho se tornou demasiado íngreme, até ela teve de descer e prosseguir a subida a pé.

Pelo menos o caminho estava bem demarcado. A intervalos regulares, encontravam um monte de pedras construído para oferenda aos espíritos da montanha, ou talvez em honra dos homens que ali teriam morrido. Adiante, havia mais um, e inclinou-se para agarrar num fragmento de granito para acrescentar ao amontoado de pedregulhos. Apesar de todos os perigos, aquela era uma rota comercial importante. A riqueza das terras a norte - peles, âmbar e cobre oriundo das minas nas montanhas - passavam por aqueles trilhos e em troca recebiam ânforas de vinho e rolos de tecidos finos, armas e ornamentos trabalhados em bronze e ouro.

- Mexe-te, rapaz - resmungou Velanto, e Pica-Pau abanou a cabeça e continuou a subir.

Chegada a noite, acamparam num prado acoitado na montanha, num abrigo rudimentar de três paredes, construídas com pedras amontoadas, que cobriram com um tecido de lã oleado. Velanto que, ao final do dia, coxeava bastante, sentou-se junto à fogueira com um alforge de vinho, demasiado cansado para fazer mais do que olhar espantado para Pica-Pau, quando este lhe perguntou se não queria subir a ladeira para ver o pôr do Sol.

Ainda sorrindo perante a resposta que recebera, o rapaz encontrou um lugar sob uma saliência da rocha que permitia um pouco de protecção contra o vento e

acomodou-se sobre uma pedra lisa. Abaixo dele, uma dobra da montanha virada a norte estava envolta em profunda sombra, enquanto o lado ocidental dos picos se inflamava em tons de rosa e ouro. Pouco antes, vira uma criatura, talvez uma cabra acastanhada, saltitando de rochedo em rochedo, mas agora as montanhas estavam quietas, o silêncio era tão profundo que quase ecoava no ouvido como um som. Paz, pensou, uma quietude parada num momento intemporal, uma paz na qual ele era uno com os pinheiros agarrados ao rochedo e as flores brancas e estreladas que salpicavam o terreno onde encostou a cabeça.

Ao ouvir vozes, deu um salto e virou-se, e viu Leta a trepar a ladeira, seguida de uma criada que caminhava arquejante. Ergueu-se cortesmente, interrogando-se se ela teria arrastado a pobre mulher atrás de si. Desde que fora anunciado o noivado que a princesa andava fortemente vigiada, mas dificilmente a sua virgindade estaria em risco ali, onde ninguém no seu perfeito juízo tiraria a roupa por motivo algum. Usavam todos calças curtas do norte, mas tinham as pernas enroladas em tecido de lã, assim como túnicas de manga comprida, vestes de pele de carneiro e capas grossas de lã.

- Senhora - apontou para a pedra lisa -, queres sentar-te no teu trono? - Ela exibia um riso bonito, razão para ele ter dito aquilo. Sorriu e manteve-se em pé, encostado ao rochedo. - E aprecia este belo entardecer.

- Fez um gesto que abarcava os picos longínquos, onde estandartes de um róseo tão profundo quanto as flores que cresciam numa outra área do solo mesmo abaixo dele pairavam agora contra o céu dourado.

- É lindo - concordou ela suavemente -, não me hei-de esquecer disto. Ter visto isto quase compensa... - E conteve as palavras seguintes.

Ter sido enviada para os confins do mundo para casar com um estranho? Sabia não precisava de o dizer em voz alta. A luz quente conferia à sua pele um tom invulgar. Seria quase bonita, se estivesse feliz. Desejou que o príncipe estrangeiro fosse bom para ela.

- Nasceste escravo? - perguntou Leta subitamente.

Era filho de um rei, disseram-me, pensou Pica-Pau. Porém, se todos os escravos que dissessem que haviam sido nobres antes de serem raptados por piratas e vendidos estivessem a dizer a verdade, não sobraria nenhum para herdar a terra. De qualquer modo, supôs que ela deveria ter pensado que a terra dele seria ainda mais bárbara do que o lugar para onde iam. Não devo pensar nisso... fixou o olhar novamente nas montanhas.

- Não pretendo insultar-te - prosseguiu ela. - Sempre pensei que não poderia haver nada pior, mas eu também não tenho escolha, apenas um cativo mais confortável.

Pica-Pau lançou um olhar rápido à serva, que fazia os possíveis para fingir que era surda. Contudo, se era confiante da sua senhora, já devia ter ouvido tudo aquilo antes.

- Temos sempre escolha - proferiu ele lentamente. Antes de partirem, o rei dera-lhe formalmente a liberdade, mas os guardas ainda o tratavam como escravo.

- Escolhi não pensar no que era antes, apenas no que serei.

Leta fez um gesto de assentimento e manteve-se silenciosa. A luz desaparecia, as sombras nas ladeiras iam tomando um tom púrpura mais profundo, enquanto o céu adquiria pouco a pouco um tom róseo. Os cumes do outro lado do vale recortavam-se a negro contra o céu brilhante. O calor e a luz declinavam com o fim do dia.

Ele ia sugerir-lhe que voltassem para baixo, para junto da fogueira, quando um leve movimento em redor o fez voltar-se. A princesa soltou um grito ao ver um vulto ágil subir o penhasco na sua direcção, mas Pica-Pau já estava alerta. Deu um salto e foi de encontro a uma criatura com músculos, que pareciam serpentes contorcendo-se envoltas em pêlo grosso. Um grito felino feriu-lhe os ouvidos, enquanto agarrava o animal com os braços e as pernas, tentando estrangulá-lo. Uma sapatada ágil da garra feriu-lhe a coxa. Apertou o bicho convulsivamente e gritou, sentindo o impacto de cada pedra a rolar pelo monte abaixo. Ouviu um grito, um dardo atravessou o ar. Uma pedra raspou-lhe o ombro, outra surgiu não soube de onde e ambos caíram. Sentia os músculos do animal a contraírem-se sob ele, gritou, apertando, e ouviu um osso estalar. A besta em convulsões imobilizou-se de súbito. O rapaz caiu sobre o bicho, ofegante e com o corpo todo dorido.

- Pica-Pau! - Alguém chegara com uma tocha. A luz cintilou sobre o rosto angustiado de Velanto, seguido pela princesa e pelos guardas.

- Eu estou bem... - Fez um esforço para se sentar, pestanejando.

- É um leão? - perguntou Leta, inclinando-se sobre ele para ver. Pica- Pau virou-se e olhou. Estendido, o corpo do gato atingira-lhe o ombro, cinzento-escuro e sarapintado com manchas pretas. Moribunda, a criatura ainda rosnava. Das orelhas saíam-lhe tufo pretos.

- Um lince - disse o guia. - Ainda bem que não há corte na pele. Irá dar uma capa fina como testemunho da tua glória.

- A minha glória? - Pica-pau pensou que não estava certo se o animal não teria partido a cabeça na pedra antes de ele lhe ter apertado o pescoço, mas os homens que tinham sido enviados como escolta de Leta sorriam. Um deles ergueu o braço numa saudação a que Pica-Pau nunca antes tivera direito.

- Vá lá, herói - disse Velanto, passando um dos seus braços musculados sob os ombros do rapaz e erguendo-o. - É melhor irmos ver as tuas feridas.

O rei Aletes gabava-se das florestas que conhecera para lá das grandes montanhas, mas só quando os viajantes tinham deixado para trás a planície a seus pés Velanto começou a entender a razão. Do outro lado do rio Danúbio, a paisagem pertencia às árvores. Excepto onde os seres humanos as tinham derrubado para terem campo e pastagens, florescia uma floresta de carvalhos e faias e vislumbrava-se ocasionalmente o branco, onde bétulas graciosas cresciam. Não acreditava que as colinas da sua terra natal poderiam ser tão densamente arborizadas. Esta profusão de vegetação devia-se ao solo rico e à chuva abundante.

Seguiram sempre sob a sombra das árvores. Velanto conteve um calafrio quando percorreu o caminho através

de um pátio enlameado, apesar de o sol brilhar assaz vivamente, de modo a definir o suor nas suas costas. Neste clima, suave após qualquer esforço físico. Aqui, até o ar era rico em água. Pelo menos na forja o ar seria seco.

Atrás dele, situava-se o grande salão de Bhagodheunon e os edifícios adjacentes, com metade do comprimento de um circuito de corrida e um terço da largura, parecendo uma enorme gansa com os filhotes aninhados em seu redor. Fora construído com paredes de gesso apoiadas por fortes vigas lavradas. Os telhados tinham as extremidades esculpidas com rostos sorridentes. A paliçada e a vala haviam sido erigidas com grandes troncos maciços.

Quando chegaram, tudo aquilo lhes parecia muito estranho, mas, decorridos vários dias, Velanto percebeu que, apesar de a sua aparência ser diferente, o salão do rei Maglocunos não diferia muito do de um rei menor. Os guerreiros celebravam junto da estreita lareira central e o rei tinha o seu assento, mais elevado, numa das extremidades, e os homens de confiança sentavam-se em seu redor.

Um deles, claro, era o próprio ferreiro do rei, um homem corpulento, de meia-idade, chamado Katuerix, que não partilhava com o amo o pfaizer da chegada de um perito no trabalho em bronze, oriundo das terras do Mar do Meio. Velanto já esperara esta reacção e não ficou surpreendido por ser saudado com um misto de cortesia e frieza. Os segredos da forja eram mistérios sagrados e o estatuto do ferreiro dependia do modo como dominava a sua arte. Velanto teve de persuadir o ferreiro de que era um aliado. A cortina da entrada estava levantada e presa numa das pontas, mas, de qualquer modo, Velanto bateu na ombreira da entrada

educadamente. À brusca intimação, entrou, contendo o divertimento que sentira perante a expressão de surpresa e ressentimento do ferreiro.

- O que queres? Velanto fez uma vénia, feliz por ter aparado a barba e escovado a capa dura de lã castanho-escura que Aletes lhe oferecera.

- Quero apresentar-te os meus respeitos e oferecer-te um presente - proferiu no dialecto dos Dórios. A maior parte das pessoas que ali detinham um estatuto elevado percebiam-no, confirmando as suas suspeitas sobre a importância do comércio naquela região. Procurou na bolsa em pele que trazia ao ombro, onde guardara cuidadosamente o alforge com vinho de Nemeia.

- Devia atirar-te com isto à cara - resmungou o ferreiro, mas aceitou o vinho.

- Isso seria insultar o espírito do vinho - retorquiu Velanto. - De certeza que homens como nós conseguem fazer melhor do que insultar qualquer espírito. Pelo menos, prova-o antes de te decidires.

Katuerix retirou a rolha e verteu um gole na garganta.

- Homens como nós - zombou, voltando a colocar a rolha cuidadosamente. - Que sabes tu do que é necessário para se viver nestas terras? De pouco nos servem as bugigangas, além de um ou outro enfeite para agradar à rainha.

- És um bom ferreiro do bronze, se a espada que vi o rei usar foi obra tua. - Era uma das espadas em forma de folha, confirmando as suspeitas de Velanto de que o estilo era oriundo das terras do norte. - O rei

é um apaixonado pela guerra? - Ele protege as terras das tribos - o ferreiro hesitou um momento -, o que é mais difícil agora do que era antigamente. Fazemos muitas pontas de lança, mas é difícil arranjar metal. Os pedaços de bronze que nos trouxeste irão dar-nos muito jeito.

Velanto concordou e sentou-se num banco, respirando com a garganta apertada de nostalgia o fumo que provinha da lareira. Os utensílios pendurados nas paredes eram bastante semelhantes aos seus.

- Consegui fazer as minhas ferramentas - proferiu então. Katuerix bebera já metade do vinho e as rugas de apreensão no seu rosto começavam a desanuviar-se. - Suponho que o meu trabalho para a princesa não deva levar muito tempo. Ficarei feliz por te ajudar no que precisares. Sei como fazer armaduras equilibradas e consigo forjar espadas dessas.

- Tu, agora... - O homem olhou para Velanto, carrancudo. Depois, parecendo ter chegado a uma conclusão, atirou-lhe um alforge em pele com algo pesado e duro lá dentro. - E sabes alguma coisa disto?

Velanto abriu o alforge e retirou o que continha. Eram objectos pretos e rudimentares, com furos, misturados com coisas brilhantes, e surpreendentemente pesados. Esfregou um dedo naquilo e cheirou.

- Isto é ferro? Já vi uns pedacinhos, para ornamentos, antes. Diz-se que os homens das tribos dos Caldeus possuem o segredo de o trabalhar, lá para as terras dos Hititas.

- Dá muito trabalho e os resultados são escassos - confirmou o ferreiro. - Cresce nos pântanos. Talvez este material tivesse tido vida um dia. Quando o

deixamos pousado em qualquer lugar, cria uma poeira vermelha, parecida com sangue seco. As vezes, quando se escava a turfa, vê-se uma película oleosa, e, por baixo, surgem pedaços do minério...

Os dois homens fitaram-se. Velanto sentiu um momento de satisfação por ter sido aceite como igual na busca de conhecimento, mas outra parte do seu espírito continuava a seguir o raciocínio do outro homem.

- Consegues dar-lhe forma, moldá-lo? - As vezes... Nem todos os metais são iguais. - De um pequeno cofre de madeira retirou um punhal ligeiramente irregular, de metal preto, com um brilho fosco. - Eu ainda não fui capaz de manter um fogo suficientemente quente para o derreter, mas é fácil trabalhá-lo com o martelo.

Velanto assentiu. Estava habituado a trabalhar o bronze, que se moldava facilmente, mas geralmente só depois de já ter moldado a forma básica que pretendia.

- Isso é... interessante... Se um ajudante te puder ajudar a evoluir mais rapidamente, ficaria honrado em trabalhar contigo.

Na manhã que se seguiu à primeira lua cheia depois da sua chegada, a festa de casamento começou. A Pica-Pau e Velanto foram concedidos lugares na procissão, quer fosse como convidados de honra, quer como elementos integrantes da riqueza da noiva. O rapaz ainda não tinha certeza de qual era o seu papel. Por esta altura, ele e o ferreiro já tinham captado o suficiente da língua local para terem uma ideia do que estava a acontecer. Pica-Pau aprendia mais rapidamente do que Velanto, reflectiu o rapaz sorrindo no seu

íntimo, talvez porque tivera de aprender as línguas dos Argivos e dos Dórios recentemente. Havia semelhanças entre muitas das palavras mais básicas. A princesa tinha-a aprendido em criança com a guarda do rei, seu pai. Ele tivera esperança de que isso a ajudasse a conviver com o futuro marido, um jovem um pouco mal-humorado, apenas um ano mais velho do que ela.

A sacerdotisa do Sol conduzia a procissão, seguida pelo rei e a esposa, e em seguida a noiva e o noivo. Pica-Pau conseguia apenas ver a parte de trás do toucado elaborado de Leta, uma espécie de barrete de onde pendiam, de ambos os lados, fios de contas de âmbar. O tecido do toucado caía-lhe pelas costas e o cabelo fora primorosamente entrançado atrás. Usava um colar e pulseiras de ouro, e a capa que lhe tapava os ombros fora concebida especialmente para cobrir o vestido longo e estava presa a este por pinos de bronze. Pica-Pau tocou na pele macia de lince que caía sobre os seus ombros. Os guias tinham insistido em esfolar o animal e esticar a pele e as mulheres locais tinham-na curtido bem. Já mais de uma criada se aproximara para tocar na pele e, em seguida, admirar as cicatrizes do rapaz.

A procissão movia-se lentamente, pois os enfeites da noiva também incluíam pulseiras de bronze, ligadas por uma cadeia curta, colocadas nos tornozelos. Faziam-lhe lembrar as incómodas amarras dos escravos. Qual seria a sensação de saber que o seu principal valor era uma espécie de símbolo? As pessoas na Aldeia do Lago escolhiam os próprios parceiros, e em Avalon, os sacerdotes e sacerdotisas não casavam. Os homens, geralmente, passavam a viver com os clãs das suas esposas, entre as tribos. Leta tratara-o sempre com cortesia, mesmo quando era um escravo, e aqui

costumava saudá-lo amavelmente, mesmo agora que seguia pelo seu pé rumo à sua nova casa. Pica-Pau esperava que o marido a tratasse bem.

O caminho processional não passava de um trilho sulcado na floresta, mas que fora recentemente arranjado para a cerimónia. Delimitava o coração do território da família, seguindo um caminho sinuoso de fonte sagrada até árvore sagrada e de pedra sagrada até outra pedra sagrada. Paravam em cada um destes marcos e a noiva derramava uma oferenda. Era, supostamente, uma espécie de iniciação. O casal começou então a executar a troca de pão e sal e verteu hidromel na lareira do salão. Uma vez aceite pela deusa da lareira, manter as boas relações entre a família e os espíritos das terras em redor seria uma das responsabilidades de Leta.

O caminho desembocava no solo pantanoso, à beira do rio, onde se encontravam restos de objectos desgastados pelo tempo pendurados em postes, testemunhos de oferendas anteriores. Um caminho de tábuas lavradas, que lhe lembrava os dos pântanos da sua terra, ia dar a uma estrutura aberta de madeira, construída em cima de uma plataforma, que parecia um santuário. Os carregadores pousaram a arca que transportavam e o casal começou a tirar lá de dentro os presentes que havia trazido para oferecer aos deuses. Isto também lhe evocava algo familiar relacionado com a sua terra natal. Sítios perdidos, que não eram terra nem água, eram lugares bons para se chegar aos seres de outro mundo. Conteve um momento de tristeza, quando viu uma espada de bronze, que lembrava os trabalhos de Velanto. ser dobrada, num acto cerimonial, e depois atirada ao lodo do pântano. Que uso, pensou, dariam os deuses a uma espada? Porém, Anderle dizia sempre que o valor da oferenda

partia do doador, e quanto mais difícil fosse para este separar-se do objecto oferecido, mais valor teria o sacrifício. Ao constatar que alguns aspectos desta nova terra despertavam em si recordações de tempos idos, cada vez se lembrava mais de Avalon. Sentiu como se todo o seu ser estivesse em processo de cicatrização, com a crosta a provocar-lhe comichão e já prestes a cair para dar lugar a uma nova pele. Como escravo, precisara de protecção. Um escravo não ousava admitir sentimento algum, nem amor, nem ódio, nem medo. Um escravo só precisava de resistir.

Teria isso começado a mudar quando Aletes o declarara a ele e a Velanto formalmente livres? Não, pensou, fora antes, quando salvara a vida a Velanto em Tirinto. Pensei que nos estava a condenar a ambos à escravatura, olhou de relance para o ferreiro, mas o resultado acabou por ser conquistarmos ambos a liberdade. Em Avalon falava-se sobre almas que estão ligadas há muito, já desde outras vidas. Teria eu conhecido Velanto quando fui aquele homem que a Senhora dos Reinos Escondidos chamou pelo nome? Ou teremos nós forjado aqui um elo que nos perseguirá em vidas futuras? Atiraram um colar de âmbar para o lamaçal e depois uma bracelete em ouro. O cofre estava agora quase vazio. Pica-Pau suspirou. Sentia-se a entrar já noutra vida. "Pica-Pau" era a criança escondida e, depois, o escravo. Quando viria a altura da sua libertação e de poder reclamar o seu verdadeiro nome? Leta e o marido voltaram para o caminho de terra firme e a procissão seguiu-os, passaram pelos túmulos dos antepassados e depois regressaram ao átrio. Antes de o telhado de colmo surgir por entre as copas das árvores, já sentiam o cheiro de carne cozinhada, assada ou cozida e o aroma do pão a cozer no forno. Contudo, a comida não estaria pronta antes do anoitecer. O prado que ficava para lá da margem e

do fosso, que na maioria das vezes era usado para pastagem, fora limpo de rochas e bosta de vaca, e a erva tinha sido cortada, para que os jogos dos guerreiros pudessem ser realizados nesse local.

Pica-Pau sentiu o coração bater mais depressa. As recordações dos jogos em Tirinto encheram-no de tristeza, ao pensar naqueles belos corpos transformados em alimento para as armas no campo de batalha. Porém, as corridas a pé, a luta livre e as outras competições que implicavam força e agilidade também faziam parte das celebrações entre as tribos. Em Tirinto nunca lhe ocorrera ser mais do que um mero espectador, mas aqui sentia-se quase em casa. Sentia o corpo fremente de energia. Nos últimos meses, o seu corpo deixara de crescer e atingira, por fim, um equilíbrio, e enquanto observava a marcha dos guardas e os filhos dos senhores que ali tinham ocorrido, vindos das quintas em redor, apercebeu-se de que gostaria muito de testar a sua força contra a deles.

Velanto sentou-se, com um suspiro grato, num dos barrotes que os homens tinham fixado para servir de bancos. Quando andava, a maioria das vezes a perna não o incomodava, mas, ao estendê-la, forçou os músculos em redor do local onde a carne desaparecera e a dor voltou. O ferreiro havia deixado espaço livre ao lado dele, mas Pica-Pau não se sentou. O rapaz observava os corredores a alinharem-se para a corrida. O sol imprimia-lhe reflexos de fogo no cabelo, de modo que todo ele parecia aureolado de luz. Quando se conheceram, Pica-Pau era um jovem magro, só joelhos e cotovelos, com um nariz demasiado grande para o rosto e queixo proeminente, mas ultimamente, pensou o ferreiro, o rapaz crescera bastante. Um pouco mais à frente, haviam montado uma estrutura para proporcionar sombra aos noivos e à família do rei, a qual ostentava

um franjado em forma de coração ao longo de todo o tecido.

- É pena que não possas competir com eles - disse um dos homens que viera com eles de Corinto. - Aqui, os jogos são apenas para os homens bem-nascidos.

Pica-Pau empalideceu, sentindo o sangue correr mais depressa sob a pele clara.

- Somente os nobres do povo deste país? - Sentiu um aperto na voz.

- Acho que não - respondeu o homem. - O rei Aletes competiu no arremesso do dardo, quando esteve cá. O seu mestre, parece-me, foi um príncipe de Tirinto. - Apontou para Velanto - Então...

- Na minha terra... - As palavras do rapaz saíram num sussurro rouco. - Eu era o filho de um rei...

Velanto olhou para ele com espanto. Como é que ainda não se tinha apercebido disso? O espírito vivo do rapaz e a facilidade com que se encontrava em nobre companhia, tudo demonstrava um passado que nenhum camponês alguma vez poderia ter partilhado. Não vi porque não tentei entendê-lo, pensou, com um estranho aperto no coração. Que mais terei perdido por ter estado tão concentrado em mim próprio? Não fora o único a reparar. Começara a juntar-se em seu redor um pequeno grupo, e a princesa e o marido também se encontravam entre os espectadores.

- O meu pai era Uldan, rei do Ai-Zir, na Ilha dos Poderosos. - O rapaz, ou antes, o jovem adulto em que se transformara tremia devido ao esforço que fazia para conseguir pronunciar aquelas palavras.

- É mesmo verdade? - perguntou o guerreiro. - Tu vens das terras onde extraem o estanho? Acredito em ti, pois vi a bravura com que enfrentaste o gato da montanha, cuja pele trazes aos ombros. Foi um feito digno do filho de um rei.

Então, somos ambos príncipes exilados, pensou Velanto, seja para o que for que isso nos sirva. Contudo, bem via que naquele momento isso significava tudo para o jovem.

- Vai lá, então - proferiu um dos presentes, e Pica-Pau começou a despir os calções e a túnica com um sorriso. Quando ficou pronto, desatou a correr até ao recinto para se juntar aos outros jovens na linha de partida.

O toque da trombeta soou, dando sinal de partida, e, de súbito, uma confusão de braços e de pernas longas desatou a correr pela erva, os rostos crispados num sorriso concentrado. Os corredores pareciam música em movimento, numa agitação elegante, e com a graça eficiente que Velanto encontrava numa espada bem-feita. Todos eles se encontravam em boas condições físicas, devido ao exercício da caça e ao trabalho nas quintas, mas os músculos das pernas de Pica-Pau estavam trabalhados e fortalecidos pela viagem através das grandes montanhas. Apanhado no meio do grupo num primeiro momento, começou a afastar-se dos outros, ultrapassando-os um a um, até chegar à meta em primeiro lugar.

Com o rosto a brilhar de suor e corado da vitória, levaram-no para receber o prémio das mãos da própria noiva. Corando muito, a princesa colocou a bracelete de bronze no braço do rapaz, o mais acima que os seus

músculos desenvolvidos pelo trabalho na forja permitiriam.

- Defendeste a honra de Corinto, assim como a tua própria - balbuciou. - Que esta bracelete testemunhe a tua vitória! Sorrindo, o vencedor pediu a sua roupa, vestiu-se e foi levado em braços por uma multidão de homens jovens. Velanto abanou a cabeça e recostou-se para ver o decurso dos acontecimentos, lembrando-se de como se sentira quando soubera que tinha irmãos, no momento em que ganhara o campeonato de luta livre nos jogos fúnebres do rei Orestes.

- O rapaz correu bem - disse uma voz atrás dele. Velanto olhou para cima, viu Katuerix e fez-lhe sinal para que se sentasse no lugar ao lado dele.

- Como um falcão liberto - concordou Velanto. Ele próprio não tinha sido escravo tempo suficiente para realmente acreditar que o era, mas o rapaz havia forjado as suas próprias algemas. Demorava mais a quebrar esses elos do que uma palavra de um rei. Contudo, desde que haviam atravessado as grandes montanhas que começara a vislumbrar a figura do homem que estava destinado a ser emergindo da compleição rude do jovem escravo, tal como os pedaços de ferro que vira na mão do outro ferreiro adquiriam forma sob os golpes do martelo.

- Então, é melhor avisá-lo para tomar cuidado com as malhas do destino - disse o outro homem. - Esta não é a primeira vez que a princesa olha para ele como se fosse um deus jovem regressado à Terra, e embora ele seja mais consciente do que a maioria dos galos da sua idade, duvido que tenha alguma noção do que ela sente.

- Tenho a certeza de que não sabe - afirmou

Velanto, lutando contra os primeiros sinais de alarme.

- Há outros mais observadores - replicou Katuerix secamente. - Até ela não lhe ter dado alguns netos, o rei não tolerará qualquer ameaça à sua castidade e reputação. Diz ao teu príncipezinho para ter cuidado...

TREZE

O pônei recusava-se novamente a avançar. Não era de admirar - desde o início da viagem que o pobre animal se assustava com a perspectiva de ter de atravessar ribeiros, parando um pouco para tasquinhar na erva apetitosa de um ou outro outeiro, amedrontado pelo vento que silvava por entre as árvores.

- O que é isto? - perguntou Velanto fatigado. Caminhavam naquela estrada desde a madrugada, se era possível dignificar o sítio por onde seguiam com um nome. Pica-Pau continuava a praguejar.

- Acho que as correias o estão a ferir - respondeu.

- Ajudaria alguma coisa soltá-las um pouco? - Velanto deu um passo atrás para ver. Nem ele nem Pica-Pau tinham muita experiência com cavalos, facto de que o pônei, um animal robusto de pêlo acastanhado e com uma mancha branca no focinho, parecia determinado a retirar vantagem. - Só se quiseses deixar as tuas ferramentas espalhadas ao longo de toda a estrada - resmungou o jovem. - Creio que devemos estar gratos a Katuerix por as ter embalado, mas desequilibram a carga.

- Sim, devemos estar gratos... - respondeu Velanto repressivamente. - Seja onde for que cheguemos, precisamos de ganhar a vida. Estas ferramentas são mais valiosas do que ouro.

- Desculpa. - Pica-Pau explodiu estacando de repente. - A culpa não é minha! Nunca toquei na rapariga, nem sequer falei com ela a sós! Isso teria sido uma loucura! Que terei eu feito para que o rei Maglocunos duvidasse da minha sanidade mental? - Eu

sei, eu sei. - Velanto tirou um pedaço de pele da bagagem e enrolou-o, improvisando uma almofada.

- Não é culpa tua, rapaz. Ele não te conhece como eu te conheço, e parece ser daqueles que ataca primeiro e pergunta depois.

- E eu não tenho família para me vingar, se ele tivesse conseguido matar-me - acrescentou Pica-Pau com uma expressão de amargura.

Velanto acabou de ajustar o freio e puxou as rédeas. Tinham abandonado a fortaleza à pressa, depois de Katuerix os ter avisado de que o rei mandara uns homens matar o rapaz durante a madrugada.

- Sigam para norte - aconselhara o outro ferreiro.
- Ficarão fora do território de Maglocunos quando chegarem à planície junto à costa. Vão para a Cidade de Círculos. Correm boatos de que sofreram cheias terríveis, mas devem ser os que mais precisam de um ferreiro.

- Tens a certeza de que ele estava a dizer a verdade? - perguntou o jovem. - Talvez tivesse sido um modo inteligente de se livrar da concorrência.

- Não acredito, estávamos a fazer algumas experiências com um novo lote de ferro vindo dos pântanos. Não posso acreditar que Katuerix dispensasse o primeiro homem que conheceu que partilha a sua sede de aprender o que este novo metal pode fazer.

- Pensava que o grupo de guerreiros gostava de mim!
- exclamou o jovem com alguma ingenuidade.

- Os homens que vieram connosco de Corinto gostam

de ti - corrigiu Velanto. - Os outros, aqueles que nunca viajaram para além do rio, muito menos até às grandes montanhas, desconfiam de tudo o que não compreendem. Deves estar grato por o rei não ter enviado os seus cães para te perseguir. As suas razões nada têm a ver com os sentimentos que nutre por ti. Se decidiu afastar-te, é porque achou que seria a maneira mais prática de lidar com uma ameaça. Se não nos persegue, é porque resolvemos o seu problema de outro modo.

- Acho que sabes... posso ser o filho de um rei, mas eu não cresci num salão real.

- Nunca me contaste a tua história - disse Velanto passados instantes -, e eu tenho vergonha de dizer que nunca pensei em te perguntar.

- E porque o farias? - Pica-Pau olhou para trás esboçando um sorriso breve. - Eu fazia tudo para me esquecer de mim mesmo. Os escravos não têm história.

Velanto assentiu.

- Eu estava a começar a aprender isso. Mas o que também aprendi ao longo do ano que passou é que existe um mundo para além da minha forja. - Calou-se quando um faisão esvoaçou lá no alto, num fremir de asas, assustando o pônei, que se empinou. Quando conseguiram acalmar o animal era quase meio-dia.

Atravessavam uma floresta de carvalhos e freixos. Os fetos cresciam, enormes, por toda a parte. Diante deles, a luz dourada do Sol incandescia através das folhas verdes. Pouco depois chegaram a uma clareira onde os fetos davam lugar a erva rasa e flores estivais. No centro havia um grupo de três vidoeiros,

de tom prateado, que pareciam donzelas contorcendo-se numa dança.

- Potinija! - murmurou, fazendo um gesto da reverência, porque certamente eram dignos das deusas. Claramente não era único a pensar assim. Uma imagem de palha entrançada e ornamentada com fitas de pano tinha sido presa ao tronco médio e as fitas vibravam com a brisa ligeira que corria.

- Será que deveríamos estar aqui? - sussurrou Pica-Pau de olhos muito abertos.

Velanto abanou a cabeça.

- Precisamos de comer e deixar o pônei pastar. Se formos respeitosos, penso que a Senhora não se importará. Ajuda-me a descarregar o animal. Enquanto descansamos, talvez possamos arranjar melhor os arreios.

Katuerix levava-lhes alguns pães duros, um pouco de carne seca e frutos para a viagem. Velanto colocou um pouco de cada coisa no sopé da árvore e derramou alguma água em redor.

- Potinija Theron, eu te saúdo. Recebe este presente, que é tudo o que tenho, e protege a nossa viagem, e se chegarmos a um lugar seguro, onde possa ganhar a vida, far-te-ei uma oferenda melhor. - Se o pônei continuasse a portar-se mal, talvez a deusa viesse a receber um cavalo, desde que alcançassem o seu objectivo. Recuou, pensando se este seria como um dos santuários que havia na sua terra, onde o deus falava através do murmúrio das folhas, mas não houve nenhum movimento.

Quando regressou para junto de Pica-Pau, o rapaz mantinha um olhar ainda ansioso, mas começou a comer com o apetite que os jovens saudáveis possuem assim que a oferenda foi entregue.

- Pensaste alguma vez em voltar para casa? - perguntou Velanto quando acabou de matar a fome.

- Não! - respondeu Pica-Pau talvez demasiado depressa. - Passou muito tempo. Já todos se devem ter esquecido de mim! Velanto olhou-o sob as sobancelhas espessas. O rapaz parecia muito seguro... e nos jogos reivindicara a sua ascendência. Desde que o rapaz proclamara a sua linhagem que o ferreiro pensava naquilo que Apolo Péon lhe dissera. Onde estaria ele destinado a forjar a Espada das estrelas? E para depositar na mão de que rei? Não obteve respostas, mas quando prosseguiram caminho, depois de tomarem a refeição, começou a suspeitar que algum deus escutara a sua prece, porque o pónei acalmara e o tempo ficara repentinamente bom. Nessa noite, dormiram abrigados sob uns arbustos e na seguinte no celeiro do dono de uma quinta que aceitou a explicação de Velanto ser um ferreiro itinerante e que lhe ofereceu uma boa refeição em troca de lhe ter arranjado um caldeirão e afiado uma espada.

Assim, prosseguiram para norte, cruzando uma cordilheira de montanhas baixas e depois desceram através da floresta. Passavam de uma quinta para outra, dormindo em celeiros ou sob as estrelas, enquanto a Lua ia mudando de quarto minguante até atingir a lua cheia. Gradualmente, a paisagem alterava-se, as árvores tornaram-se mais escassas, seguindo-se uma região de pântanos e charnecas imensas, excepto nos locais onde tinham sido construídos diques para proteger os campos férteis, à

medida que as terras se afundavam rumo ao mar.

Pica-Pau estacou repentinamente, ao sentir um cheiro conhecido; o vento soprava forte e despenteou-lhe o cabelo. Fogo... Tinha-o temido sempre, mas só compreendera porquê quando Anderle lhe contara que o tinha salvado da casa em chamas. O cheiro desvaneceu-se com o vento, para a seguir voltar, mais forte. Com o tempo habituara-se ao fumo da forja, mas este não provinha de um fogo de carvão de lenha. O cheiro a palha a arder era inconfundível agora... o cheiro de uma casa em chamas....

Voltou-se e percebeu que Velanto, que conduzia o pónei, também sentira o cheiro.

- Está uma casa a arder. - Apontou para a charneca coberta de urze violeta de onde aqui e ali despontavam teixos e pinheiros. Agora viam bem a cortina negra de fumo que se erguia para lá das árvores. Ficava a léguas de distância dali, e o que quer que estivesse a acontecer teria terminado quando lá chegassem. Mesmo havendo um trilho por onde seguir, atravessar todas aquelas terras levaria tempo.

Nos últimos dias, Velanto tivera alguns pesadelos com incêndios e durante esse tempo tinham visto vários troncos carbonizados nos lugares onde haviam pernoitado. Apesar da calma aparente, eram terras conturbadas. Ambos mantiveram as espadas à mão, prontas a ser empunhadas, e as lanças também ao alcance do braço, enquanto prosseguiam caminho.

Agora a charneca começava a dar lugar a uma zona de pântanos, intercalada por alguns campos de pasto e por um emaranhado de canais que abrigavam pequenas ilhotas com árvores. A paisagem evocava fortemente o Vale de

Avalon, e Pica-Pau deu por si a divertir Velanto, enquanto lhe contava histórias da sua infância passada naquelas terras. Não era apenas disso que se recordava. Passar tanto tempo ao ar livre despertara nele capacidades que aprendera quando caçava nos pântanos. Assim, enquanto o sol se afundava a oriente, começou a ter o sentimento incómodo de que não estavam sozinhos.

Parou o pónei e inclinou-se para observar a urze sob a barriga do animal. Um maciço de tanchagem estremeceu de súbito. Teria sido o vento? - O que é isso? - perguntou Velanto.

- Este fecho parece estar frouxo - disse Pica-Pau em voz alta.

- Podes vir aqui ver? Enquanto o homem mais velho se dobrou a seu lado, Pica-Pau murmurou: - Penso que estamos a ser seguidos. Consegues alcançar o teu arco? O ferreiro esbugalhou os olhos.

- Talvez tenhas razão... Tenho de desempacotar um pouco as coisas para ver...

Felizmente tinham colocado as armas num sítio acessível, no caso de surgir algum percalço. Com cuidado, retirou o arco do lugar em que estava, prendendo-o entre o seu corpo e o do cavalo, para o distender. Lançou a aljava de maneira despreocupada sobre o ombro.

Pica-Pau afrouxou os laços que prendiam a sua lança e olhou em redor. O trilho seguia por entre os arbustos dispersos de espinheiro e amieiros, onde qualquer inimigo se poderia esconder. Um pouco mais adiante havia um canavial. Não conseguiu ver nada que

lhes oferecesse um bom abrigo perto da estrada. Se estivesse sozinho, dirigir-se-ia para junto da água, mas isso significaria abandonar o pônei, sendo provavelmente o carregamento que o animal transportava que iria atrair os lobos que os perseguiram. O animal ergueu a cabeça, as narinas resfolegando. Ele sente o cheiro deles.

Ao aproximarem-se, Pica-Pau captou outro cheiro, um outro odor. o cheiro do pão a cozer no forno.

- Estão além, penso que há uma quinta aqui perto. Mexe-te o mais rapidamente que puderes e mantém-te alerta.

Velanto ergueu uma sobrancelha perante o tom peremptório do rapaz, porém, concordou e avançou, levando a aljava sob o braço com um ar despreocupado. Pica-Pau puxou as rédeas do pônei e apressou-se a segui-lo. Passaram por um emaranhado de ramos de árvore e mais adiante depararam com uma casa bem construída numa das ilhotas, com uma cerca recentemente edificada com troncos em torno desta, e pontes e passagens de madeira que a ligavam aos pastos e aos campos em redor. No momento seguinte, uma seta passou célere junto à sua orelha e cravou-se, estremecendo, na caixa que albergava as ferramentas do ferreiro.

- Corre! - gritou, desatando os laços que prendiam a lança, mas Velanto agachou-se por detrás do pônei, colocando uma seta no arco. Certo, pensou o jovem, ele não deixará a sua carga. Porém, era verdade que o cavalo constituía o único abrigo de que dispunham naquele momento. O pônei castanho, detectando o perigo, abanou a cabeça e lançou-se a trote, em diagonal, através da estrada. Pica-Pau seguiu-o,

esperando que os movimentos do animal confundissem o inimigo, e sorriu, enquanto cada vez mais setas eram arremessadas sem os atingir ao longo do trajecto.

- Ó da casa! - gritou Velanto na sua voz profunda.

- Ajudem! Ajudem! Se o grito foi ou não ouvido na quinta, não souberam, mas acabou por abrigar os bandidos a sair do esconderijo onde se encontravam. Uma das setas raspou o cabelo de Pica-Pau, que desatou a correr com o pónei à sua frente. Como o animal, graças aos deuses, se dirigiu para o portão que se situava ao fundo do caminho sobre as águas, deu por si a enfrentar sozinho um indivíduo esfarrapado que empunhava uma lança.

Saltou e, lembrando-se do treino que recebera em Avalon, balançou-se para evitar um golpe; engoliu em seco ao sentir a ponta da seta. Não se afastou o suficiente - instintivamente tinha retesado o arco -, o homem gritou, nas continuava a lutar. Ouviu o som sombrio do bronze e percebeu que Velanto tinha empunhado a espada, mas não conseguiu voltar-se para ver. Pica-Pau girou a lança em redor para aparar outro golpe, metal contra metal, batendo com a força do desespero. O homem recuou e Pica-Pau virou-se novamente contra o primeiro atacante, aparando mais um golpe. Depois, surgiu um terceiro homem, que lhe conseguiu retirar a lança das mãos e, subitamente, estavam os três à sua volta.

Velanto empunhou então a espada e prosseguiu a luta, esquivando-se com saltos ágeis, desferindo golpes a muitos alvos ao mesmo tempo, atingindo este ou aquele mais por acaso do que pela intenção. Sentiu o ferrão -ifiado no braço quando uma lâmina o atingiu. Que maneira tão estúpida de morrer! De repente, as

setas silvavam em torno dele. O homem que o tinha atingido caiu para trás, gritando, com uma seta cravada no peito, como se fora uma flor estranha. Várias figuras surgiram então em tropel, aos gritos, no caminho, conduzidas por uma figura monstruosa coberta de peles escuras.

- Corram para a casa, tolos! Pica-Pau, forçando os membros a responder-lhe, viu o seu salvador avançar caindo em cima dos seus inimigos, com um machado de guerra de bronze afiado rodopiando em cada mão.

Velanto esticou o braço, mordendo o lábio enquanto a caseira derramava água quente sobre ele e limpava a ferida. Disse a si próprio que devia estar grato por não ter sofrido nada pior, e por resistir pelo menos tão estoicamente quanto Pica-Pau, que não soltara um queixume enquanto a mulher cosia a costura da ferida ao longo da coxa.

A casa não era tão grande como o salão de Maglocunos, mas a construção era do mesmo género, com uma lareira no centro da maior divisão, onde a maioria das pessoas da casa dormia em camas construídas de encontro à parede, apesar de haver alguns quartos privados numa das extremidades da habitação para a família do proprietário. No extremo oposto existia um espaço que no Inverno servia para abrigar as vacas mais valiosas da família. Tinham acendido a fogueira, e a chama alegre abençoava o aposento com uma luz dourada e morna que lhe recordava estranhamente o pôr do Sol nas muralhas de Tirinto. Em ambos os casos, proporcionava uma sensação ilusória de segurança.

Voltou a atenção para o seu salvador, que não era o dono da quinta, como de início supôs, mas sim seu tio, um guerreiro da Cidade dos Círculo- que se chamava

Bodovos, o Urso.

- A cidade nunca mais foi a mesma desde que a tempestade grande que nos atingiu, há vinte e cinco Invernos - disse Bodovos. - Mas penso agora que o problema começou antes, quando os príncipes que deveriam ter reparado os portões e os diques gastaram o ouro que possuíam nas suas casas requintadas. Ou talvez acontecesse assim, de qualquer maneira. Quando os deuses se reúnem nos céus e resolvem enviar uma tempestade sobre nós. não há muita coisa que os homens possam fazer.

Ergueu a taça em madeira de ulmeiro por onde bebia e estendeu-a para lhe servirem mais cerveja. Um rapazito louro chamado Aelfrix servia-os. Era o herdeiro do lugar, se chegasse a ter estofo para isso. O que era cada vez menos provável, pois, o que o tempo não destruía, os homens sem senhor que vagueavam agora pela charneca tentariam aniquilar.

- Ouvimos dizer que havia trabalho para ferreiros na cidade - proferiu Velanto.

- Oh, sim, para pequenos arranjos - disse o homem mais velho. - Não tanto para fabrico de peças novas.

- E para os guerreiros? - perguntou Pica-Pau.

Bodovos fitou-o com um sorriso sardónico.

- Não tiveste já luta suficiente? - Eu lutei? - perguntou o jovem amargamente. - Parece-me que fui tão eficaz como uma rapariga com uma panela de leite.

Velanto conteve um sorriso. Depois de matar o lince e vencer a corrida, Pica-Pau considerava-se um herói.

Mais cedo ou mais tarde descobriria que não era invulnerável, desde que a lição não se revelasse fatal. Tendo crescido na sombra dos irmãos, o ferreiro nunca tivera ilusões quanto às suas próprias habilidades.

- Não foi assim tão mau - disse o guerreiro, num tom gentil. - Destribuiste um bom número de golpes com a lança.

- Um bom número de golpes e foi tudo. Tive algum treino, há muito tempo, mas não sei o que fazer com a espada.

- Entendes isso, não é? - De repente, Bodovos lançou-lhe um olhar intencional. - Então, poderias dar um bom guerreiro. É isso que queres ser? Pica-Pau enrubesceu.

- Se tenho uma espada, então deveria aprender a usá-la. Estou à espera de encontrar alguém que me ensine, é tudo.

Bodovos começou a rir.

- Talvez tenhas encontrado. Para mal dos meus pecados, tenho a tarefa de comandar a Guarda da Cidade. Um recruta que não ache que o sol brilha só para si próprio seria uma mudança bem-vinda.

- Vais deixar-nos, então? A mulher acabou de fazer o curativo no braço de Velanto e levantou-se.

- Buda, sabes que devo ir, e se fores sensata, tu e o menino virão comigo. O que aconteceu hoje mostra bem que é verdade o que digo. Eu não posso ficar contigo, e se não houver aqui um exército para vos proteger,

não sobreviverão.

A mulher lançou um olhar angustiado ao filho, cujos olhos brilharam de satisfação ao ouvir Bodovos mencionar a cidade.

- Poderás voltar quando os tempos estiverem mais seguros e o Aelfrix for um homem. A terra ainda aqui estará.

Bodovos falou com entusiasmo, mas Velanto não tinha tanta certeza assim. Pelo que vira daquela região, se não se mantivessem as valas constantemente, os campos poderão muito bem estar transformados em pântanos na altura em que voltarem. Pelo desespero que transpareceu nos olhos de Buda, percebeu que ela também o sabia. Com uma expressão de apreensão no rosto, a mulher dirigiu-se para a porta ao fundo da sala.

- Nós vamos contigo - disse Pica-Pau, olhando rapidamente para Velanto para se certificar da sua aprovação. O ferreiro acenou com a cabeça. Não podia ajudar a mulher e, apesar das palavras sombrias proferidas por Bodovos, a Cidade dos Círculos parecia um lugar civilizado, um lar.

Pica-Pau sonhou que travava uma luta, o que não era nada invulgar, visto que desde que chegara à Cidade dos Círculos treinava com Bodovos quase todos os dias. Contudo, não estava no terreno de exercícios, preparado com cascalho e com os lugares recortados na erva aparada em redor do local, onde os espectadores podiam assistir aos jogos. Encontrava-se na ladeira de uma colina, onde a erva fora tasquinhada pelas ovelhas e o perfume a carqueja e a urze se misturava com a maresia trazida pelo vento do mar. que ficava próximo.

Os guerreiros que lutavam a seu lado eram os rapazes com quem aprendera em Avalon, agora já homens feitos.

Exercitavam-se com lanças, em vez de paus, mas de um modo muito menos eficaz do que ele usara a sua naquela luta nos arredores da quinta de Aelfrix, na Primavera passada. O grupo, com movimentos desajeitados, recuou perante os golpes dos homens com cabeças de lobo que os estavam a atacar e, um por um, todos foram tombando no chão. A cada homem que morria, ele redobrava os seus esforços na luta, mas, por muitos que matasse, havia sempre mais.

- Ajudem-me! - gritou, fazendo girar a lança em círculo rapidamente para repelir os inimigos e, como um eco, ouviu outra voz que sabia pertencer a Anderle.

- Ajuda-nos - retorquiu a sacerdotisa. - És o único que o pode fazer! Mikantor, por favor, volta para casa! Pica-Pau virou-se, procurando-a, mas a mulher que viu junto de si tinha primeiramente as feições de Redfem e, depois, por instantes, exibia os olhos brilhantes e o cabelo ruivo da mãe, de cujo rosto só se conseguia recordar muito ocasionalmente em sonhos.

- Não tenho casa - respondeu ele. - Abandonaste-me! Então, os seus inimigos aproximaram-se cada vez mais. Alguém lhe agarrou o braço, ele desferiu um golpe e ouviu um uivo ao longe. Em seguida, sentiu o frio invadi-lo - alguém derramava água fria sobre ele! Devido ao choque, a consciência voltou e ele abriu os olhos.

Aelfrix estava junto da sua cama e passava-lhe a mão pelo braço. Ao lado dele, Velanto segurava num balde vazio, e o seu rosto sombrio desanuviou-se quando viu voltar à normalidade os olhos de Pica-Pau.

- Tiveste um pesadelo, não foi? - perguntou o ferreiro. Outro... Tremendo, Pica-Pau assentiu com a cabeça. Velanto virou-se para o menino.

- Ele magoou-te? - Não muito - respondeu Aelfrix, com ar de valente. Desde que chegara à Cidade do Círculos que seguia Pica-Pau como um cãozinho.

- Da próxima vez, tenta primeiro despertá-lo com água - sugeriu o ferreiro em tom sarcástico. - É muito mais seguro.

- Para ti... - murmurou Pica-Pau. - Alguém me dá uma manta seca, antes que apanhe uma constipação? - Vais aquecer depressa no campo de treinos - disse alegremente Velanto -, ou já te tinhas esquecido de que hoje tens uma lição de lançamento da lança, juntamente com a guarda? - Tu não devias fazer mais um exercício com os machados? - Pica-Pau enfiou os calções e pegou na túnica. Aelfrix já estava a tirar a roupa da cama de Pica-Pau, que ficara encharcada. Bodovos achava que os músculos que trabalhavam com um martelo de forma tão eficiente também podiam manejar um machado de guerra, por isso divertia-se a ensinar o ferreiro com as suas próprias armas.

Velanto dizia que se assemelhava à dança da guerra da sua terra.

- Amanhã - proferiu Velanto, entregando-lhe o cinto largo com uma fivela redonda de bronze gravada com os círculos concêntricos do emblema da cidade. - Hoje reunimo-nos com o Senhor Loutronix para discutir um novo mecanismo para fazer funcionar melhor o portão do mar.

A cidade fora construída sobre os vários aterros de forma mais ou menos circular que lhe conferiram o nome, as suas fundações erigidas sobre as ilhas protegidas com diques e sobre a lama dragada para fora dos canais. Tal como a margem elevada e o sistema de drenagem de uma fortaleza, proporcionavam sucessivos anéis de protecção à ilha central, que abrigava as casas dos nobres, os templos e o palácio de Tuistos e Mannos, monarcas gémeos da cidade, e o de Sowela, sua irmã e rainha. Os canais estavam ligados por aberturas escalonadas, mas o anel externo fora fechado por uma enorme estrutura de correntes e madeira que podia ser ampliada ou reduzida para impedir a entrada de embarcações inimigas ou acalmar a fúria destruidora do seu maior e mais temível inimigo, o mar.

- Boa sorte - desejou ele. O Senhor Loutrinx era notoriamente resistente a qualquer mudança. Porém, na verdade, houvera alturas em que ele próprio se perguntava se algum engenho humano poderia verdadeiramente lutar contra a ira dos deuses. Não que tivesse jamais dito isto a Velanto. O ferreiro encontrara patronos poderosos e parecia mais feliz do que Pica-Pau alguma vez o vira, salvo quando se queixava do frio.

Pegou na capa, pois, mesmo no final do Verão, as manhãs eram frias, e dirigiu-se para as escadas.

- Desculpa ter-te batido, Aelfrix - proferiu, passando a mão pelos cabelos louros do menino e despenteando-o um pouco.

- E que tal um pequeno-almoço? - perguntou Velanto.
- Não te irá ajudar em nada se desmaiases de fome no campo de treino.

- Não há tempo - respondeu alegremente. - Além disso, os homens têm de se habituar a lutar com rações mínimas, na guerra! Franziu a testa enquanto olhava para a água no chão, mas os pormenores do sonho já se tinham desvanecido.

Afastando as imagens do pesadelo, desceu as escadas.

- Avançar, juntos! - vociferou Bodovos. - Cuno, pega no escudo mais alto! Não se protegem uns aos outros se estiverem espalhados pelo campo.

Pica-Pau sentiu que o movimento que fazia era imitado pelo homem que se encontrava ao seu lado, os músculos sob a pele do outro distendidos como os seus. Alinhados em formação cerrada, tudo se tornava muito simples. Os movimentos eram tão ordenados como uma dança. Claro que a fila de postes contra a qual avançavam não lhes perturbaria o ritmo. O verdadeiro teste à disciplina que estavam a aprender seria posto à prova a primeira vez que enfrentassem um inimigo vivo.

- Escudos ao alto! A espada! Golpe à esquerda, outro à direita, assim é que é. Mantenham-se juntos e não haverá escumalha alguma que passe por vós! A voz de Bodovos estava enrouquecida por anos a gritar com os guerreiros. Parecia que nunca se cansava. Prometera prepará-los e liderá-los contra os bandos de homens sem lei que percorriam a costa logo que o Verão tivesse secado as estradas. Então, descobririam realmente o que tinham aprendido a fazer.

Para lá do recinto, onde os seus companheiros se exercitavam, vislumbrou as túnicas brilhantes dos nobres que os tinham vindo observar. Pica-Pau não se

importava de lhes proporcionar espectáculo, pois pagavam o que comia e as armas que usava. Endireitou-se, de cabeça inclinada num ângulo mais marcial e sorriu.

Avançaram para os postes colocados na sua frente. O jovem desferiu um golpe, sentindo a vibração do impacto em todo o braço quando a espada se enfiou na madeira, em seguida arrancou-a e caminhou em frente e depois em círculos, em uníssonos com os seus companheiros, todos preparados para enfrentarem, em conjunto, o inimigo uma vez mais.

- Basta! - O grito de Bodovos ouviu-se por entre os aplausos vindos dos bancos onde os espectadores estavam sentados. Num campo próximo, ouvia-se o som dos tambores a acompanhar os dançarinos acrobáticos que serviam no templo e que também estavam a praticar.

- Retirada! Vermelhos e azuis, é tudo por esta manhã. Verdes e amarelos, peguem nos dardos e vejam se conseguem atingir o alvo neste momento.

Ouviram-se alguns protestos e reclamações, porém, pronunciados com boa intenção. Os homens sabiam que o seu comandante era bastante duro nos treinos, mas era também um homem justo.

- Pica-Pau, é o teu dia de exercício com a espada, não é? O jovem assentiu com a cabeça e Bodovos sorriu.

- Muito bem, terás com certeza um bom desempenho perante o nosso público. Hoje, até o próprio rei Tuistos veio aqui ao campo ver-nos.

Pica-Pau conteve uma contracção nervosa ao tomar

lugar no campo de exercícios. Sabia que melhorara bastante o seu desempenho. A contusão que Bodovos lhe causara da última vez, provocada por um golpe da espada de madeira nas costelas, praticamente desaparecera. Não importava o que um rei pensaria dele. Como o comandante afirmara tantas vezes, numa luta, a única pessoa cuja opinião importava era a de quem vinha de arma na mão de encontro a ele.

- Vamos começar com o treino padrão. Tu conheces os movimentos, mas eles não, podemos ir um pouco mais rápido e vai correr tudo bem.

Pica-Pau engoliu em seco, mas concordou com a cabeça. Conhecer a sequência de movimentos nem sempre ajudava quando Bodovos acelerava o ritmo, e o comandante conseguia fazer a espada de madeira girar com muita rapidez. Colocou-se em posição, ligeiramente inclinado, com o pé esquerdo à frente, o escudo acima e a espada a postos.

Bodovos pegou na sua arma e preparou-se para o enfrentar, movendo-se rapidamente, embora Pica-Pau não soubesse se isso era para soltar os músculos ou para confundir o adversário. O jovem respirou fundo e concentrou-se, lentamente, tal como aprendera em Avalon.

- Muito bem - murmurou o mestre, deslocando-se. - Espada erguida, agora para baixo, o escudo alto, ao lado, mais uma vez...

O som do embate das espadas de madeira e o baque oco sobre o escudo criavam um contraponto com o rufar do tambor que acompanhava os dançarinos. O jovem deixou-se descontrair com o ritmo, como se os seus movimentos também fizessem parte da dança.

Bodovos deu um passo atrás, convidando Pica-Pau a iniciar o ataque, com a mesma sequência de movimentos, mas desta vez o jovem acelerou o ritmo, mais decidido, e o seu adversário sorriu. A resposta de Bodovos foi um movimento mais rápido. Pica-Pau concentrou-se no alvo e atacou, e, de seguida, encontrou-se abruptamente na defensiva, enquanto o comandante começava a empurrá-lo para trás. Um passo, depois outro, agora era tudo o que podia fazer para manter a espada do adversário à distância.

A concentração do rapaz vacilou ao bater com o calcanhar em qualquer coisa que se encontrava atrás dele. Pegou no escudo para aparar o próximo golpe, mas desequilibrou-se. A espada de Bodovos era uma mancha castanha que mal conseguia distinguir, quanto mais combater. A espada que empunhava voou-lhe da mão, um golpe atingiu-o nas costelas e Pica-Pau caiu, mergulhando num turbilhão de estrelas.

Quando conseguiu recuperar novamente a concentração, percebeu que estava deitado de costas sobre a erva, e Bodovos segurava-lhe a mão. Esforçou-se por libertar o braço esquerdo do escudo, sentindo o direito a latejar vorazmente. Então percebeu que não o poderia utilizar muitas mais vezes naquele dia, pelo que agarrou a mão calejada do homem e se aproximou dos seus pés.

- Desculpa - proferiu, olhando em redor e constatando que o adversário o levava para uma das extremidades do campo.

- É mesmo assim - Bodovos assentiu. - É importante que estejas consciente do sítio para onde estás a ir a fim de poderes ver como o inimigo está a agir. Não

irás lutar em campos com a erva acabada de cortar. Mas admito que foi um truque baixo. Na verdade, eu queria um final dramático, e tu estavas a reagir bastante bem. Não sei se te teria conseguido levar a melhor de outro modo.

O espanto suplantou a dor que Pica-Pau sentia, ao perceber que o brilho que via transparecer nos olhos do seu comandante era de orgulho.

- Achas então que estou a progredir cada vez mais?
- Sim. E o treino que recebeste inicialmente deu-te uma boa base. Anda. agora vou apresentar-te ao rei.

CATORZE

Na Cidade dos Círculos, celebravam-se as colheitas na Viragem do Outono. Era o festival mais importante da cidade. Durante várias semanas, as pessoas tinham feito feixes de trigo-selvagem e centeio a partir de pedaços de palha e madeira, pois cada grão produzido pelos campos era necessário para alimentar os habitantes. A tempestade que anteriormente inundara parte do círculo mais afastado da cidade arrasara uma boa parte da colheita. Era verdade que as sombras projectadas pela disposição das barras utilizadas para calcular as estações do ano ainda assinalavam os solstícios e os equinócios, mas os movimentos dos céus e as estações do ano já não pareciam corresponder à realidade e ao modo como as intempéries se manifestavam.

Velanto olhou para cima, pestanejando, na esperança de vislumbrar um céu azul, mas as nuvens ainda cobriam o firmamento. No festival do ano passado, o ano em que Velanto e Pica-Pau haviam ali chegado, acontecera a mesma coisa, tinham sido mais abençoados pelas chuvas do que pelo sol. Contudo, mais como um acto de fé do que outra coisa, o povo empunhou os seus estandartes e engalanou as varandas com ramos verdes e frutos esculpidos em madeira, já que os seus pomares estavam nus.

No fundo, quem era ele, afinal, para dizer que as pessoas estavam erradas, pensava Velanto, enquanto encolhia os cotovelos para arranjar espaço ao seu lado para Buda e Aelfrix. Se tinha de facto aprendido alguma coisa durante os três anos que se seguiram à destruição da sua casa e do seu mundo pelos filhos de Héracles, uma delas era que a humanidade precisava sempre de ter esperança, mesmo que esta não fosse

justificada. A rua estava repleta de gente, pessoas que começara a reconhecer como amigos e como vizinhos. Ainda lhe parecia estranho. Quando a sua própria cidade morrera para ele, tivera a certeza de que nunca mais pertenceria novamente a nenhum lugar.

- Consigo ouvi-los! - exclamou Aelfrix.

Algures, para lá das casas, ouvia-se o rumor de címbalos de bronze e a vibração compassada e profunda dos tambores. O menino saltitava de um lado para o outro, esforçando-se para ver o que se passava. Crescera bastante durante o último ano. Estava tão alto quanto Velanto e as suas pernas eram tão compridas como as de um potro jovem. Sem dúvida que ao tornar-se adulto ficaria da estatura de Pica-Pau, que parecia ter agora atingido o auge do seu crescimento, ultrapassando em altura o próprio Velanto.

- É claro que consegues ouvir - respondeu Buda. - Devem estar ali perto. - Ela apontou para um espaço entre as casas do outro lado da rua. de onde se vislumbrava apenas o brilho da água cinzenta do mar, ao fundo. - Mas terão de percorrer todo o caminho em torno do quarto e do terceiro círculos, antes de atravessarem a ponte e chegarem até aqui.

Seria um percurso bastante deprimente, pensou Velanto. As tempestades do Inverno passado haviam assolado as casas situadas junto do Quinto Anel. destruindo-as, assim como as docas onde os grandes barcos fundeavam. Agora, lançavam âncora junto a um abrigo improvisado entre a cidade e a terra firme. Velanto consertara a corrente de uma âncora para um dos capitães, um homem chamado Stavros, que se dedicava ao comércio com as cidades do Mar do Meio. Era agradável conversar e partilhar uma taça de vinho

com alguém que conhecia as terras quentes do Sul, mas Velanto aprendera a não o fazer muitas vezes. Uma taça poderia facilmente transformar-se em várias garrafas, e uma cabeça ferida acidentalmente só acrescentaria mais sofrimento à sua dor.

As águas do mar tinham irrompido em mais de um lugar, e fora necessário construir pontes improvisadas antes do festival. As aberturas dos círculos foram compensadas, de modo que um barco só poderia chegar ao ancoradouro sob o palácio descrevendo uma série de voltas. Os navios impulsioneados a remo faziam-no por si próprios, mas aqueles que dependiam de velas tinham de ancorar ao largo ou ser impulsioneados por um sistema de cordas e roldanas para passarem de um círculo para outro. Os círculos estavam ligados por pontes em arco, mas muitas das pessoas que viviam nas extremidades de cada anel mantinham os seus pequenos barcos a remo amarrados atrás das portas, nas traseiras das habitações, para se poderem deslocar.

Um rapaz desceu a rua com um tabuleiro pendurado ao pescoço repleto de pequenas salsichas fritas enroladas em massa, que eram uma especialidade local. Velanto comprou uma quantidade suficiente para Aelfrix e a mãe. A casa que ele partilhava com Pica-Pau estava situada numa das vielas sinuosas entre a Via Processional e a costa. Aqueles que possuíam riqueza suficiente para viver junto à estrada assistiam ao desfile a partir das suas varandas, mas os ombros largos do ferreiro e os seus olhos negros e argutos tinham-lhe arranjado um bom lugar, bem como aos da sua casa. Velanto pensava que o palácio e os círculos que constituíam a cidade tinham praticamente a mesma população que a cidadela de Tirinto e a cidade que crescera abaixo da muralha. Muitas das tradições que existiam naquele local lembravam-lhe as da sua terra.

Ali, as famílias também se reuniam para assistir ao festival da Primavera, enquanto os acontecimentos mais solenes decorriam na cidadela. No primeiro ano, depois de se instalarem, os criados que tinham herdado, juntamente com a casa que lhes ofereceram, insistiram em que eles participassem no festival. Buda, Aelfrix e até mesmo Bodovos eram agora como uma família para ele.

A multidão foi acometida por um estremecimento de expectativa à medida que o som do cortejo se tornava mais alto. Agora conseguia ouvir-se o som das sandálias com ferragens a bater no chão. Duas dessas sandálias pertenciam a Pica-Pau, recém-promovido a líder do grupo da Formação Vermelha. Velanto sorriu instintivamente.

- Estão a chegar! - gritou Aelfrix com a voz esganiçada de emoção. Acima das cabeças das pessoas, as imagens esculpidas das Divindades que protegiam a cidade eram transportadas em paus e pareciam marchar também. A multidão recuou descrevendo um movimento ondulado quando o porta-estandarte apareceu, seguido pelos homens com os tambores.

Primeiro desfilou a Formação Azul, vestindo mantos da cor do mar num dia soalheiro, bordados com um padrão de onda em espiral. A seguir a estes desfilava a Corporação dos Pescadores, usando as redes como vestes cerimoniais e carregando a imagem de Kraken, metade deus, metade monstro, que governava as águas. Se os seus poderes não eram totalmente idênticos aos de Poseidon, não eram certamente menores, ali, naquelas terras que os homens haviam arrancado ao mar. Seguiam-se os principais comerciantes, levando os modelos dos navios que enviavam para as terras que se localizavam, quer a norte, quer a sul em busca de

comércio. Este dia de festa assinalava o final da época da navegação segura, embora nos dias que corriam se vissem sempre alguns navios oriundos do Mar do Oriente. Em seguida, desfilou a Formação Verde, cujos mantos haviam sido bordados com um padrão estilizado de roldanas. Carregavam a imagem velada da deusa que concedia fertilidade aos campos, sendo escoltados pelos agricultores e cozinheiros e por todos aqueles cujo comércio estava relacionado com a alimentação da cidade.

Houve uma pausa, durante a qual algumas das crianças da vizinhança correram para a estrada para imitarem os soldados. Em seguida, ouviram-se mais tambores e pratos, soando repentinamente muito mais alto, e as crianças correram de volta para junto das famílias a que pertenciam.

- Lá está ele! - exclamou Buda, quando a Formação Vermelha entrou em exibição. - E olhem como está tão bonito, não acham? Pica-Pau chefiava os seus homens, marchando atrás do companheiro que carregava a imagem de um deus cujo elmo pontiagudo estava ornamentado com os chifres de um touro. Pica-Pau rira estranhamente quando lhes contara que tinha sido promovido, e só mais tarde é que Velanto se lembrou que o jovem já havia mencionado que o povo a que pertencia na sua terra se chamava Tribo do Touro.

Desde o bronze do elmo que levava na cabeça até às fivelas das sandálias, todo ele resplandecia, polido e brilhante, marchando com um passo ágil, como se o corpete de couro costurado com placas de bronze não pesasse mais do que linho egípcio e o escudo de madeira, pintado de vermelho com a imagem de um touro, não pesasse mais do que um tabuleiro de servir. Velanto forjara a espada que levava presa à cintura,

quase a única peça que trabalhara em bronze desde que aqui chegara, pois, devido às conturbações que se verificavam nas trocas comerciais naquela época, tudo o que era feito em bronze tinha-se tornado tão valioso quanto o ouro. O manto púrpura que Pica-Pau envergava tinha uma faixa bordada com desenhos que representavam animais.

Quando a formação passou, o motivo do atraso tornou-se óbvio. Os agricultores das terras em redor da cidade tinham trazido os seus melhores animais, entre eles os que estavam destinados aos sacrifícios, e um dos touros recusava-se a avançar. As pessoas riam, divertidas, enquanto observavam os pastores, que se esforçavam por obrigar o animal a andar novamente, mas Velanto franziu a testa. Se o animal fora destinado a oferenda, a sua teimosia não era bom sinal.

Finalmente, quando os animais passaram, Velanto suspirou de alívio. Depois deles, seguiu-se a Formação Amarela, e a sua deusa protectora lembrava-lhe Atena Potinija, que tinha como emblema a imagem do pássaro a que aqui chamavam apanhador de ostras. Era a padroeira dos artistas e artesãos da cidade, daqueles que trabalhavam a madeira e a pedra, na fiação, que modelavam a argila e fabricavam vidro. Os ferreiros também desfilavam, de martelos na mão. Velanto acenou-lhes respeitosamente, enquanto cassavam. Poucos na cidade o igualavam em perícia, mas não protestou quando insistiram que ele deveria sujeitar-se a um período de avaliação, antes de ser admitido nas suas fileiras. Talvez no próximo ano Velanto também usasse um par de sandálias como aquelas e tivesse lugar no desfile ao lado dos seus congéneres.

Os músicos do palácio marcharam em direcção a eles,

seguindo-se os que tocavam flautas e cornetas a pé, enquanto os que tocavam as harpas e liras seguiam num carro de onde, ocasionalmente, se ouvia o som fanhoso dos instrumentos por entre os aplausos da multidão. O povo silenciou-se quando, atrás deles, surgiu o estandarte da casa real - dois cisnes com um >ol ao meio, estampados num fundo azul. Dois trompetistas fizeram uma pausa para tocarem uma nota de comando nas trompas de bronze.

Seguiu-se-lhes um carro puxado por dois cavalos brancos. A carruagem fora esculpida e pintada com espirais e divisas e os aros e raios das rodas tinham sido revestidos com uma fina camada de ouro. No seu interior seguiam os dois reis. Usavam saiotes franjados e mantos brancos bordados a ouro, uma escolha sábia, pois dizia-se que o rico tecido cobria peitos já algo flácidos. Na cabeça ostentavam elmos pontiagudos de couro dourado com chifres curvos, cujas pontas trabalhadas exibiam pequenas aves douradas. Cada rei segurava um machado arcaico de duas lâminas: Tuistos levava o seu na mão esquerda e Mannos na direita. Velanto inclinou-se para a frente, para conseguir um melhor ângulo de observação.

Usavam-se machados daquele género na maioria dos rituais sagrados das terras do Mar do Meio. Já era considerado um modelo antigo na altura em que Tirinto era ainda uma cidade recente.

Depois seguiu-se outro espaço e, posteriormente, chegaram mais tocadores de flauta, seguidos de raparigas agitando sistros, que enchiam o ar com um som cristalino. Os sacerdotes e sacerdotisas vinham logo atrás, vestidos com os paramentos que identificavam o seu grau e o deus ao qual se dedicavam. Os dançarinos do templo acompanhavam-nos,

meio despidos, com saiotes de lã pregueados, saltando e rodopiando em belos movimentos acrobáticos. Velanto vislumbrou algo que flamejava como ouro e virou-se. Toda a gente mudou igualmente de posição para olhar para a rua, tal como as flores se voltam para o Sol. Chegara um carro brilhante, puxado por uma égua castanha. As partes laterais, os raios das rodas, tudo fora revestido a ouro. No carro seguia a rainha, vestida com um manto de açafrão entretecido com ornamentos de ouro tão grossos e pesados que ela parecia uma estátua dourada, imóvel e robusta. Pelo que ouvira, a sua imagem reflectia a realidade. Não seria necessário o carro para transmitir uma imagem do Sol. Ela era o sol para o seu povo, o toucado raiado espalhava luz em todas as direcções cada vez que o astro-rei nos céus espreitava por uma fresta por entre as nuvens densas.

- Sowela! Sowela! - gritava o povo, lançando as flores que haviam sobrado para o chão que se estendia à sua frente.

- Traz-nos de novo o Verão, traz-nos de novo o calor e a vida! A rainha tinha o rosto pintado de forma a não se poder adivinhar a sua idade, pois o Sol não tinha idade, ao contrário da Lua, que estava sempre em constante mudança. No Sul, os homens pensavam que um deus, brilhante e impiedoso, governava o astro solar. Contudo, Velanto conseguia entender por que razão as pessoas dali iam buscar luz a uma deusa. Ergueu as mãos em adoração quando ela passou. O Inverno iria ser longo. Traz-nos a vida. suplicou, ao sentir as primeiras gotas de chuva.

Pica-Pau deu mais uma reviravolta no colchão de palha, sentindo o corpo demasiado cansado para conseguir dormir. Tinham pedido aos guardas para irem

ajudar os habitantes do Quinto Círculo, e doíam-lhe fortemente os músculos, que julgara devidamente robustecidos pelos treinos com Bodovos. Pelo menos encontrava-se finalmente quente e seco. A chuva batia no telhado de colmo sobre a sua cabeça, impulsionada por um vento de oeste que gemia em torno dos beirais. O Inverno fora frio e relativamente calmo, mas, com a chegada da Primavera, os elementos pareciam determinados a manter o Verão afastado com uma violência que a cidade jamais conhecera. Durante três dias, as tempestades assolaram todo o litoral, com a promessa, em breve, de intempéries ainda mais rigorosas. Naquela noite receberia de bom grado um dos seus sonhos. Pica-Pau já não combatia as visões que tinha, as quais lhe provocavam uma enorme frustração e assustavam os seus amigos. Caminhar pelos campos verdes da Ilha dos Poderosos, a terra natal que a sua consciência tentara tão dificilmente negar, teria sido para ele um alívio, depois daquele dia. Por mais encharcada que estivesse, a ilha era, pelo menos, terreno sólido. Esperava que Velanto acreditasse que os pesadelos haviam cessado. Passara já algum tempo desde que o amigo recorrera a um balde de água para o despertar.

Dissera-lhe na altura que não se lembrava do que tinha sonhado, mas não falara verdade. Cada vez mais frequentemente, as recordações constituíam uma ferida aberta na sua consciência, de tal modo que por vezes era a Cidade dos Círculos que lhe parecia irreal. Levava o seu conhecimento da cidade quando caminhava por Avalon. Se no rosto tinha o olhar vazio provocado pela aflição, não era, porém, o único cuja expressão denotava ansiedade. Nesta noite, provavelmente poderia ter gritado sem perturbar Velanto, que ressonava estendido do outro lado da cama. Desde que a cidade o contratara, o ferreiro passava todas as horas do seu

dia na companhia dos construtores. Quando caía na cama, estava demasiado cansado para se preocupar com o jovem.

Hoje, quando Velanto regressara a casa, tinha no rosto um olhar que Pica-Pau nunca mais vira desde que Tirinto soçobrara. Todos os seus esforços estavam a fracassar. Tinham pedido aos habitantes do círculo exterior para procurarem refúgio nos anéis interiores. Encontrar espaço para os albergar não constituía problema, pois muitas das pessoas da cidade já tinham fugido para o continente, preferindo lutar contra inimigos humanos do que enfrentar a fúria indómita e incontrolável do mar.

No entanto, traria algum dos seus sonhos alguma melhoria àquela situação? Nas suas visões, vira Belerion ser saqueada por invasores vindos do mar e a quinta onde pastoreara as ovelhas ser esmagada por um deslizamento de terras. Vira os homens de Galid atormentar um prisioneiro, enquanto o chefe tribal ria. E presenciou outros acontecimentos em lugares que reconheceu pertencerem a outras tribos. Naquela altura, ele deveria ser talvez a pessoa que melhor se apercebia do que estava a acontecer na Ilha dos Poderosos, exceptuando a Senhora de Avalon. A situação não era muito melhor do que aquela que se vivia agora, na cidade, e o jovem suspeitava de que as coisas não corriam muito melhor em nenhum outro lugar. Todavia, no estado liminar em que se encontrava, entre o sono e a vigília, conseguia admitir que naquela ilha estava em casa.

Pensou se seria capaz de invocar uma visão da ilha sagrada. Certamente que lá encontraria paz. Inspirou fundo e deixou o ar sair devagar, devagar, depois repetiu o mesmo gesto, fechando os olhos. Imaginaria

que contemplava o Tor ao luar. Sorriu um pouco, ao ver a linha pura do talude, o brilho ténue sobre as enormes pedras erguidas que coroavam a colina. No entanto, a imagem não era exactamente a que esperara. No interior do círculo, vislumbrou um brilho mais quente. Como a luz se tornou mais forte, percebeu que alguém havia acendido uma fogueira no altar de pedra. Aqui, pelo menos. não chovia.

Ao dirigir-se para a luz, sentiu uma vibração no ar. Os sacerdotes e as sacerdotisas de Avalon estavam ali. Enchiam a noite com um cântico estranho, entoado a plenos pulmões. Não se tratava de um ritual da lua cheia, mas de uma das grandes magias, proibida aos olhos leigos. Os sacerdotes mais velhos tinham sido bastante explícitos relativamente ao que poderia acontecer a qualquer criança que se atrevesse a espreitar o que se passava nessas ocasiões. Quis afastar-se, mas apercebeu-se, com um arrepio de medo, que prosseguia o seu caminho, como que impelido por alguma coisa, na direcção do monte.

Uma plataforma de Cantores... era assim que lhe chamavam, quando soavam sete notas, entoadas de modo a tecer uma teia de harmonias. Como uma folha levada pelo vento, voou em direcção ao som. Os iniciados estavam todos presentes, formando o seu próprio círculo dentro do círculo de pedra.

Uma voz maravilhosamente treinada ergueu-se acima das outras.

- Invoco quem nos trará a esperança! - Anderle espalhava incenso por cima do fogo que ardia sobre o altar de pedra e um fumo doce revolteava em sentido ascendente. - Chamo quem trará o conforto despojado e reconstruirá o que foi destruído, ele que virá

defender os fracos e destruir òs fortes! A cada palavra proferida, Pica-Pau recordava as visões de catástrofe que tivera, e sentia mais uma vez uma enorme frustração por não poder fazer nada para as alterar. Sentia intensamente o som do zumbido, como se fosse feito apenas de nervos. Lutou para escapar àquela força, mas não se tratava de uma mera corrente de som, era um turbilhão que o arrastava inexoravelmente para o núcleo.

- Invoco o herói que irá salvar o nosso povo! Chamo o Defensor! O fumo do incenso espalhava-se numa nuvem luminosa acima do altar, movimentando-se em redor. Antes, fora sempre uma testemunha invisível.

- Deusa Sagrada, mostra-nos quem nos salvará! Ouve e aparece! Ouve e aparece! Ouve e aparece! Então, Anderle arregalou os olhos e o rapaz percebeu que ela conseguia vê-lo. O som vibrava em ondas no ar, uma das sacerdotisas desmaiou, em seguida o cântico tornou-se mais firme, enquanto os outros cantores reuniam forças e continuavam a entoar a cantilena.

- Mikantor - sussurrou a sacerdotisa, estendendo a mão para ele. - Disseram que tinhas morrido, mas eu sabia que os deuses não poderiam ser tão cruéis! Volta para nós! Volta para casa! Anderle tocou com os dedos o braço de Mikantor.

Ele tremia, dividido entre o desejo de salvar as pessoas cujo sofrimento presenciara e a recordação de todos os seus fracassos.

- Eu não sou um herói. - O jovem abanou a cabeça, sem saber se ela o conseguiria ouvir. - Eu não te posso ajudar! - Tu és o Filho de Mil e Um Reis! - exclamou ela. - Vieste ao mundo para isto! E foi para

isto que foste salvo! Ele continuava a abanar a cabeça. Poderia convencê-la de que quem ali estava presente era o seu fantasma, regressado do Outro Mundo? Ao encontrar o olhar fixo e brilhante de Anderle, teve de repente dúvidas de que nem mesmo a morte o conseguiria libertar do que ela lhe exigia. Durante algum tempo, no período entre os treze e os catorze anos, acreditara que estava destinado a ser rei. Afinal, tornara-se escravo. O seu corpo fora libertado, mas sentia grilhetas invisíveis a prendê-lo ainda.

Eu não sou... Eu não posso... Eu não sou digno...

- Deusa! - Anderle ergueu as mãos. - Mostra-nos a Tua vontade! Quando a sacerdotisa proferiu estas palavras, o fogo que ardia sobre o altar reavivou-se. Por entre o fumo, viu o vulto brilhante de uma mulher com olhos sorridentes e cabelos de fogo. Depois, a figura tornou-se mais fina e adelgada, até que o que pairava diante dele tomou a forma de uma espada. Tendo em conta o deslumbramento patente nos olhos dos sacerdotes, jamais se tinha visto uma espada como aquela. Porém, ele já a vira, ou outra semelhante, nas mãos de Velanto. No entanto, não era totalmente igual, pois esta lâmina assemelhava-se a um fogo prateado.

- Será que uma Espada das Estrelas te convence? - proferiu Anderle em voz doce e baixa.

- A sacerdotisa invoca o Defensor, e o Defensor trará o Ferreiro à minha Forja! Velanto!, pensou Pica-Pau.

Teriam sido ambos destinados a percorrer aquele caminho pelos deuses? A Espada brilhava num fulgor selvático e ele foi projectado, num redemoinho, para

trás e depois para fora, numa explosão de luz e som, até que deu por si sentado na cama, com o coração a bater como se tivesse corrido léguas e léguas, suando como se estivesse junto a uma fogueira.

A chuva tamborilava no telhado, não, havia um som nítido que se lhe sobrepunha. Estava alguém a bater à porta.

Ouviu vozes vindas do piso inferior. Aelfrix ou Buda, que dormiam ao lado da lareira, deviam ter atendido. Não conseguia distinguir o que diziam, mas o tom alterado das vozes foi suficiente para o fazer dar um salto da cama. Já estava a vestir a túnica quando Aelfrix escancarou a porta.

- Pica-Pau - gritou o menino. - As ondas inundaram todo o Quinto Anel e o Quarto também já está a ser atingido. Querem que todos os homens que consigam levantar um saco de areia vão para lá, para construírem barreiras e transportarem as pessoas para lugares seguros.

Pica-Pau acabou de apertar a sandália e acenou com a cabeça na direcção de Velanto, que não se mexera.

- Acorda-o, se conseguires, pois precisamos dele. Eu sigo imediatamente para a casa dos guardas. Que Niterat nos proteja a todos nós! Só quando a porta se fechou atrás dele é que se apercebeu de que acabara de invocar a protecção de uma deusa de Avalon.

Velanto despertou de um sono exausto como se tentasse abrir caminho através de águas profundas, e não estava assim tão longe da realidade, visto que a chuva caía violentamente. Esfregou os olhos e deparou com o frágil tremeluzir de uma lâmpada a óleo, em vez

da luz cinzenta do amanhecer. Aelfrix segurava a lâmpada na mão e abriu a boca para o chamar novamente. O lado da cama onde Pica-Pau dormia estava vazio e os cobertores tombados no chão. O ferreiro respirou fundo e tentou concentrar-se no que o rapaz lhe dizia. Ondas... a tempestade... Percebeu facilmente as tentativas que Aelfrix fazia, gaguejando, aflito, para repetir o que ouvira. Praguejando, levantou-se. Ainda lhe doíam todos os músculos devido aos trabalhos que realizara no dia anterior, mas a tempestade não iria esperar que ele recuperasse. Quando acabou de se vestir e de devorar o pão que Buda lhe arranjava à pressa, as bátegas de chuva caíam ainda mais furiosamente e o vento uivava como as Erínias em busca das almas pecadoras.

As ruas estavam completamente pejudadas de pessoas que procuravam refúgio, encharcadas até aos ossos e curvadas sob os fardos que carregavam ou que puxavam carroças cheias de todo o tipo de coisas que tinham conseguido salvar. Velanto passou por eles, empurrando-os, e conteve o desejo de lhes pedir desculpa. A razão dizia-lhe que fizera tudo o que estava ao seu alcance, mas o coração gritava que deveria ter feito mais ainda.

Esta não é a minha cidade!, disse para si próprio, mas a culpa assaltou-o, mergulhando-o numa maré tão escura e devastadora quanto o mar.

Quando se aproximava da ponte que ligava o Terceiro Anel ao Quarto, viu casas destruídas e, logo depois, uma zona onde as terras haviam arrastado tudo até à estrada. Alguém correu em direcção a ele, gritando que a ponte ocidental estava destruída. Velanto gemeu de dor. A primeira casa onde vivera ardera; o fogo alastrava à sua volta.

Regressou à ponte sul forçando o caminho por entre a multidão. Certamente ainda estaria intacta. Via melhor agora, pois o céu clareava. Para lá dos telhados, os mastros dos navios que se refugiaram no sotavento da cidade agitavam-se sobre a fúria das ondas. Oxalá o capitão Stavros aguentasse a violência da tempestade.

A ponte sul estava bloqueada por um carro destroçado. Quando Velanto e os outros homens o conseguiram retirar do caminho, já o dia clareara. Ao chegar ao Quarto Anel, deparou-se com um grupo de homens que derrubava casas para construir com a madeira diques improvisados. A chuva amainou, mas as ondas eram ainda alterosas, devido ao forte vento que soprava do alto-mar. Falava-se de um alinhamento maligno do Sol e da Lua que provocara a força e a fúria do mar.

Enquanto Velanto trabalhava, ia aumentando entre a população a convicção de que a Cidade dos Círculos fora abandonada pelos seus deuses. O esforço empreendido deixara-o sem energia para os amaldiçoar, mas prometeu em silêncio que enquanto tivesse forças para defender a sua nova casa, aquela cidade não seria abandonada pelos homens. Fracassara nos seus esforços antes, mas não desistiria novamente. Tinha uma vaga consciência de que a promessa que fizera não era inteiramente lógica. Nenhum homem conseguiria lutar contra o destino. Contudo, estava demasiado ocupado com o trabalho que tinha perante si, a próxima parede, a próxima peça de madeira, a próxima margem a desfazer-se, para se preocupar com esse assunto. Sentiu o braço direito cansado de usar o martelo de granito e passou-o para a mão esquerda. Não eram necessárias nem precisão nem habilidade para partir

paredes. Com o Sol tapado pelas nuvens, o dia parecia interminável. Dizia-se que no Hades os ímpios eram condenados a repetir infinitamente as mesmas tarefas intermináveis.

Talvez ele tivesse morrido em Tirinto e só agora recebesse o seu castigo.

Entretanto, apercebeu-se de que a luz do dia estava a desaparecer. A tempestade levava-os de volta para a ponte e alguém gritava que deviam abandonar o Anel. Tremendo, Velanto prendeu o martelo ao cinto. A água batia-lhe nos pés, mas, por instantes, o vento acalmara. Sob os seus pés, o chão tremia. Como a estrada ruíra, ele empurrou o animal que estava à sua frente e correu.

O Terceiro Anel estava um caos, apesar dos esforços envidados por aqueles que lutavam por salvar os círculos exteriores. Velanto viu Tuisto' a tentar descer a rua com os guardas, com a sua elegante túnica enlameada e um hematoma na testa. Não dava ordens. O ferreiro duvidava que alguém o conseguisse ouvir ou lhe tivesse obedecido se ele tivesse tentado.

Ao aproximar-se da ponte que levava ao centro, ouviu-se o som de uma trompa, que se destacava do gemido do vento e do clamor da multidão. Velanto vislumbrou ao longe vestes brancas e o brilho do ouro. Sowela estava a chegar, vinda do palácio, do outro lado da calçada. Dizia-se à boca fechada que era ela quem detinha o poder na família. Mas, em nome da deusa, o que acharia ela que poderia fazer ali? Os seus serviçais partilhavam esta opinião. Um dos sacerdotes ajoelhou-se no meio da estrada, implorando para que voltasse para o palácio. Todo o edifício do palácio fora construído em pedra, com o objectivo de

poder resistir à força do mar.

- E o que será de todos aqueles cujas casas não são construídas de pedra? - perguntou ela incisivamente. A rainha não usava pintura no rosto, agora, e a sua idade era bem visível. Ele reconheceu a expressão que vira no rosto do irmão quando este enfrentara o inimigo. - O meu lugar é aqui.

- A rainha encaminhou-se para a ponte destruída. Para lá da ponte, havia agora uma faixa nítida de água que se estendia até ao mar aberto. Os sacerdotes recuaram quando Sowela subiu para a borda das pedras tombadas pelo mar e ergueu as mãos, dirigindo uma prece à rebentação das ondas.

- Mestre das profundezas, eu, Sowela, da Cidade dos Círculos, estou aqui perante vós. - A sua voz parecia repentinamente mais alta, e Velanto percebeu que o vento amainara, como se os deuses do mar e da tempestade estivessem à escuta. - Já levaram tanto de nós, espero que a vossa fome esteja saciada. Poupem a minha cidade! Dar-vos-emos muitos touros e garanhões, bons animais, e se nenhum outro sacrifício vos contentar, eu própria estou pronta para me oferecer...

Um grito de horror ergueu-se no ar por parte daqueles que se encontravam suficientemente perto para ouvir as palavras proferidas. Um dos sacerdotes dirigiu-se a ela, mas algo na atitude da rainha o fez parar. Velanto sentiu o estômago contrair-se ao perceber que não era com Aiason que ela se parecia agora, mas com Naxomene. Divertira-o as pretensões daquela rainha do Norte, mas agora curvava-se em sinal de total obediência, tal como teria reverenciado a sua própria rainha.

Por instantes, parecia que a prece de Sowela fora ouvida. Então, alguém gritou. Velanto olhou para cima. Uma vaga monstruosa, que jamais alguém vira, enrolava-se sobre a superfície das águas do mar. As águas embateram contra o que restava dos Anéis exteriores, arrasando tudo numa explosão de espuma. Mas a dita onda gigantesca, centrada em si própria e com uma fúria portentosa, prosseguia o seu caminho em linha recta em direcção à rainha.

Gritando, Velanto tentou alcançá-la, mas escorregou no chão lamacento e caiu. Quando a onda rebentou de encontro à rocha, Sowela foi arrancada com violência do lugar onde se encontrava, desaparecendo num turbilhão de espuma. No momento seguinte, a mesma força poderosa das águas arrebanhou o ferreiro. Velanto ainda teve tempo para pensar que afinal acabaria por morrer devido à violência das águas e não por causa do fogo. Depois, embateu violentamente contra algo e caiu.

Velanto veio à tona num turbilhão de dor, sentindo no peito uma pressão enorme que ia e vinha, deixando-o em agonia, até se conseguir curvar, tossindo furiosamente, para quase desmaiar de novo.

- Fica comigo, raios! Eu não te vou perder agora! Olhou para cima e viu um rosto agonizante junto ao dele - o rapaz -, não, o homem, no olhar aquele brilho interior que tão bem o caracterizava. Pica-Pau amparava-lhe a cabeça, forçando-o a olhá-lo nos olhos, e Velanto sentiu o coração estremecer.

- Tu vais viver! - Tu continuas a... salvar-me... - sussurrou Velanto, mal conseguindo respirar.

- Salvaste-me, mais vezes do que imaginas -

murmurou Pica-Pau. - Consegues andar? Não importa - acrescentou, quando viu Velanto estremecer. - Eu consigo levar-te.

Velanto quase voltou a desmaiar quando Pica-Pau o ergueu e lhe colocou o braço direito sobre o seu ombro.

- Onde vamos? - perguntou enquanto caminhavam juntos. O vento parecia ter acalmado. Na rua, as pessoas vasculhavam por entre o emaranhado encharcado de detritos e objectos que a tempestade, na sua fúria, deixara para trás.

- O navio de Stavros está à nossa espera. Bodovos tratou da nossa passagem.

Velanto tentou deter-se.

- A cidade, a rainha, não as podemos abandonar, novamente! - A rainha desapareceu no mar e os deuses saberão o que terá acontecido aos reis - proferiu Pica-Pau, categoricamente. - O seu sacrifício parece ter amainado a tempestade, mas a cidade está arrasada. O juramento de Bodovos prende-o aqui. Libertou-me do meu em troca da minha promessa de salvar a irmã e o filho. Os saques já começaram. Stavros quer zarpar o mais depressa possível, antes que alguém se aperceba de que o navio é uma maneira de sair daqui.

Velanto soltou um gemido quando Pica-Pau tropeçou numa tábua solta e abrandou o passo.

- Deixa-me, e vai... enquanto podes.

Sentiu o jovem abanar a cabeça, recusando-se a

abandoná-lo.

- As ferramentas já estão carregadas e tu vais connosco, nem que tenha de dar-te um soco e pôr-te a dormir outra vez! - Para onde? - perguntou Velanto, tossindo.

- Para a Ilha dos Poderosos... - A voz do jovem hesitou estranhamente. - Não há outro lugar para onde ir.

Pica-Pau acordou com o som da água e o cheiro salgado do mar. Era de esperar que as recordações sombrias lhe acorressem ao espírito.

Porém, estranhou estar envolto em algo macio e quente que cheirava a couro espesso curtido e ouvir vozes conhecidas que se sobrepunham ao marulhar das ondas embatendo contra o casco de madeira do navio. As recordações que tinha da semana anterior eram uma mistura caótica de mares alterosos e de lutas contra ventos, que haviam arremessado o navio por entre as vagas como se de um brinquedo se tratasse. Tinha um gosto desagradável na boca, a garganta seca e os músculos da barriga doridos.

Estou num barco..., pensou, respirando cautelosamente. O mar quase me tirou a vida no caminho para Tartessos, também...

Contudo, a superfície sobre a qual o seu corpo se encontrava estendido já não estava em movimento. Parecia estar deitado em ângulo, e o estômago, apesar de vazio, acalmara. Acima dele, um pedaço de pano firmemente esticado abrigava-o. Então compreendeu. A embarcação chegara à costa.

Os dias que passaram eram uma sucessão de imagens distorcidas, incluindo algumas que deveriam ter sido sonhos. E ele esperava que tivessem sido sonhos. Encontrava-se numa cidade que estava a ser submersa pelas ondas, mas as imagens mais vívidas eram as de uma ilha ainda maior, coroada de templos e palácios e uma grande montanha que explodia numa coluna de cinzas e chamas. Perdera alguém, a tristeza da despedida fez com que as lágrimas lhe brotassem dos olhos, mas agora tudo passara e não se conseguia lembrar do nome dela.

Tentou sentar-se, mas sentiu-se fraco como um bebé. Alguém ouvira os seus gemidos. Aelfrix voltara para junto dele e estava ajoelhado ao seu lado, exibindo um sorriso triunfante.

- Estás acordado! Velanto disse que quando chegássemos a terra firme melhorarias. Vai ficar tão contente! - Ele está bem? - Ainda lhe doem as costelas, mas já anda por aí... Quando levantámos âncora, vimos-vos chegar em tal estado, ele a delirar com febre e a vomitar as tripas, e tu já sem poderes andar, os dois em tal estado que não sabíamos se conseguiriam sobreviver.

Aelfrix ajudou-o a sentar-se e deu-lhe um pouco de água, e ele começou a sentir as forças a voltar.

- Onde estamos? - Algures na tua ilha. Stavros diz que é um lugar onde muitos navios vêm fazer comércio. Se te sentires bem, vem ver.

O jovem concordou e, apesar de ter a cabeça a andar à roda e de precisar de se sentar várias vezes, lá conseguiu arrastar-se pelo navio.

Estavam encalhados numa praia enlameada, onde um

largo rio abrira um canal até ao mar. A erva alta oscilava com a brisa do mar e, mais além, a terra era uma mistura de pântanos e prados, de onde se erguiam montes baixos. Olhou para o céu azul e percebeu que era uma terra bonita. Havia barracas na praia, e de uma delas saía fumo, mas naquela altura não havia outros navios na areia. Acorrendo ao grito de Aelfrix, Stavros e alguns dos seus tripulantes desceram a encosta com Velanto coxeando atrás deles.

Levantaram-no para o ajudarem a subir ao navio e o ferreiro, agarrando-se ao ombro de um deles, deu um passo, respirou profundamente o ar doce e disse: - Pica-Pau, graças aos deuses! Velanto estendeu a mão ao jovem. Abanou a cabeça, sentindo a torrente de alegria interior que tinha estado congelada durante cinco anos começar finalmente a derreter.

- Não, agora deves chamar-me Mikantor, pois regressei a casa e nunca mais renegarei o meu nome.

QUINZE

- Tirilan, filha de Anderle, porque vieste até aqui? Ela respirou fundo, sentindo o vento que entrava pela porta aberta agitar-lhe os cabelos ainda húmidos do banho que dera início ao ritual.

As brumas envolviam, densas, os pântanos em redor, mas a Viragem da Primavera chegara e o sol brilhava em Avalon.

- Procuro saber em que poderei servir. - Era a resposta esperada, e Larel e Ellet, que presidiam à cerimónia, sorriram.

Tirilan estava no Salão do Sol, perante os sacerdotes e sacerdotisas de Avalon. A luz do Sol entrava pelas altas janelas, iluminando o grupo de sacerdotes e sacerdotisas, de cabeça velada ou encapuzada, e os frescos que contavam a história do Povo da Sabedoria, que ali chegara vindo do outro lado do mar. Tirilan demonstrara já o seu domínio das competências exigidas a uma sacerdotisa e fora purificada.

A qualquer momento, durante esse processo, poderia ter-se retirado. Porém, uma vez tomados os votos, já não podia voltar atrás.

E se eu tivesse respondido que estou aqui porque a minha mãe o quis e, visto que perdi Mikantor, o destino de sacerdotisa me serve como qualquer outro?, pensou Tirilan, mas nada disse. Aqueles que lamentavam a perda da menina risonha que ela fora há cinco anos atrás atribuíam a mudança ao facto de se ter tornado mulher, desconhecendo o sofrimento que ela não fora autorizada a mostrar.

Primeiramente, ocultara a tristeza por causa de Anderle, que se recusava a acreditar que Mikantor morrera e, mais tarde, porque chorá-lo abertamente levaria as pessoas a interrogarem-se por que razão davam tanta importância a uma criança da Aldeia do Lago. No entanto, se ele estava morto, por que motivo não se podia revelar que a Senhora de Avalon salvara o filho de Uldan? A confirmação das suas suspeitas não faria certamente com que Galid odiasse mais a sua mãe. A jovem olhou para Anderle, que presidia à cerimónia sentada numa enorme cadeira, abaixo do altar, onde ardia a chama eterna. As sacerdotisas elogiavam a atitude grave de Tirilan, sussurrando, quando achavam que ela não as ouvia, que se converteria numa belíssima grã-sacerdotisa. Eu teria dado uma óptima esposa para Mikantor, pensou com rebeldia.

Fechou os olhos, tentando fazer à memória as feições do rapaz. Porém, agora ele teria de certeza um aspecto diferente. Se estivesse vivo... Sempre pensara que, se ele morresse, saberia rapidamente, mas se ainda estivesse vivo, por que razão nada dizia? - Sabes que os votos que tomares aqui te vinculam a uma vocação sagrada - disse o sacerdote. - Se não os cumprires nesta vida, serás chamada a fazê-lo numa outra. Esta não é uma obrigação da qual te possamos libertar. Na verdade, alguns de nós cumprem essa obrigação, servindo a deuses nesta vida, e alguns comprometeram-se a cumprir a sua missão de vida em vida, até que todos caminhemos na Luz.

Na Luz e na Divina Escuridão, acrescentou Tirilan silenciosamente, recordando-se do que lhe fora dito nos Mistérios das mulheres.

- Quando foste iniciada nos mistérios da

feminilidade, ensinaram-te que o teu corpo é o Templo da Deusa - disse Ellet - e que é um direito teu escolheres com quem o queres partilhar. Porém, agora outorgamos-te um compromisso maior, pois quando a vontade de a sacerdotisa treinada se centra no acto do amor pode fazer surgir um grande poder. Podes jurar que te entregarás apenas nas alturas sagradas e durante a estação dos festivais e sempre que necessário para o bem do povo da tua terra? Deitar-me com Mikantor teria sido um ritual sagrado..., pensou Tirilan. mas proferiu a resposta exigida. A castidade não constituía um problema para ela, pois não tinha vontade de se deitar com ninguém e, se a Deusa quisesse dispor do seu corpo, ela nem sequer se lembraria.

- Juras que não falarás dos mistérios àqueles que não prestaram juramento? - perguntou Larel, e de novo Tirilan concordou. Praticamente nunca vira ninguém que não fosse iniciado ali em Avalon. Olhou para os rostos daqueles que estavam no círculo, jovens e velhos. Eles tinham-na amado e ensinado, e ela não os desapontaria.

- Juras que procurarás sempre servir o Espírito Divino que está presente nas deusas e deuses, reconhecendo que todos os deuses são um só Deus e todas as Deusas apenas uma Deusa e que existe um Iniciador... Que procurarás olhar para o Espírito que existe na alma de cada mulher e de cada homem? Estarás sempre disponível para ajudar quem te vier pedir auxílio? Fora essa a promessa mais discutida entre os alunos. No fundo, fora esse o compromisso mais aterrorizante. E, no entanto, fora esta promessa que menos incomodara Tirilan. Talvez eu tenha sido sacerdotisa numa outra época, pensou, pois achava difícil compreender que alguém que jurasse servir a Deusa não procurasse partilhar o Seu amor.

- Juras obedecer a todas as ordens proferidas pela Senhora? Tirilan conteve um arrepio, sabendo que a mãe a observava sob o véu que lhe ocultava o rosto, pois certamente nenhuma "ordem" legítima lhe seria dada pela Senhora de Avalon. Eu não tenho escolha agora, pensou, desanimada, e jurou. Então, Anderle subiu ao trono para tomar o lugar de hiercfante entre os sacerdotes e as sacerdotisas.

- Filha da Deusa, que provaste estar apta para seres uma de nós, e que tomaste os teus votos, fica no entanto ciente que a consagração não vem de nós, mas dos deuses. Se a Deusa não te aceitar, nenhum poder humano o poderá fazer. Vai, então, enfrentar o teu calvário e regressa a nós como sacerdotisa de Avalon.

Tirilan fez uma vénia. É como uma dança. Curvamos-nos, fazemos a reverência, desempenhamos o nosso papel e eu farei o meu. Por vezes, as pessoas perdiam-se durante a prova. Talvez ela morresse e, afinal de contas, não teria importância, exceptuando, claro, que prometera cumprir o juramento dos iniciados numa outra vida se nesta falhasse. Porém, nessa outra vida, não lamentaria a morte de Mikantor.

O Tor tinha o mesmo aspecto de sempre, um monte pontiagudo no cume, coberto de erva muito verde, com os caminhos sinuosos, em espiral, talhados pelas gerações anteriores. Subi-lo não parecia um grande desafio, pensou Tirilan ao olhar para o alto. Ela calcorreara aqueles caminhos de alto a baixo desde que começara a andar. Tivera esperança que fizesse sol, como no dia anterior, mas deparava-se com um amontoado de nuvens que circundavam a colina, como se a névoa que cobria os pântanos tivesse decidido completar a sua conquista do vale esmagando o Tor.

Foi assim que as ondas se levantaram para submergir os reinos do mar..., pensou então. Sem dúvida que a imagem era uma memória da pintura que existia no Salão do Sol. Fechou a porta atrás de si e começou a subir o caminho.

Certa vez, quando tinha quase dez anos, prometera contar os passos do caminho em espiral e sentira-se insultada quando as sacerdotisas se riram da ideia. Mais tarde, ouvira dizer que tal feito fora tentado antes muitas vezes. Fazia sentido que o número variasse de acordo com o tamanho de cada passo, mas haviam-lhe dito que, apesar de ser a mesma pessoa a contar, caminhando com cuidado, a distância nunca seria duas vezes igual.

- Em nome da Deusa, ascenderei à montanha sagrada - começou a proferir a antiga oração. - Em nome da Senhora da Sabedoria, em nome da Senhora das Trevas. Em nome da Senhora da Soberania, devo caminhar. em nome da Senhora dos Corvos... - Os nomes daqueles que governavam a luz e o amor, a mente e as emoções, e tudo o que é sólido, que sustentam a força da própria terra, de todos esses invocou o nome, e se alguém do sexo masculino tivesse iniciado a escalada do monte, e tivesse invocado as mesmas forças em nome de Deus, só as imagens, e não a essência, teriam mudado. Podia-se escolher um e invocá-lo ou invocar todos. Ocorreu-lhe outro lema do Templo: "O símbolo é nada, a realidade é tudo..." Agora entendo, pensou Tirilan divertida. O objectivo desta ascensão é recordar-me de tudo o que me ensinaram! A prece levou-a até à primeira curva do trilho. Então, parou e inclinou-se para escavar um pouco a terra com os dedos. O cheiro da terra molhada e da erva tenra envolvia-a, tornando-se mais inebriante do que o incenso. Isto!. pensou. Isto não é

uma qualquer abstracção dos sacerdotes, é isto que eu sirvo! Enquanto estamos no corpo que temos, este é o lugar onde tudo começa.

Os sacerdotes esquecem-se disso, por vezes, devido à sua austeridade e meditação. A Terra é sagrada. O nosso corpo é sagrado. Teremos de aprender a viver de acordo com essa harmonia.

Por um momento, então, de joelhos sobre a erva, vislumbrou uma verdade, que, se tivesse feito parte do treino que recebera, nunca teria reconhecido. Se devia seguir o seu destino como sacerdotisa, não ficaria a salvo em Avalon. Anderle tinha muita gente à sua volta para orar e realizar as cerimónias necessárias. Tirilan iria para onde a necessidade a chamasse, para ensinar e curar, e, se o não pudesse fazer, serviria como testemunha e ofereceria consolo aos que sofrem. A decisão que tomou libertou uma onda de calor, ou talvez o Sol estivesse a despontar. Olhou para cima e viu que as nuvens estavam mais espessas do que nunca, mas apercebeu-se de um brilho dourado, que era ainda mais quente, como se o Sol tentasse romper as nuvens cerradas. Era um bom presságio, pensou, enquanto retomava o caminho.

O exercício animara-a e aquecera-lhe o corpo. Deu por si a entoar uma prece, enquanto prosseguia a subida. Dominara o poder das coisas, bastava-lhe sentir para seguir o seu caminho ascendente, mesmo que tivesse de perdoar à mãe, a fim de poder receber a bênção da Senhora da Lua. Por que razão estavam tantas vezes em desacordo? Ouvira dizer que a relação entre mães e filhas era muitas vezes assim, e pensou que ainda deveria ser mais difícil quando a mãe também era responsável pela filha enquanto sacerdotisa.

Porém, o resultado é que ela tenta governar-me de corpo e alma, pensou, ressentida. Ao descrever mais uma curva, um golpe de vento acariciou-lhe o cabelo, brincalhão, e fez a erva alta agitar-se como uma onda. A Senhora das Artes e das Canções reinava ali, pelo que certamente encontraria naquele lugar as palavras que fariam a mãe entender aquilo de que necessitava.

Riu, sentindo o espírito elevar-se inesperadamente. Anderle teve de me deixar fazer esta viagem sozinha. Ninguém pode viver a minha vida. Ninguém pode dar-lhe significado, nem a minha mãe nem, pensou de repente, mesmo que estivesse vivo, Mikantor.

Tirilan estugou o passo descrevendo a curva para a direita ao longo do eixo do Tor. O vento fez a névoa rodopiar em torno dela, trazendo consigo perfume das flores. Viria aquele perfume de algum prado protegido algures nos pântanos? Certamente não havia nenhum jardim ali no Tor. Sentiu a relva macia sob os pés e olhou para baixo. Ter-se-ia desviado do caminho? No meio daquela névoa, tudo era possível, mas não subira nem descera. Prosseguiu, mais devagar agora, fazendo um esforço para ver o caminho à sua frente.

Então, num breve lapso de uma respiração, a névoa desvaneceu-se.

Encontrava-se num mundo onde tudo era verde - a erva, cuja cor era muito intensa que parecia brilhar a partir do interior das coisas, as sebes verdejantes, uma sorveira cujas folhas ardiam como fogo verde, e sob a árvore uma mulher vestida com um vestido flutuante da cor da luz do Sol, coada por folhas tenras, e coroada com flores brancas. Por instantes, Tirilan pensou que era a mãe, pois o cabelo e os olhos escuros daquela mulher eram idênticos aos de Anderle.

Porém, Anderle nunca se permitira usar o cabelo assim tão solto e nunca tivera um olhar tão luminoso. Era a Senhora que Mikantor vira um dia.

- De qualquer modo, chamar-te-ei filha - disse a mulher, como se Tirilan tivesse expressado a sua dúvida em voz alta. - Pois são todos como filhos para mim. Sê bem-vinda, Eilantha, ao meu reino.

- Porque me dás esse nome? - Era o teu nome, quando nos conhecemos em cima deste monte. - A senhora sorriu. - Não te lembras de mim, mas eu recordo-me de cada um dos rostos que tomaste quando encontraste o teu caminho entre os mundos. Ofereço-te agora a escolha que sempre tenho concedido: fica comigo, e não precisarás de temer a perda de mais nada na tua vida.

Tirilan pestanejou, ao constatar que apareciam e desapareciam rostos por entre a folhagem. Para lá das árvores, alguns cervos pastavam num prado. Sorriu, recordando-se de que dançara com eles na ilha do Deus Selvagem. Já sentira a vida pulsante da terra antes, mas aqui esse espírito podia ser visto. Encontravam-se num pequeno vale de erva tenra, onde fora colocada uma toalha, coberta com todo o género de coisas apetecíveis. Algures, alguém tocava lira e pessoas muito belas convidaram-na para se juntar a elas na sua dança. O Mikantor que conhecera não passava de um garoto desajeitado. Qualquer homem deste reino era muito mais bonito do que ele.

A senhora soubera tentá-la, pensou então. Contudo, embora aquela pudesse ser a alma da terra, não era a realidade dura à qual acabara de prestar juramento, comprometendo-se a servi-la.

- Eu não posso - gaguejou, e a senhora soltou um

suspiro.

- Cada vez que espero que te decidas a ficar aqui, o juramento que fizeste obriga-te sempre a voltar ao teu mundo.

Bem, aquilo responde à pergunta sobre se teria sido uma sacerdotisa antes, pensou Tirilan. Fez a vénia que teria oferecido à Senhora de Avalon. enquanto tentava pensar em algo para lhe dizer.

- Tens alguma sabedoria para me oferecer?
Tirilan estremeceu quando a Senhora se riu. Aquela alegria não era indelicada, mas Tirilan sentiu um aperto no coração e o sangue a pulsar-lhe mais fortemente nas veias. Não sabia se queria gritar ou cantar, mas subitamente teve consciência de que a existência comedida que havia sido a sua já não lhe bastava.

- Fogo da terra ou terra em fogo, ambos procurarás, minha filha. Irá' sentir a paixão ardente, embora agora te sintas tão fria. A tua mãe fará de ti uma sacerdotisa, e sê-lo-ás, mas não do modo que ela previu. Prometeste-te a ti própria à terra, e serás uma sacerdotisa consagrada a estas terras. Prometeste-te ao povo, e deverás reverenciar o Senhor que o irá liderar.

Tirilan respirou fundo. Aquelas palavras estavam carregadas do seu próprio inebriamento, mas percebeu que deveria ser muito cuidadosa para evitar a ilusão, ou a desilusão...

- O que queres dizer com isso? - Contempla... e um dia entenderás...

A Senhora fez um gesto e o ar entre elas começou a brilhar. Dentro de uma esfera radiante viam-se imagens em constante transformação, uma mulher que também era um veado, uma mulher banhada em luar em cima de uma colina coberta de neve, uma mulher que se encontrava no grande círculo de pedra, agarrando uma espada embainhada. Havia outras imagens ao fundo, mas não conseguia distingui-las. A sua visão estava focada naquelas três. Enquanto as contemplava, as palavras vibravam na sua consciência: Sem Mim... não haverá vida, Sem Mim... não haverá noite que veja o amanhecer, Sem Mim... não haverá senhor que salve a terra, Sem Mim... não haverá esperança que renasça.

Mikantor pegou no copo e bebeu outro gole daquela cerveja, que era muito leve. A forma das casas, a língua que as pessoas falavam, até o vento dos pântanos brincava com as suas recordações. Porém, não poderia criticar a hospitalidade daquela gente. Quando o grupo que chegara no navio se fez ao caminho, a família da quinta que os acolheu ofereceu as cabanas que serviam de armazém para albergar aqueles que não cabiam sob o telhado redondo.

Crescera viajando de terra em terra com Velanto e habituara-se a novos lugares, mas ali eram ele e o ferreiro os estrangeiros. Buda começou a ajudar as mulheres, e Aelfrix, com a sua natureza habitualmente alegre, já tinha começado a fazer amizade com as crianças. Aelfrix, pensava Mikantor, era o tipo de jovem que se adaptaria sempre bem a qualquer lugar ou situação. Velanto, por outro lado, tinha uma expressão irritada, sentado no seu lugar junto à lareira. Apesar do Inverno do Norte, não se tinha desvanecido o seu tom de pele bronzeado, e os arranhões e contusões realçavam a força dos seus músculos robustos do peito e dos braços. Com várias costelas partidas, tivera

muita dificuldade em subir a costa, e mesmo que as pessoas da quinta se atrevessem a abordá-lo, pouco ou nada poderia dizer. O agricultor que chefiava aquele lugar era o único que conhecia um pouco a língua dos homens que vinham ali fazer comércio.

Ele terá de aprender, pensou Mikantor entre ansioso e divertido, assim como eu fiz quando cheguei à sua terra.

Por seu lado, Mikantor parecia fasciná-los. A dona da quinta estava junto dele com um jarro na mão. Compreendia o que ela dizia, apesar de desconhecer o dialecto, mas não tinha a certeza de que língua lhe sairia se lhe tentasse responder. Estendeu o copo com um sorriso. Conseguira lembrar-se de suficientes palavras para lhes contar a sua linhagem, mas não muito mais, na esperança de que estes os ajudassem. Estavam cobertos de sal e esgotados da viagem de três dias que haviam feito num mar alteroso.

Acharão eles que vim para os ajudar? Eu?, pensou ele, lembrando-se da visão que tivera do Tor. Começava a ter a suspeita algo incómoda de que haviam sido os deuses a preparar este regresso inesperado. E, nesse caso. os deuses teriam também contribuído para que tivesse sido escravizado ? Se os deuses faziam uma coisa dessas a um rapazito, então não os podia ter em grande consideração.

Provavelmente, Anderle teria dito que os deuses não trabalhavam para o pfazer dos homens, nem para si próprios, mas para o bem maior de todos. Ela quer que eu seja rei..., pensou sombriamente. E, se me lembro correctamente da visão que tive, há uma deusa que quer que eu seja um herói. Ele não se sentia nem rei nem herói, embora a boa carne das ovelhas que o povo

daquela zona matara para os alimentar já o estivesse a fortalecer. Velanto prometera consertar o arado do agricultor, o que parecia uma troca justa pela sua generosa hospitalidade.

OuvIU-se o som de alguém a chegar, e Mikantor pôs-se de pé. Tinha a mão sobre o sítio onde pendurara a espada, quando um homem jovem de cabelos castanho-claros afastou a cortina de couro que cobria a porta.

Os traços do homem, de nariz arrebitado, eram-lhe familiares. Estava vestido com a túnica clara de um sacerdote local e usava o cinturão verde de curandeiro, de corda entrançada. Parou, fitando os estrangeiros um a um. Ao ver Mikantor, arregalou os olhos cinzentos.

- Pica-Pau? És realmente tu? Ouvi dizer que tinhas sido levado por piratas, mas não pode haver dois homens com a mesma cicatriz na canela que eu atingi um dia com a minha vara. Mas o que me disseram na quinta foi outro nome. - Fixou Mikantor com um olhar estranho, entre esperançoso e desconfiado.

É Mikantor... - aclarou a garganta e sentiu o discurso de Avalon voltar-lhe à memória -, filho de Uldan. Este é realmente o meu nome verdadeiro. O outro era um disfarce. És Ganath, não és? Cresceste bastante.

- Também tu, meu amigo - retorquiu Ganath, olhando-o de alto a baixo. - E és filho de Uldan, hem? Assim muito se explica.

- Então isso é mais do que te posso dizer - respondeu Mikantor. - Senta-te e diz-me como vive o povo por cá. Eu vi a marca de um incêndio numa das

cabanas, mas a quinta parece próspera. Não consigo falar suficientemente bem o dialecto local para fazer mais perguntas.

- Oh, tivemos bastantes dificuldades com os assaltantes - explicou Ganath, aceitando um copo de cerveja oferecido pela dona da quinta com um sorriso.

- Como lidaram com eles? - perguntou Mikantor, lembrando-se das incursões pelos campos, em que Bodovos comandava os guardas. - Não conseguem obter ajuda do rei? - O rei Iftiken bem tenta, mas quando os pedidos de ajuda chegam a ele, os assaltantes fogem e, quando ele finalmente vem à costa, os bandidos de Galid aproveitam para atacar o interior.

- Galid! - exclamou Mikantor, consciente de que fora tomado por uma irritação crescente ao ouvir proferir esse nome. Porque haveria ele de estar preocupado com Anderle, perguntou-se então. Galid queria matá-lo, Anderle só desejava a sua alma.

- Quando os navios inimigos são avistados, as pessoas levam os seus animais para as pastagens ocultas pelos pântanos e escondem-se. Eles observaram-te durante um dia inteiro, antes de mandarem o rapazito fazer-vos até aqui, e ordenaram-me que aqui viesse também, embora não saiba o que esperam de mim. Eu sou curandeiro, e não um guerreiro, mas eles têm conhecimento que estudei em Avalon...

- E devemos ter parecido muito patéticos - disse Mikantor tristemente. - É bom saber que isso foi útil. Desde que estabelecemos o primeiro contacto com eles que nos têm tratado como se fôssemos familiares que já não tivessem esperança de reencontrar.

- Claro que sim - proferiu Ganath pensativamente -, por causa da profecia.

Mikantor fitou-o nos olhos.

- Que profecia é essa? - perguntou por fim.

- A do príncipe perdido... A criança que renasceu das chamas e que regressará para curar todos os nossos males e para nos proteger de todos os nossos inimigos. O filho perdido de Uldan. - Ganath respondeu com um sorriso estranho. - Pensei que soubesses...

- Anderle disse-me uma coisa parecida uma vez... mas eu não compreendo - retorquiu Mikantor meditando, lutando contra o impulso para correr até à praia e implorar ao capitão Stavros para lançar o navio novamente ao mar.

- Tenho de chegar a Avalon - disse então. - Estou feliz por estares aqui. Duvido que as pessoas daqui da quinta tenham alguma vez viajado mais do que uma dezena de léguas ao longo da sua vida, e eu preciso de informações sobre as estradas.

- Não é assim tão mau, eles deslocam-se aos festivais, às terras do rei. a norte daqui, o que me fez lembrar que devo enviar uma mensagem à Senhora Linne. Em relação à estrada, é fácil. Eu acompanho-te a Avalon.

Junto à casa da sacerdotisa havia um pequeno jardim, onde Anderle gostava de se sentar nos dias soalheiros. Esse facto não interferia muito com as suas outras funções, visto o tempo raramente estar bom, mas era um local protegido do vento, e hoje alguns dos botões de asclépias estavam a abrir, quais

pontos vermelhos translúcidos nas folhas brilhantes, semelhantes a flores douradas de cinco pétalas abertas para a luz. Não era vulgar os botões florescerem antes da época, por isso considerou o facto como um presságio. Talvez apanhasse uma haste e a colocasse sobre a porta para a abençoar, embora poucos espíritos hostis conseguissem penetrar nos limites de Avalon.

Sentou-se, descontraída, no banco de pedra e respirou profundamente, saboreando a paz que a rodeava. A paz... É um alívio, que não sentia havia muito. A filha tinha tomado os votos e voltara da sua viagem iniciática. Tirilan era agora sacerdotisa, ligada por laços eternos ao caminho que Anderle sonhara para ela...

O jardim era também um bom lugar para meditar. Na sua reunião com as sacerdotisas, no Outono anterior, Ti-Saharin tinha concordado em comunicar todos os dias ao meio-dia através dos caminhos do espírito. E se ninguém dava notícias naquela altura, então Anderle poder-se-ia sentar um pouco e descontraír. Estes momentos eram sempre bem-vindos, especialmente se o seu povo acreditava que ela estava a trabalhar. Acomodou-se mais confortavelmente, de costas direitas, mãos abertas sobre os joelhos e fechou os olhos. Talvez, pensou, dormitasse um pouco, embalada pelo zumbido das abelhas. Os estudantes pensavam sempre que eram os primeiros a descobrir que se podia dormir sentado e dar simultaneamente a ideia de que se estava a meditar, mas Anderle aprendera esse truque havia muito tempo. Se precisava assim tanto de descansar, achava que a Deusa não se importaria. Mas primeiro teria de se certificar se alguma das outras sacerdotisas teria recebido notícias.

Anderle respirou fundo e soltou o ar lentamente,

respirou fundo mais uma vez, saboreando os aromas da vida efervescente no jardim banhado pelo sol. Fora um dos primeiros dons que aprendera a desenvolver, havia mais de trinta anos, e ainda tinha muita dificuldade em deixar que as lembranças se soltassem. Inspira... expira... as antigas disciplinas tomaram conta de si. A consciência da presença das abelhas, o jardim e Avalon tudo se desvaneceu, não esquecidos, mas já não ocupavam toda a sua atenção. Aguardou um pouco, abrindo a sua alma ao Todo.

Apesar de toda a preparação que possuía, o contacto, quando chegou, quase a acordou do transe em que estava. Ou talvez tenha sido a exultação, muito intensa que mal reconheceu a fonte de onde provinha, a Linne. Não estou habituada a receber boas notícias!, pensou, ao enviar um sinal mental para a outra mulher, para se acalmar.

- Ganath enviou uma mensagem... - o pensamento de Linne chegou a Anderle. - Lembras-te, é um dos rapazes que estudaram contigo em Avalon. Eu tinha-o colocado na costa, perto do rio Stour, onde os comerciantes da Terra Grande vêm trocar mercadoria.

Quando os invasores os deixam, pensou Anderle.

- Chegou um navio da Cidade dos Círculos. Dizem que a cidade está a ficar submersa, mas o navio conseguiu escapar. Pica-Pau, o velho amigo de Ganath, vinha nesse barco! Acreditas que ele está vivo após todos estes anos? Mas agora chama-se Mikantor! Uma vez mais, o contacto fez com que o sangue de Anderle lhe subisse, revoltado, à cabeça. Toda ela tremia, num misto de emoções, entre o choque e a alegria.

- Onde está ele? - Anderle enviou um grito mental.

- Ganath tem provisões para eles. Estão a caminho de Avalon! - Que belas notícias! As melhores notícias que podia ter, minha irmã. Recebe a minha gratidão infinita! - Então vou-me embora. Deves ter muito que fazer, e eu também.

Quando o contacto foi quebrado, Anderle sentiu um alívio profundo, mas não sabia se deveria rir ou chorar. Esta fora a confirmação da visão que tivera no Tor. Era a recompensa por todos os seus trabalhos. Ele estava vivo! Levantou-se, esticando os membros rígidos por ter estado muito tempo sentada, e deu um passo de dança, encantada. Viu uma figura vestida de sacerdotisa azul perto da porta e sorriu radiante, pois quando a mulher se virou para a luz e o sol brilhou sobre os seus cabelos claros, viu que era a filha.

- Tirilan! Ouve! - Agora podia partilhar a alegria que sentia.

- Mãe, porque não me disseste nada? - A voz de Tirilan deixava transparecer um tom de acusação.

- Como poderia eu fazê-lo, só soube agora. O que queres dizer com isso? - Ellet diz que viste Mikantor num ritual que realizaste! - exclamou Tirilan. - Porque não me disseste que ele está vivo?

Anderle sentiu a alegria gelar-lhe nas veias ao ver o rosto da filha, as feições crispadas como na imagem da deusa da ira. Mas porquê? - Tirilan! - Colocou toda a sua autoridade no tom que emprestou ao nome da filha. A rapariga atrapalhou-se, parou a meio de uma palavra e caiu num silêncio abençoado.

- O que queres dizer-me? - Ellet contou-me -

respondeu Tirilan. - Agora que já fiz os votos e sou uma companheira iniciada, ela achou que eu deveria ter conhecimento do pequeno ritual que realizaste há algum tempo no Tor.

- Sim, naturalmente - começou Anderle a dizer -, mas...

- Tu viste Mikantor - repetiu a rapariga. - Não sabem o que isso significa para mim? - Foi uma visão... - balbuciou Anderle, constatando que a filha a tinha conseguido colocar na defensiva. - Esperávamos que sim, mas não tínhamos certezas...

- Esperança! Teria significado o mesmo para mim! Achas que me teria ligado a Avalon se tivesse tido conhecimento que o homem que amo ainda se encontra no mundo? Então era isso.

- Ainda gostas de imaginar que estás apaixonada por ele? Vocês eram crianças. Tu mudaste. Ele terá mudado. O que te faz pensar que tudo o que existiu entre vós não se terá alterado também? - Não é essa a questão - rebateu Tirilan amargamente. - Ao enganares-me, levando-me a tomar os votos, negaste-me o direito de saber se ainda o amo. Negaste-me o direito de escolher...

Anderle sentiu a ira incendiar-se dentro de si. Como se atreveria a filha a acusá-la, quando ela lhe dera o maior presente que possuía? - Até Mikantor voltar, como poderei eu saber? - Não terás de esperar muito tempo, então - retorquiu Anderle friamente. - Ele estará aqui antes de uma outra lua passar. Chora agora se queres e precisas, mas, quando ele chegar, deves estar pronta para o receber com um sorriso. Se Ellet te contou o que vimos, saberás que

os deuses não lhe reservaram um destino fácil.

DEZESSEIS

Maidenhills era um povoado constituído por diversas habitações redondas, agrupadas junto ao sopé dos montes; perto, via-se uma colina coroada por várias campas espalhadas de forma irregular. Aguardava-os uma multidão ansiosa de os saudar. Mikantor suspirou. Tivera esperança que pudessem passar despercebidos, como se fossem mais um bando anónimo de refugiados vagueando pelas terras, mas Ganath parecia determinado a transformar o seu regresso a casa num autêntico desfile. Em toda aquela região devastada pelo Inverno e pela guerra, haveria certamente alguém que comunicaria a sua presença a Galid e aos seus lobos. Mikantor só esperava ser mais rápido do que os boatos que corriam, os quais pareciam aumentar a cada légua percorrida.

Mikantor viu-se a braços com a necessidade nua e crua que lia nos olhos daquela gente. Havia sete homens e três mulheres, um bando de crianças que espreitava por trás das saias das mães e um adulto que de tão velho não se percebia se era homem ou mulher. Porém, as habitações estavam em melhor estado do que muitas que já tinha visto; de facto, duas das casas até pareciam ter sido construídas recentemente. Com um olhar apurado pelas recentes viagens que fizera, observou o tamanho dos currais, vazios nesta época, visto que o gado fora levado a pastar nas colinas. Os vastos campos que se estendiam para lá das casas estavam cobertos pelo verde esperança do trigo-selvagem e das hortas de onde brotavam varas de apoio, em torno das quais os primeiros rebentos dos pés de feijão se iam encaracolar.

Quando olhou novamente para as pessoas que se haviam reunido ali, outra figura se lhes juntara, um

rapaz alto que envergava uma túnica semelhante à de Ganath e que ele deveria certamente reconhecer.

- Ah, lá está ele! - Ganath sorria de felicidade. - Lembras-te dele? Foi sempre um rapaz bastante esguio, mas nunca pensámos que ficasse tão alto como uma jovem árvore.

- Beni... Beniharen... - O nome veio-lhe à memória. Mikantor olhou para cima e mais para cima ainda, enquanto o recém-chegado se aproximava rapidamente deles. Os meus velhos companheiros cresceram todos, pensou, mas este cresceu demasiado.

- Então estás de volta - disse Beniharen. - Já não era sem tempo. Disseram que tinhas morrido, mas eu nunca acreditei nisso.

- Porque não? Houve muitas alturas em que pensei que estava prestes a morrer ou em que desejei ter morrido! - Tens sorte - disse Beniharen simplesmente. - Isso era óbvio quando estávamos em Avalon. Tu comias sempre o último pedaço de pão. Além disso, tens sempre um plano.

Mikantor corou. Mas talvez seja melhor assim. Penso que muito em breve precisaremos tanto de sorte quanto de um plano.

- Esta é a tua aldeia? - perguntou em voz alta.

- Este foi o lugar onde a Senhora Shizuret me colocou quando nos dispersaram por vários sítios, após a praga que assolou estas terras. Não temos passado muito mal. Pensei que as pessoas poderiam estar mais seguras, se vivêssemos mais perto uns dos outros. Há mais coisas que levam um bando de ladrões a atacar-

nos, mas têm de ser um grupo mais numeroso e de estar mais bem armados para nos vencerem. Até agora tem dado resultado. - Encolheu os ombros, mas o indizível, a ideia de que se um ataque de um verdadeiro grupo de guerreiros armados ocorresse, estamos condenados de qualquer modo, pairou sobre eles.

- Podem construir uma cerca de arbustos e silvas - sugeriu Mikantor em voz alta. - Não seria suficiente para impedir um ataque bem concebido, mas atrasá-los-ia. - Já vira esse tipo de defesas nas terras que ficavam para além do Mar do Norte. - Mesmo um pobre arqueiro pode atingir um homem que esteja preso nos espinhos.

Beniharen concordou.

- Um plano, não foi o que eu disse? Vamos tentar implementar isso quando chegar o Verão. Agora, deixa-me apresentar-te - continuou. A um aceno dele, aproximaram-se dois casais, mais alguns homens e finalmente o velho, que afinal revelou ser uma mulher, a avó de uma das esposas.

Mikantor apertou a mão da mulher mais velha com cuidado. Pensou que nunca conhecera ninguém com tanta idade.

- Abençoada sejas, boa mãe. Espero que te encontres bem.

A mulher fitou-o com um olho que ainda tinha algum brilho e soltou uma gargalhada.

- Na minha idade, jovem, estar de pé e conseguir andar já é muito bom. Quando o tempo está húmido, doem-me as articulações e nos tempos que correm, o que

temos é dias húmidos. Estas mãos já não servem para fiar. - Estendeu os dedos de tal modo retorcidos que pareciam garras. - Mas ainda estou viva e com força suficiente para mexer o caldeirão e entreter a minha neta com histórias sobre os tempos em que eu tinha a idade dela e em que as coisas corriam melhor do que agora. - E ofereceu um sorriso desdentado à mulher mais nova. - Sessenta e sete invernos merecem algum respeito, não é verdade? Mikantor concordou, lembrando-se que Kiri tinha essa idade quando morrera de peste. Na altura achavam-na muito velha, mas parecia muito mais jovem do que esta mulher que se encontrava agora à sua frente. Ele nunca havia apreciado as vantagens de viver em Avalon. A alimentação era simples, mas não tinham de semear nem de colher os seus próprios alimentos. Ganath e Beniharen eram mais altos e mais robustos do que os outros homens da sua idade. Talvez existisse alguma virtude especial no ar de Avalon.

Mas porque não poderia toda a gente viver tanto tempo e tão bem? Mesmo quando as estações do ano eram demasiado rigorosas, se a terra fosse bem gerida, tinha capacidade de alimentar todas as pessoas. Pelo menos poderia, se trabalhassem em conjunto.

A neta estava ao lado da mulher velha, uma jovem robusta, com uma criança encostada ao peito, que se recusava a fitá-lo nos olhos. A avó fora mais destemida, mas talvez a velha tivesse menos a perder. Ainda assim, não entendia por que razão a jovem teria medo.

- Podes abençoar o meu bebé? - sussurrou a medo.

Mikantor pestanejou.

- Irmã, tu e os teus sabem que têm toda a minha boa vontade, mas eu não sou sacerdote, por isso não vos posso abençoar! - Tu és mais do que isso! - Então, a mulher ergueu o olhar para ele e Mikantor retraiu-se perante a esperança que viu nos olhos dela. - És o filho da profecia que nos há-de chefiar contra os homens maus! Eu sou apenas um homem... Sou apenas um homem... gritou uma voz hesitante dentro de si, mas de um lugar ainda mais profundo veio a resposta: Apenas um homem pode ajudar, e se não fores avante com isto, quem o fará? O pior que poderia acontecer seria fracassar. Pelo menos, pensou, se eu morrer a tentar ajudar o meu povo, haverá uma razão de peso! - Se acreditas nisso - deu por si a dizer -, então tentarei dar o meu melhor. - Tocou na mão do bebé e sobressaltou-se quando os dedos minúsculos da criança lhe agarraram um dedo. - Se fores tão forte em adulto como és na infância, serás um guerreiro poderoso! - disse ele à criança. - Sejam quais forem as bênçãos que tenho para te dar, são tuas, assim como a minha boa vontade! A jovem mãe virou-se e encaminhou-se para junto das outras mulheres, que já estavam a dar as boas-vindas a Buda. Velanto e Aelfrix, que acompanhavam o pónei que transportava a carga, estavam perto de Ganath, olhando em redor com curiosidade.

- Bem dito! - Beniharen riu-se. - Agora vem falar com os homens sobre a tal cerca de espinhos.

- É uma ideia simples - explicou Mikantor quando se reuniram todos em volta da lareira acesa na maior das casas redondas. - Fazem uma estrutura com ramos de salgueiro e amoreira entrelaçados, ou podem usar ramos de espinheiro ou outra coisa parecida. Deve ser suficientemente alta para que qualquer pessoa que tente passar por cima dela se transforme num bom alvo, e arranjem alguns obstáculos em vime para que se

possam esconder atrás dos mesmos quando atirarem. Têm arcos, não têm? - Os homens responderam afirmativamente, mas não pareciam muito confiantes. Mikantor tentou recordar-se do que Bodovos inculcara na cabeça dos guardas da Cidade dos Círculos.

- Bem, então vamos agora à parte prática! Praticarão todos os dias, estabelecendo alvos a distâncias diferentes, até conseguirem atingir um objecto do tamanho de um homem sempre que dispararem. Se os arcos não são fortes, tentaremos encontrar alguém que vos possa ensinar a fazerem-nos melhor. As lanças são uma boa arma, mas devem deixar sempre a distância de um braço do vosso inimigo.

- O sílex fura tão bem como o bronze - resmungou um dos homens - e há muito disso por cá.

- Os antigos, que repousam nas sepulturas de pedra lá em cima, usavam pontas de sílex - alvitrou outro homem.

- Então, peçam-lhes a sua bênção - concordou Mikantor - e a sua maldição para os vossos inimigos. - A resposta suscitou alguns risos, e Mikantor, agradecido, aceitou um copo de cerveja, enquanto a discussão mudava de rumo e se centrava na saúde do gado e no estado dos campos.

- Outras aldeias poderiam fazer o mesmo - proferiu Ganath pensativo, sentando-se ao lado dele. - Se alguém lhes mostrar como.

- Eu não posso estar em toda parte - começou por dizer Mikantor. com a mesma sensação de estar a ser conduzido por forças desconhecidas que já experimentara no mar.

- Claro que não, e, além disso, espero que comeces a treinar os guerreiros. Mas poderíamos levar homens para Avalon, ensinávamo-los todos de uma só vez e depois mandávamo-los de novo para as suas terras.

- Enquanto eu treino combatentes... - Mikantor suspirou. - Tu, ou alguém, parece ter já o meu futuro completamente delineado.

- Não finjas que não tinhas ainda pensado nisso - proferiu Ganath. erguendo uma sobancelha.

- Nos meus piores pesadelos - murmurou Mikantor. - Tens de entender, vi uma cidade grande ser completamente saqueada e lutei contra bandidos tão terríveis quanto qualquer um dos homens de Galid ou estes caciques que lideram os bandos que vos atacam. Achas realmente que se pegarmos em armas e o enfrentarmos será uma caminhada alegre e divertida em direcção à vitória? As pessoas aqui não vivem bem, mas vivem. Neste povoado há sete homens adultos. Deixa três a trabalhar a terra e envia os outros quatro para a guerra. Sabes quantos voltarão para casa? Nas batalhas morre-se, Ganath. Habituei-me à ideia de lutar sozinho, mas levar outros homens para a morte ainda me assusta.

- Mikantor... os homens morrem. Por mais cauteloso que sejas, nunca poderás impedir isso. Não lhes vais permitir escolher, tal como fizeste, entre morrer por alguma coisa ou viver sem sentido? Mikantor olhou-o. Dissera precisamente isso não havia muito tempo.

- Quem te ensinou a lutar com tanta astúcia? - perguntou finalmente. - Não pensavas assim quando estudávamos juntos em Avalon.

- Também não te costumavas comportar como um guerreiro - respondeu Ganath. - Crescemos, Pica-Pau. Se os deuses forem bons para nós. chegaremos à velhice.

Eu cresci, Mikantor olhou através do fogo para Velanto, que estava sentado no meio dos homens, tentando comunicar, apesar de não compreender bem a língua das tribos. Graças a ti, pensou comedidamente. Como se ele tivesse falado, Velanto olhou-o e sorriu. Nós vamos sobreviver, Mikantor tentou enviar-lhe este pensamento. De alguma forma, hei-de descobrir como.

Os montes estavam envoltos em névoa, a qual, alternadamente, se adensava em torno dos cumes ou se desvanecia deixando entrever os campos vastos do vale. Era tão impressionante como a visão da Argólida a partir de Micenas, pensou Velanto, se a pudessem ter visto em condições. Mikantor garantia-lhe que na sua terra existiam montanhas tão grandes em porte e nobreza quanto em qualquer Aqueia, mas desde que haviam começado a >ubir os montes pelos trilhos antigos, apenas se lhes revelava uma vasta encosta verde que desaparecia por entre o nevoeiro.

O ferreiro aconchegou-se ainda mais na roupa de pele de carneiro que adquirira a um dos agricultores em troca de uma flecha de bronze. Esperava que o vento húmido afastasse a neblina cerrada, mas, contrariamente, este fazia com que as nuvens rodopiassem e se tornassem ainda mais densas. O seu povo contava histórias de magia sobre névoas enviadas pelos deuses para ajudar os seus eleitos a afastar o perigo. Tanto que ele gostaria agora que uma dessas névoas o levasse a salvo para um lugar quente.

O que eu preciso, pensou Velanto, melancólico, é de uma forja. Fazer arder um fogo bem quente, sem me preocupar com o tempo que faz lá fora. A forja, a sua imagem da Senhora a zelar por ele e o metal para trabalhar. Então, onde quer que a sua moira o levasse, estaria em casa. No seu país, podia nomear os espíritos das montanhas e das árvores. Sem dúvida que nesta terra existiam divindades, mas não falavam com ele.

Observou Mikantor, que caminhava à frente da coluna, e viu-o a uma nova luz, apreciando agora o estoicismo com que o rapaz suportara o exílio. Tentou convencer-se de que o seu próprio destino não tinha qualquer importância - ele não tinha lugar na sua própria terra -, ao passo que Mikantor, ao regressar a casa, viera cumprir o seu. Era estranho como desde que ali chegara o rapaz havia crescido, talvez não em altura, mas em presença. Ao comprometer-se mais plenamente com o seu povo, transformava-se gradualmente no líder que todos desejavam.

Durante todo este tempo julguei que Pica-Pau fora enviado pelos deuses para me ajudar, pensou o ferreiro. E agora parece que afinal eu é que fui enviado para fazer Mikantor de volta para casa, treinado e pronto para tomar o lugar onde os deuses querem que ele esteja.

Olhou para cima quando os outros pararam. Mikantor dizia que deveriam começar a descer a encosta para procurarem abrigo numa das quintas no vale. O rapaz alto, Beniharen, achava que não conseguiriam lá chegar antes de escurecer. Velanto estremeceu novamente. Ganath apontou em frente e Velanto deparou com um túmulo antigo.

- Dormir perto dos mortos é dormir com eles - murmurou Buda na sua língua.

- Quando eu era criança, a Senhora Anderle escondeu-me num túmulo para fugir aos homens de Galid - comentou Mikantor e sorriu. - Os mortos não me fizeram mal nenhum! - Esses antigos, eles são amistosos? - perguntou Velanto.

- Se nós os honrarmos - respondeu Beniharen, falando devagar. - As pessoas deixam aqui oferendas ao deus do trovão, e os filhos do Povo das Colinas vêm cá ocasionalmente. Foram os primeiros a habitar esta terra. Já cá estavam quando as tribos chegaram. São parentes do Povo do Lago. que me protegeu e aceitou.

- Vamos montar acampamento aqui - disse Mikantor. Velanto pensou que a decisão que Mikantor havia tomado devia ter sido motivada por um desejo enorme de fugir das pessoas que olhavam para ele com um desejo de salvação. O ferreiro sentira o mesmo durante os últimos dias de Tirinto. quando era o único filho sobrevivente de Fórcis. Ter pessoas à sua volta que olhavam para ele como se pudesse realizar um milagre havia-o curado de qualquer desejo que pudesse sentir de ser rei.

Pararam meia légua mais adiante, após um declive onde a erva havia sido retirada para revelar a rocha calcária branca que jazia por baixo. Mikantor explicou que representava a cabeça da figura de um cavalo gigante esculpida na encosta, mas como estava a ficar muito escuro já não se conseguia ver grande coisa.

Enquanto Aelfrix amarrava o cavalo num sítio onde o animal pudesse pastar, Buda e Beniharen começaram a preparar a refeição. Velanto afastou-se por entre o

arvoredo. Sentia as pernas doridas da marcha daquele dia. mas uma inquietação que não conseguia definir impelia-o para longe da companhia dos outros homens. Por entre os troncos das árvores, vislumbrou duas pedras grandes e cinzentas e parou, de olhos esbugalhados, enquanto na memória lhe surgia a imagem dos pilares que flanqueavam a grande porta de Tirinto.

Avançou mais lentamente. Até àquele momento só vira estruturas de madeira naquelas terras, o que o levava a concluir que aquelas gentes não eram capazes de construir coisas mais grandiosas. Porém, os grandes monólitos de arenito cinzento com que deparou ao sair de entre os ramos das árvores equiparavam-se aos de qualquer das pedras ciclópicas que havia em Tirinto. Além disso, percebeu, à medida que se aproximava, que aqueles blocos de pedra eram mais antigos. Uma fileira de pedras planas com quase o dobro da altura de um homem constituíam a fachada de um túmulo elevado e cercado por pedras menores, que criavam um fosso de ambos os lados. Perto da entrada, a terra tinha desmoronado ligeiramente, revelando parte das lajes poderosas de uma passagem envolta na escuridão. Naquelas terras, os homens não construía para defender a vida, mas para honrar os mortos.

Seguiu o caminho que circundava a sepultura e chegou à entrada. Sobre uma pedra lisa, alguém colocara a carcaça de uma perdiz e um ramo de prímulas de tom creme. Estavam ambos frescos ainda. Velando endireitou-se, olhando ao seu redor, com a sensação desconfortável de estar a ser observado por olhos invisíveis. Procurou no bolso do cinto qualquer coisa que pudesse deixar como oferenda e retirou uma chave de bronze que se tinha soltado de uma caixa durante a travessia. A caixa já não tinha reparação possível, mas o bronze era um pedaço da sua própria forja que

ele guardara. O metal tilintou levemente quando o depositou sobre a pedra e, como um eco, ouviu um estrondo distante.

Um trovão... pensou Velanto com tristeza. As capas de lã oleada que tinham esticado entre as árvores pareciam-lhe subitamente um abrigo muito pouco desejável. Estremecendo mais uma vez, voltou costas, tropeçou e caiu. Quando tentou levantar-se, apoiou a mão e magoou-se ao embater em algo duro e liso. Pôs-se de cócoras, sufocando uma praga, ao sentir uma dor aguda no pulso que tinha torcido. A rocha sobre a qual caíra ainda estava num nível abaixo da sua outra mão. Era uma pedra granulada, com cerca de metade do comprimento do seu antebraço, arredondada numa das extremidades, larga e achatada como uma lâmina sem corte. Na verdade, tinha a mesma forma que o túmulo. Uma pedra natural não podia ter uma forma tão regular. Aquilo era uma ferramenta, constatou, uma espécie de cunha em pedra que era usada pelos construtores para dividir a madeira. Serviria para martelar o bronze também, pensou, tomando-lhe o peso. Parecia ajustar-se de forma estranha à sua mão.

Enfiou o sílex no bolso e ergueu-se, sentindo um alívio no coração, apesar de o vento soprar mais forte agora, como que sussurrando feitiços às árvores. Sentiu o cheiro a comida, estavam a cozinhar um ensopado de grãos, verduras e carne de lebre, que Aelfrix caçara com a sua funda. Pelo menos seria algo quente e substancial. Velanto já perdera a esperança de ingerir uma refeição mais saborosa nesta terra húmida do Norte.

Depois de terem comido, colocaram terra sobre a fogueira para a apagar e enrolaram-se nas mantas no interior do abrigo. Estavam todos cansados da marcha

daquele dia e Velanto ficou a ouvir a respiração variada dos companheiros adormecidos. Só ele permaneceu acordado, ouvindo o vento a aumentar de intensidade, chicoteando os ramos das árvores e abanando o pano que os cobria, enquanto os trovões ribombavam cada vez com mais força. Aguardou assim, entre apreensivo e resignado, até que as primeiras gotas de chuva, sibilantes, começaram a cair.

Aelfrix, que dormia próximo da borda de uma das coberturas, devia ter apanhado alguns pingos, porque se mexeu, resmungando. Então surgiu subitamente um raio por entre os ramos das árvores, iluminando o pano preto que lhes servia de tecto. Velanto esperou, contando os instantes, até um trovão ribombar nos céus, rasgando-os para libertar uma torrente de chuva. O vento levantou todos os panos, ondulantes, separando-os dos paus onde estavam presos, primeiro um, depois outro, os quais esvoaçaram como velas-rasgadas. De repente, todos começaram a correr, procurando abrigo sob as árvores. O vento soprava em rajadas, levando a chuva para todo o lado. Em breves instantes ficaram completamente encharcados.

Velanto abrigou-se atrás de uma faia, vacilando quando os relâmpagos recomeçaram. Os trovões sucediam-se agora rapidamente.

- Não podemos ficar aqui. - Ouviu-se a voz Mikantor através do caos. - Vamos pedir aos antepassados para nos darem abrigo! - Queres que nos refugiemos no túmulo? - A voz de Ganath tremia.

- Não! Os fantasmas comem-nos as almas! - proferiu Buda, chorosa.

- É melhor ficarmos aqui - disse Beniharen com uma

voz profunda. - A tempestade está a mover-se rapidamente e vai passar em breve.

Outro relâmpago brilhou repentinamente por entre os galhos das árvores e o trovão, ribombante, rachou mais uma vez os céus, como o Ferreiro Divino. Novo relâmpago, um grande carvalho à beira do bosque ficou envolto em chamas. Os trovões retumbavam em torno deles. Quando a trovoadá amainou, Mikantor instou-os de novo a procurar abrigo no túmulo.

- Eu vou primeiro. - O jovem quase arrastava Buda atrás de si. Aefrix seguiu-os. Ganath e Beniharen eram pálidos vultos logo depois deles. Ainda envolto no manto em que se enroscara para dormir, Velanto levantou-se e caminhou aos tropeções no seu encalço. A pedra que trazia no bolso bateu-lhe na coxa. E se tivesse roubado inadvertidamente uma oferenda aos Antigos" - Ó Antigos, pedimos a vossa misericórdia. - A voz de Mikantor ecoou contra as pedras. - Protegeei o meu povo e, se estais furiosos com alguma coisa, deixai cair a vossa ira sobre mim! Por entre o uivar do vento, ouviu o murmúrio de súplica dos companheiros que o seguiam. Outro rasgo de luz nos céus mostrou-lhe a abertura do túmulo, num relevo austero, e Beniharen, de tão alto que era, teve de se dobrar para conseguir passar.

Os antepassados talvez estivessem furiosos, mas a ira do deus do trovão era uma certeza. Por instantes, Velanto hesitou no limiar da sepultura, depois deslizou entre duas das grandes pedras e subiu o monte para ficar em cima da entrada do túmulo. Com o cabelo desgrenhado e o manto encharcado a esvoaçar-lhe sobre os ombros, retirou o machado de pedra da bolsa e ergueu-o ao céu.

- Diwaz Cerauno - gritou -, ou seja qual for o nome que te chamam aqui, se eu tiver feito algo de errado, deixa-me ser o único a sofrer. Poupa estas pessoas, porque elas não fizeram mal algum! Os relâmpagos troavam no seu máximo fulgor. Ele seria...

Deixou de pensar quando o som e a luz da tempestade explodiram em redor dele. Cada pêlo do seu corpo eriçou-se ao sentir a força poderosa que se infiltrou pela sua pele húmida e na roupa que trazia, percorrendo-o e enterrando-se pela terra abaixo. Então tombou. Cego e surdo, sentiu as mãos dos amigos a puxá-lo, ainda tomado por um formigueiro e tremuras, até que o deitaram sobre uma pedra seca e fria.

- Velanto, é de manhã, consegues ouvir-me? Acorda, por favor! - Era a voz de Pica-Pau. Velanto resmungou, sentindo cada músculo dorido ao retomar a consciência. Estava doente, lembrava-se, por isso devia estar no templo de Apolo, mas por que razão os sacerdotes o haviam deixado ficar no chão duro? - Frio... - murmurou. O ar cheirava a fumo de lenha e sentia o aroma da terra molhada pela chuva.

- E é assim que deves estar - repreendeu o rapaz. - Mas Buda já fez a fogueira e tem água a aquecer para o chá. Consegues sentar-te agora? - Velanto sentiu um braço forte soerguê-lo e abriu os olhos. Uma luz pálida e dourada tremeluzia através de um corredor formado por pedras portentosas. O rapaz amparava-o, não, era o homem, Mikantor... A seguir ao nome vieram-lhe à memória os acontecimentos.

- Diwaz Cerauno salvou-nos... - murmurou. Sentia-se fraco e doente, mas estava vivo.

- Alguém certamente o fez - respondeu Mikantor -, e

é mais do que tu mereces. O que achavas que podias fazer pavoneando-te lá em cima? - Eu pensei que... podia ser preciso um sacrifício...

Com esforço, Velanto tentava pôr-se de pé e Mikantor ajudou-o a levantar-se.

- Onde está a pedra? - A que tinhas nas mãos? Tivemos de a arrancar dos teus dedos. Está ali, no chão...

- Dá-ma... por favor. - Velanto endireitou-se, olhando para o corredor. - Ajuda-me a levá-la lá para dentro - pediu Velanto quando Mikantor lhe colocou a pedra na mão. - Pertence ali.

- Estou a ver - disse o jovem, continuando a ajudá-lo. - Não posso fingir que não entendo, depois de ter feito uma oferenda semelhante. Apraz-me que os meus antepassados tenham sido mais gentis do que o teu deus.

O meu deus... Velanto sempre prestara culto à Senhora das Artes, com um sinal de cabeça a Epaitios. Porém, aqui, no Norte, as divindades de Diwaz e Epaitios estavam combinadas num único ser poderoso que o ferreiro não poderia voltar a ignorar.

O corredor terminava em três câmaras pequenas, assemelhando-se à forma de um martelo com um punho longo. Lançando um rápido olhar em redor, Velanto colocou o machado de pedra no chão.

- Fica em paz aqui - murmurou -, com a minha gratidão pela tua bênção.

Deixou que Mikantor o ajudasse a percorrer a

passagem de volta ao exterior. Já andava quase normalmente quando emergiu para a luz do novo dia.

- Como te sentes? - perguntou Mikantor, usando a língua dos Aqueus. Três dias tinham decorrido desde que haviam passado a noite na tumba dos antepassados, devido à forte tempestade, mas ainda estava preocupado com Velanto.

- Muito bem - respondeu Velanto com um ar distraído, sorrindo levemente ao ver dois cisnes emergirem por entre os juncos, à beira do rio. e a flutuarem pelas águas, por entre nuvens de penas. Os viajantes tinham descido o trilho ao longo dos montes e seguiam junto ao rio Aman rumo às nascentes de Sulis, pois Mikantor decidira chegar a Avalon a partir do Norte, evitando os territórios de Galid. O ferreiro parecia ter recuperado fisicamente, mas havia um brilho vago no seu olhar que evocava a expressão que o ferreiro exibira após a noite que passara no templo de Apolo. Supunha que seria de esperar, quando se era tocado por um deus.

- Porque sorris? - perguntou Mikantor a Velanto.

- Estava a pensar que não sou a única pessoa sobre a qual se estarão a contar histórias agora...

O ferreiro franziu as sobrancelhas grossas numa expressão que lhe era familiar.

- Pedi a todos para não falarem do que aconteceu no túmulo! Mikantor sorriu.

- E nós sabemos ambos muito bem qual é o resultado disso quando os homens andam à procura de heróis. Quando Ganath e eu fomos a Carn Ava a noite passada, a

Senhora Nuya e a rainha já tinham ouvido falar de ti e de teres sido abençoado pelo Senhor do Trovão, e repreendeu-me por não te ter levado comigo. Foi alguém do Povo dos Montes que lhes contou. Diz-se que têm o dom de passar pelas pessoas sem serem vistos.

- Quando olhei para o túmulo, senti que estava alguém a observar-me - respondeu Velanto. - Talvez devesse ter ido contigo. Uma sacerdotisa será talvez capaz de me dizer por que razão ainda estou vivo.

- Pergunta à Senhora Anderle - sugeriu Mikantor -, ela tem sempre respostas. Velanto ergueu uma sobrancelha ao sentir um tom de amargura que Mikantor não conseguiu ocultar na voz. - Como se passou? - acrescentou, tentando distrair o homem mais velho. Quando chegassem a Avalon, velanto poderia formar a sua própria opinião sobre Anderle. Há três dias que Mikantor andava a pensar nisso. Era a primeira vez que Velanto parecia suficientemente concentrado para lhe poder fazer a pergunta.

- Deve ser o mesmo que um pedaço de bronze sente quando o martelo cai sobre ele... - proferiu o ferreiro lentamente. - Fui transformado, moldado, mas para quê não sei ainda.

- Sei bem o que sentes! - exclamou Mikantor com uma gargalhada curta. - Bem, estou grato por tu e eu continuarmos a trilhar o mesmo caminho. E por falar em caminhos... Tenho de descobrir o que o nosso guia está a achar tão interessante além.

O caminho subia através das encostas densamente arborizadas por faias e azevinhos, enquanto o rio corria cada vez mais rápido lá em baixo. O rapaz que tinham trazido de Carn Ava estava a olhar para a terra

enlameada, onde a estrada se ramificava num caminho estreito. Era sobrinho da Senhora Nuya e devia ser de confiança, mas falava pouco, parecendo intimidado pela companhia.

- O que é isto? - Velanto agachou-se ao lado do rapazito.

- Passaram muitos homens por este caminho. - O rapaz apontou para várias pegadas sobrepostas. - Vieram por aquele caminho e voltaram para o mesmo que estamos a seguir agora, não há muito tempo. São homens altos e fortes, e carregam fardos que não são muito pesados. Pode ver-se pelas marcas que ficaram impressas no chão, distantes umas das outras, como se caminhassem a passos largos e rápidos.

- Tens bons olhos - constatou Mikantor.

- Aprendi a controlar os invasores. Acho que estes homens vêm armados.

- Eu também penso assim... E acho que eles sabiam que estávamos a chegar, e que estão à nossa espera ao fundo da estrada, lá em cima, pensou Mikantor. De pouco serviria voltar para trás, pois se eles não aparecessem, os seus inimigos persegui-los-iam pela encosta abaixo e atacá-los-iam pela retaguarda.

- Mantenham-se atentos, enquanto eu falo com os outros - disse em voz alta, embora não fizesse ideia de como poderiam agir. Ele e Velanto eram os únicos guerreiros do grupo, e suspeitava que o ferreiro ainda estava fraco devido ao calvário por que passara. Alguém o deveria ter visto com Ganath em Carn Ava e relatara-o a Galid, a não ser que fosse apenas algum grupo de bandidos que por ali vagueasse. Ninguém que

tivessem encontrado anteriormente sabia o caminho que estavam a seguir e não lhe parecia que o povo mais antigo andasse a contar histórias a Galid. Então, não poderiam saber quantos elementos integravam o grupo nem quem eram.

- Oçam todos - proferiu. - Temos um problema.

Mikantor mudou a almofada por baixo da caixa que carregava ao ombro e inclinou-se mais uma vez, quando os guerreiros apareceram no topo da colina.

- Diwaz Cerauno, peço-te que estejas connosco agora
- sussurrou Velanto, que seguia à sua frente.

Deveriam rezar a Ereias, padroeiro dos viajantes e dos ladrões, pensou Mikantor. Certamente que algum deus lhes concederia um milagre. Velanto puxou o véu que Buda tinha engenhosamente enrolado em torno da sua cabeça. Galid não reconheceria aquele modo de trajar, pois nunca fora visto nas terras do Mar do Meio. Desde que Velanto parecesse um estrangeiro, não importava se aparentasse ser um idiota. Mikantor, com o cabelo escurecido pela fuligem e a pele coberta com uma aplicação artística de lama e sujidade, envergava roupa que não condizia uma com a outra, que lhe fora emprestada pelos membros do grupo, e carregava uma parte da carga que fora retirada ao cavalo.

Se saíssem vitoriosos daquele sarilho, pensou, entre desesperado e divertido, seria devido às habilidades de Buda, que se esmerara nos disfarces. E se os seus inimigos conseguissem descortiná-lo por detrás daquela palhaçada e os atacassem, Mikantor trazia a espada escondida entre os paus que carregava ao ombro para se poder defender.

Velanto ergueu a mão e o seu grupo estacou de repente, com exceção do cavalo, que continuou a avançar, arrastando Aelfrix atrás de si. Tinham retirado a cobertura da caixa de ferramentas que o animal transportava, de modo que os trabalhos em latão que se encontravam no seu interior brilhavam ao sol. Os lábios de Mikantor estremeceram quando o ferreiro se endireitou, de peito erguido, numa pose que os comissários de Fórcis adoptavam quando estavam prestes a fazer uma declaração com pompa e circunstância.

- Parem e deixem passar um mestre ferreiro de Tirinto - disse Velanto na língua da Aqueia e, em seguida: - Parem, homens-espada, o que querem? - proferiu, pronunciando intencionalmente mal a língua das tribos.

- Estrangeiro, que tens aí? - zombou um dos recém-chegados. Os outros soltaram uma gargalhada.

Espreitando debaixo da sombra do fardo que transportava, Mikantor contou cerca de uma dúzia de homens resistentes e austeros com escudos pendurados às costas e armados com espadas e lanças. Eram demasiados para poderem lutar contra eles. Estava contente por ter aconselhado Ganath e Beniharen a esconderem-se na floresta, pois teriam sido certamente reconhecidos. Dois ainda se podiam esconder, mas não todos. Haviam-lhe implorado que os acompanhasse, mas não podia deixar Velanto enfrentar sozinho os seus inimigos.

Os atacantes levaram as mãos às espadas quando Velanto sacou do martelo, que estava pendurado no cinto, e o ergueu, o bronze brilhando ao sol.

- Bronze - clamou o ferreiro. - Eu faço. Precisa?

Quando brincavam às escondidas em Avalon tinham aprendido a criar uma esfera de protecção que desviaria o olhar de quem os procurasse. Esperava que os amigos se tivessem lembrado de como tal se fazia. Tirilan era a melhor nessa matéria. Conseguia estar no meio do campo de jogo e permanecer invisível. Evocou a imagem de Tiri, surgindo à luz do Sol brilhante quando deixava cair o escudo protector. Em breve a veria. Ao ser invadido por este pensamento, o coração começou a bater-lhe desordenadamente, numa tensão que nada tinha a ver com o perigo presente que corria. Vê-la-ia, mas primeiro teria de sobreviver àquele dia.

Os guerreiros tinham-se espalhado para bloquear a estrada e sorriam perante o espectáculo daquele homem de barba preta e turbante ridículo a brandir um martelo. Mikantor agachara-se na poeira, um joelho flectido, de modo a poder saltar a qualquer momento, caso fosse necessário. Eu não sou uma ameaça... projectou o pensamento, não sou ninguém que devam temer... não sou ninguém mesmo. Durante o período de escravidão, tinha aprendido a não ser ninguém. Sentiu um aperto no estômago devido ao esforço que o levava a fazer o mesmo agora, na sua própria terra.

Um homem saiu aos empurrões de entre o grupo de atacantes. Era mais baixo do que a maioria, mas tinha uma compleição robusta e o cabelo grisalho entrançado com fios de ouro. Vestia uma túnica de couro, pesada, e um manto avermelhado, preso com uma corrente de ouro. Mikantor olhou para as tranças e sentiu um arrepio, lembrando-se da história que Anderle lhe contara sobre a destruição do Azan-Ylir.

- O que eu precisar levo e mando parar quando quero. Eu sou a lei nestas terras...

Poderia empunhar a minha espada e alcançá-lo em meia dúzia de passos. pensou Mikantor, tremendo. Depois disso, derrubá-lo-iam com toda a certeza, mas se aquele era Galid, talvez valesse a pena o preço. Ou valeria, se a tirania de Galid fosse o único problema daquelas terras. A pouco e pouco. conseguiu dominar-se.

Velanto estendeu as mãos, fingindo confusão.

- Não falo, não falo. Tu quer bronze? Mikantor apertou os lábios num sorriso, pois, embora o ferreiro falasse pouco, já entendia muito bem a língua das tribos.

Galid gesticulou com impaciência a um dos seus homens, que se adiantou.

- Tu falar língua de comércio? - perguntou num dialecto próximo do que se falava na Cidade dos Círculos.

- Sim! Sim! - Velanto sorriu com a boca toda escancarada. - É por isso que aqui estou. Vim comprar cobre e estanho. Disseram-me que vocês têm ricas minas no Oeste. - Acenou na direcção das terras do Ai-Ushen.

- Tínhamos - foi a resposta que recebeu -, mas já não temos.

- Verdade? Bem, então, talvez depois vá para o Sul, onde há estanho.

Galid murmurou algo para o intérprete.

- O meu senhor pergunta quem são aqueles que vêm contigo? - Fez um gesto com a cabeça em direcção a

Buda, que tinha escurecido o seu próprio rosto e se esticou desajeitadamente para esconder a sua figura rechonchuda, e Aelfrix, que baixou a cabeça.

- Meus servos - respondeu Velanto, como se estivesse surpreendido com a pergunta. - A mulher cozinha, o menino leva o cavalo.

- E o grandalhão? - Ah, é o meu Héracles. - Velanto sorriu com azedume. - Ele carrega as coisas pesadas e trabalha no fole da forja. É forte, mas pouco esperto.

Mikantor sentiu o olhar de Galid sobre si e ficou mais quieto ainda.

- Vê o que ele tem nos cestos.

- O meu senhor quer que abras as caixas - repetiu o intérprete.

Velanto assentiu.

- Héracles - disse ele na língua dos Aqueus -, descarrega o cavalo. E tem cuidado, em nome de todos os deuses.

Mikantor soube interpretar o aviso. Tirou os fardos que levava e cambaleou. Se Velanto era capaz de fazer de tolo, então ele também era. Deixou cair os braços e dirigiu-se, balançando-os, até ao animal, começando a destreçar as cordas. Sentiu os músculos estalarem ao pegar na caixa de carvalho, que caiu com clamor no chão. Velanto ajoelhou-se à sua esquerda para abrir o ferrolho e escolheu uma das pontas de lança que estava logo ao de cima, colocando-se entre Galid e Mikantor.

- Este é o meu trabalho, desejas comprar? - O metal quente brilhou ao sol quando pegou na peça.

- Quantas dessas tem ele? - murmurou Galid ao outro homem.

- Seis, senhor.

- Leva-as. Diz-lhe que é para comprar a sua passagem pelos meus territórios.

Velanto ficou rígido quando o intérprete lhe traduziu isto.

- Mas isso é roubo! Eu sou um ferreiro, abençoado pelos deuses. Os deuses não gostam que me tratem assim! - Então deixa lá que os deuses irão recompensar-te! - respondeu o intérprete.

Quando o homem começou a retirar as pontas de lança, Velanto colocou a mão sobre o ombro de Mikantor, apertando-o com força. Ele ficou onde estava, mas o seu sangue fervia a tal ponto que certamente lhe deveria estar a sair fumo pelas orelhas.

- Fica quieto, posso fazer mais... - Velanto misturava as palavras com pragas na língua dos Aqueus, enquanto os guerreiros se riam às gargalhadas.

Mikantor manteve a cabeça baixa, murmurando as suas próprias maldições, enquanto ouvia Galid e os seus vilões afastarem-se.

- Chiu... silêncio, mantém-te quieto agora - murmurou o ferreiro. - Já se foram embora. Levanta-te e volta a carregar o cavalo, mas com cuidado, pois

eles podem ter deixado alguém nas redondezas para nos espiar. Vamos prosseguir o nosso caminho e não causar problemas, e à noite pode ser que já seja seguro os teus amigos juntarem-se a nós.

Falou num tom cantante, pensou Mikantor, como um homem que doma uma égua rebelde.

- E como bom escravo que sou, vou obedecer - resmungou amargamente.

- Mas já não és meu escravo - retorquiu Velanto. - Agora irás servir esta terra.

Mikantor olhou para cima e sentiu o aperto no peito afrouxar ao ver o sorriso triste de Velanto.

- Assim é... - disse num sopro. - Mas, juro-te, a próxima vez que me encontrar com aquele homem terei uma espada na mão!

DEZASSETTE

Mikantor levantou-se mal houve luz suficiente para carregar o pónei e despertou os outros, sob protestos e resmungos, que pegaram numa qualquer peça de roupa com que não tivessem dormido e fizeram-se à estrada. Ele próprio pegou nas rédeas do animal e começou a andar.

- Pelo menos podias deixar-nos comer qualquer coisa - murmurou Ganath, que caminhava ao seu lado. - Porquê tanta pressa? Se o Tor permaneceu aqui durante todo o tempo que estiveste fora, com certeza não desaparecerá hoje.

Como as terras da rainha do Povo Escondido? Mikantor encolheu os ombros. Ele próprio não compreendia a urgência que sentia. Haviam passado quase sete anos desde que deixara o Tor. Parecia-lhe uma eternidade. Parecia-lhe que tinha passado apenas um dia. Irei eu acordar de um sonho e encontrar-me mais uma vez com catorze anos de idade? Mesmo que tivesse vivido todo esse tempo em Avalon, não queria passar por todos esses anos novamente.

- Se chegarmos lá cedo, talvez nos ofereçam o almoço, que será muito superior ao que teríamos tomado aqui - disse, consolando-o. - Não podemos estar a mais de duas léguas de distância.

Haviam passado a noite na última elevação de terreno a leste do Vale de Avalon. O trilho que percorriam agora seguia através de uma paisagem que era um misto de campos de pastagem e floresta. A medida que o Sol se erguia no horizonte, o céu ia passando gradualmente por vários tons, desde um cinzento-nebuloso a um ouro-pálido, evoluindo por fim

para um róseo-nacarado brilhante, como o interior de uma concha.

O cavalo recuou ao ouvir um rumor no arvoredor. Dois cisnes brancos levantaram repentinamente voo. Num primeiro impulso, ouviu-se o ruído de asas a bater para em seguida se transformar num voo sereno, ao atingirem o céu. Pouco tempo depois, os viajantes emergiram de entre o intrincado de ramos da floresta e viram o Tor. Mikantor parou, contemplando o cone perfeito que se erguia acima das névoas, recortado contra o céu róseo.

Depois do que lhe pareceu um longo período de tempo, apercebeu-se de que Velanto se encontrava ao seu lado.

- É aquela a tua casa? - Foi, um dia... - respondeu Mikantor, não sabendo se queria referir-se à sua infância ou àquela outra vida sobre a qual a rainha do Reino Oculto lhe falara um dia.

- É muito bonito - respondeu o ferreiro calmamente.

Mikantor assentiu.

- É lá que habita o meu coração, embora não creia que esteja destinado a viver ali durante muito tempo.

Velanto agarrou-lhe repentinamente o braço com força, falando rapidamente na língua dos Aqueus, como continuava a fazer sempre que se comovia.

- Então não vás lá! Os deuses concederam a Aquiles a possibilidade de escolher o seu destino: morrer jovem e gloriosamente, ou velho e feliz. Deram-te os deuses essa escolha? Podemos deixar esta terra e

dirigir-nos para o Sul, mais uma vez.

Mikantor abanou a cabeça e cobriu a mão do outro homem com uma das suas.

- Não te preocupes, os deuses não me fizeram nenhum aviso. Avalon é para os sacerdotes e, nesta vida, pelo menos, o meu destino é ser guerreiro. Não sei se a minha vida será curta ou longa, mas é nos territórios do Ai-Zir e nas terras mais além que terei de travar as minhas batalhas e, se as vencer, é lá que construirei a minha casa.

- Essa é a escolha de um rei - proferiu Velanto.

- Ou a de um Defensor. Esta terra não é como o teu reino, aqui são as rainhas que governam e os reis têm por missão protegê-las, de modo que o que Galid está a fazer é um duplo pecado. Contudo, Avalon está acima de todas as tribos. A Senhora Anderle lidera a Irmandade das Grã-Sacerdotisas. uma adepta das grandes divindades. Sem o seu apoio, não poderei sequer começar.

- Faz-me lembrar a bruxa Medeia, sobre quem temos tantas lendas. - Velanto contorceu os lábios no que poderia ter sido um sorriso.

- Não há nada mais sinistro! Mas ela é certamente uma mulher forte.

- Estou ansioso por a conhecer.

Mikantor riu-se. Absorto nos seus próprios problemas, não lhe ocorrera antes tentar saber qual seria a reacção do ferreiro face à Senhora de Avalon, ou a dela a ele.

- Quanto mais cedo chegarmos lá, mais cedo a conhecerás - retorquiu, recomeçando a descer o monte.

O lado mais íngreme do Tor ficava virado a leste, erguendo-se por entre um emaranhado de bosques e pastagens. O caminho que lá levava seguia por uma crista de terreno ligeiramente mais alta, que se estendia desde a terra até à ilha. Nos locais onde os pântanos invadiam os terrenos, fora construído um trilho sobre o lodaçal com troncos, mas uma grande parte do mesmo assentava em terra firme.

Agora já conseguia ver as pedras que coroavam o cume. Pela encosta suave abaixo, várias árvores separavam um prado onde pastavam ovelhas. A esquerda, o pântano entrava pela terra dentro. Alguns cisnes nadavam nas águas que se estendiam para lá da franja de canaviais, provavelmente os dois que haviam visto algum tempo antes. Os viajantes seguiam em silêncio. Mesmo os pássaros haviam cessado os seus trinados. As ovelhas moviam-se lentamente sobre a erva muito verde, salpicada de flores douradas.

Onde o terreno se elevava, o caminho dividia-se. Um dos trilhos fá-los-ia contornar a ilha, levando-os ao Salão do Sol e aos outros edifícios. O outro levaria ao Tor. Havia um banco na encruzilhada. Mikantor lançou-lhe um olhar de relance e depois olhou-o novamente. Alguém estava lá sentado, uma das sacerdotisas, porque não reparara logo que vestia de azul? Teria Anderle sabido que ele estava a chegar através das suas artes e viera ao seu encontro? Quando a mulher ergueu o véu e este caiu para trás, viu a luz do Sol brilhar no seu cabelo como chamas de ouro. Mikantor sentiu o coração parar e, depois, começar a bater tão rapidamente que pensou que este lhe saltava

do peito.

A mulher encaminhou-se na sua direcção, deixando um rastro escuro na erva perlada de orvalho. Era humana, mas porque teria ele dúvidas? Conhecia aqueles olhos brilhantes e o cabelo encaracolado.

Ela estendeu a mão.

- Se andam desviados do vosso caminho, aqui é a vossa meta. Se são exilados, esta é a vossa casa. Sejam bem-vindos a Avalon...

Ele conhecia aquele sorriso. Mas a criança que havia conhecido desaparecera. Esta pessoa era uma mulher, de peito e ancas perfeitamente definidos pelo cordão que lhe cintava o vestido azul. Porque não lhe ocorrera que os anos podiam ter mudado Tirilan? - A bênção da Deusa esteja contigo, Senhora, e nesta ilha - disse Ganath, quando se tornou evidente que Mikantor era incapaz de proferir quaisquer palavras.

Ela aproximou-se, o olhar desviando-se de um para o outro, e abriu um pouco mais os olhos ao observar Mikantor de alto a baixo. O que pensaria dele, com a poeira da caminhada a curtir-lhe a pele e a cobrir-lhe toda a roupa que trazia? Apertou a mão de cada um, enquanto Ganath os apresentava, chegando, por fim, a vez de Mikantor. Por instantes, olhou simplesmente para ele, em seguida, colocou as mãos no rosto do jovem e baixou-lhe um pouco a cabeça, para o beijar na fronte.

- Filho de Mil e Um Reis - sussurrou, libertando-o -, sonhei com o teu regresso. Sê bem-vindo a Avalon.

Os olhos ardiam-lhe. O local onde ela o havia

beijado queimava como fogo. Mikantor descobriu que não tinha força nos joelhos. Ajoelhou-se e movido por um instinto que não conseguia explicar, beijou o chão.

- Senhora, eu te saúdo - exprimiu por fim. - Eu saúdo a Deusa cuja imagem és tu. Eu saúdo a terra sagrada de Avalon...

Como cresceu... pensou Anderle quando os viajantes entraram no Salão do Sol, onde a Senhora de Avalon e os seus sacerdotes os esperavam.

Sorriu, contrita, ao recordar quantas vezes pensara naquele reencontro. Desta vez, contudo, era fácil pensar nele com o seu nome verdadeiro.

Cresceu, transformou-se realmente no que é, Mikantor.

Porém, seria ele o Filho de Mil e Um Reis, o Defensor destinado a restaurar a lei e a vida naquela terra? O povo parecia pensar assim. A notícia do seu regresso tinha percorrido aquelas terras à velocidade da luz do Sol. Teve de admitir que era parecido com o pai, mas mais alto, que, na sua juventude, fora um homem robusto e com os ombros bem proporcionados. As pernas nuas que surgiam sob a túnica eram devidamente musculadas. tendo em conta todos os caminhos que havia percorrido. Na sombra, o cabelo parecia escuro, mas quando o sol lhe batia na cabeça, vislumbravam-se brilhos impetuosos. Na zona do rosto onde despontava a barba tinha um tom acobreado. Sóis mais fortes do que este haviam conferido à sua pele um tom bronzeado. Das sacerdotisas atrás dela veio um suspiro de apreciação; sim, este era um homem que as mulheres pretenderiam. Em pensamento, tentou perceber como a filha reagiria ao regresso do homem que tanta confusão suscitara há

pouco tempo.

O rosto de Tirilan estava sereno. Eu não acredito nesse olhar de inocência, minha menina, pensou Anderle secamente, desejando saber se a filha já arranjava uma maneira de ver Mikantor.

Se assim fosse, ele não parecia ter sido muito afectado. O seu olhar passou pela fila de sacerdotisas, sem se deter e voltou a pousar em Anderle. Deixando os companheiros, subiu os três degraus do pórtico e fez a reverência adequada à sua classificação e grau com a graça perfeita, e se ela não sentiu entusiasmo no seu abraço, ao contrário do que acontecia quando ele era criança, dificilmente poderia culpá-lo de falta de autodomínio.

- Presto a minha homenagem e ofereço o meu amor à Senhora de Avalon.

A voz agradável e profunda constituiu outra surpresa.

- Mikantor, filho de Imana, Avalon recebe-te de braços abertos.

Não faria mal lembrar-lhe que, aqui, a sua origem era a da linhagem de Avalon. Anderle estendeu os braços e ofereceu primeiramente uma face, ie pois a outra, num abraço formal.

- Estavas há muito tempo perdido para nós. É com alegria que te damos as boas-vindas a casa.

Mikantor baixou a cabeça em confirmação, e, oh, depois exibiu um sorriso de fazer parar o coração, que um dente lascado apenas tornava ainda mais atraente.

Quando ele se endireitou, havia uma luz nos seus olhos que lhe acalentou o espírito. Com a orientação adequada, poderia muito bem transformar-se no rei que todos aguardavam.

- Meu querido, foi bom que as notícias do teu regresso tivessem chegado antes de ti. Dificilmente te teríamos reconhecido - revelou ela, então.

- Não mudaste - respondeu ele, esboçando outro daqueles sorrisos -, nem Avalon, mas a ilha sagrada é eterna.

Anderle abanou a cabeça, olhando para ele.

- Não me lisonjeies, meu rapaz.

No entanto, ao tomar conhecimento de que ele chegara a Avalon, ela havia vestido a sua melhor roupa e prestara especial atenção ao véu; e não lhe parecia que tivesse sido a única. Todos nós temos a nossa vaidade, pensou com tristeza, sabendo que ele provavelmente não iria perceber.

- E quem são essas pessoas que trouxeste contigo? A mensagem que recebi dizia que viria um grupo, mas não especificava quem o compunha.

- Ganath e Beniharen, já conheces - ele inclinou a cabeça na direcção dos dois rapazes que, por sua vez, fizeram a vénia adequada -, embora agora possa haver algo mais em Beni do que aquilo de que tu te lembras. Estes são Buda e o seu filho Aelfrix, da Cidade dos Círculos. - Ele fez sinal à mulher e ao menino para se aproximarem. - Receberam-nos em sua casa, quando chegámos à costa norte da Terra Grande. O seu irmão. Bodovos, treinou-me no manejo das armas.

E agradece aos deuses por isso, pensou Anderle. Ela interrogara-se várias vezes como é que um homem que nunca usara armas se poderia tornar um líder de guerra. Olhou para a frente para o ouvir falar sobre as suas deambulações pelo mundo.

- E este é Velanto... - Verificou-se uma ligeira mudança no timbre da voz de Mikantor, quando este centrou a sua atenção no homem possante de barba preta que tinha ficado para trás. As sobrancelhas espessas e franzidas impediam-na de ver os seus olhos, mas ele aparentava ter trinta e tal anos. mais ou menos a sua idade.

Na verdade, sóis mais fortes do que o deles haviam-lhe bronzeado a pele. Tudo nele, desde a atitude até aos anéis de ouro que usava nas orelhas, proclamava uma origem que ela desconhecia. Porém, fosse quem fosse, pensou Anderle, quando ele se curvou numa vénia a que ela não estava habituada mas que era claramente feita para homenagear uma pessoa de uma hierarquia elevada, não era um bárbaro. Erguendo-se, entoou uma frase ressonante numa língua estrangeira.

- Ele não fala a nossa língua? - Grande Rainha, não falo muito, mas aprenderei. - A sua voz era muito profunda.

- Teremos o maior pfazer em ensinar-lha. - Anderle sorriu. Com um ar de aprovação, ela reparou nos músculos robustos que se destacavam sob a túnica. Devia ser um guerreiro de alguma importância. Com aqueles braços e ombros, qualquer coisa em que batesse certamente não se voltaria a mexer.

- Velanto e eu salvámo-nos um ao outro de mil

ferimentos - prosseguiu Mikantor. - Tornou-se meu irmão e meu amigo. Mas quando lhe fui oferecido como escravo, ele era um príncipe da grande cidade de Tirinto e um mestre ferreiro da Aqueia.

Um ferreiro! Estas palavras cortaram-lhe a respiração. Naquele momento, Velanto olhou para cima e encontrou o olhar penetrante da sacerdotisa. Subitamente, os outros sentidos de Anderle apuraram-se e ela viu o corpo e a alma daquele homem através da luz e do calor da forja que pulavam em torno dele. Ela conhecia-o! Já lhe vira o rosto, quente do lume da forja, pensou, ao lembrar-se do sonho em que o abraçara no fogo da forja ardente.

E, pelo choque que viu nos olhos castanhos do ferreiro, parecia que ele também se lembrava.

Anderle sentiu o coração bater num compasso lento e pesado como o rufar ritual de um tambor. Deusa, gritava a sua alma, o que forjaste tu? - Um mestre ferreiro - conseguiu pronunciar em voz alta, pois, apesar não saber o que a sua chegada significava para eles, não era um assunto que devesse discutir perante toda a gente. - Então és duplamente bem-vindo. O nosso ferreiro morreu recentemente e a forja está vazia. Usa-a à tua vontade.

Mikantor pediu o almoço. Anderle mal o ouviu. Sorriu e acenou com a cabeça, enquanto o grupo era apresentado ao resto dos sacerdotes e sacerdotisas e depois levado para a sala de jantar; a sua visão interior ainda estava cega pela visão de uma espada flamejante.

Velanto encontrava-se na forja na Ilha das Donzelas, incapaz ainda de acreditar que a sua viagem

havia por fim chegado ao termo. A forja fora construída segundo um padrão que lhe era familiar, com três paredes e uma divisão que poderia ser isolada por cortinas. Num nicho na parede, viu uma imagem de chumbo da deusa da forja, as suas vestes toscamente pintadas, lembrando que eram usadas pelas senhoras da sua própria terra aquando do ritual. Levantou a tampa da caixa que o acompanhara durante tantas léguas e desembrulhou a imagem de barro que estava em cima das ferramentas. Tinha razão, só havia espaço para a sua própria imagem da deusa ao lado da deusa do Norte.

Ao voltar-se, ouviu um farfalhar de tecido junto à porta. Virou-se e viu a Senhora de Avalon ali, com o sol a brilhar através dos véus, parecendo rodeada por uma névoa de luz.

- É permitido? - Ele apontou para as imagens.

- Oh, sim. - Sorrindo, ela levantou o véu e entrou.
- De agora em diante, duas Senhoras protegerão a ilha.

Curvou-se para a saudar, tentando esconder a inquietação que ela produziu nele desde o primeiro encontro no dia anterior. Ela lembrava-lhe Naxomene, mas compreendera a fonte da magia da rainha. Nada sabia acerca de Anderle. Medeia... pensou Velanto novamente. Ela fora muito importante também... e perigosa. Não acreditava que pudesse prejudicar Mikantor. era a Mãe Negra do rapaz e iria protegê-lo, pelo menos enquanto ele lhe fizesse as vontades.

Sou o único que deve ser cauteloso, pensou então. Ela quer qualquer coisa de mim. Ter crescido num salão real ensinara-o a ter cuidado com pessoas poderosas que desejavam qualquer coisa.

- Vejo que tens as tuas próprias ferramentas - proferiu Anderle num tom agradável, quando ele começou a colocar as ferramentas sobre a bancada. - Precisas de alguma coisa? - A sua voz doce fê-lo pensar em mel aquecido pelo sol, mas os lábios lindos da mulher nada deixavam transparecer.

Voltou a observar a oficina. Estava bem conservada e tudo o que ali se encontrava parecia ser de boa qualidade. O caldeirão estava colocado sobre a fornalha de pedra. Também era feito de pedra. Um cano de barro cozido saía da parede da lareira ligando-se aos dois foles e ao ar livre para captar o vento.

- Os foles em pele de veado estão velhos - disse ele, apontando para o couro duro. - É preciso fazer uns novos.

- Tratarei de te arranjar a pele adequada. Os caçadores da Aldeia do Lago podem arranjar-te uma corça e as suas mulheres costuram o couro muito bem.

Velanto assentiu com a cabeça, não cruzando deliberadamente o seu olhar com o dela. Assemelhar-se-ia Medeia a Anderle, pensava ele, pequena e pálida, com uma massa de cabelos escuros de cujas tranças enroladas em redor da cabeça saíam pequenas madeixas, como se o seu poder fosse demasiado grande para se sentir preso? Que aspecto teria o seu cabelo solto? Afastou a imagem e contou as ferramentas, caprichosamente arrumadas num estrado de madeira. A sua caixa mal dava para guardar os martelos e as outras ferramentas. Na cabana também havia um balde de água em carvalho, um tanque de arrefecimento e uma cesta bem tecida para acolher as cinzas, forrada com barro. O carvão era mantido no exterior. Esperava que no barracão também houvesse argila para fazer moldes.

Entre a fornalha e a bancada ficava a bigorna, um bloco de granito de um só corte colocado sobre o tronco robusto de um carvalho. Trouxera com ele uma colecção de pequenas bigornas de bronze que usava para fazer trabalhos mais requintados, mas, para as grandes peças, o granito servia perfeitamente.

- O que farás primeiro? - perguntou Anderle.

- Pontas de lança - resmungou o ferreiro. - Galid roubou-me as minhas.

A recordação daqueles momentos ainda lhe fazia ferver o sangue, embora não o tivesse afectado tanto quanto o breve retorno à escravidão de Mikantor.

Velanto ainda estremecia ao lembrar-se de quão perto o jovem estivera de atacar Galid. Se Mikantor o tivesse feito, os sequazes do chefe guerreiro tê-lo-iam morto. E a mim também, pensou sombriamente, pois não teria havido bom senso capaz de me impedir de tentar defendê-lo. O que teria, no mínimo, resolvido o problema de como sobreviver sem Mikantor nesta terra estranha. Ou se eu ainda o quero... pensou melancolicamente. A ameaça de Galid já os forçara a ficarem separados, ele na forja e Mikantor no campo de treinos, mas, pelo menos aqui, teria trabalho para fazer.

- Galid... - repetiu a sacerdotisa. A sua voz era um sopro e Velanto sentiu aquela emoção de perigo mais uma vez próxima de si. Fez um trejeito. Anderle tinha metade do seu tamanho e peso, e, portanto, poderia facilmente destruí-la. Então, por que motivo sentia aquela tensão enrijecer-lhe os membros? Todos os seus membros, apercebeu-se, se voltaram abruptamente, para

que ela não reparasse no modo como o seu corpo reagira. Colocou um pedaço de bronze na bigorna e pegou no martelo de cabeça quadrada, canalizando a excitação que sentia para um golpe ruidoso sobre o metal.

Se é isto que a presença desta mulher provoca em mim, pensou tristemente, prevejo que terei de trabalhar muito e arduamente... E isso era útil, pois os homens de Mikantor precisavam de armas.

- Galid tem de ser morto - rosnou. - Tu arranjas-me bronze e eu farei as lanças.

- Tu vais fazer espadas - corrigiu-o Anderle, suavemente. Estava tão perto que ele conseguia sentir o seu perfume, um odor a terra quente e a flores. - Forjarás a espada de Mikantor. - Recuou sobressaltado ao sentir a pequena mão de Anderle agarrar-lhe o braço, e virou-se, apesar da resolução que tomara, mergulhando no olhar escuro dela. - A espada de um rei... - murmurou ela - e tu estás destinado a fazê-la. Eu vi a espada, Velanto, forjada no fogo! Velanto sentia o fogo ardente entre eles. Proferindo uma praga, afastou-se dela, respirando com dificuldade.

- Vai-te! - disse ele asperamente. - Manda-me homens para trabalhar, eu direi o que é preciso. Mas agora, vai-te embora, este não é um dos teus Mistérios! - Contraiu-se quando ela passou por ele.

- Será que não? - A luz cintilou em redor quando Anderle saiu da cabana. Depois de desaparecer da sua vista, ele ouviu-a rir ao longe.

Ora, eis um homem! Anderle riu-se de novo ao

estugar o passo pelo caminho fora. Já se tinha esquecido da sensação de reagir ao poder de um homem. Quando Tirilan chorava a ausência de Mikantor, deveria ter demonstrado mais simpatia. Mas como poderia ela ter adivinhado? Mesmo quando estava obcecada pelo pai de Tiri, Anderle nunca sentira o sangue arder-lhe com tanta intensidade.

Fora óbvio que Velanto também sentira o mesmo. Apertou os lábios ao lembrar-se da reacção dele. Anderle sabia que ele iria trabalhar arduamente para Mikantor, mas agora, pensou, trabalharia com toda a paixão que tinha para lhe provar que era tão poderoso quanto ela.

A atracção sexual era uma força poderosa. As tradições de Avalon tinham muito a dizer sobre as diferentes maneiras de essa paixão ser usada para aumentar e canalizar energia. Nos ensinamentos mais esotéricos, era a mulher que funcionava como elemento despertador dessa energia no macho, conferindo-lhe finalidade e poder. E o poder maior eclodia quando essa força era canalizada para o trabalho do corpo ou do espírito, em vez de assentar apenas no acto do amor.

O que era realmente uma pena, reflectiu, vindo-lhe à memória os músculos rijos de Velanto. Se o resto do seu corpo fosse assim tão poderoso...

Não importa, disse a si própria com firmeza ao atravessar a ponte que passava sobre o terreno baixo entre as ilhas. O seu corpo tinha de ser capaz de realizar o trabalho que era necessário fazer. Poderia ser tão feio quanto o filho do Reprovador que ela teria usado na mesma o seu poder para o atrair. O que queria era a sua alma. Que ela sentisse que negar as

exigências do corpo era tão doloroso como para ele não era relevante. Era a Senhora de Avalon, e a sua vida pertencia à terra. Para conduzir o Filho de Mil e Um Reis ao poder, todos os sacrifícios seriam justificados.

Quando Anderle chegou ao pátio onde a comunidade se costumava reunir nos dias soalheiros, confiou que o rubor que lhe animava o rosto podia ser atribuído ao exercício. Mikantor esperava-a. Um animal saudável e jovem, pensou ela, apreciando a imagem do rapaz com os cabelos brilhantes do sol. Velanto era muito robusto e demasiado escuro para ser considerado bonito. Por que razão o homem mais jovem não lhe fazia ferver o sangue? Mikantor era como um filho para ela. Certamente isso seria motivo suficiente, pensou, afastando todos os outros pensamentos.

- Já ajudaste Velanto a instalar-se na forja? - perguntou Mikantor quando ela se sentou ao seu lado. - Tem tudo o que precisa? Por oposição a tudo o que ele possa querer?, pensou Anderle e sorriu.

- Vai precisar de algumas coisas - disse ela em voz alta. - Quando fores à Aldeia do Lago poderás tentar arranjar o que ele precisa.

- Vou à Aldeia? É claro que os quero ver a todos, mas pensei que havia coisas a tratar...

- Esta é uma delas - retorquiu Anderle. - Não podes realizar sozinho a tarefa para a qual foste chamado. Precisarás de companheiros. Ganath e Beniharen já te seguem, mas eles não são guerreiros. O Povo do Lago tem bons espiões e caçadores. O teu irmão adoptivo, Grebe, já tem idade para ser útil. Fala com ele, vê se queres que pertença ao teu grupo.

- Sim, naturalmente - respondeu Mikantor, pensativo. - Agora que Velanto tem a sua forja, preciso de começar a tratar do resto. Mas tens de entender, é muito importante que Velanto seja feliz aqui.

Não, pensou a sacerdotisa, é muito importante que ele seja produtivo. A infelicidade é muitas vezes um aguilhão, serve para aguçar o engenho e alcançar objectivos.

- Nós tivemos de deixar Bhagodheunon por minha causa e então arrastei-o comigo pelo mar fora - prosseguiu Mikantor. - Ainda me lembro de como a sua terra me parecia estranha no início e tenho a certeza de que ele se está a sentir tão inquieto aqui como eu me sentia lá.

- Deixa isso comigo... mas, se tenho de lhe ser útil... talvez fosse melhor falares-me um pouco mais sobre ele - respondeu Anderle. - Desconfio que, em geral, não se aproxima muito das pessoas, não é verdade? Se as coisas corressem entre eles como esperava, ela poderia ser a última pessoa a quem o ferreiro desejasse abrir o coração. Mas fazia sentido reunir o máximo de informação possível sobre alguém que era tão importante para a concretização da sua causa.

Mikantor começou a rir.

- Ele próprio diz que por vezes se assemelha a um urso com a cabeça ferida, mas nunca me tratou mal, ou quase nunca, e quando tal acontecia era porque tinha dores atrozes.

Anderle lançou-lhe um olhar rápido.

- Como foste seu escravo, pensei que estarias contente por o ver pelas costas.

Mikantor franziu a testa.

- Segundo a lei deles, eu pertencia-lhe, mas ele tratou-me como um ser humano desde o primeiro dia. Não como igual, pois eu era apenas um miúdo ignorante, que pouco melhor falava a sua língua do que ele fala agora a nossa, mas como um companheiro. Nunca exigiu mais de mim do que de si próprio. Para Velanto, é o trabalho que importa, acima de tudo.

- Isso eu consigo entender... - Anderle deu por si a sorrir. E vou dar-te trabalho, homem do Sul, e não te pouparei a ti nem a mim, por mais dor que isso nos cause, até a obra estar realizada! Tirilan estava deitada na cama, ainda desperta, embora a meia-noite já tivesse chegado e partido havia muito. Através da janela estreita via a Lua em quarto crescente. Será que Mikantor, que dormia no dormitório dos sacerdotes com Ganath e Beniharen, contemplava também a Lua ou dormiria já um sono tranquilo, recompensa normal do exercício saudável diário? Ele passara a tarde no campo de jogos a testar o seu arco com Grebe. Não podia saber que ela o observara, deleitando o olhar nos movimentos graciosos do corpo do jovem enquanto ele manejava o arco.

Desde a manhã em que ele chegara, nunca mais tinham falado. A recordação de todos aqueles momentos parecia fazer parte do sonho que tivera, em que se encontrava com ele na praia de Avalon.

Dei-lhe a bênção de uma sacerdotisa, pensou,

infelizmente, quando o que eu queria era beijá-lo como um amante. E ele olhou para mim como um homem que vê a Deusa, e não como aquele que acolhe a mulher que deseja.

Pensava que quando se encontrassem novamente a situação poderia mudar, que ele iria perceber que ela era uma mulher, humana, e então recuperariam a amizade que haviam partilhado há já tanto tempo. Quando se separaram, ele era um menino e ela uma menina sonhadora, e ainda não tinham qualquer noção das necessidades do corpo.

Se ele tivesse ficado, poderiam ter feito essa descoberta juntos. A julgar pela maneira como olhara para as sacerdotisas, Tirilan pensou que o seu olhar não era inexperiente. Mas a ela tinha-lhe sido ensinado a teoria e a prática fora-lhe proibida.

Quando encontrava Mikantor às refeições, ou num dos caminhos, o olhar dele voava para o rosto e, em seguida, perdia-se na distância. Ainda a veria como a Deusa, ou já teria tido conhecimento de que ela tinha tomado os votos e que não se podia entregar a qualquer homem? Tirilan não conseguia sequer culpar a mãe neste momento. Fora a própria Deusa, ou quem que é que lhe tivesse enviado esse sonho, no qual ela devia converter Mikantor em rei, que mandara dar-lhe essa bênção.

Contudo, a mãe parecia ter também assumido a tarefa de fazer dele rei, pensou ressentida, enviando a notícia para as outras sacerdotisas da irmandade e convocando os homens para uma conferência no Tor.

A culpa é minha... admitiu, por pensar que a Deusa me concedeu um destino. Mas pouco depois de ter visto

Mikantor nu, quando ele descia para o lago para tomar banho, não via agora maneira de o levar a pensar nela como uma mulher.

Senhora, ajuda-me, rezou. Sete anos fizeram dele um homem, e tão bonito, e eu não sei se o rapaz que eu amava ainda habita nele.

Porém, a Lua não respondeu.

DEZOITO

O Verão chegara a Avalon, com mais dias de sol, ou, pelo menos, apesar de o tempo continuar enublado, chovia menos. Apenas algumas áreas do campo de jogos estavam ainda encharcadas, o que fazia com que os rapazes chapinhassem nas poças enquanto se exercitavam, mas, de resto, secara quase tudo, facto que os jovens que se tinham vindo juntar ao grupo de Mikantor agradeciam. Ele observava-os, enquanto iam praticando com a espada os movimentos que lhes estava a tentar ensinar.

- Gostava que o meu tio tivesse vindo connosco - disse Aelfrix, que ladeava Mikantor. Junto deste encontrava-se um alforge cheio de chá de roseira-brava que Anderle enviara para os refrescar durante o treino.

- Bodovos ter-te-ia obrigado a trabalhar mais - observou Mikantor.

- Eu sei, mas pelo menos não perderia tanto tempo sem fazer nada por aí...

Mikantor concordava plenamente com ele. Desejava ter prestado mais atenção aos intermináveis treinos que Bodovos ministrava à guarda na Cidade dos Círculos. Mas nunca lhe ocorrera que poderia vir a precisar de ensinar o que aprendera. Sabia como fazer as coisas, mas não como explicá-las aos outros. Muito frequentemente, havia necessidade de fazer uma pausa no treino, para que o instrutor se recordasse do próximo passo a dar relativamente a um exercício.

A única vantagem que via naquelas sessões era que

ele próprio recuperara a sua boa forma no que tocava aos exercícios com espada. Talvez até tivesse melhorado, embora, sem um bom mestre na espada com quem pudesse combater, não tivesse maneira de o saber. Era possível que a falta de um bom lugar onde pudesse ir beber com os seus companheiros também afectasse o seu desempenho. As bebidas fermentadas destinavam-se apenas a ser usadas nos rituais de Avalon.

- Clac! Clac! - Os homens exercitavam-se, saltando para a frente e para trás, empunhando as espadas de madeira que Velanto esculpira, com um peso e uma forma aproximados aos das lâminas que forjaria mal tivesse mais metal para trabalhar. Enquanto isso, o bronze armazenado na oficina já tinha sido moldado em pontas de lança, para que os homens não ficassem completamente desarmados. Talvez naquela tarde mudasse os exercícios e se concentrasse na prática com as lanças.

O que iria ele fazer com aqueles jovens guerreiros, uma vez que os tivesse treinado, seria outra questão. Alguns deles, suspeitava Mikantor, ansiavam simplesmente pela excitação da batalha, mas a maioria era oriunda de lugares que tinham sofrido os ataques e saques dos homens de Galid.

Pensavam que ele os queria perseguir para se vingar do homem que tanto mal causara aos seus pais. Porém, se o conseguisse, o que aconteceria depois? A sua tia, a rainha legítima do Ai-Zir, morrera enquanto ele estivera ausente. Anderle dissera-lhe que a sua prima Cimara levava uma vida triste, confinada à quinta onde vivia, e apesar de ostentar o título de rainha, não usufruía do poder que este lhe consagrava. Galid matara todos os homens que se haviam atrevido a cortejá-la, por isso Cimara não tinha filhos. Mikantor

achava que a vira uma vez num festival, mas ela não o conhecia. Se ele se livrasse de Galid, será que ela o queria como seu líder de guerra? E queria ele ser rei do Ai-Zir? Nascera em Azan, mas Galid impedira-o de crescer e de se tornar adulto nesse local. Considerava a Aldeia do Lago ou Avalon o seu lar. Concordava que era necessário matar Galid, mas como poderia ajudar as outras tribos, se o julgavam um homem de Azan? Estavam a fazer uma pausa para o chá quando Aelfrix voltou, correndo, com a notícia de que tinham chegado mais dois recrutas à ilha. Mikantor olhou em redor, os jovens descansavam, dispersos pelo terreno ou deitados, exaustos, na erva. Tentara ser honesto com eles, não lhes fizera quaisquer promessas, excepção feita à sua própria formação. Um dia, gostaria de ter um exército, mas agora deveria limitar-se a ter um grupo que pudesse movimentar-se rapidamente e que ele conseguisse alimentar convenientemente.

Grebe, o irmão adoptivo, havia sido o primeiro a juntar-se a ele. O rapaz era já um bom arqueiro, mas não sabia combater com uma espada. Acaimor e Romen eram quase tão escuros e magros como o Povo do Lago e acima de tudo eram fortes e rápidos. Havia vindo das terras do Ai-Utu, porque Romen se lembrava dos tempos que ele e Mikantor tinham passado juntos em Belerion. Pelicar, tão alto quanto Beniharen, mas de feições mais bonitas, pertencia ao Povo do Javali. Era um dos filhos da sua rainha e estava habituado a seguir regras, dando provas de ser um bom comandante. Tegues, de cabelo muito claro, era amigo de infância de Ganath e seguira-o. Adjonar foi o primeiro dos jovens do Ai-Zir a encontrar coragem para se juntar ao homem que um dia, esperavam, os libertaria do jugo de Galid. Quando os recém-chegados se aproximaram, aqueles que tinham estado a descansar levantaram-se, não numa atitude

hostil, mas como cães pastores atentos à guarda do seu rebanho.

Se conseguirmos proteger-nos uns aos outros, já não será mau, pensou Mikantor.

O jovem que vinha à frente era de estatura média e tinha a barba tão negra como Velanto. Na verdade, parecia-se bastante com o ferreiro. Mikantor levantou a mão em saudação: - Sê bem-vindo, homem do Sul - proferiu na língua dos Aqueus.

O jovem parou, deixando transparecer um sorriso branco por entre a barba curta.

- Então sempre é verdade que estiveste nas terras do Mar do Meio! - Tinha um sotaque estranho, mas era evidente que o homem o entendera.

- Ah, eu não falo lá muito bem a velha língua - acrescentou ele na língua das tribos. - Chamo-me Lisandro e sou filho de Ardanos. O meu avô chegou aqui com Brutus, depois de Tróia ter caído. Tomámos as terras no Sudoeste da ilha, onde se situam os grandes penhascos brancos.

Aliviado por ter acertado na suposição, Mikantor apertou a mão a Lisandro.

- Terás de falar com Velanto de Tirinto, o nosso ferreiro.

- Um aqueu? - Lisandro fez uma careta, e Mikantor adivinhou que o rapaz tinha crescido a ouvir as histórias das mulheres violadas de Tróia.

- Tróia foi vingada - disse Mikantor. - Tirinto

caiu às mãos dos Filhos de héracles e Micenas, e Corinto também. O seu povo e Velanto são agora igualmente exilados.

Lisandro encolheu os ombros e depois sorriu.

- Muito bem, mas não digas ao meu avô que eu me sentei em paz com um aqueu! - E quem é o teu companheiro? - Mikantor acenou com a cabeça em direcção ao outro homem, um jovem magro, com cabelo arruivado, que pendia para trás como se não tivesse a certeza de ser bem-vindo naquele local.

- Chama-se Ulansi - respondeu Lisandro.

- E é um traidor miserável que vem espiar-nos ao serviço de Galid! - interrompeu Adjonar.

Mikantor ergueu uma sobrancelha.

- Nesse caso, devemos, pelo menos, conceder-lhe o crédito pela coragem. Ulansi, vem cá, se quiseres. O que Adjî diz é verdade? - Se queres dizer que eu servi no bando de Galid, sim, é verdade - respondeu o recém-chegado lentamente. - Ele veio à nossa herdade em busca de homens. Se o meu pai se tivesse recusado a deixar-me ir, ele teria incendiado a quinta, expulsando-nos dali. Concordar era a única maneira que tinha de salvar a minha casa. Mas, em relação às outras acusações, nunca! Mesmo antes do ano que se seguiu, quando os do Ai-Ushen dizimaram a minha família e Galid nada fez para os vingar, eu já teria feito tudo o que estivesse ao meu alcance para acabar com ele de vez.

- Estou a ver - proferiu Mikantor lentamente. Era uma história plausível, mas teria Galid enviado um

espião? No entanto aquele homem não poderia causar grande mal a Avalon. Anderle veria no seu coração e saberia se era verdade aquilo que afirmava.

- Se serviste Galid, conheces o modo como luta e como treina os seus homens...

- Sim, senhor. - Os olhos de Ulansi brilharam. - Foi por isso que vim. Se eu devo carregar comigo o nome de traidor - olhou para Adjonar -, não será para te trair a ti.

Mikantor assentiu.

- Terás de prestar provas, é claro, mas estou inclinado a confiar em ti. O meu mestre dizia sempre que um homem sábio conhece o seu inimigo, e eu estive longe da minha terra durante muito tempo. Para a maioria de nós, ele é tão maléfico como Guayota e odiado por aquilo que faz, mas não sabemos porquê. Preciso de saber como ele pensa, o que ele quer.

Ulansi ficou surpreendido pela intensidade que Mikantor colocou nas suas palavras, mas respondeu curvando-se numa vénia: - Senhor, eu não estava muito próximo dele, mas sei que se tornou um homem orgulhoso, cuidando pouco da forma como fala com os seus homens. Tentarei lembrar-me do que ouvi e hei-de ajudar de todas as maneiras que puder.

A lâmina de bronze flexionou um pouco, quando Velanto a colocou sobre a bigorna; pegou num dos martelos de pedra e começou a bater na borda.

- Com força e habilidade, a espada é feita, bate martelo e endireita-a! - sussurrou, marcando o compasso da batida através das palavras encantatórias,

até ter estabelecido e interiorizado o ritmo, e depois percorreu toda a lâmina com golpes firmes. Tal como o bronze se tornava mais resistente após ser martelado, também Mikantor se convertera num homem mais forte depois de tudo o que sofrera. Olhou para o amigo, que estava encostado à ombreira da porta aberta da oficina e o observava.

- O metal que veio de Belerion é bom? - perguntou o jovem.

- Muito bom. O teu amigo comerciante escolheu bem - respondeu Velanto. Esta era a segunda espada em forma de folha que forjara desde que chegara a Avalon, mas a primeira feita com o bronze novo.

Mikantor riu-se.

- Acho que o Mestre Anaterve ainda se sente culpado por ter deixado que os homens de Galid me apanhassem debaixo do seu nariz. Ele parecia muito feliz em apoiar a nossa causa.

- Deste a primeira espada a Pelicar? - perguntou Velanto.

- É filho de uma rainha e já tinha alguma formação em combate. Os outros estão a esforçar-se ao máximo para ganhar a segunda lâmina! Andam também a praticar verdadeiras proezas de herói. Falta ainda muito tempo até podermos fazer qualquer coisa com carros de combate, mas o campo onde treinamos é suficientemente grande para praticarmos corrida' e salto em comprimento, e a erva macia constitui um bom terreno para a prática de luta livre.

Velanto girou a espada e começou a trabalhar a

outra borda. Um dia fabricara ornamentos em ouro para rainhas. Se Mikantor saísse vitorioso talvez voltasse a ter tempo para essas coisas, mais uma vez. Entretanto, a espada possuía a sua própria beleza mortal. Tal como Mikantor, pensou ao olhar novamente para o rapaz.

Havia agora uma luminosidade nas suas feições que não existira antes. como se a responsabilidade que lhe caíra sobre os ombros lhe tivesse arrancado os últimos traços da infância. Mikantor podia ainda duvidar da sua capacidade para suportar esse peso, mas, apesar desta ambivalência, voltar para Avalon fora a atitude correcta. Se para Velanto fora o acertado, isso ainda era uma incógnita.

Agora que Mikantor era um jovem adulto teriam inevitavelmente de se manter mais afastados. Seria errado tentar manter o rapaz junto de si. Ah, mas sentia tantas saudades dos dias em que partilhavam tudo! Os momentos em que podiam falar tranquilamente iam-se tornando cada vez mai' raros, e se, ou quando, o combate tivesse lugar, seriam ainda muito mais raros. Embora o rapaz não o pudesse adivinhar, esta era uma verdadeira despedida. Quando Mikantor estivesse seguro no lugar que lhe pertencia, o ferreiro partiria, apesar de não saber em que sítio da terra se sentiria em casa.

- Os homens estão a progredir bem - disse, pensativo, Mikantor -, mas ainda consideram que pertencem à tribo do Javali, do Carneiro ou do Sapo ou da Lebre, em vez de se sentirem membros do meu grupo de combate. À excepção de Adjonar - acrescentou -, que parece não estar disposto a respirar o mesmo ar que Ulansi nem a aceitar que os unem laços de parentesco. A situação era diferente da da guarda da Cidade dos

Círculos, porque os que a integravam ou tinham nascido na cidade ou tinham ido para lá viver, oriundos dos campos.

- Isso mudará quando enfrentarem o inimigo - retorquiu Velanto. - Quando eu era jovem, havia um homem velho em Tirinto que tinha combatido com Agamémnon em Tróia e estava sempre pronto para contar uma história. Contou um dia que quando os Aqueus aguardavam em Aulis por bons ventos, os homens das diversas cidades limítrofes estavam sempre dispostos a cortar a garganta uns dos outros, mas que se convertiam num só povo quando estavam diante das muralhas de Tróia.

- Deusa, não digas isso a Lisandro! - exclamou Mikantor. - Ele aprendeu a odiar os Aqueus ainda nos joelhos do avô, embora para ele tanto Tróia como Tirinto sejam tão lendárias como as Ilhas Abençoadas.

- Eu sei - sorriu o ferreiro. - Ele olha-me como se eu estivesse prestes a transformar-me numa górgona. É uma pena. Gostaria de conversar com pessoas diferentes, além de ti, numa língua que eu dominasse, para não parecer uma criança a balbuciar.

- Isso virá com o tempo. Já estás muito mais fluente - retorquiu Mikantor fervorosamente. - Achas que te ajudaria se mandasse vir para aqui todos os dias um dos homens para te auxiliar? A resposta de Velanto morreu-lhe nos lábios, quando um som ou um cheiro ou algum sentido oculto o fez virar-se para a porta. Anderle estava ali. Como sempre, parecia talhada em luz e, como habitualmente, a sua presença emitia um brilho quente.

- Isso é um luxo com que não podem arcar - proferiu

a sacerdotisa. - Um homem cuja filha serve no salão de Galid chegou com notícias. O usurpador já sabe que estás aqui.

Tinha claramente saído à pressa, pois envergava um vestido velho e não trazia o véu. Velanto notou o brilho de transpiração na testa e a pulsação na garganta de Anderle e desviou o olhar.

Nota de Rodapé: Segundo Hesíodo, Píndaro e vários outros autores da Antiguidade, Ilhas Afortunadas, Ilhas Abençoadas ou Ilhas dos Bem-Aventurados era o local onde os heróis repousavam após a morte. (N. da T.) - Ele virá a caminho? - Mikantor pôs-se muito direito.

- É uma suposição razoável - respondeu secamente Anderle.

- Vamos ter de partir. Não podemos arriscar que ataque Avalon. Não é uma situação inesperada para nós. Grebe e eu já discutimos como deveríamos agir num caso destes. Há lugares nestes pântanos que só o Povo do Lago conhece. Podemos desaparecer como a névoa por entre os juncos e viver nessas terras. - Isso ajudará a criar um vínculo entre os teus homens - afirmou Velanto com um sorriso irónico. - Eu vou guardar as ferramentas...

- Mas tu não podes ir com eles! - exclamou a sacerdotisa. - Deves permanecer na forja para continuares a trabalhar na Espada! - Nas espadas - corrigiu Velanto, irritado. Aquilo estava a tornar-se um ponto de discórdia entre eles. A espada que oferecera a Mikantor era a melhor que conseguira fazer quando estavam na Cidade dos Círculos. Não via necessidade de a aprimorar quando os homens de

Mikantor precisavam urgentemente de mais armas daquelas.

- E ser apanhado por Galid? - contrapôs Mikantor.

- Consigo esconder um - respondeu Anderle -, mas não um bando inteiro.

Virou-se para Velanto, e o seu olhar assemelhava-se ao calor da forja.

- Espadas, então. Quantas serás capaz de forjar quando andares escondido pelos pântanos? - Mas tu não podes. - Velanto olhou para Mikantor e a voz faltou-lhe. Não podes ir sem mim... não me podes deixar sozinho com ela... Não sabia o que receava mais. Mas ele não o podia dizer, não podia apegar-se, não podia sequer olhar para Mikantor, pois temia que o jovem visse a desolação que se apossara dos seus olhos.

- Sim - acabou Velanto por dizer, fazendo um esforço para que a voz não lhe tremesse. - É verdade que preciso da forja. Eu fico cá.

A lua nova deslizava rumo ao mar distante. Em breve, iria adormecer sobre as ondas, mas, em Avalon, ninguém descansava. Alguns estavam ocupados a trabalhar nos fornos, fazendo pão com recheio de pedaços de tripa curada e uma mistura de carne e frutos secos triturados que duraria muitas luas se fosse mantido seco. Outros andavam a tratar de arranjar roupa e equipamento para os homens de Mikantor. Tirilan improvisara com lã oleada, corda e botões de madeira capas para a chuva e levava o trabalho para o seu quarto, com medo de começar a chorar diante dos outros e de estes lhe perguntarem a

razão da sua tristeza.

Enfiou a agulha de osso para coser o pano um ao outro e sentiu uma lágrima escaldante cair-lhe na mão. Poderiam as lágrimas servir de protecção? Se sim, deixá-las-ia cair. Que cada lágrima se transformasse numa bênção para proteger do mal o portador daquela capa. E se as lágrimas não eram suficientes, pelo menos um selo de protecção do sigilo seria uma lembrança mais visível. Quando acabou de coser, pegou numa outra agulha e enfiou um fio de lã amarela.

Numa outra ala do complexo de edifícios que abrigava a comunidade, alguém cantava uma canção tola sobre as aventuras de um cuco. Tirilan sorriu por entre as lágrimas. Mikantor fora o cuco no ninho da Aldeia do Lago, mas crescera bonito, poderoso e ardente como um cisne.

Olhou para baixo e constatou que os pontos que acabara de dar tinham ; a forma de um pássaro. Seria um presente para Mikantor. Já que ela não podia lá estar para o proteger com magia, deixaria o seu amor ligado a um pedaço de tecido. Costurando mais rapidamente agora, terminou a figura e acrescentou mais um raio, uma árvore, um touro e todos os símbolos de força e poder em que conseguia pensar, entrelaçando nos ombros da capa um friso de protecção. Por fim, adicionou o sol alado que os seus antepassados haviam trazido das terras submersas e a lua tripla de Avalon.

A jovem Lua já se tinha posto no mar e o ar estava repleto do aroma fresco e húmido que antecede a madrugada. Nesta época, o Sol erguia-se cedo e Mikantor queria sair mal raiasse o dia. Tirilan recolheu as capas e caminhou pelo corredor que levava mais rapidamente ao jardim. Parou quando percebeu que

estava alguém sentado no banco do relógio de sol e, logo a seguir, notou que era Mikantor.

Deusa, que grata te estou por esta bênção! Deu outro passo em frente.

- Tirilan, és tu? Ela assentiu com a cabeça. O seu coração batia tão loucamente que não sabia se conseguiria articular palavra.

- Tens um momento para falar comigo? - A incerteza que transparecia no tom de voz dele apertou-lhe o coração. Lentamente, aproximou-se de Mikantor.

- Lembras-te da discussão que tivemos aqui sobre a nossa idade? Quando descobri que não era quem eu pensava que era? Agora que sei, ainda parece irreal. Aprendi a enfrentar os perigos que se me colocam, mas o que me dá ! o direito de arriscar a vida dos outros?

Ele olhou para Tirilan através da escuridão, e, como ela não lhe respondeu, moveu-se um pouco e bateu levemente com a mão no banco.

- Vens sentar-te ao meu lado, aqui, ou os votos que tomaste não to permitem? Quando ele acabou de proferir aquelas palavras, sentiu uma onda de calor envolvê-la e ganhou coragem para dar os passos que lhe permitiriam sentar-se ao seu lado. Não devia fazê-lo, pensou, temo que caíamos em tentação, tentações como o calor que emanava dele, que a fazia querer apertá-lo nos braços. Todos os homens se tinham lavado completamente, na tarde anterior, pois seria a última oportunidade que teriam de estar limpos durante algum tempo, e ela podia sentir o cheiro das ervas nas quais ele banhara o seu cabelo.

- O que trazes aí? - perguntou ele.

- Capas para a chuva, para ti e para os teus homens. - Conseguiu por fim articular algumas palavras. - Esta é para ti. - Mostrou-lhe a capa que estava por cima das outras. - Se passares a mão na parte de cima, sentirás os selos de protecção que lá bordei. E as imagens das divindades. Borde: um cisne: será o emblema do teu grupo.

- Oh, Deusa, sim - riu-se ele. - Lembras-te de quando aquele rapaz do Ai-Akhsi, não me recordo já do nome dele, tentou assaltar um ninho de cisne e o macho lhe partiu o braço ao bater-lhe com uma asa? - Foi para casa logo a seguir - recordou-se Tirilan. Se continuasse a falar, talvez fosse capaz de resistir ao desejo de pegar na mão dele. Passava-se algo de errado com ela. Nas histórias, era sempre o homem que avançava primeiro. Porém, Mikantor estava claramente ciente de que ela era tão sagrada quanto a Senhora Anderle.

- Este lugar parece tão tranquilo e seguro - proferiu ele lentamente -. mas tem os seus próprios perigos para aqueles que não estão destinados a permanecer aqui. Ou pelo menos é isso que eu continuo a dizer a mirr. mesmo - acrescentou - quando penso que Galid vem a caminho de Avalon.

- A minha mãe já o enfrentou antes - afirmou Tirilan. - Eu acredito na magia dela.

- Se nos encontrarmos aqui, teremos de lutar, mas não deve ser derramado sangue sobre Avalon. E, portanto, é correcto que parta, todavia parece que estou a desertar na cara do inimigo...

- Tu estás certo em partir - disse ela quando

sentiu o silêncio adensar-se entre eles.

- E todos eles irão olhar para mim, assim que estivermos nos pântanos Aqui, pelo menos, posso voltar-me para Velanto ou Anderle. E o que farei se me fizerem perguntas às quais não sei responder? - O que já fizeste antes - respondeu ela, sabendo que ele não fazia ideia de quantas vezes ela, invisível, o observara. - Deves reuni-los em conselho. Começas a conhecer já as forças de cada um dos teus homens. Viverem juntos naqueles ermos aprofundará o conhecimento que tens deles.

- Claro, tenho feito isso. Saber que valorizo a sua opinião parece agradar aos homens - proferiu ele, suspirando. - Obrigado. Falar contigo é como dar à minha própria alma uma voz que me responda, Tirilan.

Ela conteve um suspiro, pois sabia que era verdade. Ele estava a falar para si próprio, e não para um ser humano que respirava e que tinha necessidades semelhantes às suas. Contudo, se aquilo era tudo o que poderia fazer por ele, devia sentir-se abençoada.

- O meu espírito vai convosco, Mikantor - disse ela baixinho. - Todos os dias e todas as noites orarei para te proteger. Fala comigo sempre que tiveres necessidade, e no silêncio do teu coração encontrarás a minha resposta.

- Então assim terei a minha própria deusa protectora? Serás tu o cisne, Tirilan, abrigando-nos debaixo das tuas asas...

- Que assim seja - murmurou ela, embora o coração lhe gritasse que a levasse com ele. Mas que ajuda lhes poderia dar no meio do mato? Seria muito mais profícuo

deixar que a fé dele nela lhe desse forças do que enfraquecê-lo com a realidade da sua presença falível.

- Mikantor! - Alguém o chamava lá de dentro. - Mikantor, onde estás tu, homem? O Sol está a levantar-se rapidamente e temos de partir! - Parecia a voz de Ganath.

Tirilan olhou para cima e viu que o céu estava a ficar cinzento. Agora via o rosto de Mikantor. Era melhor afastar-se já, antes que ele a olhasse com atenção e percebesse que tinha o rosto banhado em lágrimas. Levantou-se rapidamente e saiu atrás dele, colocando-lhe a capa sobre os ombros, como se quisesse de facto protegê-lo com as suas asas. Ele suspirou mais uma vez e encostou a cabeça ao peito dela. Por instantes, permitiu-se abraçá-lo, respirando o cheiro do seu cabelo. Então beijou-o no alto da cabeça e deixou-o ir.

- Que a luz de Manóah ilumine o teu caminho - murmurou Tirilan -, e que Ni-Terat te apoie e que todos os deuses e deusas da terra te dêem orientação e ajuda até que nos encontremos novamente...

Antes de ele se poder virar, ela recolheu as outras capas e correu para o jardim.

Ganath chamou novamente e o céu, iluminado, saudava o novo dia.

Terra e água lá em baixo, Luz e ar lá em cima, Comida e um lugar para dormir E o amor de uma boa mulher! Algures lá atrás, na fila dos homens, Romen, como sempre, cantava.

É tudo o que preciso para andar por aí, É tudo o que

preciso para partir, É tudo o que preciso para seguir em frente, É tudo o que preciso saber! - Cala-te, homem, queres que Galid nos ouça? - pediu Pelicar.

- Água temos em abundância, e comida, se este saco que carrego não mentir, basta, mas os lugares para dormir é que são poucos, e quanto a mulheres, para onde vamos, o pântano será a única coisa que veremos, e a sua cama é muito húmida para mim! - acrescentou Adjonar em tom jovial Pareciam todos alegres, pensou Mikantor. Pareciam um bando de garotos partindo à aventura, tão felizes quanto ele, Beaver e Grebe eram quando exploravam os pântanos há muito tempo atrás.

- E por falar em amor, que capa tão fina trazes vestida - notou Adjonar -, toda enfeitada com bordados.

Mikantor corou. Apesar de não estar a chover, ele pusera a capa sobre os ombros quando saíram. Não vira Tirilan entre os que vieram dizer-lhe adeus, mas esperava que ela o estivesse a observar em qualquer lugar. Sentia a sua presença, e interrogava-se se seria a imaginação que o fazia senti-la ainda perto dele.

- Foi a Senhora Tirilan que a fez - redarguiu num tom de repreensão -, e agradeço que respeitem o seu nome.

- Oh, sim - respondeu Adjì, num tom sério -, e todos nós lhe estamos gratos pelas capas, mesmo sem o bordado de fantasia. É uma senhora com bom coração e justa e nós estamos contentes por ter a sua bênção.

- E temos a sua bênção - repetiu Mikantor, apesar

de sentir um aperto na garganta. A conversa que tivera com Tirilan antes de a madrugada despontar deixara-o abalado. Porque nunca tinha tempo para conversar com ela? Ocorreu-lhe que ela falara muito pouco com ele durante o tempo que estivera em Avalon, mas cumprimentava-o sempre com um sorriso. Talvez os votos que tomara a proibissem, pensou sentindo uma ponta inesperada de ressentimento. Porém, absorvido no trabalho com os seus homens, não a tinha sequer tentado procurar, e agora a oportunidade perdera-se.

- Mas acho que os lugares para dormir são um bom motivo de discussão - disse então Adjí. - Tens um plano para esta noite, ou continuamos a caminhar na lama até chegarmos a terra firme? - Isso não é justo - contrapôs Grebe, apontando para o troço feito em troncos de madeira que ia dar a uma zona mais elevada a sul e a oeste do caminho que circundava a margem do lago. - Não têm ainda as botas secas? - Sim, bem, mas isso não vai durar muito tempo... - lamentou Adjí, sorrindo enquanto falava.

- Só espero que os barcos estejam no sítio onde o teu povo os escondeu - acrescentou Pelicar. - Eu nunca aprendi a nadar.

- Tu não precisas de um barco, ó torre! - resmungou Grebe. - Vais como a garça-real, em voo rasante sobre os canaviais.

Mikantor soltou um suspiro que não se apercebera que estava a conter há um pedaço. Entretanto mais alguns homens se juntaram à brincadeira e assim prosseguiram caminho.

Três corvos tinham pousado na árvore de carvalho num canto do jardim. De vez em quando, um deles

grasnava em tom exigente, ameaçador.

- Galid está a chegar... - murmurou Velanto.

- Sim. Obrigado. Nós sabemos...

Os homens que guardavam a Aldeia do Lago e que vigiavam as estradas desde a lua passada tinham trazido a notícia de que os do Ai-Zir vinham a caminho, e as pessoas de Avalon aguardavam expectantes o que iria acontecer. Velanto prendeu o manto de lã crua que lhe haviam dado para vestir e pensou se Galid o reconheceria. Quando olhara para as águas do espelho de água, mal se tinha reconhecido. Com a barba rapada e o cabelo cortado suficientemente curto para permanecer encaracolado, o rosto que olhava para ele era o mesmo que não via desde que a barba começara a crescer. Apenas as faixas cor de prata que Anderle pintara no seu cabelo desmentiam a sua juventude. Sorriu um pouco, divertido, ao lembrar-se que os sacerdotes no templo da cura, em Corinto, usavam o cabelo penteado daquele modo.

Quanto a ele, o único sacerdócio a que sempre aspirara fora o da Senhora da Forja. Porém, se os homens de Galid andassem por ali a sondar, vislumbrariam a oficina na Ilha das Donzelas, e, quando o vissem, identificá-lo-iam por havia roubado as pontas de lança. Galid não o deixaria ficar ali a fabricar armas para o seu inimigo. E, assim, lá estava ele de joelhos na horta, esperando não ter arrancado a erva em vez das ervas daninhas. Anderle preferia fingir que não tinham sido avisados da chegada dos do Ai-Zir e pretendia demonstrar que não tinham nada a esconder, e, por conseguinte, todos estavam embrenhados na realização de uma tarefa. Com alguma sorte, o adversário não lhe iria prestar atenção

alguma.

Da passagem entre o dormitório das sacerdotisas e o Salão do Sol veio o som de vozes e, em seguida, de passos arrastados. Velanto enfiou os dedos no solo, aguardando. As nuvens deixadas pela chuva do dia anterior agitaram-se no céu, emitindo padrões de luz e sombra nas folhas.

- Como podes ver, não tenho nenhum exército escondido aqui - proferiu Anderle no seu tom mais austero. Velanto sentiu uma satisfação amarga ao ouvir esta frase ser dirigida a alguém diferente desta vez.

- Isso é bastante evidente. Mas porque me ofereces esta hospitalidade recatada? Esperava, pelo menos, nuvens carregadas ou relâmpagos! Eu desconfio dessa cara de inocência, minha senhora, ainda mais do que do tom de desafio com o qual normalmente me cumprimentas.

Era a voz rouca do homem que Velanto tinha encontrado na estrada. Certamente, seria de esperar que se virasse e olhasse quando a sacerdotisa e o seu hóspede indesejável se encaminharam para o jardim. Era o mesmo homem que o ferreiro havia encontrado a caminho de Avalon, mas parecia mais velho. Apesar de a túnica estar tingida de um vermelho rico, exibia manchas antigas, e tinha um tique nervoso que Velanto não notara antes. Ou talvez fosse simplesmente uma reacção a Anderle. Galid sentou-se no banco e, após um momento de hesitação, a sacerdotisa aproximou-se dele.

- Quanto mais cedo vasculhares em toda a parte, mais cedo tu e os teus sequazes sairão daqui - proferiu a sacerdotisa em tom sarcástico.

- Quem é aquele homem? - perguntou Galid. - Não me

lembro de o ter visto antes.

- Achas que não? - disse Anderle num tom despreocupado, e Velanto forçou-se a olhar novamente para a alface. - É um sacerdote menor que perdeu a fala e ficou um pouco tolo devido a uma febre, mas tem um corpo muito forte e robusto, como podes ver.

- Será que ainda continua assim? Talvez eu o devesse levar comigo e assim afastá-lo-ia das tuas mãos - disse Galid em tom prazenteiro.

- Isso seria indelicado, pois, como já viste, somos uma comunidade composta maioritariamente por mulheres e por alguns homens idosos, e precisamos de alguém que possa transportar cargas pesadas. Além disso, a doença ieixou-o sujeito a convulsões e não há força humana que o consiga agarrar. Noutras ocasiões, balbucia tolices como um bárbaro e só se acalma quando eu pronuncio uma Palavra Mágica.

Isso foi súbita inspiração, minha senhora?, perguntou-se Velanto, deslocando-se da zona das alfaces para a das varas de feijão, através das quais podia ver o banco, ou tinhas essa explicação já planeada? Balbuciar como um bárbaro, realmente! - Basta de falar do tolo! - A espada de Galid raspou a pedra quando ele se virou.

- Vejo que o teu jovem primo não está aqui, mas também é óbvio que lhe deram abrigo. Isso não irá acontecer novamente.

- Será que não? - perguntou Anderle. - Esqueces-te que aqui eu sou a senhora da casa.

- Só enquanto eu o permitir. Deves ficar grata por

não te queimar o teu templo e levar as tuas sacerdotisas para moer o grão! Quanto a ti - a sua voz tornou-se mais profunda - ainda és suficientemente jovem para me servires na minha cama...

Velanto apertou os dedos convulsivamente em redor de algumas plantas e arrancou-as do solo. Disse a si próprio que a sacerdotisa não estava em perigo. Independentemente do que acontecesse aos outros, ela certamente poderia convocar o seu carro puxado por um dragão, como Medeia, e voar para longe dali.

- Ou a tua filha encantadora talvez sirva. -
Anderle soltou um sussurro sibilante e Galid riu. -
Ainda que ela seja demasiado doce para o meu gosto.

- Galid! - A voz de Anderle voz tremia de ira, e não de medo. - Em nome de tudo o que é sagrado, o que queres afinal? Dedicaste-te ao mal por diversão ou por vingança? Quem te terá feito sofrer tanto que, para te vingares, te tenha levado a infligir tanto sofrimento no resto do mundo? Não temes os deuses? Velanto sentiu os pêlos da nuca eriçarem-se ao ouvir a gargalhada do usurpador, e os corvos começaram a grasnar mais uma vez. Afastou as folhas. Galid olhava para Anderle. Ainda sorrindo, ele estendeu a mão e pegou numa mecha do cabelo encaracolado dela.

- Senhora - proferiu Galid com uma certeza sombria -, achas que o mundo que nos rodeia estaria moribundo se houvesse deuses? Existe apenas esta vida e as sensações que podemos retirar dela. A tua calma é a morte em vida. Eu poderia romper esse distanciamento... - apertou mais a mão em torno do cabelo dela. - Dizem que a tua cama está vazia desde que eu matei aquele idiota, Durrin, há já tantos anos. Não encontraste ainda o homem que seja teu parceiro ou

teu senhor? A sua voz tornou-se dura, e Velanto percebeu que ele olhava para Anderle como uma mulher, e não como uma adversária. Agora, pensou o ferreiro, pode ser uma boa altura para convocar os dragões. Os olhos de Anderle lançavam faíscas. Velanto sentiu uma agitação familiar na sua própria carne, precisamente o que o outro deveria estar a sentir. E Galid não tinha inibições, nem honra, nem medo.

Um dos corvos bateu asas na direcção da latada, onde o feijão se enrolava, e pousou de cabeça inclinada, como que a perguntar a Velanto o que este esperava. Conseguiria atingir Galid com uma estocada antes que ele pudesse desembainhar a espada? - Deixa-me. - Anderle tentava soltar-se, e Galid agarrou-a com a outra mão.

- Ajudem-me, deuses santos! - Velanto começou a erguer-se.

- Paion! - gritou o corvo.

Velanto abriu a boca para gritar, mas o que os seus lábios proferiram foi: "Paion! Paion!" Mais palavras se seguiram quando ele caiu de joelhos novamente. Embora parecessem um mero balbuciar aos outros, reconheceu o hino a Apoio que ouvira no templo de Corinto todos os dias, com aquelas palavras já antigas, quando os Filhos de Héracles foram exilados da sua casa do Sul. Ele mal entendia as palavras, mas enquanto movia os lábios o sentido florescia...

Péon, Senhor da Luz! Vento e fogo e levantar das trevas! Péon, a luz que expulsa todas as sombras, luz que não pode suportar o mal! Apoio Péon. forte, para nos salvar! As folhas em forma de coração do feijoeiro agitaram-se num golpe repentino de vento. As nuvens

dissiparam-se e, de repente, a horta estava repleta de luz e os corvos sobrevoavam-na numa cacofonia de asas negras.

- Agora vê lá o que fizeste! - Anderle pôs-se em pé repentinamente, e Galid, olhando atordoado, largou-lhe o cabelo.

- E ele estava a ir tão bem! - Sacudindo a cabeça, ela correu na direcção de Velanto, resmungando algo que soou como um feitiço.

- Meu pobre menino, acalma-te, ele não me vai fazer mal, está tudo bem.

Velanto olhou para ela, vendo pela primeira vez o espírito valente que nabitava o corpo feminino que o deslumbrara.

- Potinija... - sussurrou, com a alma em fogo, ansiando a dela, e viu nos seus olhos uma centelha de riso.

Galid resmungou.

- Então o idiota é teu amante? Desejo-te muita alegria com ele. Mas isto eu prometo-te: quando tiver tratado do teu bezerro fugitivo, voltarei, e então não haverá poder algum que te afaste de mim, nem homem nem deus! Começou a andar arrastando os pés. Ao encaminhar-se para o corredor, as nuvens voltaram e escureceram novamente o céu.

- Ai não? - disse Anderle numa voz sibilante. Apertou mais ainda o ombro de Velanto.

- Não dirias que um deus esteve aqui agora?

Velanto pestanejou, tentando entender o que acabara de acontecer. Como um eco, ouviu dentro da sua alma a voz que lhe falara nos seus sonhos, no templo. Vês... não te disse que me irias encontrar no Norte também? Sê forte. O teu trabalho aqui ainda não está feito...

DEZENOVE

Os bandos de gansos cinzentos iam-se juntando no lago, depenicando o que restava de alimento no fim do Verão. Durante semanas, os céus ecoaram com os gritos das aves migratórias. Os gansos seriam os últimos a partir. Ainda havia folhas em algumas árvores, mas Anderle não precisava que as aves lhe dissessem que o Outono estava a chegar ao fim. O vento que soprava sobre as águas era frio. Quando o barco chegou à aldeia, Badger estava à sua espera para a ajudar a subir a escada. Tremendo, ela seguiu-o até à cabana e pegou com as mãos frias na taça de chá quente que a reconfortou.

- Aqui estamos bem de saúde, como vocês em Avalon - disse o chefe, olhando-a através do fogo da lareira.

- Agradeço aos deuses por isso - afirmou Anderle. - É pelos homens que estão nos pântanos que temo. Não me atrevo a trazê-los de volta para Avalon e eles não podem passar o Inverno no meio do mato.

- É verdade. A humidade agrava-se quando está frio. Muitas das ilhotas estarão submersas em breve. - Badger atirou outra acha para a lareira. O seu cabelo estava cheio de madeixas brancas. Mal se podiam distinguir as > cãs que lhe tinham dado o seu nome. - Não podes enviá-los para as tribos? - Seria muito difícil mantê-los escondidos numa povoação. Nas montanhas, há outros povos como o teu, descendentes daqueles que já cá estavam antes de as tribos terem chegado. Achas que podes entrar em contacto com eles?

- Ah... - O chefe sentou-se, franzindo a testa. - É assim, eles conhecem lugares onde os espiões de Galid não iriam, mas os homens das tribo- não foram lá muito

amistosos para com eles. Não acolheriam bem o grupo de Mikantor.

- Não há maneira de os convencer? - perguntou Anderle. - Mikantor interessa-se por todos, e não só pelos do Ai-Zir. Se tiver oportunidade, fará o que puder para fazer a paz a todas as terras.

Badger inclinou-se novamente para avivar o fogo.

- Existe uma maneira - disse finalmente. - Um ritual muito antigo. Há muito tempo, nós, que agora vivemos nos territórios da periferia, usámo-lo para testar os nossos chefes. Se ele o fizer e se sobreviver, todos aqueles que partilham o antigo sangue e linhagem irão segui-lo.

Anderle estremeceu com apreensão, mas o destino que Mikantor nascera para cumprir continha todos os perigos. Seria tolice pensar que o poderia proteger agora.

- Diz-me qual é.

- Vocês são sacerdotes da Luz, na ilha sagrada, e este é um ritual de sangue, um mistério que remonta aos tempos em que o nosso povo não pastoreava nem semeava ainda, vivendo apenas no seio da nossa Mãe Terra. Digo isto porque tu também pertences ao sangue antigo e porque Pica-Pau foi nosso filho adoptivo. - A sua voz tornou-se mais suave e ela inclinou-se na direcção dele, sobre o fogo. - O veado de pêlo ruivo é um animal sagrado. A cria morre para que vivamos. Mas às vezes a mãe quer sangue por sangue, e o caçador é a oferenda. Quando tiramos a vida, sabemos que lhe devemos a nossa vida.

Anderle assentiu. A dívida de sangue era um dos motivos por que tão raramente comiam carne em Avalon.

- Mas isso é diferente quando se trata de um rei? - perguntou então.

Badger concordou.

- Os caçadores matam à distância, com a lança e o arco, mas o rei tem de ser corajoso para lutar contra as feras, enfrentando-as de igual para igual. A Caçadora Virgem chama-o, chama o Senhor dos Chifres, manda-o correr com os veados. - A sua voz não passava de um sussurro agora. - Ele tem de apanhar o Rei dos Veados e usar o dente de sílex para derramar o seu sangue, ou os chifres de veado irão de encontro ao seu coração. De qualquer maneira, a terra é alimentada.

- E se o caçador viver? - É oferecido à sacerdotisa que exerce o poder da Senhora das Bestas - respondeu o chefe. - Ela dá sangue virgem. Ele faz dela Mãe. Ela torna-o rei. Deste modo, Eles renovam as terras.

Ele ajeitou-se no banco, com a testa perlada de suor. Teria visto alguma vez aquele ritual ser realizado? Era óbvio que Badger acreditava no seu poder. E se Badger, cujo povo vivia tão perto de Avalon que tinha absorvido muitos dos seus costumes, acreditava no poder do ritual, então os outros, o povo escuro e secreto das colinas, certamente também acreditaria.

- Tens uma sacerdotisa preparada para fazer isto? - perguntou então. - Se não, há uma donzela em Avalon que pode carregar em si o poder.

Ela julgava que Tirilan não recusaria esta oportunidade. E quando ela conhecesse o êxtase do Grande Ritual, em que a Deusa se unia ao Deus. então esqueceria as suas fantasias infantis.

Mikantor contraiu-se quando Badger passou o pau envolto em couro e embebido numa tintura pastel pela sua pele, desenhando uma faixa ampla azul. O preparado fora misturado com outras ervas e exalava um aroma acre e invulgar. Fosse o que fosse que o cervo cheirasse, não seria cheiro a homem. Após três dias de preparação, Mikantor já não tinha a certeza se ainda era um homem.

A chama da tocha estremeceu quando o vento do amanhecer soprou mais forte, e a atmosfera pareceu mover-se entre a luz e as sombras. O Povo do Lago havia-o conduzido a uma clareira natural nas montanhas a norte dos pântanos, embora ele não tivesse tido ainda oportunidade de os ver. Fora mantido numa cabana durante os últimos três dias. Uma parte do seu espírito ainda conseguia discernir as coisas que o rodeavam através dos efeitos de uma dieta vegetariana e isolamento. Porém, o seu espírito estava cada vez mais em ascensão profunda e encontrava-se cada vez mais sensível ao cheiro a mofo da floresta e ao som dos ramos nus dos carvalhos batidos pelo vento. Usava apenas um cinto onde estava presa uma faca de pedra, mas não sentia frio. Tinham-lhe dito que por vezes o caçador perdia a vida neste ritual. Questionava-se sobre se o caçador nunca perdia completamente a sua humanidade.

- Mas porque têm eles de pintá-lo de azul? - perguntou Pelicar, ainda esfregando os olhos de sono. Ele tinha sido o mais protector, mas também o que mais compreensão demonstrara. No seu país, disse, havia

rituais especiais de teste e consagração, quando um líder de guerra era escolhido pela rainha. Embora, pensava Mikantor, não fosse exactamente igual a este.

- Acho que é porque eles não têm um corante que o possa transformar em verde - respondeu Ganath. - Acredito que para o veado seja a mesma coisa.

- Bem, eu espero que a sacerdotisa goste de azul, porque aquela pintura mancha! - Talvez ela também esteja pintada de azul - riu Tegues, que apreciava sempre qualquer conversa sobre mulheres. - Peito azul e nádegas azuis e...

- Tento na língua - resmungou Romen, pois o sangue antigo corria fortemente nas veias do povo de Belerion. - Isto trata-se de uma coisa sagrada. Por direito, não deveríamos sequer estar aqui.

- Achas que entregaríamos o nosso chefe ao poder do povo mágico sem protecção? - retorquiu Pelicar.

Mikantor apertou os lábios num misto de exasperação e orgulho. Supunha que a atitude deles era uma homenagem ao vínculo que nos últimos meses tinha sido criado entre os membros do seu grupo, mas não faria sentido insultar os seus aliados.

De algum lugar para além da floresta, veio o rufar dos tambores e um murmúrio de muitas vozes. O povo antigo também estava acordado e reunia-se para o ver triunfar ou morrer. De qualquer forma, o sangue de um rei iria alimentar a terra. Sentiu o coração disparar, retesado de apreensão, o homem que existia nele reagia, a besta em si queria fugir.

- Meu senhor, como te sentes? - perguntou Ganath em

voz baixa.

Mikantor olhou em redor, vendo o seu amigo com dupla visão; por um lado, um jovem de cabelos castanhos com uma túnica de lã puída, por outro, um urso castanho-avermelhado e resistente. Agora que os olhava com atenção, conseguia ver as formas de animais que se seguiam a todos eles.

- Cabeça... confusa... - Com esforço, articulava as palavras dos homens, mas que não chegavam a descrever a sensação, que não era exactamente uma dor de cabeça, mas a pressão que sentia lá dentro. Tinha vindo a aumentar desde o dia anterior.

- Já se esperava isso - murmurou Badger, espalhando cor nos seus braços. - Irá passar.

Mikantor esperava que sim. Se não caísse mal começasse a correr, talvez a acção afastasse aquela sensação. Contraiu-se novamente, voltando a cabeça, inquieto, e acalmou-se quando encontrou o olhar tranquilo de Badger. Disse a si próprio que não havia razão para ter medo. Tinha feito parte daquele grupo de pessoas até aos sete anos de idade. Eles não lhe fariam mal intencionalmente.

Os gansos selvagens grasnavam nos céus e Mikantor deu um passo para diante, sem querer. Focou a visão e viu o bando a sobrevoar o céu pálido. A névoa levantara-se do chão húmido, espalhando-se agora por entre os troncos das árvores.

- Queres segui-los? - Badger riu baixinho. - Tens outra corrida a fazer, meu rei. O veado espera-te para o enfrentares. Guarda o teu fogo interior para ele.

O chefe afastou-se para deixar passar uma velha que usava uma pele de lobo sobre as vestes de corça. Tinha os cabelos brancos presos por um colar de osso e trazia na mão uma pequena tigela de madeira cheia de um líquido escuro. Ela lembrava-lhe Anderle. O colar de âmbar e pedra de azeviche que a identificava como sacerdotisa bateu-lhe, pesado, sobre o peito liso quando se inclinou e enfiou um dedo no líquido negro que se encontrava na malga e desenhou-lhe um risco preto ao longo do músculo da barriga da perna. Mikantor teve uma sensação estranha de algo a percorrer-lhe a perna e bateu com o pé no chão. Quando ela repetiu a mesma operação na outra perna, só a mão de Badger pousada no seu ombro o manteve quieto. Trabalhando rapidamente, rabiscava-lhe símbolos no peito, nos braços e nas costas: eram os selos de todos os clãs. Ele sentia tremuras em todo o corpo.

- Quando? - Em breve - respondeu Badger -, muito em breve.

A sacerdotisa endireitou-se e recuou, e, pela primeira vez, o seu olhar cruzou-se com o dele.

- Em breve - repetiu ela - correrás por todos os clãs! Os seus companheiros ficaram para trás, quando Badger o conduziu através das árvores. Ele vacilou novamente ao avistar o povo ali reunido que o aguardava, mas o líder agarrava-o com firmeza enquanto o encaminhava para o interior do círculo.

Um grupo de mulheres estava do outro lado de uma fogueira, cujas chamas empalideciam com a aproximação do dia. A mais alta trazia uma máscara feita a partir da cabeça de uma corça. Estava envolta numa capa de camurça e uma grinalda de bagas coroava-lhe a cabeça. Pela sua atitude, ele pensou que devia ser jovem.

Alargou as narinas, procurando o cheiro dela. mas apenas sentia o cheiro forte a ervas e fumo.

Sentiu alguém atrás dele, voltou-se e estremeceu face ao peso repentino de uns chifres. Era o que lhe faltava na cabeça! Acalmou-se e deixou-os apertar o elmo de couro que segurava as pontas dos chifres firmemente sob o seu queixo. Balançou a cabeça para trás e para frente, aprendendo a movimentar os ombros para equilibrar o peso.

Badger falou então.

- Osprey encontrou o rastro do Rei Veado e das suas fêmeas. Quando os avistares, corre e derruba-o. - Ele mal ouvia. A sacerdotisa aproximava-se. entoando uma bênção com voz musical. O olhar de Mikantor movia-se dela para a floresta e vice-versa, esforçando-se por perscrutar as brumas que velavam as árvores. Para além das árvores situava-se o Outro Mundo.

A sacerdotisa ungiu-o com o aroma a almíscar de um veado, e o cheiro expulsou-lhe da consciência a sua identidade humana. Um dos humanos idosos acenou e, por fim, a forte mão que o prendia soltou-o. Mikantor lançou-se então numa corrida harmoniosa impulsionada pelos seus músculos poderosos. A floresta esperava-o. O Rei Veado esperava-o, o seu rival, o seu destino. Os pés do Caçador com Chifres voam, firmes, tocando a terra apenas para avançar mais velozmente. Flexível e forte, movimenta-se por entre as árvores, de cabeça baixa, para evitar embaraçar os chifres que o coroam. Ao longe, os Outros Caçadores seguem-no à distância, como cães. Apenas dois dos homens do Povo Antigo conseguem agora acompanhar o ritmo dele, correndo em silêncio, mas o veado, assustado, movia-se entre o arvoredos.

O trilho abre-se à sua frente. A luz do Sol a erguer-se capta brilhos nas gotas de orvalho dos ramos nus, nas folhas caídas e na erva rasa que cobre o chão. Tudo brilha com uma radiância que ultrapassa a do mundo humano. Ele respira luz, é um dos seres alados que esvoaça por entre os ramos, um dos roedores que habita sob o solo, com quatro patas, saltando sobre o chão atapetado de folhas. Corre com o cervo.

Não sabe há quanto tempo corre. O Mundo agora é brilhante, apesar do lampejo de névoa que ainda paira no ar. E, a pouco e pouco, o ar torna-se dourado, carregado de expectativa. Mikantor abranda o passo. Além, por entre as faias, movem-se figuras. Um rugido repentino quebra o silêncio. O Rei Veado está ali.

Os lábios do Caçador abrem-se e repete o grito que ecoa contra as árvores.

- Já vou... já vou...

Os veados estão reunidos numa clareira. Cerca de vinte talvez, ainda gordos das pastagens de Verão, ruminam junto das árvores. No centro, está o chefe, de pescoço erguido, a pelagem de Inverno da cor da casca de carvalho. É mais corpulento do que o caçador e muito musculado. Resfolegando, o veado baixa a cabeça coroadada e os cascos afiados marcam o terreno.

O Caçador com Chifres dá um passo em frente, os braços em equilíbrio, a cabeça um pouco curvada. É uma postura de lutador, embora não se lembre onde a terá usado antes.

- Eu sou o Rei... - ruge o veado. - Quem me vem desafiar? - Eu sou o Filho de Mil e Um Reis! -

responde Mikantor.

- Eu já te tinha visto antes...

No espírito do Caçador surge uma imagem de um campo aberto na Ilha do Deus Selvagem. Vem-lhe à memória a pelagem de Verão castanho-avermelhada, os chifres aveludados do veado e uma criança de cabelos dourados que dançava com os raios de sol.

- Eu cresci.

- Agora és digno dos meus chifres! - O veado resfolega novamente, emitindo um som muito parecido com o riso.

- És o mesmo veado que eu outrora vi? - Somos sempre os mesmos - respondeu. - Sempre o chefe, sempre o Rei.

- Então eu desafio-te...

O Caçador salta para a frente, executa um passo de dança para o lado os chifres oscilam e ele endireita-os novamente. O veado recua, dando um golpe com as patas da frente e afasta o Caçador para o lado. Avançam e recuam, atacando e defendendo, numa dança mortal. Um movimento inesperado do veado permite-lhe raspar com um dos chifres afiados na coxa do Caçador. Manchas de sangue tombam sobre as folhas caídas.

O Caçador salta uma vez mais e é arremessado para longe. Continua a sangrar, começa agora a sentir-se um pouco tonto.

- As gerações seguem-se às gerações, e cada vez que lutamos, o mais fraco deve cair. O sangue do velho rei

alimentará a terra, e o jovem rei dará a sua semente, para que a nossa Mãe possa gerar de novo.

O tempo do Caçador começava a esgotar-se. Agachasse, a respiração ofegante no peito, esperando que o veado se desvie para a frente e para trás. e aguarda. A coroa de facas mergulha na sua direcção, no último momento gira sobre as patas traseiras, esquivando-se aos chifres. Agarra com as mãos poderosas os chifres pela base e força a grande cabeça para baixo apoiando um pé, de modo que o veado não possa atacar, e aguenta o embate Por um longo momento, a tensão não cede, até que, por fim, o Caçador sente a força que se opõe a ele, vacilar.

Em alguma outra vida, alguém perguntara se estaria disposto a morrer pela terra.

- Concordas? - Agora cabia-lhe a ele fazer a pergunta.

O veado ergue-se um pouco, perde o equilíbrio e cai sobre as patas.

- Eu sou a Oferenda à terra...

- Tal como um dia eu próprio serei. - O Caçador aperta-o com firmeza. Os músculos cedem quando o Caçador lhe torce a cabeça. Os ossos estalam. Ele mantém-no agarrado, enquanto o corpo poderoso do Veado se agita, até as últimas convulsões cessarem, a luz se apagar dos olhos escuros e a marcha do tempo se iniciar uma vez mais.

- Corta-lhe a garganta, meu rei. O seu sangue deve nutrir a terra.

Mikantor pestanejou, voltando-se, e ao lado dele viu um homem de olhos escuros e cabelo grisalho. Ao recuperar a memória, ocorreu-lhe o nome, Badger. Percebeu que a faca de sílex ainda estava presa ao seu cinto e puxou a lâmina. O cabo de madeira e as ligações eram novos, mas a pedra estava obscurecida pelo uso e pelos anos. Gostava de saber quantas vezes a faca provara o sangue dos reis.

Estava tudo silencioso. Puxou a cabeça pesada do animal para lhe esticar o pescoço e esfaqueou apenas sob o ângulo da mandíbula. Com outro puxão enfiou a faca através da pele, abrindo-lhe as veias do pescoço. O ar ficou repleto de um cheiro metálico, quente como o sangue que corria numa maré vermelha. Com os sentidos ainda em sintonia com o Outro Mundo, reparou no brilho de energia que se evolava acima deles, dissipando-se gradualmente pela floresta, enquanto o sangue encharcava a terra, e a própria floresta exalou um suspiro agradecido. A luz dourada da tarde agitava-se por entre as árvores. A névoa desaparecera.

- Vai em paz, meu Senhor - sussurrou -, concede a tua bênção a esta terra.

Badger mergulhou um dedo no sangue e desenhou uma linha vermelha entre as sobrancelhas de Mikantor, outra nas faces e outra no peito. Quando o fluxo de sangue havia quase cessado, os homens começaram a aproximar-se. Viraram o veado de costas e fizeram-lhe um corte cuidadoso na barriga. Ele já vira esventrar cervos uma centena de vezes antes, mas nunca com tal solenidade. Um dos homens arrancou-lhe a pele, para que outro pudesse alcançar e tirar as vísceras, as quais serviriam de alimento para os animais selvagens.

Enquanto os caçadores amarravam as patas do veado e

enfiavam as lanças entre elas para o carregarem, Badger estancou e ligou a ferida que o veado fizera na coxa de Mikantor. Sentia dor, mas era uma coisa distante. Alguns dos poderes que lhe haviam sido concedidos para a caçada continuavam activos. Um dos caçadores pegou num chifre de vaca e soprou três vezes durante muito tempo. Passados breves instantes ouviu-se o som de outro chifre à distância. De monte em monte o seu triunfo era proclamado.

- O rei está morto... o rei regressa...

Aquela mesma serenidade levou Mikantor de volta, por caminhos de que não se lembrava de ter percorrido antes, à clareira, onde as pessoas aguardavam para saudar um novo rei. Então, as mulheres pegaram na cabeça do Rei Veadado e penduraram-na num poste, começando rapidamente a esfolar-lhe a pele. O coração e as miudezas foram grelhadas no carvão, enquanto o restante era desmembrado e colocado em caldeiras a ferver.

O rei alimenta o seu povo, pensou Mikantor, enquanto os homens lhe colocavam a pele molhada do animal sobre os ombros e o levavam para junto da fogueira. A sacerdotisa esperava-o, para lhe coroar os chifres com uma coroa de bagas vermelhas, como ela própria usava. Trouxeram-lhe um prato com carne assada e ela cortou-a em pedaços, para o alimentar, começando por lhe dar o coração. Ofereceram-lhe, então, uma taça de hidromel.

Mikantor sentia-se tonto e não sabia se era a cerveja ou o choque de comer carne, após tanto tempo sem a ingerir, ou a presença da mulher que se encontrava ao seu lado que lhe fazia a cabeça andar à roda. A maior parte do seu corpo estava oculta pela

capa de camurça que vestia. Ele apenas conseguia ver uma perna e um braço redondo nus. Tinha o cabelo penteado numa multiplicidade de pequenas tranças. Mikantor estremeceu quando pensou que, sob a camurça, ela deveria estar, tal como ele, nua. Por instantes captou-lhe o brilho dos olhos nos seus. A mão dela roçou nele quando lhe entregou um pedaço de carne e ele sentiu uma força imensa a pulsar entre eles.

O que sentia não se assemelhava à dissociação entre mundos que o invadira de manhã, quando o espírito do veado suplantara a sua humanidade. Uma vez mais sentia a consciência ser empurrada para o fundo, mas desta vez era-lhe concedido um poder ao mesmo tempo feroz e benigno, o poder de um deus. A medida que a sua consciência se alterava, a percepção da mulher que se encontrava ao seu lado também se transformava. Sobrepondo-se à máscara que ela usava, viu uma multiplicidade de imagen humana e animal, a frescura de uma donzela e uma mãe opulenta. Desejava todas elas. Até a bruxa da morte o chamava a derramar a sua vida no abraço dela.

Quando as pessoas ali reunidas acabaram de comer, recomeçou o rufar dos tambores, acompanhado pelo trinado doce de uma flauta em osso. Os caçadores circundaram a fogueira, com as patas de cervo amarradas em redor do tornozelos a marcar o ritmo, enquanto dançavam a história da corrida o veado. Mais tambores se juntaram ao rufar, quando outros aderiram à dança. As mulheres dobravam-se e agitavam o corpo diante dele, afastando a roupa para revelar um seio redondo ou um pouco das coxas nuas. Nessa noite, poderia ter qualquer mulher que quisesse. Era o rei.

Porém, Mikantor só tinha olhos para a mulher que estava sentada ao lado dele. A necessidade de a

possuir estava a tornar-se um tormento. Pegou-lhe no pulso e levantou-se, puxando-a de encontro a si.

Em seu redor, as pessoas riam.

- Por aqui - disse alguém. - A cama foi preparada para ti.

Ele readquiriu o equilíbrio e seguiu a sacerdotisa por um caminho onde os ossos da terra despontavam no chão. Na encosta, junto a uma gruta escura, ardia uma tocha. A sacerdotisa soltou-se das mãos de Mikantor e desapareceu pela abertura na rocha. O seu séquito retirou-lhe a coroa de chifres. Com a cabeça leve, deixou a pele do veado deslizar-lhe pelos ombros abaixo e seguiu-a. À luz bruxuleante de uma lâmpada de óleo, colocada num canto, teve a impressão de entrar num espaço semelhante a um útero grande, onde cabiam apenas duas pessoas. Uma cama feita de couro e peles cobria a quase totalidade do chão. A sacerdotisa fez uma pausa junto da mesma, como se sentisse a incerteza da primeira vez. Deu um passo e colocou-se atrás dela, agarrando-a pelos ombros, e pressionou o seu corpo contra o dela. A túnica de pele de veado impedia-o de a sentir, por isso retirou o alfinete e tirou-a para o chão, e, antes que ela se pudesse mover, fechou as mãos sobre os seus seios. Encostou-se a ela com força e sentiu os mamilos endurecerem "oh o toque dos seus dedos e ouviu-a suspirar.

Ela deslizou nos seus braços e voltou-se de frente para ele, a sua respiração rápida era um eco da dele. Ela retirou a máscara mas, como a luz estava por trás, o seu rosto continuava na sombra. Deleitou os olhos num peito branco e quadris arredondados, um corpo pintado como ele fora pintado, com sinais sagrados. Ao apreciar a sua beleza, lembrou-se de que tinha sido

treinado em Avalon e a luxúria frenética que o havia consumido um instante antes desapareceu, embora todo o seu corpo ainda ardesse de desejo.

- Benditos sejam os teus lábios, que proferem as sagradas palavras da Deusa... - sussurrou, inclinándose para a frente, e, suavemente, beijou-lhe os lábios. Eram macios e doces, e sabiam a mel; poderia passar uma hora a adorar apenas os seus lábios. Porém, o ritual prosseguia. - Benditas sejam as tuas mãos, que fazem o trabalho da Deusa... - Pegou primeiro numa, depois na outra e deu um beijo em cada palma. - Benditos sejam os teus seios, que alimentam os Seus filhos... Ele embalou-os nas mãos, sentindo-a tremer ao toque dos lábios. Manteve as mãos sobre o corpo dela, deslizando para baixo, e acariciou-lhe as ancas de seda e as pernas, ajoelhando-se para abençoar os pés que percorriam os caminhos da Senhora. Permaneceu de joelhos, movimentando as mãos para cima novamente, para lhe agarrar as ancas. - Abençoado seja o teu ventre, a fonte da Vida... - sussurrou, puxando-a de encontro a ele. - És a Deusa - proferiu ele com voz rouca. - Deixa-me servir-Te. - Ela pousou as mãos fechadas, firmes, sobre os seus ombros. Ele sentiu um tremor percorrer o corpo quente que abraçava.

- Tu és o meu Amado... - A voz dela revelava mais do que uma doçura mortal. - Sê bem-vindo aos meus braços! Tirilan despertou de um sonho no qual tinha adormecido com Mikantor encostado ao seu peito. Por um momento, pensou que ainda estava a sonhar, pois as peles em que estava deitada nunca tinham coberto a sua cama em Avalon. Uma luz cinzenta infiltrava-se pelo que devia ser uma porta de entrada e do exterior vinha o som do canto dos pássaros, que ensaiavam os primeiros trinados pela manhã. De um lugar mais próximo, ouviu alguém rressonar e depois suspirar.

Ergueu-se e estendeu a mão, tocando no cabelo desgrenhado e no ombro musculado de um homem, aquietando-se quando ele murmurou, e depois voltou a adormecer.

Uma enxurrada de imagens invadiu-lhe a memória. Um conhecimento mais profundo do que o pensamento disse-lhe que era na verdade Mikantor Tivera-o nos braços e algo mais acontecera, a julgar pela dor inusitada que sentia entre as coxas. E, contudo, não fora ela, mas a Deusa, que se entregara ao Deus. Como sacerdotisa, congratulou-se por o ritual ter corrido bem. Como mulher, poderia chorar, por se lembrar tão pouco da sua alegria. E Mikantor, perguntava-se, recordar-se-ia ele do que acontecera? Anderle falara-lhe sobre o ritual com que seria abençoada, mas ele não sabia que ela seria a sua sacerdotisa.

Em breve chegaria alguém para a levar de novo para junto da mãe, que contava voltar com ela para Avalon. Lutou contra a tentação de se atirar sobre Mikantor, para que não a afastassem dele, mas ela não profanaria o ritual. De qualquer modo, recusava-se a permitir que o que acontecera se resumisse apenas a uma recordação luminosa. A Deusa tinha o seu dever cumprido, mas o que restava a Tirilan? Isto foi uma dádiva, e grande... mas não basta, pensou, inclinando-se para respirar o perfume do jovem, misturado com o aroma das ervas. Eu não posso esperar que os outros me ajudem. Tirilan teria de agir para concretizar o seu desejo.

Do exterior vinha o som de passos a caminhar na pedra. Ela começou a vestir o casaco de camurça. A sua mão roçou na pele dura, e então tocou em mais qualquer coisa, uma faca enfiada numa bainha de couro. Era tudo o que Mikantor trazia quando entrou na caverna.

- Senhora minha - ouviu-se uma voz sussurrar suavemente -, minha senhora, deves acordar, é hora de partires...

Tirilan envolveu-se na capa de camurça e prendeu-a com o alfinete de osso. Em seguida, estendeu a mão mais uma vez e retirou a faca de pedra da bainha. Segurando na capa fechada com a outra mão, ela levantou-se e saiu para o exterior através da passagem sem fazer ruído.

Anderle aguardava-a junto à fogueira, à entrada da cabana, onde Tirilan a preparara para o ritual. Ela ainda tremia depois da lavagem que lhe retirara a maior parte da pintura, bem como o cheiro que Mikantor havia deixado no seu corpo, pois nessa época a água da fonte sagrada era gélida. Tinham-lhe retirado a capa de pele de corça e devolvido o manto grosso de lã crua cinza e o manto de sacerdotisa azul. Porém, conseguiu guardar a faca de pedra, agora envolta numa tira de véu rasgado e pendurada entre os seios, por baixo do vestido.

- Toda tu brilhas, minha filha. Passaste uma noite agradável? Tirilan olhou para o rosto da mãe e depois para o fogo, revelando, esperava, uma perturbação que era, no mínimo, modesta, se não mais virginal.

- Tenho razões para acreditar que a Deusa ficou satisfeita - respondeu Tirilan suavemente. - Quanto a mim, sinto-me como o escravo que leva a carne cozinhada ao amo. Pode sentir o seu sabor, mas a barriga continua vazia.

- Não me venhas dizer que o teu corpo ainda anseia pelo do homem - disse sarcasticamente Anderle. - Eu

conheço os efeitos de tais rituais. O poder corre através da mente e do corpo e envolve-nos numa grande paz.

- E o meu coração? - perguntou Tirilan. - Eu quero ouvir a voz de Mikantor e ver o seu rosto. Quero ter certeza de que ele tem o suficiente para comer e roupa limpa para vestir. E quero que me tome nos braços e saber que é ele me toma.

As duas mulheres conversavam em voz baixa, mas uma das mulheres do clã, voltando para a fogueira, foi recebida com tal olhar de Anderle que se afastou. A sacerdotisa virou-se para a filha.

- Ele tem um bando de homens para cuidar dele! Quanto ao teu coração -, a Deusa do coração está em primeiro lugar no que diz respeito a esse assunto. Em Avalon somos poupadas dos encargos que fazem com que uma mulher das tribos envelheça antes de tempo. Em troca, abdicamos do companheirismo diário pelo qual suspiras. O que te faz pensar que ele desejaria estar contigo? Não me lembro de ele te ter procurado quando estava em Avalon. Vais voltar para casa comigo e ficar grata pelo que viveram.

Tirilan sentiu-se corar e depois ser invadida pela palidez, quando a mãe proferiu a palavra "casa".

- Talvez tenhas razão - disse em voz baixa. Ela sempre acreditara que a mãe sabia tudo. Afinal de contas, Anderle governara Avalon durante vinte anos. - Normalmente tens. Mas eu não acredito que saibas alguma coisa sobre o amor.

Anderle abanou a cabeça, em desespero.

- Organizei isto para Mikantor e também para ti, sabendo que o desejavas como uma corça com cio. Dei-te esta oportunidade para o poderes tirar da cabeça e agora está feito.

- É tudo o que o acto de amor significa para ti? - indagou Tirilan. - Coçam-se quando têm comichão e, em seguida, ambos seguem os seus caminhos até ao próximo ano, é isso? O meu pai foi apenas um meio para teres um filho? - Claro que não - replicou Anderle, mas faltou-lhe convicção.

- Não acredito em ti - afirmou categoricamente Tirilan. - E eu não vou voltar para Avalon. - E se estou a cometer um erro, pelo menos será o meu erro.

- E os teus votos? - Não lhe contarei segredo algum do templo - proferiu ela docemente. - Quanto aos meus outros votos, dei-me ao rei como a Deusa exigia. Se ele me desejar, estarei com ele novamente. Se não me quiser, ainda assim servi-lo-ei, e se tiveres mentido sobre o destino de Mikantor durante todos estes anos, irei então servir os deuses.

- Tu vais servir como um burro de carga, num campo com todos os homens - começou Anderle a dizer, mas Tirilan interrompeu-a.

- Se tentares impedir-me, colocarás a validade do ritual em questão, e parece-me que preferes garantir o futuro de Mikantor a impor a tua vontade sobre mim. Afinal, já muitas mulheres se chamaram Senhora de Avalon. mas há apenas um Filho de Mil e Um Reis.

Entretanto, tinham chegado mais pessoas. Tirilan enfrentou a mãe com uma expressão de desafio e viu-a calar-se, de súbito, com os olhos faiscantes.

- Não me peças a bênção. Deixaste de ser minha filha.

- Senhora, eu deixei de ser tua filha no momento em que me mandaste sair da câmara de iniciação, rumo à escalada do Tor sagrado - proferiu Tirilan suavemente.

Quando a mãe se afastou, ela fez a vénia de obediência total devida à Senhora de Avalon, perguntando-se se a voltaria a fazer algum dia.

- Mikantor, tens de voltar para a cabana. Está uma pessoa à tua espera.

Sentindo um tom esquisito na voz de Ganath, Mikantor virou-se. A expressão do amigo era estranha, um misto de consternação e divertimento no olhar. Porém, pelo menos não era o temor supersticioso com que todos, até mesmo os seus companheiros, tinham olhado para ele no dia anterior.

Em torno deles, o povo de sangue antigo que se reunira para o ritual preparava a bagagem para voltar para casa. No espaço junto à fogueira amontoavam-se os presentes que lhe haviam deixado. Mikantor ainda estava a tentar entender o que significaria a sua fidelidade. Três membros do clã atarefavam-se a embalar os presentes que os póneis resistentes iriam carregar. Tinham prometido guias, provisões e um lugar seco para o abrigar a ele e aos seus homens durante o Inverno.

Começou por dizer que não tinha tempo, mas o brilho que viu nos olhos do amigo dissuadiu-o. Ontem ficara esgotado da caça e da noite que se seguira. Porém, não podia ser mais indulgente consigo próprio e,

especialmente, perder mais tempo tentando lembrar-se exactamente do que tinha acontecido na caverna. Poucos homens haviam recebido tal bênção uma vez e muito menos se lembrariam da mesma ou a repetiriam. A cura consistia em manter-se ocupado até a saudade desaparecer.

- Tudo bem, mas diz aos homens para se prepararem para partir. Os nossos guias não devem ser obrigados a esperar.

Coxeando um pouco devido à ferida que tinha na coxa, atravessou a clareira e entrou na cabana que tinham construído para ele. A mulher estava sentada ao lado do fogo, envolta numa capa e com os cabelos cobertos por um pano de lã. Ele parou, abrindo mais os olhos, quando ela se levantou e deixou cair o véu, revelando um rosto pálido e o cabelo encaracolado.

- Tirilan? O que estás a fazer aqui? Chegaste a ver a cerimónia? Eu não te vi lá...

Deixou de tagarelar quando ela desembrulhou algo que mantivera escondido e que em seguida lhe estendeu.

- Vim para te devolver isto...

Uma faca de pedra. A faca de sílex que não conseguira encontrar quando os anciãos o foram buscar à caverna. Ele deu um passo na direcção de Tirilan e cambaleou, devido à rigidez que enfraquecia a perna.

- A ferida incomoda-te? - perguntou ela rapidamente. - Será que te ligaram bem a perna? Deixa-me ver.

- Não, não. Está tudo bem, só sinto a perna dura,

Tirilan! - Pegou-lhe nas mãos, tentando apurar a verdade através do contacto da sua pele com a pele dela, enquanto tentava descortinar na sua voz a doçura de que vagamente se recordava. - Anderle sabe que estás aqui? - Sabe...

- Foi ela que te enviou? - Não foi ela que me enviou... - respondeu Tirilan.

- Na caverna... eras tu? - Ele respirou, começando a entender, embora ainda não conseguisse acreditar.

- Na caverna era a Deusa e tu o seu Escolhido - proferiu Tirilan suavemente. - Acredito que é Sua vontade que eu fique contigo. Disseste que poderia orar pela tua protecção. Fá-lo-ei melhor se te puder ver.

Mikantor abanou a cabeça, sentindo um misto de exasperação, piedade e uma emoção ímpar que o tentava dominar.

- Não entendes. Eu sou apenas um homem. - Ela não era apenas uma das servas que tão alegremente partilhavam os seus favores. Era Tirilan...

Ela encolheu os ombros.

- Eu sei; ainda me lembro-me de quando eras um pirralho ranhoso. Mas também me lembro de ti quando invocaste o trovão. Quando ainda não acreditavas em ti próprio, eu já acreditava. Quando olho para ti, ainda vejo o deus.

Um pensamento desagradável ocorreu a Mikantor.

- A tua mãe baniu-te? Tiri fez um trejeito.

- Ela não ficou nada satisfeita. Não tens de me levar contigo - continuou ela -, mas acredita que sou capaz de andar e até de dormir em condições adversas como qualquer um dos teus homens. E também sou curandeira.

Mikantor olhou para ela sem saber o que sentia, excepto que, apesar das suas palavras corajosas, agora ela precisava da sua protecção.

- Bem... bem...

Colocou um braço em redor dela e puxou-a contra si, ao mesmo tempo aliviado e desapontado por, naquele momento, a sua resposta não passar de um afecto triste.

- Virás comigo, então, e que os deuses ajudem quem se nos opuser!

VINTE

Tirilan virara costas a Avalon, mas numa encosta desolada a sotavento encontrara um novo lar. Ela ainda estranhava aquela região. As charnecas a nordeste de Belerion estavam repletas de blocos graníticos arredondados que emergiam do solo. O melhor, realmente, era tratar-se de terra firme, tão diferente da charneca, que consistia numa mistura de lama e turfeiras, a qual poderia sugar uma ovelha ou um homem. Hoje, o terreno estava coberto pela neve branca que caíra na noite anterior. Tirilan cerrou um pouco os olhos para evitar o reflexo do brilho intenso da luz do Sol sobre o manto branco e reluzente, e aconchegou-se mais na manta cinzenta, para se proteger do vento gélido.

Mikantor estava lá fora, algures, percorrendo o caminho de regresso a casa, vindo da aldeia mais próxima, onde fora buscar algumas das suas provisões excedentes. O Inverno rigoroso abatera-se sobre a charneca e, apesar de alguns dos homens murmurarem que tinham trazido mantimentos suficientes para sobreviverem, Mikantor manteve-se firme. Os clãs dos pântanos tinham-nos acolhido e ajudado a reconstruir as suas habitações. E a única maneira de todos prosperarem era partilharem o que possuíam.

Tirilan não regateara a comida, mas a charneca era duplamente traiçoeira quando estava coberta de neve. Respirou fundo e fechou os olhos, tomando a forma de um cisne, de modo a poder enviar o seu espírito em protecção de Mikantor. Isto, pelo menos, era algo que podia fazer por ele. Os leitos tinham sido instalados na mesma plataforma elevada à direita da lareira, mas não partilhavam as mantas. Ela não esperava que isso

acontecesse quando andavam em viagem, mas, quando chegaram à charneca, o hábito da separação tornou-se uma barreira que ele aparentemente não queria derrubar. Ele nunca lhe tocava. Saberia que ela ansiava desesperadamente por um pequeno sinal de afecto? Tirilan nunca teria acreditado que duas pessoas poderiam viver lado a lado em tal silêncio. Se nada mudasse até à Primavera, ela poderia então admitir que a mãe estava certa e voltaria para casa, para Avalon. Levantara-se vento, agitando a neve e a luz, como se pretendesse dar forma aos espíritos que dançavam em toda aquela terra. Outrora, estas terras altas haviam sido uma amálgama de campos e pastagens. Muitas aldeias tinham sido construídas a partir da pedra que ali abundava. Porém, o lugar onde o povo dos pântanos resolvera acomodar Mikantor e os seus companheiros fora há muito abandonado. Reconstruíram algumas das casas em círculo e chamaram-lhe Gorsefield, devido à quantidade de erva e espinheiros que fora necessário limpar. Do portão, ela via as espirais de fumo que saíam dos telhados de colmo. Quando o tempo piorou, a maioria das pessoas tinha partido para a costa. Ficaram apenas alguns clãs do povo antigo, para levarem as ovelhas a pastar ao longo das colinas.

- Deusa - sussurrou -, goza o teu lindo vestido branco, mas traz os nossos homens para casa são e salvos, e depressa.

Era uma verdade amarga que do perigo a que estavam sujeitos decorresse a sua segurança. Apesar de ser perigoso viajar pela charneca, mesmo com o clã Curlew por guia, era certo que nenhum inimigo os poderia atacar naqueles terrenos. Além disso, os espíritos dos antepassados abundavam naquela região, assombrando as pedras que ali tinham deixado erguidas, cada uma

coberta agora com o seu próprio elmo de neve. A cerca de uma légua para norte ficava o túmulo das Três Rainhas, as Mães antigas que ainda guardavam a terra. Era um lugar onde o poder da Deusa se fazia sentir fortemente. Esse poder corria ao longo da corrente de energia que vinha desde a ponta mais longínqua de Belerion até Avalon e que circundava toda aquela terra.

Outra rajada de vento provocou-lhe um arrepio de frio. Era hora de ir para casa.

Mikantor despediu-se de Pelicar e baixou a cabeça para entrar na casa que partilhava com Tirilan, louvando silenciosamente o engenho dos construtores originários que haviam colocado todas as entradas de frente para a descida da encosta, facilitando a drenagem das águas e protegendo-os das correntes de vento. Atrás de si, ouviu os gritos jubilosos de boas-vindas dos que tinham ficado, saudando com gratidão os que chegavam. Parou um pouco, ganhando coragem para a encarar. Viver com Tirilan nos últimos meses tornara-o perfeitamente consciente dela como um ser físico, e o seu corpo reagia de acordo com esse facto, porém, nunca se conseguia esquecer de que era uma sacerdotisa e que, portanto, estava ligada aos votos que fizera.

Sacudiu a neve dos pés e pendurou a capa de lã crua num gancho à entrada da passagem, antes de puxar a cortina da porta.

- O vosso encontro correu bem? - Tirilan olhou para cima ao senti-lo entrar. Estava a remendar uma das túnicas do jovem guerreiro. Mikantor ficou sem fôlego ao ver como a cintilação do fogo lhe fazia brilhar o rosto suave e os cabelos.

Retirou dos ombros o casaco de pele de carneiro e pendurou-o, sentindo os dedos das mãos e dos pés começarem a desenregelar devido ao calor da sala.

- Lycoren parece ser de confiança e odeia Galid. Quando descermos das charnecas, na Primavera, prometeu juntar-se a nós com os seus homens.

O líder do Ai-Akhsi era o terceiro chefe a oferecer-lhe o seu apoio, tomando assim a decisão de partir para aquela região desolada. As rainhas e os seus líderes de guerra mantinham ainda uma neutralidade oficial, mas a notícia da Corrida do Veado espalhara-se rapidamente por toda a parte. Na Primavera, Mikantor talvez já fosse líder de um pequeno exército.

- Acho que te irá saber bem qualquer coisa quente agora. Tenho chá de milefólio a fazer no fogão de lenha e só preciso de colocar lá dentro uma pedra quente para que ferva. - Ela afastou a túnica e, com um movimento hábil, desviou com as pontas de um chifre as pedras de granito que tinham estado a aquecer entre as brasas. Depois colocou o chá na água, que começou a ferver sobre a plataforma de pedra da lareira, um legado deixado pelos construtores daquelas habitações, há muito desaparecidos.

- Fui até ao portão de entrada esta manhã - observou ela, vertendo o chá nos copos de barro que tinham trazido com eles. - A vista era maravilhosa. Esta terra é agreste, mas muito bela.

- Bela e assustadora - concordou ele. - No regresso, Curlew falou-nos sobre os espíritos que habitam estas charnecas. Não tenho a certeza se nos queria avisar ou amedrontar. Ele diz que há um

monstruoso cão preto nas redondezas que mata os homens.

- Isso faz lembrar as histórias que as tribos contavam sobre o demónio Guayota - respondeu ela. - A velha Kiri costumava contar-nos algumas histórias realmente assustadoras.

Enquanto ela falava, Mikantor pegou no copo e sentou-se junto à saliência de pedra onde dormiam, lançando um olhar sub-reptício para trás. As peles de ovelhas e as mantas em que dormiam estavam dispostas, como sempre, em dois montes. Soltando um suspiro, estendeu os pés na direcção do fogo.

Todos os homens partiam do princípio que ele dormia com ela, e a melhor maneira de a proteger era deixá-los pensar assim. Porém, ela evitava de tal modo que os sentidos dele despertassem ante a visão de algum pedaço da sua carne que ele não tinha nenhuma razão para acreditar que ela gostaria de receber os seus avanços. Vivendo com ela o dia-a-dia, chegara à conclusão de que a amava tanto quanto a Velanto. Mas ele entendia o ferreiro. Haviam deixado para trás Anderle, pensou ele amargamente, mas a filha ainda continuava vinculada às regras de Avalon.

Tirilan tremeu como varas verdes ao sentir outra rajada de vento. As casas eram sólidas, devido ao enchimento de entulho que havia sido colocado entre duas lajes de pedra e ao forro de tábuas de madeira ou de pele de carneiro que as isolava no interior. As paredes tinham sido fáceis de reparar, ao contrário dos telhados, pois havia poucos troncos nas charnecas para fazer traves com a altura apropriada. O vento que soprava vinha acompanhado de espíritos, pensou sombriamente, cujos dedos gelados repuxavam as

ligações em palha tentando arrancá-las.

A lua que se seguira ao meio do Inverno trouxera sucessivas tempestades, erguendo remoinhos do tamanho de um homem que varriam os campos e escondiam a forma habitual dos terrenos, mesmo para os que os conheciam bem. As provisões armazenadas de alimentos e combustível iam escasseando. Alguns dos homens murmuravam que deveriam ter permanecido nos pântanos, onde, apesar de encharcados, pelo menos não gelariam de frio. Tirilan partiu uma placa de turfa e atirou-a ao fogo; em seguida, pegou mais uma vez no seu fuso. Tinha os dedos demasiado frios para agarrar a lã, embora tivesse vestido todas as peças de roupa que possuía. De qualquer modo não queria usar mais combustível enquanto estivesse ali sozinha.

Mikantor e a maioria dos homens estavam lá fora, algures, em busca de Pelicar e Romen, que haviam saído para caçar naquela manhã e ainda não tinham regressado. Podiam sempre pensar que o tempo gelado endurecera a superfície dos pântanos, mas havia uma centena de outras razões que podiam causar a morte a um homem naquelas terras. Tinham saído há tanto tempo! Ela retirou mais lã da cesta e continuou a enrolá-la até chegar ao fim do fio que pendia do fuso.

Sentiu os dedos aquecerem enquanto enrolava a lã em torno do fuso. pegando nela com uma mão e dando uma volta com a outra. Deixava o peso do fuso imprimir uma rotação até se aproximar do chão e depois repetia todo o processo mais uma vez.

Enquanto trabalhava, começou a cantarolar, esquecendo tudo, excepto o girar hipnótico do fuso e a cintilação do fogo. Puxando e enrolando a lã até ao fim e recomeçando tudo de novo, a visão turvou-se, até

lhe parecer que estava a fiar chamas... As Três Rainhas eram por vezes chamadas fiandeiras. O que fiariam elas? A imagem do túmulo das Três Rainhas começou a moldar-se entre as brasas e vislumbrou três formas curvadas que entoavam uma cantilena e fiavam fios brilhantes a partir das correntes de luz que fluíam por todas aquelas terras.

- Eu fio todos os actos do passado... - cantava uma.

- Eu fio o que está a acontecer... - cantou a seguinte -, e a minha linha não tem fim...

- Dos vossos fios eu fio o que acontecerá - proferiu a voz da terceira rainha.

- E eu quebro-o e volto afiá-lo entretecido com o fio do passado, mais uma vez - afirmou a primeira.

- Cada vida é um fio que eu levo na mão através da terra... - entoaram em unísono. - Se conseguires ver o que será, escuta-me...

Vidas, pensou Tirilan, observando aqueles dedos ágeis.

- De quem é a vida que estão afiar agora? - gritou ela em espírito.

- Queres juntar-te a nós? - perguntou a terceira rainha. - Consegues ver as linhas da vida dos que lutam no meio da tempestade? Quando olhou, Tirilan viu as linhas de luz que se retorciam ao longo da paisagem brilhante que se estendia à sua frente. Algumas eram brilhantes e nítidas, outras desvaneciam-se rapidamente. Umas voavam para longe quando lhes

tocava, ao passo que outras se aproximavam da sua mão. Uma a uma, reuniu-as, nivelando-as e alisando-as, e depois puxou-as para dentro.

- Venham - sussurrou. - Este é o caminho para casa.

Não sabia quanto tempo passara quando o som de gritos irrompeu por entre os uivos do vendaval. Uma rajada de vento fez rodopiar as cinzas e arrancou a cortina da porta de entrada. Ela levantou-se, regressando subitamente ao presente com um choque que lhe deixou as têmporas a latejar. Mikantor estava à porta, de olhos tão arregalados quanto ela própria. Tirilan ?lhou para baixo e viu o fuso abandonado no chão. Mas os seus dedos estavam ainda em movimento, continuando a entrelaçar as linhas de luz que escorriam das suas mãos, provenientes dos restos do lume da fogueira.

Somente a disciplina do longo treino que tivera como sacerdotisa a impedia de cair. Respirou fundo.

- Voltaram todos? Mikantor assentiu.

Tirilan soltou um suspiro longo. Depois curvou-se e com muito cuidado reavivou a fogueira.

- Encontrámo-los - proferiu Mikantor num tom enrouquecido. - Ronen tropeçou num buraco e partiu uma perna e Pelicar tentava ajudá-lo a caminhar. Caía constantemente. Quando Beniharen tropeçou e caiu sobre eles, já não foi capaz se levantar... É um rapaz demasiado pesado para o carregares sozinho, não é verdade Pelicar, mas conseguimos. Pelos ossos de Banur, que frio fazia! - Despe essa roupa, estás todo molhado. - Tirilan interrompeu-o. À excepção de duas manchas vermelhas nas maçãs do rosto, estava

pálido como um cadáver. Tirou-lhe a capa e o casaco de pele de carneiro e envolveu-o num cobertor. Depois empurrou-o na direcção dos leitos, resistindo ao impulso de o abraçar e de o aconchegar no seu calor. Tinha de se manter em movimento, caso contrário desmaiaria com o alívio de o ter são e salvo junto de si, e nessa altura já não poderia ser útil a ninguém.

- Fizemos uma maca com as lanças, mas a neve - abanou a cabeça - soprava de todas as direcções. Sem estrelas, sem caminhos visíveis, sem abrigo... E ouvíamos um uivo constante que não era o vento. Curlew disse que o cão vinha no nosso encalço, e juro que Guayota andava ali, no meio da tempestade. - Mikantor estremeceu e recuou quando pegou na malga de cerveja que ela mantivera a aquecer ao fogo. - Oh deuses, consigo sentir os pés novamente! - exclamou ele enquanto Tirilan lhe tirava as botas de pele, cheias de palha, e os panos de lã que as cingiam às pernas.

Estavam geladas. Ela puxou uma pele de carneiro que se encontrava em cima da cama e envolveu-as. Como poderia ela permitir-se admitir o medo profundo que sentira? Era essa a fraqueza que vinha do amor? Fora por isso que a mãe recusara aceitar os seus próprios sentimentos durante tanto tempo.

- Perdemo-nos. Pensei que nunca mais te voltaria a ver. - Bebeu outro gole de cerveja e os tremores começaram a diminuir. - E então fui acometido por um calor no peito... Senti que tu me chamavas... - Mikantor olhou para o fogo e depois para o rosto dela numa interrogação desesperada.

- Chiu... Chiu... deves agradecer às Três Rainhas e não a mim. - Evitando olhá-lo, virou-se para reavivar as chamas. - Onde estão agora Pelicar e Romen? - Na

cabana de Ganath. - Mudou a posição dos pés sobre o velo, estremeando ao sentir a circulação restabelecer-se e a cor voltar às pernas.

- Eu vou ter com eles. - Ela pegou no manto, lutando contra o riso histérico que a assaltava. Sim, encontrei-te, e talvez te tenha salvo. Sim, amo-te... o seu coração chorava, mas se cedesse ao seu amor debulhar-se-ia em lágrimas.

- Despe o resto da roupa e mete-te na cama. Estarei de volta em breve.

Atreveu-se a beijá-lo rapidamente no alto da cabeça e, em seguida, saiu.

A cabana de Ganath estava mais quente, saturada do cheiro de corpos masculinos e lã molhada. A maioria dos homens estava ali reunida, e, portanto, havia pouco espaço, mas afastaram-se para lhe dar lugar. Os dois homens resgatados estavam a dormir nas suas camas, enrolados em cobertores. Ganath tratara e ligara a perna de Romen. Tirilan não se deveria ter preocupado, ele recebera a mesma formação que ela. Assentiu com a cabeça quando Ganath descreveu o que estivera a fazer, passando as mãos por cima dos homens para sentir a energia que emanava deles.

- Romen está a melhorar - murmurou ela quando terminou o exame. - Está enfraquecido pelas dores, mas Pelicar parece mais esgotado.

- O que é normal, pois teve de despender mais energia ao tentar salvá-lo - disse Ganath.

- Ainda temos caldo de carne? Vai buscar um pouco para lhe dar - pediu ela. Depois virou-se para

Pelicar, ergueu as mãos sobre a cabeça e o peito do rapaz, transmitindo-lhe energia através das palmas das suas mãos. Decorrido pouco tempo, ele começou a respirar com mais facilidade e ela afastou-se, corando ao perceber que os outros homens a olhavam.

- Foram as tuas preces que nos salvaram, Senhora? - perguntou Acaimor.

- Agradece aos deuses - respondeu ela rapidamente - e aos espíritos destas terras. - Vestiu a capa novamente. - Ganath procedeu muito bem. Vão para a cama, todos, e mantenham-se quentes. Agora tenho de voltar. Deixei Mikantor sentado ao lume. É melhor ir ver se não caiu.

Tirilan saiu em seguida, mas não pôde ignorar os gestos de reverência que eles lhe fizeram quando passou. Tê-los-ia ela salvo? Se sim, a forma como o fizera nada tinha a ver com o que aprendera em Avalon. O que mais poderia aprender com os espíritos daquela terra? Quando Tirilan voltou para a casa que partilhava com Mikantor, viu que ele se metera entre os cobertores ainda meio vestido, e o fogo tinha morrido de novo. Colocou na fogueira mais duas placas de turfa, dobrando-as para queimarem melhor, e depositou algumas cinzas em torno das mesmas.

Depois ajoelhou-se junto do estrado onde Mikantor dormia e abanou-lhe o ombro.

- Acorda, deixa-me tirar-te essa roupa molhada, é só um momento meu amor, por favor! Ele resmungou qualquer coisa, sem chegar realmente a acordar. Mas foi o suficiente para que ela lhe puxasse a túnica pela cabeça e lhe aconchegasse a manta até ele adormecer profundamente de novo, enrolado ao seu lado.

Tinha ainda a pele muito branca e fria, apesar dos cobertores e do calor da cabana. Demasiado fria, pensou, esfregando com força o corpo comprido do rapaz, para o aquecer. Poderia chamar alguns dos outros homens para se deitarem ao lado dele, ou partilhar com ele o seu próprio calor, pele contra pele.

Só até ele estar mais quente... Tirilan abanou a cabeça, pois percebeu que, mesmo naquele momento, estava a tentar negar-se o desejo de o ter nos seus braços. Mas depois ficou muito assustada perante a perspectiva de deixar passar aquela oportunidade. Rapidamente colocou as peles de ovelha sobre si e, em seguida, despiu-se e deslizou para a cama, puxando as cobertas sobre ambos e aconchegando-se a ele.

"Eu fiei o fogo", pensou, sentindo a pele dele fria contra a sua, "e certamente poderei convocar o fogo para o aquecer agora..." Apertou os braços em torno dele e procurou, dentro do núcleo de luz, a cada respiração, aumentar o fogo dentro dela, através dela, colocando-os num casulo de calor E estava a resultar... O frio mortal foi desaparecendo da sua pele, libertando arrepios. Os fortes músculos das costas moviam-se contra o seu peito, enquanto ele respirava. Tinha os braços debaixo dela. Mikantor estava quente agora, quente e seguro. Com um suspiro, ela encostou o rosto ao ombro do jovem e adormeceu.

Tirilan sabia que estava a sonhar com a noite na caverna, pois sentia-se ruborizar e tinha o corpo latejante. Suspirou, tentando lembrar-se do momento antes de a Deusa a ter possuído, e ouviu Mikantor sussurrar o seu nome. Aquilo não pertencia ao sonho. Abriu os olhos e viu-lhe as feições iluminadas pelo brilho do fogo. Ele virou a cara, e ela sentiu o seu

corpo tremer contra o dela.

- Tirilan - disse novamente -, eu amo-te. Sempre te amei, creio, mesmo quando eras uma miúda travessa e me provocavas constantemente. Vais deixar-me amar-te? Jurei que nunca te incomodaria, mas...

- Eu não sou a Deusa... - sussurrou ela.

- És uma deusa para mim. Carregas a luz. Sempre te vi assim. E és uma sacerdotisa, que é quase a mesma coisa. - Ele abanou a cabeça gemendo.

- As sacerdotisas são mulheres...

- Eu posso sentir isso - retorquiu ele com ironia, tentando rir. - Foi por isso que me atrevi, Tirilan. Ao encontrar-te nos meus braços, pensei que tinha morrido lá fora, na neve, e ido para as Ilhas Bem-Aventuradas. Mas isto é real, não é? - Apertou-a. - Tu não poderias estar ainda deitada aqui se não quisesses ser misericordiosa... - A voz morreu-lhe na garganta.

- Misericordiosa! - Ela inclinou a cabeça para trás, tentando ver-lhe as feições. - É isso que tu achas que eu sou? Porque, em nome de todos os deuses, achas que te segui até esta região desolada, se não te amasse? As suas palavras foram cortadas por um beijo. Colocou o braço em torno do pescoço do jovem, cobriu-o com uma perna e recebeu-o no seu fogo.

O carvão na fornalha pulsava com uma luz intermitente que cintilava através da oficina e da cortina de vime que Velanto colocara à entrada. Com tiras de couro que cobriam as frestas nas extremidades, mantinha o calor necessário para que, sob o amplo avental de couro de boi, o ferreiro

vestisse apenas duas túnicas de lã, em vez de um manto sobre os três. Anderle tinha um xaile sobre a túnica fina de mangas compridas de lã azul.

Durante o Inverno, a tensão entre eles diminuía, talvez porque devido ao frio a mulher vestisse muita roupa. A massa disforme de tecidos que a envolvia era menos preocupante do que o vislumbre do braço ou do peito revelados pelas vestes de Verão. Desde que Mikantor levara Tirilan para as charnecas que a sacerdotisa visitava Velanto com mais frequência. A princípio, ele pensou que era para o atormentar, mas ultimamente começava a suspeitar que ele constituía uma distração para a sua própria solidão.

Velanto reforçou as correias que prendiam o tubo da fornalha aos tubos dos foles, franzindo a testa quando Anderle passou junto dele, e sentou-se para os soprar mais uma vez.

- Se não consegues estar quieta, mulher, dá uma volta ao fole e sê útil - proferiu ele.

Anderle parou, surpreendida, ao descobrir que se tinha movido.

- Tens razão, o rapazinho, o Aelfrix, costuma ajudar-te. Ellet disse-me que ele está na casa do curandeiro até recuperar da tosse que o aflige. O que devo fazer? Velanto levantou-se, admirado por a ouvir concordar.

- Senta-te ali e segura nas alças de cada saco. Empurra-as para cima e para baixo, alternadamente, deixando as varas separar-se um pouco quando as levatares novamente. Já me viste fazer isso várias vezes. Força o ar através do tubo. O ar faz arder o

carvão quando está muito quente e derrete o bronze.

O cadinho, aninhado entre os bocados de carvão no interior da fornalha estava cheio de pedaços de bronze partidos que não tinham utilidade. Já haviam começado a perder os seus contornos quando Anderle chegou. Agora, pareciam pedaços de um guisado de metal derretido. Ele sorriu levemente quando Anderle pegou, hesitante, nas alças, numa primeira tentativa, e os foles emitiram uma espécie de chiado asmático.

- Mikantor ajudava-te a fazer isto? - perguntou ela, ofegante.

- Porque é que achas que ele tem aqueles ombros? - Velanto sorriu. - Ele aprende depressa, aquele rapaz. Acho que é bom em qualquer ofício a que se dedique, mas o metal não canta para ele...

- Ele nasceu para ser rei... Sentes falta dele? - perguntou então.

Sentes falta da tua filha? Não proferiu estas palavras em voz alta.

Ela fez uma pausa, enxugou a testa e, em seguida, desenrolou o xaile Enquanto se acomodava ao ritmo do fole, não podia deixar de prestar atenção ao modo como os seios dela se erguiam sob o tecido da túnica, alternadamente, ao ritmo do trabalho com os foles.

O trabalho era a solução, tanto para ele como para ela. Ele fixou o olhar nas brasas, cujo brilho pulsava a cada chiado do fole. Era carvão de carvalho de boa qualidade e podia certamente atingir uma temperatura que derretesse o metal, embora também estivesse dependente da proporção de cobre e estanho que este

contivesse.

- Sinto falta dele... - disse, por fim, ainda contemplando o fogo. - EU era filho do rei de Tirinto, mas não da rainha. Mandaram-me aprender este ofício muito cedo. Nunca fui um guerreiro, e a maior parte das pessoas acha os ferreiros estranhos. - Fez uma pausa para colocar os carvões mais perto do cadinho. O bronze estava a aquecer desde o meio-dia, e o Sol já estava a pôr-se. Estaria pronto em breve. - Não tinha nenhum companheiro, até o rapaz aparecer.

- Mas ele era um escravo...

- Talvez no início, mas depois... - Parou, tentando explicar a relação que se criara entre eles. - Quando me escravizaram, após a minha cidade ter caído às mãos dos Heráclidas, pensei que a morte seria melhor opção do que converter-me na propriedade de algum homem. Pica-Pau deu-me força para viver, tratou-me sempre com o mesmo cuidado, até eu saber quem era novamente. Quando o rei de Corinto nos libertou, senti-me diferente. Alguns homens são escravos do medo, ou do amor, e alguns são dominados pela vontade dos deuses. Nós escolhemos as nossas cadeias.

- Então eu sou escrava da Deusa? - Ela abanou a cabeça. - É preciso ver que existe uma diferença, pois foi de bom grado que fiz o juramento para a servir. Foi por isso que não consegui perceber quando Tirilan... - calou-se, olhando-o como se ele a tivesse forçado a fazer aquela revelação.

- Vocês foram criadas para isso. Acho que não tinhas outra escolha, tal como eu também não podia optar por não defender a minha cidade. Mas Tirilan e Mikantor estão a percorrer o seu próprio caminho, e

como podes tu ter a certeza de que ela também não está a satisfazer a vontade dos deuses? Anderle franziu a testa e começou a trabalhar furiosamente com o fole, espalhando faíscas em direcção ao tecto manchado de fuligem. A medida que o bronze derretia, o suor escorria-lhe pelo rosto e manchava-lhe o vestido de humidade.

- Deixa-me ser eu a fazer isso agora - disse ele, quando considerou que ela já tinha expulsado a raiva que sentia. Ela encolheu-se um pouco ao endireitar-se e cambaleou na direcção do banco, até se sentar. Velanto tomou o seu lugar no banquinho, trabalhando o fole com braçadas fortes e eficientes. Sentia o olhar dela pousado nele, mais quente que o fogo, e alegrou-se por o brilho do fogo esconder o seu rubor.

- E agora és livre? - perguntou ela delicadamente.

- E tu, és? - Há doze anos que sirvo a minha visão - disse ela devagar. - Eu vi Azan Ylir em chamas, e isso aconteceu, por conseguinte devo acreditar que era realmente uma verdadeira previsão do que poderia suceder.

- Diz-me tu - pediu ele calmamente.

O bronze parecia já ter derretido todo. A cor tornara-se gradualmente mais brilhante, até ser quase impossível contemplá-lo. Seria melhor espicaçar mais um pouco o lume, pensou, ajeitando a fita que lhe apertava o cabelo para trás e alcançando os invólucros de couro que lhe protegiam as mãos e os antebraços.

- Vi inimigos desembarcarem aqui, homens que falavam outra língua e que queriam destruir tudo o que somos, porque as nossas tribos, que estão sempre em

guerra umas com as outras, não se unem. Porém, vi também com a visão a criança morta, e salvei-a. Por isso acredito que o futuro pode ser mudado.

- Então, Galid é apenas o começo - proferiu Velanto pensativamente - para Mikantor. Para mim, basta-me limpar-lhe aquele esgar risonho do rosto. Ter visto o homem duas vezes é suficiente para o odiar. A terceira, se o rapaz não o liquidar, matá-lo-ei eu.

- Com a espada que estás a forjar agora? - Não é apenas uma espada, já enviei uma dúzia de lâminas para o> homens de Mikantor. Agora estou a fazer as minhas próprias armas. Este será o primeiro de um par de machados, como os que tinha na Cidade do> Círculos. Machado ou martelo - sorriu, irónico -, qualquer um deles cabe na mão de um ferreiro. Faço o original em cera e depois cubro-o de argila, em seguida a cera derrete ao lume. O bronze é utilizado quando abro o molde. - Pegou no molde de barro em forma de machado que deixara junto da fornalha morna e sorriu ao ouvir o som tilintante que o bronze emitia quando lhe tocou com o pequeno martelo. Cuidadosamente, colocou-o em cima da borda de pedra da fornalha, com a extremidade aberta virada para cima.

Velanto olhou novamente para o cadinho.

- O bronze está pronto para ser derramado. Deves ficar muito quieta agora. - Inspirou profundamente, esvaziando a consciência de tudo, excepto da tarefa que estava a realizar. Virou-se, erguendo as mãos para as duas deusas que se encontravam por cima da fornalha.

- Potinija - murmurou na sua língua -, ergue-te Espírito Sagrado Senhora de todas as Artes. Pelo fogo

e pela água, abençoa este trabalho! Enfiando as mãos nas luvas de couro cru, remexeu nas brasas, longe do cadinho, e em seguida agarrou-o com o alicate e levantou-o. Tinha as dimensões de um copo grande, mas era bastante pesado para o seu tamanho. No topo da vasilha, uma espécie de película cinzenta cobria um fulgor vermelho, mas a parte inferior era tão brilhante como o carvão. O braço tremeu-lhe um pouco ao usar um disco de bronze para retirar os desperdícios que cobriam o metal derretido e, depois, segurando as pinças com ambas as mãos, lenta e progressivamente inclinou o cadinho sobre a extremidade aberta do molde.

O bronze, que tomara o tom de um sol brilhante, jorrou como um riacho de chamas assim que entrou em contacto com o barro. Quando o metal começou a escorrer do molde, Velanto verteu o resto num canto da fornalha e pousou cuidadosamente o cadinho.

- O que é que se vai passar agora? - perguntou Anderle quando ele começou a retirar o invólucro de couro.

- Agora vamos esperar - disse ele ironicamente. - Como uma mulher que está grávida. O molde é um útero. Tens de esperar para descobrir o que irás dar à luz. Mas isto não demora assim tanto tempo.

Decorridos alguns momentos, pegou no alicate mais uma vez, elevou o molde e deixou-o mergulhar, emitindo um ruído que se assemelhava a um a>sobio, na banheira de arrefecimento. A água borbulhou como um caldeirão, lançando gotas de vapor com um cheiro nauseabundo. Quando cedeu, arrancou o molde e colocou-o sobre a laje de pedra da sua mesa de trabalho.

Velanto acenou para Anderle.

- Se quiseses, vem ver. - Ela inclinou-se sobre a mesa, enquanto ele firmava o molde com o alicate, pois este ainda estava bastante quente, apesar do banho, e pegou num pequeno martelo de bronze com uma pega de chifre curvo que lhe cabia na palma da mão. Então, com um sorriso repentino, ofereceu-o a Anderle, mascarando todas as outras reacções com o entusiasmo do trabalho feito.

- Não vou magoar-te? - perguntou ela.

- Se o vazamento for bom, não me magoas - respondeu ele. - Se não for. não tem importância. - Ela parecia de repente muito mais jovem e, mordendo o lábio para se manter mais concentrada, deu uma pequena pancada no molde. - És a Senhora de Avalon - afirmou ele sorrindo. - Bate com força! - Sem pensar, pousou a sua mão sobre a dela e, juntos, lançaram-se sobre o barro. No contacto, sentiu um choque de energia entre eles. É como o relâmpago, pensou, confuso, deixando cair a sua mão e dando um passo rápido para se afastar. Ela estremeceu um pouco, segurando-se à mesa e em seguida, voltou-se para ele e deu um grito de alegria.

- Fizemos certamente uma grande magia! Olha! Com a cabeça ainda a latejar, ele adiantou-se e sorriu ao ver o brilhante arco metálico cor de palha no sítio onde o barro se havia partido. Mais alguns toques dados em linha recta libertaram o resto da cabeça do machado, ao longo da parte superior e inferior, com uma perfuração pequena no final, para receber o punho fechado que serviria para pegar no machado.

- Como pode um objecto que serve para provocar a morte ser tão bonito? - murmurou ela quando o virou

entre as mãos.

- O falcão quando luta é belo, assim como o lince que Mikantor matou nas grandes montanhas - respondeu ele. - Tal como qualquer coisa em que a forma e o seu propósito correspondam. - Como tu e eu gostaríamos de ser correspondidos, pensou ele, se alguma vez nos unirmos no amor.

Ele virou-se rapidamente, pegou num pedaço de couro macio para embrulhar a cabeça do machado e colocou-a no cesto.

- Deve ser lixada e polida - murmurou, de costas viradas para ela. - Ainda não está pronto. - Ele permaneceu onde estava e o silêncio prolongou-se durante alguns instantes.

- Obrigada por esta tarde tão educativa - disse ela, por fim, num tom tão frio como a água na cuba de têmpera. Ele ouviu o farfalhar de tecido e percebeu que ela estava a cobrir-se com o xaile e o manto que pendurara na porta.

- Mas não respondeste à minha pergunta - disse ela. - Que cadeias escolheste tu, mestre ferreiro? - O meu ofício... - respondeu Velanto lentamente. - Sei que posso confiar no metal para seguir a sua própria lei. Se falhar, é porque não o entendo.

- E sabes como forjar a espada que Mikantor empunhará, a espada das estrelas? Ele voltou-se para a encarar.

- Tudo o que o homem pode fazer por ele, eu sei fazer. O que tu queres. Senhora, deverá vir dos deuses!

VINTE E UM

- A minha senhora é mais brilhante do que o Sol... Por onde anda, deixa um rasto de flores. A minha senhora é a luz da Primavera e a alegria doce do mundo...

Mikantor captou o sorriso de Ganath e parou, consciente de que corava como uma donzela, excepto que nenhuma donzela ou mancebo poderia ter compreendido a amálgama de sensações e a recordação que haviam dado o origem àquela canção. A Primavera chegara à charneca havia algum tempo e, apesar de uma leve brisa ainda perseguir as nuvens de chuva da última noite nos céus, o povo antigo juntara-se ao grupo de Mikantor no túmulo das Três Rainhas para fazer as suas oferendas. As suas tendas em pele estavam agrupadas no sopé da colina. O apetitoso cheiro a cordeiro assado já se fazia sentir, levado pelo vento.

- Nunca te envergonhes de a amar, meu amigo - disse o sacerdote. - A alegria que tu e ela partilham abençoa-nos a todos nós.

Por um momento, o aperto que sentiu na garganta impediu Mikantor de lhe responder. Respirou profundamente o ar doce. Com o regresso da Primavera, as tempestades agrestes tinham passado, e os prados e pântanos resplandeciam num verde vívido.

- Os homens não estão ciumentos? - perguntou, quando recuperou a fala.

- De ti e Tirilan? - Ganath sacudiu a cabeça. - Eles sabiam que tinhas dormido com ela no ritual, quando ela era a deusa. O que fazem agora será assim tão diferente? Tu és o rei. A tua união com uma

sacerdotisa da Senhora da Vida traz a felicidade e a cura às terras.

No êxtase do seu primeiro amor, Mikantor não vira a sua relação sob essa perspectiva. Fazer amor com Tirilan era glorioso, e mesmo que lhe fosse proibido tocá-la, a ligação entre eles tornara-se tão forte que o seu relacionamento permaneceria igual. Antigamente, amava-a como um camarada e amigo. Agora, era seu amante. Ele tivera outras raparigas antes, mas não passara de uma mera e agradável troca de prazeres.

Quando estava com Tirilan sentia um género diferente de respeito, ainda mais forte do que o elo que o unia a Velanto. Onde quer que vivesse, sentia-se um estranho. Mesmo quando pensava que pertencia ao Povo do Lago nunca se sentia plenamente integrado. Fora no coração de Tirilan que encontrara por fim um lar.

- Então é isso que representa? - indagou ele. - Sempre me pergunto: qual seria a melhor forma de unir homens de várias tribos diferentes e de os motivar a lutar por um ideal comum, mas Avalon serve a todos e, por extensão, a minha união com Tirilan tem o mesmo propósito.

- Não te subestimes como líder. - Ganath sorriu de repente. - Mas a verdade é que Tirilan, enquanto símbolo vivo, lhes dá força para lutar, e acho que isso a Senhora de Avalon não incluiu no seu plano. Ninguém que veja a tua senhora pode duvidar que ela traz em si a graça da Deusa e que nos oferece a todos nós...

Os dois homens olharam para o alto da encosta, onde o tojo se cobrira de flores douradas. Fora o movimento

das nuvens ou algum brilho intenso que fez com que Tirilan parecesse caminhar envolta numa mancha de luz e que o seu cabelo brilhasse mais do que as flores? Ela conduzia as mulheres dos clãs para o lado oeste do monte, na direcção do túmulo das Três Rainhas onde iriam colocar a sua oferenda, que consistia em jarros de leite de ovelha e pães. Desafiava a brisa da Primavera com um vestido azul pálido, preso nos ombros com alfinetes de bronze, que lhe deixava nus os braços brancos.

Chegou ao topo e parou para falar com uma das mulheres. Em seguida virou-se e fez um gesto. Mikantor calou-se, ouvia-a com o coração.

- Acho que ela me está a chamar...

- Eu acompanho-te. - Ganath sorriu. - Para este efeito, precisa? e de um sacerdote perto de ti, e não de um guerreiro.

- O teu homem é um veado na encosta. - À medida que a velha fala - a Tirilan apercebeu-se que o seu olhar ficara preso em Mikantor desde que lhe enviara o convite mental. - E simultaneamente um chefe de guerreiros para os clãs e um líder para as tribos.

Não é um veado, pensou Tirilan enquanto ele caminhava na direcção da encosta, mas um animal mais feroz, pois, para honrar a ocasião, colocara sobre os seus ombros largos a pele do lince que vencera nas grandes montanhas.

Caminhava com a graça dos grandes felinos, pronto para saltar em cima da presa... O seu corpo reagiu ao imaginar que ele a tomava novamente nos braços sobre a erva. Com esforço, compôs as feições e a atitude.

- Senhoras - ele abordou as mulheres com uma vénia -, precisam de mim? - As Mães precisam de ti - respondeu a mulher. Ela era considerada sábia pelo seu povo, embora não fosse mais alta do que uma criança de dez anos das tribos, e revelava-se tão resistente às intempéries como as pedras que abundavam nas charnecas.

Ele olhou com inquietação para o túmulo que se encontrava atrás dela - um monte coberto de erva muito verde com pouco mais do que a altura de um homem, do qual sobressaía apenas uma borda de pedra, sem terra, limpa pela chuva, e, mais abaixo, uma abertura escura.

- O que devo fazer? - Nada de extraordinário para um grande guerreiro como tu. - A velha soltou um riso casquinado. Da bolsa que trazia pendurada ao ombro retirou uma tigela preta e fez um gesto na direcção da água, que brilhava para além de um bosque de carvalhos. Tirilan arregalou os olhos ao ver que era esculpida em pedra de azeviche e ornada na borda. Só os deuses saberiam quantos anos já teria.

- Leva esta taça até ao lago sagrado, enche-a com água e volta.

- Muito bem. - Os seus olhos cintilaram ao ver Tirilan, e ela sorriu encorajadoramente, embora não fizesse a mínima ideia do que a mulher pretendia.

- E tu - disse a mulher sábia quando ele se dirigiu ao lago - deves sentar-te em cima do monte da sepultura.

Tirilan já tivera contacto com os poderes que pertenciam àquele lugar.

Conseguia senti-los agora, despertando em resposta à invocação dos seus descendentes.

- Não tenhas medo - riu a mulher mais uma vez. - Que mal poderá acontecer num dia de Primavera como este? Tirilan observou-a com um ar carrancudo e depois virou-se para o túmulo.

- Mães - orou -, vocês já me ajudaram antes. É este o vosso desejo? - A resposta não veio em palavras, mas sob a forma de um grito de um falcão, que circundou três vezes o cimo do monte num voo rasante, antes de bater asas e se afastar no céu.

- Ajoelha-te lá em cima, mesmo em frente da pedra.

Uma das mulheres mais jovens deu-lhe a mão e ela subiu para o topo da sepultura e ajoelhou-se. Passado um momento, Tirilan apercebeu-se que se encontrava numa das poses em que a deusa costumava ser retratada, e, então, começou a entender. Soltou os alfinetes que lhe prendiam o vestido nos ombros de modo que a peça de roupa ficasse presa apenas pela faixa e os seios nus. Outra rapariga subiu ao monte com uma coroa de espinheiros, provenientes da zona inferior da colina, e colocou-a sobre o cabelo de Tirilan.

Entretanto, Mikantor estava de regresso, caminhando com passos cuidadosos, como se transportasse todas as águas do mundo naquela tigela negra. Concentrado na tarefa, não olhou para cima até chegar ao monte.

Surpreendido, arregalou os olhos quando viu Tirilan lá sentada, e endireitou-se, segurando a taça em oferta.

- A vida tem origem no ventre... - A voz da mulher sábia parecia vir de muito longe. - A vida volta ao túmulo. As Mães dão, recebem e voltam a dar.

- O que vais dar, Rei Veado? Tirilan sustentou o olhar, erguendo as mãos para amparar os seios, enquanto dava mais um passo em frente.

- O meu sangue e a minha semente - respondeu -, para Ti, Senhora para esta terra! - Então faz a tua oferenda - sussurrou ela, indicando a abertura escura sob as suas coxas. Quando ele levantou a taça e a derramou, tocou-lhe com as mãos na cabeça, em bênção. Ao toque, o poder ardeu entre eles através deles e foi canalizado para a terra do monte da sepultura.

- Agora as Mães conhecem-te! - gritou, triunfante, a mulher sábia. - Tu lutarás abençoado por elas. E em breve.

Sobrepondo-se ao bater do seu coração, Tirilan ouviu gritos. Afastando o olhar de Mikantor, olhou para cima e viu alguns dos seus homens a subir a colina. Quando ele se voltou, prendeu o vestido. Tremendo ainda devido à reacção causada por aquele momento de união, foi assaltada por um tipo diferente de emoção. Pelicar encabeçava o grupo.

- Meu senhor, meu senhor, chegou um mensageiro - os deuses lá saberão como nos conseguiu encontrar - e pertence ao grupo de GalidTrouxe um desafio, meu senhor, um convite para travarmos uma batalha no vale do monte do Cavalo Branco! - Acho que ele se cansou de nos perseguir em redor dos pântanos - disse Tegues rompendo o silêncio.

Tirilan ergueu-se e começou a descer o monte.

Mikantor enfrentou os homens que se aglomeravam em torno dele. O número de companheiros havia aumentado bastante. No início, o grupo era composto por uma dezena de homens e agora contavam-se cerca de cem homens fortes. - Podemos esconder alguns homens, mas não todos - afirmou Curlew -, ou então podem ir para sul, para junto dos nossos irmãos...

- Nós já nos escondemos vezes suficientes! - exclamou Pelicar. - Se eu enviar a notícia à minha mãe, ela enviar-nos-á mais homens da minha tribo. Galid já nos roubou demasiadas ovelhas! - E a nós também - disse Romen, enquanto os outros repetiam o mesmo.

- Vais aceitar o desafio? Estaremos preparados? - murmurou Tirilan, tomando-lhe o braço.

- Os homens envelhecerão, se esperarmos muito. - Olhou para o monte e depois para ela. - Mas tu...

- Eu irei contigo, é claro - disse ela com firmeza. - Ganath não pode tratar das tuas feridas sozinho.

Mikantor fitou-a, percebendo que, se a deixasse ali, ela segui-los-ia sozinha. Então, abanou a cabeça e correu para o alto do monte.

- Ó homens da charneca, homens dos vales e das planícies e das colinas, eu vos convoco! - gritou. - Galid desafiou-me para a guerra! A terra clama contra ele; desejam acompanhar-me para pôr fim ao seu mal? - Os aplausos dos homens que o rodeavam pareciam ecoar nos céus. - Então vamos festejar hoje à noite, e amanhã pôr-nos-emos a caminho! Sob o céu cinzento, as colinas brilhavam num verde vivo. Em breve, o vermelho do sangue cobriria com outro manto aqueles

campos. Porém, ali reunido com os seus guerreiros - homens duros de corpo robusto que havia treinado durante quase um ano -, Mikantor não podia acreditar que seria o seu sangue a derramar-se. Quem poderia derrotá-los? Certamente que não os homens que haviam passado o Inverno preguiçando junto às fogueiras de Galid.

- Clac, clac, clac! - O vale ressoava quando as lanças do inimigo atingiam os escudos de madeira. Tinham as espadas ainda embainhadas.

Mikantor sabia que os seus homens possuíam armas melhores. Conteve o sussurro interior que lhe dizia que as espadas não haviam sido testadas na batalha, enquanto os guerreiros de Galid eram veteranos de guerra grisalhos e marcados por cicatrizes. Tivera todo o Inverno para pensar na batalha, para architectar estratégias com pedras e paus para os seus homens. Mas só havia uma cura para a inexperiência e Galid tinha o remédio.

Ajustou o elmo de couro endurecido por uma camada de bronze, desejando possuir um daqueles elmos com banho de bronze que vira em Tirinto.

A maioria dos seus homens fizera-os com couro simples. Insistiram que ele usasse um colete de couro bem fervido, apesar de não terem metal suficiente para o reforçar. Quase todos os seus homens usavam algum tipo de protecção, e constatava que os guerreiros de Galid também a tinham, embora o clã e os homens das tribos não possuíssem nenhuma, pensou Mikantor ao aproximar-se. Alguns tinham-se despido para a batalha. Mikantor havia colocado os seus homens num campo de pastagem entre as colinas, com os seus companheiros no meio e os aliados de ambos os lados. Acima deles

ressaltava a figura estilizada dos contornos do Cavalo Branco, gritante, contra o verde. Mikantor pensara que os bosques que circundavam a figura serviriam como refúgio. Mas também podem ser uma armadilha, percebeu depois, mas era tarde de mais para mudar as disposições que tomara agora.

Das árvores vinha o grasnar de um corvo. Outros lhe responderam, quer provenientes dos céus, quer dos arbustos em redor.

Peçam à vossa Senhora para ser pacientes, pensou sombriamente. Ela terá a sua oferenda.

Por entre o clamor produzido pelos homens a movimentarem-se para as suas posições, ouviu uma praga na língua do mar do Oriente. A voz em demasiado profunda para pertencer a Lisandro. Com o coração a bater descompassadamente, Mikantor virou-se e vislumbrou uma figura corpulenta que lhe era familiar.

- Velanto! - chamou. - O que estás tu a fazer aqui com um tempo destes? Corria uma leve aragem de humidade, e o céu não se conseguia decidir se traria chuva ou se seria apenas nebulosidade.

- Os deuses sabem que quase voltei para a cama quando vi o céu - resmungou o ferreiro, rompendo por entre a multidão -, mas achei que talvez precisasses de um outro par de braços.

Mikantor tirou o escudo do braço e agarrou os ombros do homem mais velho, só nesse momento percebendo o quanto desejara que o ferreiro ali estivesse para lutar ao seu lado. Os músculos moviam-se como rochas sob as suas mãos.

- Agora somos imbatíveis! - Clac, clac... -
responderam as lanças do inimigo.

- Eles são fortes - disse Velanto.

Parecem experientes, pensou Mikantor, quando se começaram a aproximar, opondo uma confiança inabalável, ou talvez fosse desprezo, ao entusiasmo dos homens de Mikantor.

- Bem, nós também somos - afirmou com arrebatamento. - Mas onde está o teu escudo? -
Castor e Pólux vão defender-me - respondeu Velanto, desapertando os dois machados perversamente brilhantes que trazia à cintura.

- Estes são novos - constatou Mikantor num tom apreciativo.

O ferreiro encolheu os ombros.

- Cansei-me de fazer espadas, e achei que era altura de pôr em prática o treino que Bodovos nos proporcionou.

- Ambos lhe devemos muita coisa. Gostaria que ele estivesse aqui - suspirou Mikantor. - Por falar nisso, o que é feito de Aelfrix? - Deixei-o em Avalon com ordens para o amarrarem se tentasse acompanhar-me.

- E Anderle? Velanto parecia pouco à vontade.

- Essa não precisa de viajar. Pode montar o vento.

- Talvez não haja necessidade. Tirilan também o pode fazer, e está aqui, no alto deste monte. - Fez um gesto com a cabeça em direcção ao aglomerado de

árvores que escondia o túmulo ancestral. - Ela disse que assistiria de longe, mas que não poderia curar as nossas feridas, a não ser que estivesse connosco. Todos os homens lhe prometeram que sobreviveriam à batalha ilesos, mas ela veio de qualquer maneira. - Ele e Velanto trocaram um olhar.

- Temos de fazer o nosso melhor para não precisar das suas artes - disse o ferreiro. - Onde queres que eu fique? - Coloquei os guerreiros tribais à minha direita e os homens do sangue antigo do lado esquerdo e os meus Companheiros no centro. Temos treinado para lutar em grupos de três, e assim Pelicar e Acaimor ladear-me-ão. Mas tu podes controlar a minha retaguarda e ter em conta qualquer coisa de que eles não se apercebiam.

- Espero que haja trabalho suficiente para todos nós - comentou Velanto, lançando um olhar perspicaz sobre o inimigo.

Mikantor vislumbrou as capas de cor púrpura da guarda pessoal de Galid e sentiu o ódio incendiar-lhe as veias, tal como o fogo no qual Galid permitira que a sua mãe morresse queimada... No seu dia-a-dia, não se lembrava dela, mas ainda tinha pesadelos como incêndio. Pelo menos, o senhor da guerra não tivera a coragem de ostentar os chifres do touro. Os homens de Galid usavam peles de raposa sobre os ombros. Esperava que a previsão se confirmasse - as raposas eram ladras manhosas, sempre prontas para fugir e roubar. Talvez ele devesse ter trazido a pele de lince, pensou então.

Hoje iria precisar da força do grande felino.

Sentiu a tensão aumentar ao constatar uma onda de movimento ao longo da linha do inimigo. Os lanceiros

deslocavam-se para os lados, para revelar a guarda de Galid, no centro, em frente da sua própria guarda. Galid encontrava-se no meio deles, ao lado de um homem ainda mais alto do que Pelicar, e mais pesado. Devia ser Muddazakh, o guerreiro oriundo de uma terra do Norte que Galid convertera em seu campeão. O homem enorme inclinou-se, pegando na árvore jovem que usava como lança, quando uma figura mais leve emergiu das fileiras do inimigo para dançar para eles, as caudas da fera que prendiam a sua capa esvoaçante ondulando ao vento a cada movimento que fazia.

- Aquele é Hino, o bobo do usurpador - murmurou Ulansi por trás dele. - Prepara-te para os insultos, pois é o único género de humor que o idiota conhece.

- Olá, lebres do monte, estão prontas para as raposas? As lebres correm bem. Estão prontas para a corrida? - Damos bons pontapés também. Vamos dar um bom pontapé nos vossos traseiros - murmurou um dos homens das charnecas.

- Os nossos traseiros? Tens musgo para limpar o teu? Daqui a nada vão estar a correr pelos montes, com os rabos sujos, e será apenas isso que vos veremos fazer. Um monte de rabos de bebé correndo para as mães.

- Galid matou a minha mãe - respondeu Mikantor. - E eu não abandonarei este campo até que o seu sangue alimente a terra.

- Pobre menino pequeno! - replicou o bobo. - Andou de Herodes para Pilatos, pastou as ovelhas e varreu a loja. Até aquelas cadelas sagradas de Avalon te expulsaram. Não te perguntaste por que motivo ninguém quis ficar contigo? Pobre rapazito. Quantos amos serves? - Firmes aí! - gritou Mikantor quando o clamor

de indignação na sua retaguarda se transformou num rugido, o de Velanto mais alto do que todos.

- É melhor servir homens honestos do que correr atrás de um bando de assassinos e ladrões! - Agora havia raiva nos murmúrios atrás dele.

Mesmo aqueles que não tinham sofrido na carne os ataques de Galid tinham amigos ou familiares com razões para odiar os seus homens.

- Clac! Clac! Clac! - Galid, aproxima-te! - O grito de Mikantor elevou-se acima do entrecocar das lanças. - Será que te escondes atrás desse idiota? Convocamos-te a responder pelos homens que assassinaste, as mulheres que tens violado e as fazendas que tens destruído! A terra clama contra vós! A Deusa rejeita-te! A voz falhou-lhe no final do grito e assim que o clamor cessou, os lanceiros puseram-se de joelhos. Havia arqueiros na sua retaguarda. Mikantor acabara de erguer o seu escudo quando as primeiras setas os atingiram.

Cambaleou quando três pontas bateram na madeira. Acaimor gritou e embateu contra ele, com uma seta de penas pretas cravada no ombro.

Mikantor passou rapidamente por cima do seu corpo, enquanto Ulansi tomava o seu lugar.

Os homens das charnecas e dos pântanos prepararam os arcos e começaram a responder, mas os seus arcos eram mais leves e não se equiparavam ao poder concentrado daquele primeiro ataque inesperado. Alguns dos homens de Galid caíram, mas os restantes rapidamente preencheram a lacuna que ficara na parte dianteira da guarda de Galid e avançaram, escudos erguidos e lanças

prontas. Para um bando de ladrões, demonstravam uma disciplina surpreendente. Mikantor estava num terreno mais elevado, mas isso não teria qualquer influência se não pusesse em prática a sua estratégia.

- Companheiros, lanças em riste! - exclamou, erguendo a sua quando o inimigo penetrou num intervalo entre os homens.

- Lanças! - Esta era uma estratégia de ataque que os seus homens haviam praticado bastante. Uma dúzia de armas flexionadas para trás, uma dúzia de corpos em tensão, e as lanças voaram.

Agora era o inimigo que cambaleava e caía por terra.

- Ao ataque! - gritou Mikantor, vendo aparecer buracos nas suas fileiras. Empunhando as espadas, os Companheiros correram a passos largos para o inimigo, usando a encosta para ganharem balanço na corrida enquanto os aliados surgiam de ambos os lados para formar as falanges dos lanceiros.

- Escolhe o teu homem! - gritou, fixando o olhar num sujeito com barba grisalha e desalinhado. Então, de repente, o homem estava mesmo à sua frente e embateu com o escudo contra o inimigo, o homem girou em redor, tentando proteger o flanco com um braço.

A espada espirrou sangue rubro quando recuperou do ataque. Por um momento, foi o Rei Veado que Mikantor viu, o olhar transparecendo a compreensão do que lhe acontecera. Ficou surpreendido ao verificar que matar um homem não era diferente. Então girou sobre si, dobrando o escudo para se proteger de uma lança que se aproximava lateralmente, e depois levantou a espada contra outro, acabando por cravá-la em couro, tecido e

carne.

Sacou a espada do corpo do inimigo com esforço. Não havia tempo para pensar, restava apenas agir de acordo com as directrizes treinadas durante um ano com a espada e o escudo. Pelicar e Ulansi movimentavam-se agilmente ao seu lado. Atrás de si, ouviu um baque surdo e um grito, quando o machado de Velanto se cravou na carne e nos ossos de alguém.

O campo era agora um caos de sangue, de figuras em luta, onde os seus Companheiros formavam ilhas de violência disciplinada. Muito poucos pensou, quando por um momento nenhum inimigo o confrontou. A cintilação da luz fê-lo olhar para cima e, por instantes, vislumbrou a forma brilhante de um cisne. Sentia o amor de Tirilan dar-lhe forças, mas viu que os aliados estavam a ser expulsos do campo. Tinha de apanhar Galid.

O usurpador devia estar escondido atrás do seu campeão, cuja figura alta se destacava acima dos outros combatentes. Mesmo com a espada, o homem estaria ao alcance dele, mas pelo menos ele tinha perdido a lança. Mikantor dirigiu-se a ele.

- Ó homem grande - gritou. - É uma espada ou um cacete o que tens nas mãos? Sabes o que deves fazer com essa espada? - Enfiá-la no teu rabo, pequenote! - resmungou o gigante, desviando-se para o lado para o enfrentar.

- Dêem-nos espaço! - Gritou Mikantor aos outros homens, esquivando-se com um salto ao impulso de Muddazakh para lhe atingir a barriga da perna. O seu adversário era mais ágil do que esperava, e a ponta afiada da sua lâmina mal aflorou a carne antes de o homem se ter movido, enquanto girava em redor

desferindo um golpe que teria arrancado a cabeça de Mikantor se este não se tivesse protegido com o escudo a tempo. A lâmina pesada embateu no escudo, quebrando o aro de bronze e rachando a madeira um palmo abaixo.

Sentia as ripas de madeira começarem a ceder quando o golpe seguinte o atingiu, mas manteve a lâmina do inimigo afastada enquanto lhe enfiava a espada na carne. O sangue jorrou do golpe, mas Muddazakh nem se apercebeu. Seria o homem de pedra? Mikantor vislumbrava rostos, olhares lascivos ou trocistas em torno deles. Baixou-se quando a espada do adversário caiu novamente sobre ele e escorregou na erva molhada, mas o escudo rachou-se ainda mais ao cair no chão. Quando sofreu o próximo golpe, partiu a única coisa que podia fazer era lançar os pedaços ao chão.

Neste ponto do combate, na prática, um adversário honrado recuaria e libertar-se-ia do seu próprio escudo. Porém, isso não aconteceria ali. Tudo que Mikantor poderia fazer agora era atacar e esquivar-se, sentindo a vibração do choque através do braço a cada embate estridente das lâminas.

Contudo, achava que Muddazakh começara a abrandar o ritmo... Preparara-se, respirando com dificuldade. O gigante caminhou em frente com a espada erguida, o sangue escorrendo-lhe pelo peito, sem sequer se tentar pôr em guarda.

Agora é meu, pensou Mikantor. Quando o gigante lhe apontou novamente a espada, Mikantor aproveitou o balanço para empunhar a sua na direcção do pescoço de touro do homem, perfurando-o com um golpe que este não poderia ignorar. A espada de Muddazakh embateu com estrondo contra a sua. Um som que Mikantor nunca ouvira uma espada produzir rasgou o ar quando a espada

em forma de folha se partiu ao meio, indo metade cair a alguma distância.

O golpe mal atingiu a barriga do gigante. Perdendo o equilíbrio, Mikantor rolou no chão, enquanto a espada de Muddazakh atingia o chão no lugar onde pouco antes estivera. O círculo dos guerreiros tinha-se fragmentado num caos de homens combatendo, metade dos quais parecia vir agora na sua direcção. Na retaguarda dos atacantes, os seus aliados começavam a fugir. Aparou o golpe de uma espada do inimigo, cortando-o com o que restava da sua, demasiado ocupado em tentar manter-se vivo para saber se os deveria ou não seguir.

Algo o atingiu por trás, caiu mais uma vez, sentindo os membros ainda responder, mesmo quando pensou que se estava a esvair em sangue.

- Tirilan! - gritou, enquanto o que restava da sua espada lhe era arrancado das mãos.

- Potinija! - gritava Velanto, ceifando em seu redor um círculo de morte com os machados. Em épocas passadas, o Couretes ensinara os homens a moldar o bronze para produzir armas e, depois, a utilizá-las nesta dança mortal. Por detrás do grupo de homens de capas de cor púrpura via o elmo dourado de Galrei. Enquanto Mikantor mantinha o gigante ocupado, a guarda fazia uma barreira em torno dele. Todos os homens que travavam aquela batalha tinham treinado com espada, lança e escudo. O ferreiro riu-se ao perceber que ninguém sabia defender-se contra a técnica do duplo machado que Bodovos lhe tinha ensinado. Os músculos endurecidos pelo trabalho na forja ajudavam-no a flectir com força redobrada os braços, enquanto desferia os machados afiados contra couro, músculo e osso.

Esta é a terceira vez, seu bastardo, pensou investindo contra eles, e por instantes, viu o rosto do Rei Cresfonte dos Heráclidas, e não o de Galid.

De repente ouviu o grito de Mikantor, que se assemelhava a uma voz do outro mundo.

Os homens que estão a vencer uma batalha não gritam pelo nome de uma mulher ...

Com o machado da mão direita, Velanto decepou um braço e, quando se virou, viu Mikantor no chão, rodeado de inimigos, quais lobos debruçados sobre um cervo caído. Um salto para o lado levou-o para o meio deles com Castor e Pólux rodopiando nas mãos, O sangue espirrou quando um dos machados cortou a garganta de um dos homens. Com um golpe final do outro machado abateu um chefe e, subitamente, o chão que se estendia à sua frente estava mais liberto. Debruçou-se sobre o corpo de Mikantor enquanto movimentava os machados e riu de novo ao ver que os adversários se encolhiam.

Ousou olhar para baixo. Estaria o rapaz morto? Não, apoiava-se sobre um pedaço de lança e tentava levantar-se, apesar de ter perdido o elmo e de o sangue, provocado por um golpe na cabeça, lhe estar a escorrer pelos olhos abaixo.

- Pica-Pau, levanta-te rapaz - disse Velanto na língua dos Aqueus para o caso de o rapaz pensar que ele era um inimigo. - Temos de ir Levanta-te rapaz, agarra-te a mim.

Gemendo, Mikantor ajoelhou-se, agarrou-se ao cinto do ferreiro e pôs-se de pé, cambaleando, enquanto Velanto atacou um inimigo que o julgara vulnerável, mas não

caiu. Mais por instinto do que por vontade, Mikantor rebateu o ataque seguinte.

Velanto sorriu.

- Vamos em frente, agora somos um monstro de três mãos, e ninguém nos vencerá.

Lá prosseguiram cambaleando pela encosta. Os Companheiros sobreviventes continuavam a lutar: os menos atingidos protegiam os que tinham ficado mais gravemente feridos. Nem todos os seus aliados tinham entrado em pânico. Dos bosques, um voo de flechas bem direccionadas desencorajava os inimigos.

- Eu levo-o, senhor - disse Ulansi ao chegarem perto das árvores. - Tu és o que estás em melhores condições para nos proteger a retaguarda agora. Velanto assentiu com a cabeça e virou-se, enquanto o rapaz do Ai-Zir e Lisandro colocavam os braços de Mikantor à volta dos seus pescoços e o arrastavam para longe dali. Galid gritava do outro lado do campo, mas os guerreiros do inimigo recuaram ao ver o ferreiro. Gesticulavam e gritavam como sombras num sonho. Velanto olhou novamente e percebeu que nem a perda de sangue nem a escuridão lhe estavam a afectar a visão. A neblina alastrava pela encosta abaixo, encobrindo aqueles que tinham sobrevivido num véu fantasmagórico.

- Segue-nos se te atreves! - gritou. - A terra luta por nós! Vem cá e eu cortar-te-ei aos bocados! Deu um passo para trás e depois mais outro, até que os seus inimigos ficaram ocultos pelas árvores.

Velanto ouvia os homens que se deslocavam nas proximidades, mas não conseguia ver mais nada a não ser ramos. Ainda assim, era com certeza mais seguro

avançar para cima do que para baixo. Guardando um dos machados e mantendo o outro pronto para atacar, começou a abrir caminho por entre os troncos. A febre da batalha abrandara e ele começou a coxear, ressentindo-se da perna que fora ferida em Tirinto, quando, subitamente, uma voz o fez parar, de machado em riste.

- Senhor, não me faça mal! Sou amigo! Viu surgir, então, um vulto magro perto dele e soltou um longo suspiro ao reconhecer o homem escuro do povo antigo.

- Vem, senhor, vou levar-te até junto dos outros, que estão reunidos no túmulo antigo, na colina.

Pelo menos, pensou Velanto, enquanto seguia o guia pelo caminho sinuoso através da floresta, com este tempo não corro o risco de ser atingido por um raio.

Quando chegaram à estrada, na parte superior dos montes, ainda se ressentia dos esforços envidados para travar aquela luta. Não parecia ter nenhum ferimento grave, mas os pequenos golpes ardiam-lhe e os músculos retesavam-se dolorosamente a cada movimento que fazia. Porém, quando se aproximaram do acampamento, escondido entre as árvores, o sentimento de autocomiseração desvaneceu-se.

O ar ainda estava saturado com o cheiro a sangue e o chão repleto de feridos. Tirilan andava atarefada a tratar deles, com a ajuda de Ganath e Beniharen. Quando ela se inclinou para dar água a um dos homens do Lago, Velanto reconheceu nos seus traços finos, pela primeira vez, a gravidade disciplinada de Anderle. Olhou à sua volta, procurando Mikantor, e, então, o aperto que sentia no coração esmoreceu, ao ver o rapaz sentado, com um curativo manchado de

sangue em redor da testa.

Foi só então que Velanto se lembrou de que, junto ao corpo caído de Mikantor, vira a metade partida da sua espada em forma de folha. Cambaleou não conseguindo reprimir um gemido.

- É o ferreiro! - gritou alguém.

- Senhor, estás ferido? Deixa-me ajudar-te.

Velanto abanou a cabeça, afastando a mão solícita de Ganath. Mikantor tinha ouvido o seu grito e olhava para ele com o rosto iluminado de alegria. O ferreiro fechou os olhos. A espada partira-se... A sua espada.

- Vem, senta-te, a sopa quente está quase a ser servida...

Não conseguiu resistir às mãos que o encaminharam para a fogueira e de qualquer modo não poderia escapar às boas-vindas de Mikantor.

- Mais uma vez, salvaste-me! Pensei que tinha morrido, mas, então ouvi a tua voz a chamar-me e julguei que estava novamente em Tirinto e que tinha tido um pesadelo! - Salvei-te, eu?! - Velanto forçou-se a olhar o rapaz nos olhos, o rosto contorcendo-se num trejeito de dor. - A minha espada traiu-te! A espada que eu fiz! - A espada que Anderle havia jurado que não era suficientemente boa... E ela tinha razão, afinal de contas...

- Velanto... - Mikantor pousou a mão no braço do ferreiro. - Era apenas bronze... e o gigante tinha um braço do tamanho de uma árvore.

Contra aquele golpe, nenhuma espada resistiria...

- Tu não entendes - sussurrou Velanto. Aquela espada fora o melhor que ele poderia ter fabricado, concebida com toda a habilidade e saber que adquirira na Cidade dos Círculos. Não se deveria ter partido. Ele deveria ter sido capaz de dar forma a uma lâmina que suportasse todos os golpes. - Mas fico feliz por ter chegado perto de ti a tempo...

- Tu choras uma espada quebrada - disse Mikantor e a luz apagou-se dos seus olhos. - E eu estou de luto pelos meus homens. Acaimor morreu e Rouikhed, e demasiados homens do Ai Akhsi e os guerreiros das charnecas. Existem outras espadas, mas nunca se poderão substituir os homens...

Ao ouvir a dor que transparecia na sua voz, Tirilan veio por trás e curvou-se, deixando as dobras do seu manto cair em torno dele, como as de um pássaro grande. Mikantor suspirou e encostou-se a ela, enquanto a angústia estampada no seu rosto começava a diminuir.

Adjonar deu-lhe uma pequena palmada no ombro.

- Honrá-lo-emos sempre. O verdadeiro milagre é termos sobrevivido tantos. Aperfeiçoámos e mantivemos a nossa disciplina. Aprendemos com esta batalha.

Pelicar, que estava ao lado deles, acenou com a cabeça.

- Se os homens das tribos nos deixarem ensiná-los, faremos melhor numa próxima vez. E nós também lhes provocámos danos. Os homens que voltaram atrás para espiar os homens de Galid dizem que o gigante está a

tossir sangue, de modo que a tua espada não falhou inteiramente! - Partiu-se... - Velanto lançou-lhe um olhar sombrio. Bebeu a sopa que lhe deram, embora o calor que lhe invadiu o corpo nada pudesse fazer para aliviar o seu coração dolorido. Eles não entendem. Eu lutei bem, mas Mikantor tem muitos guerreiros. Eu sou um ferreiro. Só eu posso fabricar a arma que o irá proteger, e falhei na minha missão.

Não protestou quando Ganath lhe lavou as feridas e ligou a que estava em pior estado e, em seguida, este afastou-se, deixando-o só, visto que havia muitos homens a necessitar ainda com mais urgência dos cuidados dos curandeiros.

Assim, foi Velanto, que não se encontrava distraído nem pelas dores do corpo nem pela necessidade de o tratar, a primeira pessoa a ver os velhos chegar. Ou talvez, pensou mais tarde, tenha sido algum outro sentido que o despertara e o levara a olhar para eles no momento em que entravam no círculo de luz da fogueira, vestidos com saiotes e capas de camurça e carregando um fardo embrulhado num pano amarelado.

A princípio pensou que eram homens enviados para espiar, pois pertenciam claramente ao povo da raça antiga, que ajudara Mikantor, mas nunca vira homens como aqueles, tão velhos, com os cabelos negros transformados em prata e a pele acastanhada que parecia soltar-se dos ossos finos. Eram velhos, pensava, enquanto eles olhavam em redor, tanto em anos vividos como em sabedoria, tão velhos que certamente não deveria haver muita coisa neste mundo que eles temessem. Não pareciam muito impressionados pela altura dos guerreiros e, embora acenassem respeitosamente a Mikantor, continuaram a observar o grupo.

Velanto sentiu a pele gelar quando, um por um, os rostos escuros se voltaram para ele. Um deles disse qualquer coisa a Grebe na língua ancestral.

O irmão adotivo de Mikantor apontou com um dedo e eles dirigiram-se a Velanto, que estava sentado do outro lado da fogueira.

- Ele pergunta se és tu que moldas o metal - disse Grebe. - Aquele que veio de uma terra distante.

Se Velanto se levantasse, seria mais alto do que eles, embora não fosse o homem mais alto daquele grupo. Ainda sentado, abanou a cabeça. Grebe proferiu mais qualquer coisa e depois virou-se novamente para o ferreiro.

- Eu disse-lhes que fizeste todas as espadas que os Companheiros do rei empunhavam.

E a mais importante, pensou Velanto, falhara. Mas não o disse em voz alta. Mantinha o olhar fixo no fardo que o mais forte dos homens idosos segurava. O que seria? Conseguia sentir o pulsar do poder. O ancião fez um gesto e o homem que carregava o fardo deu um passo para diante. Falou novamente.

- Ele diz que... isto é para ti. - Grebe fez uma pausa, em busca de palavras adequadas. - Há muito tempo, surgiu uma luz no céu. Atingiu a terra e incendiou-a. Os pais dos seus pais encontraram esta pedra, mas agora eles sabem que não é uma pedra. É metal das estrelas.

O velho falou novamente e Velanto entendia o que ele dizia, não com os ouvidos, mas com o seu coração.

- Algumas pessoas do nosso povo viram-te enfrentar o relâmpago.

Os nossos pais martelaram isto com a pedra e fizeram um cacete, mas o deus dar-te-á o poder de a moldar. Toma-a, agora, e faz dela uma espada, como a gente do teu povo costumava fazer...

O velho desembulhou o fardo e estendeu-lhe uma barra, em bruto, de metal a brilhar, perfeitamente escurecida e com metade do comprimento do braço. Ferro... pensou Velanto, sentindo-lhe o peso, quando o ancião lho colocou nos braços, uma massa de ferro como ele nunca vira antes.

- A espada das estrelas... - sussurrou, lembrando-se do que o deus havia prometido. Viu Mikantor a observá-lo, de olhos arregalados e tão deslumbrado quanto ele. Levantou o ferro. - Criarei uma nova espada para ti, uma espada das estrelas para a mão de um rei...

PARTE IV

A FORJA

VINTE E DOIS

Senhora do fogo, Louvado seja o teu nome, Infinita é a tua fama, sê comigo...

A cada verso proferido, Velanto soltava o fole, observando o pulsar da luz através do carvão, enquanto o fogo era alimentado pela explosão. A cada impulso do fole, o brilho cintilava nas paredes da oficina, pois ele esperara até a escuridão chegar para poder medir o calor pela cor das chamas. Lá fora, a chuva começara a cair, uma vez mais, e as gotas de água batiam no beiral, misturando-se com o murmúrio do fogo. Todavia, na forja, graças aos deuses, o ar estava seco.

Fogo no coração, o fogo é a minha arte, arde em cada parte do meu trabalho.

No meio do carvão ardente, o cadinho começava a brilhar. A massa de ferro estava no seu interior. Era muito grande, realmente, mas tinha partido dois dos seus martelos e quebrado a superfície ao tentar partir o ferro a frio.

Talvez derretesse no fundo, como acontecia algumas vezes com os pedaços de bronze.

- Queres que eu faça trabalhar o fole, senhor? Velanto olhou e viu Aelfrix, que polia uma ponta de lança de bronze.

Havia-se esquecido que o menino estava ali. Abanou

negativamente a cabeça.

- Continua com o bronze... - disse. Quem me dera. Olhou para a bancada de trabalho, onde pousara a tigela de madeira, cheia dos pedacinhos de metal que se partiram quando tentara martelar o metal a frio.

A euforia com que recebera a dádiva do povo antigo durara apenas um dia. Muito antes de ter transportado o pedaço de ferro para a oficina na Ilha das Donzelas, começou a perceber que ninguém sabia, ou que nunca tinha trabalhado um tão grande pedaço de ferro. As experiências que realizara com Katuerix tinham-lhe ensinado apenas que este não se comportava como o bronze. O ferreiro de Bhagodheunon não tinha sido capaz de derreter ferro, mas talvez aquela coisa das estrelas fosse diferente.

Senhora da perícia, e da sabedoria e da vontade, guie-me e enche-me de sabedoria.

Belas palavras, pensou amargamente. Mas todas as suas preces poderiam ter sido expressas numa única frase, Por favor, Deusa, não permitas que eu falhe... Se não fosse bem-sucedido a forjar uma espada de bronze e convinha lembrar que quando estava a aprender a moldar aquelas lâminas em forma de folha arruinara diversas, então poderia sempre derreter o metal. Mas se ele destruísse aquele bocado de ferro, o mais provável era que os deuses não lhe enviassem outro meteoro.

Endireitou-se; suava abundantemente devido às ondas de calor que saíam da fornalha. O carvão brilhava com o esplendor do sol nascente da sua terra e não com a luminosidade pálida e envolta em névoa que via naquela ilha fria do Norte. O lume estava suficientemente quente para derreter o bronze.

Seria esta a temperatura adequada para suavizar o ferro? Não sabia ainda mas tinha de tentar fazer alguma coisa.

- Agora podes trabalhar o fole - disse ao menino. - Mantém o carvão com essa cor só, está bem? Olhou para o cadinho como se o calor do seu olhar pudesse aquecê-lo ainda mais. Alguns dos sacerdotes haviam dito que as estrelas eram bolas de fogo. Se fossem, qual seria a intensidade do seu calor? Poderia aquele metal ser afectado por qualquer fogo feito pelos homens? O cadinho estava branco de tão quente. Olhou para o recipiente e praguejou, ao constatar que a forma do ferro não mudara, pelo menos aparentemente.

Uma lufada de ar levantou-lhe o cabelo junto ao pescoço e o carvão emitiu um surto de chamas. Velando olhou por cima do ombro e viu Anderle à porta. Ela deixou a capa de couro para a chuva escorregar-lhe dos ombros sacudindo a água antes de a pendurar numa saliência perto da porta.

A sua reacção instintiva foi ordenar-lhe que saísse, mas ela tinha razão quanto à necessidade de uma espada única. Talvez ela devesse estar presente. Anderle levantou uma sobrancelha quando os seus olhares se cruzaram e tomou o lugar de Aelfrix junto à trave perto do fole.

- O trabalho está a correr bem? - perguntou ela num tom amável.

- Não, o trabalho não vai bem. - Segurou uma ponta da barra com o alicate e levantou-o. Era de um vermelho brilhante e macio, mas a sua superfície permanecia inalterada. Fez uma careta, ressentindo-se da tensão

de tentar explicar o que se passava. Já era bastante duro falar sobre o seu trabalho quando sabia o que estava a fazer, quanto mais naquela situação...

- O carvão está mais quente do que o cadinho? E se colocasses o ferro directamente no fogo? - perguntou ela.

E a situação agrava-se quando a pessoa com quem estamos a falar começa a dar sugestões, especialmente quando não temos ideias melhores...

- Talvez... - respondeu ele em voz alta. - Talvez eu consiga quebrá-lo se estiver mais quente. Pedacos menores irão derreter... acho eu...

Velanto respirou profundamente para focar as suas energias, verificou a cor do carvão e pegou no alicate mais uma vez.

- Senhora, abençoa este trabalho - sussurrou. Agarrou o ferro em ambas as extremidades e baixou-o cuidadosamente sobre a forja. Em seguida, pegou no maior dos seus martelos e pousou-o sobre o granito, junto das cinzas quentes. Era sabido que os martelos se partiam quando colocados sobre a pedra fria. Depositou o carvão em redor e virou-se para a encarar.

- Disse-te que nunca trabalhei o ferro antes. Se o conseguir, é a deusa da misericórdia, e não a minha habilidade, que o fará.

- Então vou fazer-lhe uma prece.

- Sim - rosnou ele. - Tu és a única que tem as visões. Se queres que o teu rei tenha uma espada de ferro, pergunta ao teu deus como se faz! - São os deuses que

o desejam, não eu - respondeu ela, ruborizando por sua vez. - Nunca pedi uma visão. Custou a vida de um homem que eu amava.

Velanto estremeceu. Quem olhasse para Tirilan, poderia adivinhar a beleza do pai. Claro que Anderle não teria qualquer interesse num ferreiro manchado de fuligem e musculado que mal falava a sua língua... e agradecia aos deuses por isso. A mulher era uma cadela manhosa e de trato difícil, ainda pior do que a rainha Naxomene. Contudo, não deveria dizê-lo. Viu Aelfrix a observá-los de olhos arregalados, enquanto trabalhava com o fole, e respirou fundo.

- Então a culpa é dos deuses, não minha! Eu nunca pedi para ser levado de minha casa para este país miserável e frio para defender uma causa que não é a minha! - Nem mesmo por Mikantor? - perguntou Anderle delicadamente.

- Se não fosse Mikantor, eu estaria morto - respondeu. E talvez tivesse sido melhor assim.

- E ele estaria morto agora, se não fosses tu - retorquiu ela. - Nesse sentido, os deuses comandam-nos a todos nós.

Fechou os olhos, ainda abalado pela recordação do temor que sentira quando vira o rapaz ferido.

- O ferro deveria estar a fazer aquilo? - perguntou Aelfrix.

Velanto rodopiou. O carvão estava em brasa e as faíscas cuspiam pedaços de metal na forja. Pegou na pinça, tentando segurar o ferro, perdeu-o, agarrou-o e virou-o em toda a bigorna, arrastando o fogo, tal como

quando este caíra das estrelas. O ferro ardia. E ele teve de afastar as faíscas, pois não se atrevia a perder mais nenhum pedaço! Passou o alicate para a mão esquerda e pegou no martelo. Parecia fora de si, impelido pelo medo.

Antes de pensar onde deveria bater, deu um golpe com o martelo. As fagulhas saltaram para cima, quando atingiu o metal, e o ferro parecia explodir.

Deveria haver uma bolsa de ar no interior do ferro. Velanto gritou quando um caco, voando, lhe feriu o ombro. Outro pedaço foi descansar, crepitante na bainha do vestido de Anderle. Aelfrix conseguiu escapar ao bocado que acabou por atingir a parede. O menino saltou para o varrer com a vassoura.

Tremendo de medo e fúria, Velanto virou-se para Anderle, empunhando o martelo, que ainda balouçava.

- Fora daqui! - O seu rugido abalou a forja. - Esta não é a tua magia! - Sou a Senhora de Avalon e vou onde quero! - Ela levantou-se, puxando as saias para as afastar do fragmento em chamas.

Velanto rodou o martelo no ar. Perdendo o controlo, mudou a direcção e atirou-o contra a parede da forja. Quando o último pedaço de gesso caiu ficou a olhá-lo, com a respiração ofegante.

- Então, saio eu! - A sua voz sibilava devido ao esforço que fizera para articular as frases. - Antes que te mate. Vou fazer outra forja. O povo antigo ajudar-me-á. Se os deuses o desejam, farei outra espada, mas não quero a tua ajuda! O rosto de Anderle empalideceu, depois ficou vermelho, mas calou-se.

Com as saias queimadas, pegou na capa e saiu.

Ainda a tremer, Velanto começou a procurar os pedaços de ferro dispersos.

Continuava a chover. Mikantor sacudiu a água que se infiltrara no capote e contemplou o trilho que seguiam. Para lá da orla das árvores, os prados estavam inundados pelas águas acastanhadas do Sabren. Até agora, esperava estar seguro em Ilifen, junto do povo de Pelicar, mas em estradas tão enlameadas ninguém conseguia viajar rapidamente. Tinha sido um risco tomar este caminho, tão próximo das fortalezas do Ai-Ushen, a leste, mas como o rio corria tão fortemente, decerto que os homens do rei Eltan se manteriam perto das suas casas.

Voltou-se ao ouvir os passos de Pelicar chapinhar atrás de si.

- Há uma aldeia um pouco mais acima, na estrada. Acho que devemos caminhar até lá. É cedo para pararmos, mas esta será a nossa melhor oportunidade de dormir num sítio seco.

Mikantor assentiu.

- Manda alguém à frente para pedir hospitalidade. Todos nós precisamos de ingerir comida quente. Podemos repartir as nossas provisões, uma vez que eles vão partilhar as suas fogueiras connosco.

No início desta jornada, ele teria implorado abrigo para as mulheres, mas tornou-se claro que, apesar de sua aparente fragilidade, Tirilan aguentava mais do que ele. Seguia agora no final da fila, junto dos homens que transportavam Tegues, cujo estado da perna

ferida se agravara. Pelicar levava o braço preso ao peito e Mikantor ainda coxeava. Não havia entre eles um único homem que tivesse escapado ileso e eles eram os únicos que ainda conseguiam caminhar. Fora forçado a deixar quatro dos seus Companheiros e quase um quarto das pessoas que tinham lutado a seu lado no Vale do Cavalo Branco, lá mais para trás. Mesmo assim, haviam tido melhor sorte do que aqueles que tinham sido queimados na fogueira grande, no campo de batalha. Escorregou na lama e forçou-se a concentrar a atenção na estrada.

Pelicar aproximava-se novamente, seguido de um velho companheiro seu, que devia pertencer à aldeia. Ele começou a conversar no dialecto local antes de alcançarem o grupo.

- Diz que é um lugar pequeno - traduziu Pelicar. - Vão ajudar-nos na medida das suas possibilidades, mas tem chovido muito e possuem pouca madeira para queimar.

- Então voltaremos para a floresta e apanharemos mais - disse Mikantor. Depois de ter descansado um pouco, admitiu ao passarem um riacho e retomando o trilho. Os músculos das suas pernas tremiam devido ao esforço de avançar através da lama o dia todo. A chuva começara de novo a cair.

A aldeia chamava-se Três Carvalhos e era constituída por um conjunto de casas circulares e anexos construídos ao longo de um cume mais elevado, acima da planície inundada, onde as águas de outro rio se juntaram às do Sabren. A planície estava alagada naquele momento. Para quem crescera na Aldeia do Lago, a vista cintilante das águas, interrompida aqui e ali por grupos de árvores, proporcionava a sensação de se estar quase em casa. Mikantor sentiu saudades de

Grebe, que fora enviado para casa para recuperar de um corte num ombro.

Apesar das dificuldades apontadas pelo guia, os habitantes da aldeia arranjaram abrigo para todos, pois a junção dos dois rios trouxera o comércio para aquela zona e muitas vezes recebiam visitantes. Mikantor sentiu-se a ser tratado com um misto de ansiedade e de respeito, facto que o teria preocupado se a comida quente e o calor da casa lhe tivessem conferido energia suficiente para fazer algo mais do que dormir junto ao fogo. Tirilan ainda estava a pé, conversando com a esposa do chefe sobre as ervas a aplicar no tratamento de uma criança doente. Mikantor só percebeu que tinha adormecido quando foi despertado por gritos junto à porta.

- Não somos os únicos viajantes apanhados por esta tempestade - disse Pelicar agachando-se ao seu lado. - Há homens que estão presos entre os dois rios. O seu barco virou-se quando tentavam atravessar o Sabren. As águas estão a subir e a segunda corrente é muito rápida, o que não lhes permitira atravessá-lo. O chefe da aldeia está a reunir um grupo de homens para os ir tentar salvar.

- Eles precisam da nossa ajuda? - Mikantor esfregou os olhos, momentaneamente acicatado pelo espinho do perigo, o qual contrariava o cansaço que sentia.

- Querem enviar homens para o rio. Acho que recorrerão a todos os que puderem fazer alguma coisa.

- Muito bem, aproxima o teu ombro. - Agarrou-se ao ombro de Pelicar e levantou-se.

- Estás bem, meu senhor? - Pelicar agarrou-o com

firmeza.

- Estarei - resmungou Mikantor, evitando o olhar ansioso de Tirilan.

Quando Pelicar foi buscar a sua capa de couro, respirou fundo uma vez e depois outra, fazendo uso da disciplina que tinha aprendido em Avalon.

Quando os outros homens regressaram, sentia-se mais clarividente e os seus membros aquecidos pareciam dispostos a obedecer-lhe novamente.

A bâtega de chuva que se abateu sobre eles quando saíram da casa circular quase os mandou de volta para o seu interior. Mas os outros lá iam avançando penosamente pela rua da aldeia e teve vergonha de não os acompanhar. Viu então a força das águas brilhando à luz dos archotes e, perante aquela necessidade premente, afastou qualquer outro pensamento. Uma fileira de árvores revelou-lhe a outra margem do rio, embora a maior parte delas já estivesse submersa. Havia vários homens pendurados nos ramos mais baixos. Acenaram ao ver luz.

- Eles não podem ir lá buscá-los de barco, porque a corrente do rio é demasiado forte e rápida, mas se formarem uma fila de homens e se se agarrarem a uma corda talvez sejam capazes de atravessar o rio sem serem levados pelas águas - gritava-lhe Pelicar aos ouvidos. Os habitantes da aldeia já tinham começado a enrolar uma pesada corda de cânhamo entrançado em torno de uma árvore um pouco a montante.

- Os nossos guerreiros são mais pesados do que a maioria destes homens - disse Mikantor. - Vamos ajudá-los. - Pelicar, Ulansi e os outros caíram atrás dele

quando se encaminhava para a árvore. Uma voz interior questionou-o se deveria assumir o risco por pessoas que nem sequer conhecia, mas se o combate que travara com o Rei Veado significava alguma coisa, era que, conhecendo-os ou não, eram o seu povo.

Os habitantes da aldeia começaram a desenrolar a corda e os homens colocaram-se em fila. Os viajantes encalhados já tinham visto o chefe e responderam à sua chamada. Ao ouvir aquelas palavras, Ulansi assobiou e agarrou o braço de Pelicar.

- Pergunta-lhes de onde são essas pessoas! - Das colinas, a oeste, disse o chefe. - A voz de Pelicar desvaneceu-se quando Ulansi largou a corda e se afastou.

- Do Ai-Ushen! - exclamou o homem do Ai-Zir. - Bem me parecia que estava a reconhecer a sua língua falsa.

Devia ter percebido, pensou Mikantor, soltando o punho. Se vinham do outro lado do rio, quem mais poderiam ser? Os do Ai-Ushen, que, juntamente com Galid, o tinham transformado num órfão e vagabundo, o povo selvagem dos montes, sempre em guerra com as outras tribos. A maioria dos seus homens tinha tanta razão para odiar os homens do Ai-Ushen quanto ele.

Um a um, largaram a corda e afastaram-se. Os homens da aldeia pararam no meio da confusão e olharam para Mikantor.

Ele olhava através das águas para os miseráveis agarrados às árvores.

Assim não pareciam inimigos.

- Eles são homens - proferiu, por fim, Mikantor. - E a morte pela água é tão terrível como a morte pelo fogo. Se tenho de os matar, fá-lo-ei quando me puderem enfrentar com uma espada na mão. Vou pegar na corda novamente, que me siga quem...

Um por um, todos, excepto Ulansi, pegaram na corda mais uma vez.

O choque da água fria fê-lo estremecer, um braço enrolado na corda, enquanto o outro a agarrava. À sua frente seguiam dois dos homens locais e os seus homens estavam misturados com o resto dos aldeões lá mais para trás. Sentia que tinha pé, cambaleando quando a corrente embatia nele com mais força. Inevitavelmente, iam sendo arrastados para jusante, como supusera, mas até daquele ângulo a corda era suficientemente comprida para alcançar as árvores. Quando chegaram à margem, o primeiro homem caiu de joelhos, agarrando-se a uma raiz que emergia do solo e, em seguida, içou-se, pondo-se de pé, para poder amarrar a corda em torno de um dos troncos mais resistentes, terminando com o nó dos homens do rio, para suportar a força exercida pela corrente.

Mikantor começava a acreditar que os conseguiriam salvar, à medida que a árvore lhes permitia colocar algum do seu peso sobre a corda, em vez de a segurarem contra a corrente. Entretanto, os naufragos iam descendo pelos troncos entrelaçados. Um por um, chegaram junto dos seus salvadores, que os ajudaram a enfrentar a corrente e a passar a montante da corda para o outro lado. Oito homens foram salvos. Três tinham sido levados mais cedo e um quarto perdeu o controlo e foi arrastado pelas águas durante o resgate.

Só de manhã Mikantor teve conhecimento que um dos sobreviventes era Tanecar, filho da rainha do Ai-Ushen e sobrinho e herdeiro do rei Eltan.

- Se soubesses quem eu era, ter-te-ias metido no rio para me ajudar? Mikantor observava o jovem agachado ao seu lado, segurando um copo de chá fumegante. Tanecar parecia ser alguns anos mais jovem que ele, mais baixo, mas robusto, de cabelo castanho-escuro.

- Se tivesse sabido que esta manhã me sentiria como um pano sovado pela lavadeira contra as pedras do rio, não teria deixado esta fogueira... - respondeu Mikantor.

- Príncipe do Ai-Zir, não respondeste à minha pergunta... - Tanecar sorriu com cuidado. Num dado momento do resgate, tinha batido com a cabeça contra uma árvore e magoara uma das faces.

Mikantor suspirou.

- Sabia que eras do Ai-Ushen, mas tinhas um aspecto lamentável, ali pendurado nas árvores. Nunca deixaria um homem afogar-se.

- O meu tio era aliado de Galid... - O príncipe do Ai-Ushen bebeu o chá e pousou o copo. - Mas a minha mãe acha que já está na altura de isso acabar. Ela diz que as outras tribos se voltaram contra nós por causa dele.

- A tua mãe é uma mulher sábia... - Com algum esforço, Mikantor conseguiu manter um tom de voz neutro.

- Eu vinha visitar o povo de Pelicar, na esperança de conseguir uma aliança de casamento - prosseguiu

Tanecar. - Isso agora está fora de questão, claro, porque todos os presentes foram levados pela correnteza.

Vou ter de voltar para casa depois de as águas descerem. Vem comigo, Mikantor. Acho que é tempo de o Lobo e o Touro serem amigos.

- Eu não sou o Touro do Ai-Zir - declarou Mikantor sobriamente. - Esse título pertence à pessoa que a minha prima escolher, se ela já tiver o, seus direitos. Quis fazer justiça com Galid, mas agora tenho de correr com os cervos, se isso significa alguma coisa para ti...

- Ouvi um boato sobre isso. - Tanecar bebeu novamente. - Talvez estejas destinado a ser o Defensor, que, em tempos de perigo, une as tribos, como ouvimos dizer nos contos antigos. Este é um assunto que as rainhas terão de resolver.

- Será que ele está a salvo? - perguntou Pelicar, que se juntara a eles quando ouviu pronunciar o seu nome.

- Devo-lhe a vida - respondeu o filho da rainha. - A minha vida será sua com toda a certeza.

O cheiro do javali que se encontrava a assar desde manhã cedo misturava-se agradavelmente com o fumo da fogueira feita de lenha resinosa.

Tirilan deu uma dentada na fatia generosa que estava pousada na bandeja de madeira, abençoando a hospitalidade que lhe oferecera o lugar ao lado da minha do Ai-Ushen. O animal, apesar de ainda estar magro devido ao Inverno, tinha sido envolvido em ervas enquanto estava a assar, e ela há muito que não

provava nada tão delicioso.

Ketaneket era uma mulher robusta, de meia-idade e ostentava algumas madeixas prateadas no cabelo, que já fora castanho como o do filho. Tamar, sua filha, que estava sentada do outro lado de Tirilan, era tão parecida com ele que podia ser considerada gêmea. A família da rainha sentava-se atrás deles. Entre eles, Tirilan reconheceu Saarín, a Irmã Sagrada, que servia o Ai-Ushen, mas ainda não tinha tido oportunidade de falar com ela.

Certamente, Tirilan não se podia queixar da recepção que lhes tinham oferecido. As tempestades que os levaram ao encontro de Tanecar haviam finalmente passado e a festa tinha sido preparada numa clareira rodeada por pinheiros. As agulhas das árvores emolduravam um céu ardente, cujo brilho dava agora lugar a um azul luminoso. Talvez este ano o Verão fosse glorioso, afinal de contas.

Mikantor, com a pele de lince envolvendo-lhe os ombros largos, sentou-se junto dos homens do outro lado da fogueira, com os seus Companheiros atrás, excepto Ulansi, que havia ficado na aldeia dos Três Carvalhos, com a desculpa de não haver mais ninguém para fazer companhia a Tegues.

A verdade, claro, era que não confiavam no guerreiro do Ai-Zir, quando se tratava de controlar o seu desejo de vingança. Havia muitos como ele.

Os Lobos de Ushan haviam invadido muitas terras, e agora que queriam a paz, se realmente a desejavam, não podiam esperar que as outras tribos os recebessem de braços abertos.

Um rufar de tambores fez com que todos se levantassem, e uma dúzia de jovens guerreiros entrou dançando no espaço deixado vago entre os homens e as mulheres e a fogueira. Usavam apenas tangas e peles de lobos, com as patas cruzadas sobre o peito e as cabeças ameaçadoras dos animais dispostas sobre as suas próprias cabeças. Nas mãos via-se o brilho acastanhado de facas. Dançavam simulando movimentos de ataque e retirada, e emitiam uivos, como os lobos, enquanto acompanhavam o ritmo.

Seria a sua terra que os fazia tão ferozes? As charnecas de Utun localizavam-se numa região de terras altas e agrestes, mas Ushan era um país onde as montanhas rodeavam de forma imponente os vales profundos. Extensas florestas cresciam ao longo das encostas e os homens construía as suas casas onde encontrassem um pedaço de terreno plano. As pastagens de montanha e os Invernos frios faziam daquela terra um bom lugar para criar gado ovino. Ao fim da tarde, o ar tornou-se mais frio e Tirilan ficou grata pelo manto de lã tingida que a rainha lhe dera.

Mikantor avaliava os movimentos dos dançarinos como se pretendesse recrutar alguns homens para o seu grupo. O que até podia ser verdade.

Sentou-se ao lado de Tanecar, que ocupava o lugar de honra junto do rei.

Eltan, magro como um velho lobo e com o cabelo cinzento-prata, não era muito parecido com Ketaneket. Dizia-se que tinham pais diferentes. Independentemente da forma como o rei Eltan lidava com os assuntos da guerra, aparentemente ele delegava tudo o que se relacionava com a comunidade na irmã.

- Tu és prima de Mikantor, dizem - declarou Tamar, quando os dançarinos saíram da sala. Como era o membro da família da rainha mais próximo em idade de Tirilan, Tamar parecia estar a cumprir a ordem de falar com esta. Ou talvez estivesse simplesmente curiosa.

- A minha mãe e a mãe dele eram primas - respondeu Tirilan. Não se sentia com vontade de dar mais explicações sobre a sua relação com Mikantor.

Quando ali chegaram, não fizera quaisquer objecções quando lhe ofereceram uma cama na casa das mulheres, mas o mesmo poderia ter acontecido se tivesse ali chegado como sua esposa. - Nós crescemos juntos em Avalon.

- Então ele deve ser como um irmão para ti! - proferiu a rapariga com um ar perspicaz. Tirilan conteve um clarão no olhar. Poderia Tamar ser tão ingénua quanto parecia? - Ele é muito bonito.

- Sim, é... - concordou Tirilan.

As mulheres da realeza tinham uma grande liberdade nas tribos, mas duvidava que a rapariga fosse autorizada a dormir com um convidado, cujo estatuto ainda era incerto. Se fizessem uma aliança formal, então a história poderia ser diferente.

Porém, por agora, o interesse de Tamar parecia não exceder o de qualquer rapariga apresentada a um belo estranho. O irmão dela é que parecia ter-se apaixonado por Mikantor, traduzindo-se no amor possível de um rapaz por um homem ligeiramente mais velho. Tinha agora a cabeça muito próxima da de Mikantor, enquanto apontava para um dos guerreiros ou sussurrava um comentário qualquer que provocou um sorriso rápido a

Mikantor.

- Ele ainda não tem esposa? - perguntou Tamar.

- Ele ainda não tem casa! - respondeu rispidamente Tirilan. - Terá tempo suficiente para pensar em tais coisas, quando tiver derrotado Galid - acrescentou num tom mais gentil.

Até àquele momento, ninguém questionara a sua presença no seio do grupo de Mikantor. As sacerdotisas de Avalon, como as Irmãs Sagradas, que serviam as tribos, viajavam livremente por todas as terras. Os seus homens, a quem ela tinha curado e alimentado e cuja roupa remendara e cujos problemas tinha ouvido, honravam-na a toda a prova. Contudo, começava a sentir necessidade de um reconhecimento mais formal do seu relacionamento com Mikantor. Mas o que seria exactamente isso? O papel de mulher e esposa não descrevia com exactidão aquilo em que ela se convertera.

- Suponho que deva ser assim. Talvez lhe arranjem alguém no festival... No solstício de Verão - acrescentou Tamar em resposta ao olhar interrogativo de Tirilan -, quando as rainhas se encontram em Carn Ava.

Tirilan assentiu. Devido à chuva constante, tinha-se esquecido que as estações se sucediam. A Senhora de Avalon assistia ao festival todos os anos, e ela acompanhara a mãe diversas vezes quando era mais jovem. Constituíam um momento de tréguas, sendo a altura adequada para se fazerem alianças.

- Vais lá estar este ano? - Ah, sim... - respondeu Tirilan.

Mikantor devia lá ir em busca de apoio contra Galid, e ela teria de lutar pelo seu direito de ficar com ele.

- Ali. - Velanto apontou para a escavação que tinham feito no chão de terra da sua forja nova. - Coloca a pedra ao lado da fornalha.

Grebe abanou a cabeça e disse algo no dialecto antigo aos outros homens.

O irmão adoptivo de Mikantor estava na Aldeia do Lago a recuperar dos ferimentos, quando o ferreiro enviou um homem a solicitar ajuda para fazer a mudança. Ele tinha organizado tudo, incluindo a construção de uma nova forja. Só passara uma lua, mas como a chuva parara, o trabalho havia decorrido rapidamente, e, assim, a lama de gesso e a tinta de cal secavam no entrelaçamento de ramos de salgueiro que compunha as paredes. Só faltava construir o telhado. Lá fora, as faias sussurravam ao vento.

Velanto respirou fundo, inspirando pó e o perfume a erva cortada que vinha dos montes, para lá do bosque. Pela porta aberta via as pedras grandes que circundavam a sepultura antiga, perto do Cavalo Branco. Os montes estendiam-se até ao horizonte, mais longe do que ele esperava ir, mas quando os anciãos sugeriram que construísse a sua oficina lá, teve a sensação de que seria uma decisão acertada, como quando o martelo batia no sítio certo.

Eles acreditavam que o relâmpago a que ele havia sobrevivido era um sinal do favor dos deuses, e o local onde isso acontecera tinha claramente poder.

Talvez estivessem certos, pois os deuses sabiam que

ele precisava de ajuda.

O povo antigo dera-lhe o metal, mas aquilo de que mais precisava, o conhecimento e a arte de trabalhar o ferro, isso eles não lhe poderiam fornecer.

Voltou-se quando ouviu o som de algo muito pesado a ser arrastado pelo chão. Com metade da altura dele, o bloco de pedra que os homens carregavam sobre cordas poderia outrora ter feito parte do túmulo, mas, ao longo dos séculos, rolara pela encosta abaixo e agora tinha a forma apropriada para servir de bigorna. Se os antepassados o tinham aprovado como ferreiro, certamente não se importariam que ele usasse uma das suas pedras.

Aelfrix e os outros meninos corriam à frente deles, pondo erva seca no chão para que a pedra deslizesse suavemente até a colocarem no buraco.

- Obrigado! - exclamou, inclinando-se um pouco para passar as mãos na parte superior plana da pedra. - Muito bem! Descansem agora, amigos e bebam um pouco de cerveja! Sentia um aperto no estômago por saber que em breve a oficina estaria pronta e que teria de começar a trabalhar sobre os fragmentos de metal, Antes de terem rebentado sob o seu martelo, o fogo alterara-os. As superfícies estavam agora suaves e nas bordas partidas viam-se as camadas que o constituíam. Ele sabia que deveria fundi-los juntos. Mas quanto deveria aquecer o ferro? Que força deveria aplicar em cada golpe? Carrancudo, sentou-se em cima da pedra, olhando, sem ver, para a fornalha rectangular, que era suficientemente larga para forjar uma espada.

O rebordo havia sido construído com pedras e barro. O carvão vegetal que o preencheria viria em breve.

- Amanhã traremos colmo para fazer o telhado, que te abrigará da chuva e impedirá as faíscas de o incendiarem. - Grebe sorriu. Os últimos dias tinham estado bonitos e quentes, o que lhes proporcionara algum conforto, mas aquele tempo não duraria muito.

Quando acabasse de colocar a sua imagem da Senhora da Forja no nicho, faria uma oferenda e pediria inspiração. Ainda tinha algum bronze. Talvez pudesse forjar uma armadura de placas de couro para Mikantor, enquanto aguardava que a deusa lhe dissesse o que deveria fazer.

VINTE E TRÊS

O cume em forma de cone do Wombhill erguia-se coberto de branco acima das encostas verdejantes, como se algumas das grandes nuvens que ainda pairavam sobre o horizonte lá se tivesse instalado. À exceção de alguns chuviscos que haviam caído durante a manhã, ainda não chovera hoje. Era um bom presságio, pensou Anderle. O que sobrevivera de trigo e cevada começava agora a despontar. Se a Deusa fosse benevolente, não se registariam mais cheias até à altura das colheitas. De qualquer maneira, seria mais um ano fraco em alimentos.

Lançou um olhar experiente sobre as mulheres que se haviam reunido sobre a erva. Entre elas e o círculo de pedra de Carn Ava despontavam as tendas e barracas de venda, e a população sentia-se alegre como as aves aquáticas que cobriam o lago a cada Primavera. Todavia, não era tão numerosa como habitualmente. Outrora, o festival caracterizava-se pela abundância e pela sua numerosa assistência, mas nos últimos anos registara-se uma acentuada quebra no número de pessoas presentes. Ninguém tinha recursos para alimentar uma tão vasta congregação. Se as coisas se mantivessem neste estado durante mais alguns anos, a realização do festival estaria completamente comprometida. Algo tinha de ser feito.

Não obstante, todas as rainhas e mães dos clãs cuja presença se aguardava com expectativa haviam comparecido, inclusive Ketaneket do Ai-Ushen e a sua filha Tamar. Deviam ter chegado na noite anterior. Ela acenou às outras sacerdotisas e seguidamente tomaram os seus lugares à frente da procissão. Ao ritmo suave dos tambores e chocalhos começaram a andar" O Wombhill

erguia-se perante elas, branco, deslumbrante, à luz do meio-dia. Os tambores calaram-se enquanto elas circundavam o monte no sentido do movimento do Sol. Anderle ergueu as mãos ao céu.

- Nós te saudamos, Grande Mãe, e pedimos-te a tua bênção. Renova a tua promessa de que a vida irá continuar. Dá-nos a luz do Sol para amadurecer o grão. Mantém os nossos animais e os nossos bebés saudáveis. E zela para que as nossas discussões se resumam a questiúnculas de crianças - proferiu elevando o tom de voz devido ao murmúrio que se fazia ouvir atrás de si. Ela afastou-se e, uma a uma, as sete sacerdotisas subiram os degraus de um caminho sinuoso até ao monte, para deixarem as suas oferendas no cume. Quando a última das Irmãs Sagradas deu por terminada a sua tarefa e regressou, encararam a assembleia ali reunida.

- Filhos da Deusa, ouçam a Sua promessa - gritou Anderle à multidão. Quando as sacerdotisas uniram as mãos, ela sentiu a energia do monte na sua retaguarda, como uma criança sente a presença protectora da mãe.

Respirou fundo, deixando a consciência da Senhora de Avalon fluir para o exterior e a da Senhora da Vida fluir para o interior, partilhando-a com as outras através das suas mãos unidas, pois no monte o poder da Deusa era demasiado grande para ser suportado por uma só alma.

- Escutem, meus filhos, a promessa que vos faço; ouve, ó meu amado, as palavras que pronuncio. - As oito vozes ressoavam em uníssono. - Eu vejo-vos mais claramente do que vocês se vêem a vós mesmos, e eu só castigo os vossos males para que o bem possa florescer. Saibam que não há nada, a não ser a vossa

própria vontade, que vos pode separar do Meu amor, e mesmo quando se voltarem contra Mim, continuarei a amar-vos.

Ni-Terat, Mãe generosa, ouve-nos, clamava parte da consciência que ainda pertencia a Anderle. Uma multidão de rostos brilhava perante si como a luz sobre as águas e aos seus ouvidos cantavam uma miríade de nomes.

Cada uma era diferente, mas no fundo eram Uma só, como ela e as irmãs Sagradas e as mulheres que abençoavam eram indivíduos e componentes de uma entidade maior. As suas mãos erguidas uniam-se como as palavras da promessa que mais uma vez se renovava.

- Vinde a mim todos os que têm fome e eu alimentar-vos-ei da minha própria carne, pois o meu corpo é eterno. Vinde a mim todos os que têm sede e eu alimentar-vos-ei ao meu próprio peito, pois os meus seios nunca secam. À medida que me legam as oferendas, eu entrego-me a todos. Vieram até mim por fim, e, vejam bem, a todos recebo nos Meus braços.

O poder subia pelas suas mãos unidas, explodindo para abençoar aqueles que ali aguardavam e, por intermédio deles, expandia-se através da terra.

E a cerimónia estava realizada.

Anderle cambaleou quando o poder a abandonou e voltou a ser apenas ela, mais uma vez. Espero que se lembrem. Se as rainhas e as mães dos clãs conseguissem chegar a um acordo, os homens que testavam neste dia a sua força contra os outros em jogos de guerra teriam de as ouvir. Assim, Velanto teria tempo para forjar a espada de ferro. A sua tarefa agora era certificar-se de que

quando Mikantor tivesse uma arma que comandasse o respeito dos guerreiros, os homens o seguiriam.

Como se o pensamento tivesse evocado a sua própria resposta, viu Ellet caminhar ao seu lado.

- Minha senhora, Mikantor está aqui! Ele e o seu grupo estiveram com os homens do Ai-Ushen! Anderle parou, olhando-a fixamente. A última vez que ouvira falar dele o rapaz ia a caminho de Ilifen. Como, em nome da doce Senhora, teria ele conseguido este milagre? E se Mikantor estava ali... ela virou-se, buscando o grupo de Ai-Ushen por entre a multidão, e viu entre as cabeças escuras os cabelos brilhantes da sua filha Tirilan.

O pôr do Sol incendiava fogos entre as nuvens, suplantando as fogueiras que ardiam cá em baixo na terra. A luz avermelhada do cabelo ruivo de Mikantor animava o rosto dos seus homens, que se encontravam de cócoras perto da fogueira do Ai-Zir, numa atitude de calma e descontração conscientes. Quando Tirilan se encaminhou para a tenda da rainha, abençoou-os com o seu melhor sorriso. O festival realizava-se sob a égide das tréguas por conseguinte estariam seguros ali, mesmo que os homens de Galid também estivessem presentes. Mas nunca Galid participara no festival. Sob a bandeira do Touro, a Rainha Cimara oferecia uma hospitalidade simples às mães dos clãs, que se juntaram a ela ali, enquanto a maioria dos seus filhos e maridos, prudentemente, ficara em casa.

Quando Mikantor olhou para cada uma das mulheres que ali aguardavam, Tirilan percebeu que ele nunca tinha visto a rainha. Passou por ele e curvou-se diante de uma mulher da idade de Anderle que usava um toucado de contas de âmbar que lhe caía em duas abas de ambos os

lados.

- Mãe de Azan, saudamos-te. Que o teu caminho seja abençoado.

- Isso é uma esperança que perdi há anos - retorquiu Cimara -, mas és gentil por o proferires. Congratulome por te ter junto à minha fogueira... - Esperança é o que vim discutir contigo - proferiu a voz profunda de Mikantor ao sentar-se ao lado de Tirilan.

Por um instante, a rainha olhou para ele com uns olhos cansados.

- A esperança é um luxo. Eu já me dou satisfeita por sobreviver.

- E o teu povo? - indagou Tirilan com mais firmeza do que tinha previsto.

- Eles também. O tempo vai passar e um dia morreremos todos, façamos o que fizermos.

- Então morrerás sem ter realmente vivido, e não deixas nada para trás! - exclamou Mikantor.

- Essa é uma escolha que tu própria podes fazer, mas tu és uma rainha - disse Tirilan reforçando a ideia dele. - Não tens o direito de condenar o teu povo.

Cimara ofereceu-lhe um sorriso de piedade.

- Quando tinha a tua idade acreditava nisso. Mas eu vi a vida da minha mãe desgastar-se devido aos longos anos de cárcere a que foi submetida e por homens ser torturados por me amarem. Realizei as cerimónias, mas sou estéril. A minha família possui uma pequena quinta

para seu próprio sustento. Galid não ousa matar-me, e eu recusei-me a dar-lhe o nome de rei.

É o melhor que posso fazer. Não me peçam para fazer de ti o meu rei. Ele matar-te-á.

- Já o tentou fazer - retorquiu Mikantor secamente. - Mas isso é entre mim e ele. Eu nasci para o Ai-Zir. Pelo sangue, tu és minha familiar minha rainha. Mas não fui criado em Azan, não fui alimentado pela sua terra, não conheço os seus caminhos. Conduzirei os teus guerreiros, mas não sou o homem certo para ser teu rei.

Aquilo, pelo menos, tinha acicatado o desespero de Cimara. As contas do toucado tilintaram quando ela abanou a cabeça.

- Mas o que queres tu, então? - Ser teu protector, senhora.

Tirilan aproximou-se para lhe pegar na mão. Eles tinham falado sobre esse assunto quando se deitavam abraçados na escuridão depois de fazerem amor, procurando encontrar um caminho seguro através das exigências e dos perigos que os rodeavam.

- Dizem-me que nasci para ser rei, mas não serei rei de Azan... Serei algo mais... ou menos... - Encolheu os ombros. - A forma como as coisas ocorrerão ainda não está clara. Mas o que sinto é que fui chamado para servir a todos nesta ilha.

- Nós viemos até ti em primeiro lugar, porque és a sua rainha legítima - acrescentou Tirilan.

- Queres a minha bênção? - Cimara parecia confusa. - É

mais provável que se revele uma maldição.

- E, contudo, é o que te peço.

- Então, é tua a bênção, e por muito pouco apoio que a desgraça me permita prestar, posso, pelo menos, oferecer-te um copo de cerveja.

Anderle ocupou o seu lugar entre os homens e mulheres em redor da fogueira do Conselho. Observou os rostos curtidos pelo sol, por entre os buracos do dossel de lã oleada: as rainhas e mães dos clãs estavam sentadas de frente para os chefes de guerra e para os reis. Um anel de gente hierarquicamente menos importante rodeava-os. Em todos os anos em que fora seu privilégio, e por vezes uma penitência, mediar as negociações das tribos durante o festival de Verão, nunca, pensava com uma vibração de apreensão, sentira tanta esperança e tanto medo.

Como sempre, abriram a cerimónia com a atribuição de prémios aos participantes nos jogos de guerra, um acontecimento aparentemente neutro mas que podia dizer muito sobre as filiações tribais dos vencedores e a força com que se faziam os brindes. Constatou com agrado que uma grande parte dos prémios havia sido ganha pelos homens de Mikantor. Foram identificados de acordo com as suas tribos de origem, mas o murmúrio que se seguia quando um após outro se lhe juntavam era animador. Pelo menos, as tribos podiam verificar que ele sabia treinar eficazmente guerreiros.

Mikantor recebeu ele próprio o prémio de esgrima. Ouviu-se um clamor gratificante de aprovações por parte dos homens que o aplaudiam batendo nas coxas e das mulheres que ululavam com as mãos postas em concha sobre os lábios. Então, quando ele empunhar a Espada

das Estrelas, já estarão cientes de que a sabe usar... Os deuses tinham ordenado que essa espada deveria pertencer a Mikantor. Mas nem mesmo os deuses, ocorreu-lhe, traidor, o pensamento, podiam sempre compensar a fraqueza dos homens. As mulheres continuaram a aplaudir quando Mikantor se curvou para receber a coroa de folhas de carvalho das mãos da Rainha Cimara. Ouviu-se um sussurro de comentários. Seria a rainha a conceder-lhe o reinado do Ai-Zir? Ele era de facto tão bonito que alegraria o coração de qualquer mulher, tão alto e forte como um carvalho jovem, com um passo gracioso e aquele sorriso doce e repentino. O zumbido de especulação cresceu ainda mais quando Mikantor retomou o seu lugar entre os espectadores, em vez de se sentar junto dos reis.

as muitas vezes que Mikantor estivera na sua presença. Sentia-se muito satisfeita pela forma como ele encantava as mulheres, embora a presença de Tirilan dificultasse a possibilidade de uma aliança de casamento. O que pensava a rapariga que estava a fazer? Os seus votos proibiam-na de se casar com Mikantor, então porque se interpunha no caminho de uma aliança que poderia proporcionar-lhe mais guerreiros? Precisavam de falar, mas Tirilan fora muito evasiva durante todo o festival. O sentimento de boa vontade gerado pelos prémios diminuía um pouco quando ouviam uma série de queixas relacionadas com furtos de materiais e violação de fronteiras. Alguns dos problemas poderiam ser resolvidos com a atribuição de compensações, mas não todos. As feridas eram demasiado profundas e as necessidades muito grandes. Eram como animais famintos lutando uns contra os outros pelos últimos tufos de erva tenra. Anderle respirou fundo. Agora, mais do que nunca, chegara o momento de mudar. Pegou no bastão decorado com discos de prata e começou a agitá-lo, suplantando as vozes dissonantes com um

som suave e doce.

- Mães destes povos, isto não pode continuar! - Varreu a multidão com um olhar severo. - Não nos podemos continuar a dar ao luxo de lutar uns contra os outros. Os vendavais e as chuvas já são inimigos suficientemente fortes.

- E tu vais designar-te a ti própria para nos julgar, Senhora de Avalon? - Destacou-se uma voz masculina de entre a multidão.

- Um juiz deve ser capaz de impor as suas decisões. Os meus poderes pertencem ao espírito. Posso abençoar ou amaldiçoar, mas temos tido problemas que cheguem. Gostarias que amaldiçoasse a tua semente? - Quando os risos inquietos se desvaneceram, Anderle abanou a cabeça. - Precisamos de um juiz que seja também um defensor, que imponha as suas decisões com um golpe preciso de espada, que sirva todas as tribos, embora não pertença a nenhuma em particular.

- E onde, ó grande sacerdotisa, se encontra esse ser paradigmático? - Os vossos filhos já o encontraram - respondeu ela. - Ele é o Filho de Mil e Um Reis, descendente dos reis de todos os mares, mas nascido e criado nesta terra. Viveu nos pântanos, nos charcos e nas planícies. Lutou com os veados e ganhou a bênção do velho povo que já cá estava antes de todos nós. Ele é Mikantor, sobrinho de Zamara do Ai-Zir e filho de Imana de Avalon.

Não foi difícil encontrá-lo. As pessoas viraram a cabeça como as flores do girassol. Do outro lado do círculo, Mikantor olhava para ela e depois afastou os olhos. Os lábios de Anderle tremeram. Se ele não queria ser surpreendido, deveria ter ido visitá-la

quando fazia a sua ronda junto das rainhas.

- Queremos vê-lo! - gritou o homem. - Vem cá, para podermos olhar para ti! De olhos brilhantes, num misto de apreensão, emoção e divertimento, Mikantor destacou-se da multidão, com Tirilan ao seu lado. Apesar de não saber exactamente o que o esperava, ele vestira-se para a ocasião, observou Anderle com azedume, com uma túnica branca curta, colorida na bainha e no colarinho. Tirilan também se vestira de branco. A mãe não sabia se se sentia aliviada ou zangada por ela não estar vestida de azul, - O Ai-Giru apoia-o - disse a rainha do Ai-Gim.

- E o Ai-Utu também - repetiu Urtaya, a mulher esbelta e escura que era a sua rainha.

- Oh, ele é um bom rapaz - pronunciou-se o rei do Ai-Ilif levantando-se. - Mas há uma diferença entre pedir um touro emprestado e deixarmo-nos puxar como bois, enquanto ele toma conta do rebanho. Eu sirvo a minha rainha, mas não me curvarei perante nenhum homem! - Houve um murmúrio de aprovação por parte dos homens presentes. Mikantor abriu os lábios, com a intenção de falar, mas Tirilan apertou-lhe o braço e ele permaneceu em silêncio.

- Mas esse líder foi escolhido outrora, em tempos de grande necessidade. - A voz da Rainha Ketaneket sobrepôs-se facilmente ao barulho. - O Defensor foi nomeado para proteger todas as tribos.

A multidão foi percorrida por novos murmúrios e eles perceberam que a rainha de Ushan apoiava Mikantor. Os olhares voltaram-se para o rei grisalho, que fez um ar carrancudo. Como, perguntava-se Anderle, poderiam convencer os homens? - Isso está tudo muito bem -

disse Menguellet do Ai-Akhsi -, mas a autoridade do rei vem da rainha e a da rainha vem da Deusa da sua terra- - Ele tem a bênção da Deusa - observou uma velha da raça antiga que estava sentada entre as mães dos clãs. - Quando matou o Rei Veado, deu-se à Senhora. A sua sacerdotisa está ali, a que o levou ao poder. - Apontou para Tirilan. - Deixem que ela venha a cada um de vós e conheça as vossas terras e que seja a vossa voz junto dele.

Anderle olhou para a filha quando as rainhas começaram a discutir, Aquilo não fazia parte do seu plano! Na verdade, Tirilan parecia tão surpreendida quanto ela, mas a sua expressão ia mudando.

- Poderá a rapariga fazê-lo? - perguntou alguém. - Ela é uma sacerdotisa de Avalon.

- Obrigada pelos votos - começou Anderle a dizer, mas ninguém a ouviu. Tirilan avançara um passo e a luz que passava por entre um dos rasgos no velame da tenda brilhou irradiante sobre o seu cabelo. Mesmo para aqueles que não possuíam a visão interior, ela resplandecia. Um truque barato, pensou a mãe, se é que a menina tinha conhecimento disso, mas Tirilan parecia inconsciente do efeito que provocara ao virar o rosto para encarar as rainhas.

- Eu jurei servir a Deusa... - A voz suave de Tirilan, cujo timbre havia sido treinado em Avalon, fluía sem hesitações. - Ela é Um e muitos, a fonte e os ribeiros. Em Avalon, estudei as verdades eternas, mas a ilha sagrada esquece as necessidades daqueles que lutam para viver o dia-a-dia. - No olhar que lançou à mãe podia ler-se um pedido de desculpas e, depois, prosseguiu. - Aprendi que quando vivemos em corpos, devemos honrar o Espírito, quando este se manifesta em

cada Primavera, em cada coisa, em cada campo, em cada árvore, para o servir nas coisas grandes, mas devo prestar atenção àqueles que são pequenos.

Anderle começou a falar, mas percebeu que o clima que se fazia sentir no seio da assembleia estava a mudar. Fazer qualquer objecção poderia enfraquecer a posição de Mikantor. Ela fervia em silêncio, reconhecendo que estava a ser forçada a escolher entre os planos que delineara para Mikantor e Tirilan. - Deixá-la vir em primeiro lugar para junto de mim - disse a rainha Cimara baixinho, mas um murmúrio fez ecoar as suas palavras no meio da multidão. - Ensinar-lhe-ei os meus Mistérios.

- E tu darás a Mikantor o título do rei? - perguntou o rei Eltan.

- Tornando-o teu igual? - Cimara retorquiu com uma presença de espírito que fez Anderle recordar a menina que ela fora outrora. - Não.

Escolherei o meu rei, quando mandar de novo na minha terra. - Virou-se para Mikantor. - Ontem, quando falámos, não tinha esperança, mas a noite passada sonhei que um dragão e um cisne voavam sobre Azan. Tu estavas certo, primo. Eu estive viva, mas não vivi. Está na altura de mudar isso.

Aceito o serviço e dou-te o comando. Destrói Galid. Ele é o veneno que está a matar a minha terra.

Mikantor caiu de joelhos diante dela.

- Mãe de Azan, eu vou...

Levantou-se e dirigiu-se aos homens.

- Nos Jogos puderam ver que sou abençoado pela irmandade dos heróis.

Nós não somos muitos, mas podemos tornar a vida de Galid um inferno.

No entanto, isso não o destruirá. Se me aceitarem como vosso líder, terão de lutar ao meu lado. Pois enfrentar as forças de Galid exigirá um exército com homens de todas as tribos.

- Tu és um guerreiro forte - concordou Eltan. - Mas deves provar que tens o favor, não apenas de rainhas, mas dos deuses. Que eles nos dêem um Sinal de que és tu o Escolhido.

- Nas nossas terras, esse rei tem furado em cada braço um dragão - disse a rainha Urtaya -, picado na sua carne com espinhos, de modo que ele nunca o possa esquecer. Se Mikantor conseguir suportar essa provação, Utun aceitá-lo-á.

- Ele terá algo mais. - Anderle conseguiu por fim tomar a palavra. - Terá uma Espada das Estrelas que nenhuma arma terrestre poderá vencer.

- Se Velanto for capaz de forjar a lâmina... O olhar dela cruzou-se com o de Mikantor, e viu a mesma dúvida inscrita nos olhos do jovem.

A noite mais pequena do ano descera sobre eles. Apoderara-se das pessoas um certo alívio, depois de terem tomado uma decisão pública, pensava Mikantor enquanto seguia a rainha do Ai-Utu até junto da fogueira. Pelo menos não teria de fazer mais escolhas. As fagulhas rodopiavam no ar até se misturarem com as

estrelas, à medida que colocavam mais lenha a arder.

Lembrou-se do fogo da forja e, de repente, sentiu que gostava que Velanto estivesse ao seu lado agora. Talvez a sua decisão de salvar o ferreiro tivesse sido a escolha que lhe permitira viver este dia. Se não o tivesse feito, talvez ainda fosse escravo nas terras do Mar do Meio.

Porém, se Velanto não podia estar ali com ele, pelo menos tinha Tirilan.

Instintivamente, estendeu a mão para agarrar a dela, que aguardava apenas uma oportunidade para se unir à sua. As notícias do que acontecera no conclave tinham-se espalhado por todo o acampamento, e as pessoas já começavam a agrupar-se. Seria pedir muito que o deixassem suportar o seu calvário em privado? Aquela era uma outra opção que perdera quando se comprometera a servi-los a todos.

Pensou que levaria tempo a encontrar alguém que soubesse tatuar o símbolo, mas quando o encontro terminou, apresentou-se um homem do povo antigo com um saco de pele cheio de cores em pó e espinhos. Mikantor disse a si mesmo que deveria estar grato por todos os símbolos com os quais lhe tinham coberto o corpo para realizar a prova com o veado só terem sido pintados. Entrar numa batalha era diferente. Sabia que podia ser ferido, mas na realidade nunca punha francamente essa hipótese. Pensou que iria ser picado por espinhos, como as picadas de mil abelhas, e percebeu, num misto de divertimento e preocupação, que não tinha a certeza se conseguiria suportar a dor.

- Vai tudo correr bem - disse Tirilan. - Eles disseram que podes pousar a cabeça no meu colo enquanto o velho

vai fazendo a tatuagem.

- Isso certamente me distrairá - replicou com um sorriso.

- Eu também pensei que sim - retrucou ela apertando-lhe a mão. - É melhor colocar um pedaço de pano pesado em cima da minha coxa, para que eu não vos envergonhe a todos - acrescentou ele, vendo-a corar, e riu-se.

Haviam colocado um colchão de palha perto da fogueira. O velho já lá estava, misturando um líquido azul-escuro numa tigela feita a partir da metade inferior de uma cabaça. As Irmãs Sagradas também estavam presentes, assim como Anderle. Era previsível que elas viessem testemunhar o seu comportamento para depois o divulgarem junto das tribos, pensou Mikantor quando se inclinou.

- O rapaz tem boas maneiras - comentou uma delas. Pareceu-lhe Urine, do Ai-Giru. - Ensinaste-o bem.

- Fiz o possível... - O tom de Anderle era ameno, mas Mikantor sentiu os dedos de Tirilan apertar os dele. A sacerdotisa levantou-se. As suas vestes esvoaçavam em seu redor e eram tão azuis quanto as coisas que estavam no interior do pote.

- Mikantor, filho de Imana, foste chamado aqui para confirmar o teu compromisso com todas as tribos. Saibam que, nas antigas terras além-mar, esses dragões marcaram os elementos da linhagem real que se dedicavam a servir o povo. É essa a tua verdadeira vontade? A minha verdadeira... Sentia a cabeça a andar à roda. Como se poderia ter a certeza disso? Só sabia que pusera os pés num caminho do qual não poderia sair agora.

- Eu sirvo a minha Senhora. Estou pronto a fazer a Sua vontade... - proferiu em voz alta, não acrescentando que desde que regressara a Avalon tinha visto a Deusa com o rosto de Tirilan.

A túnica que envergava tinha mangas curtas, para que não precisasse de se despir. Ele puxou o laço das braçadeiras de couro, tirou-as e entregou-as a Ganath, que acabara de entrar, seguido pelo resto dos Companheiros.

Com os olhos postos nele, não se atreveria a gemer. A pele que as braçadeiras cobriam estava pálida, esticada pelo músculo duro, atravessado por veias azuis. A tatuagem deveria ficar bem visível.

Tirilan tomou lugar à frente do colchão e Mikantor encostou-se a ela, controlando o seu ardor. Ele não estava totalmente a brincar quando se referira ao pano. Quando eu já não reagir ao teu toque, minha amada, pensou ironicamente, saberás que morri. Deram-lhe um pedaço de madeira para agarrar com a outra mão.

- Chamo-me Raposa - disse o velho na língua antiga. - Fica muito quieto, por favor.

- Agradeço-te, ó homem honrado - respondeu Mikantor na mesma língua, esticando o braço. Contorceu-se ao primeiro toque, mas era apenas um pincel estreito com que Raposa ia desenhando a forma sinuosa em torno do seu braço.

- Respira devagar - ouviu Anderle dizer do outro lado da fogueira quando o desenho já estava elaborado em ambos os braços. - Ouve o tambor. Ouve a canção...

Fechou os olhos e sentiu as mãos de Tirilan em ambos os lados da sua cabeça, acariciando-lhe os cabelos. Isto não é tão mau assim, pensou à primeira picada do espinho. Respirava ao ritmo do rufar do tambor. Toque toque, toque, o pequeno martelo picotava o espinho na sua pele com um ritmo que se assemelhava às pancadas do martelo de Velanto quando forjava alguns ornamentos de ouro. Se bater em mim te ajudasse a dominar esse pedaço de metal, pensou distraidamente, eu colocaria já o meu braço sobre a bigorna. Começava a doer-lhe mais; era uma dor latejante que irradiava das feridas reais. Tentou transformar a sua dor numa oferta, mas cada vez se tornava mais difícil pensar noutra coisa a não ser no seu braço.

- Respira devagar - sussurrou Tirilan quando ele se engasgou. - Estou aqui... - Mikantor respirou fundo, aconchegando-se no colo dela - Não resistas à dor, deixa-a fluir através de ti...

- Vais fluindo pelo rio, és o vento que sopra na erva, és chama no fogo que arde, estás aqui e passarás... - cantavam as mulheres.

Mikantor fixou a mente nas imagens e, por instantes, ultrapassou a agonia. Sentiria uma mulher no parto aquela dor quando lutava para trazer uma nova vida ao mundo? Respirou fundo novamente, ao ritmo do tambor.

- Estás aqui e passarás... - cantaram mais uma vez. Quem eram os homens que haviam usado aqueles dragões outrora? Sentiu o espírito regressar por um momento a um terraço de pedra vermelha e contemplou um mar de um azul brilhante que nunca antes vira.

- De vida em vida e sempre a aprender, a alegria transmutará a dor.

Regressado do sono da morte, caminharás na luz novamente - prosseguia o canto. Era um dos cânticos sagrados de Avalon. Se pudesse mergulhar no sono, onde iria despertar? Na sua consciência cintilavam recordações que não eram dele.

Então, as mulheres pararam de cantar. Deitado, respirando cautelosamente, uma parte da mente estava concentrada na dor latejante que sentia no braço, enquanto a restante captava as imagens que acompanhavam essa dor. Havia um movimento em torno dele. O velho aproximara-se do seu outro lado.

Não, pensou vagamente quando sentiu a primeira picada do espinho.

Eu não consigo suportar isto outra vez. Ainda não. Agora não! Contudo, a sua vontade não chegou aos seus membros. A respiração voltou a acompanhar o ritmo do tambor, e quando a dor atroz que sentia no braço direito igualou a do esquerdo, deixou-se levar. As imagens começaram a correr-lhe pelo espírito, concentrando-se nas memórias de uma outra vida, de que ele precisava de se lembrar agora.

Seguia num barco embalado pelas ondas, enquanto o mundo explodia em fogo e trovões, em busca de algo precioso e inimaginável que perdera...

Encontrava-se de pé no meio de um grande círculo, cantando para as pedras...

Estava sentado no topo do Tor, em Avalon, e tinha a mulher de cabelos brilhantes nos seus braços...

Abriu os olhos e viu-a a olhar para ele.

- Eilantha... - sussurrou. A expressão da mulher mudou quando a confusão deu lugar à alegria.

- Osinarmen... - respondeu ela. - Finalmente voltámos a encontrar-nos...

Sentia os dragões nos braços delineados a fogo. O seu olhar cruzou-se com o do homem velho que o tatuava, que hesitou por um momento, voltando depois a debruçar-se sobre o trabalho. Olhou os rostos que o rodeavam, sentindo que se os observasse o tempo suficiente saberia os nomes de alguns deles. O seu olhar encontrou o da mulher esguia e escura do outro lado do fogo e recordou-se de que tinha sido uma mãe para ele, embora não tivesse sido ela quem o dera à luz. Nem aquela terra fora a sua, embora lhe tivesse embalado um dia os ossos.

- Quando eu era Micail, tentei governar esta terra através da magia e arrependi-me - murmurou. - Agora, esta terra precisa de um guerreiro que saiba empunhar uma espada.

- Tu terás essa espada - disse a mulher escura, aproximando-se da fogueira para o olhar mais de perto, a dúvida e a admiração lutando nos seus olhos.

- Terminei - disse Raposa. As feridas arderam-lhe quando o velho derramou água limpa sobre os seus braços e lhe limpou o sangue.

A sensação dividiu-lhe as recordações e fê-lo regressar novamente à consciência do seu corpo. Pestanejou - sabia que era Mikantor, mas outras vidas ainda estavam acordadas nele - ao ver a mulher que ele amara, Tiriki olhando através dos olhos de Tirilan.

Levantou os braços e viu os dragões desenhados em gotas de sangue escurecido pelo corante.

- Tens aqui umas ervas para colocares sobre os braços. Ajudam a curar e acalmam a dor. - O velho derramou a mistura de tinta que sobrara no fogo e começou a arrumar as suas coisas.

- Consegues sentar-te? - perguntou Tirilan.

- Acho que sim - respondeu, erguendo-se e sentindo a força do seu corpo jovem animá-lo. Micail, lembrava-se, morrera velho.

Os homens elogiaram-no quando se pôs de pé, mas o som das vozes vacilou ao encontrarem o seu olhar, sentindo que o homem que agora trazia os dragões nos braços não era exactamente o mesmo que se deitara junto à fogueira. Tranquilizou-os com o sorriso de Mikantor. As rainhas retribuíram o sorriso com satisfação, os seus reis, mais cautelosamente.

Eles também sabem que algo mudou, pensou Mikantor. Fora por esse motivo que Anderle nunca havia sugerido dar-lhe os dragões? Saberia ela que o calvário por que passara iria transformá-lo num homem? A única coisa que não mudara, percebeu Mikantor, era o seu amor por Tirilan. Acompanhado de mais elogios, virou-se, embora as feridas nos braços latejassem a cada movimento que fazia, agarrou-a pelos ombros e beijou-a longa e profundamente.

Anderle olhou para trás, por cima do ombro, para o círculo de pedras a sul, que se encontrava no interior do círculo de pedra de Carn Ava, onde a sombra enorme do bloco de pedra central se estendia por toda a erva verde. Quando o Sol nasceu, a sombra apontava para

Mikantor. A figura dele ainda lhe surgia, radiosa, na memória, de pé, como um jovem deus aos primeiros raios da luz do dia mais longo, com os dragões reais tatuados em torno dos seus braços. As pessoas viram nisso um presságio e saudaram-no como Defensor da terra.

Os deuses haviam-lhe dado aquilo por que sempre trabalhara, e se as coisas não corriam ainda com a precisão que planeara, seria tola se ainda se queixasse. Contudo, sentia alguma dificuldade em desfrutar da sua vitória.

- Mãe...

Permitiu-se um sorriso amargo ao ver Tirilan ali.

- Mãe, eu pensei que teríamos tempo para falar durante o festival, mas disseram-me que pretendes deixar-nos esta manhã... - A sua voz soou hesitante.

- Não sabia que tinhas alguma coisa para me dizer - respondeu Anderle enquanto caminhavam pela erva em direcção à calçada. - Tens o que querias. Conseguiste ficar com Mikantor e continuar a ser uma espécie de sacerdotisa, embora não seja claro se irás acabar como rainha ou como serva de todos.

- Eu não estarei com Mikantor enquanto não souber o que acontecerá, e ele terá de enfrentar uma guerra de ataques e emboscadas até poder comandar os reis com a sua espada de ferro - disse Tirilan, infeliz. - Disseram-me que Velanto construiu uma oficina perto do túmulo antigo, no Vale do Cavalo Branco. Pensei que o estivesses a ajudar.

O olhar de Anderle brilhou, mas Tirilan não pareceu

perceber que um golpe astuto a tinha atingido agora. Aproximavam-se do fosso que circundava o círculo de pedra, com a margem de pedra calcária branca brilhando à luz do Sol.

- Ele não é um homem que se deixe conduzir - disse ela, finalmente -, e, por outro lado, eu não conheço o seu ofício. A melhor coisa que posso fazer agora é deixá-lo sozinho e rezar para que a Senhora da Forja o inspire.

- Vou rezar também - declarou Tirilan. - Mikantor tem impressionado os reis, mas sem a Espada será difícil reunir as forças de que precisamos para derrubar Galid. Não podemos sequer começar a abordar todas as outras coisas que temos de fazer até que ele desapareça.

Anderle olhou para a filha, jovem, forte e esperançosa, e a sua raiva abandonou-a com um longo suspiro. Há muito tempo que se sentia ansiosa.

E, afinal, não lutara ela sempre para que chegasse o dia em que os seus filhos pudessem voar livremente? Atravessaram o fosso e dirigiram-se ao acampamento.

- Adeus, Tirilan. Que a Deusa te abrigue com as suas asas poderosas.

Anderle ergueu as mãos em bênção. Ao descer o caminho, olhou para trás mais uma vez e viu Tirilan ainda ali, brilhante como uma primavera ao sol da manhã. Mas ela continuou a andar.

VINTE E QUATRO

- Este é o coração de Azan - informou Cimara, parando, quando chegaram a um ponto elevado do terreno. Tirilan assentiu, de olhos esbugalhados devido à vastidão ondulante de verde. Haviam partido de Carn Ava no dia anterior e viajaram lentamente com um pônei e um carro que transportava provisões, seguindo pelo trilho que corria junto ao rio Aman. Depois viraram para sul, prosseguindo através da planície.

- É lindo! - exclamou Tirilan. - O céu parece tão vasto sobre toda esta terra desimpedida. - Ouvira dizer que aquela era a maior extensão de pastagens que existia na Ilha dos Poderosos. Era certamente a maior que já vira. Grandes faixas de verde mais escuro ondulavam aqui e além e o brilho cor de prata das águas revelava onde os rios haviam cortado o calcário branco da rocha e o terreno lamacento. Aqui e ali surgia uma lagoa, um maciço de folhagem escura ou uma espiral de fumo, assinalando a presença de uma quinta no meio dos campos de terra castanha. Porém, a maior parte da planície era constituída por pasto para o gado de pelagem ruiva, que tinha dado à tribo o seu nome. A erva de pasto e a aveia tremiam na brisa leve que acariciava a planície, pontuada aqui e ali por um tufo de flores douradas ou roxas. Ao contrário da maioria dos lugares na Ilha, era uma região propícia para a circulação de veículos de rodas, razão pela qual Cimara possuía um carro puxado por um cavalo, coisa que Tirilan raramente vira.

- Tu nunca estiveste aqui? Tirilan abanou a cabeça.

- Só fui algumas vezes a Carn Ava, mas tomávamos a estrada do oeste- É mais curta e, nestes dias, mais

segura para ti também. - Cimara suspirou. - Quando era rapariga nova, o povo de Avalon costumava passar por Azan-Ylir quando viajava para o festival. Descansavam da viagem e depois terminávamos a viagem juntos. As nossas famílias eram muito próximas naqueles dias. Havia muitos casamentos entre as nossas linhagens e enviávamos muita gente para ser treinada no Tor.

- Quando Mikantor derrubar Galid, esses dias voltarão
- afirmou Tirilan.

- Que os deuses assim o queiram.

Cimara recomeçou a andar, enquanto um dos criados puxava a rédea do cavalo e o carro era impulsionado para a frente, rangendo. O resto do povo acompanhava-os na retaguarda.

Tirilan seguia-os, ainda pensando em Mikantor. O movimento distendia-lhe os músculos doridos e sentiu-se ruborizar ao lembrar-se do vigor da sua despedida. Carn Ava, na época do festival, não oferecia muita privacidade, mas ele encontrara uma clareira num bosque de espinheiros, que se conseguia alcançar à custa de alguns arranhões, e agiu de modo a que ela não o esquecesse, oferecendo-lhe uma tarde de amor intensificada por várias semanas de privação e da expectativa de muitas outras.

Como se eu alguma vez o pudesse esquecer... pensava com carinho. Se a memória de um sorriso de menino fora o suficiente para manter o meu coração aceso ao longo de tantos anos, não o esquecerei agora que o seu toque queima a minha carne tão vividamente, embora de uma forma não tão visível, como os dragões tatuados marcam a dele.

Ela sorriu, lembrando-se de como ele ficara tenso e trémulo, enquanto ela lhe beijava cada parte do corpo, como se assim o envolvesse numa armadura que o protegesse contra todos os males. E depois fizera amor com ela, com uma paixão tão intensa que não conhecera nele antes. Pareceu-lhe que tudo o que tinha feito desde que recebera as tatuagens de dragão exalava uma medida superior de autoridade, como se, ao recordar-se da vida, ele tivesse recuperado uma parte de si mesmo que lhe faltara até agora. Até o ver novamente, que outras qualidades poderia revelar esse novo conhecimento? Conseguiria ela recuperar as memórias da mulher que ele amara outrora e igualá-lo em intensidade? Passava pouco do meio-dia quando ouviram o tropel de cascos na planície. Tirilan interrogou-se se os póneis selvagens percorreriam ali os campos como era hábito na charneca e voltou-se para indagar a rainha, mas as palavras morreram-lhe nos lábios quando viu a mulher pequena parada na estrada, com o rosto subitamente envelhecido pelo desespero.

- Que se passa? Alguma coisa correu mal? - Carros de combate - revelou Cimara. - Volta para junto dos meus servos e cobre a cabeça com o teu xaile. Talvez ele não repare em ti. Oh, Deusa, nunca pensei. Vai, Tirilan! Vai! Nada daquilo fazia sentido, mas a urgência da rainha era clara. Quando o tropel dos cavalos aumentou, já Tirilan assumira o seu lugar junto das duas mulheres que serviam a rainha.

- Qual é o problema? - sussurrou. - Por que razão lhe causam tanto medo os carros? - Tu és tonta, filha? - indagou a mulher. - Apenas um homem em Azan possui carros. É Galid quem sobe a estrada tão rapidamente, e é melhor rezarmos para que ele não saiba que estás aqui.

Repentinamente, Tirilan sentiu-se mal. Eles não tinham apressado a sua partida. Teria havido tempo para um mensageiro ir comunicar a Galid o que as rainhas tencionavam fazer. Mas saberia ele que ela iria passar uns tempos com Cimara? O usurpador vira-a em Avalon, mas agora ela vestia uma túnica de linho e uma saia castanha com listras, e não as vestes azuis de uma sacerdotisa. Se se revelasse um encontro casual, era possível que ele não reconhecesse a filha da Senhora de Avalon.

Que a Deusa esteja comigo! Tirilan reuniu a força da terra e obrigou-se a respirar lentamente, perguntando-se se Mikantor também se sentiria assim antes de uma batalha começar. Aconteça o que acontecer, não devo deixar transparecer que estou com medo. Via os cavalos agora e os homens em pé nos carros, na sua retaguarda, balouçando, à medida que avançavam ao longo da estrada. Um par de cavalos trotava de cada lado da estrada, enquanto o terceiro par seguia a galope em linha recta, na sua direcção. Mikantor falara-lhe sobre o poder terrível dos carros de Tirinto, e agora ela começava a entender. Enfrentá-los deveria ser como tentar resistir a uma avalanche.

No preciso momento em que pensou que o líder iria derrubar o séquito da rainha, o condutor do carro puxou as rédeas e obrigou-os a parar, bloqueando a estrada com o carro. Um olhar rápido permitiu-lhe identificar o guerreiro que seguia atrás do condutor do carro. Era Galid! - Saudações de Verão, Senhora da Azan. - O sorriso de Galid não lhe chegava aos olhos. - Disseram-me que estiveste muito ocupada durante o festival, tu e as outras rainhas. Mas não devias ter tomado tantas decisões sem o meu conselho, minha querida.

- Que tens tu com isso? Não és meu rei. - A voz de Cimara revelou um leve tremor, mas ela não se moveu.

- Eu sou mais importante do que isso - declarou Galid suavemente. - Sou o teu dono. Cada dentada que dás, cada respiração tua é a minha misericórdia que to concede.

- Tu não te atreverias a matar-me... a própria terra se voltará contra ti! - Nem preciso de o fazer. É evidente que tenho sido muito generoso, um cavalo e carroça, e todos esses serviçais... Que necessidade tem uma rainha de mendigos de tanto luxo? Soumer, Keddam - acenou para os guerreiros que se encontravam num dos carros -, cortem as rédeas do cavalo e tragam-no. E os homens - acrescentou, apontando para os dois criados. - Preciso de mais homens para trabalhar na quinta lá em baixo.

Vou levá-los também.

- O que estás a fazer? - indagou a rainha. - As minhas mulheres não são capazes de fazer os trabalhos mais pesados da quinta! Se nos levares o cavalo, como transportaremos para casa os nossos haveres? - Deverias ter pensado nisso antes de começares a conspirar contra mim - troçou Galid. - Se a tua deusa é assim tão poderosa, ela que te ajude! Aquele discurso revelava que Galid tinha um espião no festival. A mais velha das mulheres do séquito de Cimara soluçava agora à beira da estrada.

Tirilan inclinou-se para a abraçar.

- Deverias ficar-me agradecida, pois deixo-te as tuas mulheres.

Tirilan ouviu o rangido da madeira e, em seguida, passos a aproximarem-se. Galid descera do carro e dirigia-se a elas. Tentou passar despercebida por entre a névoa, mas esperara demasiado tempo.

- As velhas, de qualquer maneira, não me servem para nada... mas esta aqui tem boas pernas, pode ajudar lá em casa. O que dizem, rapazes, vamos levá-la? Tirilan guinchou ao sentir uma mão rude agarrar-lhe o braço e arrastá-la.

- Serves para quê, hem, rapariga? - Ele puxou-a, os olhos brilhando de diversão. O seu hálito cheirava mal. - Sabes moer o grão? Consegues fiar? Serves para mais alguma coisa do que abrir as pernas para o fedelho de Uldan, não é verdade? - Acrescentou ele mais suavemente. - Nunca deverias ter deixado a cadela da tua mãe, rapariga.

Tirilan olhou para ele, segurando no xaile. - Eu sou uma sacerdotisa da Senhora, e se me magoares, sentirás a Sua ira.

- Mas tu desististe de tudo quando fugiste, não foi? Ainda assim, eu não tenho intenção de te prejudicar. Na verdade, acho que até podes ser muito valiosa...

Tirilan sentiu o rosto empalidecer ao pensar nos riscos que Mikantor correria quando tivesse de a reclamar. Tentou afastar-se e gritou quando Galid lhe cravou os dedos no braço. Os guerreiros riam, encostados às lanças.

- Vem lá, então, minha cabrinha.

Quando Galid começou a arrastar Tirilan em direcção ao carro, Cimara colocou-se no seu caminho, e, pela

primeira vez desde quê se encontraram, ela parecia uma rainha.

- A rapariga está sob a minha protecção. Deixa-a ir.

- E a tua protecção vale o quê? Devias ter aceite o meu serviço quando eu to oferecia todos os anos. - Com um golpe da mão livre, Galid atirou a mulher mais velha ao chão. - Mas não te vou deixar completamente sem assistência. Keddam, fica com elas. Escolta a rainha até à quinta. E certifica-te de que todas permanecem lá, e não quero ouvir mais histórias até fazer a minha escolha! Então agarrou Tirilan pela cintura e atirou-a para dentro do carro. A guinada que os cavalos deram ao arrancar fê-la cair de joelhos. Restava-lhe apenas agarrar-se bem enquanto as maldições de Cimara se perdiam na distância e Galid se ria às gargalhadas.

A casa circular central do Azan-Ylir era um local mal iluminado e cheio de sombras. O fogo escasso que crepitava no centro da grande lareira não era suficiente para dissipar o frio ou a escuridão. Tirilan estava de costas para o fogo, enrolada no xaile, com as pernas apertadas, como se ao fechar-se no seu corpo conseguisse proteger a alma.

- Tens a fibra do teu pai. - Ela contraiu-se quando Galid, que circulava em seu redor, lhe agarrou o queixo. - Conhecia-o muito vagamente mas pode dizer-se que estabelecemos uma ligação forte.

Tirilan olhava para ele, de narinas abertas. Estaria ali presente o odor do mal ou seria simplesmente o fedor do lixo que se via espalhado debaixo das bancadas? Quando entraram, vira um cão a roer o que parecia ser uma mão humana. Duvidava que as criadas,

abatidas e humilhadas, que ela vislumbrara tivessem motivação para manter aquele lugar limpo.

Outrora, e fazendo boa-fé nas palavras da sua mãe, este tinha sido um belo salão. Galid reconstruíra-o após o incêndio, e enchera-o com os despojos de mil invasões. Mas vinte anos de fuligem tinham corroído as gravuras coloridas dos pilares e os tapetes, carcomidos pelo tempo, pendiam rasgados, das paredes. Havia pelo menos vinte anos de sujeira incrustada no chão.

- Tu não me vais fazer nenhuma pergunta? - Os dentes de Galid também estavam em mau estado. - Não queres saber como o teu pai morreu? - Ele sacrificou-se para que a minha mãe pudesse fugir de ti. É tudo o que preciso de saber sobre ele, ou sobre ti...

Toda a gente lhe dissera que Durrin tinha sido um homem bonito, e a mãe devia tê-lo amado, pois nunca escolhera outro homem, embora por vezes Tirilan se interrogasse se Anderle não teria sacrificado a sua capacidade de amar à necessidade de governar Avalon com um pulso forte.

- Tão fria! - casquinou Galid -, tão fria e bonita. Matei o teu pai com uma espada de bronze. Terei de arranjar uma arma mais quente para ti? Desta vez, o tom sarcástico do seu riso não deixava quaisquer dúvidas sobre o seu significado. O pensamento das mãos daquele homem sobre o seu corpo, qual paródia obscena do amor que a unia a Mikantor, fê-la arrepiar-se.

Fechou os olhos e convocou os poderes da terra para que a protegessem.

- Sou uma sacerdotisa de Avalon. Submeti-me à vontade

da Deusa.

- Foi a Deusa que te enviou como uma cadela com cio para a cama de Mikantor? - Galid sorriu. - Acho que não, putinha. Se gemias com ele, comigo hás-de gritar.

- Suponho que não te preocupa o que os homens irão dizer por teres violado uma sacerdotisa - disse num tom desafiador -, mas podes temer o que a Deusa te vai fazer... Será que os teus homens ainda seguirão um líder cuja ponta se transformou numa cana podre? - Porque me haveria eu de preocupar com uma rapariga pálida e tonta? - respondeu ele após uma pausa. - A tua mãe, sim, ali está uma mulher com fogo na barriga. Se a atirasse ao chão, ela arranhar-me-ia e gritaria! - É disso que tu precisas, não é? - Tirilan franziu a testa, pensativa. - Tu não a consegues levantar a menos que uma mulher te dê luta. Estou segura então! Faz o que quiseres, não me oporei, não responderei, a não ser para vomitar no teu fedor. Por falar nisso, gostas de viver como um porco num chiqueiro, ou os teus servos não sabem como se limpa um salão? - Talvez - a voz de Galid sobrepôs-se à dela - te dê aos meus homens.

Tirilan forçou um encolher de ombros.

- Será que eles te obedecem? Podem ainda dar valor à sua masculinidade, especialmente quando eu lhes disser que tu não me tomaste porque eu já dei cabo da tua... Viver com Mikantor e os seus companheiros dera-lhe a conhecer que para alguns homens isso constituía um medo muito real.

- Limpeza, hã? - O olhar dele passou vistoria à sala.
- Se essa é a tua função, então podes começar a limpar. Se conseguires tirar essas vagabundas do

galinheiro para te ajudar, usa-as com a minha boa vontade Se ganhares o teu sustento, posso até alimentar-te. Quando te doerem as costas e tiveres os dedos em ferida, talvez prefiras ganhar o teu jantar com o traseiro.

- Eu não tenho medo do trabalho honesto - disse ela calmamente suspeitando que ele se deixara enganar pela sua aparência frágil. Ficou surpreendida ao perceber que apesar de ter muitos medos, naquele momento ansiedade não era um deles.

Naquela noite, chegou um mensageiro e Galid mandou sair os guerreiros que o acompanharam durante a manhã. Deixou três homens de olho duro a guardá-la, e quando ela descobriu que não os conseguiria subornar de modo a fugir dali para fora, começou a limpar o salão. Habituar-se ao cheiro, mas o miasma espiritual de Galid só poderia ser suportado se reforçasse a sua protecção mental. Por conseguinte, ela não se atrevia a baixar a guarda. Este facto impedia que o seu espírito fosse ao encontro da mãe ou de Mikantor.

Quando os guardas teceram comentários elogiosos sobre a limpeza do salão, ela começou a atormentá-los para a ajudarem. Quando Galid regressou, tinham passado duas semanas. Nessa altura, eles já tinham decidido pedir-lhe para a libertar. Isso, ao que parece, já tinha sido sua intenção. Vários dos seus homens vinham feridos, portanto deviam ter lutado em algum lugar E se tivessem defrontado Mikantor? Ninguém se pronunciaria sobre esse assunto. Azan-Ylir deixara claramente de ser um local seguro. No segundo dia após o seu regresso, Galid arrastou Tirilan mais uma vez para o carro levou-a através da planície. Desta vez, ela conseguiu manter-se de pé, embora as pernas lhe tremessem devido à tensão quando chegou à cabana de um

pastor. Ele empurrou-a para o seu interior escuro. Um saco de pão e um odre de água foram-lhe atirados para cima em seguida.

- Compreendo que vocês, tolas sagradas, por vezes sintam necessidade de se afastar do mundo - disse Galid, batendo com a porta. - Aproveita a tua solidão! Ouviu o som de uma tranca a ser aferrolhada e depois ficou imersa na escuridão.

O ar cheirava a terra húmida e a palha com mofo, e um ruído oriundo de um canto indicou-lhe que não estava totalmente sozinha. Com as mãos e os joelhos, tateou os limites da sua prisão. A iluminação fraca provinha do telhado de colmo, mas as paredes de pedra eram demasiado altas para ela se tentar agarrar e fugir através das canas.

Invocou o poder da terra para ganhar força, mas a primeira noite parecia interminável. Tentou enviar o seu espírito em busca de Mikantor, mas estava demasiado habituada a erguer barreiras à sua alma. Acordava sobressaltada a cada grito e sussurro, e sentia-se tão cansada de madrugada que já não conseguia distinguir o pesadelo da realidade. O chão parecia rocha sob o seu corpo... o estômago revirado, mas não havia nada no seu ventre que ela pudesse expulsar... Tremia devido ao frio e à humidade, mas muito pior do que qualquer dor física era pensar que perdera Mikantor... não, era Micail.

O homem que ele fora outrora era mais alto e o seu cabelo parecia uma chama acesa. Mas encontrei-o de novo, pensou, lutando contra o caminho de regresso à consciência. Lembro-me do Naufrágio... Tremeu quando na sua mente lhe surgiu a imagem de uma grande montanha explodindo em chamas. Perdemos o nosso mundo,

então, também, e mesmo assim nós sobrevivemos! Teria sido por isso que Eilantha e Osinarmen nasceram juntos mais uma vez? Por fim, acabou por adormecer e quando acordou, a luz que passava através da palha tinha o brilho dourado da tarde. Obrigou-se a comer o pão que os ratos tinham deixado e bebeu a água do alforge, imaginando quanto tempo passaria até alguém lhe trazer comida novamente. Quando a luz esmoreceu, Tirilan começou a chorar, com medo de enfrentar outra noite como a anterior. Para sua surpresa, foi uma recordação de um dos sermões da mãe que lhe permitiu recuperar o controlo. Não havia experiência humana, dissera-lhe Anderle uma vez, quando ela tinha esfolado o joelho, que não servisse quer como lição, quer como oportunidade. Ela não tinha apreciado a ideia na altura, e tinha a certeza de que ao chamar retiro àquela prisão Galid tinha a intenção de a ridicularizar, mas talvez ela o pudesse tornar realidade. Então não teria vergonha de enfrentar a mãe e Mikantor quando os visse novamente. Depois de ter limpo uma área circundante para desencorajar qualquer verme que pudesse interpretar mal a sua imobilidade, Tirilan acomodou-se de pernas cruzadas no chão húmido e começou a respirar de modo a permitir-se entrar em transe. De algum lugar próximo vinha um ruído intermitente. Provavelmente um rato, pensou, e deixou a consciência esbater-se. O vento, que normalmente soprava com violência em toda a região, sussurrava e gemia no telhado de colmo. Constatou esse facto e, em seguida, deixou-se embrenhar naquela sensação. Címara prometera ensinar-lhe os segredos desta terra e, de uma forma ou de outra, estava determinada a aprendê-los. Quando a escuridão caiu lá fora, confinou a sua consciência ao lugar onde se encontrava, a fim de abrir e alargar a percepção da sua realidade interior. Sentiu a vida entre os sistemas radiculares das gramíneas densas que cobriam o solo, que estava bem

drenado e seco. Mais abaixo, a terra, constituída de uma camada porosa de calcário, permitia que a água escoasse através do barro. A água transportava energia, mas o poder na terra seguia outros caminhos, afluindo, assim, à superfície nos túmulos e nas pedras erguidas. Ela estendeu a mão para os espíritos dos antepassados, lembrando-se de que a mãe os tinha convocado para a ajudar quando ela e Ellet fugiram da destruição do Azan-Ylir. Quando as necessidades do seu corpo a trouxeram de volta à consciência, viu um pouco de luz coada através do colmo do telhado. Adormeceu em seguida e só acordou quando ouviu aproximar-se um carro ruidoso. Ela sentiu-se quase desapontada quando não foi Galid mas sim Keddum quem abriu a porta da sua prisão e lhe atirou outro saco de comida. Os dias que se seguiram foram passados da mesma maneira. Entre as visitas dos seus raptos, o espírito de Tirilan procurava refúgio no transe. Numa dessas viagens parecia que estava em Avalon, no jardim da sua mãe. Onde estás tu? Estás em perigo?, perguntou-lhe Anderle, mas Tirilan já não sabia onde estava, e não conseguia responder. Tentou tomar a forma de um cisne e voar para Mikantor, mas ele estava a lutar, e ela não ousou distraí-lo. Nas horas de vigília, apercebia-se que estava a enfraquecer, e tentou forçar o corpo a fazer exercício, mas cada vez tinha mais facilidade em andar apenas em sonhos. Toque, toque, toque... Velando trabalhava com o martelo em torno do bronze, tentando formar um semi-círculo achatado. Em seguida, colocá-lo-ia em cima da bancada para iniciar uma nova linha de chapas. Era um trabalho simples, mas agilizava-lhe a mente. Toque, toque, toque... e depois dava um toque na bigorna de bronze pequena, para manter o ritmo quando mudava a posição do bronze em que estava a trabalhar. Tinha completado um número já considerável. À luz da fogueira brilhavam como a luz do sol sobre o mar. As mulheres da raça antiga preparavam a túnica de

couro de javali onde as chapas seriam cravadas. Quando Mikantor a envergasse, pareceria que tinha vestido a pele de um dragão. E que arma iria aquele grande guerreiro empunhar? O pensamento intruso indesejável, uma vez mais, quebrava o ritmo. Velanto conteve o impulso de o atirar contra a parede. Perguntou-se se Anderle mandara arranjar a parede da oficina em Avalon. Os homens da raça antiga tinham trabalhado bem, e a forja, situada no cume, estava terminada. Esta tinha espaço para albergar todas as suas ferramentas e havia colchões de palha em cada extremidade da mesma, um para ele e outro para Aelfrix, que já ressonava. Para lá do bosque de faias surgira um acampamento do povo antigo. As mulheres levavam comida para a oficina todos os dias. O peso das expectativas deles juntara-se à visão de Anderle e à esperança de Mikantor. Velanto tinha tudo o que precisava, excepto, pensou sombriamente, a coragem de tentar forjar de novo a espada. O punho, pelo menos, poderia ser feito de bronze. Já o tinha feito, como uma afirmação de que um dia existiria uma lâmina que seria ali encaixada. Pegou na bolsa de pele de corça e ergueu-a, passando os dedos pelo punho entretecido a fio de ouro. Pondo o bronze de lado, abriu o couro onde tinha enrolado o ferro desfeito em pedaços e pegou num deles, esfregando o polegar no local onde o metal havia começado a coagular e a escorrer. É claro que podia ser suavizado e, nesse caso, seria possível trabalhá-lo. E se o martelo batesse noutra falha escondida? Pegou no alicate e aproximou a peça do fogo; em seguida, inclinou-se na direcção dos foles para bombear as chamas. Estas saltaram quando o laranja intenso do carvão começou a clarear, e então, um brilho prateado de alfazema começou a vir ao de cima. Cada vez mais brilhante, ele pegou no pedaço de ferro incandescente, colocou-o sobre a bigorna de pedra e bateu, praguejando quando as escamas de metal

começaram a cair. Embora o metal tivesse começado a moldar o ferro após alguns golpes, a este ritmo teria perdido uma parte daquele pedaço. Frustrado, abanou a cabeça e mergulhou, por fim, o pedaço brilhante na vasilha de temperar. A única maneira de aprender era tentar e falhar e tentar novamente, mas não se atrevia a arriscar estragar o ferro. - Senhora - virou-se para a imagem da deusa -, este trabalho não é para a minha glória, mas para a tua, e só tu me podes ensinar como deve ser feito! Cuidadosamente, depôs o pedaço de ferro aos pés da deusa. Era a única coisa que ele poderia pensar em fazer. Se os deuses queriam que ele fizesse a espada, então teriam de o ajudar a forjá-la. Esticou os ombros para trás e para frente, só então percebendo como estavam tensos, e, depois, enfiou um pedaço de carvalho no centro da fornalha, acomodando as brasas em seu redor, para arder durante a noite. - Dorme - sussurrou -, que eu também vou dormir. Dá-me bons conselhos...

Despiu a túnica e rastejou por entre os cobertores, e, para sua surpresa, caiu no sono quase imediatamente.

Velanto sonhava e sabia que estava a sonhar.

Caminhava num local parecido com as montanhas de fogo nas terras do Mar do Meio, e com outra parte da sua mente apreendia que aquilo era uma forja. Em torno dele brilhavam pedras de todas as formas e tamanhos, que se estendiam até à borda da cratera, ou talvez fosse a parede da lareira.

Na lógica do sonho não lhe parecia estranho andar por ali. Estava no seu elemento.

O caminho conduziu-o ao centro, onde o fogo estava mais quente. A cada rajada de vento, os vermelhos e

laranjas da paisagem pulsavam com um brilho branco quente. Mas cada vez era mais difícil dar um passo, devido às ondas de calor e à pressão palpável contra a qual tinha de forçar o seu caminho.

O que procurava? Um relâmpago repentino de poder perpassou-o, ao aperceber-se que enfrentava uma Presença, e no momento seguinte, a sua visão mudou, e viu a forma de uma mulher dentro de uma coluna de fogo.

Ao vê-La, reconheceu a Senhora que durante tanto tempo servira. A Sua carne fora moldada a partir de fogo branco, o cabelo era um fluído em chama suportado pela explosão. Ele não conseguia fitá-La nos olhos.

- Então, querido, vieste... Por que motivo Me procuras aqui? - A Sua voz aquecia e queimava ao mesmo tempo.

- Procuro a Tua ajuda para forjar uma espada - respondeu.

- Uma espada de ferro - repetiu ela -, tal como tu és de ferro. Estás pronto para te submeter ao meu fogo? - O que devo fazer? Em resposta, ela abriu os braços.

Aquela era a morte, pensava ele, mas para um ferreiro, que melhor morte poderia haver? Ele deu um passo na Sua direcção e abraçou o fogo.

A consciência dividiu-se. Estava em pé na forja, olhando para a forma brilhante pousada em cima da bigorna, e sabia que era a sua.

- Tu és o ferreiro e tu és de ferro... - disse a Voz do Fogo. - Tu deves forjar-te numa arma para a pessoa que amas! - Mas como me irei lembrar disto? - gritou.

- Olha para Mim... - sussurrou. - Olha para Mim...

A Senhora ainda se encontrava entre as chamas. A cor era mais profunda. O Seu corpo brilhava com o alaranjado do sol poente, mas os Seus cabelos e olhos assumiam agora a cor que o carvão tinha antes de se lhe atear fogo. Delgada e intensa, a figura ostentava a forma e o rosto de Anderle e fora a sua voz que havia proferido as últimas palavras.

Velanto acordou, ouvindo ainda as suas últimas palavras - Lembra-te... - e os seus lábios proferiam um nome, o de Anderle. Desembaraçou-se da roupa de cama e ajoelhou-se perto do fogo, com algum receio do que os seus olhos pudessem ver. Os carvões estavam cobertos por uma fina camada de cinzas, mas uma ondulação de calor no ar acima deles dizia-lhe que esperavam apenas um sopro para acordar para a vida, brilhando uma vez mais.

Doíam-lhe os músculos ao recordar-se do trabalho. O conhecimento que de ele necessitava encontrava-se no seio dos mesmos, aguardando apenas a palavra que os poria novamente a trabalhar. Mas quem proferiria essa palavra? Só se lembrava de que se deveria entregar ao Fogo.

Ou a Anderle, pensou sombriamente. Ele tinha visto a Deusa falar através dela nos rituais em Avalon. Se ela pudesse entregar a sua própria vontade à Senhora da Forja, ele enfrentaria o Seu fogo. Ouviu Aelfrix assobiar lá fora e levantou-se.

- Vai chamar Grebe - pediu, quando o rapaz entrou. - Tenho de enviar uma mensagem para Avalon.

Quando Galid regressou, Tirilan já não sabia durante quanto tempo estivera prisioneira. Tropeçou quando ele a levou, piscando os olhos, para a luz do sol, espantada com a nitidez sólida do mundo.

- Então, apreciaste o teu retiro? - Sim... - respondeu lentamente. - Agradeço-te. Tenho aprendido muitas coisas...

Pela expressão de Galid, não era aquilo que ele esperava ouvir. A pele sob os seus olhos estava escura e mole, como se ele não tivesse dormido bem. Ela respirou fundo e sentiu-se regressar à realidade.

- O que pretendes fazer comigo? Eu não te sirvo para nada aqui...

- É verdade que seria mais fácil cortar-te a garganta e acabar com tudo de uma vez. Mas isso é tão definitivo.

Havia uma bancada junto ao curral velho. Como ela tropeçasse novamente, Galid empurrou-a na direcção do banco e ela sentou-se.

- Por mais prazer que me desse ver a cara de Mikantor quando eu lhe comunicasse a tua morte, será muito mais divertido dizer-lhe como penso matar-te. Para te salvar, imagino que ele resolva desistir de tudo. Talvez te amarre para veres o que lhe farei a ele...

Tirilan baixou os olhos para esconder o terror que a ameaça lhe despertara. Dificilmente conseguiria manter a voz firme naquele momento.

- Que bem te trará isso? Tu controlas a planície, mas não és o rei.

Tu nada fazes crescer, nada fazes prosperar. Os poderes na terra não falam contigo. Que procuravas quando traíste Uldan todos aqueles anos? Galid franziu a testa ao perceber que ela queria realmente saber as suas razões. Ela percebeu que ele não tinha respostas.

- Eu acho que tu és um homem vazio - disse ela baixinho. - O vento sopra através de ti e em breve acabará contigo. Os antepassados não te receberão, será como se tu nunca tivesses vivido...

- E se o sou - disse rangendo os dentes -, quão diferente serei eu de vós, com esse apego à vida numa terra moribunda? Qual é a utilidade de um antepassado, se não se pode seguir nenhum? Depois de ter passado tantos dias em silêncio, cada som transportava consigo uma imensidão de significados. Ele mantinha na voz um tom de ameaça, mas o que ela ouvia era dor. Mordeu o lábio contendo um grito quando ele lhe agarrou no pulso.

- Só existe o agora, minha querida, e enquanto eu estiver vivo usurparei a vida a tudo o que puder. Se não consigo sentir prazer, então sentirei dor e se não puder dar prazer, então poderei certamente provocar-te agonia! De repente, agarrou no punhal.

- Devo começar por cortar um desses belos dedos e depois oferecê-lo como presente a Mikantor? Ele empurrou a mão dela com força contra a madeira do banco e encostou a lâmina do punhal à articulação situada entre o dedo e a palma.

- Apenas um pouco mais de pressão e arrancá-lo-ei - sussurrou'. Ele apertou-lhe o dedo e ela estremeceu ao ver o gume afiado cortar-lhe a pele.

- Mas vou esperar até encontrar o teu amado, o dedo deve estar suficientemente fresco para ele o reconhecer como sendo teu. - Rindo, ele ergueu a lâmina e largou-a. - Isso comove-te, não? - Ela respirou fundo, tremendo, e ele sorriu. - Isto pode abrir múltiplas possibilidades: o nariz bonito, por exemplo... e que tal deixar-te viva, mas arruinar a tua beleza.

O teu guerreiro ainda te quererá? - Tu serias capaz? - sussurrou Tirilan.

A visão dela já se ajustara, e então viu-o claramente: as rugas marcadas pela crueldade e pelo ódio, a carne que cedera a muita comida e bebida, e no fundo dos olhos claros, brilhando, a desolação. Ele sabe que o seu tempo está a acabar, pensou ela, e receia o quê... o quê? Mais afiada do que a faca era a necessidade dele, e o coração dela, aberto por aquelas noites sem fim, respondeu.

- O meu sangue aliviaria a tua sede? Então bebe-o - disse ela estendendo a mão, onde as gotas vermelhas de sangue se entrelaçavam ao longo da linha que a faca havia desenhado. Ele recuou e ela suspirou, e então abriu os braços. - Se eu te amar de livre vontade e sem violência, tu libertarás Azan? Por um momento, Galid olhou-a simplesmente atónito, em seguida, ergueu o punho e atirou-a ao chão.

- Putas - assobiou entre dentes. - Vocês são todas umas putas mentirosas! - Cambaleou em direcção ao carro. - Parte! - E ela? - perguntou o cocheiro.

- Mete-a novamente no seu buraco. Que apodreça lá...

VINTE E CINCO

O sol que banhava os montes com um brilho ardente enviou a sombra de Anderle até à forja que se erguia na sua frente. Ela parou junto à porta para focar a visão, esperando até conseguir vislumbrar o homem que estava perto da fornalha. Velanto tinha-se vestido com esmero para a receber. Envergava a túnica de lã de manga curta cor de açafreão, bordada no pescoço, nas mangas e na bainha, e parecia mais magro, como se tivesse jejuado. Lembrou-se de o ver vestido com aquela roupa no Festival de Inverno. Ele não se havia preparado para ela, percebeu então, mas para a deusa que servia. A oficina fora varrida, a lareira limpa e esvaziada de entulho, mas o nicho sobre o qual ele havia colocado a imagem de barro da deusa ostentava agora um ramo de flores do início do Verão.

- Vieste - murmurou.

- Tu chamaste-me - retorquiu Anderle.

Tendo em conta a maneira como se haviam separado, deveria haver uma razão muito forte para ele lhe enviar uma mensagem. Em Avalon, ela não fazia mais nada a não ser tentar deslindar os seus sonhos. Ali, pelo menos, ela sempre poderia fazer qualquer coisa.

- Senhora, bem-vinda sejas aqui... eu não estava enganado - acrescentou. - Quando estás ao sol, a tua pele é da cor do carvão, a cor da Sua pele, tal como quando eu sonhei. É por isso que te mandei vir. Pergunto-te agora, vais deixá-La falar através de ti para que me diga como se forja a espada? Confias em mim? Podes confiar nela? - E tu confias? - indagou ela.

- Devo confiar. Lamento o que aconteceu na oficina de Avalon. - Tossiu, e ela percebeu quanto lhe custava admitir aquilo. - Eu fugi de ti, mas não posso fugir de mim mesmo. Estava orgulhoso da minha habilidade.

Depois enchi-me de raiva por não saber nada. Mas no meu sonho, a Senhora da Forja falou comigo. Ela disse-me que me devo entregar ao Fogo... Se tu deres ao fogo uma voz, então saberei o que fazer.

Anderle acreditou nele. Já vira aquele olhar antes, quando um iniciado tomava as ervas para quebrar as barreiras entre os mundos. Às vezes, a morte vinha com a iluminação. Devemos estar dispostos a aceitar qualquer resultado. Pela primeira vez compreendeu que ser ferreiro era também um sacerdócio.

O coração batia-lhe pesado e lento.

- Sacerdotisa e sacerdote, eu trabalharei contigo, e se a tua Deusa assim o quer, como a deusa do ferreiro também.

- Porque está a fornalha vazia? - perguntou Anderle. A noite já caíra.

Uma dúzia de luzes bruxuleantes transformara o templo numa forja dos Mistérios.

- Essa é sempre a primeira tarefa a desempenhar quando se pretende atear o fogo... - A voz dele enrouquecera com a emoção reprimida. - O fogo é a deusa no nosso seio, o poder de transformação que endurece o que estava mole e que amolece o que estava duro. O fogo é a mudança...

Senhora, vais abençoar a fornalha? Ela assentiu com a cabeça e estendeu as mãos acima da rocha oval que estava no chão.

- Sê o útero, com o desejo de queimar, transmutar e transformar, Senhora do Fogo! Ele levantou a cesta e atirou os pedaços de carvão negro brilhante para o interior da fornalha, peças lançadas em cascata sobre a terra batida produzindo um som estranhamente musical. Cuidadosamente, ele espalhou os pedaços e depositou-os, com uma depressão no meio, defronte do ponto onde encaixava o tubo do fole, na parede da lareira.

- Senta-te enquanto acendo o lume - disse-lhe ele, espicaçando o lume e pegando num pedaço de madeira já incendiado. Ela percebeu que a energia que ele punha naquela operação também fazia parte do ritual. Quando ele prendeu a corda do arco em torno do eixo da broca e a ponta afiada desta perfurou a madeira, ela sentou-se no banco que estava em frente da lareira.

Para inflamar o fogo com um arco e uma broca, ele deve ter recorrido certamente a um qualquer tipo de magia, pensou ela, enquanto ele estabilizava a madeira entre os joelhos e começava a girar o eixo dando golpes regulares com o arco. Para manter a broca no ângulo correcto e conservar a rotação era necessária uma perícia considerável. Fascinada, ela via-o acompanhar o movimento.

- Gira a vara e canta a magia... - sussurrou ela. - Trabalha o arco e dá-lhe ar. Endurece e roda bem, o calor liberta as chamas...

Ele olhou para cima, com um brilho que despertou uma onda de calor entre as coxas de Anderle. Assustada,

ela ergueu as mãos na mesma pose em que a deusa de argila as tinha no nicho sobre a fornalha. Teria ele pretendido isso? O símbolo não é nada, a realidade é tudo... Esta era a palavra de ordem dos Mistérios. O corpo do homem, curvado, a penetração constante da broca, o atrito que agora começava a soltar um ténue fio de fumo a partir da madeira, eram símbolo e realidade.

Não tinham discutido como ele se lembrara de chamar a deusa dentro dela, mas Anderle percebeu que tinha pronunciado as palavras mágicas.

O seu corpo movia-se numa resposta instintiva aos movimentos do ferreiro, a sua respiração alterava-se para combinar com a dele. O fumo era um redemoinho azul e o cheiro a pinho envolveu a forja.

- Senhora do Fogo, ouve-me... - sussurrou Velanto. - Senhora da Forja, sê comigo! Ofereço-te a minha força e acendo a chama, preciso de me unir a ti! Senhora, vem até mim, agora! Anderle poderia ter invocado o fogo, mas ele acendeu uma fogueira nela.

Ansiava pela realização da carne, mas foi o espírito dela que se abriu para receber o Poder. O fogo brilhou repentinamente quando Velanto tamborilou na cana seca e, em seguida, acrescentou aparas finas, e o calor aumentou a partir do sexo de Anderle preenchendo todo o seu corpo. A sua consciência estava confinada a um canto, de onde poderia partilhar o êxtase. Num único movimento rápido, ele lançou gravetos para o ninho de carvão e o fogo explodiu.

- Faz-Me uma cama de brasas - pediu-lhe Ela, e a noção ténue que Anderle ainda tinha de si própria permitiu-lhe constatar que falava na língua do Mar do Meio. O

carvão incendiava-se rapidamente. Quando a temperatura na forja aumentou, Ela soltou os alfinetes que lhe prendiam as vestes e deixou-as cair. Perante a luxúria nua no olhar do ferreiro, o fogo dentro dela cresceu. Sorrindo, a Senhora apontou para a bancada onde colocara os pedaços de ferro.

- Vinde, meu amado, temos trabalho para fazer! Velanto inclinou-se para o fole, ventilando o ar em direcção ao carvão mediante pancadas fortes e firmes. A cada explosão, as chamas jorravam para cima e quando se extinguíam o carvão brilhava mais intensamente. Parecia-lhe o mesmo brilho pulsante do corpo da mulher que estava do outro lado da lareira. Os seus seios redondos e polidos, ainda firmes, brilhavam acima da curva da cintura e da doce curva das coxas. A carne do homem ardia de desejo, mas ele já o esperava. Agora, podia dar outro uso a essa energia.

Como o carvão ardia rapidamente! Suando, despiu a túnica e lançou-a para cima de um banco; em seguida, fez mais uma vez pressão no fole. O fogo incandesceu os pedaços de carvão com um brilho semelhante ao do nascer do Sol.

- Toma o primeiro dos pedaços de metal e coloca-o entre as brasas - disse a senhora. - Acciona o fole até o lume brilhar tão intensamente quanto o Sol.

Ele lançou-lhe um olhar duvidoso, pois o calor branco era demasiado forte para trabalhar o bronze, mas o rosto Dela permaneceu calmo. Contudo, já não havia tempo para refazer os cálculos. Tinha de avançar com o trabalho e confiar que a deusa que servia sabia trabalhar tão bem o ferro como o bronze. Os carvões pulsavam, num tom branco quente, e muito mais rapidamente do que ele alguma vez pensara o pedaço de

ferro começou a adquirir a mesma cor brilhante.

- Agora debes retirá-lo do fogo - disse a Senhora. - Coloca-o na tua bigorna e pega no teu martelo de tamanho médio. Martela de um extremo ao outro, para comprimir e achatares o ferro, delicadamente mas com firmeza, como se acariciasses uma amante.

Com a mão esquerda, Velanto pegou no alicate para retirar o ferro incandescente da forja e colocou-o sobre a bigorna, soltando faíscas, e tentou martelá-lo. Desprenderam-se mais faíscas, mas não se registou mais nenhuma explosão. Teria ele aquecido suficientemente o metal? O metal, dúctil, cedia ao martelo, esticando, alargando. Ao arrefecer, a cor escurecia. Sentiu quando este lhe começou a resistir, e, então, colocou-o novamente sobre o carvão e voltou a exercer pressão nos foles.

- Tu és o martelo - declarou ela docemente - e eu sou a forja. A Espada é a criança que estamos a conceber juntos, por tua vontade, no meu ventre.

Ele olhou para cima, e não estava certo se os Seus olhos brilhavam ou apenas reflectiam as chamas.

Mais uma vez, o metal ficara brilhante. Mais uma vez, ele voltou para a bigorna e começou a moldá-lo, martelando sempre em toda a extensão e na mesma direcção e eliminando as bolsas de ar e expulsando as impurezas.

Inúmeras vezes o ferro viajou do fogo para a bigorna, até se transformar numa única barra sólida.

E então ficou pronto. Velanto olhou para o metal frio, vendo o brilho desaparecer até se converter num tom

preto fosco. Já não era o informe meteoro que lhe fora entregue; adquirira por fim a forma que ele lhe tinha dado.

Ouviu o som de passos e olhou para cima. A Senhora estava em pé diante dele, com um copo de água limpa nas mãos.

- Bebe, sacia a tua sede, e, em seguida, pega na próxima peça e recomeça todo o ciclo.

Por mais três vezes, Velanto pegou com o alicate num fragmento de meteoro e colocou-o no ventre de fogo. Três vezes mais, ele acariciou e transmutou o metal brilhante numa barra de ferro. E quando terminou, a Senhora encaminhou-o para a primeira peça e começou tudo de novo. Três vezes mais, cada peça foi aquecida e martelada, aquecida e moldada, até obter quatro barras pretas ligeiramente mais pequenas em comprimento do que uma espada. Colocou-as na bancada e percorreu com os dedos as superfícies lisas de um preto acinzentado, olhando-as deslumbrado e entorpecido. As lâmpadas tinham-se apagado todas e só o brilho da forja os alumiaava. A avaliar pela quietude e pela humidade do ar, devia estar quase a amanhecer. Sentia o pescoço tenso, doíam-lhe os músculos das costas e dos ombros e o braço direito tremia-lhe devido à tensão. Ele sacudiu a mão direita para endireitar os dedos, enclavinados pela força que imprimira no martelo.

Ouviu um suspiro e virou-se. A Senhora estava recostada no banco, não era Anderle, pestanejando, confusa, e tapando-se com a roupa.

- Está feito? - perguntou ela.

- Pela graça da Senhora, deu-se início - respondeu-lhe. - Agora precisamos de descansar... e de comer.

Numa caixa junto à porta, viu um prato de madeira com carne e queijo, e perguntou-se quem o teria posto ali e quando.

Velanto ofereceu-o à sacerdotisa, mas ela não tinha comido mais do que dois ou três bocados quando fechou os olhos e caiu sobre o ombro dele. Ele ainda tinha força para a levantar, sentindo-se um pouco surpreendido ao descobrir que apenas experimentava ternura por aquele corpo ágil que tinha nos braços. Todo o seu desejo se esvaíra, como se tivesse feito amor com ela durante todo aquele tempo, e de certa forma ele supunha que era verdade. Deitou-a na cama e tapou-a com um cobertor e, depois, exausto, estendeu-se ao lado dela e perdeu a consciência de si próprio.

Velanto estava deitado, embalado no calor, como se tivesse sido colocado na forja. Então tentou mover-se. Todos os seus músculos das costas e dos ombros gritaram de dor. Pensava estar habituado ao trabalho da forja, mas forjar consistia numa pequena parte do trabalho do bronze, e na noite passada ele nem sequer terminara essa actividade.

Tenho de me levantar, disse a si mesmo. O ferro está à espera... e a deusa...

Abriu os olhos e ficou alarmado ao perceber que a cama ao seu lado estava vazia. Então, alguém lhe tocou no ombro e ele virou-se. Viu Anderle ajoelhada ao lado dele, segurando uma tigela de barro com sopa fumegante na outra mão. Mas em seguida percebeu que era a deusa, pois Ela estava novamente nua e a carne que o tocou queimava por dentro. Obediente, ele bebeu, sentindo o

calor invadi-lo. Quando pousou a tigela, Ela começou a massajar-lhe os ombros e o mesmo calor aliviou-lhe os músculos, expulsando a dor. Fechou os olhos. É assim que o ferro se sente, quando eu o martelo, quente da forja.

Ela tomou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-o, e dos lábios às virilhas sentiu-se arder com o fogo que provinha Dela. Quando ele conseguiu pensar de novo, Ela estava junto à forja. Havia dormido durante o dia. Uma lâmpada na bancada cintilava alegremente. Mais carvão vegetal fora adicionado à fornalha e os novos carvões já começavam a brilhar, incandescentes.

- Levanta-te, ó Meu martelo, e atira o ferro ao fogo! Quando trabalhava com Katuerix, aqueciam pedaços de ferro dos pântanos e depois martelavam-nos juntos. Poderia ele soldar as tiras de ferro que forjara no dia anterior? Devia ser possível, pois a deusa tinha-os empilhado juntos e apertava-os contra o peito. Quando Ela lhes entregou, já estavam quentes, como se tivessem saído do fogo.

Reverente, como se estivesse a tocar o corpo de uma mulher, Velanto pegou na pá das brasas para abrir um espaço entre o carvão. Agarrou na pilha de ferro com o alicate e colocou-o suavemente sobre o lume incandescente, depois dirigiu-se ao fole e começou a soprar.

Uma e outra vez, o fogo deflagrou e diminuiu. O ferro começava a brilhar. Velanto olhou para a Senhora e viu-a sorrir, enquanto contemplava o fogo. Só quando o metal ficou incandescente como o sol brilhante, Ela fez um gesto indicando-lhe que pegasse na tenaz. Ele agarrou firmemente numa ponta da pilha de ferro e virou-a sobre a grande bigorna de pedra, depois pegou

no martelo e bateu. As faíscas voaram, mas sentia que o ferro se lhe rendia.

- Bate com força e solda-o bem, o martelo pesa e bate a palavra mágica. Funde bem, bate martelo até o trabalho estar concluído! Não sabia se o canto provinha dos seus lábios ou dos dela. Agora, tinha de investir toda a sua força, aquecer e bater, soltar o metal e bater novamente.

As tiras de ferro cediam sob os seus golpes, amolecendo e alongando-se, fluindo, ligando-se, fundindo até se converterem numa única forma brilhante sobre o fogo. Seguindo obedientemente as sugestões suaves da Senhora.

Velanto submeteu mais uma vez o metal ao calor branco, bateu e alisou, aplainou, torceu e dobrou e voltou a torcer e a bater.

Enquanto as estrelas giravam no céu noturno, as faíscas voavam sobre a forja, a Senhora mantinha-se a seu lado, murmurando feitiços, e ele batia a sua magia no ferro. Naquele cântico havia coragem e comando, resistência e honra, segurança e habilidade. Ele martelava e alisava, tentando encontrar o alvo certo a cada golpe que desferia com o martelo.

Quando amanheceu, o ferreiro retirou do fogo uma barra de ferro limpa e brilhante. Os padrões impressos por todos aqueles golpes e torções encontravam-se no interior daquela barra, sendo mais sentidos do que visíveis e o ferreiro sentiu a sua força interior. Colocou o ferro em cima da sua bancada de trabalho e constatou que mais alimento e bebida lhe haviam sido fornecidos, e a sacerdotisa voltara a ser ela própria uma vez mais. Comeram e beberam e deitaram-se juntos,

partilhando o seu calor, esvaziados de qualquer desejo.

Anderle acordou quando os últimos raios do pôr do Sol entravam através da porta, envolvendo tudo num calor brilhante, como se a oficina se tivesse convertido numa parte da fornalha. Velanto ainda dormia ao seu lado enroscado e com um braço protector pousado na sua coxa. Durante o sono o seu rosto assumia uma inocência estranha, as linhas esculpidas pela vontade e pela paixão, que por vezes lhe conferiam um aspecto tão feroz, apareciam suavizadas. Ela entendia agora que ele era um homem que sacrificaria tudo, até a si mesmo, por um objectivo digno. Não admirava que tivessem feito faísca - eram muito parecidos, pensou ela, sorrindo no seu íntimo.

Ele emagrecera desde que ela chegara. E a ela também lhe deveria ter acontecido o mesmo, supunha. Incorporar um deus exigia esforço e energia, mas ela só tivera de deixar o poder da Senhora fluir através dela. Ele ardia por dentro, consumido pelo poder que imprimia ao trabalho, qual fogo a consumir o carvão.

Contemplando aquelas feições rudes, sentiu o coração arrebatado por um impulso inesperado de ternura. Levantou a mão para lhe tocar e depois parou, tremendo. Um dia, prometeu a si mesma, farei amor com ele, mas se lhe tocar agora, desperdiçaremos no leito o poder que deve ser gasto na forja... Pensar em abraçá-lo foi suficiente para enviar um impulso de sensações através da sua carne. Delicadamente, ela moveu a mão, afastou as cobertas, envolveu-se num manto e saiu.

Quando voltou, descobriu que alguém colocara uma tigela de madeira cheia de guisado fumegante junto da

porta da forja. Embora ela não tivesse visto ninguém, era claro que o povo antigo estava vigilante e antecipava as suas necessidades, pois haviam levado Aelfrix quando ela chegara. Anderle pegou na tigela e posou-a sobre a bancada. Um aroma agradável despertou-lhe fome e, então, comeu avidamente.

A barra de ferro continuava no mesmo sítio onde Velanto a havia deixado. O metal estava frio, mas para quem tinha os olhos treinados para ver o espírito era óbvio que emanava um brilho subtil. A energia em bruto que ela percepcionara nos pedaços de ferro alterara-se, transformando-se em energia poderosa. Porém, ainda não estava completamente concentrada.

Isso, pensou ela, aconteceria quando ele lhe desse a forma de uma espada.

Estava escuro agora. Acendeu as lanternas e apressou-se a fixá-las nos seus suportes de pedra e depois lançou mais carvão para a fornalha. Na cama, Velanto suspirou e mexeu-se. Era altura de voltar novamente ao trabalho.

Anderle pendurou a capa no gancho e penteou o cabelo. Sentia a presença da deusa como uma pressão por trás dela, paciente e um pouco divertida.

- Senhora do Fogo - sussurrou -, estou nua diante de ti. Afasta de mim a preocupação e a paixão. Em prol da vida e do bem desta terra, ofereço-me como um navio à tua vontade... - E soltou um suspiro profundo.

Por instantes, pairou sobre o limite da consciência e, em seguida, suavemente, como o metal absorve o calor das brasas, a deusa desceu até ela.

- Agora! Retira o ferro do fogo! Velanto olhou para a Senhora, surpreendido, pois o carvão e o ferro brilhavam ambos com o tom alaranjado do Sol num dia nublado.

- Está suficientemente quente. A soldadura está feita... agora tem a forma de uma lâmina.

Ele abanou a cabeça e, com eficiência, retirou rapidamente a barra de ferro da forja, mantendo na mente a imagem da arma acabada. Naquele momento, precisaria não só da sua força, mas de toda a sua habilidade e de tudo o que aprendera quando produzia espadas de bronze. Entretanto, o molde tinha feito metade do trabalho. Agora ele teria de forjar o metal segundo a forma que desejava. O trabalho seria complexo e árduo, mas passara tanto tempo a martelar, a fortalecer e a endurecer as lâminas de bronze que já imprimira essa forma nos seus músculos e nos seus ossos.

Pousou a barra brilhante sobre a bigorna e começou a aplainar e a formar a base na qual inseriria o punho. Era uma forma simples e permitir-lhe-ia pegar no ferro enquanto trabalhava no resto da lâmina. O metal esfriara e voltou a introduzi-lo na forja, accionando o fole enquanto constatava que este começava novamente a brilhar. Voltou a colocar o ferro em cima da bigorna. O martelo oscilou para baixo. Toque, toque, toque, encontrou o ritmo e esticou o metal amolecido, trabalhando do centro para os bordos da lâmina. Músculos soltos, flexionava e distendia. Para soldar a barra de ferro, convocara um foco singular de vontade interior. Esta parte do trabalho era diferente e exigia uma coordenação flexível da mão e dos olhos, do coração e da vontade. Virando e batendo, ele convencia cada secção brilhante de metal a assumir a sua nova

forma. A cada golpe do martelo, sentia a substância primordial do metal modificar-se, como a carne de uma mulher muda sob os dedos do seu amante, despertando. E como fazer amor também muda o amante, a sua alma fluía para o ferro quente. Agora, enquanto transportava a lâmina da forja para a bigorna e da bigorna para a forja, percebia que o som da pancada do martelo de bronze no ferro se convertia na base de uma canção. Dos lábios da Senhora brotava uma doce melodia, ao ritmo do martelo, em resposta ao chiado do fole e ao assobiar das chamas nas brasas.

Por vezes era pura música, outras, as palavras emergiam da canção. Ela cantava os espaços escuros dos céus em que o ferro tinha flutuado, frio e sozinho, e o voo que desenhara no espaço, o qual acabara por o enterrar no solo. O povo antigo contara-lhe que os seus pais tinham escavado a terra para o retirar lá de dentro, ainda emanando fumo, e que lhe haviam tentado dar uma forma útil, martelando-o, e isso também estava presente na música. Esta cantava as árvores que haviam capturado a luz do Sol na floresta e a sua combustão lenta num útero de ervas que as transformara em carvão assim como a alegria que sentiram quando finalmente foram autorizadas a florir em chamas. Esta cantava uma canção da forja, uma canção de fogo e ferro, a canção da espada, contorcendo-se sob o martelo enquanto o seu destino tomava forma.

Quando olhou para cima, viu a Senhora brilhar e cantar à luz do fogo e tentou incorporar a longa curva elegante da cintura e da coxa da mulher na forma da espada. Estreitou o centro de um lado e depois do outro, esticando o ferro na direcção da área mais larga da lâmina e, em seguida, novamente para dentro, obrigando o metal a assumir a forma que ele imaginava tão vividamente. Acreditara que, quando trabalhava o

bronze, derramava parte do seu espírito no interior do molde, mas o que forjava agora era algo mais intenso, uma criação totalmente nova, mais activa e íntima, como as carícias de amor, quando um homem se esforça para dar a sua semente.

O que ele forjava naquela espada era a sua alma.

Ao longo da noite, a forja ecoava música. No acampamento do povo antigo, ouviram a música da forja, os tambores rufaram e os homens rezaram. E quando o amanhecer espalhou pelo céu estandartes brilhantes, Velanto empunhou a espada negra que forjara e levou-a para o exterior para saudar o novo dia.

Velanto voltou para a oficina, piscando os olhos quando a luz do dia deu lugar às sombras da forja. Agora que o trabalho da noite terminara, sentia dores em todo o corpo. A espada não ficara concluída - sob a carícia dos seus dedos, o metal revelava-se macio, mas as marcas do martelo teriam de ser limadas e as bordas afiadas. Ao transpor o limiar da porta, a perna que havia sido ferida em Tirinto traiu-o e ele tropeçou, apoiando-se instintivamente na lâmina de ferro, para amparar a queda.

Sentiu que esta cedia. Quando se endireitou e a conseguiu ver bem, notou que a lâmina se tinha dobrado, como um arco. Ele virou-se para enfrentar a Senhora.

- O que é isto? - gritou ele, a fúria afastando a fadiga que sentia. - Dobra-se como um pénis de um homem velho! Melhor seria uma espada de bronze, que se parte. Pelo menos, podes apunhalar o inimigo com a parte queNada. Que fiz eu de errado? O ferro passara a pouca distância do rosto da Senhora, quando ele revi-

ou a espada, mas ela não se moveu.

- Tu não fizeste nada de errado, mas ainda não a acabaste... - Ela parecia divertida. - Coloca-a sobre a bigorna e com o martelo aplaina-a novamente. Não tenhas medo de a martelar. O metal é muito resistente e não será prejudicado.

Velanto constatou que tremia. Não tinha rancor ao trabalho, mas depois de tanto esforço e esperança, não queria agora destruí-lo, e muito menos a espada. Depositou-a sobre a bigorna e pegou no martelo de pedra mais pequeno. Alguns golpes bem dirigidos endireitaram a lâmina. Ele voltou-se para a Senhora.

- Muito bem, parece quase a mesma coisa. Mas eu não vou conseguir dormir descansado, pois tenho de pensar numa maneira de ultrapassar esta fraqueza.

- Hoje não dormiremos - informou a Senhora -, embora possamos descansar. A espada já tem forma, mas ainda não está terminada. Para que tal aconteça, deverá ser embalada no calor do Meu ventre.

Perante o olhar confuso do ferreiro, Ela sorriu mais uma vez.

- Põe mais carvão na lareira e empilha-o bem alto. Acciona o fole até o fogo brilhar como o sol nascente. Vamos colocar a espada no meio com as brasas em seu redor. Lá crescerá uma espécie de couraça, como o esconderijo de um dragão. Mas devemos estar atentos, para manter o carvão sempre à mesma temperatura, até que o sol volte a ficar vermelho. Durante três noites tu emprestaste a esta obra todo o teu poder. O que é necessário agora é paciência.

- A paciência nunca foi uma das minhas virtudes, Senhora - resmungou, e ela riu.

E tu achas que eu não tinha conhecimento disso? Quando Velanto trouxe mais carvão do barracão onde este estava armazenado, as batidas do seu coração começaram a diminuir. Ele nunca tinha ouvido falar da técnica que a Senhora estava a descrever e não poderia imaginar para que serviria. Mas até agora as suas instruções tinham sido boas e úteis. Confiava na sabedoria dela para concluir a tarefa e a isso resumia-se toda a sua esperança.

Quando o Sol subiu no céu, estava tudo pronto. Uma vez mais, Velanto usou a pá das brasas para abrir caminho. Lenta e reverentemente, introduziu a lâmina preta no fundo quente da forja e em seguida ajustou o carvão empilhado em redor de modo a não ficar nada exposto ao ar.

- Devo accionar o fole agora? - perguntou ele.

- Ainda não. Vamos ver como se comporta este carvão. De tempos a tempos, terás de verificar a cor e dar mais ar ao fogo, mas o ferro derreterá se este ficar muito quente, assim como enfraquecerá, se este ficar muito fraco.

Ele concordou. Durante três dias, o desejo de concluir o trabalho motivara-o. Agora não sabia o que fazer. Olhou para as suas mãos fortes, piscando os olhos. Estavam enegrecidas pelo trabalho e tinham alguns arranhões, mas não se apercebera de quando os fizera.

- Primeiro temos de comer qualquer coisa...

Velanto olhou para cima, ao ouvir a voz alterada. A

deusa partira e ela era novamente Anderle, tremendo na brisa da manhã que entrava pela porta aberta. Ele obrigou os seus membros a movimentar-se, despiu o manto e envolveu-a nele. Em seguida, encaminhou-a para um banco e fê-la sentar-se.

Agora ele também sentia frio, e vestiu a túnica que despira havia três dias.

- Desta vez, trouxeram-nos sopa - disse ele, pegando nas vasilhas depositadas junto à porta. - Com medula - acrescentou, inspirando o aroma suculento -, raízes e cevada. - Entregou uma das taças a Anderle, pegou na sua e afundou-se ao lado dela. Ela segurou a tigela com as duas mãos, grata.

- Comíamos um prato parecido com este quando eu era criança - disse ele quando a sopa começou a restaurá-lo -, embora fosse cozinhado com mais ervas.

- Em Avalon, isto seria um repasto de festival - afirmou Anderle. - A nossa comida é saudável e abundante, excepto quando estamos em jejum, mas é raro comermos carne, porque os sabores fortes fazem-nos pensar muito no corpo quando estamos a tentar concentrar-nos em coisas espirituais.

Isso explica muita coisa, pensou Velanto.

- Mas agora o nosso corpo necessita de alimentos - concluiu ele.

Ela assentiu com a cabeça e ele ouviu a sua colher raspar o fundo da tigela.

- Como foi crescer nas terras do Mar do Meio? - perguntou ela.

Ele soltou uma gargalhada.

O que mais vezes recordo agora - respondeu ele - é que no Verão fazia calor. - Levantou-se e atçou o fogo, vendo que as brasas ainda ardiam, alaranjadas, e sentou-se novamente. - Será que a deusa te vai comunicar quando devemos retirar a espada do fogo? - perguntou.

- Eu acredito que sim - respondeu a sacerdotisa. - Eu apercebo-me da Sua presença quando sinto uma pressão dentro da cabeça, talvez no mesmo lugar onde eu estava escondida quando ela se encontrava aqui dentro. Acho que, quando precisares de mais orientação, ela aparecerá.

- Então, lembras-te do que fizemos? - Retenho algumas imagens, embora nem sempre as compreenda.

Ela suspirou e acomodou-se no banco. Um silêncio de companheirismo apoderou-se deles. Ele ouvia a doce canção de um rouxinol que cantava nas árvores lá fora. Era um pássaro de Inverno, oriundo das mesmas terras que ele.

Era a primeira vez, pensou ele, que se sentia à vontade na presença de Anderle. Mas, na verdade, estava demasiado cansado para sentir qualquer desejo ou irritação e, supôs, ela deveria sentir o mesmo. Pela primeira vez, eles podiam ver-se um ao outro como realmente eram. Sem pensar, abraçou-a e ela encostou-se a ele, grata.

Continuaram assim, partilhando histórias ou permanecendo sentados em silêncio, quando o Sol abandonou o seu zénite e viajou para oriente, ou

levantando-se tantas vezes quanto as necessárias para alimentar o fogo com mais ar ou combustível. Numa dada altura do dia, Velanto deslizou do banco e sentou-se no chão com as pernas estendidas e as costas encostadas ao mesmo.

Só percebeu que adormecera quando ouviu o chiado do fole e viu Anderle, agachada, a accionar os foles do outro lado da fornalha.

- Desculpa - disse ele, mas ela abanou a cabeça.

- Tu fizeste o teu trabalho. Faz parte das funções do homem plantar a semente no ventre, mas depois disso, resta-lhe apenas cuidar da mãe e esperar que a semente cresça dentro dela.

- Queres com isso dizer que esta espada é o nosso filho? - perguntou, sorrindo, subitamente divertido.

- Depois de termos passado três noites a forjá-la, ainda perguntas isso? Descansa. Quando a lâmina for retirada da forja, terás de a polir e de lhe dar um punho, tal como um pai cuida do seu filho. Mas acho que zelar por ela é minha tarefa agora.

Quando Velanto abriu os olhos, viu-se cercado por uma luz de fogo.

Por um momento, isso pareceu-lhe natural, como se fosse ele, e não a espada, que estava na fornalha. Então conseguiu ver mais claramente, e percebeu que a luz vinha da porta. Através das árvores, viu uma centelha de luz alaranjada que devia provir do pôr do Sol.

Em pânico, afastou o cobertor que o cobria. Depois viu

Anderle... Não, era a Senhora da Forja, de pé, ao lado da fornalha.

- Minha Senhora, já está na hora? - O seu coração começou a bater mais rapidamente.

- Este é o momento em que a Espada das Estrelas deve emergir do ventre de fogo - proferiu, comedida e lentamente. - Pega na tenaz e retira-a do lume. Coloca-a sobre a bigorna, mas por um breve momento. Antes que esta arrefeça, debes introduzi-la na banheira de água salgada.

- Mas isso amolecê-la-á de novo! - exclamou o ferreiro.

- Tolo! Isto não é bronze! A têmpera rápida amolecerá o cobre e, como uma palmada desperta a criança para a vida, o choque da água endurece o ferro. Mexe-te, homem! É tempo de agir! Ela estendeu a mão e o fogo queimou-lhe as veias. Com um único movimento rápido, Velanto pegou com uma mão na tenaz e com a outra numa pá, com a qual afastou o carvão. Enquanto forjava a espada, ele vira algumas das partes que a compunham brilhar, mas o que observava agora no fundo da forja era uma espada de fogo. Rapidamente, pegou nela e levou-a num redemoinho de fumo para a bigorna. Com um olhar experimentado verificou que estava direita, perfeita. Levantou-a novamente, dirigiu-se à banheira e, olhando de relance a deusa, frenético, mergulhou a lâmina perfeitamente direita na água.

A espada sibilou como uma serpente e ele acreditou que poderia esconder um dragão na sua armadura. A água borbulhou em torno da arma e expeliu uma nuvem de vapor nauseabundo. Velanto segurou firmemente na lâmina até a água se aquietar e, depois, mal ousando

respirar, retirou-a do banho frio.

- Do fogo e da água, ei-la que nasce... - disse a Senhora. - Depois da paixão, a paz.

A lâmina já estava suficientemente fria para a poder segurar nas mãos.

A superfície escura parecia opaca, mas ao longo das extremidades finas corria um friso ondulado cinzento pálido.

- Dobra-a - disse então a Senhora. Ele olhou para ela, alarmado. - Dobra-a, pois se tu não a testares agora, terás sempre medo.

Ela tinha razão, pensou sombriamente. E se esta se partisse, ele poderia mergulhar o que restava dela no seu próprio coração. Virou a lâmina para baixo, definindo um ponto na terra, e inclinou-se. Sentiu o coração parar quando sentiu que esta cedia. Empurrou a espada para trás, soltando um grito de angústia ao vê-la tremer no punho. Assemelhava-se a uma coisa viva e flexível, voltando sempre à sua forma original.

Velanto caiu de joelhos, segurando a espada com as duas mãos, examinando-a tão de perto quanto um pai observa o seu filho recém-nascido.

Mas não havia pequenas rachaduras nas bordas, nem distorção na lâmina.

A espada fora forjada sem uma única falha.

Chorando, embalou a lâmina contra o peito. Quando voltou a ver, encontrou Anderle a seu lado. Os olhos dela brilhavam com a luz exultante que ele sabia ser

dela própria. Algures, lá fora, ouviam-se aplausos.

- Nós acabámos o trabalho - disse ela baixinho. - Bebe o teu triunfo, meu querido. - Ela ofereceu-lhe uma tigela de barro. - O povo antigo enviou-nos hidromel.

Ele teve de se apoiar no braço dela para se levantar. Pegou na taça, virou-se e verteu o líquido no carvão, que assobiou.

- Para ti, minha Senhora, com todo o meu amor - sussurrou. - Este é o Teu milagre... e teu - acrescentou ele, voltando-se para Anderle. Ela deitou mais hidromel na taça e ele bebeu-a até ao fim.

Então, com muito cuidado, Velanto pousou a espada na bancada e a taça ao lado dele, tomou Anderle pela mão e puxou-a contra ele. Ela contraiu-se, surpreendida, mas não o rejeitou. Ao beijá-la, ele sentiu o calor crescer entre eles. Ele acariciou-lhe as costas, esperando que ela se rendesse, tal como no momento em que o metal deixa de resistir ao martelo. Esse momento veio rapidamente. Afinal, tinham tido três noites de preparação. A cama estava ali ao pé. Todos os pensamentos cessaram quando ele a ergueu nos seus braços poderosos.

VINTE E SEIS

- Senhora minha...

Anderle agitou-se involuntariamente ao ouvir a voz suave que irrompeu pelo seu sonho. E era um sonho tão lindo, muito...

- Senhora, tens de acordar! Chegou um mensageiro! Ela virou-se e viu que o braço de Velanto repousava sobre o seu peito, e sorriu, percebendo que, afinal, não tinha sido um sonho. Com cuidado, afastou a mão dele, sentou-se e esfregou os olhos, piscando-os à luz pálida do amanhecer. Pareceu-lhe estranho ter dormido a noite toda, mas viu a espada pousada sobre a bancada. Todos os seus sonhos, pensou, sentindo uma onda de alegria invadi-la, se tinham tornado realidade.

Velanto murmurou o nome dela e estendeu a mão na sua direcção quando ela se preparava para se levantar. Mesmo no sono, ele parecia feliz. Pensou que o sorriso que o seu próprio rosto exibia se devia ao mesmo. Deu-lhe um beijo na palma da mão e enfiou-a debaixo do cobertor; depois levantou-se, procurou a capa, vestiu-a e dirigiu-se para a porta.

- O que é que se passa que não possa esperar até estarmos devidamente acordados? - perguntou à mulher que a aguardava lá fora.

- Chegou um homem de Avalon. Ele diz que precisa de te ver agora! Anderle olhou para além da mulher. O mensageiro poderia ter vindo do Tor, mas não era um homem de Avalon.

Sentiu um nó na garganta ao reconhecer o manto cinzento, com uma pena de cisne escondida no alfinete, que o identificava como um dos homens de Mikantor. Afastou a mulher e foi ter com o mensageiro, que a esperava junto das árvores.

- És Ulansi, não és? O que aconteceu? - Lamento, minha senhora - balbuciou ele. - Eu pensei que te iria encontrar em Avalon, mas disseram-me que estavas aqui. Eu vim o mais depressa que pude, mas demorei quase uma meia-lua a percorrer este caminho.

- Esquece isso! - exclamou ela. - Aconteceu alguma coisa a Mikantor?

- O meu senhor está bem fisicamente, tanto quanto eu sei. - Ele engoliu em seco. - É a tua filha. Galid fê-la prisioneira...

Anderle cambaleou e ele estendeu um braço para a apoiar. Anderle sentiu o seu músculo duro como o carvalho. Todo o corpo de Velanto era assim quando o, sentira contra si.

Galid! O seu coração disparou quando se lembrou das suas ameaças.

O que faria à sua filha? Se ela se oferecesse para substituir Tirilan, libertaria ele a rapariga? Ela poderia fazer tal sacrifício sem abandonar os seus próprios deveres?

- O meu senhor partiu com a maioria dos Companheiros para prestar ajuda ao rei Ai-Akhsi, cujas terras foram invadidas por bandidos. A senhora Tirilan partiu com a rainha Cimara para aprender os costumes da sua terra.

Eu ainda estava em Cam Ava, um dos meus primos estava lá, e eu não sabia, que ele ainda estava vivo, e Mikantor deixou-me ficar. Portanto, eu estava lá quando Soumer, que agora é o braço direito de Galid, apareceu num carro e pediu para ver a Senhora Nuya. Quando a sacerdotisa saiu para o exterior, ele atirou o xaile de Tirilan para a lama, diante dos seus pés, e comunicou-lhe que ela era sua prisioneira agora, e que se Mikantor queria a sua puta de volta, deveria ir ao Azan-Ylir. Mas nós temos espiões em sua casa, e ela não está lá, e ninguém sabe onde ele a escondeu. Enviámos o nosso melhor' mensageiro para norte, em busca de Mikantor, e eles mandaram-me vir ter contigo, porque eu conhecia o caminho para Avalon. A Irmã Sagrada pediu que todas as tribos se reunissem na planície de Azan.

Pelo menos, pensou a sacerdotisa com amargura, aquela notícia não tinha chegado enquanto ainda estavam a forjar a espada. Agora, o conflito não é entre o dever e o direito, mas apenas entre o dever e o desejo. De acordo com o que Velanto lhe dissera, as etapas que faltava percorrer para terminar a espada eram tudo coisas que ele podia fazer sozinho.

Já não precisava da deusa para lhe guiar a mão. Doía-lhe o coração ao pensar na dor que ele sentiria quando se apercebesse que ela partira, porque a dor era igual à que ela própria experimentava. Mas era melhor ele pensar que ela o havia abandonado, porque, se a seguisse, não conseguiria acabar a espada. Ela estava grata à deusa pelo milagre operado na forja, mas não tinha o direito de esperar a felicidade também.

Anderle disse à mulher: - Tenho de acompanhar este mensageiro. Quando o ferreiro despertar, dá-lhe comida e diz-lhe que quando terminar a espada deve levá-la a

Mikantor, à planície de Azan.

Porque, pelo tempo que a arma deveria levar a ser concluída, seria lá certamente que ele estaria.

- Tenho de voltar para junto do meu exército - declarou Ulansi, quando a mulher se afastou - o mais depressa possível.

Anderle riu repentinamente.

- Vai em frente, se achas que andas mais depressa, e não receeis por mim. Eu sei passar despercebida e conheço Azan. Vou procurar a minha filha. Pede a Mikantor que reúna um exército, o qual irá destruir Galid de uma vez por todas.

Velanto sentou-se à porta da forja, afiando a espada a todo o comprimento da lâmina. Ao lado dele estava uma tigela de cereais meia comida.

O povo antigo ainda o alimentava, mas se antes tinha medo de o distrair, agora temia a sua ira. O ferreiro ainda mal se tinha apercebido de que não falava com outro ser humano havia três dias. Primeiro de um lado, depois do outro, mas sempre na mesma direcção, ele empurrava a pedra, alisando a superfície desde o centro até à borda, que ficava mais afiada. Já brilhava como a asa cinzenta do ganso ao sol.

O trabalho que necessitava de desenvolver agora era de coordenação e de discernimento, para limar e afiar a lâmina, mas quando comparado com o fabrico, resumia-se a uma simples tarefa repetitiva. Antigamente apreciava esta fase do trabalho, porque podia sentar-se, pensar e trabalhar a lâmina com a sua magia. Agora, pensava que lhe fazia mal. Por que razão o abandonara

Anderle?

Tinham combinado que levariam a espada a Mikantor juntos. Ele tinha a certeza de que ela lhe havia dito que tinha na sua posse o material necessário para fazer a bainha da espada quando esta estivesse pronta. Mesmo assim, partira a correr, sem lhe dizer uma única palavra, para resolver um problema qualquer em Avalon. Ela comandava aquela gente há demasiado tempo, pensou com raiva. Deixara uma dúzia de sacerdotes e sacerdotisas na Ilha Sagrada. Por que motivo julgaria ela que era a única pessoa que poderia consertar o mundo? Carrancudo, descarregava a sua raiva e frustração na espada.

A luz do Sol queimava quando a empunhou. A forma que ele havia forjado tornara-se real, a ideia velada era revelada agora, como se se afastasse o tecido que cobre uma criança recém-nascida. Pelo menos, pensou sombriamente, ainda podia confiar na sua arte como ferreiro.

Ele largou a pedra de lixar de arenito e pegou noutra mais fina, friccionando cuidadosamente a lâmina lisa, inclusive as linhas ténues, que se assemelhavam aos veios da asa de um pássaro. O bronze mais polido brilhava tão intensamente quanto o reflexo do sol num lago. Mas a espada de meteoro já começava a brilhar como o sol do meio-dia.

- Brilha como o carvão em brasa do qual tu nasceste!
Que a tua luz cegue os ímpios e que o fogo queime todo o mal que existe!

Aquele brilho iluminava-lhe o espírito, mas o coração ainda lhe doía devido à incompreensão e angústia provocadas pela perda do que ele havia conhecido por

tão breve tempo.

As narinas de Anderle contraíram-se quando entrou no salão principal de Azan-Ylir levando um jarro de cerveja. O couro que cobria a cabeça do touro esculpido na parede estava comido pelas traças e nenhuma das ricas tapeçarias e dos ornamentos dourados com os quais Galid tentava disfarçar a pobreza do seu espírito poderia desmentir o pungente fedor a urina e cerveja derramada. Tinha sido pior, disseram-lhe as outras mulheres, antes da metade de uma lua que Tirilan vivera ali como prisioneira.

Pelo menos, Galid manteve os outros prisioneiros no exterior. Entre o portão e a casa circular havia uma fileira de barracas. Quando Anderle chegou, tivera medo de encontrar Tirilan numa delas, mas os reféns eram todos homens, criaturas esfomeadas confinadas àquele espaço, e só os deuses saberiam por que delitos, libertados ocasionalmente para correrem um pouco enquanto os guerreiros lhes atiravam lanças.

Andava com a cabeça curvada. Trapos velhos cobriam-lhe o corpo e um pano sujo ocultava-lhe os cabelos. Isso, e a aura que a envolvia, mantiveram-na afastada dos olhares indesejados.

Ela sempre soubera encontrar o encanto que a fazia parecer mais bonita. Esta era uma simples inversão do feitiço.

Isso fora algo que Tirilan não precisara de aprender, e pelo que as mulheres lhe disseram, os homens tinham-na respeitado ali. Anderle estava simultaneamente divertida e espantada pelo facto de a filha ter preenchido o seu tempo livre naquele local com tarefas domésticas. Em Avalon, os alunos foram todos treinados

para ajudar, é claro, mas aquele não era o tipo de trabalho que se esperasse de uma sacerdotisa. Mas se a sua filha era capaz de o fazer, também Anderle o seria, e, assim, nos últimos quatro dias, ela tinha sido serva de Galid. Não tinha tido qualquer dificuldade em fazer-se aceitar.

O usurpador convocara todos os seus homens e precisava de toda a ajuda possível para os manter alojados e alimentados. O único problema era que Tirilan já não estava ali, e nenhum dos criados parecia saber o que lhe tinha acontecido, desde que Galid a levara dali para fora.

Anderle abordava-os com cuidado, pois Galid estava sentado ali perto, à cabeceira, num banco coberto por uma pele de urso. Dois homens do seu exército ladeavam-no, um renegado de Belerion e um homem mais jovem, oriundo do seu próprio clã, chamado Keddum, que ainda não vira ali antes.

Os homens detinham-se apenas o tempo necessário para ela lhes encher os copos, mas mal a olhavam, não lhe prestando mais atenção do que a um dos cães.

- A cadela ainda está viva, então? - indagou Galid com uma voz arrastada, e Anderle perguntou-se quanto ele já teria bebido antes de ela trazer o cântaro para o salão. - E louca, ela ainda não está louca? - Ela fez uma pausa, percebendo que ele não se referia a um cão, e deslizou para trás de uma das grandes colunas que sustentavam o telhado do salão. A vasta casa circular tinha sido parcialmente queimada quando Galid traíra Uldan e as marcas de uma reconstrução mal feita ainda estavam à vista.

- Ela come a comida que lhe levo... - declarou Keddum, com um encolher de ombros. - Quando chego, por vezes ouço-a cantar. Ela canta muito bem e agradece-me a

comida.

- Não, o seu amante é que deve estar louco - respondeu o homem de Belerion com uma risada maligna. - Será que ele te vai tentar matar com uma faca de pedra, como dizem que fez com o veado? Suponho que não, porque quando cá chegar já estará demasiado cansado.

Anderle sentiu o coração contorcer-se com piedade, quando pensou no que Mikantor deveria sentir naquele momento. Mesmo que Nuya não tivesse conseguido enviar a mensagem para Leka através do vento, o mensageiro já lá deveria ter chegado.

E estará Velanto preocupado comigo?, perguntou-se ela então. Esperava que ele pensasse que ela estava em Avalon, porque ele nunca teria acreditado que ela se pudesse sentir mais segura em Azan do que ele. Tentou não pensar nele. Tais memórias constituíam agora uma distração para ela.

- Lembra-te que deves manter a rapariga viva se queres defrontar o filho de Uldan em breve - observou Keddiam.
- Se ela morrer, ele terá tempo para reunir todas as tribos.

Eles têm ignorado o que tu tens feito a esta gente aqui, mas não me parece que fiquem contentes por deixares morrer à fome uma sacerdotisa.
Anderle agarrou com tanta força no jarro que ficou sem saber como não o tinha partido. Eles vão rasgar-te membro por membro, gritou o seu coração, e se não o fizerem, fá-lo-ei eu! E obrigou-se a manter-se calma enquanto Keddiam prosseguia.

- Porque não me deixas trazer a senhora para aqui? - Nunca... - murmurou Galid. - Ela é uma bruxa e uma

prostituta. Não a ouças cantar, pois ela oferecer-te-á o seu amor e roubar-te-á a alma. O amor é a última das armadilhas... e a pior - disse, tomando outro gole de cerveja. - Isto - e subitamente apareceu na sua mão uma faca com o punho dourado - é a única coisa que é real! - Ambos os guerreiros se encolheram quando Galid lançou a lâmina na direcção do banco e esta se cravou lá, oscilando.

O que teria a sua doce Tirilan feito a este homem, perguntou-se Anderle? Ele estava velho e parecia doente e ainda mais louco. Fosse como fosse, ele já estava a pagar o mal que fizera. Nos últimos anos, o seu exemplo fora seguido por chefes de bandidos em toda aquela zona.

Os cachorros começaram a latir quando entraram mais guerreiros no salão. Ela deslizou por trás da coluna e correu para a cozinha, convicta de que não ouviria mais nenhuma conversa útil naquele dia. Mas Keddum era o homem certo para a ajudar. Pelo menos, ele parecia querer manter Tirilan viva, onde quer que ela estivesse.

Velanto colocou o último rebite na base do punho e bateu com o martelo. O bronze dourado brilhava à luz da lâmpada, mas era um brilho suave e suportável quando comparado como esplendor da Espada. No punho, ele incrustara um pedaço de cristal arredondado do tamanho de um ovo de pombo. que captava a luz, como se o fogo da Lua o queimasse por dentro.

Apertou o punho e ergueu a espada, saboreando a forma como a lâmina e o punho oscilavam de acordo com a sua própria vontade. O punho tinha o fulgor da luz do Sol e da Lua, mas a lâmina brilhava como uma estrela.

Quando ele a revirou, contemplou as matizes da chama. As bordas brilhavam, afiadas até ao ponto de cortarem um cabelo ao vento. Quando ele limpou a lâmina com um pouco de vinagre para remover quaisquer manchas oleosas deixadas pelas suas mãos, um padrão de luz e sombra brilhava no seu interior, subtil e encantador, como a memória das várias tentativas que fizera para forjar a lâmina. Ele pousou a espada de repente, quando a imagem se transformou na memória do seu corpo e do de Anderle unidos no amor. Ela abandonara-o.

Velanto disse a si mesmo que deveria submeter o seu coração ao fogo até este ficar crestado e com uma pele tão dura como a espada. O trabalho estava feito, e visto que Anderle não estava ali para partilhar o seu triunfo, então ele só poderia saudar a Senhora da Forja. E talvez fosse melhor assim. Ela, pelo menos, nunca o traía.

Naquela noite, o seu sono foi agitado, pois acordou e fez menção de abraçar Anderle, mas voltou a afundar-se na cama quando percebeu que ela não estava ao pé dele. Pouco antes de amanhecer, sonhou o que tinha sonhado quando a deusa tinha o rosto de Anderle, o tipo de sonho que ficava marcado na memória. Caminhava num campo de terra vermelha e carregava a Espada. A cada passo que dava, a lâmina zumbia nas suas mãos.

- Estou sozinha - cantava ela. - Eu sou mortal e bonita, mas estou sozinha.

- Eu também - respondeu Velanto. - E não me consigo ajudar a mim próprio. Como queres que te ajude a ti?

- Lança-me à terra e eu gerarei descendentes - cantou a espada. Embora uma parte de Velanto soubesse que

estava a sonhar, estremeceu perante a ideia de riscar a lâmina brilhante, mas o sonhador achou natural mergulhá-la no solo avermelhado.

Velanto sentiu o tremor da terra e olhou horrorizado para o sangue que começava a irromper no local onde espetara a espada. Ele afastou-se daquela maré vermelha, as narinas a arder devido ao cheiro semelhante ao do ferro, e depois o cheiro tornou-se mais nítido, e ele percebeu que era mesmo do ferro, fluindo brilhante como o sol, como o metal que ele aquecera na forja.

A coisa vermelha que via no chão devia ser minério de ferro, pensava o observador distanciado na mente de Velanto, tal como o minério de cobre era verde. Se fosse suficientemente aquecido, talvez pudesse ser fundido, ou moldado como o bronze. Ele tinha visto aquela terra vermelha em muitos lugares... Cobre e estanho eram raros, mas aqueles que conheciam o segredo de os extrair do minério poderiam trabalhar o ferro em quase todos os lugares.

O rio de ferro afundou no solo, mas a visão não terminou. Mais uma vez, a terra tremeu. Pontos brilhantes agitaram-se na sua superfície, dando origem a um exército de espadas.

A lâmina zumbiu uma saudação enquanto estes cresciam em altura, tomando formas humanas cuja armadura possuía o mesmo brilho resplandecente. Velanto apontou a espada e o exército começou a marchar. Por onde passavam deixavam um rasto de destruição, mas as estruturas de maiores dimensões e os dispositivos mais complexos surgiram na sua pegada, todos eles feitos de ferro. As serras e os machados de ferro abateram as florestas e os vagões de ferro rasgaram os campos.

Criaturas de ferro vaguearam pela terra, pelos oceanos e pelos céus, e o fumo das suas fornalhas manchou o firmamento.

- Este é o resultado das tuas acções - gritou Velanto, abanando a Espada.

- Tu obrigaste-me a matar - replicou, gritando também.
- Eu sou uma espada. Eu corto o que tu colocas diante de mim. Se sangrares, culpa a mente que criou a lâmina.

Estou a imiscuir-me em assuntos que ultrapassam a minha compreensão. pensou o ferreiro, lutando para despertar. O conhecimento não pode ser evitado para sempre. O que um homem havia descoberto, outros aprenderiam. Mas pelo menos ele poderia atrasar esse dia. Deixaria que os homens acreditassem que aquela espada era um milagre dos deuses. De uma certa maneira era verdade. Se os deuses desejavam que os homens usassem o ferro. eles poderiam ensinar o segredo a outros, porque ele, prometeu, não o divulgaria a ninguém!

Então, abriu os olhos.

Movendo-se como um homem velho, o ferreiro conseguiu sair da cama e coxear até à bancada. Cuidadosamente, desembulhou a Espada. Esta brilhava à luz da manhã. Não é nem bom nem mau, pensou então. Ou pelo menos não havia qualquer maldade no trabalho que ele e Anderle tinham realizado ao forjarem a espada, mas o que criara ele depois de ela ter partido? Então lembrou-se do que ela havia dito sobre a influência que o pai exercia sobre a criança. E se ele tivesse gravado a sua própria angústia naquela lâmina? Ergueu a espada e virou-se para a imagem da Senhora da Forja-

- Astra Chalybe, Estrela de Ferro - sussurrou. - Com o sangue do meu coração, eu condeno-te a este destino: trarás a morte a quem te tentar usar com fins malignos, e quererás afundar-te no Lago de Avalon, em vez de permaneceres em mãos indignas.

A luz da manhã revelou claramente as marcas do carro na erva molhada pelo orvalho. Anderle caminhava rapidamente, apesar do pesado saco de material roubado da cozinha que carregava. Durante três dias, ela observara Keddam, temendo que Galid considerasse que ele era muito simpático para a prisioneira e atribuísse o dever de a alimentar a outro homem. Ele tinha vários carros, preparados para partir em qualquer direcção e a qualquer momento. Mas Keddam também saíra de carro naquela manhã carregado com um saco, e os deuses tinham-lhe oferecido um trilho fácil. Na verdade, parecia seguir na direcção do grande círculo de pedra, não muito longe do caminho que ela tinha tomado quando fugira com Mikantor, muitos anos atrás.

Anderle tentava não pensar no que poderia encontrar no final daquela estrada. O medo minava a força, e ela iria precisar de toda a energia que possuísse. Pelo menos, desta vez não estava grávida, e ninguém a perseguia nesta viagem através da planície. Por outro lado, já não tinha dezoito anos de idade. E agora a criança que ela tentava salvar era a sua própria filha. Por que razão aquilo lhe parecia tão estranho? Teria o seu trabalho em prol de Mikantor e Avalon privado a filha do amor que ela merecia? Se Anderle fora uma boa mãe, por que motivo correria a sua filha perigo de vida naquele momento?

Embrenhada nos seus pensamentos, não ouviu o carro que

regressava. Por um instante, sentiu-se gelar, mas tirou rapidamente o turbante e sacudiu os cabelos escuros, endireitando-se, e afastou-se do caminho principal. Não poderia uma viajante inocente parar para ver quem lá vinha? Ela achava que sim e virou-se, mas sentiu medo quando o condutor puxou as rédeas e o carro abrandou.

- E onde vai uma mulher tão elegante numa manhã tão bonita? - gritou Keddham, esboçando um sorriso que ele considerou convidativo.

Os lábios de Anderle tremeram. Aparentemente, a sua transformação de mulher velha em rapariga jovem tinha sido eficaz.

- Eu visitar... avó Achimaiek, senhor - respondeu no sotaque mais cerrado que conseguiu fazer. - Ela muito doente. Eu ajudá-la muito tempo agora...

- Oh - retorquiu num tom que revelava desinteresse. - Bem, vai lá então. E não tragas doenças para o Azan-Ylir. - Sacudiu as rédeas e os cavalos prosseguiram viagem.

Azan-Ylir já está doente, pensou Anderle, tu.é que não reconheces os sintomas. Quando o som do carro deixou de se ouvir, ela virou para oeste mais uma vez. O orvalho tinha secado, mas Keddham já tinha percorrido vezes suficientes aquele caminho para deixar sulcos na erva. Subiu e desceu novamente ao longo do caminho e viu à sua direita o grande círculo de pedra.

Mas foi o monte de pedras empilhadas para além do mesmo que atraiu a atenção de Anderle. Quando se aproximou, viu que era uma cabana de pastor, com um telhado de colmo coberto de mofo. O trilho do carro conduzia directamente lá. Estugou o passo, apesar do

peso do saco.

A cabana estava em silêncio. Anderle lutou para controlar os batimentos do seu coração. Keddam parecia bastante alegre. Se Tirilan estivesse morta, pelo menos o receio da raiva do seu chefe ter-lhe ia causado alguma preocupação. Ela pousou o saco no chão e aproximou-se da porta.

- Tirilan - chamou suavemente. - Tirilan, estás aí? Acalmou-se ao ouvir um soluço, rapidamente sufocado, vindo do interior. - Tirilan - chamou novamente, mas não houve resposta.

Anderle era uma mulher pequena, mas o desespero concedeu-lhe uma tal força que ela conseguiu levantar a pesada tranca de madeira. A porta abriu-se e ela ficou envolta numa onda de ar viciado que lhe lembrou o salão de Galid. Ela recuou, respirou fundo e depois entrou. Perto da porta aberta, viu um saco de pão e dois alforjes com água pousados sobre um monte de terra cercado de moscas, que zumbiam num canto distante, e, entre elas, Tirilan, escondendo os olhos da luz. Estava magra e suja, mas viva.

- Doce Deusa, ajuda-nos - murmurou Anderle, dobrando-se para agarrar os ombros magros.

- Tu consegues andar, minha querida? Sim, sou eu, não estás a sonhar, estou tão triste, minha querida, demorei tanto tempo a chegar cá.

- Não me parecia que estivesse a sonhar - disse Tirilan, quando a mãe a ajudou a levantar-se e a aproximar-se da luz. - Eu pensava que ia enlouquecer... Eu ouvi a tua voz dentro da minha cabeça tantas vezes. Pensei que já não sabia

reconhecer a realidade.

- Bem, a isso chama-se certamente um pesadelo - afirmou Anderle. Viu Tirilan recuar quando ela a encaminhou para o banco, e então deitou-a na erva limpa.

- Tu precisas de comer, estás fraca - disse ela bruscamente, mas chorava por dentro. - Passa-se mais alguma coisa?

- Estou suja - sussurrou Tirilan. - A fome não foi assim tão difícil de suportar. Avalon ensinou-me a jejuar. Não poder lavar-me foi o pior de tudo. Tu és real, não és? -

Ela agarrou o braço de Anderle. - Se não fores, eu gosto deste sonho. - E deitou-se novamente.

- Nós podemos tratar disso imediatamente - afirmou Anderle. Ela voltou para a cabana e trouxe o alforge com água e os alimentos. - Eu vou limpar-te com a esponja. Depois poderás lavar-te, eu vi uma lagoa aqui perto.

Ela estremeceu novamente, quando começou a despir Tirilan e viu como ela estava magra, os ossos furando-lhe a pele. Galid tinha-a mantido viva. mas ela estava por um fio.

Aquela roupa já não servia para nada, mas Anderle havia trazido roupa limpa para ela vestir. Depois de pensar um pouco, levou-a de novo para a cabana e esvaziou o alforge com a água, assim como o saco de comida. Então substituiu cuidadosamente a tranca de madeira. Que Keddam tentasse perceber o que tinha diante dos olhos quando lá voltasse!

Velanto dissera-lhe que na sua terra contavam histórias às crianças sobre uma feiticeira que convocava dragões para a transportar quando se via em apuros. Anderle também desejava tê-los ali agora, ou até mesmo um dos carros de Galid, embora fosse difícil explicar a Keddam a sua presença naquele local quando se cruzasse com ele na estrada. Se o esquema de visitas se mantivesse o mesmo, este só deveria estar de volta daí a dois ou três dias, mas as coisas poderiam sempre mudar, e elas não deveriam permanecer ali por muito mais tempo. Tirilan já estava um pouco melhor, mas era óbvio que não podia andar muito. Elas teriam de caminhar lentamente, cumprindo etapas curtas, pensou Anderle, voltando a ajoelhar-se junto da sua filha.

- Minha querida, tenho a certeza de que desejas sair daqui tão rapidamente quanto eu, não é verdade?

- Sim, mãe. - Tirilan fazia um esforço, mas tremia toda quando Anderle a pôs de pé. - Onde vamos? - perguntou ao iniciarem a lenta caminhada pela erva. Anderle colocou o seu ombro mais firmemente sob o braço de Tirilan e mudou a posição da alça do seu saco. Na subida seguinte, já se viam nitidamente as grandes pedras cinzentas.

- Até restaurares as tuas forças... vamos procurar refúgio no círculo de pedra. Se alguém nos for lá procurar, poderei tirar partido dos meus poderes.

- Galid vai arrepender-se de se ter metido com a Senhora de Avalon - disse Tirilan esboçando um sorriso.

- Filha, sossega e poupa as tuas forças para caminhar - aconselhou Anderle, mas ela tinha a certeza de que

quando Mikantor, Velanto e o povo das tribos tivessem conhecimento do que Galid fizera a Tirilan, ela não seria a única a cumprir aquele voto. E Tirilan não seria a única a demonstrar sede de vingança, pensou com uma pontada de culpa, pois fora a única que ela conseguira salvar. Estava na altura de pôr um ponto final naquele assunto.

Velanto olhou para as cabanas que o povo antigo do Vale do Cavalo Branco tinham construído para viver enquanto o serviam e sentiu-se envergonhado por nunca lhe ter ocorrido visitá-los antes. Eram habitações grosseiras, mal acabadas, nada que se comparasse com a oficina que haviam construído para ele. Ele pigarreou, olhando para os rostos apreensivos que o rodeavam, homens e mulheres idosos, na sua maioria, alguns jovens e uma ou duas crianças agarradas aos mais velhos.

Supunha que Grebe e os outros jovens já se teriam juntado ao grupo de Mikantor. Ter-se-ia ele comportado de uma forma tão assustadora assim? Talvez sim. Servi-lo na semana passada dever-se-ia ter assemelhado a tentar cuidar de um urso ferido.

- Venho agradecer-vos - disse lentamente. - Já terminei a Espada. E quero que a vejam. Ela também vos pertence. Sem a vossa ajuda, não a teria feito. - Desembrulhou a Espada e desfez o nó que a amarrava, depois pousou-a no chão e afastou o tecido que a cobria. Um murmúrio de admiração percorreu os presentes quando viram a Espada brilhar ao sol.

- Não lhe toquem - advertiu-os uma voz, quando se curvaram para a ver mais de perto. - Serve para exercer o poder.

Velanto olhou a velha que, por vezes, lhe trouxera comida. Pelos ornamentos que usava à volta do pescoço e pela tatuagem que exibia na testa, ele percebeu que ela deveria ser uma das mulheres sábias do clã. Sentia-se envergonhado, mais uma vez, por não ter constatado isso antes. Mas o seu sonho da Idade do Ferro erradicara algo que estava a apodrecer na sua alma. ou talvez o tivesse simplesmente obrigado a enfrentar os seus problemas. Em qualquer caso, conseguia discernir novamente com toda a clareza.

- Sim - respondeu ele. - O metal era poderoso quando vocês mo entregaram e a deusa conferiu-lhe ainda mais poder.

- Que destino vais dar agora à espada? - perguntaram.
- Vou entregá-la a Mikantor, ao rei. Peço-vos que informem a Senhora de Avalon.

- Oh, ela não está lá - respondeu a velha. - Ela e o guerreiro seguiram para Azan. Ele veio cá informá-la que Galid tinha a sua filha prisioneira. Mikantor vem a caminho com um exército, mas a Senhora disse que tinha de salvar a sua menina.

Velanto pestanejou, perguntando-se por que razão a sua visão se turvara tão repentinamente. Como conseguira Galid raptar Tirilan? Não fazia sentido, mas agora também já não interessava. Apesar dos seus diferendos, ou talvez por causa deles, Anderle faria qualquer coisa para salvar a sua filha. Inclusive, pensou com angústia, sacrificar-se a si mesma. Ela agia como uma rainha, e ele não queria assistir à morte de uma terceira.

Porque não me contou ela?, lamentou-se o seu coração, mas a sua cabeça deu-lhe a resposta. Porque ela não

queria que eu a seguisse... Mas a Espada já estava pronta. Inclinou-se rapidamente para a voltar a embrulhar.

- Só vos peço mais uma coisa - disse com um ar grave.
- Um guia que me mostre o caminho mais rápido para Azan!

VINTE E SETE

Uma chuva miudinha caía desde o início daquela manhã, mas não fora suficiente para retardar a marcha, embora a tornasse extremamente desconfortável.

Mikantor teria avançado mesmo sob uma tempestade de neve e os seus homens estavam tão ansiosos quanto ele. Desde que tivera conhecimento do rapto de Tirilan, eles percorriam uma média de sete léguas por dia. Mas um exército, por mais motivado que estivesse, não se podia mover tão rapidamente quanto um único homem. A viagem parecia interminável e a cada passo que dava o seu coração chorava, Tirilan!

Durante dois dias seguiram pela estrada ao longo do cume, acima do Vale do Cavalo Branco. Quando a névoa deixou entrever a terra lá em baixo, ele só dificilmente acreditaria que era o mesmo rapaz que havia percorrido aquela mesma região dois anos antes, altura em que ainda temia o seu destino. Mas os dragões tatuados nos seus braços pareciam contorcer-se, quando ele ergueu a lança. As condições meteorológicas melhoraram por fim. Ele mataria Galid e reporia a ordem naquelas terras.

Conhecia o seu povo agora. Ele não tinha poder para impedir a chuva de inundar as culturas, mas se as tribos tencionavam segui-lo, poderia redistribuir os recursos que possuíam.

Os dragões eram um símbolo, mas mesmo que não tivesse motivos pessoais para se opor a Galid, destruí-lo significaria demonstrar o seu poder.

- Não se assemelha muito ao da última vez. - Ganath parecia ler-lhe os pensamentos, quando surgiu ao seu

lado. Mikantor olhou para trás e contemplou a fila de homens que marchava.

Viu a cabeça loira de Pelicar e a cabeça escura de Beniharen, que se destacavam dos outros. Ulansi, que se reunira a eles na estrada, seguia logo atrás dele. Mais lá de trás, chegava-lhe a voz de Romen, que cantarolava. Só lamentava que Velanto não estivesse a seu lado. Afeiçoara-se aos seus Companheiros, mas o elo que o unia ao Ferreiro era mais profundo. Velanto formara-o, assim como certamente forjara a Espada. Em breve, estava certo, veria ambos. Adjonar, Grebe, Lisandm e Ulansi seguiam com os rapazes novos que se haviam juntado aos Companheiros, incluindo o príncipe Tanecar do Ai-Ushen, que liderava os homens da sua mãe. Atrás deles, caminhavam os homens que tinha recrutado no norte.

Combater ao lado deles tinha proporcionado aos seus recrutas a experiência de que necessitavam e curara a vergonha da derrota no Vale, três luas atrás. Os homens estavam agora mais aptos, constituindo uma força de combate mais completa e equilibrada, e aqueles que tinham passado com ele o Inverno anterior demonstravam preocupação pela sorte de Tirilan e a sua motivação para o combate quase igualava a do próprio Mikantor. Ele desconfiava que os seus aliados apenas ansiavam por uma luta bem disputada na terra de outro povo.

- Pergunto-me o que estará Velanto a fazer agora.

- Em breve saberemos - redarguiu Mikantor. - Acho que o túmulo antigo fica além daquelas árvores. - E apontou para um amontoado de faias.

- Deve ser a nova oficina que Grebe mencionou - disse Ganath, quando um telhado de colmo surgiu por entre as árvores. - O povo antigo construiu-a para Velanto, quando ele deixou Avalon. A discussão que ele teve com a Senhora Anderle deve ter-se assemelhado a uma batalha dos deuses. Quem me dera ser mosca naquele momento!

- Não vejo fumo - declarou Mikantor. O seu estômago contraiu-se num misto de apreensão e excitação. Teria Velanto conseguido terminar a espada? Aelfrix, corre a avisar o ferreiro que estamos a chegar!

O que esperava ele? Quem tivera a visão da Espada das Estrelas fora Anderle e Velanto, e não ele. Quando a sua lâmina de bronze se partiu, ele lamentou a dor que o Ferreiro sentira, e não a perda de uma arma. Uma espada era apenas uma espada e seria tão boa quanto a mão que a empunhava.

A não ser que esta agora pudesse ser algo mais, fazendo boa-fé nas crenças dos homens idosos, que haviam dado o pedaço de metal a Velanto para este o forjar. Mikantor valorizaria esse feito, até porque significava muito para aqueles que amava. Apesar de ter tentado manter um certo desprendimento, o homem que ele havia sido quando se chamava Micaíl começava a despertar dentro dele, um homem que soubera exercer o tipo de poder que uma espada com aquelas características conferia.

Quando iniciaram a subida para o túmulo antigo, Aelfrix regressava a correr na sua direcção.

- Ele foi-se embora! - exclamou o rapaz. - A maioria das pessoas do povo antigo também partiu, mas a velha Squirrel disse que a Senhora de Avalon esteve aqui.

Foi quando Ulansi lhe comunicou que a Senhora Tirilan tinha sido presa, há sete dias. Passaram três dias desde que Velanto partiu. depois de ter terminado a espada!

- Ele sempre conseguiu? - admirou-se Mikantor mal conseguindo respirar.

- Squirrel diz que ela é linda e que brilha como uma estrela - respondeu o rapaz.

- Mas para onde terá ido ele? - perguntou Ganath. - Ele foi à procura da Senhora - disse o rapaz. - Foram ambos para Azan.

Mikantor trocou um olhar preocupado com o seu amigo. Ainda se recordava dos conselhos sábios que o haviam impedido de seguir para sul sozinho. quando ouviu a notícia. Que problema poderiam a sacerdotisa e o ferreiro resolver, vagueando sozinhos em território inimigo?

Velanto deixou-se afundar numa depressão junto ao túmulo, retirou a espada de dentro da bolsa e afastou o pano que a envolvia, cobrindo em seguida a cabeça com o manto, para se proteger do vento. No ano passado, reflectiu, ficara muito familiarizado com os túmulos. Os montes tumulares da Ilha dos Poderosos não eram tão elaborados quanto os grandes túmulos da sua terra, mas eram, de longe, mais numerosos e mais antigos. No local onde a terra desaparecera, revelando uma entrada obscura, as pedras que emolduravam a porta daquele túmulo eram tão grandes quanto qualquer uma das que fora utilizada para construir as muralhas ciclópicas de Micenas. Questionou-se se os Ciclopes seriam oriundos de tais ilhas.

A planície de Azan desvanecia-se gradualmente na distância quando o Sol se pôs. Era o início da época das colheitas, e aqui e ali via-se um campo amadurecido ou um prado cortado rente, onde já haviam ceifado o ferro. O túmulo junto do qual se sentara a descansar fazia parte de uma fileira de sepulturas que se estendia para norte, não muito longe do círculo de pedra.

Quando o céu escureceu, vislumbrou uma centelha de fogo quando uma porta se abriu numa das quintas dispersas na planície. O fumo subia pelas chaminés e dissipava-se no ar.

Mas não se atreveu a ir pedir abrigo, não tão perto do Azan-Ylir. Na quinta onde havia dormido na noite anterior, disseram-lhe que as casas mais próximas de Azan-Ylir eram ocupadas por homens de Galid. A chuva parecia ter parado e não sentia frio. Ter-se-ia por fim habituado ao clima daquela terra? Era um pensamento inquietante. Como se isso significasse que estava a perder uma parte da sua identidade.

Um estranho sozinho numa única quinta levantaria imediatamente suspeitas, mas um frenesim de pessoas entrava e saía constantemente de Azan-Ylir, umas vinham alistar-se no exército de Galid, outras buscavam simplesmente os restos de comida que caíam da sua mesa, como corvos em torno de uma carcaça derrubada por lobos. Como se o seu pensamento se tivesse convertido numa premonição, um corvo grande apareceu a pairar sobre o monte.

- Não, eu não me estava a referir a ti - proferiu afavelmente Velanto, lembrando-se de Péon, que encarnara num pássaro igual àquele. - E agora que penso nisso, estava provavelmente a ser injusto para

com os lobos, pelo menos aqueles que se converteram em aliados de Mikantor. Dever-lhes-ia ter chamado antes larvas seguidoras de Galid, que se alimentam do corpo desta terra.

Velanto abriu o saco e atirou um pedaço de queijo ao pássaro. - Toma isto em homenagem ao teu senhor. Ele disse-me que às vezes anda por estas terras. Pede-lhe para zelar por mim - acrescentou, embora fizesse melhor em chamar Ereias, o deus dos viajantes e dos ladrões... e dos mendigos. Odikeos tinha passado despercebido quando entrara no seu próprio salão disfarçado de mendigo. Quando Galid viu Velanto em Avalon, não reconheceu o comerciante de bronze com o qual se cruzara na estrada havia dois anos. Após dormir vários dias em círculos de pedra, pareceria certamente um vagabundo. Não havia nenhuma razão para que o inimigo o reconhecesse agora.

Quanto à sua localização actual, Velanto não tinha medo dos mortos. Eram vidas que tinham sucumbido à maldade de Galid. Em tempos, aquela terra havia sido densamente povoada e muito fértil, mas o caminho que percorrera naquele dia tinha revelado a Velanto algumas fazendas abandonadas. Noutros lugares, os homens ainda lutavam para tirar o sustento da terra. Aqui, muitos haviam desistido da luta e dedicavam-se a saquear os outros, sem pensar nas gerações vindouras. Era este mal que Mikantor nascera para combater. E fora por essa razão que Velanto forjara a Espada.

O ferreiro comeu o resto do queijo e bebeu água do seu alforge. A abertura do túmulo era demasiado estreita, o que o impedia de rastejar lá para dentro, mas pelo menos mantinha-o abrigado do vento. Envolveu-se no seu manto e, apesar do desconforto, caiu num sono agitado.

Surpreendentemente, os sonhos eram belos. Ele viu-se a caminhar numa planície semelhante à de Azan, onde todos os campos se encontravam bem lavrados, a cevada crescia e o gado gordo e arruivado pastava numa erva tão alta que lhes tapava as patas. Ele nunca tinha visto aquela terra tão fértil e generosa e então começou a perceber por que motivo Mikantor a adorava.

- É bonito, não é? - Alguém falou atrás dele. Velanto virou-se e viu um corvo de penas brancas a brilhar à luz do Sol, empoleirado na mão estendida de um jovem vestido com uma túnica branca e um manto vermelho ornamentado ao estilo daquela terra. Mas os caracóis escuros e o olhar suave pertenciam ao deus que ele conhecera nos seus sonhos em Corinto, no santuário de Péon.

- Eu disse-te que tinha uma outra casa aqui nas terras da Hiperbórea - disse o deus - e que nos encontraríamos aqui.

- E já nos encontrámos aqui uma vez - respondeu Velanto -, quando Galid veio a Avalon. Tu ajudaste-me então. Podes esconder-me dele agora?

- Estás a dirigir-te para a cova do urso e pedes-me que te proteja do urso? - Apolo riu. - Se te queres sentir seguro, viajas na direcção errada.

Toma a direcção oposta e então encontrarás o teu protegido apoiado por um exército que clama vingança. Lá estarás bem guardado.

- Senhor, não te estou a fazer este pedido para me protegeres a mim, mas por uma mulher que pode estar em perigo.

- E o que é que essa mulher representa para ti? Velanto olhou para ele durante um longo momento, buscando uma resposta.

- É a Minha Senhora - sussurrou por fim.

- Ela não é a Senhora da Forja, mas a Senhora que falou através dela - alertou-o o deus.

- Eu sei. Ela é uma mulher obstinada e uma bruxa, mas vejo nela a deusa que eu sirvo. Sou um homem que sabe usar as mãos - exclamou -, e não as palavras. Não sei explicar o que tem crescido entre nós. Só sei que existe.

- Tu és um herói, pergunto-me eu, ou um louco? - indagou o deus.

- Também faço essa pergunta a mim mesmo de quando em vez. - Velanto tentou esboçar um sorriso. - Preciso de ter certeza de que ela está em segurança, tal como tenho de forjar a Espada.

Apolo suspirou.

- Nem o senhor do Olimpo pode lutar contra o destino.

- É isso que me move? - indagou Velanto.

- Se deves seguir em frente, deixa a espada no túmulo - disse o deus. - Os antepassados guardá-la-ão bem.

- Se te servi ao forjar a Espada, peço-te a ajuda que me puderes dar.

- Não posso alterar o teu destino, apenas te posso conceder o poder de reconhecer quando é altura de

escolheres. Mas vou dar-te um oráculo.

Se vais para Azan-Ylir, o sangue do teu coração será o preço do teu coração.

- Se é esse o preço, aceito-o - respondeu Velanto.

A figura do deus cresceu, tornou-se de tal forma brilhante que Velanto teve de proteger os olhos. Quando os abriu novamente, contemplava a luz dourada de um novo dia.

- O que foi aquilo? - Tirilan estacou, olhando fixamente.

- Foi o vento, minha querida - respondeu Anderle -, apenas o vento na planície.

- Não, eu ouvi um tropel. - Ela passou as mãos pelos cabelos emaranhados, olhando freneticamente em seu redor.

- Respira, filha, é apenas o bater do teu coração - replicou a mãe.

Ela esperava ter abandonado aquele local hoje, mas Tirilan ainda não estava suficientemente forte para suportar uma caminhada longa. Precisava de ingerir comida quente. Talvez pudessem fazer fogo durante um breve instante. A última vez que lá estivera, o círculo de pedra constituía uma porta de entrada para os mortos, mas agora haveria de restabelecer a vida de Tirilan.

- Tu podes rir - disse a rapariga amargamente. - É a ti que Galid deseja, mas eu sou apenas um engodo para apanhar Mikantor!

- Está sossegada! - Anderle sentia-se a perder a paciência. - A minha mente está reduzida a metade.

Deixa-o possuir-te se não consegues agir como uma sacerdotisa de Avalon, e o seu pensamento desvaneceu-se..

- Lembras-te do que te ensinei sobre estas pedras? - perguntou ela em vez de completar a frase, indicando os quatro grandes blocos de pedra que se erguiam no interior do círculo de pedra. A parte superior e o lintel do quinto bloco tinham caído. Ela e Tirilan haviam dormido ali na noite anterior. As superfícies lisas eram ligeiramente côncavas e a luz da manhã reflectia no cinzento forte das pedras tombadas no lado oriental. Consta que tinham sido derrubadas durante uma batalha mágica entre duas facções dos sacerdotes fundadores de Avalon. Mas o poder ainda fluía através das pedras.

- O círculo está situado numa das correntes de força que flui através da terra. Se o poder cresce aqui por causa do círculo de pedra ou se o construíram para marcar uma intersecção de forças, eu não sei. Mas aqueles que foram treinados como nós somos treinados podem retirar poder das pedras.

Experimenta agora, expira e deixa a tua consciência penetrar o solo... procura, sente o poder... - Viu os olhos de Tirilan abrirem-se mais quando sentiu o poder dentro dela e sorriu. - Agora, respira e lança essa força para cima. É isso mesmo - acrescentou, quando a energia começou a mover-se.

Tirilan olhou ao seu redor, o seu rosto magro, ruborizado e maravilhado.

- Eu consigo vê-los brilhar! - Isso também faz parte da nossa formação - afirmou Anderle. - Mas uma pessoa de fora do círculo apenas verá uma distorção no ar. E o mesmo acontece com o som. Não conseguimos ouvir quase nada do que se passa lá fora, nem os outros ouvem o que se passa cá dentro.

- Então estamos seguras... - Tirilan suspirou longamente e o brilho começou a desvanecer-se.

Anderle olhou para cima quando viu uma sombra cintilar nas pedras.

Era um cisne, e não uma visão comum na planície. Sem dúvida que o pássaro deveria ter parado para beber água num lago das proximidades. Ele fê-la lembrar-se de Avalon. A filha também o viu, e por um momento pareceu a antiga Tirilan.

- Ele voa tão alto e livremente - murmurou Tirilan - Depois de ter passado tanto tempo na escuridão, esqueci-me da beleza que existe no céu.

- Galid abusou de ti? - atreveu-se Anderle a perguntar.

- Queres saber se ele me violou? Não. - Tirilan riu de uma forma estranha. - Ele ameaçou-me, mas a última vez que o vi, a sua dor era tão grande, qual buraco profundo no mundo, que eu me teria entregue a ele apenas para o aliviar do sofrimento. Mas ele fugiu e deixou-me na escuridão.

Anderle puxou a filha de encontro a si, cantarolando como já não fazia desde que Tirilan era uma criança. Ela odiava Galid pelo sangue que ele derramara e pelas casas que ele havia destruído, mas o homem que ela vira em Azan-Ylir sofria de uma doença da alma. Um

desespero tão grande, que era capaz de enevoar o espírito brilhante de Tirilan, constituía um perigo para o mundo.

- Neste momento, Mikantor já sabe que foste feita prisioneira. E deve vir a caminho, desenfreadamente, com os seus aliados para te resgatar.

- Mas tu salvaste-me. - Tirilan abraçou-a e riu. - O meu coração chora quando penso no que ele deve estar a sofrer agora, mas acredito que lhe fará bem saber que não é o único a conseguir realizar feitos heróicos.

- Somos todos heróis, querida, quando o perigo ameaça aqueles que amamos... e eu amo-te, apesar de nem sempre estarmos de acordo - acrescentou a contragosto. Só havia espaço para a verdade entre elas, ali.

E como poderia ela pedir desculpa a Velanto por ter partido sem lhe ter dado uma única palavra? Ela deveria ter confiado nele... mas há tanto tempo que ela tinha sido responsável por salvar alguém em nome da Deusa. Que relação manteriam quando a guerra com Galid chegasse ao fim? Talvez ele e ela não passassem de meras ferramentas nas mãos dos deuses, permitindo-lhes assim exercer o seu poder, ou poderiam de alguma forma forjar uma vida juntos?

- Se não tivéssemos feito amor, acho que ele não se teria disposto a lutar por mim - disse Tirilan baixinho, esticando os braços. - Oh, estou tão magra! Tenho de comer mais.

Mikantor não há-de querer um monte de ossos na sua cama!

Anderle reprimiu um sorriso. A rapariga estava

definitivamente a recuperar. Mas ela devia ter alguma ocupação, caso contrário começaria de novo a ficar ansiosa.

- Quando Velanto trouxe a Espada das Estrelas, ele vai precisar de uma bainha. - Ela retirou um pacote comprido de entre a sua bagagem. - Isto foi feito para as espadas de bronze. Velanto forjou a lâmina de ferro segundo o mesmo padrão. Compõe-se de duas ripas de madeira talhadas para receber a lâmina e de uma capa de couro costurado e ressequido.

- Não é... muito bonita... - proferiu Tirilan com um ar céptico. - Pois não - concordou a mãe. - E portanto temos isto - desenrolou um pedaço de pele de corça tingida de vermelho -, cobre o couro com isto e pinta na pele os símbolos que irão proteger o homem que empunhará a lâmina. - Percebia agora que já tinha dado a sua contribuição para a elaboração da Espada. O companheiro de Mikantor deveria fazer a bainha que guardaria a arma.

E quando é que ela aceitara, pensava Anderle, que Tirilan não voltaria para Avalon? Quando receou tê-la perdido para sempre, foi a resposta que de imediato lhe ocorreu.

Velanto ouviu o som de passos pesados atrás dele e cerrou o punho, lembrando-se ainda a tempo de se esconder, em vez de usar a força do seu braço para derrubar o homem.

- Abram alas para um guerreiro, escravo! - gritou o homem quando passou por ele. Ele usava uma lâmina, mas era tão duvidoso dar àquele objecto o nome de espada quanto chamar a um idiota guerreiro. Velanto pegou na lenha que tinha deixado cair, maldizendo a sua própria

desatenção.

Parecia um burro de carga, mas mesmo quando era realmente escravo tinha tido dificuldade em agir como tal. Felizmente, os homens que costumavam cumprimentar os novatos com um murro eram precisamente aqueles que ainda não há muito tempo eram simples vagabundos. E ali havia um sem-número deles. Mikantor não era o único que estava a recrutar homens.

As casas circulares no interior da paliçada estavam cheias deles, além dos que estavam acampados lá fora nos campos. A sujidade e o mau cheiro estavam a tornar-se insuportáveis.

Se Mikantor não se apressasse, a doença ocupar-se-ia de fazer o seu trabalho. Havia quase tantos boatos quanto homens.

A informação mais fidedigna era divulgada pelas mulheres que se esforçavam para alimentar a multidão que crescia diariamente. Estas estavam gratas a Velanto pela sua força e felizes por falarem com um homem que não confundia um sorriso com um convite obsceno. Quando ele lhes revelou que estava à procura da sua prima e descreveu Anderle, elas disseram-lhe que ela tinha estado ali, mas que partira havia três dias.

Ele estava a cortar lenha do lado de fora da paliçada, quando ouviu chegar um carro puxado por cavalos suados e conduzido por um homem de olhos arregalados.

- O que aconteceu? - perguntou ele ao cozinheiro quando foi entregar outro carregamento de lenha.

- Oh, um grande segredo, a mulher evaporou-se. E agora toda a gente sabe. Keddum estava incumbido de levar comida à rapariga loura que Galid raptou há uma lua

atrás, a que nos obrigou a limpar o salão. Tinham-na presa na cabana de um pastor, para lá do círculo de pedra. Seja como for, esta tarde, encontrou a porta da cabana fechada, como sempre, e a roupa da rapariga no interior, mas ela já tinha partido. Agora toda a gente diz que ela era uma bruxa, mas quando ela aqui estava parecia uma rapariga gentil, apesar de ter a mania das limpezas.

Velanto virou-se para ocultar um sorriso. Se houvesse uma bruxa envolvida naquele caso, não era certamente Tirilan. Mas onde estariam elas agora? Galid tinha espiões espalhados pela planície. Dois haviam regressado com a notícia de que um grande número de homens oriundos do norte estava prestes a chegar àquela terra. Então os homens de Galid começaram a preparar as suas armas. Os comandantes caminhavam por entre a multidão ordenando que formassem do lado de fora da paliçada. Ele tinha pensado partir no dia seguinte, mas o melhor que tinha a fazer era ir-se embora o mais rapidamente possível, antes que a batalha deflagrasse e ele se visse integrado na facção errada.

- Meu senhor! Outro espião tentava furar através da multidão. A multidão afastou-se para lhe dar passagem e Velanto avistou Galid a sair da casa circular. Tinha engordado desde a sua última visita a Avalon, mas movia-se com uma energia nervosa, lembrando um lobo raivoso que o ferreiro havia visto uma vez. - Senhor Galid - gaguejou o espião -, eu vi fumo sair do grande círculo de pedra. Não me pude aproximar muito, pois correria o risco de ser visto, mas vislumbrei uma mulher de cabelo loiro a olhar por entre as pedras

- Ela estava lá agora? - inquiriu Galid. - Keddiam, prepara os cavalos. Enquanto Dammen organiza os

homens, nós vamos ver se a tua ovelha tresmalhada já apareceu...

- Ele viu um espírito, senhor - disse o guerreiro, que seguira Galid até à porta. - Se for realmente ela, ela é uma feiticeira, e o melhor é não nos metermos com ela.

- Eu vou matá-la diante de Mikantor, ou então ela matar-me-á mim - rosnou Galid. - E não me interessa se é justo ou não. Chegou o momento de dar um fim a isto.

Está na hora de eu partir, pensou Velanto.

- Está qualquer coisa a mover-se lá em baixo - declarou Ulansi. - Vejo homens a marchar. Acho que o desgraçado já sabe que estamos a chegar. Subiram um monte e desembocaram num local onde podiam gozar de uma ligeira vantagem.

- Bem - murmurou Mikantor. - Isto dar-lhe-á razões para sentir ainda mais receio. - Baixou a cabeça para que Aelfrix acabasse de apertar o casaco coberto com folhas de bronze que tinham encontrado na forja. O rapaz dissera-lhe que Velanto o tinha feito enquanto tentava forjar a Espada das Estrelas.

- Ah, com esse casaco cegarás os teus inimigos - disse o rapaz afastando-se um pouco. - À luz do Sol, brilhas como um deus. -

- Um deus da vingança - acrescentou Ulansi. Nos últimos dois dias tinham-se juntado a eles contingentes do Ai-Utu e do Ai-Gim. Mikantor estendeu as mãos para alcançar o escudo e a lança e foi invadido por uma calma interior, agora que o momento

de entrar em acção havia chegado. O seu estado de espírito parecia ter contagiado o seu exército.

- Pela Senhora Tirilan! - gritou ele, agitando a lança, e quinhentas vozes repetiram as mesmas palavras de ordem em unísono.

Velanto atravessou o rio Aman, subiu a margem e endireitou os ombros, libertando-se assim da posição servil que adoptara, e sacudiu os pingos de água da roupa. Quando deixara o túmulo, prestara especial atenção aos pontos de referência daquele local, de modo a poder memorizá-los. Quando vislumbrou ao longe no horizonte a fileira de sepulturas, virou à direita, lançando um olhar rápido para oeste, onde o círculo de pedra começava a surgir. Já não se via fumo, mas uma nuvem de poeira erguia-se a norte, a qual só poderia ter sido provocada por Mikantor e pelos seus homens.

Os seus lábios arreganharam-se num sorriso selvagem e ele apressou-se a chegar ao seu destino. A luz do Sol incidia fortemente no túmulo, mas a sua abertura permanecia tão oculta quanto antes. Seria a imaginação a fazer com que Velanto sentisse um frémito de força vindo da Espada, como se esta soubesse que o senhor a quem se destinava se encontrava próximo? Pousou o saco e caminhou para norte.

Tinha acabado de percorrer o caminho processional que levava ao círculo de pedra quando ouviu o ruído de cascos e de rodas na sua retaguarda.

Um olhar rápido permitiu-lhe identificar cinco carros avançando naquela direcção. Atrás destes, via-se uma massa escura em movimento, certamente o exército de Galid. Os carros rolavam rapidamente, e não havia refúgio ali perto. O melhor teria sido esconder-se no

túmulos, mas agora já não havia tempo para pensar no que deveria ter feito. Como deveria agir agora? Praguejando, cobriu-se com o manto surrado e curvou os ombros, assumindo novamente uma postura servil.

O tropel estava agora demasiado perto para ele poder fingir que não se tinha apercebido da sua presença. Velanto recuou quando o primeiro par de cavalos estacou ao seu lado.

- Ora vamos lá ver o que temos aqui - proferiu o senhor da guerra.

- A minha casa ardeu, senhor - murmurou Velanto com a cabeça baixa.

- Agora não tenho para onde ir...-

- Escolheste uma má altura e o lugar errado para vagueares - respondeu Galid.

- Ele não é um vagabundo, senhor - disse o condutor do carro. - Eu vi-o a carregar madeira em Azan-Ylir.

- Um desertor, então? Porque não te juntaste ao meu exército? Pareces forte - declarou num tom de voz acutilante. - Levanta a cabeça, arruaceiro, e olha para mim!

Ele esboçou um gesto e um dos seus homens aproximou-se empunhando uma lança. Velanto preparou-se para correr, mas a ponta da lança já estava cravada na sua garganta.

- Na verdade, não é um vagabundo... - declarou Galid num tom diferente. - Eu conheço este homem! É o comerciante de bronze com quem me cruzei na estrada há

dois anos.

- Eu também já o tinha visto - disse Keddum de repente. - Foi ele que lutou com os machados na batalha do Vale!

- Meu senhor - pronunciou o condutor -, o inimigo...

- Já está próximo - acrescentou Galid -, mas só deve chegar cá ao meio-dia. Vamos despejar o saco do comerciante e ver que mercadorias contém.

Velanto retirou a ponta da lança que lhe ficara cravada no pescoço e pôs-se de joelhos, agarrando-se à perna do lanceiro para o derrubar. Mas eles estavam muito próximos e eram demasiados.

- Levem-no vivo! - gritou Galid, quando Velanto fez um movimento para agarrar na sua lança. Então, algo o atingiu por trás.

Ele continuou a lutar, apesar de se sentir tonto e de mal conseguir ver.

Mas por breves instantes as suas mãos afrouxaram e o conteúdo da sua mochila espalhou-se na erva. Estava a começar a recuperar a visão quando eles encontraram a Espada.

Por um momento que pareceu interminável, ninguém proferiu uma única palavra.

- Há deuses, afmal? - sussurrou Galid quando pegou na lâmina radiante.

Sim, os deuses existem, e eles têm-me traído, pensou Velanto, cessando por fim de lutar.

- Mãe, ouço carros de combate. - Tirilan olhou para

cima, com o pauzinho com o qual pintava os símbolos na bainha de couro suspenso no ar.

Os seus olhos estavam arregalados de medo.

O coração de Anderle gelou. Tirilan estava muito melhor. Tinha estado a trabalhar ininterruptamente na bainha desde o dia anterior, recebendo a mesma energia que imprimia aos símbolos que pintava no couro. Naquele momento, ela já estava suficientemente recuperada para poderem deixar o círculo de pedra. Então ouviu também o tropel de cavalos.

- Os teus ouvidos são melhores que os meus - declarou, tentando manter a calma. - Sabes o que tens de fazer... - Ela levantou-se e as duas mulheres apertaram as mãos. - Concentra-te, convoca o poder e envia-o através das pedras.

A sua pele ficou mais sensível à medida que a pressão do ar dentro do círculo se alterava. Mesmo que os invasores as vissem, seria muito difícil entrarem ali dentro. Cantarolando suavemente para manter a energia, ela posicionou-se atrás de um dos pilares, junto aos limites do círculo, num local onde poderia ver toda a planície, na direcção leste.

Eram cinco homens. Foi invadida por uma onda de ódio, que lhe bloqueou a concentração, ao reconhecer a cabeça grisalha de Galid. Atrás dele vinham Soumer e Keddam e mais dois homens que tinha visto no Azan-Ylir.

Respirou fundo, tentando manter-se calma. Para lá dos carros, movia-se uma massa escura no horizonte, como se dos campos tivessem brotado guerreiros em vez de trigo. Quando os carros pararam, a terra estremeceu

debaixo dos pés dos homens que marchavam.

- Se Galid trouxe os seus guerreiros, Mikantor deve estar próximo. Daqui teremos uma boa visão da luta.

- Vais ter de me perdoar, mãe, mas sinto-me um pouco ansiosa. - Tirilan fez uma tentativa corajosa para igualar o tom calmo da sua mãe.

Galid tinha saído do seu carro. Ele parecia estar a gritar, mas elas apenas ouviam um murmúrio. Então, ele esboçou um gesto e os homens que se encontravam no segundo carro lançaram um corpo para o chão - um homem corpulento de cabelo preto. Tinha as mãos e os pés atados.

Era Velanto. Como ele tinha mudado! Ele mantivera sempre uma certa pose, mesmo quando estava a trabalhar, a roupa remendada e a barba aparada, como seria de esperar de um homem criado no convívio de um rei.

Agora, parecia que tinha andado a dormir nas sarjetas. E, mesmo no auge da sua frustração, quando tentava forjar a espada, cada um dos seus movimentos tinha irradiado tensão.

Agora, ela via-o esvaziado pelo desespero.

Instintivamente, ela diluiu a barreira entre eles para poder ouvir e ver bem.

- Tirilan! - gritou Galid. - A visão do sangue deste homem ficará gravada na tua mente se não te aproximares de mim!

Mas foi Anderle quem se adiantou.

- Senhora Anderle! - Luxúria e ódio, medo e uma necessidade desesperada transbordavam daquelas palavras.

- Eu mesma - respondeu. - Pensavas que poderias manter uma filha minha em cativeiro sem eu saber? - Ela lançou um olhar rápido a Velanto, que se soergueu num cotovelo. Assustou-a a angústia que viu no seu olhar. - Vamos resolver isto os dois, Galid. Liberta o homem.

- Não, Anderle! - gritou Velanto. - Volta para trás das pedras! - Tu conhece-lo? - Galid ofereceu a ambos um sorriso malicioso. - Ele parece saber quem tu és. Preocupa-te o facto de ele manter ou não a sua cabeça? - Riu subitamente e aproximou-se do carro, de onde retirou um objecto comprido. - Aquele pescoço rijo pode levar algum tempo a cortar, mas olha! Ele é que me forneceu a espada! - As pedras cintilaram quando ele desembrolhou a espada e a agitou no ar. - É bonita, não é?

Os olhos de Velanto fecharam-se quando Anderle sufocou um grito.

- O que é que queres, Galid? - perguntou Anderle friamente.

- Será que isso importa? - retorquiu ele com uma alegria frenética. - Os teus deuses ofereceram-me esta terra. Ninguém resistirá ao homem que empunha esta espada.

E aquilo, pensou Anderle, entorpecida, era a mais pura das verdades.

Aquele fora o poder que ela e Velanto haviam forjado na lâmina. Mas não para ele.

Ela espantou-se de a espada ainda não ter saltado da sua mão com repugnância.

- Acho que deveria testá-la - continuou Galid. Debruçou-se sobre Velanto, girando a lâmina com um punho que claramente não perdera nenhuma das suas qualidades, apesar de a barriga pender sobre o cinto do seu kilt. - Um corte ou uma facada? Qual seria a melhor solução?

- Oh, realmente, seria um acto corajoso - afirmou Anderle com desdém -, matar um homem que não se pode defender! - Ela fixou o olhar nos homens que estavam nos carros. - Certamente os bardos cantarão desprezo pelos homens que o seguirem!

Galid olhou de soslaio para os seus homens, que começaram a sorrir, ao pressentirem a adrenalina da luta.

- Não que isso prove a qualidade da luta, se a espada for tão boa quanto tu pensas...

- Deixa o miserável levantar-se, meu senhor - pediu Soumer. - Não tem graça nenhuma degolá-lo como a um porco!

Os outros estavam inclinados para a frente, ávidos, como ela já tivera a oportunidade de os ver muitas vezes quando a arena se enchia do rosnar dos cães de luta. Não podia apelar à honra, mas se ela conseguisse desafiar a masculinidade de Galid, ele teria de responder à altura.

- Prova-o, Galid! - gritou ela. - O teu gigante domado já está morto.

Prova que tens coragem de enfrentar um homem com uma arma na mão.

Velanto não teria qualquer possibilidade de vencer a Espada das Estrelas, mas pelo menos ela dar-lhe-ia uma oportunidade.

A terra ainda tremia, e outra linha escura havia surgido no horizonte, a norte. Mikantor estava a chegar, acompanhado de tantos homens quanto o seu inimigo. Ela respirou profundamente.

Estavam prestes a defrontar-se duas forças poderosas, e se ela ainda não se atrevia a ter esperança, pelo menos sentia que os deuses ainda não a tinham abandonado totalmente.

- Muito bem - assentiu finalmente Galid. - Soltem-no e dêem-lhe uma lança.

Quando Velanto se ergueu, esfregando os pulsos no sítio onde as cordas o haviam ferido, as linhas do seu corpo voltaram a endurecer. Não havia esperança nos olhos escuros que se cruzaram com os dela, mas aquela tensão agrilhoadada que ele deixava transparecer era algo que ela já tinha visto na forja. Ainda com o olhar preso no dela, ele inclinou-se numa saudação formal, como se ela fosse uma rainha.

A garganta ardia-lhe com as inúmeras coisas que ela nunca tinha tido oportunidade de lhe dizer, mas respondeu-lhe com um sorriso.

Sentiu a pressão forte dos dedos de Tirilan no seu ombro.

- Mikantor vem aí - revelou ela.

- Velanto pode conceder-nos algum tempo.

- Ele lutará tão arduamente por Velanto como o faria por mim - respondeu Tirilan. - Se o rumo das coisas pudesse ser alterado, eu oferecer-me-ia agora a Galid. Mas nós só podemos ver e orar.

E enviar energia ao nosso campeão, pensou Anderle. Ela aproximou-se de Velanto com a sua mente e disse: Luta com ardor, meu amado... luta com fé.

Velanto dobrou-se para esticar os músculos das pernas, tentando lembrar-se de tudo o que ouvira dizer sobre as lutas com lança. A perna esquerda doía-lhe um pouco, devido ao ferimento antigo, mas ele já estava acostumado a isso. Endireitou-se e exercitou os ombros, movimentando-os para trás e para a frente, para se descontraírem, e depois flectiu os braços.

De certeza que estes, amanhã, se iriam ressentir do tratamento que haviam recebido no chão do carro - se amanhã ele ainda estivesse vivo para sentir o que quer que fosse.

Mas por agora os seus músculos moviam-se de uma forma suficientemente eficaz.

Ficou surpreendido por se sentir tão calmo. Não era a primeira vez que enfrentava um adversário que pretendia destruir todos aqueles que ele amava.

Até poderia morrer feliz, se não fosse a Espada.

Senhora, porque me concedeste a missão de forjar a Espada se não a querias depositar na mão de Mikantor?

Um dos homens de Galid atirou para o chão a lança com

que ele iria combater. A cabeça de bronze da lança brilhou ao sol da manhã. Velanto sorriu quando a apanhou. Fora ele quem a forjara. A lança era feita de madeira de freixo resistente e um pouco mais alta do que ele, e era suficientemente comprida para manter o inimigo longe - até ser atingido pela espada pela primeira vez. Velanto agarrou com firmeza na lança, fincou os pés na erva e respirou fundo, espantado por sentir a energia fluir a partir da terra, no local onde estava. A terra estaria determinada a lutar por ele, ou seria obra de Anderle? Talvez naquele momento fossem ambas.

Ele agarrou a lança e apontou-a, como que para lhe tomar o peso. Galid moveu-se, Velanto mediu o ângulo e golpeou-o com a lâmina. A sua espada atingiu a mão de Galid e uma lasca de madeira foi arrancada da lança. Velanto fez uma simulação e investiu uma vez mais, sorrindo quando Galid cambaleou para trás. Se ele conseguisse ferir o seu inimigo...

Então apontou à cabeça de Galid. Quando a espada desviou a sua investida, ele rodou a ponta da lança em torno da lâmina e arremeteu na direcção do solo. Mas Galid estava a aprender. A Espada das Estrelas rodopeou num turbilhão de luz. Velanto tentou largar a sua lança, mas a lâmina prendeu-a a meio da haste. Enquanto o choque se repercutia pelos braços de Velanto, a lâmina decepou a lança. Tendo perdido o equilíbrio, ele caiu e rebolou no chão. Depois retomou a posição vertical e com o coto da lança na mão investiu descontroladamente sobre a espada. A outra metade da lança tinha caído perto das pedras. Baixou-se para escapar ao golpe seguinte de Galid e arremeteu na sua direcção.

Galid ria, com uma alegria amarga. Os dedos de Velanto

agarraram a outra metade da lança, ele rolou mais uma vez, ergueu-se com um pedaço em cada mão e movimentou-se para um dos lados, fazendo-os girar, de modo a distrair o seu inimigo. A Espada encaminhou-se na sua direcção com um brilho intenso e cortou mais um pedaço do coto que ele segurava na mão esquerda.

A minha peça mais perfeita vai matar-me... Forjei-a muito bem.

Ele não tinha defesa. A Espada podia atravessar o bronze e, por conseguinte, reduziria a lascas a sua lança de madeira. Este conhecimento trouxe-lhe uma paz inesperada. Se já não tinha de se preocupar com a sua sobrevivência, então poderia concentrar-se em salvar a Espada.

Ele evitou outra investida, com uma lucidez estranha que lhe permitiu prever os movimentos do seu inimigo, enquanto os seus pareciam ter-se tornado mais lentos. Dispunha de todo o tempo de que precisava para simular um novo golpe com a ponta de lança aos pés de Galid e para se virar levantando-se quando Galid invertesse a posição das mãos no punho e arremettesse para baixo. Velanto projectou a cabeça para trás e abriu os braços como se tivesse a intenção de abraçar o seu inimigo.

A ponta da Espada das Estrelas penetrou no seu peito, logo acima da clavícula, rasgando-lhe o pulmão, a parte inferior das costelas e o músculo pesado da barriga, o seu corpo

convertido numa bainha viva da lâmina.

E depois descreveu o mesmo movimento na direcção oposta, arrancando o punho da mão de Galid. Velanto sentiu o impacto, mas o seu corpo ainda não se

apercebera do que havia acontecido, não sentia dor. Enquanto cambaleava na direcção das pedras, viu Galid cair para trás, os olhos orlados de branco, e viu os outros guerreiros de pé, diante dele, demasiado assustados para se moverem.

- Anderle! - clamou na sua voz forte, como uma vez havia clamado na sua cama, na forja. - Anderle, deixa-me entrar!

Ela surgiu repentinamente no seu foco de visão, de pé, em cima da pedra e ele percebeu que a barreira se tinha desvanecido. O mundo escureceu e voltou a brilhar, quando os efeitos dos golpes se começaram a fazer sentir mas Velanto ainda se mantinha de pé. Deu um passo e depois outro, estendeu a mão para se apoiar e sentiu a superfície arenosa da pedra. Em seguida os braços de Anderle rodeavam-no e ela e Tirilan puxavam-no para dentro do círculo. Tudo o resto se desvanecia num brilho distorcido, enquanto Anderle voltava a proteger aquele local com os seus poderes.

A primeira onda de dor obrigou Velanto a ajoelhar-se, mas já não importava. Ele salvara a Espada e entregara-a a Anderle. Ela dá-la-ia a Mikantor.

O mundo transformara-se num turbilhão de luz quando ele caiu.

VINTE E OITO

Os discos de bronze costurados no casaco de couro de Mikantor produziam um som metálico fraco, enquanto ele trotava para diante, com a lança pousada nos ombros e os seus Companheiros correndo ao seu lado. A pele do lince que ele matara nas grandes montanhas envolvia os seus ombros.

Para a batalha que ia agora travar, precisava de ter o maior número de aliados possível do seu lado. Para iniciar a última etapa da viagem, tinham-se levantado antes do nascer do Sol. As forças de Galid tinham tomado posição na planície, perto do grande círculo de pedra. Mikantor correu com uma exultação feroz. Em breve mataria Galid e salvaria Tirilan.

Viam-se vários carros parados antes do círculo de pedra. Quando os Companheiros se aproximaram, os condutores chicotearam os cavalos e fugiram. O que é que eles estariam ali a fazer? Fosse o que fosse, aqueles homens apeados nunca os poderiam alcançar.

Mikantor respirou fundo e abrandou o passo. Agora que tinham avistado o inimigo, era melhor guardarem as suas forças para os combaterem.

À medida que se aproximavam, o círculo parecia brilhar, como ele tinha visto as pedras brilhar na névoa de calor das terras do Sul. Mas estava um típico dia de Verão, ameno, na Ilha. Ninguém parecera notar nada de anormal, porém, os sentidos de Mikantor avisaram-no para a presença de algo, e passado um instante, as recordações de Micail identificaram-na como sendo a aura de poder.

- Naquela direcção - apontou ele com a sua lança. - Galid vai esperar por nós. Primeiro temos de ir ao círculo de pedra.

Os olhos dos seus Companheiros revelavam incerteza, mas ele esboçou apenas um esgar como resposta. Já o seguiam há tempo suficiente para não lhe fazerem perguntas. Naquele momento, os outros começaram também a ver o brilho, mas quando se aproximaram, este desapareceu.

A tensão que corria ao longo dos nervos de Mikantor também acalmou.

À medida que o contorno das pedras ganhava definição, ele viu, à espera junto a uma pedra, uma mulher de complexão magra, com o cabelo claro a brilhar ao sol. O seu coração disparou e lançou-se numa corrida desenfreada mal reconheceu Tirilan. Os seus Companheiros deram vivas de contentamento.

- Assume o comando - disse ele a Pelicar. - Forma-os em crescente como planeado, de frente para os homens de Galid.

- Sim, meu senhor - respondeu o homem alto -, mas não demores muito.

Mikantor pousou a sua lança junto à pedra, em seguida tomou Tirilan nos seus braços e por fim beijou as lágrimas que se misturavam com as suas.

Só quando a sentiu tremer é que ele se apercebeu que ela chorava de dor, e não de alegria.

- O que é que se passa, meu amor? Ele magoou-te? - A mim não, a mim não - sussurrou Tirilan. - A Velanto. A

minha mãe está com ele. Tens de o ir ver.

Mikantor não podia imaginar como é que o acaso trouxera aquelas três pessoas para o campo de batalha, mas isso não importava agora. O seu coração disparou uma vez mais quando viu Velanto deitado sobre uma das pedras tombadas, com Anderle ao seu lado. O vermelho forte dos seus lábios contrastava enormemente com a cor pálida da sua pele. Nem quando o seu estado de saúde se agravara a caminho de Corinto, devido aos ferimentos que tinha na perna, ele parecera tão doente. Só quando Mikantor se ajoelhou diante da sacerdotisa é que viu o punho da Espada.

- Velanto - Anderle falou no tom que Mikantor recordava ter aprendido nas aulas de meditação, e percebeu que a sacerdotisa tinha mantido o homem ferido em transe -, acorda do teu sono. Acorda agora, meu amado.

Mikantor chegou...

- Velanto... - O homem envelhecido não se mexeu, o que não era de admirar, pois mesmo aos seus próprios ouvidos, a voz Mikantor não soava como a sua. Ele pegou na mão de Velanto e sentiu os seus calos ásperos contra a sua própria pele, na esperança de que a carne pudesse dizer aquilo que as palavras não eram capazes, como acontecem anteriormente. A mão do ferreiro estava fria, embora Mikantor visse que ele tinha a testa perlada de gotas de suor. A pressão que ele exerceu na mão de Mikantor, à laia de resposta, era muito fraca, mas pelo menos reagira. - Velanto - tentou ele novamente. - É Pica-Pau. Já cá estou. Meu senhor, o que te aconteceu? Velanto fez um esgar quando conseguiu respirar de uma forma mais perceptível, e Mikantor, satisfeito, deu por isso. - Queres dizer...

Como é que eu me transformei na bainha da minha própria espada? - Os seus olhos escuros abriram-se. Ele tentou sorrir, mas era óbvio que cada movimento que fazia lhe causava dor.

Mikantor esboçou um gesto de impotência quando Velanto inspirou novamente com muito cuidado e prosseguiu.

- Era a única maneira... de a tirar da mão de Galid...

Quando os seus olhos se fecharam mais uma vez, o murmúrio rápido de Tirilan revelou a Mikantor quão desigual aquela luta era.

- Esta é a tua espada - afirmou Anderle. - A Espada das Estrelas.

- Eu não sou tão inteligente... quanto pensava - resmungou o ferreiro. - Galid apanhou-me e descobriu a Espada. Quebrou-me a lança...

- Ele parou, empalidecendo ainda mais.

Mikantor contemplou o punho protuberante cravado no corpo de Velanto e sentiu-se indisposto. Ele já havia combatido em batalhas suficientes para fazer uma ideia de como funcionava o interior do corpo humano. A lâmina tinha-lhe claramente atravessado o pulmão.

- Porque é que o deixaste aí? - Ele tocou no punho, viu Velanto contrair os músculos e afastou a mão.

- Ele insistiu - respondeu Anderle, esforçando-se por parecer calma. - Ele disse que tu é que deves retirar a Espada.

Mikantor olhou para ela e depois para Tirilan. - E o

que é que lhe poderá acontecer se eu lha tirar do peito? - Ele morrerá... Acreditamos que ainda está vivo devido à pressão da lâmina - afirmou Tirilan, e Mikantor recuou. - Quando a espada for retirada, ele vai sangrar... mais...

- E se a deixarmos lá? - Morrerei na mesma... - proferiu corajosamente Velanto -, mas mais lentamente e no meio de um grande sofrimento... Pega na Espada, rapaz... O meu sangue lavou a mácula de Galid.

- Tu não podes morrer. - Mikantor sacudiu a cabeça, impotente. - Tu não me podes deixar.

- Salvaste-me em Tirinto... Mas agora já não me podes salvar... A minha morte foi apenas adiada... - Velanto calou-se, crispado pela dor, até que esta passou e ele prosseguiu. - Qual das minhas obras... poderia ultrapassar esta? Foi isso que os deuses... me mandaram vir aqui fazer.

A mão que Mikantor segurava estava cada vez mais fria. Enquanto ele a embalava contra o peito, o seu olhar cruzou-se com o de Anderle e ele viu nos seus olhos uma angústia tão grande quanto a sua.

- O deus... disse que o meu sangue seria o preço a pagar... - Velanto tentou esboçar um sorriso. - Eu não acho que seja muito alto... por ti...

Mas eu acho!, pensou Mikantor, desanimado.

- Mesmo Diwaz... não podia mudar o que as Parcas haviam fiado... - A pele de Velanto parecia cera e as pausas que fazia entre cada palavra eram cada vez mais prolongadas. Ele estava a sangrar internamente até à morte.

- Toma... o meu dom. Clama... o teu destino e concede-me... o meu... - A respiração seguinte provocou-lhe uma dor intensa.

Fica comigo!, gritava o coração de Mikantor. Mas o olhar de Velanto revelou um amor e uma resolução que ultrapassava os seus.

Devo pedir-te?, apelou ele em silêncio, Deixa-me ir! - Antes de tu chegares, ele disse-me como deverias proceder - declarou Anderle no mesmo tom sereno, como se o sofrimento já tivesse extinguido toda a emoção. - Ajoelha-te junto do seu ombro e tira-a suave e lentamente.

E então irás curá-lo?, pensou Mikantor, mas já não havia esperança nos olhos dela.

O seu corpo parecia mover-se sozinho e ele obedecia ao seu comando.

Já tinha matado homens, conhecia a sensação da espada a perfurar o corpo, o choque que um homem sentia quando tomava consciência da sua morte.

Tinha dado o golpe de misericórdia a camaradas feridos e ficava com a sensação de que a vida lhe fugia das mãos. Mas nunca sentira aquilo...

E enquanto aqueles pensamentos lhe passaram pela mente, agarrou o punho dourado e começou a puxá-lo, até que a Espada se libertou da sua bainha de carne e veio brilhar à luz do dia manchada de sangue vermelho acetinado. Com sangue a brotar-lhe dos lábios, Velanto suspirou e a tensão que lhe crispava as feições fortes abandonou-o progressivamente.

- Ele está morto? - Ainda sangra - declarou Tirilan, enquanto Anderle colocava uma almofada de linho dobrada sobre a ferida. - Mas não me parece que volte a falar connosco.

Anderle endireitou-se e falou com a voz de uma sacerdotisa, uma vez mais. - Velanto e eu criámos a Espada, mas tu és o seu dono. Chegou a hora de a usares. Destrói Galid e depois cura esta terra.

Pela primeira vez, Mikantor olhou realmente para a arma que empunhava.

Sob o sangue de Velanto, ele podia ver o seu brilho prateado. Afigurava-se leve e poderosa na sua mão. Ele ergueu-se, balançando as pernas, que não davam mostras de ser suas.

- Vai - ecoou Tirilan -, o meu espírito proteger-te-á...

Mikantor assentiu. Ele saiu do círculo e encaminhou-se para a planície, onde dois exércitos aguardavam a decisão do destino, e a Espada das Estrelas brilhou, vermelha, sob o sol do meio-dia.

Tirilan encostou-se a uma das pedras que sustentavam o trilito a sudeste e iniciou a sequência de respirações que iria libertar o seu espírito. Através de uma abertura no anel externo, ela podia ver o campo de batalha. A mãe ficou ao lado de Velanto, murmurando as magias que orientariam o seu espírito na direcção do Outro Mundo. Nenhum dos homens que elas amaram havia viajado sozinho.

A percepção desvaneceu-se. Tirilan retirou poder à

terra e sentiu o calor subir-lhe pela espinha. A consciência acompanhava-a, pois ela sabia-se suficientemente forte naquele momento para mandar o seu espírito para o exterior e depois ser capaz de regressar. Rapidamente, assumiu a forma de cisne, que já tivera antes, e bateu as suas asas brilhantes em direcção ao céu, libertando-se dos medos que a tinham impedido de oferecer os seus plenos poderes. Velanto tinha dado tudo. Ela não poderia fazer menos agora.

A planície verde rodopiou e mergulhou debaixo dela, em seguida ficaram niveladas, quando ela se apoderou da energia térmica que fluía através do círculo de pedra, e depois ela começou a deslizar, sem esforço, como se flutuasse sobre um riacho.

Para leste, viu o rio, qual serpente brilhante, e os telhados de palha redondos de Azan-Ylir. Sob ela, as pedras do círculo de pedras pulsavam com a sua própria luz. Entre elas, as forças do desespero e da esperança enfrentavam-se umas às outras, preparando-se para a batalha que determinaria o futuro dos seres humanos naquela terra.

A batalha não se realizava, apercebeu-se ela retirando partido daquela vantagem, em nome da própria terra. A vida naquela terra fluía fortemente, e as áreas mais pobres tentavam já adaptar-se aos desafios que a mudança climática traria. Só a humanidade acreditava que as coisas deviam manter-se sempre na mesma. Ela devia lembrar-se disso - era uma coisa que Mikantor precisava de saber.

Galid tinha dividido as suas forças em três grupos e os seus carros ficaram posicionados em linha, na sua dianteira. Os Companheiros de Mikantor formavam o centro de um crescente, com umas asas curvadas para a

frente.

A sua armadura dourada brilhava ao sol, mas aos olhos de Tirilan o seu espírito brilhava ainda mais intensamente. Ela percebeu então que a luz que o envolvia tinha duas fontes: a aura dourada de Mikantor e um brilho branco que devia ser a Espada.

Enquanto ela deslizava por entre a fileira de homens, viu o brilho expandir-se e cobrir os Companheiros de Mikantor e o grupo de aliados que se haviam juntado a eles. Ela já tinha visto uma alma de grupo, num ritual quando indivíduos treinados uniam os seus espíritos através da magia, mas nunca imaginara que tantas mentes inexperientes poderiam ficar ligadas umas às outras. Claro que isto não era propriamente um vínculo, mas sim algo que se oferece de livre e espontânea vontade, tal como Velanto derramara a sua alma na Espada.

E passar-se-ia a mesma coisa na facção inimiga? Ela encaminhou-se para leste, descrevendo círculos, e recuou perante o miasma que provinha dos homens de Galid. A escuridão não era universal - algumas faíscas ardiam" brilhantes, mesmo no seio do bando de assassinos, tal como nem todos os guerreiros de Mikantor brilhavam com igual intensidade. Mas a infecção que grassava na alma de Galid parecia ser contagiosa. Pelo menos pensou sombriamente, era fácil distinguir o amigo do inimigo.

Deslizou novamente para junto dos homens de Mikantor. Ganath olhou para cima quando ela passou e tocou no braço de Mikantor. Um ou dois dos outros Companheiros que possuíam a visão viram-na e saudaram-na. Alguém gritou: - Um cisne, um cisne! Mas foi o brilho que irradiava do rosto inabalável de Mikantor que aqueceu

o espírito de Tirilan e que desencadeou a ligação entre eles, enquanto ela adicionava o seu poder ao dele. Ele ergueu a Espada.

- A Espada das Estrelas! - gritou Beniharen - A Espada das Estrelas e a Senhora Tirilan - acrescentou Ganath, e a hoste na sua retaguarda repetiu o mesmo grito.

Do outro lado, Tirilan sentiu um vento frio de poder contrário. Transportava uma nuvem de flechas. Ela bateu fortemente as asas no sentido ascendente. Na sequência da chuva de setas, os carros de Galid começaram a movimentar-se, com um guerreiro segurando as lanças posicionado na retaguarda de cada condutor. A linha da frente de Mikantor opôs os seus escudos contra estes, enquanto atacavam. Os arcos curvavam-se como serpentes quando os carros passavam. A maioria escondia-se na pele endurecida dos escudos, mas alguns descobriam alvos e os homens tombavam.

Os seus amigos erguiam os escudos e comprimiam os corpos, esperando que os carros fizessem nova investida. Mikantor assobiou e os seus arqueiros lançaram uma chuva de flechas, sobre o inimigo. Dois guerreiros de Galid gritaram e depois tombaram, e um cavalo enlouquecido regressou à linha de combate. Antes que o inimigo pudesse recuperar, Mikantor assobiou mais duas vezes. Os homens que se encontravam no centro da formação começaram a correr para diante, aumentando o ritmo, até que o crescente tomou a forma de cunha. Os aliados descaíram para ambos os lados, de modo a protegerem os flancos, enquanto os Companheiros, mais bem armados e treinados, assumiam a dianteira. O inimigo cerrou fileiras e desenhou um círculo compacto com as suas lanças.

Tirilan desceu rapidamente para acompanhar o brilho de

Mikantor. A luz envolvia-a. Ela deixou-se invadir por ela, enviou-a para ele através do elo que os unia e vi-o tornar-se ainda mais brilhante. Um grande clamor surgiu de entre os homens que corriam. Os escudos cerrados chocaram contra a facção inimiga.

Mikantor vislumbrou uma lança que vinha na sua direcção e aparou o golpe, rodando depois a Espada em torno da cabeça do homem, decepando-a.

A Espada era extremamente eficaz a cortar carne e osso. Nos primeiros momentos da batalha, esse facto havia-o perturbado, lembrando-lhe como Velanto tinha sido derrubado. Mas os reflexos treinados impeliram-no para diante, golpeando à esquerda e à direita, enquanto procurava Galid entre os seus inimigos.

Outro guerreiro arremeteu contra ele com uma lâmina de bronze, que se partiu quando ele tentou desviar o primeiro golpe de Mikantor. A Espada entrou pela cota de couro curtido adentro, atravessou as costelas, os pulmões e o coração e depois saiu. Com um movimento brusco, ele puxou-a e, ao vê-la toda salpicada de vermelho, saiu em busca de um novo inimigo. O sangue do inimigo lavava agora o sangue que Velanto perdera há pouco.

- A Espada - gritou um homem, cuja camisa de couro estava ornamentada com pedaços de chifre, tentando furar através da multidão.

- A Espada das Estrelas! - O grito de guerra dos Companheiros sobrepôs-se ao tinido do metal e aos gritos dos moribundos. Sempre que lutava, Mikantor pasmava perante o ruído ensurdecedor que se fazia ouvir no campo de batalha. Ele estava cada vez mais perto, pensou, avançando um pouco mais. Este deve ser

um dos guardas de Galid, e, por conseguinte, conhece os poderes da Espada. O seu inimigo não se encontrava no centro da sua formação, mas deveria estar algures no campo de batalha. Mikantor só tinha de continuar a matar até Galid já não ter onde se esconder. Sentiu-se novamente invadido por uma onda de energia proveniente de Tirilan e arremeteu a lâmina nas costas de um inimigo em fuga, os lábios acompanhando a canção que a Espada cantava na sua alma Eu sou a lâmina que se banha no sangue, Aponta que ceifa o inimigo, Eu corto e golpeio, eu sou a Espada Que comanda a vida e o destino.

O seu escudo estava feito em pedaços, mas a Espada ensinava-o a fazer uso dela para se defender e para matar. Mais leve, mais aguçada, mais flexível do que qualquer lâmina de bronze, golpeava com a precisão alegre de uma ferramenta perfeitamente adequada à sua missão. Se ela tinha um espírito, seria o de Velanto, naqueles momentos em que o ferreiro se encontrava perfeitamente centrado e focado no trabalho que tinha em mãos.

Dois lanceiros que não tinham ouvido falar da Espada correram na sua direcção e ele quebrou a lança do primeiro, fingiu evitar o segundo baixando a sua Espada e depois fê-la rodopiar de modo a cortar a garganta do homem.

- Galid! - gritou, endireitando-se. - Vem enfrentar-me! Vem defrontar a espada que tu usaste para matar um homem desarmado! Eles caminhavam ao longo de um campo de trigo. Os caules secos arranharam os tornozelos de Mikantor. Quando ele se virou, a Espada brilhava num tom carmesim à luz do sol poente. Os homens deixaram-no passar.

Já não eram muitos agora. Aqui e ali, alguns homens ainda lutavam, mas uma grande massa de sangue proveniente dos mortos grassava pelo campo.

De entre aqueles que ainda se mantinham de pé, a maior parte pertencia ao seu exército. Eles tinham obrigado o adversário a recuar quase até às margens do rio. Ao fundo, ele viu os seus inimigos reunidos. Na sua mente, a Espada sussurrava: Separando as vidas, decidindo a morte, Eu sou a força que enfrenta o inimigo, Eu sou a Espada, mas tu és a alma Que define para onde essa força se deve dirigir...

- Em busca de Galid - respondeu ele. - Descobre-o e vinga o teu criador. Acha-o e liberta esta terra...

Ele caminhou para diante e o seus Companheiros seguiram-no, e ao verem o seu rosto implacável e decidido, eliminaram o que restava da guarda de Galid e deslizaram para os flancos.

Ali estava Galid empunhando a sua lâmina de bronze. A sorte acompanhava-o: um golpe havia deixado parte da sua armadura pendurada, mas ele parecia ter saído ileso. Mikantor exibia alguns arranhões, e a tensão de uma tarde intensa de actividade furiosa provocara-lhe dores nos ombros e nos braços, mas também ele poderia afirmar que escapara ileso.

Bom... ninguém poderá afirmar que eu matei um homem ferido. Mikantor perguntava-se por que razão se haveria de preocupar em aplicar a justiça a um homem que a havia negado a tantos outros. Galid viu-o aproximar-se com um sorriso amargo nos lábios. Apesar de saber melhor do que ninguém o que a Espada das Estrelas era capaz de fazer, ele não demonstrava medo.

- Galid, desafio-te para um duelo - disse Mikantor serenamente. - Em nome do povo desta terra.

- Então, aqui temos o fedelho, finalmente - interrompeu-o o inimigo. - Eu trespassei o teu mestre, mas agora és tu quem empunha a melhor arma, e suponho que me queiras matar. Julgas que isso te vai fazer feliz? Tu podes matar e voltar a matar, mas isso não trará de volta aqueles que perdeste. Eu sei. - Galid apontou para os chefes aliados que tinham trazido os seus homens para cercar o campo de batalha. - Achas que a tua vitória fará com que eles te amem? Agora eles apoiam-te, mas a primeira vez que lhes pedires para partilharem a suas riquezas, eles virar-te-ão as costas. Os homens pensam com os seus membros viris e com as suas barrigas.

Eu sei do que estou a falar...

Mikantor enfrentou aquele olhar sombrio e cortante sem vacilar. Ele já tinha visto o suficiente quando era escravo para perceber que, para alguns homens, pelo menos, aquilo era verdade. Mas ele também conhecera Velanto, e os seus Companheiros, e Anderle, e Tirilan.

- Disso percebes tu... - acusou Mikantor. - E que sabes tu de esperança, amor e sacrifício? Galid abanou a cabeça e o seu olhar transmitia pena.

- Sei que não passam de ilusões - respondeu suavemente -, que se desvanecem quando confrontadas com a Necessidade. para escapar à morte, a tua amada ofereceu-se para ser minha prostituta.

Mikantor não podia censurar Tirilan, pois ele também tinha as suas próprias memórias, mas os seus espíritos ainda estavam ligados, e ela continuava a partilhar

com ele as imagens daquela tarde.

- Galid, ela ofereceu-se para te aliviar a dor - respondeu ele com a mesma compaixão implacável que Tirilan tinha demonstrado.

- Mentira, isso são tudo mentiras - retorquiu Galid com uma voz áspera. - As suas pupilas dilataram-se, como se ele olhasse a imensidão das trevas. - Só existe a vida... e a morte. E a vida é o que eu te posso fazer sentir! - Ele assumiu a postura de um lutador. - Vem, rapazote, vem sentir a minha lâmina! Mikantor concentrou-se na terra que amava, colocou-se na posição de combate apenas com espada, tal como Bodovos lhe havia ensinado, o ombro direito puxado para a frente e a espada empunhada com as duas mãos, num ângulo que lhe permitiria dar golpes altos ou baixos. Por um longo momento, eles mantiveram-se imóveis. Galid investiu primeiro, desferindo um golpe surpreendentemente rápido para um homem da sua compleição.

Mikantor arremeteu a sua lâmina apenas o suficiente para tocar na outra e viu voar um pedaço da espada de bronze. Gilad recuou, com o rosto ruborizado.

- É uma boa espada, não é? - Riu. - Entrou tão docemente no peito do ferreiro que parecia que estava a penetrar uma rapariga.

Mikantor investiu, quase cego pela fúria, como Galid pretendia. E a Espada das Estrelas cantou mais uma vez dentro dele.

Tu deténs o poder nas tuas mãos.

Defende os fracos e dirige os fortes Distingue a

doença do que é saudável, O bem do mal e o certo do errado.

Ele estacou, respirou fundo e sentiu o espírito forte de Tirilan no seu braço trémulo.

- Não... - sussurrou ele. - Tu vens ter comigo...

O grito de Galid poderia ter sido de exaltação ou de agonia. Ele investiu balançando descontroladamente. Mikantor deu um passo para o lado. Com um estalo de trovão, a Espada quebrou a lâmina de Galid. Quando a metade da lâmina ficou voltada para o sol, Mikantor arremeteu finalmente, e Galid virou-se, esboçando um movimento, que Mikantor desconhecia, muito parecido com o de Velanto, quando este tomara a decisão de o enfrentar e salvar a Espada, e abriu os braços para se libertar.

Anderle e Velanto encontravam-se nas proximidades de um campo incendiado. A visão dela oscilava, de modo que, por vezes, via o vento a ondular a erva na planície, mas à medida que a tarde se aproximava, isso acontecia menos frequentemente. Quando ela ali viera para guiar os espíritos dos mortos para o Outro Mundo, ela permanecera firmemente enraizada neste mundo, mas à medida que a hemorragia interna libertava lentamente Velanto do seu corpo, a mente do ferreiro provou ser mais forte, e puxou-a para o seu mundo.

Este era um perigo que ela fora ensinada a temer, mas agora ela já não se importava de não regressar.

Ali, eles poderiam falar de todas as coisas para as quais nunca houve tempo, e admitir o que o orgulho nunca lhes permitira aceitar.

- Tu vais continuar a zelar pelo rapaz? - perguntou Velanto, depois abanou a cabeça e acrescentou: - Não, tu deves dizer-lhe que a partir deste momento é ele quem tem de cuidar de ti, pois agora já é um homem, e um rei. Diz-lhe que eu também o amava muito.

- Meu amor, creio que ele sabe isso.

O silêncio caiu sobre eles e então puderam ouvir o som ténue dos louvores e aplausos que chegavam do outro mundo.

- Mikantor! - gritaram. - A Espada das Estrelas e a Senhora Tirilan...

- Já terminou? - indagou Velanto.

- Ele está seguro - respondeu ela à medida que a exultação crescia. - Creio que ganhámos.

- Então está na altura de eu partir. - Ele abraçou-a, envolvendo-a num fogo suave. - Eles estão à minha espera, vês? - Apontou, e ela viu figuras brilhantes acenar na sua direcção. - O Deus que me trouxe aqui e a Senhora da Forja. Ela tem o teu rosto.

Anderle desviou o olhar, incapaz de suportar a beleza da face ardente da Senhora. Ela sempre pensara que Velanto era louco, lembrava-se agora.

Mas durante um curto espaço de tempo, a fé dele tinha-lhe permitido suportar o dízimo do poder da Senhora - seria nisso que ela se iria converter? - Sim... - foi a resposta que recebeu -, tu podes...

O fogo de Velanto brilhou em torno dela. Quando este se extinguiu, ela estava sentada no círculo de pedras.

A luz do sol poente enviou as suas longas sombras na direcção dos homens que se dirigiam para junto de Anderle, e ela tocou cada lâmina de erva como se fosse uma chama. O corpo de Velanto jazia ao seu lado. Já estava frio. Quanto tempo teria passado desde que o seu grande coração deixara de bater? Depois da paixão, a paz, lembrou-se, imaginando quanto tempo duraria esta serenidade. Mas, por agora, havia coisas a fazer. Mikantor estava a chegar. Quando Tirilan acordou do seu transe, ele começou a correr.

Quando as primeiras estrelas iluminaram os céus, as piras funerárias foram acesas na planície de Azan. Três dias se passaram desde a batalha, tempo suficiente para procurar os feridos e identificar os mortos. Durante a luta, Adjonar tombara, e Romen, e Beniharen, derrubado por uma flecha perdida, enquanto tentava arrastar um homem ferido para fora do campo.

Os que haviam ficado gravemente feridos e que não conseguiriam recuperar receberam a misericórdia do amigo ou inimigo. Os prisioneiros foram obrigados a carregar os corpos e a colher lenha para as piras.

A tarefa de organizar os funerais havia recaído sobre Tirilan. Anderle poderia ter presidido à cerimónia, mas ela mal tinha pronunciado uma palavra desde que Velanto morrera. Encontrava-se agora sentada na erva ao lado da pira de Velanto. Os despojos de Azan-Ylir tinham rendido um bom pedaço de linho, tecido de uma forma intrincada por uma das terras do sul, para envolver o corpo do ferreiro. Ele parecia uma imagem esculpida, deitado ali.

A autoridade que as rainhas tinham concedido a Tirilan incluía o direito de liderar os rituais dos mortos. A sua função era, percebeu ela, um complemento do poder

que o povo conferira a Mikantor. E, assim, uma por uma, ela havia abençoado todas as piras. Aquela era a última, e os chefes de todas as tribos reuniram-se para testemunhar o adeus de Mikantor ao homem que forjara a Espada e sobre o qual já eram contadas tantas histórias. Ela ouviu um murmúrio proveniente da multidão e virou-se. Mikantor aproximava-se juntamente com Ganath, Grebe, Lisandro e Pelicar, e Ulansi atrás dele. Trazia consigo a Espada. Não era só a coroa de ouro e o ouro que ornamentava o manto branco que o fazia parecer um rei. Os seus olhos escuros tinham ganhado mais profundidade e a linha da mandíbula e as maçãs do rosto estavam bem definidas. Sentiu o seu coração saltar, como sempre acontecia quando o via depois de uma longa ausência, abrindo a sua alma à dele. Ele olhou para cima, como se ela tivesse chamado o seu nome, e a sua expressão firme suavizou-se.

Tirilan debruçou-se sobre a mãe e ajudou-a a pôr-se de pé. Os papéis de ambas, pensou ironicamente, haviam-se invertido poucos dias antes.

Agora era ela, envolvida num novo manto escarlate, que demonstrava força e firmeza, e Anderle vestia apenas os trapos negros da tristeza. Ela parecia falar-lhes de uma certa distância, como se uma parte dela tivesse ido com Velanto para o Outro Mundo.

Mikantor aproximou-se, olhando para a pira. Tinha o queixo contraído de dor. Depois virou-se, e quando enfrentou os guerreiros e os chefes que se haviam reunido em torno dele, as suas feições já tinham readquirido a serenidade.

- Estamos aqui reunidos para homenagear a passagem do filho de Velanto Fórcis, um príncipe de Tirinto, que se situa no Mar do Meio. Vocês sabem que foi ele quem

forjou esta Espada. Saibam também que Velanto enfrentou Galid desarmado e sozinho, permitindo que o seu adversário lhe trespassasse o corpo com esta lâmina, a fim de a arrancar da sua mão.

Manteve-se em silêncio, enquanto no seio dos seus homens se erguia um murmúrio de louvor, os quais recordavam vividamente o temor da batalha, mesmo quando lutavam ao lado dos seus camaradas.

- Temos de ser dignos do seu sacrifício - prosseguiu Mikantor. - Com a sua ajuda, um grande mal foi erradicado desta terra. Mas ainda há muito para fazer. Os tempos que os nossos pais viveram não voltarão. Se deixarmos de lutar uns contra os outros, poderemos aprender a viver num mundo que poderá ser tão justo quanto era antes, se bem que diferente.

Guardemos as nossas espadas para aqueles que partilham a doença de Galid, promovamos a generosidade em detrimento da ganância e fertilizemos a esperança para sim podermos combater o desespero.

- Para ti é fácil pronunciarest essas palavras - fez-se ouvir uma voz no meio da multidão -, armado com a espada mágica.

- A magia estava na forma de a forjar, e não no metal - redarguiu Anderle subitamente. - E as instruções foram dadas pelos deuses. Mas tens razão em temer o poder da Espada das Estrelas. O próprio ferreiro lançou uma maldição sobre ela, que é a seguinte: que a espada se quebre se for utilizada para conquistar, em vez de defender.

- Então desfaz-te dela - resmungou. - Fere os olhos.

OuvIU-se um murmúrio de inquietação no seio da multidão, e Mikantor estendeu a espada, como que a perguntar se deveria colocá-la na fogueira.

Tirilan adiantou-se. A sua mãe e Velanto não tinham trabalhado tão arduamente para forjar uma coisa que serviria apenas para ser usada numa batalha.

Aquele era o momento que ela tanto esperara.

- A espada foi feita para te defender, e vai ser necessária novamente - disse ela com toda a clareza. - Galid cravou a Espada no corpo de Velanto, mas eu vou dar-te algo melhor, uma bainha para guardares a Espada em tempos de paz. - Estendeu a bainha de couro vermelho que tinha escondido entre as dobras do seu vestido.

Os olhos de Mikantor arregalaram-se.

- Tu falas em nome da terra, minha senhora.

Pegou na bainha e introduziu cuidadosamente a Espada no seu interior.

Por um momento, ele manteve-a na sua mão, punho e cristal brilhante, e em seguida entregou-a a Tirilan.

- Peço-te, senhora, que guardes esse poder. Tu me dirás quando deverei utilizar novamente a Espada.

Ela podia sentir a energia que a lâmina irradiava, mas a bainha continha o seu poder.

Mikantor estendeu-lhe a mão.

- Eu defendo-te - e depois acrescentou suavemente -,

mas tu sustentas-me. O teu lugar é ao meu lado.

- Mikantor! - gritou Ganath, e centenas de vozes ecoaram em uníssonos. - Mikantor e a Senhora Tirilan! A terra tremeu devido àquele grito, ou talvez tivesse sido ela e Mikantor que ressoaram com as ondas de euforia provenientes dos povos que os cercavam. Ela abriu a sua consciência para responder e percebeu que também estava a sentir o fluxo de energia proveniente da terra.

Isto é o que a Senhora do Povo Escondido prometera, constatou ela, a única coisa que a minha mãe não conseguia entender. Eu ainda sou uma sacerdotisa, e como Mikantor se converteu no Defensor, eu sou a Senhora desta terra.

Ainda segurando-lhe a mão, Mikantor voltou-se uma vez mais para a fogueira.

- Meu senhor Velanto - proferiu ele baixinho -, devote mais do que tu alguma vez poderias entender. Eu estava perdido e tu devolveste-me a minha alma. Na minha opinião, tu transcendeste os limites do teu ofício.

No teu último sacrifício, ofereceste-me esta vitória. Tudo o que eu te posso dar agora é o fogo. Quando a cerimónia estiver concluída, construir-te-emos um grande túmulo entre os reis, na planície.

- Não - proferiu Anderle de repente. - Deixa as suas cinzas repousar no túmulo antigo, perto da sua forja, acima do Vale do Cavalo Branco.

- Ela tem razão - declarou Grebe, que se encontrava ao lado do Mikantor. - O povo antigo solicitaria

certamente isso. Ele deve permanecer lá.

- Muito bem. - Por um instante, a atenção de Mikantor concentrou-se apenas no seu íntimo. A sua atitude mudou e os seus olhos revelavam um outro homem. Então proferiu uma palavra. Não foi proferida em qualquer língua humana, mas Tirilan sentiu os pêlos dos seus braços eriçarem-se à passagem do poder. Embora as nuvens não pairassem nos céus, um trovão estalou no firmamento e um raio atingiu a pira de Velanto, incendiando-a.

O fogo ateou rapidamente, troando como as chamas na forja e ardendo num misto de laranja e dourado e em torno das bordas num azul prateado.

- O ferreiro voltou ao fogo... - afirmou Anderle, quando as chamas abraçaram o seu corpo. - Senhora, forja-o bem, até que ele seja moldado pelas chamas, e depois renova-o.

Obras publicadas (Saga fantástica de Avalon) OS CORVOS DE AVALON No centro de Os Corvos de Avalon está a conquista romana da Bretanha e a rebelião conduzida pela Rainha Boudica, a guerreira celta, e por Lhiannon, a sua jovem mentora na ilha dos Druidas.

Quando o exército do Império conquistou o reino Iceno, no século I D.C., Lihannon enfrentou-o enquanto Boudica acabou por se casar com Prasutagus, o Rei Supremo dos Icenos que governou como rei cliente de Roma. Boudica e Prasutagus viveram felizes até à morte deste, um acontecimento que mudou para sempre a vida daquela que se viria a tornar a Rainha Guerreira. Com a morte do marido, as terras Icenos foram definitivamente anexadas ao Império, tendo Boudica sido brutalizada e as filhas violadas.

Cheia de raiva e espírito de vingança, Boudica apela às tribos britãs e conduz o seu povo na resistência contra os exércitos ocupantes de Roma. Apesar do insucesso da rebelião, Lhiannon sobrevive e torna-se guardiã das tradições druidas na nova Bretanha Romana, como alta sacerdotisa da Casa da Floresta.

Repleta de notáveis personagens femininas, que sempre habitaram a mítica ilha de Avalon, esta tão aguardada obra, que antecede A Casa da Floresta, é um portentoso épico que expande a saga lendária que encantou milhões de leitores por todo o mundo.

A CASA DA FLORESTA Dentro dos muros da casa da Floresta, numa remota região da Bretanha, um círculo secreto de sacerdotisas Druidas preserva os antigos rituais de aprendizagem, cura e magia contra o Império Romano.

Na sua vizinhança, a jovem Eilan, nascida numa família

impregnada pelos conhecimentos dos Druidas, amadurece em direcção à sua plena condição de mulher e ao florescimento de uma força interior com a qual dificilmente se atreve a sonhar. Ouve, já, o chamamento da Grande Deusa - e será ela a cerimonialmente escolhida como a nova suma sacerdotisa. Mas antes, Eilan ouve outra voz - a do seu amor pelo jovem romano Gaius Macellius, cuja missão é submeter a sua terra nativa e todos os seus costumes. A guerra que devasta o íntimo de Eilan, que tem de renunciar ao seu amado em favor do seu destino sagrado, espelha a turbulência da época... e será apenas ela a poder encontrar o caminho para fora da encruzilhada na qual a sua fé a colocou.

A SENHORA DE AVALON A nova saga da ilha mágica, contada por três gerações de sacerdotisas, que. nos primeiros quinhentos anos da era cristã.

protegem o seu reino encantado da avidez do Império Romano.

A primeira, Caillean, esconde Avalon dos legionários envolvendo-a sabiamente numa nuvem de brumas intransponíveis; a segunda, Dierna, promove de forma astuta a união de uma das suas noviças com um general romano, transformando-o num potencial imperador bretão que assegurará a preservação do solo sagrado; a terceira, Viviane, guardiã do Cálice Sagrado, partirá da casa dos pais adoptivos na ilha de Mona aos catorze anos para se encontrar com a verdadeira mãe, a senhora de Avalon, e preparar o caminho para o nascimento do rei Artur.

Rico na descrição de ambientes e na construção de personagens, este romance - onde não faltam guerra, e traições, amores e ódios, profecias e maldições - tem

a mesma grandiosidade mítica e épica que caracteriza a obra da autora, já com meio milhão de livros vendidos em Portugal, evocando com igual dinamismo, os mitos, a magia, e a história da Inglaterra lendária.

A SACERDOTISA DE AVALON A Sacerdotisa de Avalon conta a história da princesa Eilan, a quem os Romanos chamaram Helena.

A sua viagem começa em Avalon, quando se apaixona por um oficial a quem o destino reservou a grandeza imperial. Seguiremos o percurso da sua vida, de menina a mãe, e observá-la-emos efusiva com o nascimento do filho, que viria a ser o Imperador Constantino, e desesperada quando a política força o seu amado a optar entre si e o império.

Helena protagoniza um momento crítico na História do Ocidente, procurando unir o mundo pagão e o novo império cristão. Enquanto mãe e imperatriz, aventurar-se-á numa peregrinação até à Terra Santa, na busca de uma verdade que transcende qualquer religião.

Numa obra verdadeiramente apaixonante, a autora funde mito, magia e amor, revelando a importância de uma mulher na transformação da História e do espírito.

As Brumas de Avalon Um dos mais fantásticos épicos medievais alguma vez escrito, dividido em quatro volumes, no qual Marion Zimmer Bradley recria as lendas arturianas, desta vez narrado através do olhar das mulheres que, por detrás do trono, governaram os próprios actos masculinos e foram as verdadeiras detentoras do poder.

A SENHORA DA MAGIA Num universo paralelo à Grã-Bretanha celta, a enigmática ilha de Avalon é a

guardiã dos grandes mistérios eternos e sagrados. No centro do primeiro dos quatro volumes desta saga, está Morgaine, a meia-irmã de Arthur, que se encontra num processo de iniciação para se tornar suma sacerdotisa de Avalon. O seu grande objectivo é afastar a Bretanha da nova religião que encara a mulher como portadora do pecado original, ao mesmo tempo que desenvolve todos os esforços para colocar o seu meio-irmão no poder, como símbolo e líder da Bretanha unificada, sob a égide de Avalon e da Espada Mágica, Excalibur.

A RAINHA SUPREMA A Rainha Suprema é a belíssima Gwenwyfer, que vive dividida entre a fidelidade que deve ao Rei Supremo, o rei Arthur, com quem se casou, e a enorme paixão que sente por Lancelot, cavaleiro invencível, capitão de cavalaria dos exércitos e o amigo mais íntimo do seu marido.

E não sabe, Gwenhwyfer, se é o respeito pelo juramento que fez no dia do seu casamento ou o temor de pecar contra os mandamentos de Cristo - de quem é fervorosa seguidora - ou ambos, o que a impede de consumir por actos o que em pensamentos, não consegue evitar.

O REI VEADO Unificada e pacificada a Bretanha, o rei Artur tem um filho, um filho que não pode ser seu herdeiro e que a moral cristã rejeita. O rei Arthur é o Rei Veado, vítima de O-Dos-Chifres, que o cegou e enganou, e da astúcia de Viviane, a Senhora do Lago, que tudo fez para que os desígnios da Deusa se cumprissem, levando-o, sem saber, a gerar um filho no ventre da meia-irmã Morgaine, no dia em que foi coroado rei na Ilha do Dragão.

O PRISIONEIRO DA ÁRVORE São cada vez mais os seguidores de Cristo e, para Morgaine, parece cada vez mais difícil conseguir que os antigos rituais perdurem

no espírito dos homens. São tempos de magia, feitiçaria, morte e traição. Que será do Rei Veado, quando o jovem veado crescer? Que irá acontecer a Artur, Camelot, Gwenhwyfar, Lancelet e aos restantes companheiros da Távola Redonda? E conseguirá Morgaine que o culto da Deusa perdure numa sociedade em que os homens começam a ditar as suas leis? Conseguirá, ainda, embrenhar-se nas brumas, atravessá-las.. e chegar a Avalon? Fim.